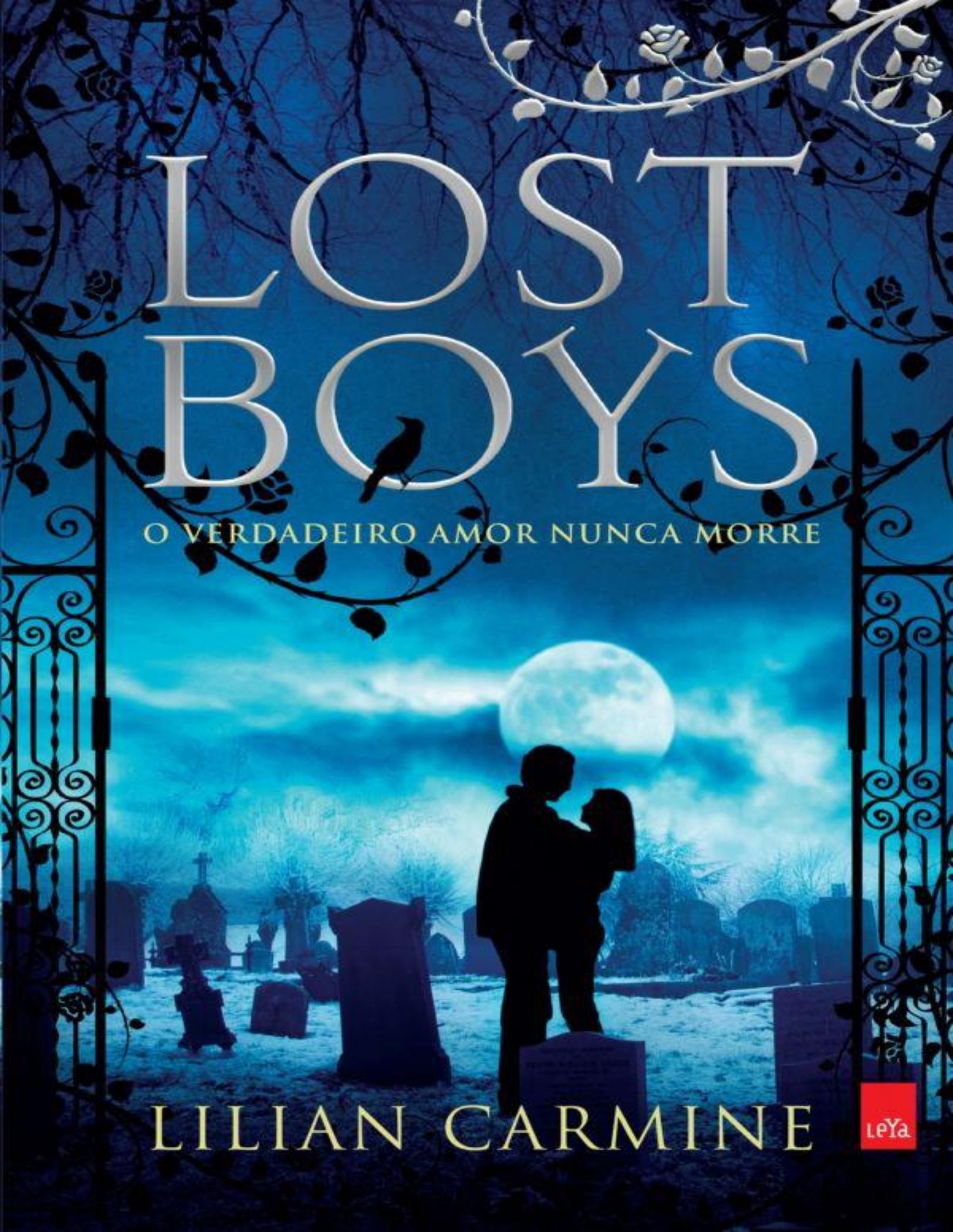


# LOST BOYS

The background of the cover is a monochromatic blue-toned photograph of a cemetery at night. In the center, a man and a woman are silhouetted against a large, bright full moon. They are embracing, with the man's arms around the woman. The cemetery is filled with various tombstones and headstones, some of which are partially covered in snow. The scene is framed by an ornate, dark metal gate with intricate scrollwork. Bare, dark branches with a few leaves and small white roses are visible in the upper corners, framing the title.

O VERDADEIRO AMOR NUNCA MORRE

LILIAN CARMINE

leYa

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

The Lost Boys: Book 1

Copyright © Lilian Carmine 2013

Publicado originalmente por Ebury Press, divisão da Ebury Publishing, uma editora do Random House Group

*Diretor editorial:* Pascoal Soto

*Editora executiva:* Maria João Costa

*Editora assistente:* Denise Schittine

*Assessor editorial:* Bruno Fiuza

*Preparação de texto:* Camila Dias da Cruz

*Revisão:* Carolina Rodrigues

*Design de capa:*

*Adaptação de capa:* Trio Studio

*Produção Gráfica:*

*Direção:* Marcos Rocha

*Gerência:* Fábio Menezes

## CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Carmine, Lilian

Lost Boys : o verdadeiro amor nunca morre / Lilian Carmine; tradução de Amanda Orlando. – Rio de

Janeiro : LeYa, 2013.

ISBN 9788580449341

Título original: *The Lost Boys*

1. Literatura brasileira 2. Ficção 3. Fantasia I. Título II. Orlando, Amanda

13-0628 CDD 869.93

2013

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

[www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)

## capítulo um

### Flores para os mortos

Eu estava realmente perdida.

Eu caminhava por este velho cemitério tentando encontrar a saída por cerca de vinte minutos, mas, toda vez que achava estar próxima aos portões de entrada, acabava me embrenhando ainda mais no interior, passando por pequenas alamedas que serpentavam por todo o local.

Quanto mais eu avançava, mais decaído tudo parecia. As estátuas despedaçadas e as sepulturas mal-cuidadas estavam cobertas por uma camada cinzenta de musgo. A neve se acumulava aos montes sobre os túmulos, embora a alameda principal estivesse, para minha surpresa, livre. Eu estava seriamente tentada a começar a gritar por ajuda, como uma criancinha patética perdida da mãe. Já podia até sentir minhas bochechas esquentando de constrangimento só de imaginar a cena.

E pensar que toda essa confusão começou, na verdade, comigo e minhas boas intenções.

Eu havia me oferecido à minha mãe para sair e comprar alguma comida para a gente, já que ela estava ocupada na casa nova, desempacotando caixas e adiantando algumas tarefas do seu novo trabalho. Ela havia recebido uma proposta para ocupar um cargo alto, com um salário astronômico e diversos benefícios incríveis, em uma das filiais de uma famosa firma de advocacia, o que resultou em uma mudança às pressas para uma cidadezinha chamada Esperanza, apenas algumas semanas

antes do Natal. Foi tudo muito repentino, mas a proposta era tão boa que minha mãe simplesmente não teve como recusar.

Sempre lutamos para manter nossas finanças em dia, e agora finalmente não precisaríamos mais nos preocupar com o assunto. Minha mãe estava radiante com essa reviravolta tão surpreendente em sua carreira e, se ela estava feliz, eu também estava.

Mesmo que isso significasse deixar minha escola e me matricular em um lugar novo só para poder terminar meu último ano e me formar.

Além da escola, tive que abandonar todos os meus amigos, mas, de alguma forma, isso não me aborreceu muito. Na verdade, fez com que eu percebesse que eu nem era assim tão próxima a ninguém e eu esperava poder fazer novos amigos neste novo lugar.

Então deixei minha mãe em seu escritório em casa, enterrada atrás uma pilha de pastas, e, assim que coloquei os pés para fora, dei de cara com uma senhora que mais parecia uma louca com o seu cabelo roxo e óculos de lentes grossas, que pediu minha ajuda para carregar um imenso vaso de plantas que ela dizia ter comprado para o marido. Claro que eu tinha que ajudar. Minha mãe me ensinou a sempre respeitar os mais velhos – e aquela senhora era realmente velha! Que mal haveria em lhe dar uma mãozinha?

Eu me arrependi da minha boa vontade assim que ela me passou o vaso. Era gigante! E muito, muito pesado. Não havia andado nem meio quarteirão e minhas costas já estavam me matando. Também tinha terra espalhada por todo o meu rosto e no meu suéter.

A velhinha, que se chamava Dona Violeta, tagarelou durante todo o caminho, me fazendo todo o tipo de pergunta inconveniente, como de onde eu era, se tinha namorado, qual era o meu nome... Tudo bem, perguntar o meu nome era até algo bem razoável, mas o resto não passava do mais puro intrometimento.

Quer dizer, por que cargas-d'água ela precisava saber do meu status de relacionamento? E daí se eu não tinha namorado? Isso não era da conta dela! De qualquer forma, eu não costumava sair com muitos meninos na minha outra cidade. Nunca consegui perceber o que havia de tão incrível em namorar. Namorados costumavam ser tão irritantes, mandões, sempre me dizendo o que fazer – ou que eu deveria agir mais como menina. Eu não precisava de ninguém me dizendo o que fazer, como me comportar ou que eu deveria usar vestidos em vez de jeans largos. Eu não precisava de namorado do meu lado para me sentir bem, muito obrigada.

Esse assunto de namoro já tinha me deixado de mau humor, mas ainda assim me esforcei ao máximo para ser educada enquanto suportava o diálogo que sempre se seguia quando eu dizia o meu nome para um estranho. Com Dona Violeta, apesar do cabelo roxo, não foi diferente.

– Você disse que o seu nome é Joe? – ela perguntou, franzindo o cenho por detrás de seus óculos grandes.

Sem pensar duas vezes eu apostaria todo o novo e polpudo salário da minha mãe em qual seria a próxima pergunta. Faça chuva ou faça sol, a fala que se seguia após eu dizer meu nome era uma certeza na minha vida.

– Mas Joe é nome de garoto.

*Sempre, sem exceção.*

Como de praxe, apenas suspirei alto e bom som em resposta. Como se eu não soubesse que Joe é nome de homem. As pessoas poderiam pelo menos ser mais criativas e dizer algo além dessa conclusão genial.

Mas até preciso dar um crédito para Dona Violeta. Ela pelo menos tentou esconder a surpresa.

– Bem, acho que não há nada de errado. Os jovens de hoje gostam de tudo quanto é tipo de esquisitice: meninos de brinco, meninas com tatuagens. Uma garota com nome de homem não é tão ruim assim – ela disse após ruminar um pouco a respeito da estranheza do meu nome.

E, então, enfim chegamos ao nosso destino, onde o marido de Dona Violeta parecia esperar pelas flores. Fiquei tão chocada que não consegui sair com nenhuma resposta engraçadinha. Dona Violeta havia me levado para o velho cemitério de Esperanza, até a sepultura do marido, onde me pediu que colocasse o vaso ao lado da lápide. Eu me senti tão culpada por ter reclamado do vaso pesado e da terra que mais que depressa me desculpei e pedi licença para que a senhorinha tivesse privacidade para “conversar com o marido”.

Aquele era um daqueles dias frios, mas gostosos, de dezembro e decidi dar uma volta pelo cemitério. O sol pálido chegou até mesmo a sair de trás das nuvens cinzentas e a neve havia parado de cair no início da manhã. Era como se o inverno tivesse me dado um descanso naquele dia, permitindo que eu desfrutasse daquela pequena caminhada em um clima quase agradável.

Bem, pelo menos *foi* agradável até o momento em que me perdi. E lá estava eu, andando sem destino em um velho cemitério, tentando encontrar o caminho que me levasse de volta à Dona Violeta ou, melhor ainda, até a saída. Uma brisa suave soprou em meu rosto e o ar carregava um cheiro suave de cravos, apesar de não ter nenhuma flor por ali.

E foi então que eu o vi.

## capítulo dois

### Olhos cinzentos

Um garoto, há apenas alguns metros de distância. E era bonito.

Ele estava sentado em uma pequena sepultura coberta de musgo. Balançava as pernas longas para a frente e para trás, distraído, com o olhar fixo em algum ponto distante no horizonte. Claramente não percebeu que eu estava ali parada, o observando.

Ele parecia ter a minha idade. E por acaso eu já disse que ele era bonito? Tinha o cabelo preto e liso, da mesma cor do meu, mas com um penteado engraçado, arrumadinho demais para o meu gosto. Ele separara os fios milimetricamente, como eu nunca havia isto nenhum outro garoto fazer. Fiquei me perguntando que produto ele usava para deixar o cabelo tão engomado e brilhante.

Ele usava uma camisa branca arrumada com todo o cuidado para dentro de uma calça estilo social. Eu poderia até ter pensado que ele tinha se vestido para um funeral se não fosse pela velha jaqueta de couro que dava a ele um visual descolado, contrastando com o resto das roupas tão formais. Ele parecia triste, no entanto. Talvez ele houvesse realmente perdido alguém, como Dona Violeta, e quisesse ficar sozinho.

No final, decidi me aproximar. O máximo que poderia acontecer seria ele pelo menos me mostrar onde ficava a saída. Reuni um pouco de coragem e atravessei a curta distância que nos separava, parando bem ao lado dele. Imaginei que a

proximidade faria com que me percebesse, mas tive que tossir levemente para atrair a atenção dele.

O garoto pulou de susto e olhou para mim pela primeira vez com olhos arregalados. Só então pude ver seus olhos com clareza e eles me pegaram completamente de surpresa. Ele tinha olhos cinza extraordinários! Não eram daquele tipo de cinza que as pessoas usam quando querem descrever um azul apagado. Seus olhos eram verdadeiramente cinza. Aquele cinza que surge quando todas as outras cores desaparecem.

Ele quase parecia uma fotografia antiga. E as roupas monocromáticas realçavam ainda mais a ausência de cor de seus olhos. O olhar dele, porém, não tinha nada de apagado. Em vez disso, insinuavam uma inteligência profunda. Os olhos cintilavam ao sol de inverno, com um brilho penetrante e intenso. Juro por Deus que, por um centésimo de segundo, vi uma luz brilhar dentro deles. Ou talvez tenha sido apenas a luz do sol me pregando uma peça. Todo aquele encontro foi tão estranho que senti calafrios por toda minha pele.

Naquele momento, eu estava literalmente perdida em seus olhos. O garoto parecia tão surpreso que nem piscava, seu olhar fixo em mim, como se estivesse em algum tipo de transe. Levei algum tempo até me sentir capaz de começar um diálogo coerente.

– Ei. Oi, desculpe. Eu só... estava pensando se você poderia me ajudar a encontrar o caminho de volta até o portão principal? Estou um pouco perdida – eu disse, ainda hipnotizada pelo seu olhar.

Ele piscou algumas vezes, como se tentasse sair do próprio estupor e, devagar, olhou ao redor, como se confirmasse se eu de fato estava falando com ele. Não havia mais ninguém por ali. Era óbvio que eu estava falando com ele!

– O... o... quê? – ele gaguejou.

Franzi o rosto. Que garoto mais esquisito! Talvez eu estivesse errada quando pensei que a beleza dele também se equipasse com uma mente afiada. Ele parecia estar tendo bastante dificuldade para entender o que eu dizia.

– Você. Pode. Me. Ajudar? Sabe como sair daqui? Estou um pouco perdida – perguntei de novo, incapaz de esconder o sarcasmo em minha voz enquanto falava alto e devagar, como se ele fosse uma criancinha. Ou uma pessoa muito estúpida.

E então foi a vez dele de franzir o rosto.

– Não precisa falar assim! Não sou idiota, senhorita – ele disse parecendo ofendido. – Fiquei apenas... surpreso, só isso... por você estar falando comigo.

Certo. Isso foi definitivamente esquisito. Ele não estava fazendo nenhum sentido e ele falava de um jeito engraçado, me chamando de “senhorita”. Parecia que Esperanza era mais antiquada do que eu temia. Ou esse cara era maluco. E aqui estou eu, sozinha com um maluco em um cemitério abandonado. Meus bom senso me dizia para eu sair dali o mais rápido possível.

– Tudo bem. Desculpe incomodar. É óbvio que você está... – “maluco”, pensei comigo mesma – ...ocupado no momento. Tenho certeza de que consigo encontrar a saída sozinha – murmurei, me afastando devagar no intuito de não importunar o garoto, que já era claramente transtornado o suficiente.

– Não, espere! – O garoto pulou da sepultura. Ele se movia de maneira muito suave e elegante, como um atleta. – Mil desculpas, senhorita! Você deve estar achando que sou maluco ou alguma coisa do gênero. – E abriu o sorriso mais encantador que já vi.

Eu falo sério. Aquele era o sorriso mais bonito, honesto e mesmerizante que eu já havia visto em toda a minha vida! Fez com que meu coração parasse de bater por um segundo. Minha resolução de fugir dele enfraqueceu e desapareceu por inteiro diante da luz de seu sorriso.

– É, alguma outra coisa do gênero... – sussurrei e olhei para o chão por nervosismo, mas ele me ouviu de qualquer forma e soltou uma risada baixa. – Está tudo bem. Garanto a você que eu não sou louco. E posso ajudá-la a encontrar a saída. Estamos quase no centro do cemitério. A caminhada até o portão da

frente é longa. Suponho que você queira chegar à saída principal, certo? – ele perguntou caminhando na minha direção.

Fiz que sim com a cabeça. Ele estava de pé a poucos centímetros de mim e pude ver seu rosto com mais detalhes. Ele possuía um nariz fino e reto que definia bem seu rosto, um queixo quadrado e forte que naquele momento, ostentava um sorriso divertido em um dos cantos de sua boca. Os ombros eram largos e seu físico magro, porém atlético, definido. Era mais alto que eu, o que não é muito difícil, já que sou baixinha. Ele estava parado, me olhando com aqueles olhos cinza estranhos e penetrantes.

– E, de qualquer forma, quem fica “*um pouco*” perdida? – ele finalmente perguntou após um momento de silêncio. Ele parecia estar achando graça agora.

– O quê? – perguntei, confusa. Na verdade, havia me perdido um pouco novamente, dessa vez, em seus olhos.

– Você falou ainda agora que estava *um pouco* perdida. Ou você está perdida, ou não está. Concorda comigo?

– Bom, sei lá. Eu sei onde estou. Estou no cemitério. Só não sei exatamente onde eu estou no cemitério. Isso pode ser considerado como “um pouco” perdida. Porque não é completamente perdida. – Cruzei os braços sobre o peito em desafio, encerrando meu caso.

Ele soltou uma sonora gargalhada. A brisa se tornou mais intensa e algumas folhas começaram a rodopiar ao nosso redor. Mais uma vez senti o aroma de cravos flutuando pelo ar.

– Talvez você tenha razão. – Ele deu o braço a torcer e virou-se para a esquerda. – Venha. Vou mostrar a você como sair daqui. – E começou a se afastar.

Tentei acompanhar os largos passos do garoto, com suas pernas compridas.

– Ei, por acaso você não é um assassino que está me levando para um lugar secreto onde mata e enterra as suas vítimas, não é? – perguntei em tom sério.

– Um assassino? – Ele parecia confuso.

– Sabe como é... um matador maluco que fica esperando meninas perdidas e inocentes aparecerem pedindo informações....

Agora ele parecia levemente intrigado com a minha descrição tão vívida.

– Não sou um criminoso, senhorita. Nem um assassino. Apesar de que, se eu fosse um, eu provavelmente mentiria a esse respeito. Você está numa sinuca neste caso. – Ele riu. – Porém parece que foi você quem andou enterrando coisas por aqui. Sabia que está coberta de terra no rosto, nas roupas... até um pouco no seu cabelo também?

Tentei me limpar rapidamente com as palmas das mãos, morta de vergonha.

– E... eu tive um incidente sem importância com um vaso de flores gigante no caminho até aqui – falei, meu rosto vermelho como uma beterraba. Ele é quem deve estar achando que eu sou a maluca aqui agora! Malditas flores idiotas! – E então... qual é o seu nome? – perguntei casualmente, tentando divergir a conversa da minha imundice.

Ele me lançou um olhar enviesado, mas sem parar de caminhar, apenas diminuindo um pouco o passo. Levou algum tempo para responder. O que achei estranho. *Mais uma vez.* Aquele garoto definitivamente estava ganhando pontos no quesito “esquisitice”.

– Meu nome é Tristan. – Ele declarou e me lançou um olhar cauteloso.

Tristan. Era um nome estranho, antiquado, que parecia combinar com ele. Mas não ousei dizer nada. Não com a minha história, carregando um nome tão *curioso* quanto o meu. Jamais poderia jogar pedras nos telhados alheios quando o meu era feito de vidro.

– Muito prazer, Tristan – eu disse simplesmente.

Ele me olhou de lado mais uma vez, com aquela expressão de suspeita.

– Como assim? Nenhuma piada engraçadinha? Nem gozação? Nada de risadinhas ou coisas do tipo? – ele perguntou, na

defensiva.

– Por quê? É um nome bonito. – Minha expressão era séria. – Vem do conto de Tristão e Isolda, não é? Ele era um cavaleiro e tinha um caso amoroso secreto, ou algo parecido, certo? Não me lembro direito agora. Mas é uma linda história.

– É isso mesmo. Minha mãe tinha uma queda por esses livros antigos, românticos e melosos – ele murmurou aborrecido e ergueu uma sobrancelha inquiridora na minha direção.

– Que foi? – Tentei me defender. – Eu presto atenção nas aulas de literatura, só isso! E a questão é que o conto de Tristão e Isolda é incrível, não tem nada de meloso. Adorei ler esse livro. E não tem nada patético em gostar de ler, viu? – protestei na defensiva. Tristan estava tentando abafar uma risada.

Andamos em silêncio por um tempo. Eu seguia remoendo em indignação enquanto ele se esforçava para não rir da minha rabugice e de meu orgulho literário. Percebi que aos poucos ele diminuía o passo.

– Bem, acho Tristan um nome muito legal. De verdade. Além do mais, quem sou eu para fazer piada? Tenho um telhado de vidro bizarro – sussurrei enquanto chutava uma pedrinha no chão.

– Não entendi. Você poderia me explicar, por obséquio? – ele pediu, claramente confuso. Ele de fato falava de um jeito engraçado, mas talvez essa fosse uma característica dos moradores de Esperanza.

Ele parou alguns segundos depois quando percebeu que eu havia parado de andar e se virou para me olhar com uma expressão que era um misto de curiosidade e confusão.

– Meu nome é Joe. Joe Gray. – Apertei os olhos, desafiando-o a rir de mim.

Encaramos um ao outro por alguns segundos, sérios, apesar do ridículo da situação.

– Joe, hein? – Ele apertou os olhos de volta para mim. – Esse é um bom nome.

– É.

– É – ele concordou.

Lancei um olhar de suspeita a ele por uma última vez, antes de voltarmos a caminhar de novo em um passo ainda mais lento, me perguntando o quão mais devagar ainda seríamos capazes de andar.

– Então, Joe... – ele começou. – A sua mãe até agora não suspeitou de que você não é de fato um menino?

– E a sua por acaso não suspeitou de que você não é na verdade um cavaleiro do século XII? – rebati.

Ele soltou outras daquelas gargalhadas penetrantes. Borboletas se agitaram em minha barriga quando ouvi a sua risada.

– Touche. Agora que já discutimos o assunto, peço uma trégua. – Ele limpou a garganta e decretou em um tom de voz sério: – Não haverá mais debates a respeito de nomes, minha cara Lady Gray. Este será meu primeiro ordenamento em minha posição de verdadeiro cavaleiro.

– Foi você quem começou com essa história – falei rindo.

– Sim, sim, mas agora podemos rir de tudo isso e seguir em frente sem esse assunto desconfortável entre nós. – O tom da voz dele era apaziguador. – E você não se parece nada com um garoto. Isso não deveria chateá-la tanto.

– Meu pai queria muito ter um filho homem e minha mãe não era lá muito apegada a convenções de gênero. E ela também gostou do nome, então... – murmurei, chutando outra pedra.

– Bem, agora que conheço você, não consigo imaginá-la com outro nome, Joe. – Ele disse e me deu outro sorriso de brilho estonteante. – Apesar de eu ainda gostar mais de Joey.

O apelido carinhoso soou estranhamente familiar e caloroso vindo dele.

– Obrigada, Tristan.

Deixamos para trás a ala antiga do cemitério e flores em variados estados de decomposição passaram a adornar alguns dos túmulos. Até mesmo o ar parecia mais fresco. Uma brisa suave acarinhava meu cabelo, fazendo com que flutuasse como nos filmes. Olhei para Tristan de relance e vi que ele me observava com uma expressão indecifrável no rosto. Ele tentou

disfarçar então, limpando a garganta e desviando os olhos rapidamente para outro lado.

– Então, Joey, se me permite chamá-la assim, você está aqui para visitar... alguém da sua família? Devo oferecer minhas condolências? – ele perguntou, desconfortável.

– O quê? Ah, não. Ninguém morreu – eu disse, e ele pareceu aliviado. – Moro no final desse quarteirão e estava ajudando uma velhinha, minha nova vizinha, na verdade, a trazer algumas flores para o túmulo do marido.

– Ah, você está falando da Dona Violeta e do Bobby?

– Você a conhece? Ela trouxe as flores em um vaso bizarramente pesado. Juro, o troço pesava uma tonelada! Acho que devia ser feito de aço. Ah, e é por isso que estou coberta de terra – falei, louca para explicar minha atual imundice. – E você? Está... visitando alguém?

Ele olhou ao redor antes de responder.

– Não. Não estou visitando ninguém. Mas estou aqui quase todos os dias. Gosto de caminhar por aqui. É tranquilo e bonito... e ninguém me incomoda.

– Então você também mora aqui por perto? – quis saber, curiosa.

– É, moro por aqui. Na maior parte do tempo eu meio que só ando por aqui. Para matar o tempo, sabe como é... – ele terminou de modo vago.

– Você gosta de passar o tempo sozinho em um cemitério deserto? – Eu não conseguia acreditar naquilo.

Ele encolheu os ombros e desviou o olhar..

– Estamos quase na saída. Se você seguir direto por esta alameda, vai dar no portão principal. Dá até para avistá-lo daqui. – Ele apontou para a frente.

– Ah, sim, estou vendo – eu disse um pouco desapontada. Eu tinha esperança de que ele talvez quisesse me acompanhar até em casa. Aparentemente, não.

– Bom, muito obrigada, Tristan. Foi um prazer conhecer você.

Estendi a mão para ele. Ele a contemplou em silêncio, com as mãos enfiadas dentro dos bolsos. Não demonstrava ter a menor

intenção de apertar a minha. Isso foi meio rude, especialmente para alguém que parecia ser tão antiquado. Enquanto eu retraía minha mão com uma expressão confusa, ele parecia enfrentar um conflito interior, mas no final ele apenas balançou a cabeça tristemente, como se quisesse afastar o que quer que lhe passasse pela cabeça.

– Sim. – Parecia que afinal ele havia encontrado sua voz. – Foi um prazer conhecê-la também, Joe Gray. – O tom dele era cerimonioso e havia uma sombra de tristeza em seus olhos. – Quem sabe você não possa voltar aqui amanhã? Posso mostrar os pontos turísticos do cemitério. Sabia que há uma escultura de um artista famoso aqui? Toda hora vem alguém tirar uma foto.

Olhei para ele intrigada. Parecia ser um cara decente. Suas roupas eram um pouco formais demais pro meu gosto, mas ele era muito bem apessoado. Do tipo “fora-desse-mundo-bem-apessoado”, se é que me entende. Não devia ter dificuldade em arranjar amigos. Ou namoradas, pra ser mais precisa. Quem eu estava querendo enganar? Ele era bonito o suficiente para ter um programa na televisão! Ou uma banda rock, ou qualquer coisa do tipo. Por que, com tanta gente no mundo, ele queria sair justamente comigo, e, entre tantos lugares, em um velho cemitério? Havia algo seriamente estranho com esse garoto.

Alguns minutos se passaram enquanto ele me olhava em silêncio, esperando uma resposta, mas honestamente, eu não fazia ideia do que responder. Foi quando Dona Violeta surgiu do nada, quase me matando do coração.

– Ah, olá, querida. Ainda por aqui? Você não ia fazer compras? – ela me perguntou, curiosa, enquanto olhava de esguelha para Tristan.

– Oi, Dona Violeta. É mesmo. Mas fiquei *um pouco* perdida aqui. – Enfatizei o “um pouco” de propósito, o que me fez ganhar um sorriso de canto de boca de Tristan. – O Tristan estava me ajudando a encontrar a saída.

Ela olhou para Tristan, que fitava o chão com as mãos cruzadas nas costas, desconfortável.

– Verdade? Foi muito gentil da parte dele. Que alma mais bondosa. – Ela o encarava atentamente. – Acho que está na hora de você ir para casa, querida. Sua mãe ficará preocupada. E você ainda precisa fazer suas compras. – Dona Violeta agarrou meu braço e me puxou para longe de Tristan, empurrando-me portão afora com todo o vigor.

Tropecei para o lado de fora, intrigada com a repentina insistência da velhinha maluca para que eu seguisse meu caminho. Lancei mais um olhar de volta para o cemitério. Tristan ainda estava lá, observando enquanto eu me distanciava. Sorri, sem jeito, e dei tchau para ele. Tristan respondeu ao aceno com um sorriso triste nos lábios e, aos poucos, foi se afastando até desaparecer atrás de um grande mausoléu.

E eu nem tive a chance de lhe dar uma resposta.

## capítulo três

### Extraordinário!

No dia seguinte, acordei muito cedo, e de ótimo humor. Ia procurar Tristan no cemitério depois do almoço. Esperava que ele estivesse por lá, mas, como não havíamos combinado nada, não podia ter certeza. Como não tinha mais nada para fazer, achei que não custaria nada tentar. Afinal, na pior das hipóteses, eu faria uma caminhada sozinha pelo cemitério. Eu havia curtido andar por lá – antes de me perder – e o clima ainda estava agradável, sem sinal de chuva ou neve.

Eu não estava enganando ninguém, no entanto. Mais do que qualquer outra coisa, eu queria mesmo era ver Tristan de novo. Não conseguia esquecer o olhar triste que ele tinha me dado no dia anterior. Ele parecia tão... sozinho. Que mal teria lhe fazer companhia nessa tarde? Eu tinha adorado conversar com ele. Tristan era um cara inteligente, esperto e charmoso, apesar de todo aquele jeito esquistão dele. E o fato de ele ser lindo de morrer também não era algo de que se pudesse reclamar.

Passei a manhã toda desfazendo caixas. Após um almoço rápido com minha mãe, vesti meu melhor jeans, meu moletom laranja preferido e meu bom e velho par de All Stars, além do meu usual rabo de cavalo, preso bem alto. Não gostava muito de usar o cabelo solto. Sempre o prendia e minha mãe não parava de reclamar disso. Ela sempre insistia que eu o soltasse, já que eu tinha "*um cabelo tão bonito*".

Porém sempre fui mais a favor do conforto que da beleza. Roupas, penteados, sapatos, pra mim tudo tinha que estar

confortável. Maquiagem também sempre foi um desafio para mim. Havia tentado algumas vezes, mas achava que sempre terminava parecendo uma prostituta. É preciso ter habilidade para se maquiar e eu, com toda a certeza, não possuía nenhuma. Assim, decidi passar apenas meu *gloss* preferido de tangerina. Afinal, não tinha nada a ver eu ficar tentando impressionar um cara que eu havia conhecido apenas há um dia atrás. Um rabo de cavalo e *gloss* eram mais que suficientes. Gritei para avisar à minha mãe que iria dar uma volta, peguei um casaco quente e saí de casa.

Cheguei ao cemitério em menos de dez minutos, muito mais rápido do que no dia anterior. Dessa vez, não tinha nenhum vaso de flores gigantes para me atrasar! Cruzei o portão principal com passos leves e caminhei por um tempo. Não me lembrava do lugar exato onde havia encontrado Tristan, já que estava perdida naquela hora. Só me recordava de que havia sido na parte antiga do cemitério, em algum lugar próximo ao centro do local.

Caminhei por aproximadamente vinte minutos sem encontrar nem uma única alma viva. Éramos apenas eu e os mortos ali. Após algum tempo, comecei a reconhecer alguns dos túmulos mais elaborados e decadentes e um anjo decapitado com uma das asas quebradas que tinha certeza de ter visto um pouco antes de encontrar Tristan sentado em seu túmulo. Túmulo esse que estava logo ali! Eu tinha encontrado! Procurei por ele, mas não havia ninguém por ali. O que eu esperava? Que ele passasse o dia inteiro esperando por mim?

Andei em volta do túmulo dele (bem, para mim, aquele túmulo era oficialmente *dele agora*), limpei um montinho de neve que se acumulava sobre a pedra. Segurei as bordas cobertas de musgo, com um dos pés apoiado em fenda na pedra para pegar impulso, e me sentei na sepultura, investigando os arredores. A vista era bem bonita, mas o sol não estava tão quente quanto no dia anterior e um brisa gelada

típica de dezembro chicoteava meu rosto. Fechei os olhos e, feliz, inalei o ar gelado e fresco. Era tão pacífico ali. Começava a entender porque Tristan parecia gostar tanto daquele lugar. Talvez aquilo não fosse assim tão esquisito, afinal. Eu poderia passar o dia inteiro aqui, simplesmente relaxando sob o fraco sol de inverno.

– Você sabe que está bem no meu lugar, Srta. Gray. — Uma voz veio lá de baixo. Quase caí da sepultura de susto diante daquele som repentino.

– Caramba! Você quase me deu um enfarte! — Coloquei uma das mãos sobre o peito, tentando desacelerar as batidas do meu coração.

Tristan estava apoiado em um túmulo, as mãos nos bolsos e um sorriso provocante.

– Fico feliz que tenha decidido voltar. Pensei que a Dona Violeta tivesse proibido você de me ver — ele disse com um olhar insolente.

– E por que ela faria isso? — Com cuidado, desci da sepultura.

– Acho que ela não gosta muito de mim — ele murmurou, sombrio.

– Ah, então quer dizer que você é o cara mau do pedaço? — provoquei. — Ela acha que você é algum tipo de arruaceiro?

Ele pareceu ofendido.

– Não sou nada disso. Não sei por que ela não gosta de mim. Talvez seja porque não gosta de me ver por aqui. Mas tenho tanto direito quanto ela de estar aqui! — ele disse, um pouco irritado. — Não é da conta dela onde eu devo ou não estar.

– Calma! Não queria aborrecer você. — Aproximei-me dele cautelosamente.

Ele me olhou cheio de suspeita e deu um passo para trás, obviamente desconfortável com minha súbita proximidade. Qual era o problema dele? Ele parecia estar quase... com medo. Fiquei onde estava e o observei com mais atenção. As roupas eram aparentemente as mesmas do dia anterior. Calças pretas, camisa branca e a mesma jaqueta de couro. Ele deveria estar

congelando neste frio. E ainda usava o cabelo penteado com cuidado para trás. Tão formal. Tão sério.

– A Dona Violeta não me disse nada. E mesmo que tivesse, ela não é a minha chefe. Posso fazer o que eu quiser – disse, desafiadora. – Bom, o que eu quiser a não ser que a minha mãe deixe – completei e lhe dei um sorriso constrangido.

Ele riu do meu falso discurso de rebeldia e pareceu relaxar um pouco.

– E que tal aquele passeio que você me prometeu? Para vermos a escultura famosa?

Tristan sorriu, radiante, fez um gesto afetado com as mãos e uma leve reverência.

– Siga-me, milady.

Caminhamos por todo o cemitério enquanto conversávamos. Íamos de um lado para outro pelas alamedas cobertas pelas árvores. Ele fez milhões de perguntas sobre minha vida, minha outra cidade, meus amigos, família, hobbies. Eu falava sem parar e ele ouvia com um sorriso contente. Às vezes, me interrompia para fazer outra pergunta, mas na maior parte do tempo me deixava simplesmente tagarelar. Vez ou outra, apontava para uma escultura ou um túmulo de alguém supostamente famoso. Sempre parava e ficava em silêncio por alguns segundos, como se admirasse a arquitetura – ou ouvisse algo com toda a atenção – e então me dava uma verdadeira palestra sobre a pessoa que havia sido enterrada ali. Aquilo era ao mesmo tempo estranho e muito divertido! Tentei lhe fazer algumas perguntas também, porém ele logo virava o foco da conversa para mim de novo, de uma maneira tão natural que só depois de algum tempo percebi que ele se sentia desconfortável de falar sobre si mesmo.

Passamos algumas vezes por um senhor que parecia o zelador do lugar. Ele varria as alamedas secundárias e me lançava olhares esquisitos sempre que cruzava nosso caminho. Comentei com Tristan, irritada, na segunda vez que passamos por ele:

– Esse velho não para de olhar para mim de um jeito estranho. Qual é a dele?

O homem me observava como se eu fosse maluca ou algo do tipo.

Tristan olhou para o velho e soltou uma risada.

– Você está falando do Velho Johnson? Ele é inofensivo, não se preocupe. Provavelmente está achando estranho ver uma menina andar sozinha pelo cemitério. Só isso.

– Não estou sozinha. Você está comigo.

– É claro – concordou Tristan depressa, com um sorriso críptico. – Quero dizer sozinha sem a supervisão de um adulto – ele se corrigiu.

– Ah, entendi – murmurei, constrangida. O velho provavelmente estava achando que éramos um casal de góticos indo ao cemitério para beber e aprontar. Isso explicaria o olhar esquisito que ficava nos lançando toda hora.

Continuamos a andar e conversar por algum tempo, mas então resolvi dar uma olhada no meu celular. Já passava das cinco e eu estava começando a sentir fome.

– Ei, Tristan, vamos comer alguma coisa? Tem uma cafeteria logo ali na esquina e... – comecei, porém Tristan fez uma careta que me calou.

Ele parou de andar, uma expressão conturbada marcando seu rosto.

– Eu... Desculpe-me, Joe. Não posso ir – ele disse, triste.

Esperei alguns instantes para que ele continuasse, mas, quando vi que isso não aconteceria, murmurei:

– Outro dia, talvez?

– Não é que eu não queira, mas é... complicado. Podemos ficar um pouco mais por aqui se você quiser. – Ele me olhou de esguelha, hesitante, por trás dos cílios longos.

Eu o observava, intrigada. Os olhos dele me diziam que tentava esconder algo e que sentia muito por ter que fazer isso. Ele parecia se sentir preso e culpado, ainda que soasse honesto ao mesmo tempo.

– Tudo bem. Acho que posso ficar um pouco mais – concordei finalmente. – Mas estou cansada. Vamos fazer uma pausa na caminhada.

Sentei em um banco de pedra debaixo de uma árvore alta. Tristan se sentou ao meu lado, um pouco afastado. Comecei a perceber que ele realmente não queria se aproximar de mim. Devia ter algum tipo de problema. Eu já tinha lido sobre o assunto. Pessoas que tinham fobia de germes. Não era assim que chamavam? Tinham medo de tocar as coisas, de se contaminarem. Ele devia ter surtado no dia anterior ao me ver coberta de terra! Isso era capaz de traumatizar qualquer germofóbico pelo resto da vida!

– Então, Tristan, você não falou muito a seu respeito. Tenho a sensação de que fiquei tagarelando sobre mim como uma doida! – exclamei, esticando as pernas.

– Na verdade não há muito o que dizer. – Tristan contemplou a vista diante dele. – Tem tanto tempo que eu não faço nada de interessante. Minha vida é bem chata. E na sua vem acontecendo tantas coisas fantásticas.

– Sério que você acha isso? – eu disse chocada. Não tinha me tocado de que minha vida podia ser considerada legal ou fora do comum.

– Claro! – Ele riu. – Você está brincando? Você já esteve em um monte de lugares, aprendeu a tocar vários instrumentos, sabe artes marciais. Você já chegou até a trabalhar em um circo, pelo amor de Deus!

– Foi só durante um verão. – Devolvi-lhe o sorriso, impressionada com o quanto ele havia prestado atenção em tudo que eu havia lhe dito – E eu só ajudava a montar os cenários, não era nada demais. Sabe, minha mãe e eu temos uma regra: esteja aberta para as coisas novas que a vida oferece, sejam elas boas ou ruins. Ela me ensinou que temos sempre que estar prontos para andar por novos caminhos, ter experiências novas. Ela sempre arranja algo estranho e diferente para eu fazer. Agora ela tem esse novo emprego e um cargo importante. E aqui estou nós. Cidade nova. Vida nova. –

Fechei os olhos e desfrutei dos tímidos raios de sol que banhavam meu rosto. Àquela hora, o vento estava cortante e gelado, me lembrando que estávamos de fato no final do ano. Tremi e apertei o casaco junto ao corpo.

– Você não está com frio, Tristan? – Apontei para a sua jaqueta de couro.

– Não sinto muito o frio – ele respondeu simplesmente. – Você é extraordinária, sabia? – ele disse quase em um murmúrio e o tom de sua voz carregava uma espécie de anseio e alguma coisa mais que eu não era capaz de discernir com clareza.

Eu me virei e olhei para ele, curiosa. Seus olhos estavam fixos em mim, prateados cintilando na claridade que se tornava cada vez mais fraca no céu, seu olhar repleto de admiração e reverência. Senti meu rosto corando ferozmente enquanto ele desviava o olhar, claramente envergonhado por ter sido flagrado em sua admiração.

– É... bem... está ficando tarde – eu disse, afobada. Nesse momento, meu celular tocou com o toque da minha mãe, fazendo com que pulássemos de susto. Revirei um dos bolsos do meu jeans e atendi.

– Oi, mãe.

Tristan olhava para mim de um jeito estranho, como se meu telefone fosse um monstro de duas cabeças.

– Está tudo bem. Eu sei. Sei que está tarde. Já estou voltando para casa. Eu estou. Acabei de virar a esquina da nossa rua. Chego aí em, tipo, uns dez minutos! Ok? Tchou! – Desliguei depressa e me levantei, limpando as roupas com as mãos, desajeitadamente. – Desculpe, Tris. Preciso ir embora. Último toque de recolher. – Ergui os ombros, como se pedisse desculpa mais uma vez.

Ele pareceu surpreso ao me ouvir chama-lo de “Tris”. O apelido simplesmente escapuliu da minha boca. Sorri sentindo uma dose extra de desconforto. Ele se levantou e enfiou as mãos nos bolsos mais uma vez, achando graça em meu

constrangimento. Aposto que ele não esperava que eu lhe desse um apelido assim tão cedo.

– É... Então... Acho que a gente se vê, senhorita... quero dizer, Joey. – Ele corrigiu. – Se tiver algum tempo livre durante a semana e quiser dar uma passada, estarei por aqui.

– Está certo. Então, a gente se vê. – Antes que eu pudesse estender uma das mãos para um cumprimento de despedida, ele se virou mais que depressa e começou a se afastar. Meu Deus! Ele era tão estranho! Foi então que me lembrei dos problemas dele com os germes. Tudo bem. Eu já tinha processado a informação. Nada de apertos de mão com esse cara, Joey!

Quando cheguei em casa, minha mãe preparava o jantar na cozinha.

– Oi, mãe. Que cheiro bom! – eu disse farejando o ar. Eu estava realmente com fome.

– Olha quem chegou! O jantar vai estar pronto em um minuto. O que você fez a tarde toda?

– Saí com um amigo – contei da maneira mais casual possível.

– Já fez um novo amigo? – Ela abriu um grande sorriso, feliz.

– Esse foi rápido. É amigo ou namorado?

– É só um amigo, mãe – eu a corrigi. Sabia como a mente da minha mãe funcionava. Não cairia naquela armadilha!

– Ei, quem sabe o que futuro nos reserva? Ele pode se tornar mais do que um amigo, não é?

Ah, meu Deus do Céu. Lá vamos nós de novo. Minha mãe sempre tentava me arrumar namorados. A maioria das mães dão tudo de si para manterem as filhas bem longe dos garotos, trancafiadas em torres altas guardadas por cavaleiros e dragões, mas não a minha. Acho que ela tentava reviver sua fase de namoros através de mim... e como eu raramente saía com alguém, ela estava em falta nesse quesito. Ela ficou em êxtase quando levei meu primeiro – e único – namorado para jantar em nossa casa na cidade onde morávamos. Só me recordo de que aquela foi a noite mais constrangedora de toda minha vida.

– Ele é aquele tipo de garoto de quem a gente fica amiga por que ele é lindo? – ela brincou enquanto, desajeitada, tentava pilotar o fogão.

Pensei em Tristan e em seus brilhantes olhos cinza, o rosto sinistramente pálido, o peito forte, corpo atlético e ombros largos. E aquele sorriso... Quase que de imediato minhas bochechas ficaram vermelhas. Minha mãe, do outro lado da mesa, observava, divertida, a minha reação.

– Ele é esse tipo de garoto, não é? – Ela soltou uma risadinha, erguendo uma das sobrancelhas.

Tossi e olhei de esguelha para ela.

– Digamos apenas que não é difícil olhar para ele. Mas somos *só* amigos, mãe. Pare com essa história!

– Tudo bem, tudo bem. Desisto. Se você quer ser um bicho do mato e ficar sozinha pelo resto dos seus dias, a escolha é sua. Nenhum garoto nunca é bom o suficiente para você!

Resmunguei entredentes e ela balançou a cabeça, dando o assunto por encerrado.

– Então, Joey, acabei de receber um folheto de boas-vindas enviado pelo diretor Smith do Internato Sagan! – O rosto dela se iluminou apenas com a simples menção à escola.

– Sagan? – repeti, um tanto perdida.

– Sim! Sua nova escola! Lembra-se de que consideramos a possibilidade de você estudar lá durante o resto do ano? O lugar é realmente um colégio interno, mas não fica longe daqui. São apenas algumas horas de carro. Você irá ficar em um dormitório com seus amigos, como Harry Potter em Hogwarts! – ela disse toda empolgada.

Revirei os olhos.

– Mãe, minha fase de Harry Potter já passou há muito tempo.  
– *Só que não. Ainda amo você, Harry!* — Eu falei que queria estudar em um colégio interno dois anos atrás. Isso foi em outra vida!

Ela soltou uma risadinha e balançou a cabeça.

– Outra vida! Veja só. Não seja boba. De qualquer forma, agora que tenho esse novo cargo importante, você deveria me

agradecer. Consegui que eles a aceitassem. É a melhor escola de todo o estado e agora tenho como pagar as mensalidades.

– Mas... e você? Você vai ficar aqui sozinha – protestei.

– Ah, eu consigo me virar sozinha, Joey. Já sou bem crescadinha. Você sabe que quero o melhor para você e Sagan é o melhor. Além disso, poderemos nos ver todos os fins de semana – ela lembrou espertamente.

Na verdade, eu estava bastante empolgada com a possibilidade de ir para Sagan. O folheto era incrível. Minha mãe e eu conversamos sobre o assunto durante o jantar e fui para a cama toda feliz. E só então lembrei-me de Tristan. Talvez no dia seguinte eu pudesse dar uma passada no cemitério e contar a ele sobre a nova escola. Aquela era uma excelente notícia! E eu ainda queria experimentar a vida em um colégio interno, apesar de me sentir um pouco triste por não poder mais vê-lo quando as aulas começassem. Essa parte era bem ruim. Antes de adormecer naquela noite, pensei no quanto era estranho estar triste com a ideia de não poder ver alguém que eu havia conhecido apenas dois dias atrás, alguém que eu mal conhecia. Tristan já havia causado um impacto muito grande na minha vida.

## capítulo quatro

### Um presente especial

O resto da semana passou depressa.

A noite de Natal se aproximava. Cairia em uma sexta, para ser mais exata. Minha mãe passou a maior parte da semana ocupada se adaptando ao novo trabalho e correndo com os preparativos para nosso primeiro Natal na casa nova. Fui ver Tristan no cemitério quase todos os dias. Em alguns deles, quando nevava, ia até lá apenas para dar um oi rápido. Em outros, quando o tempo estava bom, ficava a tarde toda com ele. Nosso lugar favorito para passear era uma pequena praça oval no centro do cemitério. De alguma forma, sempre acabávamos indo para lá.

Parecia que Tristan estava sempre no cemitério, todos os dias, em qualquer horário. E tinha sempre a habilidade de me encontrar, independentemente de onde eu estivesse. Eu não sabia como ele fazia isso, então, certo dia, lhe perguntei a respeito.

– Os fantasmas que vivem por aqui sempre me avisam quando você chega e onde você está – ele explicou com um tom de brincadeira e soltou uma risada alta ao perceber minha cara de susto. Olhei ao redor, preocupada, e cruzei os braços sobre o peito em um gesto defensivo. De repente, o vento parecia mais frio.

– Você não devia fazer piadas sobre fantasmas nesse lugar, Tristan! Não é nada engraçado.

Ele levantou uma das sobrancelhas, como quem suspeita de algo, rindo para mim.

– O que foi? Tem medo de fantasmas, é?

– Não – resmunguei. – Mas é melhor manter uma distância respeitável deles, só isso.

Ele riu diante da forma educada que arranjei para dizer que eu, na verdade, morria de medo de fantasmas.

– Bem, não existe nenhuma razão para ter medo de fantasmas, querida. – Tristan abriu outro daqueles sorrisos incríveis que eu aprendia a amar tanto. – E lhe garanto, minha adorável Joe, que jamais deixarei nenhum dos fantasmas daqui fazerem qualquer mal a você! Tem a minha palavra. Por isso, não precisa se preocupar. – Ele deu uma leve risada diante de minha expressão apreensiva.

Aquela conversa deixou meus nervos tão à flor da pele que levantei do gramado sem ver onde pisava e tropecei em uma rachadura no canto do caminho pavimentado. Acabei me esborrachando sobre a pedra gelada.

Passei as mãos nos meus jeans, limpando um pouco da sujeira, morta de vergonha. Tristan correu até onde eu estava. Parecia realmente preocupado.

– Joe, você está bem?

– Estou. Um pouco sem graça, mas bem. – Mais uma vez, eu estava coberta de terra. Como sou estabanada!

Olhei para cima, esperando que ele fosse oferecer uma das mãos para me ajudar a levantar, como qualquer pessoa normal faria. Por uma fração de segundos, culpa e remorso passaram pelos olhos dele, porém logo foram substituídos por um sorriso um tanto afetado.

– Vamos lá, Gray! Vai ficar aí sentada o dia todo? Não seja molenga! Vamos continuar andando! – Ele começou a se afastar, sem esperar por uma resposta.

Franzi a testa, incomodada. Não que eu esperasse que ele me tratasse como uma donzela em perigo. Eu sabia cuidar muito bem de mim mesma sem ter que apelar para nenhum tipo de ajuda masculina, muito obrigada. Só que aquilo foi... bem rude.

Fiquei ali por mais alguns momentos, chateada, até enfim me levantar.

Ele era tão bipolar. Um dia me dizia que eu era extraordinária e no outro me tratava como se fosse uma perfeita idiota! Eu me senti tão irritada com o incidente que depois de algum tempo disse a ele que tinha um compromisso importante e precisaria ir embora dali a pouco. Ele sabia que minha partida tinha algo a ver com aquele acontecimento desagradável, pois parecia profundamente triste e envergonhado enquanto me observava ir embora. Eu estava tão irritada que não dava a mínima para como ele parecia se sentir. Ele é quem foi grosso. Não o contrário.

Isso aconteceu na quinta. Pensei a respeito durante o resto do dia, trancada no quarto, e quando a noite chegou decidi que havia exagerado. Assim, no dia seguinte, véspera de natal, voltei para me desculpar por ter ido embora com raiva. Sentia que precisava fazer isso, apesar de saber que não havia feito nada de errado.

Andei por meia hora e não encontrei Tristan. Era a primeira vez que isso acontecia. Aquele lugar não era o mesmo sem ele. Não conseguia evitar o pensamento de que ele estava me evitando. Após um tempo, desisti de procurar e fui embora. Caminhei de volta para casa com um humor péssimo que permaneceu durante o resto do dia.

Sábado foi Natal. Fiquei em casa durante o dia, ajudando minha mãe a preparar a ceia. Trocamos presentes após o jantar e assim era o Natal dos dois membros da pequena família Gray. Eu gostava das festas mais pela ceia especial, pois tanto eu quanto minha mãe não éramos lá muito religiosas. Mal podíamos nos considerar católicas. Por anos, não fizemos nenhum tipo de celebração, apenas ficávamos juntas e assistíamos a filmes antigos que passavam na TV. Isso era tudo que costumávamos fazer nas noites de festa.

Porém, naquele Natal, minha mãe fez um esforço extra para preparar um jantar bacana, pois queria tornar a ocasião memorável: nosso primeiro Natal em uma nova cidade e eu

também logo partiria para a escola. Além disso, ela estava muito feliz com o novo trabalho e a gorda conta bancária (pela primeira vez em muitos, muitos anos). Ela tinha muito para comemorar!

Todo aquele papo de celebração me fez pensar em Tristan e fiquei muito triste por nosso último encontro ter terminado tão mal. Vi minha mãe subir as escadas para tomar banho quando tive uma ideia louca para fazer as pazes com ele. Olhei para o relógio. Ainda era cedo, nove da noite. Dava tempo de fazer tudo e estar de volta em vinte minutos. E minha mãe sempre tomava banhos incrivelmente longos. Vinte minutos era tudo de que eu precisava!

Corri escada acima para o meu quarto e revirei algumas caixas na tentativa de encontrar alguma memorabilia da família Gray. E lá estavam! Meus velhos álbuns de fotografias. Peguei o mais velho deles – que tinha as minhas fotos preferidas – e passei depressa as páginas. Sabia exatamente o que estava procurando. Quando achei, retirei uma foto do álbum e corri de volta para o primeiro andar. Na sala, escrevi com todo o cuidado um recado no verso. Então ouvi a porta do banheiro se fechar lá em cima. Ok, hora de correr. Coloquei o suéter e escapuli de casa quando comencei a ouvir o barulho da água do chuveiro.

Corri o mais rápido que pude e em cinco minutos estava no portão do cemitério. Era estranho, mas o lugar ficava aberto até onze horas, de forma que eu tinha tempo de sobra. Corri para dentro, contando os passos e refazendo o caminho que havia memorizado durante a semana. Tentei não pensar no quão assustador o cemitério parecia ser à noite, concentrando-me apenas em encontrar a alameda que levaria até o túmulo coberto de musgo de Tristan. Ele gostava de ficar por lá, de forma que era muito provável que encontrasse meu presente cedo ou tarde.

Cheguei lá em dois minutos. Olhei para a fotografia em minhas mãos. Havia sido tirada quando eu trabalhava no circo,

três anos antes, na minha outra cidade. Eu tinha catorze anos e estava cercada por um grupo de palhaços, bailarinas e outros artistas, segurava vários balões vermelhos e sorria para a câmera. No verso, em uma caligrafia caprichada, escrevi:

*Tristan,*

*Lembre-se:*

*A vida é sempre cheia de possibilidades.*

*Feliz Natal.*

*Joey.*

Sorri, satisfeita, e coloquei a foto sobre o túmulo embaixo de uma pedra para que não fosse carregada pelo vento. E então corri do cemitério o mais rápido que pude. Mais cinco minutos e eu já estava em casa, um pouco ofegante, mas sã e salva. E, o mais importante, não havia sido pega. Minha mãe ainda estava no banho, sem fazer a menor ideia de minha escapada noturna.

Larguei o corpo no sofá, liguei a TV e zapeei pelos canais, feliz com minha travessura de tarde da noite. Esperava que Tristan visse o meu presente. Caí no sono no sofá e sonhei com contorcionistas, bailarinas e palhaços. E balões vermelhos voando até o céu.

## capítulo cinco

### Promessa

Passei o domingo finalmente desencanaixotando todo o resto das minhas coisas. Minha mãe tinha me dado uma data limite. Tudo deveria estar arrumado no domingo, "Senão...", palavras essas seguidas por Aquele Olhar. Pode acreditar, ninguém seria louco de desobedecer Àquele Olhar. Por isso não me atrevi a sair e procurar por Tristan.

Na segunda, acordei de bom humor. Enquanto eu devorava o café da manhã, minha mãe entrou na cozinha com as boas notícias: eu havia sido oficialmente aceita no Internato Sagan! Ainda passaria uma semana em casa até o Ano-novo e então eu teria de começar a fazer as malas (de novo).

Esperava que o pessoal não fosse muito esnobe. Eu odiava riquinhos mimados e mal-educados! Minha mãe estava muito empolgada, me lembrando de todas as atividades disponíveis na escola. Eu, porém, não ouvia nem uma única palavra. Minha mente sempre retornava para a expressão no rosto de Tristan. Por isso, saí para uma "caminhada" matutina. Minha mãe estava feliz por eu estar tão disposta a fazer algum exercício. Ela não ficaria tão feliz, entretanto, se soubesse aonde eu ia fazer toda essa ginástica.

Vi os portões do cemitério se aproximando e corri para dentro como uma bala, do mesmo jeito que vinha fazendo na maioria dos dias anteriores, seguindo pela alameda que levava até o túmulo de Tristan. Não tive de esperar. Ele já estava lá, sentado sobre a sepultura, com as pernas compridas balançando para a

frente e para trás como na primeira vez em que eu havia o visto. Antes que eu pudesse cumprimentá-lo, ele virou aquele rosto lindo para mim e abriu um daqueles sorrisos extraordinariamente brilhantes, o que fez com que meu coração palpitasse.

– Olá, Gray! – ele gritou para mim.

– E aí, Tris? Encontrou meu presente de Natal? – Eu atropelava as palavras de tão empolgada. Estava morrendo de curiosidade para saber o que ele tinha achado.

Tristan pulou de cima do túmulo com aquela habilidade que lhe era tão usual.

– Achei sim. Ontem – respondeu ele, feliz. E então baixou o rosto, triste. – Estou me sentindo muito mal por não ter nada para lhe dar...

Fiz um gesto para ele, como se dissesse que não havia problema.

– Tudo bem. Eu não ligo. Só achei que você ia gostar de ver aquela foto. De qualquer forma, foi só uma besteirinha.

Ele se aproximou com aqueles olhos prateados intensos fixos em mim. Como eu havia sentido saudade daqueles olhos!

– Não foi uma *besteirinha*. Foi o melhor presente que já recebi na vida. Obrigado, Joey. – Ele sorriu, gentil. – Foi muito doce da sua parte se lembrar de mim.

– De... de... na... nada – gaguejei, corando.

– Venha se sentar comigo – ele convidou, caminhando até um banco de pedra alguns metros dali. – Quando você passou por aqui para deixar a foto? Não a vi ontem, nem no sábado...

– Vim no sábado. Era Natal, então tive de vir mais tarde, um pouco antes do cemitério fechar.

– Você veio aqui à noite? Não ficou com medo? – ele perguntou, impressionado.

Olhei para ele, confusa. Com medo de quê? De entregar uma fotografia?

Ao perceber minha expressão de quem não estava entendendo nada, ele completou a frase:

– Com medo de vir ao cemitério sozinha, no meio da noite.

– Ah, isso – murmurei. E só então me lembrei dos fantasmas. Bem, agora que pensava melhor no assunto, eu provavelmente deveria ter ficado com medo...

– Não sei. Simplesmente não senti medo. Pelo menos não muito. Não me assusto com facilidade. Acho que às vezes acabo agindo como um garoto. É a maldição do “Nome”. – Fiz um gesto no ar que imitava aspas e ele riu. Sentamos no banco e me virei para olhar para ele. – Vim aqui na sexta falar com você, mas não o encontrei.

Ele franziu a testa, tentando se lembrar do que havia feito na sexta, até que a lembrança veio como um raio.

– Ah, é. Um velho amigo veio me ver na sexta. Perdemos a noção do tempo enquanto conversávamos. Ele conta as histórias mais incríveis. Às vezes acho que ele é meio maluco. As coisas que ele diz... – Tristan comentou, rindo levemente, porém logo ficou sério. – Apesar de que, gostaria que algumas dessas coisas fossem realmente verdadeiras.

– Que coisas? – quis saber, curiosa.

Tristan balançou a cabeça como se fugisse do assunto.

– Nada, na verdade. Um monte de besteiras sobre magia e velhos feitiços, tagarelices malucas de gente velha. Mas deixe ele pra lá. De qualquer forma, ele deve inventar a maior parte dessas coisas. Fico feliz por não termos nos encontrado hoje! – ele disse, parecendo feliz mais uma vez.

– Você vem mesmo aqui todos os dias, Tris?

– Sim, estou aqui todos os dias – ele respondeu de forma evasiva.

– Eu sei por que você faz isso. Pensei nisso nos últimos dias e descobri o motivo – eu disse, cruzando os braços sobre o peito.

Ele olhou para mim, assustado, e vi medo e apreensão alternando em seus olhos.

– Você trabalha aqui! Você deve trabalhar na funerária atrás do cemitério! Isso explica porque você precisa estar aqui o tempo todo, as roupas formais e todo o resto – declarei, orgulhosa da minha descoberta.

Isso na verdade explicava muitas coisas, sem contar aquela fobia de tocar nas pessoas. Ver gente morta o dia todo é algo capaz de traumatizar qualquer ser humano. Eu não iria querer chegar perto de ninguém depois de passar o dia inteiro olhando para cadáveres! Só de pensar na possibilidade eu já ficava toda arrepiada.

Olhei para Tristan. Ele pareceu aliviado, mas logo em seguida se mostrou um tanto sem jeito.

– Desculpe, Joey. Pen... Pensei que você ficaria chocada se soubesse a verdade. Você deve achar que sou o maior fracassado, com esse emprego esquisito e tudo mais – ele murmurou, evitando olhar para mim.

– Deixe de ser bobo! Só queria que você tivesse me contado. Eu não ligo. É só um emprego – eu disse, com sinceridade.

O tempo estava muito ruim. O vento soprava sobre nós, fazendo com que eu tremesse. Fechei o zíper do casaco até a gola e encolhi os ombros.

– Joe, preciso perguntar uma coisa – ele disse, indeciso.

– Vá em frente.

– Você... realmente acha aquilo? Que você escreveu atrás da foto? Com toda a sinceridade, você acredita naquelas palavras?

Parei para pensar sobre o que eu havia escrito. *Lembre-se: A vida é cheia de possibilidades.* Sorri.

– É claro, Tris. Você não acredita?

– Estou começando a acreditar – ele sussurrou. Porém, quando olhou para mim, parecia aprisionado, como se estivesse preso em uma vida sem possibilidade alguma.

– Vamos lá, sua vida não pode ser assim *tão* ruim! – Tentei animá-lo.

Ele piscou para mim, perplexo, desviou os olhos e limpou a garganta, desconfortável.

– E então, está empolgada com a nova escola? – Ele mudou drasticamente de assunto. Acho que não queria mais falar de si.

– É. Acabei de receber a carta de admissão formal. Nunca fui para um colégio interno antes. Acho que vai ser divertido. – Eu

tentava soar animada, porém, naquele momento, pensar em partir não parecia ser algo tão legal assim.

– Quando você vai?

– Alguns dias depois do Ano-novo.

Ele pareceu triste por alguns instantes, mas logo se animou.

– Sério? Então quer dizer que você vai estar por aqui no Ano-novo?

– Vou. Por quê?

– Pode me prometer uma coisa? Tem uma festa que acontece aqui no cemitério toda véspera de Ano-novo. É a única noite em que os portões ficam abertos a noite toda! É uma velha tradição da cidade... e todos vem para cá para celebrar e ver os fogos. É muito divertido! Você acha que consegue vir? Para virar o ano comigo? Antes de ir embora? – A voz dele soava esperançosa.

Observei Tristan em silêncio, tentando pensar em uma boa maneira de explicar para minha mãe que eu passaria a noite de Ano-novo em um cemitério. Sozinha. Com um garoto. Um garoto muito, mas muito bonito, charmoso, extremamente estranho e misterioso. Eu já disse que ele era bonito? É, muito bonito. Ela não deixaria ir de jeito nenhum. Nada feito. Sem chance. Minha mãe não colocaria nenhum empecilho a eu me encontrar com garotos em lugares públicos, ou que eles fossem jantar lá em casa, mas ela faria uma grande objeção de eu me encontrar completamente sozinha com um garoto e, ainda por cima, em um cemitério.

Tristan entendeu meu silêncio como uma negativa.

– Tudo bem se você não quiser vir – ele murmurou, cabisbaixo e triste.

– Não é nada disso! Eu só estava pensando que vou ter que inventar uma boa desculpa para minha mãe me deixar vir, mas eu venho com certeza! – eu disse, me amaldiçoando mentalmente. O que eu estava fazendo? Eu não teria como cumprir essa promessa.

– Sério? Você virá? – ele perguntou, empolgado.

– Claro. Deve ser divertido. – *Droga. Droga. Droga.* Pare de fazer promessas que você não pode cumprir, Joey!

– Que brasa! – ele se animou.  
– O quê?  
– O que o quê? – ele perguntou, confuso.  
– O que você acabou de dizer?  
– Eu disse que será ótimo. Então você vem mesmo?  
– É, vou sim. – Sorri. Não tive coragem de dizer que minha mãe jamais me deixaria vir. Eu nunca tive alguém querendo que eu estivesse em algum lugar tanto assim antes.

Espera! Aquilo era tipo... um encontro? Ele estava me chamando para sair? Ou era apenas uma festinha para nos despedirmos do ano velho? Uma grande confraternização de despedida antes que eu fosse para o colégio interno? Eu estava pensando nisso quando ele se virou como se acabasse de se lembrar de algo muito importante.

– Então... preciso ir agora, Joey. Mas vejo você por aqui, não é? Temos a semana inteira até sexta à noite! Falo com você depois, ok? – Ele se levantou mais do que depressa e correu para longe, me dando adeus. – E obrigada mais uma vez pelo fantástico presente. Adorei – ele gritou quando já estava bem distante.

Senti um calor no peito apesar do vento frio que soprava ao meu redor. Como eu poderia dizer não para Tristan? Ele era o garoto mais incrível que eu já havia conhecido! Passar a noite de Ano-novo ao lado dele seria inacreditável. Talvez eu ganhasse até um abraço à meia-noite! Ou quem sabe até um beijo rápido? Afinal, essa era a tradição do Ano-novo, não é?

Suspirei fundo e me senti muito triste por partir para o colégio interno. Isso significaria deixar Tristan para trás. Bem, eu poderia visitá-lo nos fins de semana, quando viesse ver a minha mãe. Esse era o único plano possível. Caminhei de volta para casa me sentindo ao mesmo tempo animada, triste e preocupada. Precisava encontrar um jeito de enrolar a minha mãe para que ela me deixasse ir à festa de Ano-novo. Mas o que eu diria para ela?

A semana passou como um furacão. Havia tanta coisa a ser feita e tão pouco tempo!

Tive de sair com minha mãe para comprar roupas novas para a nova escola. Escolhi basicamente roupas esportivas, jeans largos, suéteres grandões e All Stars, para a total decepção da minha mãe. Eu já disse que gostava de me sentir confortável!

E foi então que recebi a melhor notícia do mundo. Eu estava tomando o café da manhã na cozinha quando minha mãe entrou e me perguntou o que eu faria na noite de Ano-novo. Felizmente, ela estava de costas para mim, caso contrário me veria quase engasgar com o cereal. Antes que eu pudesse inventar alguma mentira, ela me disse que o pessoal do escritório organizaria uma grande festa e quis saber se eu gostaria de ir.

Eu, é claro, respondi que não estava no clima para festas de escritório (só para as do cemitério), mas que ela com toda a certeza deveria ir (vá, por favor, por favor!), que eu ficaria em casa curtindo a noite do meu jeito (só que não!). Até cheguei a lhe dizer que não precisaria ligar à meia-noite porque eu provavelmente estaria dormindo. Ela sabia que eu não era uma grande fã de festas de Ano-novo, nunca havia sido. Em muitos anos passei a noite inteira dormindo apesar de todo o barulho. Por isso ela não pensou muito no assunto. Eu, por outro lado, NÃO conseguia acreditar na minha sorte! Era o destino abrindo as portas para a minha celebração de Ano-novo no cemitério! Nem precisei inventar nenhuma mentira. Minha mãe simplesmente tinha me dado tudo de bandeja!

Foi só então que me dei conta de que ainda não havia ido ao cemitério durante toda a semana, pois minha mãe sempre arrumava alguma coisa para eu fazer assim que botava os olhos em mim. Por isso, inventei uma desculpa fajuta e corri como uma bala para fora de casa antes que ela pudesse me impedir, indo direto para o cemitério.

Eu caminhava devagar pelas alamedas, imaginando se eu encontraria Tristan naquele dia, quando percebi que o lugar não estava assim mais tão deserto. Lanterninhas muito bonitas foram penduradas nos galhos secos e enegrecidos das árvores, flores brancas foram plantadas em grandes vasos posicionados

nas encruzilhadas e castiçais foram espalhados por todos os cantos. O cemitério parecia estar pronto para a festa. Tristan não estava mentindo sobre a grande celebração que aconteceria ali.

– Ei, estranha. – A voz de Tristan veio por detrás de mim. Dessa vez, eu apenas me encolhi. Antes, costumava dar o maior pulo, apavorada, sempre que ele fazia isso, mas já estava me acostumando com essas aparições surpresa tão silenciosas.

Eu me virei a fim de olhar para ele. Tristan ainda vestia o uniforme preto e branco de sempre e tinha uma expressão séria.

– Ei, Tris. Esse lugar está fantástico!

Ele abriu um sorriso fraco que logo desapareceu, dando lugar novamente à expressão carrancuda. O que estava acontecendo com ele?

– É uma velha tradição da cidade, como eu lhe disse. As coisas por aqui andaram bem malucas essa semana.

– E então, está tudo pronto para hoje a noite?

– É... Isso quer dizer que você virá mesmo? – ele perguntou, animando-se subitamente.

– É claro! Eu prometi que viria.

– Você sumiu essa semana toda... Achei que você estava vindo até aqui hoje para dizer que havia desistido.

Isso explicava aquela cara triste dele.

Ele era tão fofo. Essa era a maneira dele de se chatear comigo. Ri alto.

– Não, eu venho com certeza!

– Sua mãe deixou?

– Está tudo bem – menti. – Ela tem uma festa para ir, mas perguntou sobre você. Quando você tem folga no trabalho? Você podia passar lá em casa para almoçar ou algo do tipo... Não seria nada que tomaria muito o seu tempo e a minha casa fica no fim do quarteirão.

Ele apertou os olhos na minha direção com suspeita.

– Ela perguntou sobre mim?

– É, porque estou sempre falando de você e...

– Você sempre fala de mim? – ele interrompeu abrindo um sorriso brincalhão e convencido.

– Ah, você sabe. Sempre me lembro de algo que você falou ou alguma das nossas conversas – disse revirando os olhos para ele.

– Você não consegue parar de pensar em mim, não é? – ele provocou, encostando-se, todo sexy, na estátua de um anjo.

– Quer saber de uma coisa? Se você ficar impossível desse jeito, não acho que vou estar muito a fim de vir para a festa hoje à noite! – grunhi, irritada.

– Não! Não! Desculpe! – Ele ergueu os braços como se pedisse desculpas e me lançou um daqueles sorrisos brilhantes. – Serei bonzinho, prometo! Eu estava só brincando! Você ainda virá, não é?

Coloquei as mãos na cintura e ergui uma das sobrancelhas fazendo a minha cara seriíssima de *deixe-me pensar no assunto*. Ele cruzou as mãos nas costas e passou o peso do corpo de uma perna para a outra, lançando-me o melhor olhar de cão que caíu do caminhão da mudança que já vi na vida! Os olhos dele cintilavam na luz de inverno.

Não consegui mais segurar o riso e caí na gargalhada.

– Está certo. Pode parar de fazer manha. Eu venho sim!

Ele abriu um sorriso radiante para mim.

– Certo! Podemos nos encontrar no nosso lugar de sempre na praça oval mais tarde, ok?

– Combinado – respondi, feliz. E depois corri para casa toda empolgada com a festa.

Passei o resto do dia escolhendo minha roupa para a noite. Aquela seria uma ocasião muito especial. Eu podia sentir. E, estranhamente, eu estava no clima de usar algo mais estiloso que roupas esportivas.

Mais tarde, me olhei no espelho, investigando meu reflexo. Vesti meu único jeans preto, que só uso em ocasiões especiais e um top prateado debaixo de um casaco preto chique que peguei emprestado do armário da minha mãe. Até me atrevi a passar

um pouco de sombra prateada bem clarinha. Mas achei que batom talvez fosse um pouco demais.

Gostei do meu visual para a festa. Não estava legal? Autoestima nunca foi o meu ponto mais forte. No último minuto decidi tirar a sombra. Mas deixei o cabelo solto só para variar um pouco. Ok, assim estava melhor.

Minha mãe havia saído algumas horas antes e eu ainda estava em casa me olhando no espelho. Olhei para o relógio e me dei conta de que já eram onze horas. Eu estava tão atrasada! Tristan devia estar surtando ao achar que eu daria o bolo nele. Corri para o andar de baixo mais que depressa e tinha acabado de abrir a porta da frente quando alguém chamou meu nome.

– Joey? Aonde você está indo?

*Que droga.* Era a minha mãe.

## capítulo seis

### Ano-novo

– Hum... Oi, mãe! O que está fazendo aqui? – perguntei tentando disfarçar o pânico em minha voz. Ah, não! Aquilo *não* estava acontecendo. O que eu ia fazer agora?

– Saí da festa cedo. Queria passar a noite de Ano-novo com você. Por que está vestida desse jeito? Você não disse que ia passar a noite toda em casa? – ela perguntou, cheia de suspeita.

– Eu... bem...engraçado você perguntar isso... Eu estava... – murmurei, tentando ganhar tempo. O que eu deveria dizer em uma situação como aquela? Que eu estava saindo para uma festa incrível, onde eu me encontraria com um cara maravilhoso e esperava do fundo do meu coração que ele me beijasse essa noite e, falando nisso, por acaso mencionei que a festa seria no cemitério local?

Minha mãe já me lançava *Aquele Olhar* enquanto esperava por uma resposta.

– Isso tem alguma coisa a ver com aquele garoto com quem você anda agora para cima e para baixo?

– O nome dele é Tristan, mãe. Já falei isso! E foi uma coisa de última hora. A festa é aqui perto. Eu ia ligar para você, mas já era quase meia-noite e... Por favor, mãe! Deixe eu ir.

– Tudo bem. Onde é essa festa? Vou andando com você até lá. Não se preocupe, não vou entrar. Não vou envergonhá-la na frente dos seus amigos! – ela acrescentou após perceber a

expressão de terror em meu rosto. – Só preciso saber onde você vai estar. Caso aconteça alguma coisa.

– Não vai acontecer nada, mãe! – eu me queixei.

– Eu sei, querida. É só por precaução. Vamos lá.

Que droga! Agora eu estava ferrada, com toda a certeza!

– Ok, vamos então – eu disse, apertando o passo em direção ao cemitério. Já era muito tarde. Se Tristan estivesse esperando por mim no portão principal, talvez ela me deixasse entrar. Ninguém era capaz de resistir àquele sorriso.

Em oito rápidos minutos já estávamos no cemitério. Muitas pessoas entravam e saíam, batendo papo com copos de bebida nas mãos. Os portões estavam totalmente abertos, velas decoravam as placas de aço sobre a entrada e lanternas lançavam uma luz amarela ao redor. Nenhum sinal de Tristan.

Minha mãe parou ao meu lado e observou as pessoas ao nosso redor.

– Olhe só toda essa gente. O que está acontecendo aqui? Joey, a sua festa está acontecendo no cemitério? – ela perguntou, surpresa.

– Bem, está sim. Mas não tem nada demais, mãe – eu disse, mesmo sabendo muito bem que havia tudo de demais. – É uma tradição em Esperanza. Todos vêm celebrar a noite de Ano-novo aqui.

– E você não me disse porque sabia que eu nunca deixaria você vir sozinha à uma festa no cemitério, Joe Gray! – ela me confrontou, descobrindo o meu truque. Meu Deus! O instinto materno é uma bela de uma droga.

– Tudo bem! Tudo bem! Mas já estamos aqui e você pode ver que não há perigo *algum* e vai ser uma droga completa se você não me deixar ir! – implorei. – Por favor, mãe!

Podia sentir que ela ainda estava um pouco relutante.

– E juro que Tristan está aqui. Você vai mesmo fazer com que eu quebre a minha promessa, mãe? Já é quase meia-noite! – Lancei meu golpe final. Era ela que passava o tempo todo tentando me arrumar um encontro. Agora eu oficialmente tinha um.

E ela estava ARRUINANDO tudo!

Ela mordeu o lábio, suspirou e então jogou os braços para o ar, derrotada.

– Tudo bem! Mas tenho que conhecer esse tal de Tristan antes de ir. Não, Joe, não a deixarei entrar aí sozinha sem antes dar uma palavrinha com esse menino! E ponto final. Depois disso, vou embora e vocês podem... ficar um pouco mais. E só mais um pouquinho e olhe lá – ela ordenou.

Revirei os olhos, sabendo muito bem que não adiantaria nada discutir com ela naquele momento, e caminhei depressa para o lugar onde havia marcado com Tristan.

O cemitério estava lotado! Que cidadezinha mais estranha, com tradições e pessoas esquisitas que iam celebrar o Ano-novo em um cemitério... Parecia, no entanto, que a maior parte delas se concentrava nos portões principais. Quanto mais caminhávamos em direção às partes mais antigas do cemitério, menos pessoas víamos.

– Joey, aonde você está indo? Não acho que deveríamos ir tão longe – minha mãe sussurrou.

– Está tudo bem. Ele está logo ali. – Eu virei uma esquina.

Foi então que parei de repente. Sentada em uma cadeira de madeira dobrável, em uma das extremidades da praça oval, estava a velha Dona Violeta. Ela tinha uma vela acesa no chão bem ao lado da cadeira e parecia olhar para o centro do gramado. Quando minha mãe parou ao meu lado, Dona Violeta percebeu nossa presença e se virou para onde estávamos.

– Ah, olá, queridas. E eu estava achando que iríamos passar a meia-noite sem ninguém aqui conosco... Que bobagem da minha parte.

Nós? Será que ela estava falando de Tristan? Onde ele estava?

Outra voz veio do outro lado do círculo. A voz de uma velha senhora.

– Não gosto de me gabar, mas eu avisei que isso iria acontecer essa noite. Meg viu.

– Ah, cale-se, Margaret. – Violeta fez uma cara séria. Apertei os olhos, tentando enxergar melhor no escuro. Do outro lado

havia uma senhorinha de aparência severa, que só poderia ser Margaret, sentada em outra cadeira dobrável. Como Dona Violeta, ela tinha uma vela aos seus pés. Ela nos observava com olhos duros. Aquilo definitivamente estava se tornando cada vez esquisito.

– O que está acontecendo aqui? – minha mãe cortou o assunto.

Quando meus olhos se acostumaram à escuridão, percebi uma terceira senhora do lado oposto do gramado. Com a mesma cadeira e a vela. Mesmo no escuro, ela parecia terrivelmente velha e frágil. Estava sentada na cadeira em silêncio, olhando para nós. Pensei comigo mesma que ela não deveria estar fora de casa com o frio que fazia naquela hora da noite.

– E então, quando é que você pretende aparecer, mocinho? – Dona Violeta perguntou para as sombras.

Olhei para as moitas escuras diante dela bem a tempo de ver Tristan surgir, andando pela beirada do gramado. Ele parecia um pouco assustado e evitava olhar diretamente para mim. Que diabos estava acontecendo ali?

– E então? O que você pretendia fazer essa noite, garoto? – perguntou Margaret, irritada.

Tristan não respondeu. Apenas baixou a cabeça e olhou para o chão.

– E quando você planejava contar à menina? – Dona Violeta perguntou a ele.

Tristan levantou a cabeça, uma expressão desafiadora em seus olhos.

– Essa noite. Eu ia contar à ela essa noite – ele retrucou.

– Joey, com quem... – minha mãe começou, mas eu a cortei.

– Me contar o quê? – Olhei diretamente para Tristan. Precisava descobrir que diabos estava acontecendo!

– Sinto muito, Joey. Queria contar a verdade, juro! Eu só... pensei que você não acreditaria em mim e iria embora. Para sempre. Desculpe – Tristan implorou, dando um passo à frente dentro do gramado em minha direção.

– Me contar o quê? Que verdade, Tris? – perguntei, assustada. Ele parecia tão perdido.

– Joe, com quem você está falando? – minha mãe murmurou.

– Com Tristan, mãe.

Ela olhou ao redor com uma expressão confusa. Será que estava cega? Ele estava bem ali na nossa frente!

– Onde ele está? – ela insistiu, intrigada.

– Do que você está falando? Ele está bem ali – eu disse, impaciente.

– Não há ninguém ali, querida – minha mãe sussurrou, olhando para mim, preocupada. – Aqui só há nós e essas senhoras.

– É claro que há. Ele está bem ali! – apontei para Tristan.

– Ela não pode vê-lo, querida. Nem ouvi-lo – Dona Violeta interveio.

– O quê? – eu disse, irritada.

– Apenas nós, que estamos familiarizados com o oculto, podemos. Eu, Margaret e Meg, que está ali sentada. E você, aparentemente – ela declarou.

– Como assim? Vocês estão familiarizadas com o quê? – Eu não estava entendendo nada.

– Bem, você sabe. Aqueles que estão acostumados com o sobrenatural – ela tentou me explicar mais uma vez.

Eu a encarei. Com toda a certeza, aquela velhota era meio maluca.

– Ela está dizendo que apenas nós, bruxas, podemos vê-lo – Margaret explicou por fim. – O seu garoto é um fantasma, querida.

– O quê? Claro que não! – gritei. Todos podiam vê-lo e falar com ele, pelo amor de Deus! Andei em direção a Tristan, irritada com toda aquela maluquice. – Mãe, qual é, deixe de brincadeira. Você pode ver ele, não pode?

Parei bem na frente de Tristan e me virei para olhar para ela.

– Mãe?

Ela olhou para mim, alarmada.

– Ah, meu Deus, o que há de errado com vocês? – berrei e me virei para Tristan.

Ele olhou de volta para mim com os olhos tomados de desespero.

– Joey, por favor, não me odeie. Eu sinto tanto... – ele sussurrou suavemente para mim. – Ia contar a você essa noite. Menti para que você não sentisse medo de mim. E... eu estava feliz... por estar com você. Mesmo que por pouco tempo.

Os fogos de artifício começaram a explodir no céu. Centenas de cores dançavam na escuridão da noite.

O Ano-novo havia chegado.

– Você está falando sério? – eu gritava sobre o barulho dos fogos. Dei um soco raivoso no peito dele. E minha mão simplesmente o atravessou! Eu me desequilibrei e tropecei para a frente, mas logo retomei o equilíbrio e olhei para Tristan, surpresa.

Ele estendeu uma das mãos para mim e, assustada, recuei com passos cambaleantes. Um dos meus pés ficou preso na raiz de uma árvore e caí de cabeça no chão. Senti uma dor intensa na cabeça e nas palmas das mãos. Ouvia a voz da minha mãe, mas não conseguia entender o que ela dizia. Parecia estar muito distante, uns cem quilômetros dali.

Abri os olhos e tentei manter o foco. Um vento gelado soprava. As chamas das velas tremeluziam, mas não se apagavam. Vi uma silhueta de alguém de pé, ao longe no escuro. Usava botas pretas e pesadas. Sentia a grama nas pontas dos meus dedos. E, de alguma forma, não sentia mais frio. Nem medo.

Tudo parecia se mover em câmera lenta, como se todos nós estivéssemos submersos em água. Não havia mais sons altos apesar de eu ainda poder ver os fogos de artifício dançarem no céu. Tudo estava silencioso e em paz. Era tão bonito. Ainda era meia-noite?

E então o rosto de Tristan apareceu junto ao meu. Ele estava deitado ao meu lado, sorrindo.

– Não tenha medo. Você ficará bem – ele sussurrou para mim, enxugando as lágrimas que eu nem havia percebido que começaram a cair. Ele parecia tão calmo e etéreo.

– Não estou com medo – sussurrei. Eu me senti calma e segura, pois ele estava comigo. Tristan estendeu um dos braços e pegou minha mão com suavidade. Pontadas agudas correram sobre minha pele onde os dedos dele me tocavam. Era estranho, mas de uma maneira boa.

– Você me odeia? Por ter mentido? – ele sussurrou com uma voz entrecortada e tão cheia de tristeza.

– Claro que não. Jamais seria capaz de odiar você, nem em um milhão de encarnações – falei e logo pensei que aquela era uma expressão muito esquisita para usar, embora eu soubesse que era a mais pura verdade. Ele, porém, desapareceu lentamente, sumindo do meu campo de visão, engolido pela escuridão que parecia tomar conta de tudo ao meu redor.

Tudo estava escuro. Tudo estava silencioso.

Será que ele realmente tinha se ido?

*Morto e acabado*, algo suspirou tragicamente dentro da minha cabeça.

– Tristan? – sussurrei. Estava tudo tão quieto. Eu não podia ouvir mais a voz dele e sentia falta disso. Sentia falta do calor que sua voz trazia ao meu coração. De seus olhos prateados e dos sorrisos hipnotizantes. Sentia falta *dele*. – *Tristan?* – Minha voz ondulava na escuridão.

– Não tenha medo – ele sussurrou próximo a mim, os lábios roçavam em minhas orelhas como penas no ar. – Mesmo que você não possa me ver, sempre estarei bem aqui, ao seu lado. – Mais uma vez os dedos dele se entrelaçaram nos meus. Meu coração palpitava ao seu toque delicado. – Sinto como se sempre estivesse ao seu lado e sempre estarei. Isso faz algum sentido? – A mão dele apertou ligeiramente a minha. Mas eu sabia o que ele queria dizer. Porque me sentia da mesma maneira. Como se eu o conhecesse havia mais tempo do que conseguia me recordar, além do próprio tempo, até. – Uau, Joey. Você está vendo isso? – ele perguntou, pasmo.

– Vendo o quê? – Minha voz ainda falhava um pouco. Tudo estava escuro como breu.

– Toda... essa luz saindo de você, cegante, me cobrindo... tão bonita. – Ele largou minha mão e meu coração se contorceu com a solidão e frieza que sua ausência me trazia. – Não... não consigo ver nada. Não sinto nada. – Algo se moveu para mais perto de mim.

– Pode sentir isso? – ele sussurrou, como se estivesse a apenas um sopro de distância. Algo roçou levemente em meus lábios, tão suave que pensei que fosse apenas minha imaginação. Pontadas de eletricidade se espalhavam por todo o meu corpo, fazendo com que meu coração batesse furiosamente, sobrecarregado, e então senti um solavanco, como se a Terra estivesse voltando no tempo.

Se antes parecia que eu estava me afogando, agora então parecia estar voltando à superfície. Cores brilhantes explodiam através de minhas pálpebras como fogos de artifício que se acendiam dentro de mim. O som das explosões preencheu meus ouvidos, me ensurdecendo. Eu me sentia tonta, como se fosse desmaiar a qualquer momento. Ouvia minha mãe falar, com outras vozes, todas tagarelando ao mesmo tempo. O tempo pareceu colidir contra mim, passando depressa, clamando, furioso, para que eu lhe devolvesse os minutos perdidos. Naquele exato momento, o vento passou a soprar mais uma vez, destruidor, gélido, atravessando tudo que ousava estar em seu caminho, congelando meus ossos e minha alma. A dor perfurava minha cabeça e agulhas quentes pareciam atravessar minhas mãos. Grunhi alto em protesto.

– Joey? Querida? Você está bem? – Ouvi a voz preocupada de minha mãe e senti ela me sacudir com cuidado.

– Pa... pare de me sacudir, mãe! – Eu me sentei na grama segurando a cabeça, que começava a latejar de dor. Respirei devagar, tentando controlar as batidas do coração. Olhei para baixo e vi que havia arranhado minhas mãos.

Minha mãe continuou a me examinar, com uma expressão aliviada no rosto ao perceber que eu estava bem.

– O que aconteceu? – perguntei um pouco desorientada. As três senhorinhas estavam agachadas ao redor de um corpo estendido no meio da grama.

– Você caiu e bateu com a cabeça um minuto atrás. – Minha mãe se ajoelhou ao meu lado. – E no momento seguinte aquele garoto apareceu bem ali no gramado! Simplesmente apareceu do nada, Joey! Não havia nada ali e, um segundo depois, um menino nu estava deitado na grama! – ela sussurrou, apavorada.

Cambaleante, me levantei depressa, atordoada e com o estômago revolto enquanto caminhava até as senhorinhas. Quando me aproximei, vi as mãos de Dona Violeta pousadas sobre os cabelos negros e lisos do garoto. Ele estava deitado de lado no chão, de forma que eu não conseguia ver seu rosto, mas ele se contorcia e tremia com espasmos sobre a grama.. Estava totalmente nu. Um medo congelante começou a surgir em meu peito. Eu conhecia aquele cabelo liso e preto.

*Era Tristan.*

## capítulo sete

### Intimidade

Minha mãe logo tomou as rédeas da situação, tirando o longo casaco preto e passando-o para Dona Violeta.

– Aqui. Por favor, cubra ele com isso. Está um gelo aqui fora.

Eu não conseguia ver muito bem o rosto dele de onde eu estava, mas dava para perceber que Tristan tremia sem parar. Mas como ele poderia estar ali? Ele havia dito que era um fantasma e agora o que...? Nada fazia o menor sentido!

Tentei botar a cabeça no lugar e tomar o controle de meus pensamentos. Aquela não era hora para entrar em pânico.

As três senhorinhas sussurravam atentamente umas para as outras.

– Temos que tirá-lo desse frio primeiro – concluiu Dona Violeta.

– O que *nós* precisamos é levar Megan de volta para casa! Você sabe que ela não está bem e que tudo isso foi demais para ela – Margaret sibilou.

– Mas não podemos deixá-lo aqui. Não agora – Dona Violeta insistiu.

– Chame a garota. Ela pode ajudá-lo! – Megan abriu a boca pela primeira vez. A voz dela era melódica e muito baixa.

Todas as três se viraram para mim. Dei um passo para trás, assustada.

– Joey, venha aqui. Não há porque ter medo, querida. Está tudo certo. Tudo ficará bem! – garantiu Dona Violeta, tentando me tranquilizar.

Olhei para minha mãe e ela balançou a cabeça, assentindo. Andei até Tristan, me ajoelhei na grama e observei seu rosto se contorcer de dor.

– O que posso fazer? – Minha voz não era mais que um sussurro. Eu me sentia inútil. Peguei uma das mãos de Tristan, da mesma forma que ele havia feito comigo alguns minutos atrás. Ou será que aquilo havia sido apenas um sonho? De qualquer forma, dessa vez minha mão, em vez de atravessar a dele, encontrou um corpo sólido.

O toque gerou mais uma vez ondas de choque nas pontas dos meus dedos. Tristan gemeu, mas logo pareceu relaxar e as convulsões se tornaram mais espaçadas. Olhei, surpresa, para Dona Violeta, mas ela apenas assentiu, aparentemente aliviada. O que havia acontecido ali?

– Você pode levá-lo para a sua casa? – Dona Violeta perguntou para a minha mãe. – Só até conseguirmos resolver toda essa confusão.

– Tu... tudo bem. Joey, querida, você acha que consegue ajudá-lo a andar?

– Não sei. Posso tentar – murmurei.

– É só mantê-lo perto de você e ambos ficarão bem. – Dona Violeta aconselhou enquanto se virava para ajudar a mais velha das senhorinhas, Meg. Dona Violeta segurou um dos ombros da idosa e Margareth assumiu o outro lado.

– O que significa *tudo isso*? – perguntei quando elas começaram a se afastar.

– Vamos, querida. Temos que levá-lo para casa. – Minha mãe se ajoelhou ao meu lado.

Coloquei a palma que não estava tão machucada sobre o peito de Tristan. Senti um formigamento ao tocar nele.

– Tris, você pode me ouvir? Acha que consegue se levantar? Por mim? – implorei.

Ele concordou, esforçando-se para abrir ao menos um pouco as pálpebras pesadas. Minha mãe e eu o ajudamos a levantar e fechamos bem o casaco ao redor do corpo dele. Eu esperava que ninguém percebesse que havia um garoto nu ali dentro

quando caminhássemos para fora dali. Conseguimos levá-lo aos tropeços pelas alamedas do cemitério, apoiado em nossos ombros. Quando chegamos aos portões, as pessoas ainda entravam e saíam, mas ninguém prestou atenção na gente. De qualquer forma, estavam todos muito bêbados ou distraídos para se importarem com o que quer que fosse.

Deixamos o cemitério tão anônimas quanto entramos.

Alguns minutos depois de todos terem ido embora, uma figura escura surgiu na praça oval.

Usava um manto pesado e desbotado que cobria quase todo o rosto pálido. Era alto, muito magro e movia-se com rapidez. O manto cinza esvoaçava no vento cortante. Ele, entretanto, não se importava com o frio. Jamais sentia frio. Nem calor ou qualquer outra coisa.

Aquelas eram sensações mundanas e ele estava longe de ser humano ou de pertencer a este mundo.

Olhou ao redor. Ficaria confuso ou levemente irritado se sentisse alguma emoção. Entretanto, as emoções, assim como as sensações, eram para os humanos. Ele apenas sentia a obrigação de seu propósito. Farejou o ar. Cheirava a magia.

E ele estava atrasado. Apenas por alguns segundos, mas, ainda assim, atrasado.

Porém daria um jeito de resolver essa situação. Sempre resolvia as coisas. Esse era o seu trabalho, o motivo de sua existência: consertar as coisas que estavam erradas ou que escapavam da ordem natural. Ele organizava e corrigia os muitos, os inúmeros erros que aconteciam por aí. E sempre havia tanto a ser feito, tanto caos em curso o tempo todo...

Ele caminhou em silêncio ao redor do gramado. Um grupo de jovens surgiu, gritando, empolgado, com garrafas nas mãos. Não se preocupou com eles. Sabia que não podiam vê-lo.

Os do seu tipo nunca eram vistos. Jamais. Essas eram as regras.

Os jovens bêbados passaram por ele sem fazer a menor ideia da figura coberta por um manto ali de pé, a apenas alguns centímetros, a observar, analisar, não eles, mas um minúsculo ponto negro na grama.

Ele se ajoelhou ali perto e o tocou. Sangue humano. Escuro, molhado.

Não havia dúvida de que o ar espalhava a essência ancestral de magia poderosa. Toda magia dessa natureza necessitava de uma oferta de sangue.

Ele cheirou a minúscula gota na ponta de um dos dedos. Aquele era o seu rastro, o seu guia. Podia seguir o sangue até sua fonte. Sempre os encontrava: os “erros”. Ele os encontrava e os corrigia. Era apenas uma questão de tempo.

Desapareceu tão silencioso e rápido quanto havia aparecido, sem deixar vestígios.

Enfim chegamos em casa. Levamos quinze minutos para chegar, mas pareceu que havia sido muito mais.

Nós meio que andamos e meio que arrastamos Tristan até o sofá e me joguei na poltrona ao lado dele. Sentia como se um caminhão houvesse passado por cima de mim.

– Bem, essa noite de Ano-novo foi um inferno – minha mãe murmurou. Ela se sentou ao lado de Tristan e colocou uma das mãos na testa dele para checar a temperatura. – Meu Deus, ele está ardendo de febre.

Ela foi até o armário do corredor e trouxe uma toalha, alguns lençóis e um cobertor bem quente. Minha mãe secava a testa e o cabelo de Tristan com a toalha quando senti uma onda de náusea me atingir como se eu houvesse batido contra um muro de tijolos e meu estômago finalmente desistiu de segurar seu conteúdo. Cobri a boca com uma das mãos e subi as escadas mais que depressa em direção ao banheiro. Minha mãe surgiu ao meu lado no banheiro e segurou o meu cabelo enquanto eu vomitava.

Essa cena se repetiu mais três vezes. Na quarta, ficou óbvio para mim que minha mãe começava a ficar apavorada. Não sabia quantas vezes uma pessoa era capaz de vomitar em uma única noite, mas aposto que eu iria entrar para a história. Nem tinha mais nada para vomitar. Meu estômago simplesmente se contraía com espasmos vazios. E a minha cabeça! Meu Deus do Céu! Parecia que a minha cabeça ia explodir.

– Já chega. Há algo muito sério acontecendo com vocês dois. Vou levá-los para o hospital! Vá lá para baixo e espere por mim. E onde eu deixei as chaves do carro? – minha mãe resmungou, claramente aterrorizada.

Eu me arrastei escada abaixo, parando na porta da sala. Eu me sentia terrível. Queria apenas me encolher em um cantinho

e morrer. Olhei para a sala de estar e lembrei que tinha que dar uma olhada em Tristan. Ele estava deitado, inconsciente, no sofá, com os olhos fechados, o rosto pálido, como se estivesse morto. O cabelo estava encharcado de suor e ele tinha voltado a tremer. Andei até a sala, devagar, e me sentei no chão, em frente ao sofá.

Apoiei a cabeça no assento do sofá e estendi um dos braços, descansando a mão sob o peito nu de Tristan. A sensação de formigamento retornou, aguda e forte, e, para minha grande surpresa, imediatamente me senti melhor, como se alguém houvesse acabado de me dar uma dose do mais impressionante e poderoso remédio já criado.

Suspirei aliviada. A dor de cabeça recuou de forma nada natural e meu estômago se acalmou. Olhei para Tristan e foi então que entendi tudo. Minha mãe descia as escadas às pressas, com as chaves do carro em uma das mãos e a carteira na outra quando gritei para ela:

– Mãe, a gente não entendeu direito. – Lancei um sorriso fraco para ela. – Estou bem agora. Não precisamos ir ao hospital. Tudo que preciso é ficar perto dele. Foi isso que a Dona Violeta disse. Toda vez que me afasto dele, me sinto mal, mas, quando me aproximo de novo, melhora. E veja: ele estava tremendo e suando em bicas há poucos minutos, mas agora parece melhor.

– É, ela disse que se você ficasse perto dele, os dois ficariam bem – minha mãe lembrou, pensativa. – Nada na noite de hoje tem seguido lógica alguma, posso até acreditar nisso.

– Acho que vou ficar por aqui mais um pouquinho. – Deitei a cabeça no sofá e pensei em descansar os olhos por alguns segundos.

Mal me recordo de minha mãe lutando para me erguer e me ajeitando no sofá ao lado de Tristan. Em seguida, ela nos cobriu, deixando tudo macio, quente e seguro.

Lembro-me de sentir a respiração dele, o calor que irradiava de seu corpo e o odor de suor que se mesclava com seu próprio

cheiro natural. E o formigamento que tomou conta de todo o meu corpo a noite inteira...

Acordei deitada no chão, mas o chão me parecia estranho porque era macio e granuloso debaixo de mim. Quando levantei, percebi que, estava deitada na areia. Uma areia prateada, quente, fina. Aparentemente, não havia mar, apenas um belo deserto que ia até onde os olhos podiam alcançar. Podia ver tudo com perfeição.

Havia um ponto escuro lá longe na areia. Alguém estava ali. Andei devagar na direção da pessoa, já que não havia mais nada para fazer naquele lugar desconhecido. Quando me aproximei, vi que, na verdade, era uma menina, tinha por volta da minha idade, talvez fosse um ou dois anos mais nova. Estava sentada na areia, esperando que eu me aproximasse. Tinha cabelo preto e comprido, olhos redondos e escuros iguais aos meus, porém usava bastante sombra e delineador. Também usava vários colares e pulseiras, um top esfarrapado, calças e botas, tudo tão negro quanto o céu acima de nós.

Ela me olhou com curiosidade e, apesar da maquiagem carregada, o rosto da menina era quase angelical.

– Olá – cumprimentei.

– Oi – ela respondeu.

– Esse é um sonho estranho – murmurei para mim mesma.

Ela franziu a testa como se não pudesse discordar mais.

– Por que você está aqui, Joe? – a menina gótica me perguntou.

– Não sei. Simplesmente... estou aqui. Não é assim que os sonhos funcionam? – Ergui os ombros.

– Mas você não devia estar aqui. É melhor ir agora.

– Ir para onde?

– Qualquer lugar bem longe. Ele pode encontrar você aqui. – Ela olhou ao redor, desconfortável.

– Ele quem?

Olhei à esquerda dela e percebi que uma silhueta cinza borrada começava a aparecer.

– Acorde, Joe – ela ordenou. – Para o seu próprio bem.

Pisquei e quando abri os olhos de novo, os raios de sol invadiram meu campo de visão. Pisquei mais algumas vezes para tentar me adaptar à mudança de cenário. O céu escuro e sem lua deu lugar a um belo dia de sol.

Tentei despertar mais rapidamente, mas meus pensamentos pareciam lentos e embaçados. Olhei ao redor e percebi que não estava na minha cama, mas no sofá da nossa sala de estar. Trechos da noite anterior começaram a reaparecer em minha cabeça. Noite de Ano-novo, cemitério, fogos de artifício, dor... e fantasmas. Virei um pouco o corpo e me dei conta de que o braço de um garoto me envolvia em um abraço apertado. Era o braço de Tristan. Nós dois havíamos dormido no sofá! Sorri ao lembrar que estava esperando por um beijo à meia noite quando, na verdade, acabamos dormindo juntos. Bem, pelo menos literalmente, quero dizer...

As mãos dele envolviam as minhas sem apertá-las. Ele tinha dedos longos e finos. Mãos de pianista... As minhas pareciam tão pequenas por baixo das dele. Era algo tão íntimo, a maneira como ele me abraçava enquanto dormia. Podia sentir o seu rosto aninhando-se, confortável, contra a minha nuca e o calor de seu hálito em meu pescoço.

Eu me virei devagar para não acordá-lo. Ele suspirou profundamente, mas então rolou para o outro lado e voltou a dormir.

Eu estava livre para me mexer, então me virei para olhar para ele, com a cabeça descansando sobre o sofá. Ele dormia tão tranquilamente, as mechas de cabelo preto desalinhadas caindo sobre o rosto. O peito nu e bem torneado estava descoberto e movia-se para cima e para baixo no ritmo lento da respiração. Ele não tinha nem um único pelo no peito, apenas uma pequena trilha debaixo do umbigo que levava até... o sul.

O cobertor macio o cobria da cintura para baixo. Foi então que me lembrei de que ele estava nu debaixo daquela coberta e senti meu rosto corando imediatamente. Comecei a sair do sofá para lhe dar mais privacidade quando ele começou a piscar devagar, acordado pelo meu movimento.

Congelei, sem saber ao certo o que fazer. Ele pareceu confuso por um segundo, mas então virou o rosto na minha direção e seus olhos registraram minha presença. E sorriu. Rugas marcavam o canto dos seus olhos cemicerrados que brilharam sob a luz do sol banhando a sala. Aqueles olhos me deixaram sem fala.

– Os seus olhos ainda são... cinza... – murmurei para mim mesma.

Ele parecia confuso, como se isto fosse algo estranho de se ouvir dizer.

– E os seus ainda são negros como a noite – ele respondeu com suavidade.

– Como você está se sentindo? – eu quis saber, preocupada. Aquela havia sido uma noite difícil.

Ele ergueu o braço direito, flexionou os dedos e olhou para a mão como se fosse a primeira vez que fazia aquilo.

– Tudo dói. – Ele contraiu o corpo e depois abriu um sorriso largo. – E isso é ótimo!

Franzi a testa, perplexa.

– Desde quando é ótimo sentir dor em todo o corpo?

– É melhor sentir dor e estar vivo do que não sentir nada – ele disse em voz baixa. – Estar morto é uma droga.

Fiquei em silêncio por um minuto, pensando a respeito.

– Você devia ter me contado. Sobre a sua... condição – comentei com uma ponta de tristeza. – Você não confiou em mim.

Ele olhou para mim com uma expressão de culpa.

– Pensei que você ficaria assustada...

– Não me assusto fácil. Já falei isso.

– Eu sei. Sinto muito, Joey. – Tristan ergueu um dos braços na minha direção e acariciou meu rosto suavemente com as pontas dos dedos. Senti um leve formigamento, mas não como na noite anterior. A sensação era muito mais fraca agora. – Você é a pessoa mais corajosa que conheço – ele acrescentou. – E eu seria capaz de confiar a minha vida a você.

Olhei nos olhos de Tristan e vi o quanto aquilo significava para ele, a sinceridade daquelas palavras. E isso me fez sorrir.

– Lembra-se do que aconteceu no cemitério quando bateu meia-noite? – ele perguntou.

Fiquei em silêncio por um momento, tentando organizar minhas memórias, que pareciam areia movediça, escorrendo por entre meus dedos. Sentia como se tudo aquilo fosse um sonho que desaparecia pouco a pouco da minha mente após eu ter despertado.

– Na verdade não – confessei. – Tudo parece tão nebuloso e confuso.

– Olha, preciso contar uma coisa sobre ontem. – Ele ajeitou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, mas então percebeu algo e se calou.

– Ei, eu posso tocá-la! Você faz ideia do quanto isso é incrível? – Tristan sussurrou. O rosto dele se iluminou, fascinado.

Bem devagar, ele se inclinou, seu rosto se aproximando do meu lentamente. Eu podia sentir o calor da sua respiração em meu rosto. Mais um centímetro e seus lábios tocariam os meus...

## capítulo oito

### Compromisso

Aparentemente, o universo não concordava com esse beijo, porque a porta da frente se abriu com um estrondo naquele exato momento. A voz da minha mãe nos chamou, vinda do hall de entrada.

Tristan e eu demos um pulo no sofá de susto, surpresos por aquela chegada tão repentina. Eu me sentei com as costas retas, ajeitando o cabelo, enquanto ele puxava o cobertor até o peito e se erguia, apoiando os cotovelos no sofá..

Olhei para Tristan de relance e vi que ele parecia um pouco constrangido, com as bochechas levemente cor-de-rosa. Era a primeira vez que eu via alguma cor no rosto dele. Ele estava sempre pálido como um cadáver! Talvez isso fosse normal para fantasmas. Mas e agora? Tristan era humano?

Minha mãe entrou na sala carregando um monte de sacolas de compras. Ela deve ter encontrado as únicas lojas da cidade que abriam no Ano-novo.

– E aí, pessoal? Parece até que vocês estavam dormindo! – ela nos cumprimentou, animada.

– Hum. É, nós estávamos. Acordamos quando você bateu a porta ainda agora. – Menti na maior cara de pau. Olhei para Tristan e um sorriso quase imperceptível apareceu em seus lábios.

– Precisei sair. Fiquei preocupada em deixar vocês sozinhos depois da noite passada... mas vocês pareciam dormir tão bem

que resolvi arriscar. – Ela sorriu. – Falando nisso, vocês parecem estar muito bem.

– É, eu me sinto muito melhor. – Percebi o fato pela primeira vez naquele dia. Tristan apenas assentiu com a cabeça. – Que horas são?

– Quase três da tarde. Venha, Joe, me ajude a preparar alguma coisa para vocês comerem. Temos muito que conversar. – Ela apontou na direção da cozinha.

– Só um segundo. Vou trocar de roupa e escovar os dentes. Volto já. – Passei uma das mãos no cabelo e concluí que deveria estar horrenda, com meu velho moletom de dormir e aquele cabelo que mais lembrava um ninho de passarinho. Que vergonha!

– Tudo bem. Tristan, não pude esperar que você acordasse para perguntar que tipo de roupas prefere, então decidi por mim mesma. A garota da loja me ajudou a escolhê-las. Ela garantiu que estão na última moda e que são muito... “da hora”! – minha mãe comentou, sem ter muita certeza se essa era a gíria do momento. – Eu não sabia o seu tamanho, mas tentei adivinhar. Espero que sirvam! – Ela passou a montanha de sacolas para Tristan.

Ele as pegou ao mesmo tempo em que tentava se cobrir, o que resultou em uma pequena avalanche de sacolas caindo ao seu redor. Típico da minha mãe. Sempre que ela precisa lidar com situações estressantes, vai fazer compras para relaxar! Pela quantidade de sacolas no colo de Tristan, ela já devia estar bem calminha.

– Mu... muito obrigada, Sra. Gray. Não sei como poderei retribuí-la... – ele começou, mas minha mãe o interrompeu.

– Bobagem. São só umas coisinhas e, além do mais, você não pode sair por aí enrolado em cobertores. – Ela recusou a agradecimento de Tristan. – Joey! O que ainda está fazendo aí? Vamos. Ande! Tristan, o banheiro fica no andar de cima. É a primeira porta à esquerda no corredor. Não precisa ter pressa. Estaremos na cozinha, ok? Pode me chamar caso precise de

alguma coisa. Quando você estiver vestido e tivermos comido, vamos ter uma conversa séria.

Ela se virou e andou em direção à cozinha. Minha mãe era como um tipo muito especial de furacão. Dei de ombros, sorri para o rosto surpreso de Tristan e subi as escadas correndo para me arrumar e parecer mais apresentável.

Logo já estava pronta e voltei para baixo, toda alegre com o meu jeans novo, meu suéter preferido e o cabelo preso no rabo de cavalo de sempre. Dei uma espiadela na sala de estar. Tristan não estava lá, mas eu ouvia um barulho de água corrente no banheiro do corredor. Fui até a cozinha e encontrei minha mãe, que fritava alguns ovos no fogão.

– E aí, mãe? Estou aqui. O que posso fazer pra ajudar?

– Pode colocar a mesa. Pegue os copos, suco de laranja, leite. Estou pensando em fazer um *brunch* caprichado para vocês dois. Que tal?

– Parece ótimo – respondi, inquieta.

– Está tudo bem com Tristan? – ela quis saber ainda virada de costas para mim.

– Acho que sim. Ele está no banheiro.

– Sabe, se eu não tivesse sido testemunha de toda aquela coisa, nunca teria acreditado – minha mãe comentou, pensativa.

– Estou tentando não pensar muito no que aconteceu. Foi tão surreal – murmurei.

– Joey, querida. Você sabe que precisamos conversar a respeito, não é? Quero dizer, tudo isso é tão louco. Você realmente acredita no que aquelas senhoras falaram? Você acha que Tristan é mesmo um... um fantasma? – Ela se virou para me olhar direto nos olhos.

Eu me contorci no meu banco, desconfortável.

– Não sei o que pensar, mãe, honestamente. Dei um soco no peito dele na noite passada e minha mão o atravessou! E você não conseguia vê-lo, apesar de fazer dias que eu encontrava e conversava com ele! – eu disse com a voz trêmula..

– E era lá que vocês se viam? No cemitério?

Balancei a cabeça fazendo que sim, olhando para o meu colo.

– Sei que eu deveria ter lhe contado. Desculpe, mãe. Mas você iria transformar a coisa em um carnaval, iria dizer que era perigoso. E eu sabia que estava segura com Tristan!

– Como você poderia saber disso, Joey? Você tinha acabado de conhecer o menino! – ela retrucou, irritada.

– Eu simplesmente sabia, ok? Quer dizer, olhe só para ele! Você acha que ele é capaz de machucar alguém? Ele é tão educado, gentil e doce!

– Você está deixando que seu julgamento seja influenciado pela beleza dele. – Ela abriu um sorriso de quem sabia das coisas.

Minhas bochechas queimaram de vergonha.

– Não é nada disso, mãe! Ele é meu amigo! Tudo bem, o Tristan mentiu sobre esse lance de “fantasma”, mas depois explicou tudo! Ele tinha medo da minha reação. E você teria como culpá-lo? Eu quis sair correndo no momento em que soube que ele era um fantasma! Essa não é uma notícia muito fácil de se dar à uma pessoa – grunhi enquanto brincava com a costura do meu suéter.

– Eu sei, mas, querida, que diabos aconteceu na noite passada? – Minha mãe arregalou os olhos ao se lembrar da materialização de Tristan.

– Não tenho certeza... Acho que tem algo a ver com o Anonovo e o cemitério... Dona Violeta deve saber de alguma coisa. Ela estava lá com as duas amigas. Parecia saber o tempo todo que Tristan era um fantasma – murmurei tentando juntar as peças do quebra-cabeça. Por acaso uma das velhinhas não haviam mencionado que elas eram bruxas?

Minha mãe assentiu.

– É, eu também acho. É por isso que a convidei para conversar com a gente hoje. Talvez ela possa lançar alguma luz sobre todo esse mistério. E talvez esse garoto também possa nos dar algumas respostas. – Ela fez uma pausa e respirou fundo. Então balançou a cabeça, espantando alguns pensamentos. – De qualquer forma, como eu já disse, podemos

conversar sobre isso depois de colocarmos alguma coisa no estômago, certo? – E continuou a preparar os ovos mexidos.

Olhei para as costas dela, rangendo os dentes, sentindo-me culpada.

– Mãe?

– Sim, querida.

– Sinto muito por toda essa confusão. De verdade. Sinto como se tudo isso fosse minha culpa. Eu deveria saber que algo estava errado. Quero dizer, os sinais estavam todos ali! Ele nunca saía do cemitério, passava o dia inteiro lá. E Tristan jamais me tocou, nem mesmo um aperto de mãos rápido. E ele parecia tão sozinho e triste – eu disse, olhando para os meus próprios pés.

– Joey, por favor – ela me interrompeu, tirando a panela do fogo por um segundo e se virando para mim. – Não é culpa de ninguém. Não foi sua. Nem dele. Tristan deve estar apavorado agora, você consegue imaginar? E ele é seu amigo, é óbvio que você se importa com ele. Por isso, faça o seu melhor para ajudá-lo a passar por tudo isso, certo? Não se preocupe. Vamos dar um jeito.

Suspirei, aliviada.

– Obrigada, mãe. – Eu sabia que sempre poderia contar com ela. Minha mãe era a melhor!

Ela me lançou um sorriso reconfortante, assentiu e voltou a cozinhar.

– Então esse é o menino que tem mantido você ocupada desde que chegamos, não é? – ela perguntou, sem olhar para mim.

– Hum... é ele sim.

– Ele é bem bonitinho – minha mãe disse e tenho certeza de que prendia o riso, mesmo estando de costas para mim.

– Está certo, mãe. Já sei aonde você quer chegar com essa história. – Revirei os olhos.

– O quê? Eu não disse nada! Só estava comunicando a você minha opinião a respeito da aparência dele, só isso. Tristan parece ser um jovem adorável. Muito bonito.

Ouvimos alguém limpar a garganta na entrada da cozinha e me virei para ver Tristan apoiado no batente da porta. Ele nos observava e algo lampejou em seus olhos por um segundo. Cogitei perguntar se ele havia entreouvido nossa conversa, mas, assim que meus olhos arregalados pousaram nele, não consegui pensar em mais nada. Fiquei totalmente sem palavras.

– Ah, meu Deus! Olhe para você! – minha mãe exclamou. – Está adorável!

*Adorável* definitivamente NÃO foi a descrição que veio à minha mente. Acho que megagostoso combinava mais.

Tristan vestia jeans largos – que minha mãe deve ter escolhido para ter certeza de que iriam lhe servir –, uma camiseta azul que caía perfeitamente sobre o corpo dele e um par de tênis. Ele parecia muito, muito bem. Muito *mesmo*! Seu cabelo estava um pouco bagunçado ao vestir a camisa que lhe dava – mesmo que de forma involuntária – o estilo que a maioria dos garotos buscava hoje em dia: um penteado “estilosamente desarranjado”. Esse novo visual era bastante moderno e bem diferente das roupas alinhadas e formais que ele costumava usar antes. Do estilo monocromático às cores vibrantes, vívidas, com um azul cor do mar. Era como se uma velha fotografia ganhasse vida, em uma imagem de tirar o fôlego. Ele nos olhou ansioso, esperando por nossa reação.

– Está tudo bem? – ele perguntou, cheio de dúvida. – Isso parece meio estranho para mim. Os garotos não costumam frequentar muito o cemitério, por isso não tenho no que me basear – ele murmurou, enfiando as mãos nos bolsos do jeans. – E essa não é como as calças jeans que eu usava quando estava... bem... vivo.

– Ah, está tudo bem – respondi. As palavras saíam devagar enquanto eu tentava tornar minha voz estável. – Está... bom.

– Venha se sentar, Tristan. Seus ovos com bacon já estão quase prontos.

Minha mãe fez um gesto com a cabeça em direção à mesa. Em seguida virou-se para mim e mexeu os lábios dizendo um

*Meu Deus do Céu* silencioso. Balancei a cabeça, desesperançosa. Ela não ia parar de me amolar com isso nunca!

– Joey, querida, sente aqui, ao lado de Tristan. Vou fazer o seu prato. Também há pão e frutas. Sirva Tristan, meu bem – ela ordenou, andando de um lado para o outro pela cozinha.

Sentamos à mesa e nos olhamos. Os olhos de Tristan estavam agora estranhamente azuis.

– Que esquisito. Agora os seus olhos estão azuis – comentei, curiosa.

Ele olhou para a camisa nova e abriu um sorriso tímido.

– Na verdade, eles ainda são cinza. Dei uma conferida no espelho do banheiro. Eles estão refletindo a cor, acho eu. Da camiseta. – Ele apontou para a camisa azul.

– Então se você usar uma camiseta verde, os seus olhos ficarão verdes?

– Creio que sim. – Ele disse parecendo não se importar muito com esse fato extraordinário.

– Isso é *tão legal*. Você pode mudar a cor dos olhos. – Fiquei com um pouco de inveja.

– Na verdade eles não “mudam” de cor. São sempre cinza, mas entendi o que você quis dizer. – Tristan estava um pouco impaciente com minha obsessão pelos olhos dele. Foi então que seu estômago roncou alto. Ele corou, envergonhado. – Desculpe. Estou... realmente com fome. – Ele encarou o prato. – Esqueci como era.

– Como era o quê?

– Você sabe, sentir fome – ele disse, pondo uma das mãos sobre a barriga.

– Esse é um dos muitos benefícios de estar vivo. Ainda está feliz com sua nova condição? – Dei uma risadinha.

– Sim. Ainda estou feliz. – Ele abriu um sorriso suave, embora seus olhos demonstrassem uma imensa felicidade.

Aquilo me tocou de tal forma que foi a minha vez de olhar para o meu prato em um silêncio desconfortável, mas que não durou muito. Minha mãe logo surgiu com dois pratos cheios até a boca de ovos com bacon.

– E lá vamos nós! Comam, vocês dois! – ela ordenou.

Tristan comeu em silêncio, concentrado na comida, enquanto eu e minha mãe falávamos sem parar sobre o que havia acontecido na noite anterior, recontando o incidente a partir de nossos pontos de vista. Tentamos não perguntar nada para Tristan no intuito de lhe dar mais tempo para se adaptar e se sentir mais à vontade, para que ele pudesse começar a confiar na gente. Mesmo assim, minha cabeça zunia com mil perguntas. Quando ele havia morrido? E como? Ele agora era totalmente humano? Ele envelheceria? Sabia o que havia acontecido no cemitério e por que passou a estar vivo? Vez ou outra, ele nos olhava de relance. Sua expressão se alternava entre confusão e a de quem evita algo. Mesmo assim, ele se manteve em silêncio. Quando terminamos de comer, ele se levantou e pegou os pratos.

– Não se preocupe, Sra. Gray. Eu lavo a louça. Obrigada pela refeição maravilhosa. Estava tudo uma delícia!

Minha mãe ergueu as sobrancelhas para mim, claramente impressionada. Seja lá de onde Tristan tivesse saído, as pessoas de lá tinham muito boas maneiras!

A campainha tocou e minha mãe deu um pulo.

– Querida, olha a hora! Ela já está aqui. Dona Violeta veio nos visitar. – Minha mãe se levantou. – Ela vai querer falar com todos nós. Tristan, pode deixar essa louça aí. Não se preocupe. Os pratos não vão fugir.

Tristan franziu a testa e, relutante, deixou a louça em cima da pia. Obviamente não queria ter essa conversa. Seu súbito mau humor deixava isso bem claro.

Fomos para a sala de estar enquanto minha mãe atendia a porta. Cumprimentamos Dona Violeta quando ela entrou e todos nos sentamos: Tristan no sofá ao meu lado e minha mãe e Dona Violeta nas poltronas ao lado do sofá.

– Como está sua amiga, Dona Violeta? – perguntei, lembrando-me do quão frágil uma das senhorinhas parecera na noite anterior.

– Ela está bem agora, querida. É muita gentileza sua perguntar. Na verdade, na noite passada ela me ajudou a decifrar parte do mistério em que você se meteu.

– Eu... eu me meti?

– Com a ajuda do seu amigo fantasma, evidentemente.

Algo negro irradiou dos olhos de Tristan enquanto ele encarava Dona Violeta.

– Agora, sobre essa pequena atribulação que vocês estão enfrentando. – Ela se virou para mim e parecia não se importar com os olhares de Tristan. – Pesquisamos a árvore genealógica da família Gray até onde nos foi possível, dada a escassez de tempo. A internet é uma coisa maravilhosa, minhas queridas – ela comentou, surpreendendo tanto eu quanto minha mãe. – Ao que tudo indica, há sangue de bruxa em sua linhagem, por isso você foi capaz de ver Tristan quando ele ainda era um fantasma, Joe. E foi provavelmente por isso foi capaz de lançar um feitiço, mesmo sem se dar conta. A magia dentro de você ainda não foi domada, mas é realmente muito forte. E parece que você já a desenvolveu bastante por conta própria.

– Sério que eu sou uma bruxa? – exclamei surpresa.

– Sempre falo sério, querida – disse ela, um pouco ríspida. – Mas não, não foi isso que eu disse. Você tem potencial, mas ser uma bruxa de verdade requer trabalho, treino, comprometimento, muita prática e estudo.

– Isso não faz o menor sentido. – Balancei a cabeça, em negação. – Não tem nada de mágico acontecendo aqui. Sou só Joey, simples assim. E bruxas não existem.

– Ah, então quer dizer que você não tem dificuldade em aceitar fantasmas que voltam à vida, mas não acredita em bruxas? Isso é engraçado – Dona Violeta zombou, levemente ofendida.

– E... eu... Não foi isso o que eu quis dizer. Só estava falando que não tenho nenhum sangue de bruxa, nem nada do tipo – eu me corriji e olhei para Tristan.

Suspeita passou pelos olhos dele. Será que ele achava que eu estava mentindo?

– Estou falando a verdade! – repliquei para ele. – Como você pode achar isso?

– Como você sabe o que ele estava pensando? – Dona Violeta apertou os olhos na nossa direção.

– Eu simplesmente... vi. Nos olhos dele – murmurei, confusa.

– Ela sempre faz isso – disse Tristan, baixinho. – Até mesmo quando eu era um fantasma. Joe sempre sabe exatamente como me sinto só de olhar para mim. Isso vem me incomodando há um tempo já. Não sei como ela faz isso. Mas ela é sempre muito... precisa.

– Não se trata exatamente de telepatia. É mais uma visão empática. Você precisa de contato visual, não é? Você consegue decifrar os sentimentos da outra pessoa. Bastante útil – Dona Violeta me disse.

– Todo mundo pode fazer isso. É algo normal, não é, mãe? Você não acabou de perceber suspeita nos olhos do Tristan? – perguntei, desnorteada.

– Não, querida – discordou Dona Violeta. – Apenas o vimos olhar para você. Nada mais. A expressão no rosto dele era bastante inexpressiva. Não sei o que ele estava pensando ou sentindo e sou uma boa observadora do comportamento humano. Já estou nesse mundo há muito tempo. Sei como decifrar as pessoas. E ele não estava deixando escapar nada.

Lancei um olhar de súplica para minha mãe, pedindo silenciosamente por sua ajuda.

– Você sempre teve uma ideia bem clara dos sentimentos das pessoas – disse ela, pensativa. – Eu pensava que você era apenas muito perspicaz, mas é sempre assustadoramente precisa. Eu me acostumei com isso ao longo dos anos, mas os estranhos às vezes percebem, não é mesmo? Lembra que os seus amigos da escola antiga costumavam dizer que isso às vezes os assustava? Depois de um tempo, você parou de verbalizar suas interpretações, mas ainda assim podia perceber os sentimentos dos outros, não é? – ela me perguntou.

Mordi o lábio e me revirei, desconfortável, no assento do sofá.

– E esse feitiço que você mencionou, Dona Violeta? O que realmente aconteceu na noite passada? Você tem alguma teoria que nos dê alguma pista? – Minha mãe finalmente resolveu fazer a pergunta que valia um milhão. Não parecia irritada com todas essas revelações que aconteciam na sala de estar da casa dela. Talvez suspeitasse que havia “sangue de bruxa” na nossa família e estava apenas tirando a dúvida.

– Bem, estamos tentando descobrir, mas parece que Joey conseguiu ativar um feitiço muito poderoso. Sabíamos que algo iria acontecer. Minhas amigas e eu vimos alguns sinais. Foi por isso que eu estava indo ao cemitério com mais frequência nas últimas semanas, para ver se pescava alguma coisa. Suspeitei que tinha algo a ver com a menina, com você, Joe, quando a vi conversar com o garoto fantasma sem perceber o que ele de fato era. Depois disso, pedi que meu marido ficasse de olho nela... em você. – Ela olhou para mim. – Porém jamais pensamos que isso pudesse acontecer. Trazer de volta os mortos... um ato complicado e perigoso. Sem mencionar que é extremamente difícil. Envolve muitos elementos poderosos que devem ser combinados ao mesmo tempo, além de ser necessário um imenso poder. Nunca soubemos quais seriam tais elementos, mas, pelo que observamos na noite passada, agora temos uma vaga ideia. Aparentemente havia sete pessoas presentes ontem. Sete é um número poderoso para a magia. Cinco elementos foram combinados: fogo, ar, água, terra e o mais importante, aquele que faz a conexão entre o garoto e a menina. O local e o horário também foram importantes. Tudo isso foi combinado naquele lugar, no centro exato do cemitério, no momento em que o ano velho terminava e um novo tinha início. O resultado está bem aqui, sentado no sofá da sua sala, vivo e respirando pela primeira vez em quanto tempo? Sessenta anos? – Ela se virou para Tristan.

Tristan morrera havia sessenta anos? Isso significava que estava vivo na década de cinquenta. Não era de se estranhar que suas maneiras e vocabulário fossem estranhos. Mas o que Dona Violeta também havia dito?

– Sete pessoas? Tem alguma coisa errada nessa conta. – Comecei a contar nos dedos. – Você e as suas amigas eram três. Comigo e com a minha mãe temos cinco pessoas.

– Esqueceu do Menino Fantasma aí do seu lado? – Dona Violeta ergueu uma das sobrancelhas.

– Ah, sim. Não sabia que um fantasma podia contar como “pessoa”. Desculpe, Tris. Mas mesmo assim temos apenas seis.

– Sim, havia algo mais. Uma coisa muito importante. Você não percebeu porque estava em transmissão durante o feitiço, mas estava bem ali. – Dona Violeta evitou os meus olhos.

– “Uma coisa”? – eu quis saber.

A velha senhora ignorou minha pergunta e após alguns segundos sob seu olhar intimidador, resolvi esquecer esse detalhe por enquanto.

– Ok, sete pessoas. – Contei de novo. – E cinco elementos... fogo, ar, terra, água e algo mais.

Mentalmente identifiquei o que representara cada um deles. Fogo. Das velas. Lembrei-me de como as chamas estavam vívidas no momento em que bati a cabeça. O ar era o vento. Eu me recordava de como o vento estava cortante, como soprara sobre todo o meu corpo. A terra entre meus dedos enquanto eu me encontrava deitada na grama.

– O que era a água? E esse elemento a mais?

– Você chorava. Essa é a parte da água – Tristan se lembrou.

– Eu? – Não me lembrava de ter chorado. Tudo aquilo parecia ser uma memória distante, enevoada. – E essa outra coisa?

– Você se cortou ontem? – Dona Violeta perguntou.

Virei as palmas para cima. A queda havia causado pequenos cortes e arranhões em ambas.

Ela sorriu ao me ver encarando as mãos arranhadas.

– O sangue é um ingrediente poderoso para feitiços. Ele criou o elo entre você e o garoto, fazendo com que o encanto funcionasse. O sangue selou o acordo.

Lembro-me de que tudo ficou escuro e não conseguia mais ver Tristan, mas podia senti-lo por perto. Senti algo nos lábios. E um agulhadas causadas por um tipo de energia... acho eu.

Minha memória não passava de um borrão, como se eu enxergasse através de um vidro distorcido. Mas acredito que foi nesse momento que o feitiço se concluiu. O toque final. No segundo em que os lábios de Tristan tocaram os meus, um solavanco jogou meu corpo para trás e Tristan apareceu do nada.

– E esse feitiço tem um preço. Toda magia tem – Dona Violeta continuou. – Pode ter certeza de que será cobrado, com juros altos. O garoto deveria ter pensando nisso antes de se meter nessa história. – Ela revidou para Tristan.

Eu me virei para ele, seus braços cruzados sobre o peito, na defensiva.

– Você sabia que isso iria acontecer? – perguntei a ele, surpresa.

– Eu... eu... Não! Era isso que eu queria lhe contar antes, quando... acordamos. Ouvi uma história maluca, daquele meu amigo sobre quem já falei, você sabe, aquele que diz umas coisas sem pé nem cabeça sobre magia antiga. Ele me contou que seria possível ter uma segunda chance de viver. Havia uma canção, um poema ou algo do gênero. Não me lembro bem o que era. Dizia que isso seria possível, uma segunda chance verdadeira de viver caso houvesse uma alma viva capaz de nos ver. E, quando você fez isso, Joey, quando você me viu e falou comigo, pensei que poderia ser possível... viver de novo. Eu tinha só dezessete anos quando... morri. E estive preso no cemitério desde então. A canção falava sobre aquele lugar especial no centro do cemitério. E isso é tudo. Eu não tinha o menor conhecimento sobre o feitiço que nos atou ou de qualquer taxa! Juro! Se eu soubesse que isso poderia prejudicá-la de qualquer maneira, jamais... – ele se calou, incapaz de continuar.

– E agora que o seu pedido se tornou realidade, garoto, o que você vai fazer? – Dona Violeta quis saber, firme.

*Muito cuidado com o que você deseja...* minha mãe costumava a dizer quando eu era pequena. Tristan desejara

viver. Agora tinha que lidar com o fato de seu pedido ter se tornado realidade.

– Eu... eu não sei. Mas vou descobrir! – ele rebateu ao mesmo tempo em que o medo cruzava seus olhos.

– O mal estar que vocês tiveram ontem à noite não irá parar, você sabia disso, garoto? É um efeito colateral do feitiço lançado por Joe. Um preço que vocês terão que pagar pelo elo mágico que criaram. Pesquisei a noite inteira sobre o assunto. É algo cíclico. Acontecerá periodicamente. E vocês terão que estar juntos quando isso ocorrer. O que você fará a respeito, menino? Será que para viver de novo vale a pena colocar em risco o bem-estar da menina? Ou vale a pena tê-la acorrentada a você?  
– A voz dela era firme e decidida.

– Não! Eu não sabia que isso iria acontecer! Não sei o que vou fazer, ok? Eu... não sei. Jamais quis machucá-la. Joey, você precisa acreditar em mim! – Ele parecia desesperado e se virou, raivoso, para Dona Violeta. – Por que você me odeia tanto, sua velha?

– Eu não o odeio, mas seu lugar não é aqui, filho. Você sabe disso – ela disse secamente.

– Não, não sei de nada disso. Quem falou que meu lugar para toda a eternidade é o cemitério e não aqui? Por que fiquei preso lá durante todos esses anos se não era para acabar assim? Não quero desaparecer ou deixar de existir! Todo mundo sempre tem uma segunda chance. Por que eu não posso ter também? Quem é você para dizer que eu não mereço? – Tristan gritou, seus olhos repletos de lágrimas e incerteza.

– Tudo bem. Calma. – Minha mãe se levantou. – Já ouvi o suficiente. Tristan, você não fez nada de errado e tenho certeza de que não quis causar nenhum mal quando convidou Joey para ir ao cemitério ontem. Sempre achei que todos merecem uma segunda chance, na vida ou na morte. Assim, temos que fazer o melhor para que você possa aproveitar a sua segunda chance. Creio que você não tenha mais uma família que possa cuidar de você, por isso fica decidido que ficará aqui com a gente. Vamos enfrentar isso juntos e vou fazer de tudo para que você e Joey

permaneçam sãos e salvos. – Ela sorriu gentilmente para Tristan. – Vamos inventar uma história. Podemos dizer que você é primo de Joey, ou algo parecido. E que vai morar com a gente de agora em diante. Mas preciso que vocês me deixem sozinha com Dona Violeta por um minuto. Precisamos conversar em particular.

Olhei de relance para Tristan. Ele estava encurvado ao meu lado, esfregando os cantos dos olhos com raiva. Ele assentiu educadamente para minha mãe, com os lábios apertados pelo nervosismo e a testa franzida. Levantou-se e andou em direção à porta da frente sem lançar mais que um olhar para Dona Violeta.

– Eu... eu... Eu vou conversar com ele. Acalmá-lo. – Eu também me levantei. – Obrigada, Dona Violeta, por vir aqui e explicar todas essas coisas para nós. Ficaríamos totalmente perdidas se não fosse pela senhora. Ele... ele não queria gritar com você. Só está muito, muito assustado. Mas posso ver nos olhos dele que se importa comigo. Tristan nunca me faria mal. Ele tem um bom coração. Vou ver como ele está agora. – E corri para o lado de fora.

Tristan estava apoiado na mureta de tijolos na frente da casa, com os braços cruzados sobre o peito, olhando para o chão e com uma expressão nebulosa no rosto. Parei ao lado dele, com as mãos cruzadas nas costas. Nunca havia o visto tão aborrecido. Aparentemente, estar vivo lhe trouxe um novo conjunto de emoções fortes.

Também percebi que ele passara a evitar os meus olhos. Mas que ótimo. Ele nunca mais iria olhar para mim de novo agora que sabia o que eu de fato era capaz de ver.

– Joey... se é mesmo verdade o que você pode fazer... com essa sua leitura dos olhos... você acredita em mim quando digo que nunca quis causar nenhum mal? Que você é realmente muito importante para mim, que jamais quis lhe fazer nada de ruim? – Ele ergueu a cabeça e me olhou diretamente nos olhos.

Mas eu não precisava de nada disso para saber a verdade.

– Não consigo fazer isso o tempo todo – sussurrei, olhando para o chão. Naquele momento, precisava que Tristan acreditasse nessa mentira, ou ele nunca mais me olharia com a guarda baixa. Jamais lhe diria que ler as emoções dele através de seus olhos era para mim algo tão natural quanto respirar. E eu não tinha como evitar. Era como me pedir para parar de ver quando estava com os olhos abertos. – Preciso me concentrar muito e às vezes não consigo ler absolutamente nada. Talvez se eu praticar bastante, como a Dona Violeta falou, a coisa até se torne mais simples, mas não é assim tão fácil. É como um curto-circuito, algo que vai e volta – menti ainda mais.

– Você poderia tentar agora? Preciso que você veja que estou sendo sincero. Que jamais machucaria você – ele insistiu.

– Tristan, eu sei disso. Acredito em você. – Segurei o rosto dele entre as mãos. – Tudo vai ficar bem, ok? Podemos fazer isso juntos!

A porta da frente se abriu e Dona Violeta caminhou para fora. Larguei Tristan mais que depressa e fiquei de pé ao lado dele. Ele deu um passo para trás, amuado, com os braços cruzados sobre o peito quando viu que Dona Violeta se aproximava. Ela parou bem diante dele.

– Tristan, querido, desculpe se fui muito dura com você lá dentro. Precisava saber quais eram suas verdadeiras intenções e as pessoas tendem a se entregar quando estão nervosas. Por isso o provoquei algumas vezes, para que deixasse transparecer seus verdadeiros sentimentos. Nem todos possuem a visão aguçada de Joey, certo? – ela disse com suavidade. – Tive de usar meus próprios meios para me convencer de que a menina não estava em perigo. Agora que sei disso, vou fazer o meu melhor para ajudar vocês dois. – Ela estendeu a mão para Tristan.

Ele suavizou seu rosto, descruzou os braços e a observou com cuidado. Em seguida, estendeu a mão para Dona Violeta e a apertou levemente.

– Desculpe por meus maus modos, senhora. Não queria ter gritado. Espero que me perdoe. Fui desrespeitoso.

Ela abriu um grande sorriso para ele, feliz pela paz ter sido restaurada.

– Ah, e antes que eu me esqueça, Rose pediu que eu lhe informasse que há algumas louças com o seu nome na pia da cozinha.

– Meu Deus! Tinha me esquecido completamente! Com licença, por favor. Preciso ir! – Tristan exclamou e correu para dentro de casa.

Dona Violeta se virou para mim.

– Joe, querida, conversei com sua mãe e ela prometeu que me manteria informada sobre qualquer progresso na sua situação. Se precisar de mim, sabe onde me achar: bem aqui na casa ao lado. – Ela me abraçou.

– Obrigada, Dona Violeta. Farei isso.

– E lembrem-se de ficar juntos. Assim tudo ficará bem. – Ela fez uma pausa antes de acrescentar, apreensiva. – Mas não muito, você sabe. Apenas o necessário para garantir que o ciclo do feitiço não se quebre. Do jeito que esse garoto olha para você, é melhor tomar cuidado com qualquer excesso de proximidade.

Meu rosto coloriu-se com todos os tons de rosa.

– Está tudo bem, Dona Violeta. Posso tomar conta de mim mesma. – Acenei, me despedindo, e caminhei de volta pra casa, aliviada por ela não ter percebido o jeito com que *eu* olhava para o garoto.

Balancei a cabeça, achando graça. Havia tanto a ser discutido e resolvido. E as aulas começariam na segunda-feira. O que eu iria fazer?

## capítulo nove

### Contos do passado

Graças a Deus pela minha mãe! Ela era O Cara! O cara que *tinha um plano*. Bem, na verdade, ela era uma mãe que tinha um plano. Mas deu para entender o que quis dizer. Quando acordamos na manhã seguinte, ela já tinha tudo preparado. Iria pedir uma ajuda para o chefe dela na empresa de advocacia. Ele tinha dado uma força com a minha matrícula no Internato Sagan e era uma pessoa bastante influente na cidade. Ele poderia, com toda a facilidade, conseguir outra vaga para Tristan! Já que dinheiro não era mais um problema para a gente, tudo com que precisávamos nos preocupar era com a papelada que justificaria a presença repentina de Tristan em nossas vidas. Ela contaria para o chefe alguma história fictícia sobre Tristan ser seu enteado e meu meio-irmão, abandonado pela mãe natural, e apelar para o bom coração dele no intuito de que mexesse alguns pauzinhos para nos ajudar.

Eu esperava que o plano funcionasse. Especialmente porque envolvia o fato de Tristan ir para a escola. Comigo. Graças a nosso elo mágico tão singular, a partir de agora onde quer que eu fosse, ele teria que estar por perto. COMIGO! Isso não era totalmente demais?

Não conseguia acreditar na minha sorte. Essas eram as melhores notícias do mundo! Queria poder colocar Tristan na minha mala e partir logo. Mas, graças ao esquema brilhante da minha mãe, eu teria de adiar minha primeira semana na escola, pois havia um monte de formulários a serem preenchidos, já

que, segundo a lei, Tristan estava morto. Seria difícil explicar isso.

Eu também tinha que ajudar Tris a se adaptar a essa nova vida. Era um mundo totalmente diferente para ele. A modernidade surgia por todos os lados. Dei gargalhadas quando presenciei Tristan ver um micro-ondas funcionar pela primeira vez! Foi tão hilário! Era como se tivéssemos nosso próprio garoto de *De volta para o futuro*. Só que ao contrário, pois ele era do passado e agora estava preso no futuro.

Tristan dormiu de novo no sofá em sua primeira noite na sua agora casa oficial, mas sozinho dessa vez. Não estávamos nos sentindo mal, por isso decidimos (e com "nós" quero dizer "minha mãe" decidiu) que eu deveria voltar para o meu quarto, que era o meu lugar, e ele deveria ficar lá embaixo, no sofá da sala. De repente, a habilidade dela de me jogar para cima dos garotos havia sumido por completo. Que coincidência ela ter tomado chá de sumiço logo quando eu mais precisava!

Na segunda feira depois do trabalho, minha mãe começou a tirar as coisas dela de seu escritório para que o cômodo fosse utilizado como o novo quarto de Tristan, onde ele teria mais privacidade. Ele tentou protestar, mas minha mãe não lhe deu atenção, dizendo apenas que ele estava sendo oficialmente adotado e deveria ter um quarto naquela casa. Logo compraríamos uma cama para ele.

Ela também começou a pesquisar sobre o passado de Tristan no trabalho, durante o intervalo do almoço, e encontrou o arquivo do jornal local na biblioteca. O obituário de Tristan era de 1950. Segundo o que constava ali, a mãe dele ainda estava viva na época, porém o obituário dela também foi publicado algum tempo depois. Tristan ficou muito triste quando viu a cópia desse segundo obituário e, a partir daquele dia, minha mãe passou a ser mais cuidadosa quando nos informava sobre os dados que reunia.

Certo dia, fui dar uma olhada em Tristan depois de minha mãe ter saído para o trabalho e o flagrei escapulindo pela porta da frente.

– Vai sair? – perguntei do alto da escada.

Ele recuou, surpreso.

– Ah, oi, Joey. Estava indo... dar uma caminhada. – Ele olhou para baixo, evitando o contato visual. O que significava que estava mentindo. Tristan sempre desviava os olhos quando estava mentindo por medo de que eu o desmascarasse.

– Sério? Uma caminhada? – repeti, sarcástica. Sabia muito bem que ele iria fazer outra coisa e não queria me contar.

Ele curvou os ombros e suspirou, dando o braço a torcer.

– Tudo bem, você me pegou. Quer caminhar comigo? Preciso resolver uma coisa muito importante. – Ele me deu o braço, educado. Eu me juntei a ele e caminhamos em silêncio pela calçada enquanto Tristan obviamente evitava contar seus planos e até mesmo dizer para aonde estávamos indo.

– Não sou fã de mistérios, sabe? Estou começando a perceber que você está envolvido em muitos deles o tempo todo – murmurei ao seu lado.

Ele olhou para mim, irritado.

– Não estava mentindo! ESTOU dando uma caminhada. Só achei que não seria necessário que você soubesse o que eu ia fazer. E só levaria um minuto. Além disso, eu tinha certeza de que você iria rir de mim!

– Tristan, quando eu ri de você? – eu disse com uma voz sentida.

– Bem, deixe-me ver. Só hoje, umas duas vezes quando você tentava me explicar sobre computadores. E no outro dia quando me mostrou a máquina que esquenta comida com ondas de... sei lá o quê – ele respondeu, chateado.

Ok. Talvez ele estivesse um pouco sensível com minhas risadas diante de sua ignorância sobre a vida moderna. Eu deveria ter mais tato a partir desse dia.

– Está certo. Me desculpe por ter rido de você. Prometo que não farei isso de novo. O que está acontecendo? Aonde estamos indo?

– Ao cemitério. – Ele atravessou a rua. O portão principal já podia ser visto há alguns metros de nós.

– Sério? Pensei que esse fosse o último lugar que você quisesse ir.

– Preciso pegar algo.

– O que você precisa pegar em um cemitério? – eu quis saber, genuinamente curiosa.

– O seu presente. Deixei o seu presente de Natal lá. Preciso buscá-lo – ele explicou, ainda irritado. – Sei que você vai achar isso idiotice, mas é meu e eu quero de volta!

Ah, a minha foto. Ele queria pegar a foto. Isso era... a coisa mais legal do mundo. Agora eu me sentia mal por ter rido dele. Eu que era uma idiota mesmo!

– Isso não é nada... idiota, Tris – murmurei. – Significa muito para mim saber que você não quer deixar o meu presente para trás.

Ele pareceu relaxar após perceber que eu não estava rindo dele e me conduziu de volta ao túmulo onde costumávamos nos encontrar.

– Há algo que preciso lhe mostrar também, Joey – Tristan disse quando nos aproximamos da sepultura coberta de musgo. Ele tirou um pouco da neve que cobria a pedra e pude finalmente ver o que estava escrito.

Arregalei os olhos e me aproximei com cuidado, um bocado de medo seguindo em meu rastro. Aquilo era meio assustador, mas eu estava curiosa demais para não dar uma olhada.

– Sei que você deve ter muitas perguntas – ele murmurou, observando-me com atenção. – Talvez isso responda algumas delas...

Dei uma olha na inscrição encravada na pedra cinzenta e gelada do túmulo de Tristan.

*TRISTAN HALLOWAY 1938 – 1950*

*FILHO AMADO E AMIGO VALENTE*

*TIRADO DE NÓS CEDO DE MAIS*

*NÃO SERÁS ESQUECIDO*

Um botão de rosa partido foi encravado em cada um dos lados do nome dele. Tristan passou a ponta dos dedos por eles com um sorriso melancólico nos lábios.

– Botões de rosa partidos significam vidas que se terminaram cedo demais. Foi o que me contaram. – Ele observava a inscrição com um olhar encoberto por uma estranha emoção. Tristan então se virou para mim, seu olhar procurando algo no meu. Sempre pensei naquele como o túmulo dele, sem jamais me dar conta de que isso era literalmente verdade.

Tristan subiu na sepultura com os movimentos graciosos de sempre e me estendeu uma das mãos para que eu subisse também. Quando eu já estava em segurança ao seu lado, ele pôs as mãos sobre os joelhos, contemplou a paisagem a distância e perguntou:

– O que você deseja saber?

– Eu... eu não sei se isso é certo... Quero dizer, sei que deve ser difícil falar sobre como era a sua vida... antes – comecei, hesitante.

– Não se preocupe com isso. Não é difícil. Já faz muito tempo. Você não vai me aborrecer. Pergunte o que quiser – ele garantiu e se virou para me dar um sorriso suave.

– Está certo. Bem, eu estava imaginando como... como você morreu?

– Morri em um acidente de carro. A última coisa de que me lembro antes de morrer foi de ter sido atingido por um carro. Não doeu. Não senti nada, na verdade. Apenas o impacto, depois a escuridão e mais nada.

Ele se virou, encarando o horizonte.

– A memória de tudo isso é muito turva, como se fosse algo saído de um sonho – ele continuou. – Lembro que fiquei confuso e com muito medo. Na época, não entendia o que estava acontecendo. Tudo estava tão escuro e embaçado, mas ainda sim consegui ver alguém de pé a distância, como se estivesse esperando por mim, mas eu tinha um pressentimento, que me forçava a ficar onde estava. Sabia que havia algo muito importante que tinha que ser feito, que eu precisava ficar

parado. E foi isso o que fiz. E então acordei neste cemitério. E aqui estive desde então – ele concluiu, tranquilo.

– Você acha que tem algo pendente para resolver? E que foi por isso que você não... ah... fez a passagem? – perguntei, escolhendo as palavras certas.

– Talvez. É, creio que sim. Pode ser que seja isso, o que está acontecendo com a gente agora. Parece ser mesmo isso. Será que eu deveria ter uma segunda chance? – Ele olhou para mim em busca de respostas.

– Talvez você não devesse morrer dessa maneira, ou naquele momento – sugeri, fazendo um esforço para encontrar alguma lógica por trás de toda essa história.

– Pode ser – ele concordou, olhando para baixo, perdido em pensamentos.

– Há outros como você aqui? Quero dizer, outros fantasmas?

A expressão no rosto dele já me deu a resposta de que precisava.

– Você disse que os fantasmas sempre lhe diziam onde me encontrar. Você não estava brincando, não é? – De repente, a ficha caiu.

Ele soltou uma risada curta diante de minha surpresa.

– Pois é, era verdade. Há alguns outros por aqui que não podem seguir em frente, como eu. Porém todos possuem um motivo diferente para ficarem. Estou tão feliz de poder cruzar aqueles portões de ferro agora. Você não faz ideia de como é incrível ser capaz de sair desse lugar. – Ele respirou, aliviado.

– Você não podia mesmo sair? O que acontecia quando tentava?

– Meus pés ficavam presos ao chão. Eu não conseguia me mover nem andar para a frente quando me encontrava nos limites do cemitério. Tentei durante muitos anos antes de por fim desistir.

– Nossa, isso é terrível. Então você ficou preso aqui por quantos anos? Sessenta?

– É, mais ou menos isso. Mas não pareceu que foi tanto tempo. O tempo passa... de uma maneira diferente para os

fantasmas. É como se os momentos fossem borrões ao longo dos anos. Mas não vou mentir para você, a maior parte do tempo era chato como o inferno, perdão pela blasfêmia! – Ele soltou uma risada alta. – Estar morto é horrível. Não sentimos nada. Nem frio, calor, fome, dor, absolutamente nada. Mas com certeza se pode sentir raiva, tristeza e tédio. Mas eu fiz amigos ao longo dos anos, não precisa me olhar desse jeito! – ele acrescentou mais que depressa ao ver o olhar de pena que eu lhe dava. – Tem o velho Sr. Wakefield. Foi ele quem me contou a respeito do feitiço e da velha canção. E a Joanelinha, uma menina tão doce. Ela faleceu quando tinha apenas dez anos, mas é muito esperta e criativa. Eu não estava totalmente sozinho – ele refletiu e olhou de esguelha para mim. – Mas os dias que passei com você foram os melhores da minha vida. Ou morte. Não sei. Tudo isso é muito confuso. – Ele coçou a nuca e um tom de rosa pálido cobriu suas bochechas quando desviou os olhos.

– E a sua família? Você via alguém por aqui? – Tentei mudar um pouco de assunto e esconder o rubor em meu rosto também, mas logo me arrependi da pergunta quando vi os olhos dele repletos de tristeza.

– Minha mãe vinha durante um tempo, sempre trazendo lírios recém-colhidos para a minha sepultura – Tristan murmurou. – Erámos apenas ela e eu. Não tínhamos mais nenhuma família naqueles tempos. Ela chorava muito. Odiava vê-la tão triste por minha causa. E então ela parou de vir. Acho que foi mais ou menos na época em que ela morreu. Nunca tive a chance de dizer adeus. Ela simplesmente parou de vir. Acho que se eu tivesse corrido para aquela pessoa que esperava por mim quando morri, talvez eu a visse de novo. Mas agora jamais poderei ter certeza. Como posso saber? – ele perguntou, angustiado.

– Também não sei, Tris. Desculpe. – Coloquei uma das minhas mãos sobre a dele e tentei fingir que não sentia um leve choque toda vez que nos tocávamos. Também tentei fingir que não percebia as borboletas dentro do meu estômago sempre que

segurava a mão dele. – Acho que chega de perguntas por hoje, não é? – propus, tentando tornar o clima um pouco mais leve.

Tristan concordou com a cabeça e apertou minha mão suavemente antes de erguer os olhos prateados para encontrar os meus.

– Obrigada por me ajudar a enfrentar essa situação, Joe. Jamais me esquecerei disso.

– Vamos pegar o seu presente e dar o fora daqui! – Eu o encorajei com um sorriso. – Agora há todo um mundo lá fora para você ver.

O sorriso largo que se espalhou por todo seu rosto valia por mil. Fez com que meu coração batesse tão alto que eu podia jurar que ele era capaz de ouvi-lo.

– Tudo bem. Já volto, senhorita. – Ele pulou da sepultura e desapareceu atrás dela em um piscar de olhos.

– Naquela noite... Como você conseguiu guardar a foto? – perguntei em voz alta, pensando no assunto pela primeira vez.

– Fantasmas podem mover coisas?

Tristan soltou uma risada de algum lugar atrás da lápide.

– Não foi uma tarefa fácil, posso lhe garantir! Levei a noite inteira e parte da manhã para fazer isso. A pedra que você colocou sobre a foto foi um empecilho. Mas os fantasmas conseguem fazer uma espécie de truque com o vento. É só soprar bastante que conseguimos mover coisas. – Ele retornou com a foto nas mãos e um sorriso feliz nos lábios.

– Aqui está. Podemos ir agora. – Ele colocou a foto no bolso de trás da calça e ergueu uma das mãos para me ajudar a descer da sepultura, como o verdadeiro cavalheiro que era.

– Eu sabia que você não era rude daquele jeito, pra nem me ajudar a levantar quando caí. – Eu ri, aceitando a ajuda.

O rosto dele ficou completamente vermelho e ele tossiu, sem graça.

– Desculpe por isso, falando nisso. Fiquei morto de vergonha, de verdade, mas não podia deixar que você descobrisse que eu estava... bem, morto. Me desculpe.

– Isso são águas passadas. Vamos! – eu disse puxando-o pela mão.

Atravessamos mais que depressa o portão principal, porém quando estávamos prestes a cruzar o limite do cemitério, senti uma sensação estranha e sinistra tomando conta de mim, me impelindo a me afastar dali o mais rápido possível. Algo bem dentro de mim me dizia que eu deveria ficar distante daquele cemitério dali por diante, por alguma razão da qual eu não fazia a menor ideia.

De repente me lembrei do sonho estranho que tive naquela outra noite, com a garota gótica que me alertava a respeito de algo. Alguém que me perseguia. Alguém que não poderia me encontrar.

Quando voltei para casa, me sentia nervosa, mas não consegui desabafar com Tristan. Fechei todas as cortinas e tranquei as portas. Depois daquele dia, não consegui mais afastar completamente aquela sensação de apreensão.

## capítulo dez

### Desvanecendo em cinza

O restante da semana passou em um borrão.

Minha mãe saía para o trabalho logo cedo pela manhã e deixava o dia inteiro para a gente. Às vezes, ligava para saber como estavam as coisas. Ela já tinha a papelada e a matrícula de Tristan da escola quase resolvidas, porém ainda havia algumas coisas um pouco mais complicadas em andamento, de forma que ela acabava chegando em casa bem tarde na maioria das noites.

Para Tristan, aquela semana foi uma espécie de treinamento super-rápido e intensivo sobre o século XXI. Para um cara dos anos cinquenta, era muita coisa a ser aprendida e atualizada.

Eu passava os dias tentando explicar a ele como as coisas funcionavam no mundo moderno. Tristan pegava as informações bem depressa, com uma rapidez impressionante. Ele era inacreditavelmente esperto.

Tristan achava tudo que era muito moderno “uma brasa”. Tive então de avisá-lo que nunca, jamais, deveria usar aquela expressão de novo. Ele já a havia utilizado antes e tive que lhe explicar que aquilo definitivamente já era. Apresentei a ele gírias mais atuais, como “maneiro”, “legal” e “irado”. Depois ele poderia aprender mais gírias adolescentes atualizadas.

Com todo o cuidado, expliquei para ele sobre computadores e deixei que brincasse um pouco com o meu laptop. Ele ficou atônito com o Google Earth! Não conseguia acreditar que a humanidade tinha sido capaz de criar uma invenção que tornava

possível viajar para qualquer lugar do mundo sem sair de casa. O Google Earth e a internet o mantiveram distraído por dias.

E então eu o apresentei ao meu iPod. Ele se apaixonou completa e imediatamente por música moderna. Eu podia ver nos olhos dele toda a admiração, reverência e empolgação. Baixei então várias músicas de diferentes épocas e deixei que Tristan ficasse com o aparelho por um tempo. Daquele dia em diante, sempre que eu o via muito quieto, era só procurar e lá estava ele, sentado em algum lugar com a música explodindo na maior altura pelos fones de ouvido. A felicidade cintilava nos olhos dele como uma bateria sendo carregada.

Em seguida, lhe ensinei sobre celulares, mensagens de texto, *ringtones*, GPS, e *gadgets* de celular. Sabia que eram muitas informações a serem assimiladas e que ele só seria capaz de absorver um pouco de tudo aquilo que eu lhe oferecia, mas, como eu já mencionei, ele era um ótimo aprendiz. Ele teria ainda muito tempo para preencher as lacunas mais tarde.

Um dia eu o levei até o shopping próximo à minha casa.

Tristan ainda insistia em pentear o cabelo de um jeito formal demais para o meu gosto, por isso baguncei tudo antes de colocarmos os pés para fora, apesar de ele franzir a testa e fazer uma careta de desaprovação. Andamos sem destino pelo shopping por um tempo para que ele pudesse sentir o lugar e as pessoas ao redor. Seus olhos expressavam um misto de empolgação, cautela e uma atenção extrema. A primeira coisa que ele percebeu foram algumas meninas que passaram por nós vestindo jeans e suéteres largos, no mesmo estilo que os meus.

– Agora entendo porque você se veste como um garoto, Joey. Olha só. Tem algumas meninas por aqui vestidas exatamente como você! Isso é tipo um uniforme moderno das meninas dos dias de hoje? – ele quis saber, curioso.

Olhei para ele, surpresa.

– Bem... não. Não é um uniforme. Mas nem todas as garotas se vestem assim – murmurei, sem graça.

Ele pensava que eu me vestia como um menino?

Mas, em sua defesa, acho que isso era verdade. Eu me vestia como um garoto muito relaxado, que não ligava para coisa alguma e era nada atraente. Até que o comentário me caía bem, já que eu era tão moleca. Eu e essa minha regra de *Tenho de vestir roupas confortáveis o tempo todo*. Meu humor ficou um pouco sombrio depois desse comentário, mas acho que ele nem se deu conta.

Tristan logo percebeu que as meninas de hoje também usavam saias bem curtas, saltos altos e tops super apertados. Tinha que socá-lo no braço toda vez que uma saia curta passava por nós e eu via os olhos arregalados e sua boca se contraindo em um sorriso bobo. Essa era uma coisa moderna que ele estava aprendendo a gostar bastante.

Meu humor declinou mais alguns níveis quando vi a reação que Tristan causava no público feminino. As garotas torciam o pescoço em sua direção assim que ele passava e se viraram para olhar para ele mais uma vez. E aí se seguiam risinhos bobos, sussurros, olhares admirados e sorrisos sedutores.

O que eu esperava? Sempre achei que ele era... bem, muito bonito, mas as garotas do shopping agiam como se Tristan fosse uma versão mais nova e mais gostosa da porcaria do Brad Pitt! Acho que ele nem reparou na reação que causava. Havia muito a ser absorvido, era uma overdose de informações, e ele acabava deixando passar um monte de sutilezas. Apesar de algumas daquelas meninas estarem longe de serem sutis.

Tentei fingir que isso não me incomodava. *Não deveria* me incomodar! Ele era só meu amigo. Precisava parar de sentir ciúmes e focar em ajudá-lo a se ajustar nessa nova vida. Toda essa situação de ele retornar ao mundo dos vivos era tão insana e tudo estava acontecendo tão depressa que meio que me assustava. Era mesmo melhor que permanecêssemos apenas como bons amigos. Assim, nós dois poderíamos nos adaptar melhor à essa nova realidade repleta de magia, feitiços e ressurreições.

Em um determinado momento, Tristan me perguntou sobre os outros garotos. Ele havia percebido um monte de tatuagens,

piercings e caras andando pelo shopping com cabelos tingidos de cores estranhas e penteados bagunçados como o que eu havia feito nele. Tudo isso deveria ser bem chocante para um cara dos anos cinquenta. Tentei explicar que essas coisas eram a última moda, que eram consideradas como sinal de “boa aparência”. Ele pareceu um pouco desconcertado com o conceito moderno de *boa aparência*.

Após essa conversa, ele simplesmente andou ao meu lado em silêncio, apenas observando a tudo e a todos ao seu redor com as mãos cruzadas nas costas. Quando chegamos em casa, ele permaceu pensativo e calado.

E então veio a lição do dia sobre entretenimento!

Zapeei por alguns canais da TV, falando brevemente sobre a programação dos dias de hoje. E então tive de desligar um pouco o aparelho para explicar a Tristan sobre efeitos especiais, pois ele havia pescado de relance um filme de alienígenas enquanto eu passava os canais e olhou para a TV com uma expressão chocada e amedrontada. Foi aí que decidi lhe explicar um pouco a respeito do assunto. Só liguei a TV de novo quando tive certeza de que ele não iria mais surtar ao ver um efeito especial.

Após o medo inicial, Tristan pareceu gostar da TV moderna. Ele soltava várias exclamações em voz alta, colado ao sofá enquanto assistia a coisas explodindo, aliens sendo alvejados e pessoas voando. Como meu presente especial daquele dia, fiz com que ele assistisse a meu filme preferido de todos os tempos: *Parque dos Dinossauros*! Foi um arraso! Ele não parava de me perguntar se eu tinha certeza absoluta de que “aquelas coisas” não eram reais. Devoramos pipoca, refrigerante e um bando de guloseimas. Assistimos a filmes antigos o dia inteiro e parte da noite também. Bem, filmes antigos para mim, pois todos eram novos em folha para Tristan!

Eu me diverti muito naquele dia. E ri horrores. Era quase como um encontro. Só que não era e eu repetia para mim mesma que éramos apenas bons amigos nos divertindo juntos.

E então a semana terminou e, no sábado, minha mãe anunciou que eu iria para a escola no dia seguinte para ir me ajustando ao meu novo dormitório, sem mais adiamentos. E Tristan ficaria em casa por mais algum tempo até que os papéis dele estivessem prontos. Ele ainda não tinha carteira de identidade. Minha mãe fez alguns arranjos por baixo dos panos com seus contatos de advogada e conseguiu para Tristan uma nova certidão de nascimento e outros documentos necessários. Ela não estava feliz por desobedecer à lei dessa forma, mas, em sua defesa, não era possível dizer que tinha um fantasma que havia voltado ao mundo dos vivos morando com ela. Iam pensar que minha mãe tinha ficado completamente maluca!

Ela me lançou *O Olhar* após me informar sobre minha ida para a escola no dia seguinte e eu sabia que seria inútil tentar dissuadi-la. Com um último longo suspiro, fui para o meu quarto começar a arrumar minhas coisas. Após um tempo, ouvi Tristan gritar meu nome no andar de baixo, então deixei a mala aberta sobre a cama e fui vê-lo. Ele não estava na sala, por isso fui até o antigo escritório da minha mãe, que passara a ser o quarto dele, e parei na porta.

Em um primeiro momento, não consegui ver Tristan em lugar algum, mas então o consegui ver de relance sentado em sua cama, as pernas cruzadas em uma posição relaxada, olhando diretamente para mim. Mas havia algo diferente com ele. Era difícil de explicar. Ele parecia estar sumindo, absorvido pelos arredores, como se fizesse parte do cenário. Meus olhos registravam a presença dele e enviavam a mensagem para o cérebro, mas eu mal podia vê-lo. E o meu cérebro começava a me cutucar para se certificar de que a informação estava correta. Ele estava ali mesmo? Ou não estava? Qual das opções era a verdadeira? Cérebro, decida-se logo!

Franzi a testa e olhei para ele desconfiada.

– Tris? O que está acontecendo? O que você está fazendo?

Ele olhou para mim, um pouco surpreso com a minha reação.

– Você sabe que eu estou aqui? Isso é... estranho. – Ele coçou a cabeça. – Agora fiquei meio confuso. Talvez... talvez só você

seja capaz de me ver.

– Só eu o quê? – perguntei, esperando que ele falasse algo que fizesse sentido.

– Está certo. Olha só, vou chamar a sua mãe e então você vai entender. Mas não pode contar nada para ela, ok?

– Contar o quê? – eu quis saber, mas ele me cortou, gritando o nome da minha mãe da mesma forma que havia feito comigo alguns minutos antes. Minha mãe apareceu na porta e deu uma olhada ao redor. Tristan estava bem na frente dela, mas ela parecia não ver nem uma sombra dele.

– Ah, oi, querida – ela cumprimentou. – Você sabe onde Tristan está? Eu ouvi ele me chamando...

Eu me virei, olhei para Tristan e então voltei para minha mãe. Ela não podia vê-lo! Era isso o que estava acontecendo! Para mim ele parecia apagado, mas para os outros ele desaparecia. Como isso poderia ser possível?

– Alô, Joey! Planeta Terra para Joey! Você viu Tristan? – ela perguntou mais alto dessa vez.

– Uh. Não. Sim. Hum... vi. Já resolvi o problema. Ele precisava de ajuda com... é... um... – Olhei ao redor em pânico, tentando inventar alguma desculpa boba, mas não fui capaz de encontrar nenhuma. Ainda estava em choque com minha nova descoberta. Então me virei para Tristan e percebi que ele apontava para o despertador sobre a escrivaninha.

– O despertador? Ah, sim. O despertador. Foi isso. O despertador tocou e ele não sabia como desligar. Mas já está tudo bem agora, mãe. Pode ir, não precisa se preocupar. – Sorri para ela, aliviada.

Ela me olhou ligeiramente desconfiada, mas acabou dando de ombros e voltando para o quarto dela no andar de cima.

– Tristan, que diabos está acontecendo? – sussurrei para ele, preocupada com a possibilidade de ainda ser ouvida pela minha mãe.

Ele sorriu e relaxou, voltando ao normal e deixando de estar “apagado” vagarosamente

– Vê? Estranho, não? – Ele fez um gesto para que eu me aproximasse e sentasse ao seu lado na cama.

– Que diabo foi isso? – insisti, sentando-me.

– Não sei. Estava aqui me vestindo mais cedo e esqueci de fechar a porta. E então a sua mãe entrou de repente. Acho que me pegou de surpresa. Fiquei sem graça e minha reação foi... essa. Ela pegou alguns papéis na escrivaninha e nem percebeu que eu estava aqui, sem roupa nenhuma. Pensei que... quer dizer, isso foi bem esquisito. Então testei mais algumas vezes e funcionou em todas as tentativas. Ela não consegue me ver quando estou nesse... "estado". Não sei como chamar isso. Nem mesmo sei o que é isso! – ele disse, empolgado.

– E então você também me fez de cobaia.

– Bem... é verdade. Mas não funcionou com você, então... eu não entendo.

– É, mas mesmo assim me deu uma sensação superesquisita quando você está desse jeito. Posso vê-lo, mas é como se estivesse desbotado, colado junto ao fundo do quarto. Essa é uma habilidade de ex-fantasmas?

– Eu realmente não sei, Joey. Nunca fui um ex-fantasma antes. Esse é um território novo para mim também. – Ele fez uma pausa e contemplou o teto, pensativo.

– Talvez a Dona Violeta saiba de alguma coisa.

– Humm, é, pode ser que ela saiba algo sobre isso. Achei que você daria essa sugestão. Mas talvez ela não precise saber. Bem, pelo menos não agora. Contamos a ela depois, certo?

– Bom... Pode ser. – Eu me levantei e caminhei até a porta.

Esse garoto gostava mesmo de ter segredos.

– Vou terminar de fazer as malas. Ainda tenho que ir para a escola amanhã com ou sem as suas habilidades de desaparecimento. Me avise se desenvolver mais alguma "habilidade" especial nesse tempo.

Eu estava realmente grata por aquela "coisa" não funcionar comigo. Caso contrário eu passaria o tempo todo alerta, achando que Tristan estaria pregando peças em mim por aí escondido.

O domingo começou tão sombrio e nublado quanto o meu humor. Eu sabia que deveria me sentir empolgada por estar indo para a nova escola e porque Tristan iria se juntar a mim em breve, no fim de semana seguinte, mas, de alguma forma, não conseguia me sentir feliz com nada disso.

E aquela porcaria de dia também não ajudava. Uma chuva fina e enjoada ia e vinha sem parar, deixando tudo úmido e frio. O céu estava tomado por horríveis nuvens cinzentas e as ruas, por poças escuras e enlameadas.

Parei sobre a plataforma de embarque, na rodoviária esperando o motorista colocar minhas malas no bagageiro.

– Tem certeza de que não se importa de ir para a nova escola sozinha, querida? – minha mãe perguntou, repleta de preocupação e culpa. Aparentemente, o mecânico havia pegado o carro dela como refém e só iria libertá-lo na terça-feira em troca de um resgate polpudo. A solução para o meu problema: ir de ônibus.

– Está tudo bem, mãe. Já disse isso mais de um milhão de vezes. Não se preocupe. Sei andar de ônibus. Não é uma coisa tipo física quântica.

– Eu sei, eu sei, querida. Mas é o seu primeiro dia! Na nova escola! Queria tanto estar lá com você. – Os olhos dela se encheram de lágrimas. – Ah, querida. – E então as cascatas começaram a correr.

– Qual é, mãe? Por favor, por favor, não comece a chorar aqui! – sussurrei, olhando freneticamente ao redor. Tristan soltava risadinhas abafadas atrás dela.

– Pode rir à vontade agora, parceiro, mas fique sabendo que ela vai fazer o mesmo com você no próximo fim de semana, viu? – eu o avisei. Ele parou no meio de uma gargalhada e a partir dali manteve uma expressão séria no rosto. – Está tudo bem, mãe! Preciso ir agora. O ônibus está saindo. Vejo vocês no próximo fim de semana, certo? – eu disse enquanto abraçava a minha mãe.

– É melhor que aquele mecânico já tenha consertado o meu carro até lá ou faço picadinho dele! Vamos estar lá no sábado e

você vai poder me mostrar a nova escola, o dormitório, seus colegas de quarto! – ela exclamou, toda empolgada.

– Tudo bem, tudo bem, se acalme. – Dei tapinhas reconfortantes no ombro dela e me virei para Tristan.

Ele tinha as mãos nos bolsos, sua postura usual de quando estava nervoso e que eu já havia aprendido a reconhecer. Ele olhava de esguelha para a minha mãe. Acho que estava sem graça de falar ou fazer algo na frente dela. E o fato de ela olhar para nós com olhos cheios de expectativa também não ajudava em nada.

– Hum... bom, faça uma boa viagem até a escola, Joe. Vejo você em breve. – Ele estendeu uma das mãos para mim, todo formal.

Apertei a mão dele, também um tanto envergonhada.

– Obrigada, Tristan. A gente se vê.

Trocamos um breve aperto de mãos e corei ao ver que minha mãe nos observava como uma águia, com um sorriso largo misterioso espalhado por todo o rosto. Bem, aquilo era... bem constrangedor. Entrei no ônibus logo em seguida e fiquei observando pela janela enquanto ela secava as lágrimas, se apoiando no braço de Tristan, que estava parado, ao lado dela, sorrindo timidamente e me dando adeus.

Eu me reclinei no assento, me arrependendo do aperto de mãos sem jeito que havia trocado com Tristan. Queria ter abraçado ele. Mas agora já era tarde.

Encarei a estrada diante de mim. Internato Sagan, aí vou eu.

## capítulo onze

### Uma luz no fim do túnel

Durante toda a viagem de duas horas até a escola fiquei observando a estrada repleta de poças e as nuvens pesadas no céu. Havia parado de chover, mas tudo ainda parecia úmido. Eu me sentia um pouco enjoada. A ansiedade dava um nó apertado no meu estômago.

Como seria essa nova escola?

Eu sabia que era uma instituição de ensino bastante conceituada destinada a pessoas ricas e eu estava bastante preocupada com a possibilidade de não me enquadrar, de não fazer nenhum amigo.

Eu detestava ter que lidar com pirralhos mimados filhinhos de papai! Tinha um fio de esperança de que a escola não estivesse repleta deles. Mas é óbvio que estaria! E agora era tarde demais para desistir. Eu teria que engolir esse fato e suportar um ano inteiro ao lado de fedelhos mimados.

Estava tão entretida com meus pensamentos sombrios que nem reparei quando o ônibus parou. Antes que eu tivesse tempo de olhar para fora, o motorista gritou meu nome.

Levantei uma das mãos, me identificando, enquanto ele fazia um gesto para que eu o seguisse até o lado de fora. Peguei minha mochila e desci do ônibus com uma expressão confusa no rosto.

Havia um buraco imenso na estrada. Uma lama vermelha e mole boiava lá de dentro. Uma grande limusine tentava passar e ficou presa no lamaçal. Os pneus guinchavam e rodavam, mas o

carro permanecia no mesmo lugar, bloqueando a estrada. Eu me virei para o motorista do ônibus de pé ao meu lado.

– Pois então, moça... – Ele lançou outro olhar para a estrada. – Parece que temos um problema. Há semanas que eu falo para as pessoas sobre esse buraco na estrada, mas ninguém fez nada. Agora olha só pra isso! – Ele fez um gesto em direção à lama que cobria tudo ao nosso redor.

Olhei para a limusine e depois para o ônibus.

– O ônibus não vai conseguir passar – constatei o óbvio.

– Desculpa, moça. – Ele assentiu. – Mas sua escola fica logo ali. – Ele apontou para o horizonte atrás da limusine, onde pude ver os grandes muros de pedra cinzenta do Internato Sagan aparecendo. A caminhada até lá levaria apenas alguns minutos.

– Tudo bem, então. Vou andando. Você pode pegar minha bagagem, por favor, senhor? – perguntei educadamente e o homem concordou, aliviado por eu não segurar o resto dos passageiros do ônibus dele por mais tempo, indo buscar minhas coisas.

Enquanto eu esperava, uma menina alta e loira, que mais parecia uma boneca Barbie, saiu da limusine. Ela se aproximou devagar, com a cabeça erguida como se fosse dona da rua. Olhei para ela repleta de suspeitas. O cabelo dela era bem cuidado, com cachos largos e brilhantes, ela usava saltos altos e tinha uma postura perfeita. Estava vestida para matar em um conjunto impecável de vestido e casaco, ambos de alta costura.

Definitivamente uma fedelha mimada. Definitivamente podre de rica.

A garota carregava uma bolsa que parecia ter custado os olhos da cara pendurada nos ombros magros.

– Você também está indo para Sagan? – ela perguntou em tom imperativo. Não, ela não perguntou. Ela ordenou que eu lhe desse aquela informação.

– Estou – respondi simplesmente. Perguntei a mim mesma por que ela ainda não estava na escola, uma vez que uma semana de aulas já havia se passado. Talvez ela estivesse

fazendo compras de última hora durante todo esse tempo, gastando o rico dinheirinho do papai.

O motorista do ônibus devolveu minha mala, e eu a segurei, agradecendo pela ajuda. Mais que depressa ele caminhou de volta para o ônibus e seguiu viagem.

– Você vai andando para a escola? – a Barbie quis saber, surpresa.

– Está vendo outra maneira de sair daqui? – Comecei a ficar um pouco irritada. Ela se pegou momentaneamente surpresa com a minha aspereza. Eu não era sempre assim tão rude com pessoas que não conhecia, mas algo no tom daquela menina me deu nos nervos.

– Você sabe quem eu sou? – O interesse cintilava nos olhos dela.

– Não.

– Sou Tiffany Worthington Terceira – ela entou como se estivesse informando seus títulos acadêmicos.

– Bom pra você. – Peguei a alça da minha mala, que tinha rodinhas, de forma que eu poderia puxá-la com facilidade até a escola. – Agora, se você me dá licença, preciso fazer essa coisa impressionante chamada *andar* – informei em tom de zombaria.

A Barbie – desculpe, Tiffany-A-Riquinha-Terceira – havia ficado definitivamente surpresa com minha resposta sarcástica. Pareceu desconcertada por um segundo, mas logo recuperou a compostura.

– Acho que posso andar até lá também – ela informou, cheia de si. – Aqui, leve isso. – Ela empurrou sua pesada e cara bolsa para cima de mim.

Peguei a bolsa, sem acreditar naquilo.

– Espera aí. Como é? – perguntei pasma.

– Vou permitir que você carregue pra mim. Quanto tempo vamos demorar para andar até lá? – Ela franziu a testa ao olhar para escola, calculando os longos metros de tortura que teria de suportar.

Agora chega! Eu estava oficialmente irada. Quem diabos aquela menina pensava que era?

– Para mim, apenas alguns minutos. Para você, com esses saltos, talvez meia hora. Boa sorte – falei entre dentes e joguei a bolsa de volta para ela. Com toda a força. – E obrigada pela oferta, mas você pode carregar essa porcaria sozinha.

E com isso dei no pé. Que cara de pau daquela garota! Permitir que EU carregasse a bolsa DELA. Há. Como se isso fosse acontecer. Só quando o inferno congelasse!

Saí puxando minha mala sem olhar para trás, tomando um cuidado extra para não escorregar nos trechos enlameados da estrada. Após alguns momentos, comecei a me sentir com menos raiva. Passados uns minutos, já havia me esquecido da Barbie irritante. Os prédios da escola se aproximavam e a caminhada no ar frio era revigorante.

Começava a apreciar a vista quando ouvi o som de pneus no asfalto. Olhei para trás e vi que a limusine havia conseguido sair do buraco e seguia pela estrada em minha direção. Que ótimo! Agora ela podia jogar na minha cara tudo que eu tinha feito. Se eu tivesse engolido o sapo e carregado a bolsa dela, teria uma carona para a escola agora. Balancei a cabeça. Eu tinha o meu orgulho. Preferia andar um milhão de quilômetros a pé do que bajular a Barbie Terceira!

A limusine acelerou e passou direto sobre uma poça bem ao meu lado, me dando um banho de lama escura. Mas que droga?! Fiquei parada, congelada, chocada e enojada, com lama vermelha pingando por toda a minha roupa. Será que ela pediu ao motorista para fazer aquilo de propósito? Aquela bisc...

Ok. Acalme-se, Joey. Isso. Inspirar, expirar. Continue a andar. Você não pode começar seu primeiro dia na escola com uma mancha de assassinato a sangue-frio no seu histórico.

Cerrei os dentes e continuei a andar com uma nuvem negra de pensamentos malignos retumbando sobre a minha cabeça.

Após cinco minutos, alcancei a entrada da escola. Uma grande placa de bronze semicoberta pelos imensos carvalhos da entrada principal indicava INTERNATO SAGAN. E estacionada ali em frente estava a limusine da Barbie cercada por um séquito de

outras meninas que também pareciam bonecas. Imaginei que aquele era o esquadrão de boas-vindas das piranhas do inferno.

Andei até o portão, lançando adagas dos meus olhos, mas a Barbie Terceira cruzou meu caminho e bloqueou a passagem.

Dei uma olhada seca para ela. Por um milésimo de segundo vi surpresa e pena passando pelos olhos da garota, mas esses sentimentos se dissiparam tão depressa quanto eu os percebi para serem substituídos por alguma outra coisa. Eu estava muito irritada para tentar decifrar o que quer que fosse no entanto. E, de qualquer forma, não havia nada dentro da mente daquela menina que me interessasse.

– Meu Deus, olhe pra você. Acho que você deveria ter sido mais legal comigo lá na estrada, não acha? – O sarcasmo escorria da voz dela. O esquadrão que a acompanhava também lançava sorrisos de desdém, cheios de desprezo. – Acho que posso permitir que você tente mais uma vez. Aqui está a minha bolsa. Por que você não a leva até o meu quarto lá em cima? Fica no terceiro andar, querida. – Ela empurrou a bolsa para cima de mim pela segunda vez.

Olhei para aquele troço em meus braços e depois para a garota. Um sorriso afetuoso se espalhou pela minha boca e o contentamento brilhava forte em meus olhos. Ela parecia satisfeita com minha mudança de atitude. Então peguei a bolsa com cuidado, com ambas as mãos, e a joguei bem no meio de uma grande e fedorenta poça de lama aos meus pés, sorrindo de forma diabólica o tempo inteiro.

Ouvi suspiros de indignação e ultraje das suas capangas de araque e um pequeno guincho vindo da garota. Cara, como ela merecia isso! Bati palmas diante de um trabalho tão bem-feito, peguei minha mala e subi os degraus da entrada principal sem olhar para trás e sem nenhum arrependimento no coração.

Segui pelo corredor com as pessoas me encarando e sussurrando às minhas costas, mas eu não dava mais a mínima. Eu devia estar mesmo uma beleza de figura, pingando lama para todo lado e possuía demais para me importar com qualquer coisa. Esse estava sendo o pior primeiro dia de aula da

história! Escolhi um pobre garoto e rosnei para ele, perguntando onde ficava a secretaria. Depois de um tempo, consegui encontrar o lugar. Uma velha senhora, gorda e rabugenta, estava sentada atrás de uma mesa, escrevendo algo. Ela nem mesmo se deu ao trabalho de parar e olhar para mim. Será que todo mundo naquela escola era mal-educado?

– Pois não? – ela perguntou em um tom entediado.

– Preciso do número do meu quarto – rosnei para ela. – Estou chegando atrasada para o segundo semestre.

– Nome, querida? – ela prosseguiu ainda sem olhar para mim.

– Joe Gray.

Ela digitou rapidamente no teclado, cerrou os olhos para a tela do computador, então pegou um Post-it e anotou um número.

– Aqui está. Quarto 101, bloco M.

Arranquei o papel da mão dela e dei o fora. Não ligava mais em ser mal-educada. Ninguém naquela escola merecia a minha simpatia. Parei mais alguns garotos pelo caminho, que prontamente me deram indicações. Ninguém queria criar problemas com a maluca enlameada. Logo eu estava diante da porta do meu quarto. Lá dentro provavelmente deveria haver mais um monte de Barbies mimadas. Eu estava mesmo condenada naquele lugar! Abri a porta e dei de cara com um garoto loiro reclinado preguiçosamente em uma cama virada para a entrada. Lia um livro e olhou para a entrada do quarto, surpreso com minha chegada repentina.

– Ei, o que está fazendo aqui? – rosnei.

O menino me olhou de cima a baixo, juntando as sobrancelhas diante daquela visão horrenda.

– Lendo. – Ele sacudiu o livro que tinha nas mãos.

Amarrei a cara, frustrada.

– Quero dizer, o que está fazendo aqui nesse quarto? Você sabe que esse é o dormitório das meninas, não sabe? – perguntei, perdendo a paciência.

– Desculpe, mas esse é o dormitório dos garotos. Bloco M. M de masculino. E esse é o MEU quarto. – Ele pousou o livro sobre

a cama e me lançou outro olhar inquisidor.

– Esse é o quarto 101, bloco M? – Hesitei um pouco dessa vez.

– Isso.

– M de mas... masculino?

– Isso.

Droga. Dormitório dos garotos. É claro. A maldição do nome. Eles pensaram que eu era um garoto! Joe Gray. Um garoto. *Droga. Droga. Droga!*

– Droga. – Entrei no quarto e bati a porta atrás de mim.

Ele parecia um pouco chocado enquanto eu empurrava minha mala em direção ao que acreditava ser a porta do banheiro, murmurando “*Isso é mesmo maravilhoso*” pelo caminho. E então bati a porta com um baque surdo e tranquei-a com um clique bem audível.

Eu iria lidar com aquela situação depois. No momento, tudo que eu precisava era de um banho e roupas limpas. Após vinte minutos sob a água quente, eu me sentia infinitamente melhor e pronta para lidar com o carinha loiro lá fora. Vesti meu jeans largo e um suéter preto, destranquei a porta e saí com cuidado.

O garoto ainda estava reclinado na cama com as pernas e os braços cruzados de forma casual e o livro abandonado ao seu lado. Agora que estava mais calma, pude ver melhor o garoto. Ele vestia um jeans desbotado, camiseta e meias brancas. Os tênis estavam jogados no chão. Havia um monte de papéis amassados espalhados pela cama que eu não havia notado antes. O cabelo loiro e brilhante era meticulosamente bagunçado em um topete espetado para cima que combinava bem com ele. Ele me observava mais uma vez com olhos curiosos cor de mel. Decidi que aquele era um bom momento para me desculpar por meu acesso de raiva.

– Ei, me desculpe pelo jeito como entrei. Estou tendo uma dia horrível, como você já deve ter percebido. Acho que me deram esse quarto por engano e vou tentar resolver isso agora.

Um pequeno sorriso apareceu no canto de sua boca.

– Nem se dê ao trabalho. Todos os quartos estão ocupados. As aulas já começaram faz uma semana. Ninguém vai querer trocar de quarto agora. Você pode deixar um recado na secretaria. Talvez ainda tenham alguma vaga aberta no dormitório das meninas. Mas acho que você vai ter que ficar por aqui até resolverem o problema. Até lá, serei seu colega de quarto. Sou Seth. Muito prazer. – Ele estendeu uma das mãos para mim.

– Joe. Joe Gray. – Apertei a mão dele e já preparei o meu script para o que viria a seguir.

– Mas... Joe é...

– Nome de garoto. Eu sei – falei me sentando na cama ao lado dele. – Daí a confusão com o quarto. Eles não devem ter prestado atenção na minha certidão de nascimento nem nos formulários de inscrição.

O garoto coçou a cabeça, bagunçando o cabelo loiro. Ele ficava tão fofo quando fazia isso!

– Acho que essas coisas devem acontecer o tempo todo com você, não é? – ele perguntou, sem graça.

– Só... sempre. Nunca falha. Nem uma única vez na minha vida – murmurei, olhando o quarto ao redor. Havia mais duas camas. Uma parecia meio quebrada. Imaginei que a outra deveria então ser a minha.

– Então, Joe, você se importa em contar a história das suas roupas enlameadas? Aquela foi mesmo uma visão e tanto! – Ele soltou uma risadinha. Pensei que estivesse zombando de mim, mas vi apenas curiosidade genuína nos olhos dele. Os lábios finos combinavam com um nariz igualmente delicado e os olhos cor de mel que brilhavam com honestidade. Todo o conjunto em seu rosto fazia com que se confiasse nele quase que imediatamente.

Talvez eu devesse desistir dessa ideia de trocar de dormitório. Seth parecia ser um cara bem decente. Não deveria ser tão ruim ter ele como colega de quarto. No mínimo, o cômodo era grande e havia um banheiro de um bom tamanho, onde eu poderia trocar de roupa. E, se eu mudasse de dormitório, era

bem capaz de acabar com uma daquelas Barbies terríveis do Esquadrão da Tiffany. Essa possibilidade me dava arrepios.

Sentei na minha cama com as pernas cruzadas e contei a Seth tudo sobre meu primeiro encontro com Tiffany Terceira, a caminhada até a escola, como a limusine jogou uma montanha de lama em cima de mim e como joguei a bolsa dela em uma poça fedorenta. A história fez com que ele me premiasse com uma série de gargalhadas. As risadas de Seth eram tão contagiantes e divertidas que comecei a rir também.

– Qual é? Sério que você fez isso? Com a Tiffany? Cara, você tem coragem, vou te contar!

– Por quê? Como assim?

– Bem, você sabe, ela é a pessoa mais rica de toda a escola e esse não é um título fácil de se ter por aqui, já que tem uma galera bem cheia da grana nesse colégio. Ela é dona de metade do estado, tanto em propriedades quanto em empresas. Bem, os pais dela são donos. Ninguém nessa escola ousa contrariar ela por medo que ela se vingue. E, quando um Worthington resolve retaliar alguém, é melhor não estar por perto. – Ele passou uma das mãos pelos cabelos loiros de novo. – É como se ela fosse a nossa Paris Hilton particular. Tiffany está acostumada com as pessoas rastejando aos pés dela o tempo todo.

– Ah, entendi – falei com os olhos um pouco arregalados de apreensão.

Ele me olhou, curioso.

– Você não sabia, não é? – ele disse, compreendendo meu nervosismo.

– Não. Mas nada disso importa. Não mudaria nada no que fiz. Se ela quiser se vingar, isso é problema dela. Não me humilho para ninguém – eu disse, firme.

– Bem, você tem o meu apoio. Se precisar de ajuda com a Vingança dos Worthingtons é só gritar. – Ele se reclinou na cama.

– E você? Não tem medo de sofrer uma retaliação da Tiffany?

– Não. Também me recuso a rastejar. É assim que eu jogo. – Ele fez uma pose de durão engraçada em cima da cama para

reforçar o que havia dito. Ele era divertido. Eu estava começando a gostar desse garoto.

Depois disso, conversamos um pouco, trocamos nossas histórias de vida. Seth era mesmo uma gracinha. Eu estava realmente feliz por ter acabado como sua colega de quarto. Ele me contou que frequentava a escola desde criança e conhecia muito bem todo mundo e todos os lugares ali por perto. Ele também me contou sobre os pais, que viviam em outro estado. Não tinha irmãos e sua família também era bem rica. Não como a da Tiffany, mas ainda assim tinham muita grana. Apesar de eu ainda me sentir um pouco cética e apreensiva em relação a ele, Seth era totalmente honesto e gentil comigo. Não tinha nada de "fedelho mimado". Ele me ofereceu sua amizade sem me julgar ou pedir nada em troca.

Eu não estava acostumada a acreditar nas pessoas com facilidade, mas Seth rompeu minhas barreiras de proteção com meia hora de conversa. O sorriso dele era afetuoso e confiante. O futuro no Internato Sagan não parecia mais tão sombrio. Seth era como uma luz no fim de um túnel escuro.

Após algumas horas, ele saiu para encontrar alguns amigos e passei o resto do dia arrumando minhas coisas e conversando com minha mãe no telefone. Pulei todo o incidente da lama e os arranjos atuais relacionados à minha acomodação. Ela não precisava saber de nada disso. Apenas disse que tudo dera certo em meu primeiro dia na escola. O dia seguinte, segunda-feira, seria meu primeiro dia oficial com aulas e professores e então eu teria mais coisas para contar. Fui para cama cedo e nem ouvi quando Seth retornou para o quarto.

Acordei no dia seguinte com o despertador de meu colega de quarto reverberando em meus ouvidos e com a mão pesada dele esmurrando o botão de desligar. Pude reconhecer apenas uma bagunça de cabelos loiros debaixo de uma pilha de edredons macios na cama ao lado da minha. Sorri sob meus cobertores.

A segunda-feira havia começado!

## capítulo doze

### A vingança dos Worthington

Era tão cedo que ainda estava escuro lá fora, mas eu me sentia tão empolgada que não conseguiria ficar parada na cama por nem mais um segundo. Mesmo que aquele dia não fosse especial para mais ninguém, afinal já estávamos na segunda semana do segundo semestre, na metade do ano, e todos já conheciam as rotinas, aulas e professores, para mim era o primeiro dia de aula.

Seth levantou da cama e foi para o banheiro sem camisa, mas vestindo calças de moletom. Ele parecia não se importar com o fato de ter uma garota no quarto.

Logo ele saiu vestido e com o cabelo arrumado. Como ele conseguia fazer aquele penteado incrível em tão pouco tempo era um mistério. Seth percebeu que eu olhava fixamente para ele e sorriu.

– E aí? Estou bonito? – ele brincou, alisando os cantos do cabelo.

– Está sim. Não é todo mundo que consegue ficar assim tão bem com esse penteado, mas você arrasou! – pensei alto. E era mesmo verdade. Ondas de mechas loiras foram puxadas para cima com firmeza em um pequeno moicano. Ele estava um gato.

Seth sorriu de orelha a orelha, satisfeito com minha resposta.

– Melhor correr e se arrumar rápido, Joe, ou não vou conseguir lhe dar um tour pela escola hoje! – Ele deu uma piscadela e começou a calçar o tênis.

Pulei da cama e mais que depressa entrei no banheiro. Em dez minutos tomei banho, vesti meu jeans largo e um suéter cinza e preendi o cabelo no rabo de cavalo de sempre. Minha rapidez fez com que Seth erguesse as sobrancelhas.

– Uau, você foi super-rápida! Nunca vi uma menina se arrumar tão depressa. Você é mesmo diferente, Joe Gray.

Dei de ombros e peguei a mochila. Decidi considerar aquilo um elogio.

Primeiro, Seth me levou até o armário dele e depois me ajudou a encontrar o meu. Depois me mostrou a escola, conduzindo-me até a ala oeste, onde ficavam os dormitórios das meninas. O dos garotos ficava na ala leste. As salas de aula ficavam no meio do prédio e nos fundos encontravam-se a quadra de basquete, a piscina, o auditório e o teatro. O prédio tinha três andares e aparentemente o terceiro era destinado aos aposentos dos professores e alguns quartos para alunos exclusivos. Os estudantes do terceiro andar não tinham que compartilhar quartos. É claro que aquele era o andar da nojenta da Tiffany.

A escola mais parecia um velho e imenso monastério. Tudo era feito de blocos cinzentos e tediosos de pedra pesada. Um vento gelado não parava de soprar nos corredores, congelando os ossos.

E então o sinal tocou, indicando o início das aulas e o final do nosso tour pela escola. Naquele dia, eu não teria nenhuma aula com Seth, mas depois de compararmos rapidamente nossos horários, vimos que tínhamos várias matérias em comum ao longo da semana. Seth me levou até porta da sala onde eu assistiria à primeira aula e me deu tchau ao ir para a sala dele.

Dei uma olhada lá dentro e revirei os olhos, mentalmente amaldiçoando os deuses do destino. É claro que logo na minha primeira aula, no meu primeiro dia de aula, eu tinha que estar com a metida da Tiffany Terceira e seu esquadrão de líderes de torcida do inferno. Por que essas coisas ainda me surpreendiam? Olhei para elas e todas, ao mesmo tempo, abriram um sorriso de desdém, como se tivesse sido ensaiado!

Tão típico. Tão terrivelmente previsível.

Bufei, irritada, e fui me sentar no fundo da sala, apenas algumas cadeiras atrás de onde Tiffany estava sentada. Foi então que elas começaram a cochichar e a olhar de relance para mim. Levei algum tempo para analisar a situação. Decidi que não seguiria o velho e batido script dos filmes de adolescentes. Não ia engolir nenhum *bullying* do esquadrão das oxigenadas sacudidoras de pompons.

Observei-as se reunir diante de mim, tagarelando e com aquele mesmo sorrisinho de escárnio nos lábios. Eram como um bando de hienas. E eu era carne nova na planície delas. Elas testavam o terreno, tentando descobrir que tipo de animal eu era. Seria eu um leão? Ou um frágil filhotinho de cervo?

Se começasse a andar com a cabeça baixa e os ombros encurvados, eu estaria perdida. Elas iriam fazer pedacinho de mim e me devorar viva. Não podia demonstrar nenhum sinal de fraqueza. Aquela era a hora do julgamento. Não iria cair na categoria de Bambi se eu pudesse fazer algo a respeito.

E definitivamente eu devia parar de assistir tanto ao Animal Planet...

Ajeitei minha postura para uma posição mais assertiva e imponente. Eu estava acima daquelas coisinhas loiras e insignificantes diante de mim. O professor entrou na sala e olhou para um pedaço de papel que trazia nas mãos.

– Bom dia, classe. Sentem-se, por favor. Então parece que temos um novo aluno em Sagan. Joe Gray, poderia levantar a mão, por favor?

Ergui um dos braços e o professor fez um sinal com a cabeça na minha direção. Ouvi uma das loiras do Esquadrão da Tiffany cochichar (um pouco alto demais) na minha frente:

– Ah, meu Deus! Ela tem nome de menino e aparentemente também se veste como um! – Ela soltou uma risadinha maldosa.

Revirei os olhos. O professor fez um gesto para que a turma se calasse:

– Senhorita Gray, por que não vem aqui na frente e se apresenta para a turma?

Certo. Aquela era a minha deixa. O meu futuro dependia dos próximos minutos. Caprichei na minha melhor expressão indiferente e descolada. Era agora ou nunca.

– Sem querer desrespeitar o senhor, professor, mas todo mundo na escola já sabe que eu sou a nova aluna e o senhor acabou de falar o meu nome. Então que tal se a gente considerar a apresentação como encerrada? Tenho certeza de que o senhor tem muita matéria para passar hoje. Não precisamos perder mais tempo. – Cruzei casualmente as pernas e comecei a folhear o livro, fingindo ter todo o interesse do mundo nas páginas a minha frente.

O professor pareceu confuso por um momento, mas assentiu e gaguejou as páginas que deveríamos ler. Tudo bem, aquela foi fácil! Sorri, satisfeita com minha atuação digna de um Oscar. Alguns alunos olhavam de esguelha para mim, curiosos. Um grupo parecia estar até mesmo impressionado. Agora eu era oficialmente um leão na pradaria.

Eu estava focada no meu livro, mas arrisquei uma olhadela para cima. Tiffany estava virada na cadeira, um pouco à minha frente, e olhava atentamente para mim. Havia definitivamente uma expressão estranha no rosto dela... Antes que eu pudesse descobrir o que era, ela mais que depressa se virou para o outro lado. Mesmo sendo tão boa em decifrar as pessoas, não era fácil descobrir o que se passava com aquela garota. Ela era mesmo boa em esconder as emoções!

O restante da aula passou sem nenhum outro grande acontecimento. E pensei que a partir dali eu estaria livre. Tudo estava dando certo e o tempo que passaria naquela escola seria pacífico e sem maiores atribulamentos. Aparentemente, estava sendo muito ingênua.

Logo descobri que Tiffany estava em quase todas as minhas aulas naquela segunda-feira. E ela se esforçou ao máximo para tornar a minha vida um inferno! O dia foi um fluxo constante de *bullying*, implicâncias, sorrisinhos afetados e de desdém, risadas

na minha cara e comentários cínicos sobre o meu nome, roupas, sapatos, a maneira como eu andava, sentava, respirava. Eu tinha a sensação de estar participando de um trote da academia militar.

Então esse era o início da Vingança dos Worthington. Seth havia me prevenido a respeito disso, mas eu meio que não tinha acreditado nele. Tentei me controlar ao máximo e evitar todos os ataques, mas no fim do dia eu estava moída e desolada depois de todo aquele abuso emocional. Entrei no meu quarto me sentindo como Rocky Balboa depois de levar uns bons socos... O que me lembrou que eu precisava assistir aos filmes do Rocky com Tristan um dia desses. A ideia me fez sorrir, apesar do dia infernal que eu havia tido.

Seth estava sentado na cama com as costas encurvadas revirando papéis espalhados ao seu redor. Ele olhou para mim e fez uma cara de pena.

– Uau, primeiro dia ruim, hein? – ele perguntou, compreensivo.

– A palavra ruim não serve nem para começar a descrever como foi o meu dia – resmunguei, jogando a mochila no chão e desabando na cama. E então contei a Seth sobre a Vingança dos Worthington. Logo de cara, ele ficou irritadíssimo.

– Ela não pode fazer isso com você! – Seth berrou da cama dele. – Quer que eu fale com ela?

Deixei os ombros caírem com um meio-sorriso nos lábios. Eu mal o conhecia e ele já estava sendo superprotetor. Que fofo.

– Seth, eu já sou bem crescidinha. E NÃO, você não vai falar com ela. Por favor, posso lidar com isso sozinha! – Tentei acalmá-lo.

Ele ainda parecia bem chateado.

– Você acha que não posso ajudar você? Que estou intimidado pela Tiffany? – Seth bufou.

Eu me levantei e me sentei ao seu lado.

– Não, não acho nada disso. Tenho que lutar minhas próprias batalhas, caso contrário você vai pensar que sou algum tipo de coitadinha, reclamação que precisa de um homem para defendê-

la das meninas más. – Dei uma cutucada nas costelas dele. Ele sorriu para mim, parecendo um pouco mais conformado. – Mas sei que posso contar com você caso eu precise. Isso significa muito para mim. Valeu, Seth.

– Está certo, então. Contanto que você saiba que estou por aqui para lhe ajudar. – Ele corou um pouco e voltou para os papéis.

– E o que é essa bagunça? – Dei uma olhada sobre os ombros dele para todas as folhas amassadas em cima da cama.

Ele pareceu envergonhado por um instante, mas então pegou uma folha de papel e me mostrou.

– É meio que uma música que eu venho trabalhando... No momento é só um primeiro rascunho, mas talvez eu possa transformar isso em algo decente – Ele coçou os cabelos loiros. – Mas está sendo um pouco complicado. As palavras não estão encaixando em lugar nenhum. Mas a ideia básica está por aqui... em algum lugar.

– Você é compositor? – perguntei, surpresa.

– Bom, acho que sim. Faço parte de uma banda. Por enquanto, somos só eu e Sam que escrevemos as músicas. Os outros dois ficam só olhando e criticando tudo que a gente coloca no papel. Ainda não conseguimos criar uma música boa que realmente empolgue as pessoas. Talvez possa ser essa. – Ele encarou o papel como se o desafiasse a contradizê-lo.

Olhei para a letra rabiscada no papel. Estava uma bagunça. Dei graças a Deus por minha mãe ter pagado aulas de música para mim. Podia ouvir o ritmo da música tocando na minha cabeça enquanto lia a partitura.

Pequei uma folha em branco e comecei a anotar algumas notas ao acaso, pinçando alguns trechos do que Seth havia escrito e perguntando sobre coisas que não ficaram claras para mim em um primeiro momento. Ele respondia de imediato, claramente surpreso. Ele começou a ficar superempolgado com minhas sugestões, então continuei a dar os meus pitacos. Quando olhei para o relógio, percebi que havíamos passado horas trabalhando na música.

Seth olhava para a minha folha e para seus blocos de papel bagunçados murmurando: “Brilhante.” Fiquei feliz por ele ter gostado da forma como reorganizei a letra. Só coloquei as coisas no lugar certo, consertei algumas notas, equilibrei o ritmo e as rimas e a música estava lá, bem diante de nós! Ele me agradeceu milhares de vezes, olhando com reverência a nova letra em suas mãos.

– Mal posso esperar para os caras darem uma olhada nisso! É tão bom que eles nem vão acreditar. – Ele sorriu de orelha a orelha, feliz.

– Estou feliz por ter ajudado. Se você precisar de uma ajuda com as outras músicas, me dê um toque. Os seus rascunhos são mesmo muito bons, Seth. Você só precisa trabalhar a forma como junta suas ideias, só isso.

Meu telefone vibrou e pulei, surpresa. Peguei o aparelho e vi a palavra “Mãe” piscar na tela.

– E aí, mãe? Tudo bem? – cumprimentei sem muito entusiasmo. O *bullying* da Tiffany tinha tirado toda a alegria da minha voz e minha mãe percebeu isso na hora. Voltei para a minha cama e deixei Seth absorto nos papéis dele.

– Ei, querida, aconteceu alguma coisa? Você parece triste – ela perguntou, preocupada.

– Nem, estou só um pouco cansada. O primeiro dia é sempre meio difícil – falei uma meia-verdade. Ainda não queria que ela soubesse dos meus problemas com Tiffany. Eu podia lidar com essa chateação sozinha. – Quais são as novidades?

– Bom, hoje finalmente terminei a papelada de Tristan. Assim que eu tiver o carro de volta, poderei levá-lo para a escola! – ela informou, feliz. – Se as pessoas perguntarem, ele é o seu meio-irmão, certo, querida? Já liguei para a escola e expliquei toda a situação. Ah, e como você está se sentindo? Algum enjoo?

– Não, estou bem. Não se preocupe, mãe – respondi, aliviada. – E... como o Tristan está?

– Bem! Ele está no quarto dele, escutando música. Fomos fazer compras hoje! Ele precisava de um monte de roupas novas

para a escola. Eu não sabia que comprar roupas de garoto era tão divertido!

– Você sempre acha comprar roupas divertido, mãe. Não importa para quem seja – murmurei.

– Ah, mas ele é muito melhor do que você nisso. Ele não briga comigo o tempo todo e na verdade até aceita as minhas sugestões.

– Ele faz isso porque não faz a menor ideia do que usar – retruquei.

– E você precisava ver a cara das meninas na loja! Elas praticamente pediam para entrar no provador com ele! Tive de montar guarda do lado de fora para que ele não fosse importunado! Acho que você vai gostar do novo visual – ela comentou, feliz.

Aposto que vou, pensei comigo mesma. Qualquer coisa caía bem nele.

– Bem, essas são todas as novidades por enquanto. Preciso ir, querida. Ligo de novo amanhã. Beijos.

Desliguei o celular e passei o resto do dia imaginando Tristan com as roupas novas. E então lembrei que ele seria meu meio-irmão dali em diante, o que era... meio esquisito de imaginar. Suspirei, desejando estar com ele. Fui para a cama cedo mais uma vez e tive um sono agitado. Suspeitava que o dia seguinte seria infernal, com Tiffany na minha cola.

E logo descobri que estava certa. Levantei bem cedo para tomar o café da manhã em paz, pensando que talvez Tiffany e o esquadrão dela ainda estivessem na cama, mas então lá estava ela. Minha inimiga particular de pé no meio do corredor à minha espera, com o esquadrão da morte defendendo os flancos. Que puxa. O dia mal havia começado. Eu nem estava cem por cento acordada ainda. Será que ela não iria me dar nenhum descanso? Soltei um suspiro audível, ergui a cabeça e caminhei com um péssimo humor até Tiffany.

– Gray, preciso trocar uma palavrinha com você antes da primeira aula – ela ordenou, indicando uma sala vazia à esquerda.

Dei de ombros e entrei. Caso fosse necessário, eu poderia quebrar a cara daquela garota sem fazer o menor esforço. Talvez poderia pegar até algumas das suas capangas líderes de torcida também. Eu era faixa marrom em aikido e amarela em caratê. Como deu para perceber, eu era fã de atividades extracurriculares na minha outra cidade.

– Então, Gray – Tiffany começou, apoiando-se na mesa do professor. – Depois do teste que fizemos ontem, acho que você já deve ter aprendido a lição. Vou dar uma última chance para você se desculpar. É uma oportunidade para se redimir. Você se desculpa, carrega os meus livros o resto do dia e tudo será esquecido. O que você me diz? É sua última chance, lembre-se disso. Se você acha que ontem foi ruim, aquilo foi só um aquecimento. Posso fazer com que você seja expulsa se eu quiser.

Eu a encarei, focando toda a minha atenção para tentar pescar tudo que pudesse sobre as intenções daquela menina. Ela estava certa. Podia fazer com que eu fosse expulsa em um simples estalar de seus belos dedos milionários. Porém jamais faria nada disso. Eu podia ver em seus olhos. Tiffany estava mentindo. E mentindo feio. Sobre tudo.

– Quer saber de uma coisa? Vai fundo. Faça o que você achar que é certo. Não vou me desculpar porque não tenho nenhum motivo para isso. Você é que tem um problema de atitude. E você é quem deveria se desculpar! Acha que tratar as pessoas como lixo faz com que você seja respeitada? Elas não respeitam você. – Apontei para as líderes de torcida ao seu lado. – Elas tem medo de você e idolatram, mas fazem isso só por causa do seu dinheiro. Perca os seus dólares e vai ver que não há nem mesmo um único pingo de amizade dentro dessas garotas.

Eu me virei para sair, mas então me lembrei de uma última coisa.

– Me deixe em paz, Dona Worthington Terceira, e volte a ser esse ser humano horrível, raso e cruel que você se esforça tanto em se tornar. Em algum momento da sua vida, você vai precisar de um amigo de verdade e então vai perceber o tanto que é

pobre de verdade. – E com essas palavras, saí da sala e bati a porta atrás de mim.

Segui para a cantina e enfim pude tomar o meu café da manhã sozinha e em paz. O restante do dia foi um feliz intervalo. Tiffany não estava em nenhuma das minhas aulas, ao contrário de uma ou outra de suas capangas líder de torcida, mas elas não ousavam dizer ou fazer nada sem a líder. Elas não tinham nem coragem de me olhar agora. O que para mim estava mais do que bom.

Também tive algumas aulas com Seth, uma verdadeira brisa de ar puro no dia. Ele se sentou perto de mim em todas as aulas que tínhamos juntos, fazendo piadas e palhaçadas, o que me rendeu alguns olhares de inveja das outras meninas. Eu me diverti tanto com ele que quase me esqueci do incidente com Tiffany naquela manhã. Mas não estava preocupada. Sabia que, na verdade, Tiffany não me odiava. Eu havia visto. Mesmo depois de tudo que eu havia dito a ela. Por um momento tive dúvidas se tinha pegado um pouco pesado demais com ela hoje. Provavelmente não. Ela mereceu tudo o que havia ouvido de mim.

Assim, coloquei o incidente de lado e desencanei até de contar o incidente para Seth.

As aulas da manhã terminaram e almocei sozinha, sem o menor sinal de confusão à frente. Voltei para o quarto e cruzei com Seth no caminho. Caminhávamos juntos, conversando sobre nossas primeiras lições e deveres de casa, quando percebi Tiffany esperando junto a porta do nosso quarto, com o corpo apoiado na parede e braços cruzados sobre o peito.

Ela estava esperando por mim. Fiquei logo nervosa, antecipando outro confronto. Eu definitivamente não estava no clima para mais nenhuma briga com aquela garota. Mas que coisa! Será que ela não podia me deixar em paz de uma vez por todas? Seth percebeu minha irritação e tensionou imediatamente ao meu lado. Tiffany começou a falar antes que eu pudesse gritar ou fazer qualquer coisa drástica com ela.

– Oi, Gray. É... a gente pode conversar um minuto? Não vou tomar muito do seu tempo, prometo – ela pediu, com toda a educação. Aquela era nova. Quem poderia imaginar que ela era capaz de ser civilizada?

– Tudo bem, eu acho – concordei, relutante, fazendo um gesto para que ela me seguisse para dentro do quarto. Seth entrou logo atrás de mim. Ele tinha uma expressão séria, irritadíssima. Ainda estava fora de si com o que ela havia feito comigo no dia anterior.

Sentei na minha cama e ele se colocou bem ao meu lado. Tiffany observou o quarto ao redor e se sentou na cama de Seth, na nossa frente.

– Hum... a gente pode conversar em particular, talvez? – Ela olhou para Seth um tanto sem graça.

– Qualquer coisa que você tiver para me dizer, pode falar na frente do Seth. Ele é meu amigo. Sabe como é, um daqueles amigos de verdade sobre os quais comentei com você hoje cedo – eu disse, agressiva. Tiffany piscou algumas vezes diante das minhas palavras rudes.

Os olhos de Seth dançavam entre Tiffany e mim, tentando preencher as lacunas daquela conversa.

– Ok. Acho que mereci essa. – Ela abriu um sorriso afetuoso para mim.

Espera aí. Mas que coisa mais esquisita. Por que, do nada, ela resolve ser legal?

– Escute, Joe. Você estava certa. Preciso pedir desculpas. Foi mal mesmo – ela disse, cruzando as longas pernas.

Dessa vez fui eu quem hesitou em surpresa. Seth se inclinou na minha direção e cochichou, um pouco alto demais, no meu ouvido:

– Joe, que diabos você aprontou para fazer uma Worthington lhe pedir desculpas?

Tiffany olhou para ele, obviamente irritada, e fez um gesto na direção de Seth, como se não fosse levar aquela idiotice em consideração.

– Escute, você me causou uma excelente impressão hoje, Joe. De verdade. Você tem atitude, exatamente como eu, e eu gosto disso. Bom, preciso admitir que não prestei muita atenção em você quando nos vimos pela primeira vez naquela estrada lamacenta no domingo. Pensei que você era só mais uma aluna que iria fingir gostar de mim só para ganhar alguma vantagem, que se humilharia o tempo todo em troca de favores, como o meu querido esquadrão de líderes de torcida. Sim, sim, sei bem que elas não são minhas amigas de verdade, Joe Gray. Sou uma garota esperta. – Ela começou a enrolar um de seus cachos de cabelo nos dedos. – Por isso, fiquei bem surpresa quando você jogou minha bolsa de volta para mim e saiu andando pra escola sem nem me esperar. Aquilo foi completamente fora do normal. Comecei a prestar atenção em você depois disso. Então testei você mais uma vez, com o meu esquadrão de líderes de torcida ao meu lado para pressioná-la. Eu queria saber qual seria a sua reação. Tinha certeza de que você ia ceder naquela hora. E então você jogou minha bolsa Gucci na lama! Aquilo não teve preço! Bem, o fato de você ter jogado a bolsa, não a bolsa em si, que, na verdade, foi até bem cara, posso garantir. – Ela soltou uma risadinha.

Eu ouvia Tiffany de queixo caído enquanto ela prosseguia com o monólogo:

– Então tentei mais uma vez hoje, para ver se você se daria por vencida. Resolvi pegar pesado. Sabe, ninguém antes fez com que eu recorresse ao meu blefe de ameaça de expulsão. Você nem hesitou. E ainda fez um discurso dos brabos. Você tem coragem, garota, vou te contar. – Ela deu uma piscadela.

Olhei para Seth, que ainda estava ao meu lado. Ele fazia a mesma cara de antes, uma expressão séria e aparentemente irritada, mas seus olhos brilhavam com um certo sorriso. Como ele conseguia fazer aquilo? Truque impressionante!

– Então vim até aqui para dizer que oficialmente parei com esse teatrinho bobo de ameaça idiotas com vocês. Você passou em todos os testes com altas honras. Como você mesma disse, é muito difícil, para mim, fazer amigos de verdade, mas, se você

me permitir, gostaria muito de ser sua amiga. Vou entender se não quiser, depois de tudo que lhe fiz, mas pelo menos diga que me perdoa e aceita as minhas desculpas?

Fiquei boquiaberta ao ver o respeito e a admiração que cintilavam nos olhos de Tiffany.

– E... e... eu... – As palavras me faltavam. – Tudo bem – respondi, já que nada mais saía.

– Sério? – ela perguntou, empolgada. – Puxa, estou tão aliviada! Não costumo fazer *bullying* com as pessoas. Eu estava tão culpada por fazer aquelas coisas com você. Mil desculpas, Joe – Tiffany deixou escapar com sinceridade.

– Está tudo bem. Você jogou lama em mim na estrada, joguei sua Gucci na poça. Você me perseguiu o dia inteiro, eu lhe dei um discurso brutal. Estamos totalmente quites. Que tal começarmos de novo? Oi, prazer em conhecê-la. Sou Joe Gray. – Estendi a mão para ela.

– Oi, Joe! Prazer em conhecer você também! Sou Tiffany, mas pode me chamar de Tiff. – Feliz, ela abriu um sorriso de orelha a orelha e apertou vigorosamente a minha mão.

Seth sorriu, visivelmente mais tranquilo ao nos ver trocar um aperto de mãos.

– Tudo bem então. – Ele se levantou e se jogou na cama dele, fazendo com que o corpo de Tiffany balançasse e ela perdesse o equilíbrio um pouco com o impacto no colchão. – Agora que não preciso mais intervir em nenhuma briga, posso voltar a relaxar. Opa, desculpe, vossa alteza. – Ele brincou com Tiffany e cruzou as pernas sobre a cama. Esse era Seth. Tão fofo que era impossível guardar rancor por muito tempo.

Tiffany descruzou as pernas para recuperar o equilíbrio, olhou de relance para Seth com uma expressão carrancuda, porém logo se voltou para mim, balançando a cabeça e sorrindo mais uma vez.

– Meninos. Jamais terão boas maneiras. – Ela fez um som de desaprovação para Seth, mas então se lembrou de algo. – Eu já ia perguntar isso, Joe. O que você está fazendo no dormitório dos garotos? Foi bem difícil achá-la aqui!

– Ah, foi a administração da escola. Acho que eles se enganaram, por causa do meu nome... É, eu sei, eu sei, tenho nome de menino – resmunguei. – Fiquei um pouco chateada no início, mas agora até que estou gostando daqui. Não acho que me encaixaria bem no bloco das garotas... Já vi como as meninas são nessa escola! Um único dia trancafiada em um quarto com elas seria o suficiente para eu querer me matar! – Agitei os braços no ar, fazendo Seth e Tiffany caírem na gargalhada.

– Não acho que você tenha escolha, Joe. Cedo ou tarde vão acabar descobrindo. Quartos unissex não são permitidos em Sagan – Seth comentou.

– Ah, sério? – disse meio triste. Que pena! Eu realmente gostava de ter Seth como colega de quarto.

– Eu vou dar um jeito para que eles permitam quartos unissex de agora em diante! – Tiffany propôs ao ver minha expressão chateada. – Vou ter uma conversinha com a secretária da escola, por isso não precisa mais se preocupar com esse assunto. E assim você vai realmente me perdoar por ontem!

– Tiffany, você não precisa fazer isso pra que eu a perdoe. Eu já disse, estamos quites. – Balancei uma das mãos para ela.

– Eu insisto. Vou lá agora mesmo! Vejo você por aí amanhã. Tchau, Joe! – Ela saiu do quarto como um raio, antes que eu pudesse me despedir.

Olhei para Seth e ele deu de ombros, chutando os tênis para longe.

– Acho que somos oficialmente colegas de quarto agora! – Ele se reclinou preguiçosamente na cabeceira da cama. – Eles não vão ousar contradizer Tiffany. Ela é dona dessa escola. A sua mãe provavelmente terá que concordar formalmente também, para que eles não sejam processados. Tirando isso, sua barra aqui no dormitório está mais do que limpa.

Sorri, feliz. Aquele dia havia terminado de uma maneira completamente diferente do anterior. Do inferno ao céu. Muito diferente mesmo.

## capítulo treze

### Conversas, telefonemas e melhores amigos

No dia seguinte, Tiffany me encontrou logo cedo na mesa do café da manhã. Ela me cumprimentou toda empolgada e se sentou diante de mim. Eu ainda achava aquela mudança drástica de atitude meio perturbadora. O que posso dizer? Sou uma pessoa muito desconfiada.

– E aí, Joey? Tudo bem se eu chamar você de Joey? Tenho grandes novidades. – Tiffany colocou a bandeja dela sobre a mesa. Dei de ombros como um sinal de aceitação das boas notícias e do fato de ela em tão pouco tempo já me chamar pelo meu apelido. – Então. Sobre sua situação ilegal de dormitório misto, resolvi tudo! A administração da escola ficou um pouco chocada no começo, mas eles acabaram concordando depois que eu “insisti” no assunto. Além disso, eles estavam em um beco sem saída, já que não há mais vagas disponíveis no dormitório das meninas, por isso tiveram de concordar. Mesmo assim eles disseram que a sua mãe precisa ser avisada e passar aqui para assinar alguns papéis. A sua mãe é do tipo puritana? – ela perguntou casualmente, mordendo uma maçã.

Olhei para Tiffany, sem graça, um pouco desconfortável por já lhe dever um favor tão depressa.

– Acho que não... mas nunca passei por uma situação do tipo estou-dormindo-com-um-garoto antes. – Imediatamente meus

pensamentos se voltaram para Tristan. – Por isso não tenho certeza do que ela vai achar dessa história.

– Nunca um garoto quis dormir com você antes? É difícil acreditar nisso, Joey Gray! Uma garota cheia de atitude como você! Deve ter um monte de garotos fazendo fila na sua porta, implorando por uma chance! – Ela piscou para mim.

– Até parece. Muito engraçado, Tiffany – murmurei, me sentindo ainda mais desconfortável. Eu tinha receio de que Tiffany estivesse tirando sarro da minha cara, mas toda vez que olhava pra ela, via nada mais do que um espírito de brincadeira em seus olhos.

– Por favor, Joey, me chame de Tiff. De qualquer forma, você agora está oficialmente autorizada a ficar na ala do dormitório masculino. Falando nisso, onde está o seu colega de quarto? Achei que ele fosse estar aqui com você. – Ela olhou ao redor.

Ah, então Tiffany esperava que Seth estivesse comigo, não é? Era então minha vez de rir um pouco dela, ver como ela reagiria a um pouco de brincadeira inofensiva.

– Seth? A última vez que passei por ele, estava brigando com o botão do despertador. Ele *não* queria mesmo sair da cama hoje. Por quê? Você queria encontrar com ele? Será que alguém está meio a fim de um cara loirinho que coincidentemente vem a ser meu colega de quarto? – Insinueie, erguendo as sobrancelhas.

Ela olhou para mim e tentou sugar despreocupadamente o canudo do suco de caixinha.

– Que isso. Tudo bem, ele até que é gatinho, mas esse lugar está cheio de caras gatos. Olha aquele que está passando ali. E aquele outro. Viu? Há um monte de peixes nesse oceano. – Ela apontou para alguns caras ao acaso que andavam com uma expressão entediada próximo à nossa mesa.

– Está certo. – Voltei a tomar o meu café da manhã sem acreditar por nem um momento naquela falta de interesse dela.

– Na verdade, prefiro evitar relacionamentos aqui na escola, sabe? Tenho o mesmo problema tanto com as meninas quanto com os garotos: todos eles fingem que gostam de mim por

causa do meu dinheiro. – Ela olhou para a bandeja e tentou não soar chateada.

– Bom, não só por causa do seu dinheiro. Você precisa se dar algum crédito, Tiffany! – Brinquei com ela de novo. – Eles também fingem gostar de você por causa das suas pernas longas e perfeitas, além do seu cabelo loiro espetacular! Sem contar os peitos! Aposto que tudo isso também faz com que eles finjam gostar de você.

Ela me encarou com os olhos arregalados e depois caiu na gargalhada.

– Ah, meu Deus! Essa foi incrível. – Ela secou as lágrimas que lhe escapavam dos olhos. – Você está mais do que certa, Joey! Os garotos podem esquecer totalmente do dinheiro quando há peitos envolvidos! Você merece um ponto por essa!

A conversa correu com mais facilidade depois disso. Era mesmo muito divertido ter Tiffany por perto. Eu me senti mal por tê-la estereotipado antes, achando que ela era apenas uma loira burra com nada além de vento na cabeça. Eu não poderia estar mais errada. Tiffany era espirituosa, divertida e muito inteligente. Parecia que ela possuía tudo na vida: dinheiro, beleza e cérebro. E de alguma forma ela estava se esforçando ao máximo para me agradar. Isso me intrigava de uma forma que você não podia acreditar! O que ela vira em mim?

Tínhamos algumas aulas juntas naquela manhã e sempre que ela cruzava comigo nos corredores ou em alguma sala, ela me cumprimentava toda animada, me abraçava e conversava comigo como se fôssemos velhas amigas. Tiffany realmente se esforçava para me conquistar e fazer com que eu me tornasse sua amiga.

As garotas da equipe de líderes de torcida estavam simplesmente perdidas. Não entendiam por que tinham transformado minha vida em um inferno em um dia e no seguinte foram proibidas de fazer qualquer outra atrocidade. Sempre que uma menina tentava fazer um comentário cruel sobre mim ou me lançar um olhar maldoso, Tiffany a retaliava com dureza. Logo elas aprenderam que eu havia ganhado uma

imunidade garantida por uma Worthington Terceira. Isso fez com que elas recuassem todos os ataques bem rapidinho.

Tiff e eu também almoçamos juntas naquele dia. Nunca fui boa em ter amigas antes, mas Tiffany parecia ser a minha primeira promessa de amizade do sexo feminino. Porém, eu ainda continuava um pouco receosa quando ela estava por perto. Terminávamos a sobremesa quando meu telefone soou com o toque da minha mãe.

– E aí, mãe! Como você está? – atendi.

– Oi, Joey. Sou eu, Tristan – ele disse, nervoso do outro lado da linha. – Liguei em uma hora ruim?

Fiquei instantaneamente nervosa e tentei com todas as forças não corar, pois Tiffany estava bem na minha frente, terminando seu mousse de chocolate. Até aquele momento, não havia percebido o quanto eu tinha sentido falta da voz grave de Tristan.

– E aí? Posso falar sim, sem problema – respondi com uma voz ligeiramente esganiçada e mentalmente me amaldiçoei por isso. – Como estão as coisas? – Tentei de novo em um tom mais sério.

– Ah, está tudo bem por aqui. Sua mãe me ensinou a usar o celular e me deu o seu número! E funcionou! – ele exclamou, claramente orgulhoso de sua conquista tecnológica.

– Isso é ótimo! É muito fácil usar o celular e você aprende rápido! – Tentei abafar uma risada com uma das mãos sobre a boca. Ele era tão fofo quando tentava aprender como funcionavam as coisas modernas!

– Obrigado – ele disse cheio de orgulho. – Como vai a escola?

– Aos trancos e barrancos no começo, mas agora tudo está muito bem. – Olhei de relance para Tiffany do outro lado da mesa. Ela abriu um sorrisinho amarelo e, aflita, se atrapalhou com os talheres. Tiff sabia muito bem que aquele começo complicado tinha sido especificamente culpa dela.

– Trancos e barrancos? Isso pelo visto vai dar uma boa história – ele comentou em um tom divertido.

– Ô se dá. Conto tudo quando você chegar aqui. Ah, falando nisso, quando você vem?

– Sua mãe está preparando tudo para que possamos ir no sábado, para o seu aniversário! Por que você não me contou?

– Ah, não é grande coisa – falei, com sinceridade. Na verdade, eu meio que odiava celebrar os meus aniversários. Esperava que minha mãe tivesse esquecido essa história e eu pudesse ter um pouco de paz e tranquilidade nesse ano, mas aparentemente isso não iria acontecer.

– Bem, sua mãe não parece pensar assim. Saímos ontem para comprar o seu presente! – ele me informou, todo contente.

– Ai, Jesus! A minha mãe fez você fazer um montão de compras essa semana toda, não foi? Sinto muito por isso. Mas segure as pontas aí que isso logo vai acabar. – Exagerei no drama. Eu odiava fazer compras. Era a maior perda de tempo!

Ouvi a risada sexy de Tristan do outro lado da linha. Cara, como eu tinha sentido falta daquela risada.

– Não tem problema. Tenho conversado muito com a sua mãe esses dias. Ela é mesmo uma bra... hum... bem... bem maneira?  
– Ele se corrigiu a tempo.

– Sim, ela é muito maneira. Vocês dois tem conversado muito, é? Sobre o que, posso saber? – Fiquei imediatamente morta de curiosidade. Sobre o que eles poderiam falar tanto? Pelo amor de Deus, espero que minha mãe não esteja tagarelado todas as estórias da minha infância embaraçosa. Vou morrer de vergonha! Senti minhas bochechas queimarem só de pensar na possibilidade.

– Sobre coisas... você sabe. A vida, o passado, o futuro – ele murmurou. Um tanto vago, não?

Houve uma pausa embaraçosa. Tristan tossiu sem graça do outro lado da linha.

– Então... acho que nos vemos no sábado, certo? – Ele quebrou o silêncio.

– É. Com certeza. – Senti o calor subir pelo meu pescoço ao pensar em vê-lo de novo.

– Combinado. Tchau, Joey.

– Tchau, Tris. – E desliguei.

Eu estava prestes a suspirar fundo quando lembrei que Tiffany estava bem ali, me observando com toda a atenção, então limpei a garganta um tanto envergonhada tentando disfarçar e peguei minha bandeja. Ela ergueu uma das sobrancelhas, seguindo atentamente meus movimentos.

– E então, era o seu namorado no telefone? – ela quis saber, curiosa.

Tentei reaver o controle das minhas emoções. Tristan sempre teve o poder de me tirar dos trilhos.

– Não, era só o meu... meio-irmão. – Testei a mentira do meio-irmão em voz alta pela primeira vez. Soava estranho. E errado. Afastei esse pensamento da cabeça. Não era como se ele fosse realmente meu irmão! Mas eu já podia prever quanta dor de cabeça aquela mentira iria me causar no futuro...

Dei tchau para Tiffany logo em seguida e rumei para a próxima aula. Quando o período da tarde terminou, decidi ir para o meu quarto e começar a dar cabo da pilha de dever de casa que eu tinha naquela semana.

Quando entrei, Seth estava sentado na cama, com o *case* da guitarra ao seu lado e outra pilha de papéis amassados ao redor. Aquele garoto não conseguia viver sem uma pilha de papéis amassados! Eu o cumprimentei enquanto caminhava até a minha cama e jogava a mochila no chão.

– Parece que o seu dia foi bem melhor hoje – ele me cumprimentou de volta.

– Pois é. Estou tão surpresa quanto você. – Ri e estiquei o braço para alcançar a mochila e pegar meus livros.

– Você tem noção que Tiffany falou sério sobre esse negócio de ser minha amiga? Na verdade, me diverti de monte com ela na hora do almoço! Talvez eu devesse dar uma chance pra ela... o que você acha?

– Bom, eu não sei, talvez ela tenha sido realmente honesta ontem. A decisão é sua, Joey. – Seth começou a jogar os papéis dentro da mochila. Parecia estar com pressa. – Não sei se dizer isso vai ajudar, mas eu nunca a vi fazer *bullying* com as pessoas

por aqui antes. Está certo, ela anda por aí como se fosse dona da escola, mas acho que ela é mesmo dona de tudo isso aqui, então essa até que é uma atitude honesta da parte dela.

Eu estava prestes a responder quando um garoto invadiu o quarto sem bater. Ele olhou calmamente para Seth com um *case* de guitarra pendurada sobre os ombros. Ele tinha um visual meio de skatista ou surfista, mas a característica mais notável era seu cabelo superbagunçado e do mais vívido vermelho que eu já tinha visto. O contraste com a pele pálida ressaltava os olhos de um verde vibrante. Ele era um pouco mais baixo e magro que Seth e usava um piercing de argola nos lábios. E era inacreditavelmente bonito. Ninguém deveria ter permissão para ser tão bonito daquele jeito.

Seth se virou em direção à porta e cumprimentou o garoto skatista, todo animado.

– E aí! Já era hora, Harry! Já estava mofando aqui esperando vocês. Espera aí. Cadê o Josh? Ele não está com você?

– Sei lá, cara. Você conhece o Josh. Ele sempre desaparece pra fazer aquelas “coisas de Josh” dele. Sammy já está na sala de ensaios esperando a gente – Harry respondeu baixinho. E só então ele percebeu minha presença no quarto e logo ficou nervoso, evitando os meus olhos. – Ei, Seth, cara, tem uma garota no seu quarto – ele murmurou, sem jeito.

Seth continuou a enfiar os últimos vestígios de papel dentro da mochila.

– É, essa é Joe Gray. Eu falei sobre ela, lembra? Joe será minha colega de quarto durante o resto do ano, então, por favor, tente bater na nossa porta antes de entrar no quarto de agora em diante, cara. Joe Gray, esse é Harry Ledger. Baixista e o mais incrível dos amigos – Seth nos apresentou, trocando um aperto de mão rápido e todo descolado com Harry.

Harry olhou para mim, tímido, e balançou a cabeça.

– E aí, Joe?

– Oi, Harry. – Eu me encostei na cabeceira da cama e esperei que ele começasse com o script de sempre sobre o meu nome... Só que isso não aconteceu. Harry simplesmente enfiou as mãos

nos bolsos da bermuda larga e esperou, paciente, enquanto Seth se preparava para deixar o quarto.

Fiquei embasbacada. Aquela era nova. Não, na verdade, era a *primeira vez* que alguém era apresentado a mim sem proferir a fala "*Mas Joe é nome de garoto*". A. Primeira. Vez. Na. História.

Acho que Tristan não mencionou *exatamente* esse fato quando nos conhecemos, mas eu sabia o que ele estava pensando e se conteve porque eu o desafiei a falar algo a respeito. Harry parecia não dar a mínima, não parecia nem mesmo estar mascarando qualquer pensamento.

Harry deve ter percebido que eu olhava para ele como uma idiota, pois começou a jogar o peso do corpo de um pé para o outro, desconfortável e ansioso para dar o fora do quarto. Ele parecia ser incredivelmente tímido, o que era bem estranho. Garotos bonitos como ele são em geral todos cheios de si e abusam dos sorrisinhos afetados, das piscadelas e das respostas convencidas. Ao que parecia, Harry não fazia nada disso.

Por fim, Seth terminou de arrumar as coisas, pegou o *case* da guitarra e foi em direção à porta seguido por Harry.

– Joe, vamos para o ensaio! Vejo você mais tarde, ok? Vamos lá, Harry. A gente espera Josh lá na sala de ensaio. Tenho uma música surpresa para mostrar. Vocês não vai acreditar como é boa! – Ele piscou para mim antes de fechar a porta.

Sorri para o quarto vazio, feliz por Seth ter ficado tão empolgado com a música nova. Esperava que ele me deixasse ouvi-la algum dia. Decidi que aquela era uma boa hora para tomar um banho, já que tinha todo o quarto para mim.

Peguei o meu xampu de tangerina especial para "ocasiões felizes" e corri para o banheiro. Quando terminei, saí toda limpinha, perfumada, com o cabelo bem penteado e de calça de moletom preta com uma camiseta de alcinha da mesma cor.

Parei de sobresalto ao ver que outro garoto estava sentado na cama de Seth, virado de costas para mim. Ele tinha ombros bem largos e batia com duas baquetas na própria perna. Ele se virou e olhou para mim quando me ouviu sair do banheiro.

– Ei, Seth, cara, passei o maior tempão aqui esperan... Oh. Oi. Olá. Você não é Seth – ele disse de forma abrupta com uma expressão confusa no rosto.

Os olhos mais límpidos e azuis olharam para mim. Ele tinha um rosto fino e bonito, com por lábios igualmente finos. O cabelo era cortado bem curto e era tão negro quanto o meu, quase raspado dos lados e um pouco mais longo no topo da cabeça, onde ele o modelava para que formasse um pequeno moicano.

– Ei, você deve ser Josh. Sou Joe, a nova colega de quarto de Seth. – Estendi uma das mãos para ele.

Trocamos um aperto de mão e ele sorriu, gentil.

– Você tem nome de menino, mas com toda a certeza não se parece com um.

Sorri de volta para ele. E lá íamos nós. Uma variação do script tradicional, como já era de se esperar. Harry era mesmo o único que fugia à regra.

– Eles saíram para o ensaio faz pouco tempo. Ouvi Seth perguntar de você. Ele tem uma música nova para lhe mostrar. É melhor correr. Seth deve estar ansioso esperando você. – Eu me joguei na cama e peguei um livro.

– Certo. – Josh se levantou da cama.

Uau! Ele era alto. E tinha ombros e peito realmente largos, embora fosse magro. Seth não deveria se preocupar tanto com tocar boas músicas – pelo menos não com companheiros de banda como aqueles. Na verdade, ele podia tentar abrir uma agência de modelos.

– Prazer em conhecê-la, Joe! Se Seth começar a encher muito o seu saco, é só falar comigo que eu cuido dele! – Josh me lançou um sorriso caloroso e uma piscadela antes de correr para fora do quarto.

Passei o resto da tarde fazendo o dever de casa como eu planejava mais cedo. Depois do jantar, tentei ler um livro na cama enquanto esperava por Seth. Eu estava muito curiosa para ouvir os comentários da banda sobre a nova música, mas o

sono tomou conta de mim e nem mesmo ouvi Seth se esgueirar pelo quarto tarde da noite.

## capítulo catorze

### Presente de aniversário

A quinta-feira começou sem maiores eventos.

Levantei cedo e fui tomar café da manhã sozinha. Seth ainda dormia. Tiffany chegou quinze minutos depois, conversou com alguns amigos e mais uma vez seguiu para a minha mesa carregando sua bandeja. Percebi que essa atitude atraiu olhares estranhos das pessoas ao nosso redor. Fazia dois dias seguidos que Tiffany comia comigo. Os outros começavam a me notar, a garota esquisita, com jeito de moleca, que havia capturado a atenção de Tiffany.

Eu me sentia pouco à vontade sob os holofotes, mas continuei a mastigar meu café da manhã e tentei me esconder de todos aqueles olhares intrometidos. Conversamos um pouco. Bem, Tiffany falou a maior parte do tempo. Não sou do tipo de conversar muito pela manhã. E então seguimos cada uma para uma aula diferente.

Lembrei-me de que precisava pegar alguns livros no meu armário, por isso fiz um pequeno desvio no meio do caminho. No início, não liguei os pontos, mas logo entendi que todos os sussurros e olhares de esguelha eram dirigidos a mim.

*– Ouvi que ela peitou um professor...*

*– ...tem nome de garoto, aquela ali...*

*– A equipe de líderes de torcida tem medo dela, ninguém sabe por quê...*

*– Ela peitou até mesmo a Tiffany! Essa garota só pode ser maluca...*

- ...e elas são melhores amigas agora? Como assim?
- Afinal, quem é essa menina?

O último comentário foi feito por um grupo de jogadores para o capitão do time da escola, Bradley Finn. Seth me mostrou outro dia quem era Brad, me alertando para ficar longe daquele cara. Aparentemente, eles haviam brigado no ano passado e Seth deixou a equipe de basquete. Foi a primeira vez que vi Seth tão descontente com alguém. Bradley era o perfeito estereótipo do jogador burrão: capitão do time de basquete da escola, grande, idiota, extremamente barulhento, pretensioso e muito convencido. Todas as características que eu desprezava em uma pessoa. Já tinha visto ele passar pelos corredores algumas vezes, mas naquele momento Bradley virou o rosto na minha direção e começou a me estudar com profundo interesse. Abaixei a cabeça e continuei a andar até o meu armário, tentando atrair o mínimo de atenção, mas as pessoas não paravam de sussurrar e apontar para mim. Percebi que estava construindo uma fama. Fantástico. Não havia passado nem uma semana na escola e já era a novata maluca e esquisita. Que ótimo.

Apertei o passo até o meu armário e peguei os livros o mais rápido que consegui. O burburinho de fofocas ao meu redor estava começando a fazer eu me sentir deslocada. Fechei a porta com uma pancada e me virava para ir embora quando um peitoral grande e pesado me impediu. Tropecei para trás, perplexa, batendo no armário com o maior estrondo. Quando olhei para cima, vi o rosto quadrado e convencido de Bradley, que me encarava.

– Então você é a garota nova de quem todo mundo está falando! Não estou entendendo o motivo de todo esse estardalhaço. – Ele passou as mãos imensas pelo cabelo curto, cor de areia, e abriu um sorriso forçado e desagradável.

Recuperei o equilíbrio e estufei o peito com a intenção de me impor um pouco. Bradley não pareceu nem um pouco impressionado.

– Sou Joe. Joe Gray – eu disse baixinho. Era melhor manter a calma. Eu não precisava de mais nenhuma briga naquela escola.

– Rá! Que hilário! Qual é o problema da sua mãe? Por que ela lhe deu um nome de homem? – ele berrou em tom de deboche.

Cerrei os olhos na direção dele e comecei a sentir o sangue ferver.

– Sua mãe é uma das responsáveis por seu cérebro ter o tamanho de uma ervilha, mas você não vê alguém perguntando por aí qual é o problema dela – rosnei. Era melhor eu dar adeus aos meus planos de manter a calma.

Ele franziu a testa com o esforço de pensar.

– Está me tirando de idiota? – Bradley gritou de novo. Dessa vez ele parecia mais irritado do que entretido.

– Sabe, o simples fato de você ter que me perguntar isso já responde à sua dúvida, não acha? – Cruzei os braços, desafiadora, com os livros contra o peito.

Bradley se inclinou, colocando o rosto bem próximo ao meu, o que me forçou a dar um passo para trás e bater na porta do armário mais uma vez. Eu me amaldiçoei mentalmente. Dar um passo para trás daria a ele a impressão de que eu estava com medo. Aquele definitivamente não era um bom movimento em uma briga pela posição dominante. Ele esticou os braços ao meu redor, me impedindo de escapar.

– Mesmo assim, o cérebro de ervilha aqui vai lhe dar uma lição. Não é muito inteligente da sua parte arrumar problema com o cara mais popular dessa escola! – ele ameaçou.

Eu o encarei com os dentes cerrados. Aquele cara não sabia com quem estava se metendo. Eu tinha minhas faixas de artes marciais para provar que ele estava errado!

– É melhor você se afastar ou vou fazer com que você se arrependa disso! – avisei com um rosnado. Afastei as pernas para ter equilíbrio suficiente para ficar em um pé só enquanto me preparava para executar o clássico movimento do *chute no saco*. Tecnicamente falando, aquele não era um golpe legal, mas com um cara do tamanho de Bradley, eu teria que jogar sujo para abrir alguma vantagem.

Porém antes que eu pudesse fazer o que quer que fosse, uma mão agarrou os ombros de Bradley e o empurrou com toda a força para longe de mim, fazendo com que ele cambaleasse para trás, quase caindo de bunda no chão. Fiquei tão surpresa quanto o próprio Bradley.

Ele recuperou o equilíbrio no último segundo e conseguiu ficar de pé. Bradley se virou para dar de cara com um Harry furioso, os punhos cerrados com firmeza, pronto para a briga. Ele parecia estar com muita raiva, mas, quando abriu a boca, as palavras saíram baixas e calmas. As mãos, entretanto, traíam aquela fachada de tranquilidade.

– Acho que é hora de ir embora, Bradley.

Bradley não estava nada feliz por ter sido empurrado daquela forma.

– É mesmo? E quem vai me obrigar? Você, roqueirinho? – ele latiu. Aquele garoto mais parecia um pit-bull.

– É, o roqueirinho e eu – disse Josh, vindo parar ao lado de Harry.

Josh não era tão *baixo* quanto Harry. Ele tinha uma altura que impressionava, apesar de não ser tão largo e musculoso quanto Bradley. No entanto, a expressão ameaçadora de Josh foi suficiente para fazer com que Bradley repensasse o próximo passo. Ele olhou rapidamente ao redor e só então deu pela falta de seus amigos do time de basquete, que sempre estavam ao seu lado para ajudá-lo no que fosse preciso. Ele estava sozinho agora. E em desvantagem. Bradley então fez o que é esperado de covardes convencidos. Ele recuou.

– Tudo bem. Ela é toda sua! Divirta-se com “o garotinho”! Ela nem vale o trabalho de brigar mesmo. – Bradley se afastou rápido com um sorriso de desdém.

Harry se aproximou e ajoelhou-se para pegar um livro que eu havia deixado cair, entregando-o com todo o cuidado para mim.

– Você está bem? – ele perguntou no mesmo tom calmo de minutos atrás, só que dessa vez toda a raiva havia desaparecido e sua voz estava bem mais suave e verdadeiramente calma.

– Estou bem. Obrigada, Harry – agradei e peguei o livro de volta.

Harry me deu um leve sorriso e ergueu os ombros com uma expressão de quem não se importava nem um pouco com qualquer retaliação de Bradley.

– Não se preocupe – Josh acrescentou. – Vamos levar você até a sua sala. Onde é sua próxima aula?

– Fica... logo ali. Vocês não precisam fazer isso! Posso cuidar de mim mesma – insisti enquanto eles andavam ao meu lado pelo corredor.

Eles, porém, não estavam acreditando muito na minha capacidade de resolver brigas. Por que acreditariam? Tudo o que tinham visto foi uma garotinha coagida por um valentão. Mas, se tivessem esperado mais um segundo, eles teriam visto uma garotinha chutar “as nozes” do valentão com toda a força. Fiquei um pouco chateada por eles pensarem que eu era uma menina indefesa. Mas a intenção dos dois era a melhor possível e eles só estavam tentando me proteger, então deixei que me acompanhassem, mesmo sabendo que não precisava de nenhum tipo de escolta.

– Então, Joe, Seth nos mostrou a música nova – Josh comentou, casual.

Fiquei feliz por mudarmos de assunto.

– É mesmo? Vocês gostaram?

– É muito boa. – Josh sorriu.

– Muito, *muito* boa – Harry, posicionado do meu outro lado, acrescentou.

– Que bom! Seth estava muito empolgado. Ele deve estar feliz com a aprovação de vocês. Ele me falou que vocês eram meio exigentes com as letras.

– Não somos exigentes! O lance é que a gente não gosta de músicas ruins, só isso! – Harry riu. – E essa definitivamente não é nada ruim. Obrigado, Joe.

Droga. Será que eles sabiam que eu havia mexido na música? Tentei fingir que não sabia de nada

– Obrigado pelo quê? A música é de Seth.

Os dois riram ao mesmo tempo.

– Até parece. A gente sabe que tem um pouco de Seth naquela música, mas suspeitamos que você ajudou muito! – Harry me olhou de esguelha.

– Bom, só mostrei algumas coisinhas para ele. A música é de Seth! – repeti com firmeza.

– Tudo bem. Vou fingir que acredito. – Josh abriu um sorrisinho.

E então chegamos à porta da sala de aula.

– E aqui estamos, sãos e salvos. Obrigado por ter mostrado essas “coisinhas” na música pro Seth! A gente curtiu muito. – Josh me deu um tapinha no ombro.

– Claro, sem problema. Obrigada de novo por me acompanharem até aqui. Não precisava, de verdade. A gente se vê por aí. – Sorri e entrei na sala.

Josh me deu tchau e Harry acenou levemente com a cabeça, encarando o chão e evitando qualquer contato visual comigo. Um pequeno sorriso surgiu em um canto da boca. Ele era tão adoravelmente tímido! Entrei na sala e sorri, feliz. Estava muito contente por eles terem gostado da música.

O resto do dia passou bem depressa. Tive algumas aulas com Tiffany, outras com Seth e Josh e uma com Harry. Eles sempre me cumprimentavam, empolgados, e sentavam ao meu lado. O que atraiu mais alguns olhares de inveja das outras meninas. No fim das contas eu estava formando um grupo de amigos incrível naquela escola! A única coisa que poderia ser mais legal do que aquilo era a chegada de Tristan no sábado.

E com esse pensamento na cabeça, as aulas de sexta-feira passaram sem eu dar a menor atenção. Estava tão ansiosa para que o sábado chegasse logo que não conseguia focar em mais nada. À tarde, um cara da manutenção da escola foi até o nosso quarto para consertar a cama quebrada ao lado da parede e à noite minha mãe ligou para avisar que chegaria ao meio-dia. E então o sábado finalmente chegou! (Até que enfim!) Eu estava tão ansiosa que acordei bem cedo, mesmo sem precisar. Fiquei olhando para o teto pelo que pareceu umas cem horas até que

desisti de voltar a dormir e levantei da cama, decidindo que o melhor era me arrumar e esperar na frente da escola.

O dia estava muito agradável. Ventava um pouco, mas não fazia muito frio. O campus era bem grande, com jardins bem cuidados, pequenos chafarizes, gramados longos e várias árvores lindas por todos os lados.

Em certo momento, encontrei um lugar bastante reservado, com um carvalho imenso, impressionante, plantado bem no meio de um jardim. Parecia um local ótimo para passar o tempo. Passei a manhã toda explorando as redondezas e um pouco antes do almoço cruzei com Tiffany na entrada da cantina.

Almoçamos juntas e contei a ela que minha mãe e meu meio-irmão chegariam dali a pouco. Ela bateu palmas, empolgada com a notícia. Tiffany parecia estar sempre de bom humor e muito animada. Era difícil se sentir triste ao lado dela. Tiff era como o sol, irradiava alegria e vibrações positivas.

Tiffany esperou comigo no portão principal, no mesmo lugar onde joguei a bolsa Gucci dela na lama no meu primeiro dia na escola. Ela se sentou no pequeno muro de tijolos ao lado dos degraus com as pernas cruzadas em uma posição sexy e fiquei de pé ao lado dela, olhando fixamente para a estrada à espera de algum sinal do carro da minha mãe no horizonte. Tentava parecer tranquila, mas por dentro eu me contorcía de ansiedade. Na verdade, era mais do que uma contorção. Eu estava surtando de nervosismo.

Tiffany não parava de falar, toda empolgada, com o cabelo voando ao sabor do vento, sem se dar conta da minha agonia e dos meus nervos em frangalhos.

– Então me conta, Joey, o seu irmão é tão irritadinho quanto você? Preciso esconder minhas bolsas Gucci? Você sabe, eu não suportaria ver mais um dos meus bebês na lama! – ela brincou comigo.

– Você vai saber logo, Tiff – respondi vagamente. Mas antes que ela fizesse qualquer outra pergunta, o carro da minha mãe

surgiu em uma das curvas da estrada. – Lá estão eles! – Abri um sorriso radiante e aponte para o carro que se aproximava.

Minha mãe parou a alguns metros de onde nós estávamos, bem perto dos portões. De repente, meu nível de ansiedade foi para as alturas, minhas palmas suavam em bicas e o meu coração batia acelerado. Vi Tristan contemplar o prédio da escola de dentro do carro. A ideia de conversar com ele de novo me deixou tão nervosa que quase me deu enjoo. Não tive tempo de pensar em mais nada, pois Tristan abriu a porta do lado do passageiro e saiu devagar, com uma pequena mochila nos ombros.

Ele vestia um jeans preto, nem muito apertado, nem largo demais, e uma camiseta verde que faziam com que os olhos dele refletissem o mesmo tom de verde-escuro. Quando o vi com uma camiseta azul-marinho na semana anterior, pensei que nenhuma outra roupa fosse cair melhor do que aquela nele, mas como eu estava enganada! Verde-escuro combinava muito bem com Tristan. Ele usava uma pulseira preta de contas no pulso, o cabelo preto estava todo bagunçado por causa do vento, o que era mais um ponto a favor dele. Eu sabia que Tristan não gostava de usar o cabelo desarrumado, mas ele ficava tão bonito daquele jeito que mentalmente agradei aos deuses do vento.

Ele se virou na minha direção e me lançou aquele sorriso luminoso, aberto e afetuoso que só ele era capaz de dar e que fez minhas pernas amolecerem. Sem nem ao menos me dar conta do que estava fazendo, corri até ele e o abracei tão apertado que cheguei a ouvir ele soltar todo o ar dos pulmões. Eu só queria ter ele perto de mim, urgentemente. Era uma necessidade tão esmagadora que tomou conta de todo o meu corpo e toda a minha mente. Nunca na vida eu tinha agido dessa maneira antes. Nunca me permiti ser tomada por emoções incontrolláveis. Será que era o laço criado pelo feitiço que estava fazendo com que eu agisse dessa forma, fazendo com que meu cérebro enlouquecesse?

Senti Tristan ficar tenso e surpreso sob o meu abraço e no momento em que o toquei, um choque eletrizante atravessou todo o meu corpo, como uma descarga intensa de energia acumulada passando pela gente. Então era de fato o feitiço que afetava as minhas ações, pensei comigo mesma. Estava forçando a minha necessidade de contato físico para que pudesse descarregar o que quer que se havia acumulado durante toda aquela semana que ficamos separados.

Eu o larguei depressa, um pouco atordoada com essa estranha reação em cadeia que nosso abraço tinha provocado. Acho que Tristan também sentiu algo, pois estava de olhos arregalados, claramente surpreso. Antes que pudéssemos nos acalmar e pensar com alguma clareza, minha mãe começou a berrar do outro lado do carro:

– E eu? Não vou ganhar um abraço? – ela quis saber, feliz.

Dei a volta correndo, supercontente, e lhe dei o abraço de urso de sempre. Eu tinha sentido tanta falta dela! Olhei de relance para Tristan, que esperava do outro lado do carro. Ele observava com uma expressão levemente perplexa no rosto.

Tristan permaneceu um pouco distante por um tempo enquanto tirávamos a bagagem do carro. Talvez ele tivesse se assustado com o que tinha acabado de acontecer. Assim que terminamos, fomos até os degraus da entrada da escola, onde Tiffany nos esperava.

– Mãe, Tristan, essa é a minha amiga Tiffany.

– Muito prazer em conhecê-la, Mamãe Gray! E... Tristan. – Ela olhou para Tristan com as sobrancelhas erguidas, impressionadíssima com o que via. Quem não ficaria? Ele era incrível. Maldição!

Ele assentiu com a cabeça com educação, pegando uma das mãos de Tiffany entre as suas e beijando-a de leve.

– É um prazer conhecê-la, senhorita.

A mão de Tiffany congelou sobre a dele enquanto ela o observava, surpresa. Achou que ele estivesse zombando dela, mas Tristan mantinha uma expressão séria. Decidi intervir antes que ela suspeitasse de alguma coisa.

– Não ligue pra ele, Tiff! Tristan, pare com isso! Esse meu irmão adora fazer uma palhaçada. – Fiz um gesto para que ele se afastasse dela e o cutuquei na costela.

Minha mãe soltou uma risadinha nervosa e mudou de assunto para tentar dissipar o mal-estar.

– Bem, que tal a gente levar essas bolsas lá pra dentro? Liguei para a Secretaria ontem e eles me deram o número do dormitório do Tristan. Precisamos acomodá-lo agora. Vemos você daqui a pouco, Tiffany – minha mãe falou às pressas, sem nem ao menos parar para respirar.

Tiffany sorriu, um pouco confusa, e assentiu.

– É claro. A gente se encontra mais tarde, então. – Ela nos deu tchau e subiu os degraus da entrada.

Cruzamos o imenso portão principal e só quando vimos Tiffany virar no corredor pudemos respirar aliviados.

– Tristan, tente não fazer *aquilo* de novo, ok? O pessoal não se cumprimenta mais assim nos dias de hoje! – expliquei enquanto caminhava ao lado dele.

Ele franziu a testa, sem entender o que havia feito de errado.

– Como as pessoas se cumprimentam agora? – ele quis saber, perplexo.

– Sabe como é... diga só "oi". Algumas pessoas não fazem nem isso – murmurei.

– Isso é bastante rude. – Ele fez uma careta e então parou na interseção entre os corredores, impressionado. – Esse lugar é imenso! Qual é mesmo o número do meu dormitório, Sra. Gray?

– Ah, eu anotei em algum lugar. – Minha mãe revirou um pedaço de papel que trazia nas mãos e sussurrou com urgência: – Tristan, você deve me chamar de mãe por aqui, lembra? Ah, aqui está – ela disse mais alto. – Quarto 101, bloco M, no segundo andar. A secretária me falou que eu precisava assinar alguns papéis antes de você colocar suas malas lá... e que pedia desculpas pela confusão. Não entendi direito o que ela quis dizer, mas seja lá o que for vou descobrir agora que estou aqui.

Olhei para ela, nervosa. Ai, caramba. Quarto 101 M.

– Então, sobre isso, mãe... o que a secretária queria dizer é que o quarto 101 M também é o meu. – Esperei para ver qual seria a reação dela.

– Ah, que boa notícia. Eles têm dormitórios mistos aqui! Que sorte, hein? Vocês vão dividir o mesmo quarto e poderão cuidar um do outro! Mostre o caminho, Joey! Vamos logo! Essas malas estão muito pesadas! – Ela bufou e olhou para os corredores à nossa frente.

– Huh... Então, tudo bem, sigam-me. Por aqui – Fiz um gesto para que eles fossem atrás de mim. Decidi contar a ela só mais tarde que aquele não era um dormitório misto. Se ela não estava se importando com aquilo, com certeza não seria eu quem iria ligar!

Fomos direto para a ala leste e subimos a escada até o segundo andar. Bati de leve na porta antes de entrar. Tristan e minha mãe estavam logo atrás de mim.

Seth estava na cama, apoiado na cabeceira como sempre, com as pernas cruzadas em uma pose casual, lendo um livro. Entrei e apresentei primeiro minha mãe e depois Tristan, dizendo que ele era meu irmão e que seria nosso novo colega de quarto durante aquele ano.

Ele se levantou, cumprimentou minha mãe e estendeu uma das mãos para Tristan, que olhou, satisfeito, na minha direção, como se dissesse: “Viu? As pessoas pelo menos ainda trocam apertos de mão.” Ele apertou a mão de Seth com firmeza.

Seth observava Tristan colocar as malas no quarto com um olhar de esquelha, cauteloso. Ela parecia se sentir um pouco intimidado com a postura confiante de Tristan. Meu novo meio-irmão tinha uma presença marcante. Minha mãe estava ocupada inspecionando o quarto, os armários, a vista da janela e o banheiro, de forma que sentei na cama e deixei que ela perambulasse à vontade. E então achei que seria uma boa ideia deixar os meninos sozinhos por algum tempo e perguntei para minha mãe se ela queria dar uma volta pela escola. Ela concordou toda animada e em um piscar de olhos estava pronta para sair.

– Então, esse é o seu quarto, Tristan. Arrume as suas coisas agora que amanhã a gente faz um tour pela escola, certo? A gente volta logo. – Dei tchau para Tristan e ele assentiu calmamente, sentado na cama do outro lado do cômodo.

Antes de fechar a porta, flagrei Tristan olhando para Seth com uma expressão estranha.

Enquanto mostrava o lugar para minha mãe, tentei explicar a situação do dormitório misto. No início, ela pareceu bem descontente, mas logo eu a fiz lembrar de que apenas alguns minutos atrás ela não tinha achado nada demais e que não havia o menor motivo para ela se chatear agora. E garanti que Seth era um cara legal, decente e respeitador, assim como Tristan, de forma que não havia nada com que se preocupar. Após alguns momentos de persuasão intensa, ela concordou em assinar o termo de consentimento na administração da escola. Na minha cabeça, eu dava pulos de alegria. Mas do lado de fora não podia deixar transparecer o quanto eu estava empolgada por ela ter me deixado ficar com os garotos! Era bom demais para ser verdade!

Quando voltamos para o quarto, percebemos logo de cara que Seth e Tristan estavam se dando muito bem. Eles riam alto, contentes, mas assim que colocamos os pés lá dentro eles se calaram e mais que depressa mudaram de assunto. A desconfiança e intimidação iniciais de Seth haviam desaparecido completamente dos olhos dele.

Minha mãe começou a fazer um monte de perguntas “casuais” para Seth, que a princípio poderiam ser consideradas como uma leve curiosidade, mas eu sabia muito bem que na verdade faziam parte de seu interrogatório. Graças aos deuses, ele não pareceu notar nada! Só depois de algum tempo minha mãe pareceu satisfeita com as respostas de Seth e parou de fazer perguntas esquisitas. Ela então se levantou da cama em um pulo e deu um sonoro tapa na testa.

– Tristan, quase me esqueci! Por favor, pegue o presente de aniversário da Joey! Quero ver se ela vai gostar! – ela pediu, animada.

Tristan sorriu, tirou uma caixa branca de dentro da mala e mais que depressa a entregou para minha mãe.

Ela empurrou a caixa em minhas mãos, quase explodindo de tanta empolgação.

– Feliz aniversário, docinho. – Ela abriu um grande sorriso.

Seth ergueu as sobrancelhas e reclamou comigo:

– Ei, não sabia que hoje era o seu aniversário!

Peguei a caixa, agradecendo com um revirar de olhos.

– Desculpe, Seth. É que eu não gosto de comemorar. Não é nada demais.

– Ela nunca deixa que eu compre bolo, nem que chame os amigos dela ou organize uma festa! – minha mãe se lamentou ao meu lado. – Mesmo assim sempre bato o pé para comprar um presente. Se fosse por Joey, ela deixaria a data passar como se fosse um dia qualquer!

– É um dia qualquer, mãe! O que há de tão especial nos aniversários? Eu nasci nesse dia, há dezoito anos. Precisamos nos lembrar disso pelo resto das nossas vidas? E a comemoração? Qual é o sentido? Parabéns, você conseguiu viver por mais um ano. É simplesmente ridículo! – eu disse, irritada. E todos eles começaram a rir da minha cara emburrada.

– Tudo bem, querida. A gente entendeu que você não gosta de aniversários. Mas esse é especial! Você fez dezoito anos! Que tal abrir seu presente? – Minha mãe me deu um tapinha condescendente em meu ombro.

Bufei, irritada, coloquei a caixa sobre a cama e abri a tampa. Lá dentro havia um lindo vestido vinho. Era mesmo incrível! Passei as mãos sobre o tecido de seda macio. Parecia caro. Não conseguia me imaginar naquela roupa. Era muito chique para mim. Um vestido tão elegante e extraordinário. E eu era tão... água com açúcar.

– Puxa, obrigada, mãe! É lindo! – agradei com sinceridade. Ela não precisava saber que eu jamais teria coragem de usá-lo.

– Não é? Quando o vi, soube que tinha que comprar para você! – ela comentou, radiante.

Assenti e coloquei o vestido com cuidado de volta na caixa e a guardei no armário.

Minha mãe foi embora no fim da tarde, me pedindo para telefonar sempre que pudesse e que eu promettesse visitá-la nos fins de semana.

Tristan, Seth e eu jantamos juntos naquela noite e Tiffany se juntou a nós na metade da refeição. O olhar dela se alternava, curioso, de Seth para Tristan. Tentei desvendar alguma coisa naqueles olhos, mas como eu já tinha percebido, ela era mesmo boa em esconder as emoções e não consegui descobrir o que sentia. Eu estava tão acostumada a ter uma resposta instantânea assim que olhava para os olhos das pessoas que me sentia um pouco irritada quando não conseguia fazer o mesmo com Tiffany.

Passamos muito tempo conversando e Seth insistiu em comprar um cupcake de chocolate para comemorar o meu aniversário enquanto Tiffany tinha um ataque por eu não ter lhe dado a notícia. Eu os proibi de cantar “parabéns pra você” e lancei um olhar gelado para que tivessem certeza de que eu falava sério. Já era bem tarde quando nos despedimos.

Nosso quarto estava quente e aconchegante quando nos aninhamos lá dentro. O vento balançava com força o batente da janela. Meu coração ainda batia desarranjado por Tristan estar ali comigo e ainda por cima no mesmo quarto. Ele ia ser meu colega de quarto! Isso não era fantástico?

Eu me preparava para dormir quando Tristan se levantou da cama, como se acabasse de se lembrar de algo. Ele revirou a mala rapidamente e veio se sentar ao meu lado com algo nas mãos. Borboletas flutuaram em minha barriga quando o braço dele roçou o meu.

– Queria lhe dar um presente de aniversário. É só uma lembrancinha, mas espero que você goste. Feliz aniversário, Joey. – Ele me entregou uma fita de papel.

Olhei para o presente, surpresa. Era uma daquelas tiras de fotografias batidas em cabines de foto instantânea. Nas fotos, Tristan fazia todos os tipos de caras para a câmera. Algumas

eram sexy, outras engraçadas ou esquisitas e em uma delas Tristan estava de perfil (como se estivesse olhando para alguma coisa do lado de fora). Em outra ele apontava para as lentes, se achando o tal... E a minha favorita era uma em que ele simplesmente olhava, atento, para a câmera com um sorriso imperceptível, no canto esquerdo dos lábios perfeitos e leves rugas nos olhos que apareciam graças ao sorriso que ameaçava aparecer. Ele parecia tão feliz! Tão cheio de vida. Tão... perfeito.

Eu estava sem fala. Aquele foi o presente mais sensacional. O melhor que eu já tinha recebido. Virei o papel e fiquei ainda mais surpresa ao ver que havia uma mensagem no verso da tira, escrita com uma caligrafia bonita:

*A vida é mesmo repleta de possibilidades.*

*Obrigada por me mostrar isso.*

*Você é a possibilidade mais incrível que já me aconteceu.*

*Feliz aniversário.*

*T.*

– Achei que fosse gostar, já que você tem essa tradição de dar de presente fotografias de momentos felizes – ele disse sorrindo.

Eu me virei para ele tentando conter as lágrimas. Ele me observava atentamente, ávido para saber qual seria minha reação ao seu presente. Minha voz saiu trêmula quando arrisquei falar algo.

– Obrigada, Tris. É... perfeito. – E lhe dei outro abraço. Dessa vez ele não ficou nervoso e me abraçou de volta. Senti aquele formigamento de eletricidade mais uma vez, só que um pouco mais fraco que da última vez.

Seth saiu do banheiro naquele exato momento e nos largamos depressa antes que atraíssemos mais atenção do que gostaríamos. Tristan levantou e foi para a cama dele.

– Boa noite, Joey. Durma bem – ele me desejou baixinho.

Antes de dormir, coloquei o presente de Tristan dentro do armário, bem escondido debaixo do meu novo vestido

vermelho, onde estaria seguro. Logo em seguida me aconcheguei debaixo dos cobertores macios e desliguei a luz do abajur.

Aquele acabou sendo o melhor aniversário da minha vida.

## capítulo quinze

### Modos encantadores

Na primeira noite após a chegada de Tristan na escola, tive o mais estranho dos sonhos.

Eu estava em uma praça circular repleta de gente. Porém havia uma espécie de neblina cinzenta que cobria a tudo e a todos como se estivéssemos em uma cidade fantasma.

Olhei para baixo e vi que me destacava de todo o resto. Cores vibrantes e vívidas emanavam de minha pele e minhas roupas. Eu me sentia como uma intrusa naquele lugar, como se não pertencesse a nada daquilo. Voltei a olhar para cima e vi uma figura sinistra e encapuzada a poucos metros de mim. Parecia ser um homem pela postura e o tamanho, mas eu não tinha certeza. Apesar de suas cores não serem vibrantes como as minhas e ele estar coberto apenas por um longo manto cinza-claro, ele se encontrava igualmente definido, até mesmo mais do que eu. Ele parecia intensamente sólido, uma presença maciça naquele ambiente nebuloso.

E ele olhava diretamente para mim. Devagar, ele começou a se mover na minha direção, porém seus movimentos pareciam estranhos, alienígenas, como alguém que não estava acostumado a andar. Ele meio que flutuava na minha direção.

O capuz estava abaixado, de forma que quando chegou perto o suficiente, pude ver o rosto dele. Desejei não ter feito isso no entanto. Era a coisa mais assustadora que eu já havia visto. Uma face morta, vazia, sem expressão alguma me encarou de volta, com buracos escuros no lugar dos olhos. Aquilo não

parecia ser humano. Não sabia que diabos era aquela coisa, mas tinha certeza de que não queria ficar ali para descobrir. Fiquei tão apavorada que não conseguia me mexer, gritar ou fazer o que quer que fosse. Era apenas capaz de observar aquela criatura assustadora e horripilante se aproximar cada vez mais de mim. Ele parou a alguns metros de onde eu estava com os buracos negros fixos em meus olhos.

Quando ele falou, a voz era baixa e suave, como um sussurro. Eu esperava algo rouco e seco, realmente assustador, mas a voz dele não era nada além de indiferente, calma, quase tranquilizadora.

– Encontrei você – ele declarou.

Aquilo não foi uma pergunta, apenas uma mera observação. E percebi que ele não abriu a boca para falar. A voz dele simplesmente aparecia na minha cabeça, sem a necessidade de ser verbalizada. Eu estava tão apavorada que mal conseguia ficar em pé sem tremer. Ele inclinou a cabeça devagar, me fazendo lembrar de uma ave de rapina.

– Mas não consegui encontrá-lo – a coisa sussurrou de novo, mais uma vez apenas confirmando os fatos. – Onde ele está? Onde está a anormalidade? – Ele se endireitou a espera de uma resposta.

– E... e... eu não sei – consegui murmurar após alguns momentos de silêncio desconfortável.

– Ele está escondido, protegido de mim. Preciso encontrá-lo e consertá-lo. Onde ele está? – ele repetiu.

Aquelas palavras não faziam o menor sentido.

– Não sei do que você está falando – eu disse em pânico.

Ele inclinou a cabeça para o outro lado e franziu a testa. Foi a primeira vez que vi alguma expressão em seu rosto.

– É inútil tentar esconder a anomalia de mim. Irei encontrá-la de qualquer forma. É apenas uma questão de tempo. – Ele deu um passo na minha direção. – Você também consegue se esconder de mim. Pelo menos no mundo físico. O que é uma inconveniência. No momento só consigo entrar em contato quando você está em um estado subconsciente. – Ele deu mais

outro passo. Estava muito perto. Assustadoramente perto. – E sei que vocês dois estão ligados, conectados. Mas encontrei  *você*. Você pode me dar a localização dele. É o meu trabalho consertar esse erro. Isso não pode continuar.

Ele estendeu uma das mãos para mim. Tentei correr, mas meus pés pareciam presos ao chão, como uma árvore enraizada. Por que eu não conseguia me mover?

Aquilo era só um pesadelo. Um pesadelo terrível. Tudo que eu tinha que fazer era acordar.

As mãos dele quase me tocavam e recuei, apavorada. A última coisa que vi foram os dedos longos e pontudos estendidos para mim, o rosto pálido vindo na minha direção, os buracos escuros que ocupavam o lugar dos olhos tornavam-se apertados pela ânsia de obter respostas. Fechei os olhos com força e ouvi o sussurro surpreso da criatura dentro da minha cabeça:

– Não!

E então acordei no meu quarto, ofegante e fora de mim de tanto pânico.

Vários minutos se passaram até que minha respiração voltasse ao normal. E precisei de mais alguns tempo para recuperar minha calma. Revirei na cama por um longo tempo, me perguntado se deveria acordar Tristan, mas logo percebi que estava apenas sendo boba. Eu não iria perturbá-lo só por causa de um pesadelo idiota! Quantos anos eu tinha? Cinco? Ele ia achar que eu era uma garotinha estúpida! Após algum tempo tentando me acalmar, consegui cair de novo em um sono agitado.

No dia seguinte, acordei muito cansada. Seth levantou cedo para encontrar com Sam. Ele iam trabalhar em algumas letras novas. Eu estava curiosa para conhecer Sam, ele era o único da banda que ainda não havia sido apresentado para mim. Mas eu estava tão cansada e de mau humor que achei melhor deixar para outro dia. Tomei banho e me arrumei, mas sem o menor pique.

Tristan, já vestido, percebeu meu desânimo e perguntou o que havia de errado. Sentei na cama e contei a ele sobre o meu estranho pesadelo. Ele ouviu em silêncio, tateando a pulseira de contas negras em seu pulso. Quando terminei, ele permaneceu em silêncio por um longo tempo, pensativo.

– A criatura de manto do seu sonho realmente disse “*Ele está protegido de mim*”? – Tristan por fim perguntou, sentado na cama diante da minha, finalmente arriscando um comentário.

– Acho que foi algo assim. Por quê? Foi só um sonho esquisito. Um pesadelo bobo. – Tentei olhar nos olhos de Tristan, mas ele manteve o rosto abaixado, encarando o bracelete.

– É, pode ser. Mas, analisando o seu sonho, parecia que essa pessoa estava à minha procura. E você foi arrastada pra dentro dessa história por minha causa, por me trazer de volta e por termos esse laço sobrenatural agora. Eu coloquei você nessa situação – Tristan disse com uma voz bastante preocupada.

– Tris, qual é? Pare de se culpar. Você não planejou nada disso. Você não fazia a menor ideia do que iria acontecer. E por tudo que sabemos, talvez esse tenha sido apenas um sonho, um pesadelo, nada mais! – Tentei assegurá-lo de que tudo ficaria bem.

– Dona Violeta foi até a sua casa todos os dias para checar se eu estava bem. Antes de eu ir embora, no meu último dia, ela me deu isso. – Ele me mostrou a pulseira de contas. – E me pediu que não a tirasse. É um tipo de amuleto. Ela me disse que “me manteria protegido”. Escolha de palavras estranha, não é? As mesmas do seu sonho... Talvez eu devesse entregá-la para você, para evitar os sonhos ruins... – Ele fez um movimento para tirar a pulseira do braço, mas eu o impedi.

– Não. Ela falou para você usá-la. Talvez eu possa pedir outra para Dona Violeta, assim nós dois ficamos protegidos do que quer que seja aquela coisa e ela não vai poder nos encontrar. Problema resolvido. Além disso, essa pulseira fica muito bem em você! Você definitivamente deve usá-la. Está muito na moda. – Sorri para ele.

– É, acho que sim. – Tristan abriu um sorriso pálido.  
– Vamos parar com isso. Não tem nada a ver nos preocuparmos com coisas sobre as quais não podemos fazer nada a respeito. E prometi que iríamos fazer um tour pela escola hoje, então vamos andando! – Levantei e me preparei para sair do quarto.

Ele me seguiu, ainda pensativo, mas depois de algum tempo nos esquecemos por completo do sonho e tivemos um dia agradável. Conversamos e caminhamos preguiçosamente pelos arredores da escola em uma tarde quente de domingo.

No início, pensei que Tristan teria dificuldade para se ajustar. Afinal, havia décadas que ele não passava algum tempo na companhia de gente da mesma idade. Também pensei que deveria ser difícil disfarçar suas maneiras e seu discurso antiquado. Achei que as pessoas o taxariam de esquisito ou de simplesmente maluco.

Pelo menos minha mãe cuidou das roupas dele. Foi um alívio. Ela sempre teve um senso de moda incrível, de forma que o visual de Tristan estava bem moderno agora. Essa era a única coisa com a qual eu não precisava me preocupar.

Mas e os apertos de mão e a cortesia antiquada? Ele puxava a cadeira para as meninas, suas maneiras eram excessivamente educadas e seu jeito, como um todo, era bem esquisito. Achei que seria apenas uma questão de tempo até que descobrirem o segredo de Tristan.

Com segredo, eu queria dizer o fato de Tristan ter vindo dos anos cinquenta. O outro segredo, sobre ele não ser meio-irmão, era outra coisa que sempre passava pela minha cabeça e me preocupava.

Eu estava bastante ansiosa com a segunda-feira, o primeiro dia de aula de Tristan. Tinha receio de que seria um desastre total. Mas no domingo, durante nossa caminhada vespertina pelo terreno da escola, comecei a perceber que Tristan parecia mudado. Ele estava *diferente*.

Naquela primeira semana quando eu o conheci como um fantasma, ele estava sempre com a guarda alta, tentando esconder sua "condição". Ele tinha uma armadura ao redor de si que utilizava para controlar as emoções e evitar que eu me aproximasse demais. Ele era evasivo e misterioso. Um quebra-cabeça envolto em um enigma.

Na segunda semana, já como um garoto vivo, ele estava envolto por uma onda de emoções contrastantes, que variavam entre surpresa, insegurança, assombro, empolgação, medo e felicidade. Ele havia sido jogado em um novo mundo repleto de coisas modernas e estranhas que não compreendia, soterrado em meio a tanta informação, tentando absorver o máximo possível em um único gole, mas eu podia ver o quão exausto tudo aquilo o deixava.

E então aqui estava Tristan após uma semana de adaptação. O Tristan que eu via nesse momento, andando ao meu lado em seu primeiro dia de aula. E ele *parecia* adaptado, pode acreditar! Ele estava diferente, mas ao mesmo tempo parecia estar mostrando quem realmente era pela primeira vez, como se não houvesse de fato mudado, mas apenas estivesse sendo ele mesmo agora. Aquela era a pessoa que ele deveria ser desde o início.

O Tristan que eu via agora era assertivo, relaxado, calmo e repleto de confiança. Ele não buscava a aprovação de ninguém, não se preocupava com o que as pessoas achariam dele. Ele havia tido muitos anos para refletir e ponderar sobre as coisas relevantes e o que realmente importava na vida e isso ficava bem claro em sua postura. Essa autoconfiança e maturidade eram exaladas na forma como Tristan agia, falava e até mesmo olhava para as pessoas.

Todas essas coisas poderiam ser muito intimidadoras se não fosse pelo fato de ele ser espantosamente carismático. Era como se tivesse uma magia única. Esse talvez fosse outro talento especial que ele havia adquirido, como a habilidade de desaparecer, mesclando-se ao ambiente. Ele tinha um carisma

inacreditável que pulsava como uma onda radioativa de si e as pessoas não podiam evitar de serem afetadas.

Percebi o efeito completo daquilo na segunda-feira, o primeiro dia inteiro em Sagan que passei ao lado de Tristan. As pessoas pairavam ao redor dele como se fossem mariposas atraídas por uma chama radiante que as hipnotizavam. Ele radiava carisma de uma forma impressionante. As pessoas estavam até achando seus maneirismos e sua extrema educação encantadoras e estranhamente legais, dá pra acreditar nisso? E eu que tinha estado tão preocupada em esconder as esquisitices dele! Depois de mais alguns dias, as pessoas começaram a querer ficar perto de Tristan, falar com ele. Queriam a aprovação dele e estavam tão loucas para impressioná-lo que faziam questão de mostrar o seu melhor lado quando estavam perto dele. Em geral, isso acontecia apenas por alguns minutos, mas quando ele se afastava, as pessoas voltavam ao jeito equivocado de sempre. Porém, naqueles poucos minutos junto a Tristan, elas de fato agiam como seres humanos decentes e admiráveis. Era uma cena incrível de ser vista!

Até mesmo Bradley caiu nos encantos de Tristan. Bradley chegou já tentando intimidá-lo para mostrar quem era o galo naquele galinheiro, pronto para a briga. Exatamente como havia feito comigo. Mas Tristan simplesmente abriu um sorriso radiante, colocou um dos braços sobre os ombros de Bradley e caminhou com ele pelos corredores, despreocupado, conversando como se fossem dois bons amigos falando sobre os velhos tempos. Foi só uma questão de poucos segundos para Bradley ser completamente conquistado.

Na primeira aula de Tristan, ele teve até mesmo a audácia de chegar à sala conversando com o professor como se fossem velhos amigos! Aquele mesmo professor para quem eu havia me recusado a levantar diante de toda a classe e me apresentar no meu primeiro dia na escola. Eles entraram na sala completamente envolvidos em sua conversa e ainda ficaram falando por mais algum tempo Tristan apoiou-se na mesa do professor com as pernas cruzadas como se fossem velhos

amigos enquanto eles conversavam sobre a história da cidade, fatos atuais, o tempo, todo tipo de assunto, sem se darem conta de que a classe inteira os observavam em um espanto silencioso.

Tiffany virou para mim e sussurrou bem baixinho:

– Acho que todos Os Gray tem sempre primeiros dias de aula notáveis, hein? – Ela conteve uma risadinha.

Percebi ali, naquele momento, que nem mesmo os professores eram imunes ao charme de Tristan!

E após quinze minutos dessa maluquice, o professor lembrou enfim de que tinha uma aula para dar, então limpou a garganta meio constrangido, apresentou Tristan para a turma e lhe disse para sentar porque tinha que prosseguir com a matéria. Tristan cumprimentou a classe, recebendo alguns sorrisos e risadinhas da ala feminina na sala e então foi se sentar perto de mim, não sem antes me lançar uma piscadinha. Percebi que ele sempre conseguiria fazer tudo que desejava. Ele poderia dominar aquela escola com sua graça e seu charme e as pessoas iriam obedecer-lhe sem nenhuma resistência, com a maior alegria do mundo. Imaginei se ele também era assim quando esteve vivo pela primeira vez. Ou se esse era um efeito colateral do feitiço que o havia trazido de volta à vida.

A primeira semana passou dessa mesma forma. Descobri que eu não precisava me preocupar nem um pouco com Tristan. Ele estava indo muito bem. Na verdade, ele ia muito melhor que eu.

Quarta-feira era o dia das atividades extracurriculares.

Tristan, Seth, Tiffany e eu estávamos de pé diante do mural com a lista de aulas extras no corredor perto dos armários. Sabia que tinha que escolher no mínimo duas atividades se quisesse me formar em julho. Mas Tristan e eu chegamos tarde demais e todas as aulas legais já estavam lotadas, o que era uma droga.

– Ei, Joey, sou capitã da equipe de líderes de torcida. Posso colocá-la no time se você quiser – Tiffany sugeriu, me cutucando de lado.

Olhei para ela com uma expressão que dizia  *você está de brincadeira, né?*

– Tiffany, não leve isso para o lado pessoal, mas prefiro ter uma morte horrível a vestir uma dessas roupas de líder de torcida. E eu não sou uma pessoa muito animada, como você já deve ter percebido. Além disso, sou péssima em qualquer coisa que tenha a ver, mesmo que vagamente, com dança. Por isso, acho que não vai dar certo. Mas mesmo assim obrigada por oferecer. – Eu sorri para ela.

Ela cruzou os braços, me olhando com uma cara emburrada. Fingi não perceber e continuei a analisar o mural.

Então Seth apontou para uma lista que tinha apenas alguns inscritos.

– Você pode fazer aula de música! Eu estou nela. Bem, mais ou menos. Eu me inscrevi, mas na verdade não assisto às aulas. Nós fizemos um trato com o professor Rubick.

– Nós? – perguntei.

– É. Harry, Josh, Sam e eu. Você sabe, nós, a banda – ele disse, todo convencido.

– Sério? Aula de música... isso soa bom – murmurei para mim mesma. Foi ótimo trabalhar na música com Seth. E tive algumas aulas de piano e de guitarra quando era mais nova. Até que podia ser bem fácil acompanhar essas aulas aqui. Porém me perguntei porque a classe de música tinha tão poucos inscritos. Bem, talvez música não fosse uma coisa para qualquer um...

Tristan passava os olhos frenéticos pelo mural, examinando todas as listas com uma expressão agitada. Era difícil para ele escolher apenas duas entre tantas opções. Ele achava que todas as matérias eram incríveis, interessantes e empolgantes e não conseguia decidir qual era a melhor. Outra coisa que ele repetia o tempo todo: como era ótimo voltar para a escola e finalmente terminar os estudos, já que não havia tido tempo de fazer isso antes. Ele estava encantado com o fato de ter uma segunda chance na vida e demonstrava isso de todas as maneiras possíveis! Acho que não havia nenhum outro aluno naquela escola mais empolgado com os estudos que Tristan. Ele com

toda a certeza estava levando muito a sério sua segunda chance.

Ele examinou a lista de música por cima dos meus ombros.

– Caraaaa! Aula de música? Isso deve ser uma brasa... quero dizer, maneiríssimo! – ele se corrigiu mais que depressa. – Definitivamente quero fazer essa! – Tristan pegou uma caneta e assinou o próprio nome na lista.

Dei de ombros e escrevi o meu nome também. Porém, ainda tinha mais uma atividade para escolher.

– Quais são as suas aulas extras, Tiff? – eu quis saber. Talvez eu gostasse das matérias que ela havia escolhido.

– Ah, eu tenho a equipe de líderes de torcida, que você claramente odeia com todas as forças. – Ela me mostrou a língua. – E também faço aulas de teatro. É muito divertido!

Antes que eu pudesse considerar aquela opção, meus olhos passaram rapidamente por outra lista quase vazia. Meus olhos se arregalaram, maravilhados. Artes marciais! Eu amava as aulas de aikido e kung-fu na minha outra cidade e eu era boa em ambas!

A figura de manto cinzento voltou à minha mente e pensei que aquele talvez fosse um bom momento para aprimorar o meu treinamento em artes marciais. Talvez fosse uma boa ideia ser capaz de me defender com mais eficiência.

Lembrei-me de como senti medo quando aqueles buracos negros de seus olhos e os dedos pontudos vieram na minha direção em meu sonho. Odiava me sentir amedrontada e indefesa. Talvez fosse hora de me preparar para dar o troco. Resolvi então escolher as aulas de artes marciais! Escrevi meu nome na lista. Seth se inclinou sobre os meus ombros para ver o que eu havia decidido.

– Artes marciais, sério? – ele perguntou, achando graça.

– É, deve ser legal. – Tentei parecer casual. Não queria que ele soubesse a respeito dos meus medos e pesadelos particulares.

– Divertido não é a melhor palavra para descrever as aulas do sensei Kingsley – Seth disse. – Mas você vai ter de correr se

quiser mesmo participar dessa classe. A primeira aula de artes marciais começa em... quinze minutos. E o Kingsley não gosta de atrasos. Sério. É melhor começar a correr. Agora!

Quando vi que Seth não estava brincando, corri como um raio para o meu quarto, deixando para trás uma Tiffany abismada e um Seth às gargalhadas. Tristan ainda olhava de uma lista para a outra tentando escolher uma segunda atividade. Precisava vestir uma calça de moletom e uma camiseta e o meu quarto ficava terrivelmente longe! Eu teria de correr como o vento para chegar à aula a tempo em menos de quinze minutos!

Dezesseis minutos depois, cheguei arfando como uma louca na sala de artes marciais. Olhei ao redor, aliviada ao perceber que o sensei Kingsley ainda não havia chegado. Alguns alunos já estavam lá, vestidos com roupas apropriadas para a aula, alongando-se e conversando enquanto esperavam pelo início da aula.

Só então percebi que Bradley estava entre eles, destacando-se do pequeno grupo de garotos ao redor graças a seu tamanho. Grunhi baixinho no momento exato em que ele olhou na minha direção e me viu de pé na frente da sala. Ele abriu um sorrisinho maligno e começou a andar na minha direção. Aparentemente, o encanto causado por Tristan não se estendia ao restante da família, o que era uma droga.

– Está perdida, Gray? Está procurando pelos testes para líder de torcida? Aposto que Tiffany pode colocar você para dentro da equipe sem que ninguém perceba. Quem precisa de talento ou beleza para entrar na equipe quando a sua melhor amiga é a capitã do time? – ele zombou com um sorriso de escárnio na boca.

Puxa. Fiquei feliz por não ter aceitado a oferta de Tiff, caso contrário eu me sentiria um lixo naquele momento. E ele tinha acabado de me chamar de feia e desengonçada. Pegou pesado. Eu sabia que não era nenhuma modelo, mas ouvir aquilo alto e bom som era meio humilhante. Bradley era um cretino!

– Então acho que você não está muito longe de realizar o seu sonho, Bradley! Mesmo sendo feio como um cachorro e andar

como um macaco, acho que Tiffany deixaria você entrar na equipe dela se você quiser de verdade! – rebati na mesma hora. Alguns alunos soltaram risadinhas nas costas dele.

A expressão de Bradley mudou de divertida para possesso no mesmo segundo. Eu parecia ter uma habilidade de causar esse tipo de reação nele. Bradley avançou na minha direção com passos largos e ameaçadores.

– Você é muito boa com as palavras, Gray. Mas por que não começamos o treino um pouco mais cedo hoje? Quer se juntar a mim no tatame? Ou você fica com medo quando os seus amiguinhos roqueiros não estão por perto? – ele zombou com um brilho malévolo nos olhos.

Olhei ao redor. Eu era a única menina na sala e a atenção de todos os garotos se alternava, ansiosa, entre Bradley e mim, loucos para que o show tivesse início. Eu podia ver que ele queria me ensinar uma lição e espantar a garotinha para bem longe daquela sala. Eu não tinha certeza se aquela era a coisa certa a fazer, mas o Bradley-Cara-de-Babaca não me deixou escolha. Se recuasse, pareceria que eu estava amarelando. Lancei um olhar rápido para a faixa dele. Era branca. Qual é! Ele estava de brincadeira? Ele me subestimava totalmente só porque eu era uma garota! E porque ele era duas vezes, ou melhor, três vezes maior do que eu! Porém no tatame tamanho não é documento. Qualquer um dotado de um cérebro sabe muito bem disso. Bem, cérebro não estava no topo da lista de qualidades do Cara-de-Babaca.

Assim, dei de ombros e subi no tatame, aceitando o desafio. Ele pareceu ter sido pego de surpresa por alguns instantes, mas logo recuperou a compostura. Parei bem no meio e me virei para olhar para ele. Bradley me seguiu, relutante. Ele pensou que eu jamais aceitaria aquilo e rastejaria de volta para onde eu vim, amedrontada e morrendo de vergonha. Pense direito, amigão!

Coloquei um pé na frente do outro para me equilibrar e me preparei para realizar meus golpes. O Senhor Faixa Branca não iria nem saber o que o atingiu! Estiquei um dos braços e fiz o

famoso convite com as mãos de Neo do filme *Matrix*. Aquilo era meio petulante, pomposo e totalmente desnecessário, mas não consegui me segurar. A expressão no rosto dele não tinha preço!

E então Bradley veio com tudo para cima de mim, como um touro que havia acabado de ver a bandeira mais vermelha de sua vida!

## capítulo dezesseis

### Virgílio

Tudo aconteceu muito rápido. Foi fácil desviar do primeiro golpe de Bradley. Ele nem mesmo sabia o que estava tentando fazer. Não tinha nenhum plano coordenado de ataque, nenhum treinamento, o que quer que fosse. Ele apenas corria para cima de mim como uma barata tonta. Assim, com a maior facilidade eu simplesmente o deixava passar por mim. Ele tropeçava para a frente, surpreso com a rapidez com que eu desviava.

Dei de ombros para ele com um olhar de "*O que foi isso?*" e uma risadinha provocativa. Isso o irritou ainda mais. O que foi bom. É possível dizer se um oponente é bom ou não pela rapidez com que perde a paciência. Quando um lutador perde a paciência, é certo que acabará cometendo um erro. E daquele bem fatal.

Ele veio para cima de mim mais uma vez com ainda menos cuidado do que antes, só que mais veloz. Fiquei levemente impressionada com a rapidez de Bradley, porque ele era um cara bem grande e pesado. Mas então me lembrei de que ele era capitão do time de basquete e seria impossível jogar bem caso ele se movesse devagar.

Decidi que era hora de acabar com a briga então, mas não iria machucá-lo. Afinal de contas, ele era faixa branca. Isso não era permitido. Era preciso honrar a cor mais elevada da minha faixa, caso contrário eu não a mereceria. Tudo que eu tinha que fazer por ora era desviar dos golpes e me defender.

Mudei o pé de apoio, dando outro passo para o lado. Eu ia apenas de um lado para o outro e utilizava os movimentos de esquiva do aikido. Deixei que Bradley passasse por mim mais uma vez e lhe dei um pequeno empurrão nas costas, o que aumentou o impulso e fez com que ele tropeçasse para a frente com ainda mais intensidade. Ele caiu de cara no tatame. Ouvi várias risadas abafadas ao nosso redor. Uma plateia havia se formado para assistir ao show. Precisava terminar aquilo o quanto antes e com o mínimo de alvoroço.

Bradley se levantou depressa, me encarando. Era hora de deixá-lo um tiquinho mais irritado.

– O quê? Como você quer lutar comigo se não consegue nem me pegar? – zombei e relaxei minha posição de ataque de propósito para que Bradley achasse que eu havia baixado a guarda. Ele mordeu a isca e tentou com tudo me agarrar pelo braço. Aquele foi um erro, muito, muito ruim. Jamais se deve tentar prender os braços de um praticante de aikido. Será que ele nunca tinha visto um filme de Steven Seagal? Esse era um movimento tão clássico!

As mãos de Bradley roçaram em meus pulsos por apenas uma fração de segundo. O segredo estava todo no tempo: era preciso deixar que ele fizesse a primeira parte do movimento, mas eu não podia permitir que completasse o golpe por completo, assim, poderia usar a força de Bradley contra ele mesmo. Virei os pulsos de forma fluída, fazendo com que os dedos dele perdessem completamente a pegada e dei outro passo para o lado, ficando à sua direita. Enquanto eu mudava de posição, rapidamente peguei um dos braços dele e o torci para trás.

Assim, em poucos segundos eu o tinha em meu poder. Se ele tentasse fazer qualquer movimento, eu torceria o pulso dele mais um pouco, o que o forçaria a parar se não quisesse quebrar o próprio braço. O aikido se resume apenas a torções e pressão aplicadas nos lugares certos. Não é preciso ter músculos. Basta apenas ser rápido e saber utilizar os golpes do oponente a seu favor.

Bradley logo percebeu que estava imobilizado. E sob o meu poder. Quanto mais ele se contorcia, mais eu apertava o pulso dele e mais dor ele sentia. Se ele me empurrasse ou puxasse com muita força, iria causar uma fratura no próprio pulso. Nossa sessão de treinamento estava oficialmente terminada!

Ouvi alguém do grupo bater palmas. Levantei os olhos e vi que era Josh. Então ele também estava na aula de artes marciais! E parecia estar apreciando intensamente aquela cena. Lancei um sorrisinho rápido na direção dele. Não era certo se vangloriar da derrota de um rival, especialmente quando o adversário era apenas faixa branca. Bradley tentou se desvencilhar de mim mais uma vez, porém não permiti que fizesse isso. Apertei o pulso dele apenas mais um pouquinho, fazendo com que contraísse o corpo de tanta dor. Eu me inclinei apenas alguns centímetros para a frente de forma que apenas ele pudesse me ouvir:

– Bem, antes de soltar você, vamos fazer um trato, ok? Não tente dar o troco, Bradley. Isso só vai piorar as coisas. E você sabe o quanto um bom pulso é importante para um jogador de basquete, não é? Eu odiaria ter que machucar você. De verdade. Mas se me atacar de novo, EU VOU me defender. E acredite em mim. Sei várias maneiras diferentes de quebrar um monte de ossos do seu corpo. Isso não é uma ameaça, é uma promessa. Estamos de acordo?

Bradley assentiu, seu rosto um misto entre o branco de medo e o vermelho de raiva.

– Desculpe, não entendi direito. Você poderia falar um pouco mais alto, por favor? – Apertei o pulso dele um pouco mais.

– Sim! Sim! Está combinado! – ele respondeu entredentes.

Eu o libertei e me afastei dois passos de onde ele estava, só por segurança. Alguns garotos se aproximaram para ajudá-lo e Josh veio até mim e me cumprimentou com um tapinha no ombro.

– Isso foi impressionante, apesar de não ter sido muito justo. Você deveria estar usando sua faixa marrom como aviso para esses caras que se acham. – Ele soltou uma gargalhada.

– Como você sabe a cor da minha faixa? – eu quis saber, perplexa.

– Ah, nós, faixas marrons, sabemos nos reconhecer. – Josh piscou para mim.

Então quer dizer que ele também era um aluno avançado! Isso era tão legal!

– Não sabia que você fazia essa aula! Ah! Foi por isso que Bradley recuou tão depressa quando você apareceu com Harry naquele dia no corredor dos armários! Bradley sabia que você poderia acabar com ele! – Dei uma risadinha.

– Verdade. Mas agora sei que a minha intervenção foi totalmente desnecessária.

– Eu disse que podia cuidar de mim mesma! – falei ainda rindo.

Bradley estava com os amigos dele e, de longe, me lançava olhares ameaçadores.

Ainda bem que ele só olhava, mas mantinha o nosso trato.

Minha primeira aula de artes marciais foi bem bacana. Tive a oportunidade de observar com atenção as técnicas didáticas do sensei e também pude estudar os outros alunos, ver os pontos fracos e os melhores golpes de cada um. Bradley manteve-se a distância durante toda a aula e Josh foi o meu parceiro de exercícios durante o resto do dia.

A aula terminou e me despedi dele. Logo em seguida, corri para o meu quarto para contar a Tristan e Seth sobre o que havia acontecido.

Mas não consegui encontrá-los. Provavelmente ainda estavam ocupados em suas aulas por aí pela escola. Finalmente esbarrei nos dois na hora do jantar e descobri que Tristan havia escolhido música e basquete como aulas extras, ambas na parte da tarde. Sentia calafrios só de pensar em Bradley e Tristan se conhecendo melhor e ficando amigos durante os treinos de basquete.

Naquela noite tive outro sonho estranho.

Eu estava em um imenso e lindo jardim. As árvores eram altas e opulentas, com várias flores exóticas e vinhedos que se

enrolavam e subiam por corredores de estruturas de ferro fundido pelo jardim. Havia flores que eu nunca tinha visto antes, estranhas e exóticas, de cores vibrantes. A luz do dia era suave e etérea, aquela luz atemporal tão típica dos sonhos. Era impossível dizer se era manhã ou tarde, amanhecer ou crepúsculo. Tudo era tão bonito, tranquilo e pacífico. O lugar estava deserto. Não havia ninguém além de mim, que me encontrava sentada em um banco de jardim feito de ferro.

Eu observava a vista extraordinária quando percebi um garoto mais ou menos da minha idade sentado em outro banco de metal próximo a mim. Ele estava tão perto, como pude não tê-lo visto antes? Ele olhava para mim com uma expressão vazia. Longas mechas de cabelo escuro lhe caíam sobre um rosto, do mais pálido que eu já havia visto. Os olhos eram pretos como os meus e o rosto e o nariz finos. Os traços do garoto eram tão delicados que ele quase parecia uma menina. Pensando nisso, posso até dizer que ele tinha uma aparência bem andrógina.

Não consigo me lembrar do que ele vestia, apenas que era algo cinza, uma camisa, talvez calças. O garoto se levantou e andou na minha direção. Bem, ele tentou andar. Em vez disso, ele meio que deu um pequeno solavanco para a frente, titubeando na minha direção. Era como se tentasse, sem muito sucesso, imitar alguém que andava, como se não conhecesse os mecanismos da locomoção. Era a coisa mais estranha de se ver.

O garoto se sentou no meu banco, mas não se aproximou muito. Ele tentava me dar um pouco de espaço. Quando falou, a voz era tranquilizadora e suave, como um sussurro.

– Não quis assustá-la. – Ele olhou atentamente para mim com aqueles olhos pretos.

Alguma coisa naquele garoto fazia com que eu me sentisse muito pouco à vontade.

– Você não me assustou – falei, cheia de suspeita. *Pelo menos não até agora.*

– Achei que talvez você se sentisse mais confortável nesse tipo de lugar, com uma aparência mais próxima ao que você está acostumada. Você considera esse avatar de um jovem do

sexo masculino mais aceitável? – ele perguntou com uma preocupação genuína.

– Quer dizer que essa não é sua verdadeira aparência? – Minhas suspeitas aumentavam a cada segundo. Tinha certeza de que nunca tinha visto aquele garoto antes. Mas ele me soava extremamente familiar. – Você disse que não quis me assustar, mas não estava falando sobre agora, não é? Você era a figura de manto cinza do meu sonho. Você me lembra ele.

O garoto inclinou levemente a cabeça para a esquerda, da mesma forma que havia feito antes. Os olhos estavam sempre focados, jamais piscavam, o que fazia com que ele se parecesse ainda mais com uma ave de rapina.

– É você mesmo. Esse jeito de inclinar a cabeça é inconfundível. Tente não fazer mais isso. É muito sinistro. Bem, pelo menos pessoas normais não fazem isso. E você também poderia considerar a possibilidade de piscar de vez em quando. – Eu me afastei um centímetro dele no banco.

Ele franziu a testa um pouco enquanto tentava absorver aquele meu discurso maluco e tentou piscar. Foi um desastre. Ele era péssimo em tentar imitar um ser humano..

– Certo. Está... um pouco melhor. Mas agora você precisa tentar piscar um pouco mesmo. Assim. Está pegando o jeito. Mas então, que diabos você quer comigo? Seria fantástico se você pudesse parar de invadir os meus sonhos, sabe? É meio irritante. E me deixa de mau humor durante o resto do dia. – Eu me afastei mais um centímetro dele. Logo o banco terminaria e então o que eu iria fazer?

Ele, por sua vez, não saía do lugar. Talvez não estivesse pensando em me atacar de novo.

– Não vou lhe causar nenhum mal. Quero apenas fazer o meu trabalho. Preciso consertar o erro. Você precisa me dizer onde ele está. – Ele soou mais ansioso dessa vez.

– Certo. Qual é o seu nome?

Ele se encolheu, surpreso. Não esperava pela pergunta. Era como se tivesse levado um tapa na cara. Que garoto mais estranho. Mais parecia uma coisa do que gente. Cruz-credo!

– O quê? – Ele parecia aterrorizado.  
– O seu *nome*. Qual é o seu nome?  
– Eu não tenho nome. Não é necessário. – Ele pareceu ter ficado irritado.

– Bem, isso é uma droga. Não posso chamá-lo de “Psiu, ei, você aí!”. Vamos ver... Você gosta de encarar as pessoas, não é? É como se estivesse sempre à espreita, observando em silêncio, vigilante. Posso chamar você de Virgílio – declarei.

– *O quê?* Não! Eu não tenho nome! – Ele entrou em pânico.  
– Agora você tem. Acabei de lhe dar um – eu disse, satisfeita por ter feito um bom trabalho. – Tem tudo a ver com você, não acha? Virgílio.

– Eu... eu... – Ele parecia tão confuso e incomodado. Fiquei contente por conseguir tirar aquela expressão vazia do rosto dele. – Você acabou de me dar um... – ele repetiu, surpreso, sua voz sumindo aos poucos.

– E então, Virgílio, por que você precisa tanto encontrar Tristan? O que quer com ele? – perguntei. Essa era a grande questão. Tentei soar meio desinteressada, mas, por dentro, estava tendo um ataque nervoso.

Virgílio passou a encarar o chão, ainda chocado por ter recebido um nome. Franziu a testa e só então percebeu que eu havia lhe feito uma pergunta. Ele me encarou em silêncio por um longo tempo. A expressão vazia estava de volta em seu rosto. E ele também havia parado de piscar. Tudo aquilo era muito sinistro.

– Os nomes têm poder. Um grande poder. Por que você me deu um de livre vontade? Sou agora mais forte do que jamais fui antes. E agora você tem um nome para temer. O medo é outra coisa poderosa para se conceder – ele falou devagar, como se tentasse juntar as peças de um quebra-cabeça.

– Não tenho medo de “*você*”, Virgílio. Tenho medo do que você pode fazer a alguém que é muito próximo a mim. Temo suas ações. O que você quer com Tristan? – repeti a pergunta com dureza.

– *Tristan*. – Ele selecionou outra peça do quebra-cabeça em sua mente. – *Tristan* é um erro. Eu conserto erros, é isso o que faço. É isso que sou. Eu espreito. Observo. Coloco as coisas em seus devidos lugares, em sua ordem natural. Preciso consertar *isso*.

Então Tristan supostamente não deveria estar vivo. Era disso que o Virgílio estava falando. Nosso feitiço havia perturbado a ordem natural das coisas ao trazer um fantasma de volta à vida. E Virgílio deveria “corrigir esse erro”. Eu estava começando a ficar com raiva agora.

– Então quando você encontrar Tristan, o que vai fazer? Matá-lo? – Finalmente reuni coragem para fazer a pergunta terrível que retumbava na minha cabeça.

– Irei restaurar a ordem. Eu o colocarei em seu devido lugar.

– Você vai matar Tristan.

– Farei o que tiver de ser feito.

– Você vai *matá-lo*.

– Se você prefere colocar a coisa nesses termos.

– Mas você precisa de mim para encontrá-lo. Você precisa da minha ajuda. Sem mim, não conseguirá encontrar Tristan. Nem mesmo será capaz de encostar um dedo nele. – Eu me levantei, louca de raiva.

Ele também se levantou com uma expressão confusa. Não conseguia entender por que eu estava tão irritada, por que eu tentava ir contra a ordem natural das coisas.

– Escuta só, Virgílio. Se é o medo que te torna mais forte, pode ter certeza de que não vai conseguir nada de mim, ouviu bem? Não tenho medo de você! Jamais terei medo de você! – Fui na direção dele, furiosa. Só de pensar que ele poderia tirar Tristan de mim fazia com que eu perdesse completamente a cabeça. Não tinha ideia de onde vinha toda essa raiva. Tudo o que eu sabia era que eu tinha esse instinto gutural que revirava minhas entranhas todas as vezes em que a vida de Tristan era ameaçada. Um instinto que me fez agir sem pensar. E Virgílio simplesmente ficou ali parado, me observando com aqueles

olhos negros, sem nenhuma emoção refletindo em seu rosto pálido. Ele era uma coisa morta. Uma coisa gélida e horrível.

– Você terá que passar por mim para pegá-lo! E eu não vou permitir que você faça isso! JAMAIS permitirei! Entendeu? Pode desistir. Vá consertar outra coisa! – berrei.

– Você é apenas uma garota humana. O que a faz pensar que é capaz de me deter? Tenho milhões de anos. Você não pode fazer nada para impedir isso, menina – ele falou com uma voz fria, sem emoção.

Lembrei-me do que ele tinha dito em meu último sonho.

Ele iria encontrar Tristan, independentemente do que acontecesse.

Era apenas uma questão de tempo.

– ODEIO VOCÊ – gritei na cara dele. Eu havia passado dos limites da raiva.

Ele me lançou um sorriso minúsculo.

– O ódio é uma coisa poderosa. – Ele se inclinou para ficar mais próximo a mim. Os olhos penetrantes estavam tão negros que encobriam toda a luz. Não havia esperança. Os olhos dele me diziam isso. Nada poderia escapar daquela criatura. Nem ninguém.

– NÃO! – Dei um soco no peito dele.

Uma luz intensa, impactante e dolorosa brilhou no local onde meu punho o tocou. Todo o meu corpo reverberou com o impacto, reclamando em dor, e o som de trovão preencheu meus ouvidos, me ensurdecendo. Eu estava apenas a alguns metros do rosto dele, por isso pude ver a surpresa lampejando no fundo de seus olhos, a dor que também sentiu, a realização surpreendente de que eu também era capaz de machucá-lo. Pude ver, claro como o dia, que ninguém havia feito isso antes com ele. Vi o medo tomar conta da criatura por um milésimo de segundo e, em seguida, vi ele desaparecer.

E então acordei.

## capítulo dezessete

### Lost Boys

Meu coração batia forte no meu peito e o braço doía terrivelmente. Era como se eu tivesse deslocado algum osso ou algo do tipo, porém aos poucos a dor diminuiu e após alguns minutos desapareceu completamente. Aquela seria outra noite agitada. E eu começava a suspeitar que não seria a última. Sabia que mais cedo ou mais tarde Virgílio voltaria a assombrar meus sonhos. Era apenas uma questão de tempo, como ele mesmo havia dito...

Tentei voltar a dormir, mas, alerta por causa dos meus sonhos, não fui capaz de tirar mais do que uma soneca rápida. Pela manhã, eu estava morta, mas tentei disfarçar o melhor que pude. Decidi que não iria contar a Tristan sobre Virgílio. Precisava conversar com Dona Violeta primeiro, ver se ela sabia de mais alguma coisa. Eu tinha certeza de que se Tristan me visse preocupada, iria querer saber o que havia de errado. E então seria ele quem ficaria aflito e com medo.

Então, fingi estar bem, fixei um sorriso no rosto e segui meu dia.

Depois do almoço, tínhamos aula de música. A sala era repleta de instrumentos largados ao acaso em prateleiras e um pequeno palco na parte da sala oposta à porta. Cadeiras circundavam um grande piano posicionado bem ao meio do palco.

Logo de cara, fui atraída pelo piano. Já fazia muito tempo desde que eu havia tocado em um daqueles! As aulas de piano

havam sido ideia da minha mãe. Ela disse que eu me arrependeria se passasse toda a minha vida sem saber tocar ao menos um instrumento musical. Mas acredito que na verdade ela me incentivou apenas por causa do meu pai, que também tocava piano. Ele teve uma banda e tocou profissionalmente por algum tempo. Por isso, o primeiro instrumento que escolhi aprender foi o piano, porque ela gostava; e o segundo foi a guitarra porque eu gostava. Isso foi muito tempo antes de eu me apaixonar pelas artes marciais. Também tive a época em que me apaixonei por fotografia, a fase em que pretendi aprender a desenhar e o período desastroso das aulas de dança. Cara, as aulas de dança foram mesmo terríveis. Não nasci para dançar, isso era certo.

Fui até o palco e analisei o piano. Passei uma das mãos pela superfície negra, suave e resplandecente enquanto Tristan e Seth olhavam as guitarras. Seth passou uma delas para Tristan enquanto conversavam baixinho.

Sentei no banco do piano e apertei algumas teclas ao acaso.

– É melhor você ficar longe desse piano, Joe! Só o professor Rubick toca nele. E ele é bem possessivo. O professor fala que a gente “assassina o som” quando tenta tocar piano. – Seth soltou uma risadinha. – Precisa ver a cara dele quando alguém tenta tocar violino. Parece que ele vai morrer!

Seth se aproximou do palco e se sentou em um banco bem em frente ao piano, dando pequenas gargalhadas ao se lembrar do desespero do professor Rubick. Tristan puxou outro banco para mais perto da gente e se sentou ao lado de Seth com uma guitarra preta nas mãos.

– Vocês tem aula de violino? – perguntei, empolgada. – Sempre quis aprender a tocar violino! Parece ser bem difícil, mas...

– Bem, é porque é difícil mesmo. E não, provavelmente você vai ter que aprender tocar bongô primeiro... talvez mais tarde o professor Rubick deixe você tentar a guitarra. Isso se você não “matar o som”. – Seth riu mais um pouco, mas parou de repente quando ouvi Tristan tocar guitarra ao seu lado.

Também ergui as sobrancelhas em surpresa. Não sabia que Tristan tocava guitarra! E ele era bom! Mas logo lembrei que aquilo fazia todo o sentido, já que ele era adolescente quando o rock nascia. Eu podia até mesmo imaginá-lo com a jaqueta de couro, cabelo com brilhantina e uma guitarra no colo. Tinha tanta coisa que eu não sabia a respeito dele... e fiquei ainda mais surpresa quando percebi que ele tocava a música do Seth! Aquela que eu ajudei a compor na minha primeira semana na escola. Como assim ele sabia tocar justamente aquela música?

– Não sabia que você tocava guitarra, cara! – Seth disse ao mesmo tempo em que perguntei:

– Como você conhece essa música, Tristan?

Ele continuou a passar os dedos pelas cordas por um tempo sem nos responder.

– Vocês nunca me perguntaram e ouvi a música ontem no ensaio da banda de Seth. Eles a tocaram umas cem vezes até se acertarem. Eu meio que memorizei algumas partes...

Fiquei com um pouco de inveja. Seth nunca havia me convidado para ir ao ensaio e Tristan mal havia chegado na escola e já tinha ido a um. Acho que Seth percebeu o ciúme no meu rosto, pois logo acrescentou:

– Procuramos por você, mas você estava na aula de artes marciais! E não foi exatamente um ensaio, já que Josh e Sam não estavam lá – ele murmurou em tom de desculpas.

Tristan continuou a tocar com suavidade, cantarolando com a melodia, perdido em um mundo só seu. Depois de um tempo, ele olhou para cima e sorriu para nós. Os olhos cintilavam em um tom suave de violeta graças à cor da camiseta que ele usava. Tive que me controlar para não soltar um suspiro profundo diante daquele sorriso.

– Desculpem, não me lembro muito bem da letra, só do refrão. – Ele voltou a cantarolar e olhou de novo para a guitarra. Mechas de cabelo escuro caíam sobre seus olhos enquanto ele olhava atento as cordas da guitarra. Eu estava quase estendendo as mãos e ajeitando seu cabelo por detrás das orelhas, mas me contive no último segundo. Talvez eu quisesse

apenas uma desculpa qualquer para tocar aquele rosto tão bonito.

Encarei o chão, sem graça por ter esses tipos de pensamento. Devia ser apenas o efeito do feitiço que nos conectava, exercendo seu domínio sobre mim mais uma vez. Precisava aprender a controlar isso, domar esses desejos estranhos que eu sentia todas as vezes que estava perto de Tristan. Era muito perturbador!

Seth começou a acompanhar Tristan, cantando as partes da letra que Tristan não sabia. Olhei para ele, impressionada. Ainda não havia ouvido Seth cantar. Ele era bom! A voz dele tinha uma vibração e uma energia que fazia a gente querer cantar junto. Ele detonava!

Então Tristan começou a cantar o refrão com ele e fiquei ainda mais perplexa. Tristan tinha uma voz profunda, grave e baixa. Era rouca e triste, com uma insinuação sombria no fundo, como um afago no rosto, um sussurro áspero no ouvido, de tirar o fôlego. Seth parou e ficou ali, ouvindo. Decidi acompanhar no piano com o pouco que eu sabia da melodia e com o que me lembrava da tarde que rearranjei a canção de Seth. Estava um pouco enferrujada, mas consegui tocar bem o suficiente para acompanhar Tristan.

Continuei a tocar sem olhar para cima, com toda a minha atenção focada na voz de Tristan e guiada pelas notas suaves da guitarra. Parecíamos estar fazendo uma versão acústica da música, mais simples e melódica do que deveria ser originalmente. Não sabia se Seth iria gostar.

Quando terminamos, Tristan e eu finalmente erguemos os rostos e nossos olhares se encontraram. Seth nos observava de sobrelhas erguidas bem no alto. Acho que conseguimos impressionar ele então! Sorri suavemente para Tristan e uma emoção intensa cintilou no fundo dos seus olhos. Uma mistura de... anseio? Com alguma outra coisa, algo que eu não tinha visto antes.

Antes que eu pudesse concluir esse pensamento, Seth o cortou.

– Uau. Isso foi... – ele começou, mas foi interrompido pela voz do professor Rubick, vinda do outro lado da sala.

– Isso foi muito bom! – o professor exclamou, se aproximando do palco. Ele usava óculos pequenos e redondos que repousavam sob um nariz atarracado, vestia um jeans casual e uma camisa de mangas compridas cor de creme. Era alto e a barba aparada e escura combinava com o cabelo castanho. Alguns sinais de calvície começavam a surgir no topo da sua cabeça. De repente a sala começou a ficar repleta de alunos enquanto o professor se aproximava do centro do palco.

– O que era isso que vocês dois estavam tocando? – ele me perguntou.

Dei um passo para trás do piano e Tristan se levantou, apoiando a guitarra no banco.

– É a música de Seth, senhor – eu disse. – Eu tentava acompanhar no piano só por diversão. Também acho a canção muito boa! Não vejo a hora de ver toda a banda tocando.

– É mesmo? A música é de Seth? Você sempre teve problemas com as letras, Seth, mas essa ficou muito boa. Você ainda precisa aparar algumas arestas, mas a parte da guitarra está ótima. O piano, entretanto, precisa de um pouco mais de prática. Você parece um pouco enferrujada, senhorita. – O professor Rubick apontou, brincalhão, para mim.

– Não poderia concordar mais, senhor. – Assenti.

– Desculpe, professor, mas na verdade a música não é minha – Seth entrou na conversa. Olhei para ele, tentando fazer com que calasse a boca, mas Seth ignorou meu olhar de advertência. – A música é de Joey, senhor. Ela escreveu quase tudo e merece os créditos.

Alguns alunos pegavam os mais variados instrumentos das prateleiras e começavam a arranhar algumas notas. No início, pensei que estavam apenas afinando os instrumentos, aquecendo-se para tocar, mas, as notas caóticas e os guinchos estridentes ficavam cada mais altos a cada minuto.

Vi Tristan recuar diante do barulho horrível ao nosso redor e me esforcei ao máximo para não fazer uma careta, embora não

estivesse obtendo muito sucesso. Só então entendi porque havia tão poucas inscrições para a aula de música! Ficar algumas horas naquela sala deveria ser uma tortura! Seth deveria ter nos avisado sobre isso, o idiota!

O professor Rubick pareceu entender nossos olhares horrorizados.

– Bem, desculpe por isso. – Ele lançou um olhar pesaroso para os alunos. – Então. Joey, não é? Já que vocês dois parecem ser alunos avançados, talvez a gente possa trabalhar com o mesmo tipo de arranjo que tenho com Seth e o restante da banda. Temos um trato especial, de forma que eles não precisam participar das aulas em sala. Mas, ainda assim, todos devem trabalhar com música – o professor explicou com firmeza.

– Trato, senhor? – Tristan e eu perguntamos ao mesmo tempo.

Toparíamos qualquer coisa que tirasse a gente dali!

– Sim. Vocês podem se juntar a Seth na banda, o que acham? Mas tem um porém. Cada um de vocês terá que me entregar uma música inédita no fim do semestre. Joey pode ajudar vocês, meninos, já que conseguiu compor uma canção ótima em tão pouco tempo! – Ele parecia cada vez mais empolgado. – Ah, esse vai ser um projeto muito interessante! Mal posso esperar para ver o que vai sair daí!

– Mas... mas... senhor! – Seth interveio. – Preciso falar com o resto da banda antes! Não sou o dono da banda. Todos precisam concordar com a entrada de novos membros...

– Bom, você conversa com eles e depois me diz o que foi decidido. É isso ou as aulas aqui na sala... – o professor Rubick fez um gesto em direção à barulheira que tomava conta do lugar.

Tristan e eu olhamos desesperados para Seth. Qualquer coisa seria melhor que aquele inferno! Pobre professor Rubick. Imaginei como ele aguentava aquelas aulas. Era preciso mesmo amar a profissão para suportar as longas horas de horror que aqueles alunos proporcionavam!

Corremos para perto de Seth enquanto o professor Rubick gritava para que os outros alunos parassem de tocar os instrumentos por tudo que havia de mais sagrado neste mundo.

– Qual é, cara! A gente fica só sentando, quietinho, nos ensaios, assistindo vocês tocarem. Vocês nem vão perceber que a gente está lá! – Tristan implorou. A impressão que dava era de que ele seria capaz de fazer qualquer coisa para não ter que assistir aquela aula!

Seth olhou para nossas caras desesperadas e suspirou, dando o braço a torcer.

– Tudo bem. Vou falar com o pessoal. Vamos embora. Precisamos encontrar com eles na sala de ensaio então. – Seth fez um gesto para que o seguíssemos.

Nós nos despedimos do professor Rubick erguendo as mãos, em um sinal de que estava tudo certo com nosso arranjo e corremos para fora da sala com os dedos enfiados nos ouvidos.

– Muito obrigada, Seth. Prometemos que não vamos atrapalhar – eu disse, aliviada, enquanto o seguíamos pelo corredor.

– Ei, esperem um pouco antes de me agradecer. Ainda preciso da permissão do resto da banda. Se eles não concordarem, o acordo com o professor não vai rolar, desculpe. – O tom dele era preocupado.

– Qual é? Eles não gostam da gente, é isso? – perguntei enquanto caminhava ao lado de Seth.

Josh pareceu ser muito gente boa e éramos parceiros de treino na aula de artes marciais. Harry poderia ter algum problema com a gente, pois éramos novos e ele parecia ser bem tímido. E quanto a Sam, não fazia a menor ideia, já que ainda não o conhecia.

– Bem... acho que eles não vão se importar com Tristan. Não depois de ouvir ele cantar. Mas você, Joey, sei lá... por que você é, sabe como é, uma menina e tudo mais. A única menina – Seth murmurou.

Ah, então aquela era uma banda de garotos. Só de garotos. Droga.

– Posso ser a compositora, ajudar com novas ideias para as músicas – sugeri tentando soar como se eu não me importasse muito em entrar para a banda, mas não consegui disfarçar a decepção em minha voz.

Seth me lançou um olhar rápido e percebeu o quanto eu queria fazer parte da banda.

– Mas aí nós não vamos ter o seu piano matador. – Ele me lançou um sorriso afetuoso. – Você acha que pode tocar o piano mais uma vez para a banda ouvir? Foi incrível vocês dois tocando juntos!

– Claro! – concordei. – Só preciso praticar um pouco mais, ter algumas aulas com o professor Rubick, e então pode ter certeza de que meu piano não vai estar tão horrível.

Seth riu.

– Não foi horrível. Você mandou muito bem. E você também, cara. – Ele deu um tapinha no ombro de Tristan.

Logo chegamos à sala de ensaio. Ficava no extremo leste do prédio da escola, em uma sala com paredes de pedra. Estava repleta de caixas e todos os tipos de móveis que esperavam por reparo, como mesas, cadeiras e bancos. O lugar era uma espécie de depósito de cacarecos, mas os garotos conseguiram arrumar as coisas de um jeito bem descolado. A sala cheirava a pinho e poeira.

Harry já estava lá, esperando, sentado sobre algumas caixas com o cabelo vermelho-escuro e revoltado caindo no rosto. Josh também esperava, com a camiseta preta de sempre e seu moicano negro, montando a bateria. Eles se viraram assim que nos ouviram entrar na sala.

– Oi, pessoal. Temos companhia! – Seth berrou, animado. – Joe, Tristan, vocês já conheceram Harry, o nosso baixista, e Josh, que toca bateria. O esquisitão ali do outro lado da sala, plugando a guitarra, é Sam Hunt, guitarrista e vocalista principal. Sammy, meu velho, o que está fazendo?

Um garoto alto e forte se levantou e sorriu para nós. Tinha cabelo curto, castanho e encaracolado e olhos azuis profundos. Ele não era tão alto quanto Josh, mas era mais largo e forte. E

tinha o sorriso mais fácil e afetuoso de todo o mundo. Não tinha nada de esquisitão, era um cara superanimado. Ele veio até onde estávamos dando gargalhadas.

– Ah, então esses são Os Gray, a dupla infame. – Ele apertou a mão de Tristan com vontade e se virou para mim. – É um prazer finalmente conhecê-la! Seth não para de falar de vocês. É Tristan isso, Joe aquilo, o dia todo! Estava me perguntando quando vocês finalmente iriam aparecer! – Ele me deu um abraço apertado que me surpreendeu um pouco.

E eu que estava preocupada com a possibilidade de Sam criar algum problema com a gente! Ele era tão legal!

Sam, Tristan e eu conversamos por algum tempo e a cada minuto eu gostava mais dele. Sam era divertido, gentil e obviamente o palhaço da banda. Ele fazia todo mundo rir com a maior facilidade! Ele era naturalmente engraçado, um comediante nato. Harry ria de quase tudo que Sam falava ou fazia. E a risada de Harry era mesmo contagiosa. Uma vez que se ouvia Harry rir, era impossível não gargalhar também.

E então Seth chamou a banda em um canto para discutir nossa situação e fiquei no canto da sala com Tristan, observando salão círculo de garotos a distância. Podia ouvir apenas partes da conversa.

– *Você precisava ter ouvido esses dois. Foi impressionante...*

– *Sério que o professor Rubick gostou deles? Uau, essa é a primeira vez...*

– *Estou falando, cara. Ele manda mesmo muito bem no vocal...*

– *...ela toca piano! Ficaria ótimo em algumas das nossas músicas...*

– *...mas ela é uma garota, cara. E se alguém perguntar sobre o nome?*

– *Se a gente mudasse o nome...*

– *NÃO vamos mudar o nome!*

Aparentemente havia uma discussão sobre mudança de nome acontecendo por ali. Após alguns minutos, eles pareceram ter

chegado a um acordo. Todos se viraram em nossa direção e Seth veio até nós com uma expressão misteriosa no rosto.

– Está decidido então! Tristan, você está totalmente dentro! – Seth deu um tapinha nas costas de Tristan com um sorriso de orelha a orelha.

– Ótimo. Pode deixar que vou ficar fora do seu caminho. Você nem vai perceber que estou aqui! – Tristan respirou aliviado por ter livrado das aulas de música.

– Desculpe, cara, mas você não pode ficar no canto só olhando. Vai ter que cantar também. E trabalhar nas suas próprias letras. Você ouviu o professor: cada um de nós deve criar uma música nova – Seth disse, lançando um sorriso diabólico para Tristan.

Tristan assentiu com um sorriso feliz.

– E eu? – perguntei a Seth, ansiosa. – Eles não me aceitaram, não é? Tudo bem, Seth, você tentou. – Comecei a arrastar um dos pés no chão, um pouco desapontada.

– Ah, você também está dentro, Joey. Mas terá que ser a nossa compositora porque a galera não quer mudar o nome da banda. Acho que eles estão sendo uns idiotas. Não precisamos ser uma banda só de garotos por causa do nosso nome. Não é uma parada literal, é só um conceito. E você manda ver no piano! Foi brilhante! A gente é que deveria estar implorando para você tocar com a gente. – Ele lançou um olhar irritado para os outros e depois me deu um abraço de boas-vindas.

Sorri enquanto abraçava Seth. Tristan olhava para a gente com uma expressão séria, estranha, mas, quando percebeu que eu o observava, desviou os olhos mais que depressa. Fiquei imaginando o porquê.

– Estou muito feliz por ter você a bordo, Joe Gray! – Seth sussurrou no meu ouvido. Então se virou para o resto da banda e gritou para eles: – SACA SÓ! Ela tem até nome de garoto, então pelo menos no papel não precisamos nos preocupar em mudar o nome da banda!

– Afinal de contas, qual é o nome da banda? – eu quis saber, intrigada.

Seth prendia a correia da guitarra e caminhava em direção à área de ensaio.

– Que tal darmos à Joey uma prévia da música que ela compôs? – Ele piscou para os outros.

Todos estavam em suas marcas e prontos para mandar ver. Sentei no chão ao lado de Tristan, esperando para finalmente ouvir pela primeira vez minha música ser tocada pela banda! Eu estava tão empolgada!

– Espero que você goste, Joey! E bem-vinda aos Lost Boys! – E com essas palavras, Seth tocou o primeiro acorde.

## capítulo dezoito

### Ligados pelo feitiço

A música era boa, mas a banda era incrível!

Todos eram músicos incríveis! Do tipo “quase prontos para gravar um disco”! Pensei que não passassem um bando de garotos que tiravam onda por aí com alguns instrumentos nas costas, mas eu estava completamente enganada! Não era de se admirar que tivessem aquele acordo com o professor Rubick. Eles mereciam! Fiquei tão empolgada depois de ouvir o ensaio que corri para o quarto e comecei a trabalhar em algumas músicas novas. Queria que soubessem que daria o meu melhor para merecer a vaga na banda. Eu iria compor até os meus dedos sangrarem!

Passei o resto da semana e o fim de semana inteiro trabalhando em letras e melodias. Tristan me ajudou muito com a harmonia e na hora de compor as melodias. Ele era muito bom em combinar e misturar essas partes.

Liguei para a minha mãe e contei a ela que Tristan e eu iríamos passar o fim de semana na escola porque tínhamos uma pilha de dever de casa, mas a verdade é que queria trabalhar mais nas minhas músicas. No início, me senti culpada, porque ela pareceu tão chateada quando soube que eu não iria visitá-la e tenho certeza de que ela sentia muita saudade, mas eu estava empolgada demais com a banda. Não conseguia pensar em outra coisa que não fosse música. Era como uma luz que havia se acendido dentro de mim e eu não conseguia apagá-la.

Seth estava tão animado quanto eu por trabalharmos juntos nas novas canções. Ele falava que era bom ter encontrado alguém tão apaixonado por música quanto ele. Assim, Tristan, Seth e eu passamos todo o fim de semana trabalhando nas novas composições. Tiffany também ficou muito feliz por todos nós passarmos o fim de semana na escola. Muitos alunos cujas famílias viviam perto da escola iam para a casa ficar com os pais. Josh, Sam e Harry às vezes visitavam a família em Esperanza e em outras ocasiões preferiam ficar em Sagan, dependendo do humor deles. Tiffany e Seth eram os únicos que quase nunca iam ver os pais, já que eles viviam em outro estado e as visitas se tornavam difíceis, exigindo muito tempo e esforço.

Durante aquele primeiro fim de semana com Tristan e na semana que se seguiu, conheci cada um dos meus novos amigos melhor. No fim da segunda semana, era como se os conhecesse por séculos, como se fossemos melhores amigos de infância. Não conseguia explicar essa conexão instantânea, simplesmente me sentia abençoada por tê-los encontrado.

Sam, com aquele cabelo encaracolado e olhos azuis-escuros foi um fofo desde o primeiro dia. Era muito divertido estar perto dele, com aquele jeito todo brincalhão e animado. Ele era um comediante nato em qualquer ocasião. Sam era bonito, tinha a voz mais bonita e melodiosa e era capaz de fazer a gente rir com uma facilidade inacreditável.

Josh estava sempre perto de Sam. Ou vice-versa. Se alguém procurasse por um, encontraria o outro também. Josh, com os olhos azuis-claros e o moicano preto, tinha a mente e o espírito fortes e era o mais leal dos amigos. Ele fazia com que as pessoas se sentissem seguras e tranquilas, um braço inabalável em meio à tempestade. Josh também era bonito, descolado e o baterista mais acelerado de todos os tempos.

Harry, com olhos cor de esmeralda e o cabelo vermelho espetado, era uma coisa do outro mundo. Era incrivelmente bonito e uma metáfora ambulante de sua própria tatuagem: ondas geladas e verdes que se chocavam contra impetuosas

chamas vermelhas. No início, era muito tímido e quieto, mas logo percebi que também era selvagem, imprevisível e inacreditavelmente apaixonado, tudo isso ao mesmo tempo. Harry era extraordinário.

E então havia Seth com suas mechas loiras caídas sobre os mais gentis e adoráveis olhos cor de mel. Não existiam palavras que pudessem descrever a amizade e a gentileza de Seth... Ele era a luz mais brilhante no túnel mais escuro, um espírito de luz. Era uma honra ser amiga dele.

E eu não podia me esquecer de minha única "amiga"! Em apenas duas semanas, Tiffany se tornou insubstituível. Tiff, linda como uma supermodelo, com roupas caras, atitude animada, uma alma vibrante. Pouco a pouco, eu me abria mais para ela e, em troca, Tiffany também baixou a guarda. A cada dia eu tinha mais um lampejo de como ela era por dentro: honesta, gentil e generosa. Eu via o tempo todo em seus olhos como ela temia que ninguém se importasse com ela ou a amasse por quem ela era, que o dinheiro dos pais sempre fosse um obstáculo para a felicidade verdadeira, os verdadeiros amigos e o verdadeiro amor.

Por isso eu fazia o máximo para demonstrar o quanto nossa amizade era valiosa para mim. Eu apreciava apenas a companhia de Tiffany. Jamais pedia por favores, tratamentos especiais ou recomendações. Não queria saber de nada relacionado ao sobrenome dela. Ela sempre reclamava quando eu não fazia as coisas do jeito dela, mas acho que Tiff me respeitava ainda mais por causa disso. Eu era a única pessoa que não era dominada por ela. Ela era minha amiga, mas não iria me dizer o que fazer. Ela não era minha dona! É para isso que os amigos de verdade servem: ajudarmos uns aos outros em nossas escolhas, mas não impormos nossas necessidades.

Tristan e Seth desenvolveram uma relação próxima muito semelhante a que eu tinha com Tiff. Eles estavam sempre juntos conversando, estudando, rindo e se divertindo. Às vezes, eu sentia até mesmo uma pontada de ciúme do laço que se

formara entre os dois, como se fosse uma espécie de ameaça à conexão que eu tinha com Tristan.

Meu medo sempre era que, apesar de meu laço com Tristan ser forte, não fosse real, existindo apenas por causa da magia. E a ligação dele com Seth era de verdade, e não algum truque barato, não envolvia nenhuma magia. Era uma amizade verdadeira. Eles passavam o tempo todo juntos e Tristan pegava vários dos maneirismos de Seth. Ele mudava o jeito de falar ao observar Seth e os outros garotos da banda. Usava os apertos de mão descolados deles e algumas gírias novas que nem mesmo eu conhecia. Tristan se modernizava bem rápido e chegou até a cortar o cabelo de um jeito mais atual.

Ele estava incrível! Não conseguia acreditar naquela mudança radical. Em apenas algumas semanas ele passou de um garoto calado, antiquado, que era “uma brasa”, para um roqueiro de tirar o fôlego.

Naquele fim de semana, eu planejava visitar minha mãe. Perguntei a Tristan se ele se importaria em ficar na escola, pois queria pedir a Tiffany que fosse comigo. Seria uma mistura de fim de semana das meninas com festa do pijama.

Tristan sorriu e disse que não haveria problema, que ficaria com Seth na escola e eles também fariam um fim de semana dos garotos. Ele pediu que desse um abraço na minha mãe e lhe dissesse que continuaria mantendo-a informada sobre tudo. Ergui uma das sobrancelhas, querendo tirar aquela história a limpo.

– Bem, eu costumo a ligar pra ela de vez em quando pra contar como vão as coisas – ele explicou com uma risada leve.

– Sério? – Eu estava perplexa.

– Ela me fez prometer! E eu não precisaria fazer isso se você ligasse para ela de vez em quando, sabia?

– Ah, mas que palhaçada! Eu ligo para a minha mãe a droga do tempo todo! – exclamei revoltada, fazendo Tristan piscar o olho duas vezes, e, desconfortável, se contrair todo. Ele sempre fazia isso quando eu xingava ou soltava um palavrão. Era praticamente um reflexo dele.

– Você não liga com tanta frequência quanto sua mãe gostaria. Ela fica preocupada. Tsc, tsc, tsc... – Ele estalou a língua em desaprovação.

– Ah, qual é, Tris? Não vou ficar ligando pra ela todo santo dia se é isso que ela quer! Além disso, bem que ela poderia viver um pouco a vida e parar de se preocupar comigo! – retruquei, irritada.

– Está certo, tudo bem. Não vou me meter nessa briga. Vocês duas podem resolver isso quando você estiver em casa. – Ele jogou os braços para o alto em sinal de rendição e foi procurar Seth.

Minha mãe recebeu Tiffany e eu de braços abertos e sabiamente evitei mencionar o sobrenome de Tiff durante todo o fim de semana, pois queria que ela fosse tratada como qualquer outra amiga. Minha mãe até nos fez lavar a louça depois do jantar! Bem, eu lavei e Tiffany teve que secar e guardar. Foi uma experiência nova e fantástica para ela. Tiff ainda sorriu para a minha mãe como se ela fosse a melhor mãe do mundo por ter nos obrigado a fazer isso!

No sábado, as duas se juntaram para me arrastar até o shopping e comprar roupas novas. Tentei protestar, mas foi inútil. Tiff disse que já era hora de eu parar de me vestir como um garoto e começar a usar vestidos, saias e alguma cor. Minha mãe, é claro, a elegeu como minha nova melhor amiga na hora depois disso.

No domingo, dei uma fugida enquanto Tiffany estava ocupada conversando sobre moda com a minha mãe e fui fazer uma visita rápida à Dona Violeta. Eu realmente precisava falar com ela a respeito de todos aqueles sonhos esquisitos. Ela me recebeu com um sorriso afetuoso e conversamos em sua aconchegante sala de estar enquanto bebíamos chá. Contei a ela sobre o homem de manto cinza e suas mensagens enigmáticas.

Eu havia passado o dia inteiro me sentindo exausta, incapaz de espantar uma dor de cabeça irritante que havia surgido no início da semana. Contar meus pesadelos me deixou ainda mais

cansada e, para piorar, Dona Violeta me pedia para repetir os sonhos diversas vezes. Percebi que ela ficou preocupada, mas tentava disfarçar, evitando olhar diretamente para mim. Após uma longa hora de conversa, Dona Violeta me disse que estudaria o “meu caso” com suas amigas bruxas, me manteria informada sobre qualquer descoberta que fizessem e que por enquanto eu não deveria me preocupar. Deixei a casa dela às pressas, pois não queria que Tiffany percebesse que eu havia saído. Seria um pouco complicado explicar à ela onde eu estava e o que havia ido fazer.

Voltamos para a escola no final da tarde de domingo. Abracei Tiff e segui para o meu quarto com um desalento no coração e uma dor de cabeça que não parava de latejar. Tudo o que eu queria era um banho quente e ir para a cama cedo. Eu estava tão cansada!

Quando abri a porta, Seth olhou para mim. Estava sentado na cama com rugas profundas de preocupação na testa.

– Joey! Graças a Deus você voltou! Eu já ia ligar. – Ele parecia atribulado.

– Oi, Seth. O que aconteceu? – Eu podia ver preocupação tomando conta dos olhos dele.

– Tristan está passando muito mal hoje, mas não me deixou levá-lo para a enfermaria. Ele disse que não é nada, mas parece estar bem doente.

Tristan estava deitado na cama coberto até o pescoço e com os olhos fechados. Parecia muito mal, banhado de suor e pálido como um cadáver. Lembrei-me da última vez em que tinha o visto daquele jeito. Havia sido no Ano-novo. Na noite do feitiço. Larguei as malas no chão e corri para a cama de Tristan.

– Quanto tempo faz que ele está assim? – perguntei a Seth.

– Ontem ele parecia bem cansado. Ele falou que talvez devia ter pego um resfriado ou algo do tipo. Hoje ele acordou muito mal. A febre estava baixa, mas começou a subir. Não é melhor chamar a enfermeira? – Seth passou a mão pelo cabelo, aflito.

– Nada de enfermeiras – Tristan e eu dissemos ao mesmo tempo. Os olhos dele se abriram ligeiramente. A luz da sala

parecia incomodá-lo, por isso desliguei o lustre e deixei aceso apenas o abajur da minha mesinha de cabeceira.

– Vocês dois e essa idiotice de “nada de enfermeiras” – Seth murmurou sentado na beirada da cama dele, irritado.

– Não se preocupe, Seth. Ele vai ficar bem. – Sentei ao lado de Tristan. – Ele sempre fica assim quando está resfriado. Amanhã ele vai estar ótimo, você vai ver.

Coloquei uma das mãos na testa de Tristan. Ele queimava de febre! No momento em que a palma da minha mão tocou a pele dele, senti agulhadas nas pontas dos dedos. Uma onda de calor se espalhou a partir da minha mão como se eu mergulhasse dedos gelados em uma bacia de água fumegante. Não doeu, mas era uma sensação estranha. Minha dor de cabeça desapareceu quase imediatamente. Tristan suspirou e fechou os olhos, aliviado, relaxando debaixo dos cobertores.

– Viu? Ele já está se sentindo melhor! – informei a Seth. Eu sabia que ele tinha melhorado. Aquilo era mesmo incrível. Tristan pareceu melhorar na mesma hora.

Seth olhou para Tristan por um momento, repleto de suspeitas, e deu de ombros ao perceber que de fato não havia motivos para preocupação, pois Tristan parecia realmente bem melhor.

– Tudo bem. Vou ver se arranjo meu jantar, então. Quer que eu traga alguma coisa? – Ele foi em direção à porta.

– Uma caixinha de suco de laranja e um sanduíche seria ótimo! Valeu, Seth!

– Sem problema. Se precisar de mim, é só me ligar que eu volto correndo.

– Está certo. Obrigada. Ficaremos bem. Não se preocupe, vá jantar!

Quando Seth nos deixou, tirei os sapatos e subi na cama de Tristan. Eu me enfiei debaixo dos cobertores, mas permaneci sentada, com as costas apoiadas na cabeceira. Coloquei um dos braços ao redor da cabeça de Tristan para ficar o mais perto dele possível. Podia sentir uma das minhas pernas tocar o corpo dele e um formigamento que reverberava entre nós. Tristan

murmurou algo e se virou de lado, colocando um de seus braços ao meu redor. Fiquei ali sentada por um longo tempo, observando-o.

Seth voltou depois de algum tempo com o meu jantar e comi na cama com Tristan. Esperava que Seth pensasse que eu estava apenas sendo uma irmã zelosa. A cada dia era mais difícil prosseguir com a nossa mentira. Especialmente tendo um colega de quarto, que nos acompanhava tão de perto.

Não me lembro quando adormeci, mas acordei bem cedo na manhã seguinte nos braços de Tristan. Era tão bom estar assim, perto dele, que desejei passar o resto da minha vida ali.

Foi então que me lembrei de Seth. Sentei num pulo, mas, quando olhei ao redor, vi que Seth dormia pesado, aninhado sob uma montanha de cobertores. Suspirei aliviada e me virei para ver como Tristan estava. Meu Deus, ele ficava tão lindo quando dormia... Tentei me focar no que era mais importante naquele momento: eu precisava sair da cama dele. Tipo, imediatamente!

Eu me movi devagar na tentativa de erguer o braço de Tristan e me desalojar de seu abraço, porém o movimento o despertou. Ele piscou algumas vezes e registrou que seus braços estavam ao meu redor. Ele abriu um sorriso charmoso, mas logo viu minha expressão preocupada enquanto eu movia os lábios em silêncio, dizendo o nome de Seth. Ele olhou rápido para a cama do nosso colega de quarto e mais que depressa me soltou.

Saí da cama dele e fui para a minha. Tristan bocejava e esfregava os olhos. Estava muito melhor. Na verdade, ele parecia novo em folha.

– Você está bem? – sussurrei o mais baixo que consegui.

Ele olhou para mim ainda tonto e assentiu:

– Eu me sinto bem melhor agora. Ontem eu estava uma bos... quero dizer, eu estava mal – ele corrigiu o vocabulário.

Revirei os olhos.

– Tristan, você pode falar “*bosta*” para mim, pelo amor de Deus! – reclamei. – Vou tomar banho, mas preciso conversar com você sobre esse lance do feitiço. Me espere antes de ir para a aula, pode ser?

Ele concordou e cobriu a cabeça com o cobertor de novo, voltando a dormir enquanto eu ia para o banheiro na ponta dos pés.

Terminei meu longo banho quente no exato momento em que o despertador de Seth tocou a todo volume. Os meninos levantaram meio grogues e começaram a dar início a suas rotinas matinais.

Seth ficou impressionado com a rápida recuperação de Tristan, porém repeti que aquilo era algo normal e que os “resfriados” de Tristan eram sempre assim. Seth pareceu engolir a minha explicação.

– Você parece mesmo bem melhor – eu disse quando Tristan saiu do banheiro.

– Estou bem. Obrigado por passar a noite inteira comigo. – Ele se sentou na cama.

– Sem problema. Estou feliz em ver que você está bem. Dona Violeta estava mesmo certa. Ela disse que isso aconteceria de novo...

– Por que você acha que isso aconteceu? Quero dizer, por que justamente agora, assim do nada? – Tristan perguntou, pensativo.

– Não sei. Estive pensando no assunto. Talvez seja porque eu não estava aqui no fim de semana? – arrisquei.

Tristan ponderou a respeito por um momento.

– Não, não acho que seja isso. Você já esteve longe antes, na sua primeira semana na escola, e nada aconteceu. E comecei a me sentir mal durante a semana. Acho que foi por volta da terça-feira.

Mordi os lábios e me concentrei para pensar.

– Bem, talvez a gente precise nos focar no que as duas ocasiões tem em comum... Quando aconteceu pela primeira vez era Ano-novo, certo? E na terça? Era dia..

– Primeiro de fevereiro – Tristan completou. – Talvez isso aconteça em todo começo de mês? – ele chutou.

– Talvez. Faz sentido. A gente vai ter que esperar até o mês que vem para ter certeza – murmurei ao olhar o calendário em

cima da minha escrivaninha.

Entretanto, eu estava torcendo para que ele estivesse errado, senão teríamos que passar por isso de novo em todo início de mês. Isso não parecia nada bom! Pelo menos eu me senti só um pouco cansada desta vez e não terrivelmente doente como na ocasião anterior... Mas Tristan passou tão mal quanto antes.

O que aconteceria se estivéssemos separados durante os primeiros dias do mês? E se não conseguíssemos estar juntos?

A coisa começava a ficar complicada. Pesadelos com aquele ser sinistro de manto, feitiços que comprometiam meus sentimentos, laços bizarros que nos deixavam doentes...

Tristan olhava para mim com preocupação. Fiquei aliviada por não ter contado a ele sobre Virgílio, o que só o deixaria mais aflito. Percebi que estava calada havia um longo tempo, perdida em meus pensamentos.

– Escute, não vamos nos preocupar por enquanto, ok? A gente vai descobrir o que é isso. O importante é que você já está se sentindo melhor. E precisa tomar café. – Eu me levantei e estendi a mão para ele.

Ele sorriu e pegou minha mão, mas sabia que ainda estava preocupado.

– Ainda nem lhe contei sobre o fim de semana! – De mãos dadas, o conduzi para fora do quarto. – Você acha que teve um dia ruim ontem? Minha mãe e Tiffany me levaram para fazer compras! – falei tremendo de calafrios só de pensar nos horrores daquele passeio.

Ele sorriu para mim de novo e dessa vez o sorriso alcançou seus olhos cinza, o medo de momentos antes substituído por afeto e felicidade.

Ficaríamos bem. Ficaríamos bem contanto que permanecêssemos juntos.

## capítulo dezenove

### A aposta

Depois de provar meu valor ao entregar algumas letras incríveis e dar sugestões de melodias e canções para a banda, passei a ser membro oficial dos Lost Boys.

Bem, na verdade eu era mais uma Lost Girl, mas, enfim, dá para entender o que eu quis dizer. Acertava os toques finais da minha primeira música oficial e trabalhava em mais três outras para Harry, Sam e Josh. Porém era difícil escolher um tema para Tristan. Ainda tinha muito trabalho pela frente.

No fim da semana, Tiffany me surpreendeu de manhã bem cedo no corredor dos armários. Ela pulava de empolgação.

– E aí, Joey, ansiosa para hoje à noite? – Tiff exclamou com aquela voz alta e esganiçada típica de quando ela estava animada demais.

– Não. O que vai acontecer hoje? – perguntei com a maior calma. Eu era mesmo a garota mais desligada do mundo.

Ela fechou a cara.

– Você está falando sério? Já faz uma semana que não se fala em outra coisa além da festa!

Ah, era isso. A festa de dia dos namorados. Já que a data cairia na segunda, a ideia era “celebrar” no fim de semana... De qualquer forma, para todos os efeitos, aquela era só uma boa desculpa para organizar uma festa. Entreeuvi os garotos falarem algo a respeito, mas nem prestei muita atenção. A verdade é que eu não era muito boa nessa coisa de festas. Sempre arrumava uma maneira de passar vergonha e as pessoas

costumavam me lançar olhares sem graça e me evitavam porque eu falava as coisas mais inapropriadas. Acho que eu era muito direta e honesta demais e isso aparentemente acabava com a animação de qualquer festa..

– Ah, sim. Ouvi a respeito... mas acho que não vo... – comecei a falar, mas Tiffany me interrompeu.

– Ótimo. Fantástico! Nem ouse dizer que não vai, porque vou arrastar você e ponto final. A gente precisa escolher a sua roupa! Você deu sorte de termos ido fazer compras no fim de semana, senão ia ter que ir para a festa com uma dessas roupas esportivas velhas suas! Ah! E você TEM que usar aquele top roxo que eu escolhi – ela tagarelou, toda empolgada.

– Sério, Tiff, não sou boa nesse lance de festas...

– Não ligo a mínima se você é a pior festeira do mundo, Joe Gray. Você vai! E com o top roxo! – Ela bateu o pé. Meu Deus, como aquela menina era mandona!

– Tudo bem. Está certo. – Desisti de contrariá-la.

Ela sorriu, feliz por ter ganhado a batalha e então passou o resto do dia falando sobre a porcaria da festa. E eu passei o resto do dia temendo a noite que se aproximava.

Pelo menos consegui esquecer o assunto durante parte da tarde graças à minha aula de música com o professor Rubick. Eu estava aprendendo as coisas depressa e quando tocava piano não soava mais tão enferrujada.

Quando a aula terminou, fui para o meu quarto. Seth e Tristan estavam lá com os outros meninos. Tristan estava com os fones do meu iPod nas orelhas e balançava a cabeça ao som do que quer que estivesse ouvindo. Seth estava deitado na cama e dedilhava a guitarra. Eu me arrastei para dentro e desabei na minha cama, empurrando Harry, que estava espalhado sobre o colchão. Seth parou por um segundo e Tristan tirou os fones quando me viu entrar.

– Oi – cumprimentei todo mundo, azeda. – Harry, será que dá para me dar um pouco de espaço na cama?

– Afe, senhora brilho do sol! Posso saber o motivo da cara amarrada? – Harry se ajeitou na cama e apoiou a cabeça no

meu ombro.

Ele era uma pessoa muito afetiva e carinhosa. Gostava de abraçar, ficar de mãos dadas e de proximidade. E não era só comigo. Ele agia assim com o resto da banda também. Mas ele só agia dessa forma com quem de fato gostava e se sentia à vontade. Harry era muito tímido e reservado com gente que não conhecia ou não confiava. Os abraços dele eram sempre a melhor coisa do mundo. Não sei por que, mas seus abraços sempre me causavam um calorzinho aconchegante no coração. Era quase viciante de tão bom.

– Não é nada – resmunguei e apoiei a cabeça sobre a do Harry. – Só não estou nem um pouco a fim de ir para essa festa hoje à noite.

– Tiff *mandou* você ir, não foi? – Seth soltou uma risadinha da cama dele.

– Foi – confessei.

– Não deixe ela mandar em você! Se não quer ir, não vá! – Seth voltou a tocar guitarra.

– Sem chance! Você tem que ir de qualquer jeito, Joe – Harry exclamou. – É a sua primeira festa na escola! Vai ser tão divertido! Vamos todos juntos, não é, galera?

– Eu vou com certeza. – Josh levantou e se alongou, os músculos dos braços e do peito sobressaindo sobre a camiseta preta. Josh era mesmo um atleta. Tentei disfarçar minha admiração e desviei os olhos.

– Eu idem. – Sam também se levantou. – Na verdade, já está na hora da gente ir para os nossos quartos se arrumar! Você leva duas horas para ficar pronto, Josh! – Ele revirou os olhos.

– Então vamos, ué – Josh concordou e foi em direção à porta.

Harry se ergueu com o cabelo ruivo todo amarrotado e seguiu os dois.

– Vejo você lá na festa, Joey! – Ele disse me dando tchau com as mãos. – Venho buscá-la com a Tiffany se você amarelar, viu?

Grunhi abafado. Ótimo, agora eram dois para me obrigar a ir!

– Você também vai, Seth? – perguntei.

– Não sei. Não sou muito do tipo de ir em festa. O que você acha, Tristan? Está a fim de ir?

– Claro, por que não? – Tristan deu de ombros.

Maravilha. Todo mundo vai para a festa. Agora eu não tinha mesmo como escapar dessa. E, para completar, naquele mesmo instante Tiffany entrou no quarto.

– E aí, menina? Vamos lá, pegue sua roupa. A gente vai se arrumar no meu quarto! – ela ordenou e fez um gesto para que eu me apressasse.

– Ahhhhhhhh, cara! Mas que puxa! – Gemi e me levantei, relutante. Tristan e Seth riram da minha birra infantil.

Seth então se levantou e disse que era melhor começar a se arrumar também. Tiff, óbvio, teve que lançar um comentário malicioso a respeito de como Seth havia deixado de ser um *“nerd bicho do mato”*, ao que Seth retrucou: *“O que você quer dizer com isso?”* e Tiff rebateu: *“Você nunca vai à festa nenhuma. Seth! Você sabe muito bem disso”* e ele retrucou de volta *“Não é verdade. Não tem nada a ver”*, o que me fez soltar uma risadinha abafada de escárnio porque ele havia *acabado* de dizer que não era muito de ir a festas. Seth me lançou adagas com os olhos, e eu me encolhi, com uma expressão de desculpas sinceras em meu rosto, enquanto Tiffany fazia mais algumas piadinhas.

Depois disso, enfiei minhas roupas na mochila em silêncio completo. Não queria ficar no fogo cruzado de mais uma briga dos dois.

Tiffany e Seth sempre discutiam a respeito das coisas mais sem importância, idiotas e aleatórias do mundo. Eles gostavam de zombar um do outro mais do qualquer outra coisa. Eles implicavam, provocavam, cutucavam”, e debochavam um do outro o tempo todo. E, quando digo “o tempo todo” quero dizer 24 horas por dia, sete dias por semana! Não havia nem uma única ocasião em que eles estivessem no mesmo lugar sem que uma discussão se iniciasse. No início, pensei que Seth ainda estivesse com raiva por causa do *bullying* que Tiff fez comigo na minha primeira semana de aula, mas logo percebi que ele

simplesmente gostava de implicar com ela. Era seu passatempo preferido.

Tristan e eu já havíamos nos acostumado com essas briguinhas, por isso tudo que fazíamos era revirar os olhos e deixar que eles discutissem até que se cansassem e algum deles resolvesse calar a boca.

Seth marchou de volta para sua cama, dizendo que não estava mais no clima para festa nenhuma e que ele estava muito bem sendo um “*nerd* bicho do mato, muito obrigado”. Pegou um livro e encarou as páginas, fingindo não ligar para mais nada.

Tiffany tentou pedir desculpas, mas Seth fingia focar toda a sua atenção no livro, não lhe dando ouvido algum. Tiff olhou para nós desalentada quando se deu conta do que havia provocado. Acho que ela até tinha ficado muito feliz quando Seth disse que iria à festa, mas então ela não se conteve com as cutucadas de sempre e acabou estragando tudo no final. Tristan sorriu para ela e garantiu que cuidaria de tudo, lançando-lhe uma piscadinha animada. Ele convenceria Seth a ir à festa mais tarde.

Segui Tiffany pelo corredor, andando como alguém prestes a ir para a forca. Por incrível que pareça, eu ainda não havia conhecido o quarto de Tiff. Quando entramos no dormitório no terceiro andar, fiquei de queixo caído! O quarto dela era duas vezes maior do que o nosso, com uma cama *king-size* bem no centro, uma cama de solteiro extra em um dos lados, vários armários, um grande espelho preso na parede, uma TV de tela plana em um canto e uma pequena área gourmet com um frigobar e um forno portátil sobre a bancada.

– Todos os dormitórios das meninas são assim? – perguntei, por um momento me arrependendo da minha decisão de ficar com os garotos.

Tiffany deu de ombros como se não fizesse ideia e mais que depressa me empurrou para o banheiro, onde eu tive que soltar uma exclamação, de tão impressionada. O lugar era gigante, com uma bela banheira perolada e uma grande pia de mármore.

Tudo parecia reluzente e sofisticado. Pulei de susto quando Tiff bateu na porta e gritou que não estava ouvindo o chuveiro ligado.

Parei de admirar o banheiro como uma idiota e corri para me arrumar. Após uma ducha rápida, fui para o quarto me vestir e deixei que Tiff me ajudasse com a maquiagem. Olhei para meu reflexo no grande espelho na parede do quarto quando estava finalmente pronta. Uma menina assustada olhou de volta para mim, sentindo-se um tanto desajeitada com o novo visual.

Eu estava usando um top apertado e o jeans preto com sapatos de salto alto da mesma cor. Bati o pé para manter meu costumeiro rabo de cavalo. Tiff queria que eu soltasse o cabelo, mas o batom roxo e o rímel escuro já significavam uma mudança drástica demais que eu ainda precisava digerir. Além disso, o top lilás que ela havia escolhido para mim tinha um decote um pouco exagerado para o meu gosto. Então Tiff desistiu de insistir no cabelo solto, pois sabia muito bem que nem todas as batalhas podiam ser ganhas.

\*\*\*

Meu estômago revirava de tanto nervosismo quando chegamos à festa. O espaço ao ar livre onde o evento aconteceria já estava repleto de alunos, que conversavam e socializavam uns com os outros. Já podia ver Sam, cercado por um grande grupo. Parecia contar uma história engraçada e todo mundo prestava a maior atenção em cada palavra que saía de sua boca.

Para nossa surpresa, Josh estava do outro lado da festa, todo descolado e sexy com uma camiseta preta que caía bem sobre os jeans escuros. Ele conversava com três garotas que davam risadinhas e flertavam com ele. Josh parecia ser do tipo que preferia se divertir sozinho nas festas e pelo visto sua prioridade era dar atenção a uma plateia *unicamente feminina*.

Não precisei procurar por Harry, pois a risada alta dele chegou aos meus ouvidos antes que eu pudesse vê-lo. Segui a voz até o centro de um grupo de skatistas. Ele parecia estar se divertindo

a beça e, quando nos percebeu, acenou todo empolgado na nossa direção, indo até onde estávamos.

– Finalmente! Estava quase indo buscá-la! Pensei que tivesse amarelado! – ele disse rindo.

– Estou me sentindo bem amarela – brinquei.

– Vocês duas estão lindas se me permitem dizer – ele elogiou, soltando um assobio de apreciação. Tiff fez uma mesura engraçada e eu fiquei vermelha como um pimentão.

– Você também está uma graça, gatinho. – Tiff piscou para Harry, admirando a combinação de camiseta salmão e bermudas largas que ele vestia. – Vamos lá, Joey. Vou apresentar você para todo mundo. – Tiffany me deu um leve empurrão. – Nós nos vemos depois, Harry-Berry! – Harry riu e se despediu com um aceno antes de voltar para o grupo onde estava.

Eu me sentia bastante insegura e pouco à vontade enquanto Tiff me apresentava aos amigos dela. Eles foram todos muito educados comigo, mas mesmo assim eu podia ver em seus olhos que não paravam de se perguntar "*Qual é o problema dessa garota?*". Em certo momento, me perdi de Tiff e fiquei vagando pela multidão. Foi então que, de repente, senti um par de mãos agarrarem minha cintura por trás e dei um pulo de susto. Eu me virei e vi um Tristan bem-humorado que me envolvia em seus braços.

– Ei, botãozinho! Falei para o Seth que tinha certeza que era você, mas ele disse que eu estava enganado. Então vim conferir com os meus próprios olhos.

Nos últimos dias, Tristan havia pego a mania de me chamar de Botãozinho porque uma vez ele disse que eu era um "botãozinho de flor" e tive um acesso de riso. Aquele era um termo tão esquisito. Desde então, ele usava o apelido sempre que estávamos sozinhos, como um termo carinhoso que só a gente conhecia. Eu adorava quando ele me chamava assim.

– Você está tão diferente! – Tristan comentou, discretamente surpreso.

– É, essa sou eu depois de passar pela reconstrução total de Tiffany – murmurei em tom de desculpa e sorri, sem graça, para

ele. – Eu me sinto esquisita.

– Não, não... Você está... – Tristan fez uma pausa e os olhos dele foram do meu rosto para o decote – ...adorável. Diferente, mas adorável. – Seus olhos escureceram subitamente e sua voz se tornou mais rouca que o normal.

Não tive tempo de ficar vermelha ou nem mesmo de agradecer pelo elogio, pois vi de relance que Seth se aproximava. Empurrei Tristan para longe, fazendo com que ele perdesse o equilíbrio. Ele olhou para mim, surpreso, mas logo se deu conta do porque eu havia feito o que fiz, quando cumprimentei Seth em um tom levemente atrapalhado:

– Oooooiii, Seeeth! Você está aqui! Você veio! – eu disse me afastando um pouco de Tristan e indo abraçar Seth.

– Oi, Joey. É, estou aqui. Tristan não iria calar a boca enquanto eu não viesse, então acabei desistindo de ficar no quarto. E, uau, você está linda! – Ele me olhou de cima abaixo com um sorriso de quem aprovava o que via.

Tristan estava bem ao lado dele, fazendo exatamente a mesma coisa, mas, quando percebeu a expressão no rosto de Seth, deu um soco no braço do amigo.

– Ei, se liga! Pare de olhar minha irmã desse jeito! – ele avisou a Seth.

– Desculpa, cara. Só estava admirando, mas de um jeito respeitoso. – Seth levantou as mãos, demonstrando inocência, mas então viu alguém atrás dos meus ombros e seu queixo caiu. Ouvi a voz de Tiffany.

– E aí, gente! Todos vocês vieram! – ela nos cumprimentou, animada.

– É. Posso perder a minha carteirinha do clube dos nerds por causa disso, mas aí pensei: que se dane! Vou correr o risco de manchar a minha reputação e ir nessa festa! – Seth brincou com ela.

Ela ficou um pouco vermelha, mas não perdeu a compostura.

– Ah, você sempre poderá substituir a sua carteirinha de nerd pela de “baladeiro-incrível” que eu tenho aqui na minha bolsa! É só para membros muito exclusivos, mas você merece

totalmente entrar no clube essa noite! Você está fantástico, Seth, meu rapaz! – ela devolveu.

Seth riu e olhou para ela com timidez. Era a maneira dele de dizer que a desculpava pela discussão que tiveram mais cedo.

Ele vestia jeans cinza-escuros com uma camisa preta de mangas compridas que envolvia seu corpo como uma luva. Alguns botões da camisa estavam abertos, revelando o pescoço e um pouco do peito. Ele estava mesmo muito gato. Tiffany parecia concordar, pois os olhos dela ardiam enquanto ela observava Seth.

E então meu olhar recaiu mais uma vez sobre Tristan. Se eu já achava que Seth estava bonito, percebi que precisaria de todo um novo vocabulário para encontrar adjetivos suficientes para descrever Tristan! Ele vestia uma camisa branca toda abotoada sobre um jeans azul-claro que ajustava com perfeição todo seu corpo, no entanto meus olhos não conseguiam deixar seu rosto. Sua boca se curvou em um sorriso sedutor, cheio de charme. Eu estava estarecida em perceber que ele não tirava os olhos de mim. Por que alguém olharia para mim quando havia uma Tiffany Worthington ao meu lado no vestido colante vermelho mais maravilhoso e apertado da história? Será que ele tinha problema na vista ou algo do tipo?

Ouvimos então um grito de Sam, que chamava por Tristan de algum lugar no meio da multidão. Aparentemente, precisava da contribuição do amigo para alguma de suas histórias.

– Tenho que ir, senão ele não vai parar de berrar tão cedo. Volto logo! – Tristan deu um leve sorriso e, um pouco envergonhado, deslizou pela multidão que nos cercava.

Aproveitei a oportunidade para dizer que ia procurar por Harry e pedi licença para Seth e Tiffany, que pareciam precisar de um tempo a sós.

Continuei caminhando pela festa, ainda me sentindo bastante deslocada e sem graça, quando duas Barbies da equipe de líderes de torcida de Tiffany bloquearam o meu caminho.

– E aí, Gray? Tudo certo? – uma das garotas me cumprimentou. Eu não fazia a menor ideia de qual era o nome

dela.

– Oi...  *você*. Estou bem – respondi, cheia de suspeitas.

– Você está tão diferente essa noite! Tiff lhe deu uma ajudinha, não foi? – a outra zombou, condescendente.

– É, Tiff é demais – respondi com toda a sinceridade. Não me importava em dizer que Tiff havia me ajudado a me arrumar, até mesmo porque era bem óbvio. – Nós nos vestimos no quarto dela e ela me deu uma força com toda essa arrumação.

– Vocês estavam no quarto dela?! – as duas guincharam ao mesmo tempo, obviamente impressionadas.

– Como assim? Tiffany convidou você pra entrar no quarto dela mesmo? Tipo, lá  *dentro*? – elas continuaram. – Tiff nunca deixa ninguém entrar lá! Nunquinha! E como é lá dentro?

– É, vocês sabem, espaçoso – respondi vagamente. Se Tiff não permitia que ninguém entrasse no quarto dela, era porque queria ter privacidade e não seria eu que iria expô-la para quem quer que fosse.

Elas reviraram os olhos diante da minha relutância em dar mais informações, entendendo que não conseguiriam arrancar nada de mim.

– Então, Gray. Qual é a do gostoso do seu irmão? – uma delas mudou de assunto. Imaginei que aquela deveria ter sido a verdadeira razão pela qual me pararam, para me perguntar sobre Tristan. Ugh!

– O que tem ele? – eu disse com lábios apertados de raiva.

– Qual é o tipo de Tristan? Loiras? Ou morenas? – elas perguntaram, ansiosas.

Eu definitivamente não queria ter aquela conversa. Na verdade, eu estava tentada a dizer a elas que Tristan era gay ou algo do gênero. Mas isso não seria certo. Eu não podia fazer isso com ele. Ou será que poderia? Não! Definitivamente não poderia. Elas me encaravam, na maior expectativa.

– Bom... não sei. Acho que ele não tem um tipo específico – murmurei.

Elas pularam, empolgadas.

– Ah, então nós duas temos uma chance com ele! Vou total ganhar essa aposta, Carolina! – uma delas disse com um gritinho fino de alegria.

– Nã, nã, ni, na, não! Eu vou vencer! Ele vai ser meu, você vai ver só! – Carolinaa rebateu.

– Aposta? Que aposta? – Franzi a testa.

Elas olharam para mim com sorrisos de desdém idênticos.

– Acho que não tem problema se a gente lhe contar... Mas precisa prometer que não vai contar nada para mais ninguém – pediu. Ela era a mais bonita das duas, com o cabelo loiro todo ondulado e grandes olhos azuis e redondos. Era tão bonita que me deu ódio.

– Claro – menti. Como se eu fosse manter uma promessa para o esquadrão do pompom! Mentalmente bufei diante da ideia.

– Tem uma aposta rolando sobre quem vai ficar com Tristan essa noite – Carolina revelou.

– A gente sabe que ele não está com ninguém no momento, então a temporada de caça a Tristan está aberta! – a amiga dela exclamou toda esganiçada.

– Ele é um sonho! E um verdadeiro cavalheiro. Trata as meninas como princesas – Carolina confessou. – Ele abre a porta para a gente passar, puxa a cadeira na cantina, beija nossas mãos. Tristan não é como esses caras malas com que eu costumo a sair.

– E, além disso, ele é megagostoso! Você viu como o traseiro dele fica o máximo naquela calça jeans, Carolina? E aquela boca macia? Fico imaginando que gosto ela deve ter...

– Certo, já chega! – Ergui as mãos, enojada. – Olha só, preciso ir. Boa sorte na tentativa de pegar o Príncipe Encantado – rosnei, extremamente irritada.

Pelo amor de Deus! Estava aberta a temporada de caça a Tristan?! Que nojo!

Espero que aquelas meninas tropeçem naqueles saltos altos e quebrem o pescoço! A festa foi água abaixo para mim depois daquilo. Para onde quer que eu olhasse, via Tristan cercado de garotas lindas e com o maior jeito de vagabundas que não

paravam de tocar em seu braço, lutando por atenção e flertando na maior cara de pau como se todas estivessem desesperadas. Algumas pegavam bem pesado, batendo os cílios sedutoras, sussurrando em seu ouvido e se jogando indecentemente pra cima dele o tempo todo. Meu sangue fervia só de olhar! Por isso, me afastei o máximo que pude. Aquela estava se tornando a pior festa da história! Eu estava decidida a voltar para o meu quarto quando Tiffany me puxou pelo braço e voltou a me apresentar aos amigos dela. Foi uma tortura, vou lhe contar! Juro por Deus que estava prestes a perder a cabeça a qualquer minuto.

E as pessoas ficavam me olhando de um jeito estranho, e eu não entendia o porquê! Será que era a minha maquiagem? Eu estava assim tão diferente? Os garotos vinham falar comigo do jeito mais esquisito, não paravam de olhar ao redor e davam o fora mais que depressa. Qual era o problema? Na quinta vez que isso aconteceu, Tiffany também percebeu e fez uma careta na minha direção, tentando entender o que estava acontecendo. Não fazíamos a menor ideia.

Ela então me disse que ia tentar falar com as pessoas para descobrir o que estava rolando e que depois me contaria tudo. Na verdade, eu não dava mais a mínima para aquilo. Tudo que eu queria era voltar para o meu quarto! Estava prestes a tentar dar o fora novamente quando Harry apareceu do nada e me puxou para longe da multidão.

– Vem, cá, Joey! Preciso lhe mostrar uma coisa! – Ele tinha um brilho travesso nos olhos cor de esmeralda.

## capítulo vinte

### O terraço secreto

Deixei que Harry me puxasse pelo braço percorrendo os muros do lado de fora da escola.

Ele não parava de olhar ao redor para ter certeza de que ninguém estava nos espiando. Eu me perguntava o que Harry queria com tudo aquilo quando passamos por uma pequena porta escondida no canto de uma parede e subimos alguns degraus irregulares feitos de pedra. Ele abriu uma pesada porta de ferro e caminhamos por uma grande varanda, quase um terraço, se não fosse pelo fato de haver ainda mais um andar acima de nós.

Ele fez um gesto para que eu o seguisse pelo canto do terraço. Caminhava devagar e com passos indecisos, pois apenas a luz da lua iluminava o lugar.

Ele parou no parapeito, onde apoiou os braços para apreciar a vista. Fiz o mesmo e observamos em silêncio as pessoas conversarem na festa lá embaixo.

– Gosto de vir aqui quando dão festas desse lado do prédio. Olha só. Podemos ver tudo e eles não conseguem enxergar a gente. – Harry apontou para algumas pessoas na festa.

A varanda era posicionada de uma forma que tornava fácil ver tudo lá embaixo, mas que praticamente impedia que as pessoas no gramado percebessem que estávamos ali. A ausência de luz também agia a nosso favor. Estávamos bem perto da festa. Podíamos até mesmo ouvir o assunto da conversa de algumas

pessoas. Era o lugar perfeito para observar. O paraíso dos voyeurs.

– É tão tranquilo aqui – murmurei para mim mesma. Podíamos relaxar e observar tudo sem estarmos de fato na festa.

– Você não parecia estar se divertindo muito lá embaixo. – Harry disse com um leve sorriso no rosto. – Às vezes eu também me canso dessa gente. Eles ficam se exibindo o tempo todo, querendo ser os mais legais, os mais descolados da festa... Achei que você gostaria mais do sossego daqui de cima.

– Com certeza, Harry! Obrigada por me mostrar esse lugar. Prometo que não vou contar pra ninguém.

– Que bom. Porque, se a notícia cair na boca do povo, vai ser difícil achar esse lugar deserto de novo. Só você e a banda sabem desse lugar. Eles já sabem que quando desapareço de uma festa, estou dando um tempo por aqui.

Eu me virei e, apoiando as costas na parede de pedra, deslizei para baixo até estar sentada no chão e então olhei para o céu. Era uma noite tão clara, repleta de estrelas e com uma lua brilhante sobre nossas cabeças. Era tão melhor olhar para a lua do que para o gramado lá embaixo. Aquela festa estava tão cansativa. Suspirei, aliviada por estar em um lugar tranquilo sem ninguém em volta para me julgar ou olhar para mim de um jeito estranho.

– Você *realmente* não curte muito festas, não é? – Harry perguntou, se sentando no outro canto da parede, próximo de mim.

– Bem, todo mundo estava meio que me evitando lá embaixo... Acho que não sei bem como agir nesses eventos... Eu me sinto meio como se estivesse sendo falsa. Acho que as pessoas percebem que estou tentando ser algo que eu não sou – murmurei chateada.

– Você não precisa fingir, Joey. Estava se saindo muito bem lá! – Harry riu um pouco. Seus olhos brilhavam quando ele ria. Ele parecia tão calmo e tranquilo, tão diferente do jeito agitado que estava agindo antes na festa.

– É, bom... Eu só... não sei, Harry. Parece tão fácil quando vocês fazem isso. Tiffany é a Senhorita Popularidade. Sam é tão descontraído e divertido que quando a gente se dá conta ele já está cercado de gente. Tristan tem aquele carisma mágico e Seth conhece todo mundo nessa escola, até mesmo os zeladores! E as garotas correm para cima de Josh como se fossem abelhas no mel! – Ainda olhando para o céu escuro, completei – Nunca vou ser boa nessa coisa de festa.

– Eu também não sou nada bom. – Harry deu de ombros. – Mas não estou nem aí. Vim para a festa só para aproveitar a companhia dos amigos, dar algumas risadas e me divertir.

– Ah, qual é, *você* não é bom nisso? – brinquei com ele, rindo. Harry olhou para mim e franziu a testa.

– É, não sou não. Porque *você* acha que tenho esse esconderijo? Para me esconder, ora. Das pessoas – ele explicou.

– Harry, *você* tem esse esconderijo porque quer passar algum tempo sozinho, não porque não se encaixa! *Você* é incrível. Não acredito que *você* não sabe quanta gente segue cada movimento seu, ouve tudo o que *você* diz! Todos os caras querem ser como *você*! *Você* é tão alegre e despreocupado.

– Como assim, feliz e despreocupado? *Você* está dizendo coisas sem sentido! – ele comentou em tom divertido. Pela expressão em seu rosto parecia que ele estava achando que eu estava zoando da cara dele.

– Estou falando sério, Harry. *Você* tem essa alegria inata dentro de si. Qualquer um pode ver, não importa aonde está, *você* está feliz porque está à vontade com quem *você* é! *Você* não se importa com o que as pessoas acham ou pensam a seu respeito. E aproveita as coisas pequenas da vida, e as deixa parecer tão bonitas e importantes – falei em tom bem sério para que ele percebesse que eu não estava brincando. – As pessoas querem ficar perto de *você* só para ter um pedacinho desse sentimento. É verdadeiro, honesto e incrível! Eu queria ter esse seu mesmo espírito livre. É tão libertador.

Terminei as minhas divagações e olhei para o chão. Harry ficou em silêncio por algum tempo, absorvendo tudo que eu

havia dito. Ou talvez ele estivesse achando que eu era meio maluca com toda aquela conversa.

– Isso foi... puxa, obrigado, Joey. Ninguém nunca me disse nada parecido antes. Em geral, tudo que escuto é "*Harry, você é maluco*" ou "*Harry, você é esquisito*"! – Ele fez uma vozinha fina muito engraçada, que parecia com a das meninas do esquadrão dos pompons. Elas provavelmente já haviam dito essas coisas para ele.

Olhei para Harry e percebi que ele me observava com um sorriso tímido. Mechas de cabelo vermelho escuro e macio caíam sobre o belo rosto comprido.

– Posso lhe fazer uma pergunta, Joey?

– Claro, Harry.

– Quando a gente se conheceu, no seu quarto, lembra? Por que você olhou para mim daquele jeito? Como se estivesse achando graça? Pensei que você tinha me achado um esquisito ou algo assim – ele murmurou e pareceu surpreso quando comecei a gargalhar alto.

– Não, Harry! Eu estava só... surpresa! Você foi a primeira pessoa, bem, na verdade, a única pessoa, que não riu do meu nome. Fiquei surpresa, foi só isso. E já que tocou nesse assunto, também queria fazer uma pergunta. Por que você não fez nenhuma piada quando soube que eu me chamava Joe? – Cutuquei levemente um dos sapatos dele com o meu.

– Não tem nada de errado com o seu nome – Harry disse honestamente. E era a mais pura verdade. Eu via em seus olhos.

Não pude deixar de sorrir.

– Viu? É por isso que você é tão incrível, Harry – murmurei para mim mesma, mas ele me ouviu e também abriu um sorriso.

– Vamos lá, Joe Gray, já relaxamos demais aqui em cima! Vamos voltar pra festa e deixar as pessoas verem o tanto que você também é incrível! – Harry se levantou e ofereceu uma das mãos para mim. – E faça o que lhe der vontade lá! Divirta-se

com os seus amigos! Não se preocupe com o que essas pessoas acham!

Sorri e peguei a mão de Harry, tomando impulso para me erguer no mesmo tempo em que ele me puxou, o que fez com que eu pegasse embalo e me levantasse rápido demais. Tropecei e dei de cara com o peito dele. As mãos de Harry automaticamente foram para a minha cintura, tentando impedir que eu perdesse o equilíbrio. Quando percebi que não iria cair, olhei para cima. Meu rosto estava a apenas a alguns centímetros do dele e pude ver aqueles olhos verdes de perto. Bem de perto. Eles tinham uma nuance de azul em meio ao verde, o que dava à íris aquele tom esverdeado tão impressionante, como a água de uma piscina cristalina ou de uma pedra de esmeralda. Aquela cor era tão incomum e o olhar dele tão intenso!

Os lábios finos se curvaram em um pequeno sorriso e meus olhos foram atraídos imediatamente para eles. Seu piercing brilhava sob a luz da lua e naquele exato momento lembrei-me de Tristan e de seu sorriso, que sempre conseguia acelerar meu coração. Devagar, me afastei de Harry, me sentindo culpada por permitir que aquele pequeno momento acontecesse entre a gente.

Céus! Eu esperava que Harry não estivesse achando que eu dera em cima dele! Estávamos completamente sozinhos naquela varanda, no escuro, em uma romântica noite de luar e eu não parava de falar sobre o quanto eu achava ele incrível! Tinha a sensação de que eu estava traindo Tristan, apesar de não ter nada rolando entre a gente... Eu estava tão desconfortável e culpada que Harry percebeu a vergonha estampada no meu rosto na hora.

– Pode confessar, você não podia esperar para cair nos meus braços, não é? – ele brincou com um sorriso de provocação nos lábios.

– Harry... me... me desculpe, não tinha... não queria... – gaguejei e me afastei ainda mais dele.

– Relaxa, Joey. Eu só estava brincando! – ele disse com uma risada solta. – Eu sei que é comprometida.

– Eu... eu... hein?

– Você tem namorado. Provavelmente é um cara da sua outra cidade, não é? Relacionamentos a distância são difíceis. – Ele olhou para o céu e contemplou a lua.

– Eu... eu... – Não conseguia dizer mais nada. Estava chocada demais para inventar qualquer mentira.

– Está tudo bem. Você tem essa aura de quem está em um relacionamento ao seu redor. Costumo a perceber essas coisas logo de cara. Desencana, eu só trouxe você até aqui para que pudesse dar um tempo da festa, só isso. – Harry sorriu e fez um gesto em direção à porta. – É melhor a gente voltar para a festa agora, ou as pessoas vão começar a achar que tem alguma coisa rolando por aqui e Tristan vai quebrar a minha cara! Ele parece ser do tipo irmão ciumento. Passou a noite inteira olhando você.

– E... ele... fez isso mesmo?

– Se fez! E ele não parecia NADA feliz toda vez que um cara se aproximava de você. Precisava ver só o olhar sinistro que ele jogava para os caras que chegavam perto! Ei, você disse que as pessoas estavam te evitando na festa, pode ser por causa disso! Pelo menos para os homens, pode ser essa a razão. – Ele riu diante da descoberta.

– Deixa disso, Harry! Claro que não! Tristan estava ocupado demais com todas aquelas patricinhas imbecis penduradas nele a noite toda! Ele nem sabia onde eu estava... – falei enquanto descia as escadas atrás de Harry.

– Bom, eu estava do lado dele e posso lhe garantir que ele não parava de olhar ao redor e perguntar por você o tempo todo. Mas agora que você mencionou isso, aquelas garotas estavam mesmo agindo meio esquisito. Escutei alguém dizendo sobre algum lance rolando, algum tipo de aposta. Sei lá... Mas pode deixar que vou descobrir isso rapidinho, não estressa.

Saímos do prédio da escola e eu estava menos irritada agora que sabia que Tristan estivera procurando por mim. Voltei para

a festa de mãos dadas com Harry. A banda e Tristan já estavam acostumados com o fato de Harry dar a mão e abraçar a gente o tempo todo, mas o resto das pessoas não sabiam desse hábito afetuoso em particular, de forma que algumas sobancelhas se ergueram e alguns corpos se viraram para nos ver passando.

Eu não me importava mais. Tinha decidido aceitar a sugestão de Harry: eu iria aproveitar aquela droga de festa e não iria me preocupar com o que pensavam de mim! Olhei para a multidão e vi Tiffany acenar para mim, sorrindo. Sorri de volta, feliz de verdade.

– Vou descobrir alguma coisa a respeito desse lance bizarro de aposta, Joey – disse Harry. – Vai lá e se divirta um pouco, ok?

Eu me virei para ele e lhe dei um abraço apertado. Aquele calor afetuoso que tomava conta de mim todas as vezes que eu o abraçava surgiu mais uma vez, espalhando-se dentro de mim.

– Tudo bem, vou sim. E valeu mesmo, Harry!

– Pelo quê? – ele disse, achando graça e um tanto surpreso.

– Por ser meu amigo. Você é incrível! – Eu o beijei no rosto e baguncei o cabelo ruivo com uma das mãos. Harry não ligou, já que vivia mesmo com o cabelo todo bagunçado. Se eu tentasse fazer o mesmo com Seth, arrumaria o maior problema! Harry piscou para mim e deu o fora, sumindo na multidão.

Depois daquela conversa reveladora com Harry, tudo havia mudado para mim. Eu olhava para as coisas com um novo olhar. Eu estava pronta para aproveitar essa festa agora! Iria me divertir com meus amigos, rir, dançar e esquecer de todo o resto!

Abracei Tiff, agradei por ela ter me ajudado a me arrumar para essa noite e perguntei se queria dançar. Ela pareceu surpresa com minha mudança de atitude, mas abriu um sorriso radiante, me abraçou de volta e me empurrou para a pista de dança, que ficava em um pedaço do gramado perto das caixas de som. Eu sabia que as pessoas estavam olhando, mas não dei a mínima. Que todos fossem para o inferno! Dancei sem parar

com Tiff, balançando o esqueleto e rindo alto. Quando Tiffany pediu para pararmos um pouco para beber alguma coisa, fui procurar Sam. Fui logo lhe dando um abraço e fazendo cócegas só para ouvir sua gargalhada. E em seguida abracei Josh também, o que provocou olhares de inveja nas meninas ao redor. O pessoal da minha banda era mesmo muito gente boa. Eu podia abraçar e fazer cócegas em quem bem entendesse! Foi então que Harry se juntou ao nosso grupo, abrindo o maior dos sorrisos para todos. Baguncei o cabelo dele de novo e lhe dei mais um abraço.

O som dos Beach Boys explodia nas caixas de som. Eu adorava as músicas deles, meio que me lembravam do bom humor e alegria de Harry e quando ele percebeu que eu batia um dos pés no ritmo da canção, me pegou pela cintura e começou a me girar na maior velocidade e assim começamos a dançar com Harry me guiando nos passos mais malucos! Seth e Tiff chegaram juntos e Sam e Harry já pulavam pela pista como doidos, fazendo um monte de palhaçadas e cantando a plenos pulmões.

Éramos o grupo mais divertido da festa! Quando a música terminou, apoiei as mãos nos joelhos, ofegante, para recuperar o fôlego. Precisava desesperadamente de um refrigerante gelado, por isso caminhei até onde estavam os refrescos sorrindo, feliz, e cantando baixinho.

Eu procurava na mesa alguma coisa para beber quando ouvi alguém limpar a garganta. Olhei na direção do som. Era Tristan. Ele estava apoiado na parede, com os braços cruzados sobre o peito e olhava atento para mim com um sorriso indecifrável no rosto. Demorei para localizar sua posição exata na parede. Era como ele se misturasse com a textura da pedra. Cerrei os olhos. Ele usava aquela habilidade especial de “desaparecer”. Era por isso que eu tinha dificuldade para focar nele.

– Ei, Tris. Estava aqui imaginando onde você estaria! – Sorri para ele. – Será que dá para você parar de fazer isso? Essa coisa faz os meus olhos lacrimejarem.

– Não aqui. As pessoas irão me ver e estou tentando passar despercebido. Vem comigo? – Ele apontou para um corredor que nos levaria para longe da festa.

– Claro – falei o acompanhando pelo corredor.

O caminho era longo e caminhamos em silêncio antes de Tristan decidir parar para descansar próximo a uma mureta que cercava o prédio. De repente, senti saudades dos nossos bons e velhos tempos de longas caminhadas no cemitério, quando eu o tinha apenas para mim. Nesses últimos dias, mal nos víamos, pois ele estava sempre em algum lugar, sempre ocupado com algo...

– Vi que você estava se divertindo na festa. – Ele saiu do modo “invisível” e se sentou na mureta com as pernas esticadas.

– Para falar a verdade, no começo eu estava odiando. Mas acabeiconversando com Harry e ele me animou... daí decidi mudar minha atitude e aproveitar a festa. E você? Por que você estava “escondido”?

–Pelo amor de Deus! Eu tive que fazer isso. Tinham umas garotas malucas nessa festa! Elas não largavam do meu pé nem por um segundo, já estava ficando maluco – ele disse franzindo a testa.

– Qual é! Você está reclamando de ter um monte de garotas penduradas em você o tempo todo? Sério? – brinquei.

– Não era nada disso. Elas eram umas pegajosas... e meio irritantes. Não gosto nada disso. – Ele tremeu e fez uma cara engraçada. – E elas também agiam como se fossem malucas! As garotas modernas são tão... oferecidas às vezes!

Soltei uma risada leve.

– Pois é, as garotas de hoje em dia podem flertar e dar em cima dos garotos. Essa não é mais uma coisa só de meninos, Tris. Além disso, elas fizeram uma aposta, sabia? Sobre quem iria ficar com você hoje. É daí que vem toda essa loucura ao seu redor.

– Eu sei. Você ficou sabendo disso, então. – Ele balançou a cabeça, incrédulo. – Você sabe que também havia outra aposta?

– É... O quê? – Parei de rir na mesma hora e encarei Tristan com os olhos arregalados.

– Ah, então você não sabia! A aposta envolvia ambos os “Grays”, irmãzinha. Eu sou o alvo da aposta das meninas, e você, o dos garotos. Eles estão competindo para saber quem será o sortudo que irá colocar as mãos em você. – Tristan fechou a cara.

– Eu... eu... O QUÊ? Quem diabos inventou essas apostas? – berrei, perplexa. – Você deve ter entendido errado. Nenhum cara deu em cima de mim. Todos eles estavam agindo tão esquisito, olhando pra mim como se eu fosse uma aberração ou algo do gênero!

– Pois é... então... sobre isso, Joey. Desculpa aí. – Ele sorriu e olhou para o chão. – Josh, Sam e Seth meio que ameaçaram todo mundo, dizendo que se algum babaca chegasse perto de você hoje, iria ter que se ver com eles depois.

Aquilo explicava o comportamento estranho dos meninos na festa. Os meus garotos estavam ameaçando todo mundo para me defender. Eles eram tão fofos!

– E você? Também fez alguma coisa? – perguntei, erguendo uma sombrancelha para ele.

– Você quer saber se eu também ameacei as pessoas? Não, não fiz nada disso. – Ele me lançou um sorriso enigmático e evitou me olhar nos olhos.

– Ah, tudo bem – falei um pouco decepcionada. Ele obviamente não se importava.

– Só olhei para todos eles com total desaprovação. E posso talvez ter dado a entender que se eles chegassem perto de você iriam entrar pra minha lista negra para todo o sempre. – Ele abriu um sorrisinho maligno.

– Tristan! – Soltei uma gargalhada sonora, profundamente satisfeita.

– O quê? Eu disse que sentia muito... – ele se desculpou sem nenhum pingo de arrependimento em seus olhos

– Bom, acho que isso explica muitas coisas – murmurei para mim mesma.

– Mas parece que Harry venceu a aposta – Tristan murmurou, seu tom de voz carregado de dúvida e uma pequena sombra de tristeza.

– Do que você está falando? Quer dizer então que você ficou com Harry? – perguntei, zombando dele.

– Hum... Vocês dois desapareceram por um tempo... e aí voltaram de mãos dadas e todo o resto – Tristan murmurou parecendo pouco à vontade e evitando meus olhos. Então ele havia mesmo prestado atenção em mim a noite toda. E eu achando que ele não tinha me dado a mínima! Ele estava com ciúme de Harry. Sorri e apoiei a cabeça no ombro dele.

– Harry é meu amigo, Tris. Ele viu que eu estava chateada na festa e tentou me animar. Ele também me deu algumas dicas sobre como aproveitar melhor a festa, me disse pra eu parar de me preocupar com o que as pessoas achavam de mim. Harry é incrível, mas é apenas meu amigo – falei, séria.

Apesar de não poder ver o rosto de Tristan, sabia que ele sorria. Ficamos parados em silêncio por um momento, desfrutando da companhia um do outro enquanto ele acariciava as costas da minha mão com o dedão, se inclinando para ficar mais perto de mim. Podia sentir o calor que emanava do corpo dele e as borboletas que reviravam em meu estômago. E que perfume era aquele que Tristan estava usando? Ele cheirava tão bem!

– Por que está preocupada com o que as pessoas nessa festa pensam de você? Você é incrível. Qualquer um pode ver isso – ele sussurrou.

Fiquei feliz por ele não ser capaz de me ver corando. Às vezes tenho alguns problemas sérios de autoestima, e era difícil para mim acreditar no que ele acabara de dizer...

– Obrigada, Tristan. Você também é incrível – eu disse, sem graça.

Depois de algum tempo percebi que Tristan estava ansioso com alguma coisa. Podia sentir ele se tensionando, como se estivesse se preparando para dizer ou fazer algo, mas não tivesse coragem para isso. Talvez Tristan quisesse voltar para a

festa e eu o prendia ali. Aquilo estava começando a ME deixar um pouco ansiosa.

– Tris, tem alguma coisa errada? Você parece preocupado. – Ergui a cabeça do ombro dele.

– Não, não há nada de errado. Não estou preocupado.

Eu me virei para ele, mas ele mantinha os olhos baixos, encarando o chão de pedras. Suspirei alto.

– Tris, você me prometeu que não faria mais isso – eu disse baixinho. – Já falei que não sou capaz de ler seus olhos o tempo todo. Isso requer muito esforço e concentração. Por favor. Odeio quando você evita olhar pra mim. Eu fico achando que você está chateado comigo. Ou que não gosta de mim.

Eu me sentia muito mal por mentir. Até tentei desligar esse meu poder, bloqueá-lo de alguma forma para que não precisasse mais mentir, mas eu não conseguia, por mais que tentasse.

– Desculpe, Joey. Não quis fazer você se sentir assim – falou finalmente olhando para mim.

E, quando os olhos dele encontraram os meus, prendi a respiração e me apoiei na mureta para não cair, pois a intensidade do olhar dele era impressionante.

Era como se Tristan tivesse protegendo todas as suas emoções e agora as barreiras estavam se quebrando todas ao mesmo tempo. Era impossível conter tudo o que via despejando de seus olhos, mesmo que eu tentasse com todas as minhas forças.

Ondas de sentimentos derramavam dele, transbordando, em uma torrente incontrolável. Culpa foi a primeira emoção a verter de seus olhos. Culpa por me fazer pensar que ele não gostava de mim, colidindo com o ciúme dos outros garotos que tentaram flertar comigo na festa, com raiva e tristeza por achar que Harry ficara comigo, tudo isso misturado com a admiração por minhas roupas novas e o medo de que alguém pudesse descobrir o quão desesperadamente ele me desejava.

Tentei respirar enquanto suas emoções tomavam conta de mim. Vi a cobiça derramando de seus olhos ao me ver dançar, e

o nervosismo que estava sentindo agora por querer dar o próximo passo e o medo de ser rejeitado, podia ver toda sua excitação surgir, ao sentir minha pele tocando a sua, sua necessidade de me beijar naquele mesmo instante! Parei, congelada, tentando desesperadamente bloquear tudo o que via em seus olhos. Eu não conseguia nem ao menos pensar direito, ou controlar todos esses sentimentos dele que me invadiam, principalmente porque todo o desejo dele refletia o que eu estava sentindo.

Antes que eu pudesse retomar qualquer traço de controle, Tristan se inclinou devagar, se aproximando de meu rosto. Tudo acontecia em câmera lenta. Podia sentir seu hálito quente e seus olhos cinza penetrantes atravessando os meus. Apenas um único centímetro separava nossos lábios e essa distância parecia insuportável. Tentei preencher essa distância, mas não conseguia me mexer.

Foi então que Tristan se aproximou ainda mais, provocante, e passou os lábios pelos meus de forma tão suave que pensei estar apenas imaginando tudo aquilo. Não sabia por quanto tempo conseguiria continuar a prender a respiração, mas temia quebrar o encanto se soltasse o ar. Senti seus lábios se curvarem em um sorriso e seus olhos se fecharam enquanto ele cobria o último milímetro que nos separava. Sua boca era quente e suave quando tocou a minha pela primeira vez, fazendo com que uma corrente quente de eletricidade corresse entre a gente.

Nunca havia sido beijada daquele jeito em toda a minha vida. Aquele beijo fez com que todas as minhas experiências anteriores se desvanecessem em comparação, tornando-se sombras sem importância do que um beijo de verdade deveria ser.

Os lábios dele eram tudo que eu imaginava e mais um pouco.

Eram como mágica.

A coisa mais absolutamente perfeita.

E então tudo estava terminado.

As pessoas começaram a passar pelo corredor, gritando e rindo alto, o que fez com que Tristan virasse o rosto para o lado, surpreso com a chegada súbita de toda aquele gente.

Eu me sentia completamente tonta, como se estivesse caindo de um lugar bem alto. Pisquei, confusa, saindo, aos poucos, daquele estado de atordoamento. Tristan tinha mesmo me beijado? Porque a sensação era tão surreal, tão estranha. Ou será que eu havia apenas imaginado tudo aquilo? O formigamento de eletricidade que lentamente desaparecia de meus lábios me provava o contrário. Tinha acontecido. Não era um sonho.

Ele olhou para mim com um brilho enigmático nos olhos cinza e sorriu. Meu Deus. Eu jamais me enjoaria daqueles sorrisos! As pessoas continuavam a passar pela gente, conversando e rindo. Para onde estavam indo?

– Quer ir para outro lugar? – Tristan perguntou com a voz rouca e baixa e fez com que meus olhos desviassem dos grupos de alunos que passavam, voltando para ele. Os olhos dele escureceram, fixos nos meus, fazendo com que meu coração batesse descontrolado. Corei em todos os tons possíveis e imagináveis de vermelho quando percebi que ele queria passar mais tempo sozinho comigo. Ele queria mais do que alguns poucos segundos de beijo.

Abri a boca, mas nenhum som saiu dela. Se um único beijo já havia me deixado nesse completo estado de atordoamento, imagine só o que um monte deles poderia fazer? Minha consciência não parava de berrar que eu deveria ir devagar, fazer a coisa certa e encerrar a noite por ali.

Acenei com a cabeça, sorrindo timidamente para Tristan. Engula essa, consciência estúpida! Rá! Mentalmente mostrei a língua para o meu cérebro. Ao que tudo indicava, meu coração estava no comando naquela noite. Queria passar mais algum tempo sozinha com Tristan e mais de seus beijos. Mas, antes que pudéssemos nos levantar, Seth, Tiff e Sam apareceram no corredor, conversando, alegres.

Eles nos viram sentados no murinho e vieram na nossa direção. Tristan deixou os ombros caírem, em desalento, e suspirou alto quando viu que eles se aproximavam. Podia ver toda a frustração rolando de dentro dele em ondas. A possibilidade de passarmos algum tempo sozinhos parecia cada vez mais longe do nosso alcance.

– E aí, cara? Procuramos vocês em tudo que é canto. Vocês desapareceram! – Seth abriu um sorriso largo para Tristan. – Sam disse que você deveria estar ficando com uma menina em algum lugar.

– Eu estava aqui com Joey. – Tristan sorriu, ainda olhando para o chão. Percebi que ele tinha o hábito de dizer a verdade sem contar exatamente a verdade. Era bem esperto da parte dele.

– Gente, o que está acontecendo? – arrisquei perguntar. Minha voz saiu um pouco trêmula. Eu ainda não estava completamente recuperada do meu atordoamento. – Por que todo mundo está passando por aqui?

– A festa acabou. – Tiff se apoiou em Seth para tirar os sapatos. – Ai, meu Deus, como isso é bom! Esses saltos altos estavam me matando. Ufa!

Sam soltou uma risadinha abafada.

– Vocês já notaram que as mulheres sempre dão esses gemidinhos de prazer quando tiram os saltos? – Ele riu alto. – Quanto mais desconfortável é o sapato, mais orgástico é o som?

Ao lado de Sam, Seth começou a rir como um louco.

– Cara, é verdade! – E eles trocaram um *high-five*.

Eles quase se engasgavam de tanto rir. Tiffany, entretanto, parecia não ligar nem um pouco para a provocação brincalhona dos meninos.

– Os meus dedinhos estão aliviados demais para eu me importar com esses garotos. – Ela deu de ombros e mexeu os dedos dos pés no chão frio. – Bom, está na hora de dormir, pessoal. Vejo vocês amanhã. – Tiffany nos deu adeus e seguiu em direção ao quarto dela.

Sam enxugou as lágrimas que brotavam graças às risadas nos olhos azul-escuros.

– Também vou pra cama. Boa noite, galera! – Ele acenou para nós.

Sobramos apenas eu, Tristan e Seth, que se virou e olhou para nós, à espera.

– Vocês não vêm? Já ouviram. A festa acabou. Vamos embora.

Dei de ombros e me levantei. O que poderíamos dizer? Não, vamos ficar aqui mais um pouquinho porque queremos ficar sozinhos para dar mais uns amassos, então, por favor, vá embora? Tristan suspirou fundo e nos seguiu pelo corredor. Eu podia sentir a frustração tomando conta dele enquanto andava ao meu lado, apesar de seus olhos permanecerem pregados no chão o tempo todo.

– E então, onde estão Harry e Josh? Foram embora mais cedo? – Tristan perguntou, puxando conversa com Seth. Eu me concentrei na conversa deles para distrair minha mente do beijo de minutos atrás.

– Ah, aqueles dois ainda devem estar se divertindo em algum lugar. – Seth deu uma risadinha. – Josh é sempre o último a voltar para o dormitório. E Harry tem aquele “charme maroto” dele, aquele rostinho e aquele jeitinho tímido que são uma mina de ouro! Nenhuma garota resiste. É sucesso garantido.

Os meninos conversaram sobre amenidades, mas permaneci calada. Eu tinha muito o que processar sobre aquela noite, sobre os meus sentimentos e tudo que eu vira nos olhos de Tristan. Que parte daquele beijo foi dada realmente pela gente? E que parte foi efeito do feitiço que nos ligava? Eu me lembrei do formigamento elétrico e do calor nos meus lábios quando nos tocamos... Será que havia sido magia? E, se foi, será que alguma parte do que acontecia com a gente era mesmo real?

Fui a primeira a entrar no banheiro, a primeira a vestir um pijama confortável e a primeira a deitar. Quando Seth entrou no banheiro, Tristan aproveitou a oportunidade e sentou na minha cama.

- Tudo bem, Joey? Você parecia um pouco preocupada.
  - É, não. Eu... estou apenas um pouco confusa, quero dizer...
  - resmunguei me afundando ainda mais nos lençóis, me sentindo um tanto tumultuada. Ok. Conclusão mais óbvia de toda minha vida: eu não estava apenas “tumultuada”, eu estava oficialmente surtando.
  - Sobre nós? – Tristan mordeu o canto da boca. Ele ficava tão sexy quando fazia isso. Desejei poder morder sua boca também.
  - Eu não. As coisas estão bem claras pra mim – ele continuou.
  - Sé... sério?
  - Que tal se a gente deixar as coisas acontecerem sem pressa? O que acha disso? – Ele colocou uma das mãos sobre a minha.
  - Tudo bem. Eu acho. Parece bom...
- Cruzamos os olhares de novo e havia uma eletricidade ardente no ar entre a gente. Ele começou a se aproximar de mim, mas Seth saiu do banheiro naquele exato momento, fazendo com que Tristan recusasse depressa. Mais uma vez pude sentir toda a frustração e aborrecimento flamejarem em seus olhos por uma fração de segundo, porém logo foram substituídos por um lampejo bem-humorado.
- É, sem pressa. Talvez seja melhor assim – ele murmurou para si mesmo e balançou a cabeça. – Então, boa noite, Botãozinho. – Tristan me deu um beijo casto na testa e foi para a cama dele com um sorriso suave nos lábios.

## capítulo vinte e um

### Céu

Acordei deitada em uma areia suave, quente e prateada.

Tudo bem, era o mesmo sonho estranho de novo, pensei. Era a mesma noite sem lua naquele deserto sem fim e a mesma menina gótica sentada ao meu lado. Sentei e me virei para ela.

– Oi, de novo.

A garota me cumprimentou de volta. As pernas dela estavam cruzadas em uma pose meditativa, com as mãos pousadas levemente sobre elas.

– Por que você insiste em voltar, Joe? – ela perguntou. – Eu já disse que é fácil seguir o seu rastro até aqui.

– Não sei por que estou aqui. Por que você está aqui? – retruquei, um pouco chateada. Por que ela continuava me dizendo para ir embora o tempo todo?

– Esse é meio que o meu “local de trabalho” – ela explicou calmamente.

– Bem... o seu trabalho deve ser bem chato então, hein? – perguntei, olhando ao redor para aquele deserto infinito. O lugar parecia completamente morto.

– Pode ser um pouco repetitivo às vezes. – Ela seguiu o meu olhar, mas então voltou a se concentrar em mim. – Mas às vezes coisas inesperadas podem acontecer – acrescentou, pensativa. – Como quando você me chamou. Aquela foi uma noite interessante para mim.

– Eu chamei você? – perguntei, cheia de suspeitas.

– Sim. Naquela noite no cemitério, você me chamou.

A apreensão revirou o meu estômago.

– Que noite? – Eu já temia a resposta da garota.

– Na véspera de Ano-novo. Mas você sabe muito bem disso.

– Eu... eu não chamei você. Parece que temos um mal-entendido...

– Claro que chamou. Você e Tristan – ela sorriu suavemente.

– Eu... nós... não chamamos – gaguejei. Mas então me lembrei do que Dona Violeta havia dito. Havia sete pessoas ali naquela noite. As três senhorinhas. Eu e minha mãe. Cinco pessoas. Com Tristan, seis. E quem era a sétima? Ela abriu um sorriso radiante ao ver que a ficha havia finalmente caído. – Você era a sétima? Esperai aí, quem é você? – Eu começava a ficar um pouco assustada.

Ela pareceu ponderar a pergunta.

– Você me chama e não sabe quem eu sou? – ela indagou, confusa. – E continua a vir aqui apesar de não saber por que ou como? Sabe, não são muitas as pessoas que vem até aqui de forma voluntária. E, por favor, não se esqueça de que ele também pode encontrá-la com muita facilidade aqui. – Ela olhou para o horizonte.

– Ele?

– Sim. Ele vem procurando você há algum tempo já, mas então fez uma pausa. Muito estranho... – a garota gótica disse para si mesma. – Ele não é de desistir assim tão fácil. Ele pode ser muito persistente, muito teimoso.

Tentei tirar algum sentido das palavras dela. Alguém procurava por mim. Persistentemente.

– Você está falando de Virgílio? – perguntei. Só poderia ser ele. – Bem, não sei o nome verdadeiro dessa criatura, mas é assim que eu o chamo. E ele já me achou.

Ela franziu a testa, mas então sua expressão se tornou bem-humorada em seguida.

– Você deu um nome para ele? Sério? – Ela abriu um grande sorriso. – Isso deve ter sido interessante de ver! E você disse que ele já a encontrou?

– Sim. Ele vive invadindo os meus sonhos. Meio que como você e este lugar... – murmurei, olhando para ela, irritada. – Mas eu sempre acordo e não há nada que ele possa fazer pra evitar isso. Além disso, da última vez, eu meio que dei um soco que pareceu machucar ele. Então pode ser que ele tenha resolvido parar depois disso...

– Você deu um soco nele? É isso mesmo? Você é mesmo divertida. Isso explica a ausência dele. Mas ele voltará.

– Espero que não – murmurei para mim mesma. Mesmo depois de assumir a forma de um garoto magro, pálido e frágil, ainda assim ele era tão assustador quanto o inferno.

– Ele voltará. Pode contar com isso. Vai ser divertido ver isso.

– Certo, contanto que você se divirta, então está tudo bem – rebati, irritada com a forma com que ela olhava para mim, como se eu fosse algum tipo de aberração de circo.

– Ah! Você é um entretenimento fantástico. Espero que você possa vir me ver de novo! Mas por hora chega. É hora de acordar, Joe.

– O quê? Espere! Você ainda não me contou quem você é! – De repente, o céu se tornou mais claro. O Sol parecia estar nascendo. Era óbvio que meu tempo se esgotava. – Você pode me dizer o seu nome? – eu disse, apressada, esperando que ela respondesse ao menos a uma das minhas perguntas.

Ela sorriu.

– Tenho muitos nomes.

Ela era quase tão enigmática quanto Virgílio. Será que aquela garota poderia me dar pelo menos *uma* resposta direta?

– Por que você não inventa um para mim, já que você é tão boa em dar nomes! – ela disse, me lançando uma piscadinha brincalhona.

Não tive tempo de responder, pois o som do despertador de Seth interrompeu a cena. Pisquei devagar e tentei me adaptar à intensa luz do dia que banhava meus olhos em meu quarto. Por um segundo, pensei em um nome, ainda letárgica, em um estado intermediário de semiconsciência.

*Céu. O nome dela é Céu.*

– *Esse é um bom nome!* – Ouvi-a sussurrar em meu ouvido e então acordei por completo, o sonho desaparecendo da minha mente como folhas rodopiantes sendo espalhadas para longe ao sabor do vento.

O despertador também acordou Seth.

Ele queria ensaiar as novas músicas cedo naquele dia, apesar de ser sábado. Seth havia decidido que ensaios apenas dois dias na semana não eram suficientes para “a banda”, de forma que ensaiaríamos três vezes por semana agora e, ao que tudo indicava, também iríamos ensaiar todo fim de semana. Seth estava pegando pesado com todos esses ensaios, mas eu não ligava. Aqueles momentos eram, para mim, os mais fantásticos da minha vida!

Desde que acordei, tentava evitar olhar para Tristan. Todas as vezes em que nossos olhos se encontravam por acidente, eu corava como se tivesse treze anos. Era extremamente irritante! Era tão estúpido agir daquela forma, como se eu fosse uma garotinha boba! Por que será que ele tinha o poder de me deixar daquele jeito?

Josh e Sam já estavam na sala de ensaios quando chegamos. Conversamos um pouco sobre a festa do dia anterior e me sentei no meu canto favorito, bem em frente aos instrumentos, onde podia apoiar as costas em uma pilha de caixas. Tirei meu caderno de letras e alguns lápis da mochila e me preparei para começar os trabalhos.

Tristan olhou na minha direção enquanto os garotos montavam as guitarras e a bateria. Ele então foi até mim e antes que eu pudesse corar de novo, se sentou ao meu lado.

– E então, conseguiu dormir bem? – ele perguntou um pouco nervoso, olhando para o meu caderno.

– É, dormi, sim. E você? – eu disse. *Pare de corar, Joey. Pare de corar. Pare de corar.*

– Também. Mas fiquei um pouco preocupado agora de manhã.

– Preocupado? – perguntei, vacilante. *Seja simples, respostas curtas e não fique vermelha.*

Ele me olhou de relance, nervoso.

– Fiquei preocupado em ter avançado algum sinal ontem. Não lhe perguntei se poderia fazer o que fiz ontem... se estava tudo bem. Não quis lhe desrespeitar você. – Ele corou. – Se passei da linha, por favor, me perdoe, Joey. Não tive intenção de deixá-la desconfortável, como parece estar desde que acordou.

– Não! Não, não. Você não fez nada! Que... Quero dizer, você não fez nada de errado. Você não me fez sentir nada incomodada, Tris!

Tristan era tão fofo, com aquele jeito educado e formal, preocupado por ter arruinado a minha honra por causa de um único beijo. O beijo mais incrível da minha vida, diga-se de passagem...

Antes que ele pudesse responder a qualquer coisa, Harry entrou na sala batendo a porta, com o baixo pendurado nas costas.

– E aí, rapaziada? O Ledger está na área! Agora vocês podem ficar de boa! – Harry cumprimentou a todos, empolgado.

– Harry, você é sempre o último a chegar, cara! Em todo ensaio! Por que demorou tanto? – Seth reclamou.

– Afe. Por que todo esse mau humor, Sr. Ranzinza? – Harry rebateu em tom de brincadeira. – Você deveria estar mais animado hoje, já que a sua noite ontem foi bem movimentada...

Seth ficou vermelho.

– Eu... não aconteceu nada! Não sei do que você está falando. Cale a boca, Harry! – Seth retrucou, todo atrapalhado.

Harry soltou uma gargalhada, tirou o baixo das costas e o pôs no chão.

– Seth, cara! Você sabe muito bem que eu sempre adivinho quando alguém “se deu bem” na noitada. É o meu superpoder. – Harry começou a investigar a sala.

Ainda bem que Harry não olhou na minha direção. Tenho certeza de que minhas bochechas incandescentes iriam me denunciar na hora! Encarei meu caderno, sem graça. Após alguns segundos de um silêncio desconfortável, ouvi a voz de Harry mais uma vez, mas não ousei olhar para cima.

– Você sabe quem mais tirou a sorte grande? O Josh Sorridente ali no canto. Ah! E Tristan, meu caro, você também mandou ver! É isso aí! E, ah, desculpe, Sammy. Talvez na próxima, hein? – Harry fez uma cara triste para Sam.

Dessa vez foi Sam quem ficou vermelho.

– Cale a boca, Harry! Pare de inventar coisas! – Sam grunhiu enquanto Josh dava uma bela gargalhada.

– Não estou inventando nada. Todos vocês sabem muito bem que estou falando a verdade! Posso dizer com toda a certeza quem está se dando bem e quem não está. – Harry fungou alto e colocou o baixo no chão. – E não sei por que Seth está tão irritado. Ele geralmente é o último a ficar com alguém. Você não deveria ficar sem graça, cara! É para ter orgulho ter descolado alguém! A não ser que... você tá com vergonha de quem descolou? Quem foi a garota, Seth?

– Ninguém, Harry. Será que dá para você calar a boca e se preparar para o ensaio? – Seth resmungou, de mau humor.

– Tudo bem, tudo bem! Não precisa arrancar minha cabeça! – Harry abriu o *case* do baixo. – E você, Joey? Divertiu-se na festa?

Olhei para cima, em pânico. Sam prendia um risinho zombeteiro do outro lado da sala.

– O quê? Não consegue adivinhar, é? Cadê o seu superpoder de descobrir as ficadas dos outros? – Sam zombou dele.

– Perguntei para Joey se ela se divertiu, não se ficou com alguém. Deixe de ser mente suja, cara! Além disso, meus poderes não funcionam com as garotas. Elas confundem todos os meus sinais, é uma maldição! – Harry apertou os olhos na minha direção.

– Pare de me encarar, Harry! – Apertei os olhos de volta, pensando baixinho comigo mesma: "*Não fique vermelha agora, Joey. Por favor, se controle e não fique vermelha!*"

Graças a Deus, Tristan veio em meu socorro pedindo à banda que dessem início ao ensaio, que durou horas, mas no final todo o esforço realmente valeu à pena. As músicas começavam a

soar mais completas e tocávamos nossos instrumentos de uma forma muito mais refinada.

Também começamos a nos apresentar todas as quartas-feiras, nas aulas do professor Rubick. Desde que havíamos sido os alvos da "Caminhada da Gemada", um trote famoso em Sagan, quando ficamos só com a roupa de baixo e atiraram ovos nas nossas cabeças, passamos a ser conhecidos na escola. A partir daquele dia, atraíamos uma plateia regular sempre a fim de ouvir as nossas músicas, além dos nossos amigos e dos colegas de classe de sempre.

Nossa bandinha, que antes passava despercebida, finalmente começava a ser notada na escola.

## capítulo vinte e dois

### Sob pressão

Na segunda de manhã acordei com um pouco de dor de cabeça. Estava indo até o meu armário pegar alguns livros para a primeira aula quando uma das meninas da equipe de líderes de torcida me chamou. Carolina, acho que era esse o nome dela. Era a loira toda animadinha louca para ficar com Tristan na festa. Eu me lembro de tê-la odiado. Com todas as forças.

Soltei um suspiro desanimado quando ela parou diante de mim. Não estava no clima para conversas. Minha cabeça começou a doer um pouco mais na presença dela.

– E aí, Gray? – Ela colocou uma das mãos na cintura.

– Oi... *você* – respondi, um pouco irritada, fingindo não me lembrar do nome dela.

Ela me olhou torto, provavelmente não acostumada com pessoas que se esqueciam do nome dela, já que era muito popular na escola.

– Então... *Tipo assim*, a gente precisa da sua declaração oficial para fechar os livros de aposta. – Ela bufou.

Ah. A aposta. Não fiquei nem um pouco surpresa ao saber que ela era a responsável por essas apostas ridículas.

– É isso mesmo. Você precisa confirmar que ficou com alguém para gente poder entregar o prêmio – confirmou a amiga dela que acabava de se aproximar, roendo uma unha.

– Que prêmio?

Ela me lançou outro olhar entediado, revirando os olhos.

– Meu Deus, você não sabe de nada mesmo, hein? A pessoa que ficou com você na festa vai ter o dever de casa de física da semana inteira feito de graça pelo Dwight.

Eu sabia que Dwight era o nerd mais inteligente da escola. Seth me contou que o cara havia fundado um negócio lucrativo no qual cobrava as pessoas para fazer o dever de casa delas.

– Uma semana inteira de dever de casa de física? Isso é muito. – Não sabia que eu valia tudo isso. Acho que elas adivinharam meus pensamentos, porque mais que depressa me botaram na linha me lembrando de que eu ainda era moradora da Terra dos Perdedores.

– Bom, primeiro a gente decidiu qual ia ser o prêmio pra quem ficasse com Tristan. Ele vale total uma semana de qualquer dever de casa. Que diabos, ele vale um *mês* inteiro de dever de casa! – Carolina disse, toda empolgada, mas então ela viu minha expressão irritada e logo voltou ao assunto. – E já que a gente colocou o prêmio dele para uma semana de dever de casa, achamos que você podia ter o mesmo prêmio... para você não ficar mal na fita e tudo mais – ela completou em tom de pena.

– Puxa. Valeu mesmo. *Agora eu* não estou me sentindo nem um pouco “mal na fita” – murmurei, sarcástica.

Ela deu de ombros, não dando a mínima para como eu me sentia.

– E aí, a gente pode pegar o dever de casa de Harry então? Ele ainda não veio cobrar o prêmio. Isso é tão típico dele. Harry sempre se esquece das coisas... aquele cabeça de vento. – Ela balançou a cabeça em desaprovação.

– Espera aí. Harry? – perguntei, confusa.

– É. Harry Ledger. Ruivo. Piercing na boca. Tatuagem maluca, gato e esquisito. Harry. Tenho certeza de que você se lembra dele. A festa não foi há *tanto* tempo assim. – Ela abriu um sorriso irônico e afetado.

– Eu sei quem é Harry! – rosnei, irritada. – Eu não... Nós não... não rolou nada entre a gente! – falei apressada e olhei ao redor para ver se alguém estava nos ouvindo.

Ela ergueu uma das sobrancelhas, sem acreditar em nenhuma palavra.

– Qual é, Gray? Não dê uma de santinha agora. Todo o mundo viu vocês dois de mãos dadas e dançando na noite passada. Vocês ficaram grudados o tempo todo. A escola inteira só fala nisso. Deixe o garoto ganhar o prêmio dele!

Eu estava perplexa.

– E... e... eu... NÃO rolou nada! – gritei, batendo os pés. – E, mesmo que tivesse rolado, não é da sua conta! E essas apostas são horrorosas! Todos vocês são pessoas horríveis! Quer uma fofoca para espalhar por aí? Então escuta só essa: se eu souber que alguém meteu o meu nome em alguma aposta de novo, vou quebrar a cara de quem fez isso! Entendeu? – explodi e saí pisando duro para a minha aula.

Cheguei cedo e a sala estava vazia, o que considerei ótimo. Não queria mesmo falar com ninguém. Minha cabeça latejava com uma enxaqueca iminente. Eu esfregava as têmporas, irritada, quando Tiffany entrou.

– Oi, Joey! Vi você passar bufando pelo corredor. O que aconteceu? Algo errado? – ela perguntou, preocupada, sentando-se ao meu lado.

– Não, só que... eu odeio as pessoas! – grunhi raivosa.

Ela soltou uma risadinha diante da minha demonstração de ódio geral e irrestrito a toda raça humana.

– Importa-se em elaborar melhor? Você está falando de todas as pessoas do mundo ou de alguém específico?

Suspirei, segurando a cabeça com as mãos.

– As pessoas dessa escola. Você sabia que todo mundo está falando que eu e Harry estamos juntos? – eu disse exasperada.

– É, eu ouvi no café da manhã. E daí? Qual é o problema?

– O problema é que não estamos. É mentira! – retruquei seca.

– Saquei. Só não entendo porque você está tão irritada. Harry é um cara muito legal e está sempre atrás de você como um cachorrinho perdido. Talvez você devesse dar uma chance para o garoto.

– Harry é só meu amigo – eu disse mais que depressa.

– Eu sei. Mas ele poderia ser mais. – Tiff ergueu uma das sobranceiras, olhando bem nos meus olhos. – A não ser que exista algo que você não está me contando... outra razão para que você nem ao menos considere a possibilidade de ficar com ele. – Ela se aproximou. – Sempre tive a impressão de que você está escondendo alguma coisa de mim, Joe. Achei que, com o tempo, você fosse confiar em mim e me contar o que é... É por isso que você não deu uma chance para o Harry, não é?

Evitei olhar para ela. Em vez disso, fiquei brincando, sem graça, com a manga da minha camisa.

– Não estou escondendo nada, Tiff. Gosto muito de Harry, mas ele é só um amigo! – Tentei soar convincente, mas não conseguia enganar ninguém.

– Qual é, Joey. Conto para você tudo que acontece comigo! Pode confiar em mim! Sei que está rolando alguma coisa – ela me pressionou ainda mais.

– Estou falando a verdade, Tiff. Sério – insisti, nervosa.

Ela me encarou por alguns segundos em silêncio.

– Tudo bem. Se você quer que seja assim, então é assim que vai ser. – Ela parecia magoada. – Pensei que você fosse minha amiga.

– Tiff, qual é! Por favor... – comecei, mas ela se levantou e foi sentar longe de mim.

Os alunos começaram a chegar e a professora veio logo atrás, me forçando a sentar de volta em minha carteira. A aula começou e não tive a chance de falar com Tiffany de novo. Ela nem mesmo olhou para mim durante toda a aula e, quando o sinal bateu, ela simplesmente se levantou e saiu. Estava muito magoada e eu não podia culpá-la. Tiff sabia que eu escondia algo. Manter meu segredo custaria caro. E o preço parecia ser a amizade de Tiffany.

Saí da sala em um péssimo humor. O dia não poderia ficar pior. Primeiro ouvi o rumor asqueroso entre Harry e mim, e logo em seguida minha melhor amiga parou de falar comigo. Olhei para o corredor e vi Tristan vindo na minha direção com uma expressão preocupada no rosto. Ele devia ter ouvido as fofocas

que rolavam na escola e provavelmente estava bravo e veio me dizer que me odiava e que nunca mais iria querer me ver de novo.

Ele parou diante de mim e olhou para ambos os lados para ver se ninguém ouvia. Tudo bem. Ele não parecia irritado. Eu havia exagerado. Tristan parecia... preocupado e ansioso. Mas não furioso. Isso era bom. Não estar furioso era definitivamente uma coisa boa.

– Oi, Joey – ele me cumprimentou com a voz tensa, mas ainda assim conseguiu abrir um sorriso pálido. – O que houve? Você está péssima.

– Puxa. Valeu, hein? É sempre ótimo ouvir um elogio logo pela manhã – murmurei sarcástica. Não sabia porque eu estava dando patadas em todo mundo naquele dia! Aquela dor de cabeça com certeza não ajudava em nada.

– Não foi a minha intenção... É que você parece estar com dor. Está tudo bem? – Ele tentou se desculpar.

– Foi mal, Tris. É só uma dor de cabeça, mas vou ficar bem. Você parece preocupado... – eu disse, massageando as têmporas na tentativa de afastar a dor.

– Escuta só. Preciso conversar com você... – ele fez uma pausa e olhou, hesitante, para o lado – ...mais tarde. Podemos nos encontrar depois das aulas da manhã debaixo do carvalho? – Os olhos dele iam de um lado para o outro no corredor.

– Claro. Qual é o problema? – Tentei pescar alguma pista do que ele queria falar.

– Conversamos depois, ok? – ele disse e acenou para um dos seus amigos do time de basquete que tentavam chamar a atenção dele no fim do corredor. – Vamos indo. Vou levá-la até a sua sala.

– Não precisa, Tris. Está tudo bem. Não sou uma bebezinha – grunhi de novo. – Quero dizer, estou bem. O seu amigo está chamando você, pode ir – eu disse o empurrando em direção aos amigos. Aquela dor de cabeça estava me deixando com um humor de cão.

Ele olhou para mim, sem ter muita certeza se podia confiar nas minhas palavras, mas concordou no final.

– Tudo bem. Vejo você depois da aula então. – E ele se afastou, caminhando para o final do corredor.

Quando me virei para ir para a minha sala, vi de relance um cabelo vermelho espetado e bagunçado quicando no meio da multidão.

– HARRY! – gritei para atrair a atenção dele e me encolhi por causa da dor aguda que retumbou na minha cabeça. Droga! Nada de berros hoje, Joey.

– Oi, Joey! E aí? – Harry perguntou, todo inocente, quando chegou até onde eu estava.

Agarrei o braço dele e o empurrei contra a parede para que pudéssemos conversar com mais privacidade.

– Não vem com essa de "*Oi, Joey e aí*" para cima de mim, Harry! – grunhi. Ele olhou para mim, perplexo com minha grosseria. – Você ouviu o que a escola inteira está falando sobre a gente? Você teve alguma coisa a ver com isso?

Harry ergueu as sobrancelhas. A curiosidade tomou conta do rosto dele.

– Não! Não ouvi nada! O que está acontecendo?

Olhei bem dentro de seus olhos verde esmeralda. Ele não estava mentindo, realmente não fazia a menor ideia. Eu já havia percebido que Harry nunca mentia para mim. O que era... bem fofo da parte dele. Balancei a cabeça, tentando colocá-la no lugar.

– Tudo bem. Então... você não ouviu as pessoas falarem que a gente ficou na festa? Que você ganhou a aposta e tudo mais...

Um grande sorriso se espalhou pelo rosto dele.

– Fala sério! Mesmo? Que massa! – ele disse, se achando.

– Não. Não. *Não*. Não tem nada de maravilhoso nessa história, Harry! Pare de rir. Isso não é engraçado! – retruquei, realmente irritada.

– Qual é, Joey! Até que é um pouco engraçado. Bem, pelo menos eu acho. – Ele deu uma risadinha. – Não acredito que

ganhei a aposta! – ele exclamou, pulando com uma vozinha estridente. – Espera aí! O que foi que eu ganhei exatamente?

Revirei os olhos.

– Você não ganhou nenhuma aposta idiota, Harry. E o prêmio era uma semana de dever de casa de física feito pelo Dwight. Só para você saber o que NÃO ganhou. – Eu o peguei pelo braço e fiz com que parasse com os pulinhos. – Já contei pra elas que não rolou nada entre a gente.

Harry ficou cabisbaixo e fez beicinho.

– Poooxa, Joey! Você me fez perder uma semana inteirinha de dever de casa de física feito pelo Dwight?! Que sacanagem! – Ele cruzou os braços, chateado. – Será que você não podia mentir, só dessa vez? Eu realmente odeio física! – ele se queixou.

– Não! Claro que não! E é melhor você começar a contar a verdade, Harry! – Lancei um olhar ameaçador para ele.

– Tudo bem! Tudo bem! Não precisa usar o Olhar Diabólico para cima de mim! Vou contar para todo o mundo, não se preocupe! Você precisa tomar um calmante! – Ele descruzou os braços e olhou para mim, preocupado. – Está tudo bem? Você está péssima, sabia?

Suspirei bem alto e deixei cair meus ombros desanimada.

– Valeu, Harry. Você sabe mesmo como fazer uma garota se sentir melhor – murmurei de mau humor. Ouvir que eu estava péssima duas vezes em um único dia não estava ajudando nem um pouco a melhorar a minha autoestima. – Só estou tendo um dia péssimo. E a minha cabeça está me matando. Acho que vou dar uma passada na enfermaria para pegar uma aspirina. Vejo você depois. – E me afastei devagar, cansada.

No caminho até a enfermaria, vi Tiffany passar por mim fazendo de conta que estava profundamente concentrada em uma conversa com Carolina e me dando um gelo. Eu me senti horrível. Nunca tinha me dado conta do quanto o bom humor e a presença positiva de Tiff significavam para mim. Só quando perdi a amizade dela percebi o quanto eu sentiria sua falta.

Queria muito poder contar a ela a verdade sobre Tristan e mim. Assim nunca mais teria de me preocupar com fingir que não gostava dele na frente dela, poderíamos conversar sobre ele e parar com todas as mentiras. Eu estava tão perdida em meus pensamentos melancólicos que nem prestei atenção para onde ia até que trombei feio com alguém. Dei um passo para trás, surpresa, e olhei para cima para ver uma linda menina de cabelo castanho que olhava para mim, assustada.

– Desculpe. Eu não estava prestando atenção pra onde ia – comecei a dizer, mas a garota me interrompeu e deu um passinho atemorizado para trás.

– Gray! – ela exclamou, chocada, como se o meu nome fosse algum tipo de maldição. – Por... Por favor, não me bata! – ela guinchou, em pânico.

– Eu... O quê? – gaguejei. – Eu não tinha a menor intenção de trombar com você!

Ela pareceu não ouvir o que eu tinha acabado de dizer.

– Não foi minha culpa, viu! Não precisa me bater só por causa do Harry. Ele não me contou que vocês estavam juntos! Eu deveria saber que garotos bonitos daquele jeito são uma furada! – ela disse em uma velocidade frenética. – Juro que eu não sabia que ele tinha namorada na noite da festa! Ele é mesmo um galinha!

Foi aí que entendi tudo. Lembrei que Seth me disse que Harry e Josh ainda estavam se divertindo em algum lugar depois da festa e de como as meninas nunca resistiam à beleza inocente de Harry. Inocente! Até parece! Aparentemente aquela foi a garota que o deixou “ocupado” naquela noite. Ela era linda. Harry tinha bom gosto.

– E agora todo mundo está me enchendo o saco, dizendo que você vai quebrar a minha cara! – A garota continuou a surtar, afastando-se cada vez mais de mim. – Porque Harry é seu e você é tipo uma rainha do judô, que detonou até mesmo Bradley, e agora vai me quebrar inteira. E todas as líderes de torcida tem medo de você e... por favor, não me machuque! – ela disse esganiçada, morrendo de medo de mim.

Se a minha cabeça não estivesse doendo tanto, eu até poderia ter achado a situação engraçada, só que eu não estava no clima para nenhum tipo de diversão no momento. E por que diabos as pessoas estavam agindo daquela forma? Como se eu fosse algum tipo de valentona que bate em todo mundo o tempo todo? Eu nunca havia tocado em ninguém naquela escola, pelo amor de Deus! Eu só me impunha quando era necessário e não levava desaforo para casa. E isso por acaso era ruim?

– Olha só... garota. – Eu não sabia o nome dela. – Primeiro, Harry não é "*meu*". Não sou namorada dele. Somos apenas amigos – declarei, séria. – Segundo, ele não é galinha. Ele ficou apenas com você na noite passada. Não fiquei com ele na festa. Terceiro, só vou "quebrar a cara" de quem ousar me envolver em qualquer tipo de aposta de novo. E quarto... não vou bater em você, por isso pode parar de se encolher, pelo amor de Deus! – Bufei, já irritada com aquela medrosa.

Ela piscou como se não conseguisse acreditar no que eu havia acabado de dizer.

– Sé... sério? Então... Harry gosta de mim?

Franzi a testa ao mesmo tempo em que um ciúme perturbador e inesperado surgiu no meu peito. De onde *aquilo* havia saído?

– Eu não disse isso – retruquei irritada. – Não sei de quem Harry gosta. Mas não estamos juntos, isso é tudo. E também não saio por aí socando as pessoas. Na verdade, sou uma pessoa muito doce!

Ela bufou alto e depois começou a tossir na tentativa de esconder a falta de crença na minha doçura.

– Hum, é, está certo. Tudo bem. Todo mundo sabe que você é... muito... *doce*. – Ela tentou colocar uma expressão séria no rosto.

– Ah, cala a boca! – explodi, irritada, deixando a garota medrosa, e muito aliviada, para trás. Minha cabeça doía demais para tentar ser legal.

Eu já estava quase na porta da enfermaria quando Bradley passou por mim com um risinho afetado no rosto.

– Gray! Você está ótima! Ouvi sobre você e Harry! É bom beijar alguém com piercing na boca? – Ele fez um movimento nojento com a língua antes de ir embora às gargalhadas.

Rosnei como um animal selvagem para as costas de Bradley e continuei meu caminho até a enfermaria com uma imensa nuvem negra cheia de trovoadas sobre minha cabeça. Minha dor de cabeça estava duas vezes pior depois daquela grosseria.

A enfermeira me deu umas aspirinas e fiquei na enfermaria a manhã inteira, descansando. Levou algum tempo para que minha cabeça parasse de latejar. Mesmo assim eu ainda me sentia um lixo. Tinha certeza de que as pessoas ainda iriam fofocar sem parar a meu respeito o dia inteiro hoje. Tiffany continuava sem falar comigo. Tristan ainda queria conversar e não parecia ser algo bom.

Pelo menos eu havia me livrado daquela dor que me atormentava.

Só então me dei conta de que as aulas da manhã tinham terminado havia alguns minutos, por isso segui direto para o jardim da escola, onde eu havia marcado com Tristan, mas ele me encontrou antes mesmo que eu chegasse ao fim do corredor.

– Oi, Joey! Ainda bem que eu encontrei você! – ele parecia bastante preocupado. – Ótimo! Vamos lá, quero conversar com você o mais rápido possível. Não quero ir para o nosso quarto, já que... – Ele olhou de um lado para o outro, investigando o corredor. – Você não viu Seth hoje, viu?

– Não. Passei quase a manhã toda na enfermaria. Por quê? – perguntei enquanto caminhávamos para o lado de fora.

Tristan fez uma pausa e olhou para mim, alarmado.

– Enfermaria? O que aconteceu? Sabia que eu não devia ter deixado você sozinha hoje cedo! Você não está bem! – Ele parou diante de mim, segurou o meu rosto com as mãos e me examinou, franzindo a testa.

– Estou bem, Tris. Foi só uma dor de cabeça. – Senti as bochechas formigarem graças ao contato dos dedos dele com a minha pele. – Já passou. Estou bem melhor.

Ele olhou para mim por alguns segundos, tentando ver se eu dizia a verdade.

– Juro que estou bem, Tris! – Sorri para ele. O fato de ele ainda se importar comigo aqueceu meu coração. Ele não estava com raiva com os rumores rolando sobre Harry e mim. Eu me senti tão aliviada que deixei escapar antes que pudesse me conter: – Estou tão feliz por você não estar com raiva de mim...

Ele parecia confuso, os olhos cinza brilhando com uma sombra de curiosidade.

– Com raiva de você? Por que eu estaria com raiva de você?

– Bem, você deve ter ouvido as pessoas falarem...

– Falarem?

– Sobre mim e Harry? – sondei, com cuidado. – Estão falando por aí que eu e Harry ficamos.

Tristan franziu a testa, mas logo em seguida um sorrisinho surgiu no canto dos lábios dele.

– É, eu ouvi a respeito. – Ele pegou uma das minhas mãos e voltou a andar em direção ao carvalho. – Na verdade, foi o próprio Harry quem me contou. Ele estava todo preocupado e disse que ficou com medo que eu ouvisse o boato por outra pessoa e ficasse louco de raiva e fosse pra cima dele. Ele só não se conformou de você não ter confirmado a aposta e não ter livrado ele de uma semana de dever de casa. Não parou de reclamar disso. A manhã inteira – Tristan disse soltando uma risadinha.

Quando chegamos ao grande carvalho do jardim da escola, Tristan não parava de conferir se havia alguém ao redor e então se virou para mim, em um turbilhão de ansiedade:

– Ótimo, ninguém por aqui! Então, escute só, tenho que lhe pedir uma coisa, Joey. É muito importante. – O tom dele era de urgência. – E você precisa concordar comigo – ele implorou. – Porque, se você não concordar, vai ter que sair com Seth e isso seria muito, mas *muito* ruim mesmo!

– Do que está falando, Tris? – perguntei, achando graça. – Que absurdo é esse agora? Primeiro, fiquei com Harry, depois tenho que sair com Seth. Esse dia está ficando cada vez mais bizarro!

Ele soltou um suspiro exasperado e jogou as mãos para o ar, agitado.

– É sério, Joey. Você acha que eu brincaria com uma coisa dessas?

– E que coisa seria essa, pelo amor de Deus?

– Precisamos contar a verdade para Seth! Sobre você e mim! – ele finalmente deixou escapar.

– O quê? – consegui dizer depois de algum tempo.

– Precisamos contar para Seth que você não é minha irmã. Que eu não sou seu irmão. E que nós somos... você sabe – Tristan murmurou a última frase corando levemente.

Ergui uma das sobrancelhas.

– Para falar a verdade, eu *não* sei. O que nós somos mesmo? – perguntei com um sorriso provocador. Essa seria boa de ouvir.

O leve cor-de-rosa em suas bochechas se tornou um vermelho intenso.

– Eu... eu, nós, eu, você *sabe* – ele gaguejou, atrapalhado. – O que está acontecendo com as pessoas hoje?! Será que todo mundo quer me deixar louco? – O tom dele era de desespero.

Acaricieei um dos ombros de Tristan na tentativa de acalmá-lo.

– Tudo bem, tudo bem! Desculpe. Acalme-se. Eu estava só brincando! – eu disse achando graça de toda aquela agitação dele. – Agora, por favor, me conte sobre esse lance do Seth.

Ele me deu uma olhada de canto de olho e emburrou de leve.

– Isso não tem a menor graça. Seth passou o dia inteiro atrás de mim, sabia? Perguntando de você, do que você gostava, do que não gostava. Ele não parava de falar de você, que inferno! – Tristan começou a se alterar de novo. – E então ele me disse que vai convidar você para sair hoje. Em um encontro. Então como você está vendo, a gente precisa contar para ele. É o único jeito de evitar isso. Ele falou que não vai aceitar um não

como resposta. Seth está realmente empenhado em sair com você. E ele não pode fazer isso!

Olhei para o rosto perturbado de Tristan. Ele ficava tão fofo quando tinha um ataque de ciúmes!

– Ele não pode? E por quê? – Apoiei as costas no tronco do carvalho e o provoquei mais uma vez. Adorava tanto ver ele corar que simplesmente não conseguia me conter!

Ele olhou para mim e seus olhos escureceram até assumirem um tom profundo de cinza. Um sorriso lascivo brincava em um dos cantos de sua boca e ele se inclinou sobre mim até que o corpo dele pressionasse perigosamente o meu. Acho que ele tinha se cansado de ser tímido!

– Você mesma não pode me dizer o motivo? Talvez eu deva lhe mostrar, então. – Ele colocou cada uma das mãos de um lado da minha cabeça, espalmando-as no tronco do carvalho. Ele olhou ao redor de novo para conferir se não havia ninguém à espreita e então aproximou o rosto devagar, fazendo com que a minha garganta secasse em um segundo. Olha só no que a minha provocação tinha se transformado! Tristan tinha parado de gaguejar e não havia mais o menor sinal de rubor no rosto dele. Ele abriu um sorriso sexy e se inclinou ainda mais. Dessa vez fui eu quem corei fervorosamente quando ele entreabriu os lábios macios devagar, pairando a apenas um centímetro dos meus.

– O quê? – ele sussurrou com uma voz rouca. – Não tem nenhuma resposta espertinha?

Meu coração batia tão depressa que eu tinha certeza de que ele podia ouvir! O que me fez corar ainda mais. E ele, na verdade, não estava fazendo nada demais. Eu me encontrava naquele estado de nervos só porque ele estava perto demais de mim.

Foi então que ouvimos uma garota gritar não muito longe dali. Dei um pulo, rompendo aquele transe hipnótico em que nos encontrávamos.

– Tristan! As pessoas podem ver a gente aqui! – eu sussurrei, assustada.

Ele me deu um sorriso brincalhão e se afastou um pouco de mim, cruzando os fortes braços sobre o peito largo e erguendo um das sobrancelhas, como se estivesse achando a maior graça.

– Você fica uma graça envergonhada! Preciso tentar deixar você assim mais vezes. – Ele sorriu, sexy. – E então, concorda? Vamos contar a Seth hoje?

Limpei a garganta e tentei acalmar as batidas do meu coração antes de responder.

– Hum. Tudo bem. Mas só se a gente puder contar para Tiffany também. Seth e Tiff são nossos melhores amigos. Acho que podemos confiar neles. E Tiff sabe que tenho um segredo e está muito chateada por eu não dividir isso com ela. Não quero perder a amizade dela! A gente conta para Seth, mas só se contarmos também para Tiff. Essa é a minha condição. É pegar ou largar – eu disse, cruzando os braços também.

– Sua mãe vai ficar possessa se a gente sair contando isso para todo o mundo – ele ponderou.

– Eles não são *todo o mundo*. Tiff e Seth são nossos melhores amigos! Sei que podemos confiar neles. Minha mãe nem precisa saber disso – argumentei. – Será que você consegue omitir esse detalhe nas suas ligações *tão* frequentes pra ela? – comentei, sarcástica.

– Tudo bem. Combinado. Vamos contar a eles. – Um grande sorriso se abriu no rosto bonito de Tristan. – Vamos fazer isso agora? Mal posso esperar para tirar aquele sorrisinho da cara de Seth toda vez que ele fala de você.

– Está bem. Vou procurar Tiffany. Nós nos encontramos no nosso quarto! Espere por mim, assim a gente pode contar para os dois ao mesmo tempo! – E saí correndo para buscar Tiffany.

Em poucos minutos eu puxava uma Tiffany louca de raiva pelo braço em direção ao meu quarto apesar de suas reclamações fervorosas. Eu a empurrei para dentro e vi que Seth estava deitado, lendo um livro relaxado, e Tristan esperava por mim em sua cama, fingindo estar tranquilo, porém incapaz de esconder de mim a ansiedade que reluzia em seus olhos.

Seth desviou o olhar das páginas, curioso, quando entrei no quarto junto com Tiffany, fechando a porta atrás de mim.

– Ok, Joey. Não gostei nada de ser arrastada até aqui desse jeito – Tiffany reclamou cruzando os braços, muito irritada. – Não estou com paciência para joguinhos. E essa história de vamos-fingir-que-somos-amigas já encheu minha paciência. Então, se vocês me dão licença, tenho muita coisa pra fazer...

– Tiff, dá para você sentar e me escutar, por favor? A gente tem uma coisa muito importante para contar para vocês dois. – Empurrei Tiffany na direção da minha cama e sentei junto a Tristan. – Seth, você pode vir até aqui? A gente quer que os dois escutem isso.

Ele ergueu as sobrancelhas e foi se sentar na minha cama, ao lado de Tiffany, nos encarando curiosamente.

– Então. Já que vocês dois são nossos melhores amigos, achamos que é hora de contar a verdade. Você estava certa, Tiff. Eu estava escondendo algo, e você é a minha melhor amiga. Confio em você, de verdade. A gente confia em vocês dois – comecei, encarando Tiff e Seth bem nos olhos.

Tiffany guinchou, agarrando o braço de Seth.

– Eu sabia! Eu lhe disse, Seth! Eu falei que se trabalhássemos juntos conseguiríamos arrancar a verdade desses dois! – Ela abriu um sorriso de orelha a orelha, orgulhosa de seus dotes de Sherlock Holmes.

– Trabalhassem juntos? – repeti, surpresa.

Seth revirou os olhos na direção de Tiffany.

– Bom, a gente estava indo muito bem até você nos entregar, Tiffany! Presta atenção! Eles ainda não contaram nada.

Ela olhou para nós, alarmada.

– Ah. É mesmo. Mas eles acabaram de admitir que tem um segredo. Vocês ainda vão contar para a gente, não é, Joey? – ela perguntou, cheia de dedos.

– Vou, Tiff. Mas, antes de qualquer outra coisa, o que vocês andam aprontando aí? – Apontei para ela e Seth.

Ela sorriu novamente e cutucou Seth na costela.

– Bem, a gente tem conversado muito esses dias e nós dois tínhamos suspeitas de vocês. Vocês dois agem muito estranho quando estão perto um do outro. E tem também todos os olhares que ficam trocando o tempo todo e as conversas sussurradas fizeram a gente desconfiar de que havia algo rolando. Então bolamos esse plano. – Ela colocou um dos braços nos ombros de Seth. – O Seth aqui iria começar com esse lance de “quero sair com Joey”, para pressionar Tristan a dizer o que estava rolando entre vocês dois. Se isso não funcionasse, eu iria dar a cartada da “chantagem da melhor amiga” com você, Joey. A gente estava torcendo para que um de vocês acabasse dando o braço a torcer. E funcionou! – Ela fez um gesto de “*Voilà!*”.

– E aí? Qual é o grande segredo? – Seth perguntou, abrindo um sorriso reconfortante. – Estamos contentes de vocês estarem contando isso para a gente, mesmo que meio forçados, mas podem confiar na gente. Prometemos guardar seu segredo.

– Tínhamos uma ideia do que poderia ser – Tiff continuou, levando a sério o recente papel de detetive. – Achamos que vocês ficaram a fim um do outro assim que se conheceram, mas não sabiam que eram parentes, mas então descobriram que eram meio-irmãos e a parada virou um lance proibido, e vocês não podem contar para ninguém por medo da reação das pessoas! Que nem os casos denovela... – ela tagarelou, toda empolgada.

Revirei os olhos e fiz uma careta diante do palpite de Tiff que tentava adivinhar nosso segredo. Ela falava sério? Amor proibido?

– Está certo. Tiff. Não. E não! Você realmente estava pensando isso da gente? Afe! O lance é o seguinte. – Respirei fundo. – Tristan não é meu irmão. Nem mesmo meu meio-irmão. E eu não sou irmã dele. Tivemos que mentir para que ele fosse aceito na escola. Não somos parentes. Ele é... um grande amigo da minha família. – Olhei para Tristan. Achei que a parte da estória de ele ser um fantasma poderia esperar um pouco mais. Uma grande revelação por vez.

Tristan me lançou um sorriso suave e segurou uma das minhas mãos, entrelaçando nossos dedos. Sorri de volta para ele. Era tão bom poder dar a mão para Tristan sem ter que me preocupar se alguém estava olhando.

Seth e Tiff nos viram de mãos dadas e se entreolharam.

– Ah, entendi. Mas vocês não podem contar pra ninguém... sobre... que droga! – Seth exclamou.

– E vocês não podem contar isso para ninguém! Ou vão expulsar Tristan da escola! É sério! – falei.

– É isso? Só isso? Esse é o grande segredo que vocês estavam guardando da gente? – Tiffany resmungou, emburrada por ter errado feio seu palpite. – Isso não tem nada demais! Minha teoria era muito melhor! E muito mais chocante!

– Desculpe desapontar você, Tiff. Estou muito feliz por tirar esse peso das costas. E por você não estar mais chateada comigo... certo? – Olhei para ela com a minha melhor cara de cão que caiu da mudança.

Ela sorriu para mim e veio sentar ao meu lado.

– Você não precisava esconder isso de mim, Joey! Você é a minha melhor amiga e amo você. Pode contar comigo para o que der e vier. – Ela me deu um abraço apertado.

– Então... isso significa que eu ainda posso chamar Joey para sair, não é? – Seth perguntou antes de se levantar e lançar um sorrisinho diabólico na minha direção. – Porque agora eu nem preciso mais me preocupar com o irmão mais velho superprotetor quebrar a minha cara!

Tristan se levantou e deu um mata-leão frouxo em Seth, apertando o pescoço do amigo de leve com seus braços musculosos.

– Ah, você ainda precisa se preocupar com isso sim! – Tristan sorriu para nós e começou a empurrar Seth, ainda preso pelo pescoço, para fora do quarto. – Se vocês nos darem licença, meninas, preciso quebrar a cara de certa pessoa lá fora. – Voltamos em um momentinho.

Seth fez uma careta e se contorceu na tentativa de escapar das garras de Tristan, mas sem sucesso. Ele se deixou ser

puxado para o lado de fora, acenando para a gente. Acho que aquela era uma forma masculina de dizer que eles precisavam de um tempo para conversarem sozinhos. Foi ótimo, porque também eu queria um tempo para conversar em particular com Tiffany. Era tão bom poder conversar com ela sobre tudo o que estava acontecendo! Tristan e eu não precisaríamos mais nos preocupar em fingir, nem na privacidade do nosso quarto, nem na frente dos nossos melhores amigos, o que fazia toda a diferença do mundo e me deixava com o coração um bocado mais leve.

## capítulo vinte e três

### A síndrome do patinho feio

Os dias que se seguiram à nossa Grande Revelação foram incríveis! Eu me sentia muito mais à vontade em nosso quarto. Seth agia do mesmo jeito de sempre quando estava perto da gente, a não ser por soltar uma piadinha de vez em quando, mas no restante do tempo ele simplesmente voltou a ser o mesmo Seth de sempre, como se nada tivesse acontecido.

Era ótimo poder falar sobre coisas mais íntimas para Tiffany. Quando contei a ela sobre o beijo na noite da festa, ela começou a dar gritinhos e ficou toda eufórica, o que também me empolgou. Era tão bom poder compartilhar aquele momento com ela. Imaginei se Tristan também havia contado para Seth sobre aquela noite. E, se tinha, fiquei pensando no que poderia ter dito. Mas logo me dei conta de que essa deveria ser uma daquelas coisas especiais que só compartilhamos com nosso melhor amigo.

Após alguns dias, comecei a notar que Tristan passava mais tempo comigo. Antes de nosso beijo, ele estava sempre ocupado com as mais diferentes atividades, sempre correndo para experimentar tudo o que a escola tinha a oferecer. Ele vinha tentando recuperar o tempo perdido – todas aquelas décadas no cemitério sem nada para fazer e apenas outros fantasmas como companhia. Mas depois da festa, ele começou a passar mais tempo no quarto, mesmo que só para ficar deitado ouvindo música e me fazendo companhia enquanto eu fazia o dever de casa ou para me ouvir tagarelar sobre alguma

coisinha estúpida que havia acontecido durante o meu dia. Era tão bom ter ele só para mim de novo, como nas primeiras semanas em que nos encontrávamos para conversar pelas alamedas desertas do cemitério.

Ele sempre almoçava comigo, carregava a minha bandeja (apesar dos meus protestos fervorosos, pois eu me sentia uma inútil por não ser capaz de carregar minha própria comida!). Ele carregava os meus livros e me oferecia o braço quando me acompanhava até a minha sala. Eu gostava de tê-lo mais presente na minha vida, mas era um pouco esquisito ser mimada assim o tempo todo. Porém eu precisava ter em mente que ele era de um tempo em que as pessoas eram mais educadas. E ele era galante e cortês com todas as meninas, eu não era a única. A atenção respeitosa e a amabilidade gentil de Tristan eram o principal motivo pelo qual as meninas caíam de quatro por ele.

Tristan também pegou o mais inquietante hábito depois daquele dia no jardim da escola sob o carvalho. Ele sempre estava tentando me fazer corar, geralmente com alguma proximidade corporal repentina: às vezes através de um toque suave em meu rosto, uma esbarrada de relance que se demorava um pouco mais do que o normal; outras vezes com um sorriso sexy ou uma piscadinha provocante às escondidas. Acho que ele estava querendo me deixar maluca. E estava conseguindo.

Uma das brincadeiras secretas favorita de Tristan era traçar levemente a ponta dos dedos sobre o meu braço. Ele tomava muito cuidado quando fazia isso para ter certeza de que ninguém estava olhando. O toque dele era a coisa mais impressionante e mais perturbadora do mundo, porque me deixava eletrizada e ao mesmo tempo atordoada e tensa. Às vezes eu me perguntava se ele tinha noção do que provocava em mim todas as vezes que me tocava, se ele sabia que um simples roçar de seus dedos descarregavam uma voltagem tão vibrante e intensa de pura eletricidade por todas as minhas terminações nervosas. Era uma sensação inebriante. Eu quase

odiava me sentir daquela forma, mas, ao mesmo tempo, eu ansiava pelo momento em que a pele dele tocava a minha de novo.

Entretanto, ele nunca mais tentou me beijar novamente... o que me fez sentir uma idiota por ter concordado em ir devagar com nosso relacionamento.

Às vezes eu queria ter a coragem para tomar a iniciativa. Mas no final via que era incapaz de tentar qualquer coisa. Eu ensaiava várias e várias vezes o que iria fazer, tentava acalmar meus nervos, mas no fim sempre amarelava. Ou simplesmente congelava. Apesar de eu não ser corajosa o suficiente para tentar alguma coisa com ele de forma mais assertiva, a atenção constante de Tristan comigo aumentava minha confiança. Para minha surpresa, comecei a querer usar roupas melhores do que camisetas simples e jeans largos. Eu me sentia diferente por dentro e queria mostrar essa mudança também do lado de fora. Queria que o mundo visse o quanto eu me sentia feliz e minhas roupas antigas não pareciam ser o suficiente para demonstrarem essa nova Joey.

Um dia, Tiffany me pegou inspecionando o meu armário. Um monte de camisetas largas estavam espalhadas em cima da cama. Eu começava a me desesperar diante daquele panorama fashion tão deprimente, quando Tiffany sentou na minha cama, me observando curiosa.

– Então quer dizer que você finalmente resolveu se livrar dessas suas roupas velhas? Já era hora! – ela disse com um sorrisinho debochado.

Suspirei alto e bom som e olhei para as minhas roupas, frustrada.

– Eu não tenho salvação, Tiff. Toda roupa fica horrível em mim! – me queixei e desabei desalentada na minha cama.

– Você e essa mania de se rebaixar! Por que você faz isso com você mesma? – Ela achou graça da minha situação, se levantou e foi abrir as minhas gavetas.

– Eu não faço nada. Não é minha culpa ficar horrível nessas roupas da moda que você usa! Acho que não nasci pra me

vestir bem – murmurei, derrotada.

– Que besteira. Claro que você nasceu pra vestir roupas legais. Você estava linda na noite da festa! Todo mundo falou. E Tristan não conseguiu resistir a você! – Ela me lançou uma piscadinha.

Fiquei vermelha e comecei a arrastar os pés em círculos, olhando para o chão.

– Ele disse mesmo que eu estava bonita naquela noite...

– Exatamente! Mas a questão é que você está *sempre* bonita. Você é uma menina linda, com esse cabelo incrível, preto e macio, e esses olhos grandes. Sem contar a pele branquinha e o corpo incrível. Você é tão linda, mas tenta esconder isso, não entendo o porquê. É como se você se esforçasse para se esconder até desaparecer atrás dessas roupas largas. E então, no momento em que finalmente consegue sumir e ninguém presta atenção quando você passa, você fica toda chateada e deprimida – ela disse meio irritada. – Então pare com isso e comece a se fazer notar! Os garotos deveriam estar rastejando aos seus pés! E pode ter certeza de que eles farão isso, basta você decidir mostrar quem realmente é! Você tem a Síndrome do Patinho Feio, mas não se preocupe, porque eu tenho a cura, gatinha! – Ela piscou para mim mais uma vez. – Vamos lá. Vou lhe dar uma ajuda!

– Puxa, valeu, Tiff. Você é a melhor amiga que alguém poderia ter em todo o mundo!

– E Tristan vai ficar louco quando vir a nova Joey! – Ela abriu um sorriso radiante. – Você sabe que todos os garotos só falavam de você na festa do dia dos namorados, não é?

– Sério? – perguntei, cheia de suspeita.

– Se não fosse pela *sua banda* ameaçando todo mundo que se aproximava, você teria sido um sucesso!

– Ninguém estava interessado, eles só queriam uma semana de dever de casa grátis...

– Lá vem você, fazendo pouco de si mesma de novo! Pare com isso!

– Mas é verdade! – grunhi aborrecida. – Tudo isso aconteceu só por causa daquela aposta ridícula!

– Tudo bem. Então vou ter que provar que você está errada. O Baile da Primavera é mês que vem. Vou me certificar para que não apareça nenhuma aposta no baile. E você vai ver só como se sai então. – Ela cruzou os braços, desafiadora.

– Baile da Primavera?

– É, todo semestre rola uma festa aqui na escola, o Baile da Primavera e o Baile de Inverno. É um grande evento e todo mundo veste roupas de gala. Bem, o começo da festa é bem formal, mas, no fim da noite, quando os professores vão embora, aí é que começa a diversão. – Tiffany bateu palma, empolgada. Sorri para ela.

Ultimamente eu andava repensando um monte de coisas sobre mim mesma e talvez fosse mesmo a hora de mudar as coisas em minha vida. Aquele baile poderia ser uma boa oportunidade para apresentar a nova Joey ao mundo. E, quem sabe, aquilo poderia ser até mesmo divertido? E eu já tinha a roupa perfeita para a ocasião: o vestido vermelho que a minha mãe tinha me dado de aniversário e que pensei que jamais usaria. Talvez fosse hora de o “nunca” se tornar “agora”.

Tiff também me ajudou a escolher visuais mais estilosos para usar na semana de aula que teríamos pela frente: ela até me doou algumas de suas roupas mais modernas e também me mostrou maneiras mais descoladas de combinar o que eu já tinha. Na segunda feira, acordei antes de o despertador de Seth tocar e levei minhas novas roupas para o banheiro. Eu estava um pouco nervosa por fazer uma mudança tão drástica no meu estilo. Em vez de calças largas, escolhi um par de jeans pretos apertados e uma blusa de alcinha com um vermelho vibrante, além de abandonar o velho rabo de cavalo. Eu havia decidido usar o cabelo solto mais vezes agora. Quando saí do banheiro, Seth ergueu as sobrancelhas para mim, mas acho que percebeu a expressão preocupada em meu rosto e decidiu me poupar dos seus comentários engraçadinhos, o que me deixou bem grata.

Eu já estava nervosa o suficiente sem precisar de piadinhas para piorar a situação.

Quando Tristan me viu, não foi tão sutil quanto Seth. Inspirou longamente, de forma bem audível, e soltou o ar ainda mais devagar. Eu, como era de se esperar, fiquei vermelha de vergonha. Óbvio.

– É isso mesmo que vocês estão pensando. Tiffany fez uma terapia fashion comigo para me ajudar a dar um fim nas minhas roupas velhas e superar meu medo de me expor. – Abri um sorriso fraco para ele.

Tristan sorriu de volta enquanto vestia um moletom cinza.

– Por favor, se exponha à vontade!! Seja lá o que Tiffany estiver fazendo, diga para ela não parar! – ele disse ainda com as sobrancelhas erguidas.

Tristan usava uma camiseta azul-marinho, a minha favorita, debaixo do moletom. Era a primeira camiseta que havia usado depois de voltar dos mortos e que fazia com o que seus olhos brilhassem com o tom de azul mais lindo do mundo.

– Amo essa camiseta – murmurei, olhando-os nos olhos e não para sua camiseta, como era de se esperar.

Tristan olhou para a camiseta, sorrindo.

– Percebi.

– E por que você acha que ele não para de vestir essa roupa?

– Seth se meteu na conversa do outro lado do quarto enquanto calçava o tênis.

– Nada a ver. Cala a boca, cara! – Tristan reclamou e corou um pouco antes de jogar a mochila do próprio Seth em cima dele, que a pegou no ar e se levantou com uma risadinha, pronto para sair.

– Então, pombinhos. Vou tomar café. Quem vem comigo?

Todos nós saímos para comer. Tristan segurou a porta para mim e fez uma reverência quando passei. Balancei a cabeça e dei uma gargalhada. Ele não conseguia mesmo deixar de ser cavalheiro!

Nos dias que se seguiram, arrisquei outros visuais ousados: jeans um pouco mais apertados, blusinhas de cores alegres e camisetas justas. Claro que todas essas roupas foram presentes carinhosos de Tiffany. Até comecei a soltar o cabelo mais vezes. A reação dos garotos foi imediata e fiquei um pouco surpresa. Ah, quem estou querendo enganar? Fiquei estarecida! Tiffany só balançava a cabeça e ria da minha cara de choque e das manchas vermelhas que surgiam nas minhas bochechas todas as vezes que um garoto virava a cabeça para me ver passar. Tiff se divertia horrores ao tratar a minha Síndrome de Patinho Feio, como ela a chamava, com seu tratamento de choque de Lindo Cisne.

Tristan também começou a perceber a súbita atenção masculina que comecei a receber. Eu podia ver o conflito nos olhos dele. Por um lado, gostava da minha nova aparência com aqueles jeans apertado e as blusas decotadas. Que garoto reclamaria de mais pele à mostra em uma garota?

Mas, por outro, não estava nada satisfeito com os olhares masculinos que eu atraía. Podia perceber o ciúme estampado nos olhos dele todas as vezes em que me acompanhava pelos corredores.

Harry, Josh, Sam e Seth não paravam de me encher a paciência por causa do meu novo visual, falando que um dos Lost Boys estava virando uma mocinha. Quanto mais vermelha eu ficava, mais eles zombavam de mim. Tiff sempre intervinha e eles paravam de me encher, mas não por muito tempo. E então, para o meu mais completo choque, alguns garotos começaram a me convidar para acompanhá-los no Baile da Primavera! Fiquei tão surpresa na primeira vez que isso aconteceu que simplesmente me virei e saí correndo, deixando o pobre do garoto parado no meio do corredor sem nenhuma resposta. Tiff teve que me resgatar cinco minutos depois, enquanto eu hiperventilava de pânico no banheiro. Eu não esperava por uma coisa daquelas! Não queria ir ao baile com ninguém além de Tristan. Eu eu não poderia ir com ele, pois quem iria recusar ir ao baile com qualquer outro garoto para ir com o próprio irmão?

Então, passei a semana inteira evitando todos os meninos. Toda vez que alguém do sexo masculino se virava na minha direção ou parecia estar prestes a puxar uma conversa, eu corria como uma louca para o mais longe possível! Aposto que as pessoas deviam estar achando que eu tinha surtado de verdade agora. Eu estava mesmo agindo como uma maluca. Até considerei voltar a usar minhas camisetas e jeans largos. Mas Tiffany conversou comigo e não deixou que eu voltasse a ser um patinho feio depois de todos os esforços que fez para me transformar em cisne.

Já era a última semana do mês e eu estava tão entretida com o meu novo visual, em evitar convites para o baile, com as aulas de música, os deveres de casa e a escola que esqueci completamente dos pesadelos com Virgílio. Até que ele voltou.

Ele ainda usava o corpo humano magro e frágil da última vez. Todas as noites ele tentava, com toda a cautela, se aproximar de mim, mas eu nunca permitia que ele dissesse nada. Logo que eu percebia que ele estava ali, tentando entrar nos meus sonhos, eu entoava sem parar o mesmo mantra "*Acorde, acorde, acorde, acorde*" até por fim despertar. Eu me senti aliviada na primeira vez em que consegui quebrar a conexão com Virgílio dessa maneira, mas depois da quarta invasão, isso estava se tornando uma tarefa bastante cansativa. A menina Céu Gótica estava certa: Virgílio era implacável.

Decidi ligar para Dona Violeta e contar a ela sobre as novas tentativas de Virgílio de entrar em contato comigo. Ela pareceu preocupada e disse que faria de tudo para encontrar uma maneira de ajudar a mim e a Tristan, prometendo entrar em contato assim que descobrisse algo importante.

Então, na terça-feira, Tristan começou a se sentir estranho novamente. Olhei no calendário, com medo do que poderia ver. E lá estava: era o primeiro dia do mês. Tristan estava certo sobre o ciclo mensal do feitiço. Logo que ele começou a sentir os sintomas, deitei na cama e fiquei ao lado dele a tarde toda, fingindo ler um livro. Por termos ficado juntos, Tristan não se sentiu tão doente quanto da última vez.

Comentei isso com ele e brinquei que isso passaria a ser “aquele dia do mês” para ele. Tristan ficou tão mortificado com o meu trocadilho engraçadinho que tive que prometer nunca mais brincar com aquele assunto e pedi um milhão de desculpas, várias vezes. Aprendi que garotos não gostam de piadas sobre menstruação, em especial os garotos do século XX.

Seth nem mesmo percebeu que Tristan havia se sentido mal naquele dia. Como passei o dia todo ao lado dele, Tristan conseguiu ficar relativamente bem. Todo o processo se tornou bem mais fácil de ser suportado porque não precisávamos mais fingir que não estávamos juntos na frente de Seth.

No fim do dia, esperei até que Seth tivesse caído no sono para me aninhar debaixo dos cobertores com Tristan. Acordei no dia seguinte com um dos braços pesados dele sobre a minha cintura mais uma vez. Podia sentir a pulseira de contas ao redor do pulso dele quando ele me deu a mão com delicadeza, como sempre fazia quando dormíamos na mesma cama. Eu podia seriamente me acostumar com isso... acordar nos braços de Tristan, sentir o calor de seu corpo próximo ao meu e ouvir sua respiração tão perto de minha nuca... sem contar o seu cheiro maravilhoso que me envolvia por completo. É, aquela situação não era nada ruim.

Tristan tinha um perfume difícil de descrever, já que era preciso sentir o cheiro pessoalmente para saber como era. Parecia ter um toque de baunilha e cravo, além de algo doce misturado com um aroma indistinguível... O cheiro dele provocava algo difícil de explicar em mim, que me preenchia com uma sensação intoxicante. Queria poder engarrafar esse aroma e carregá-lo comigo o tempo inteiro. Toda vez que Tristan se aproximava, eu tinha que me conter para não mergulhar meu rosto no pescoço dele. Será que cheiro era algo que poderia se gastar dessa forma? Se eu o cheirasse demais, será que poderia deixá-lo sem cheiro algum?

Na verdade, percebi o quanto eu estava apaixonada por Tristan um dia depois da escola, quando Tiffany se largou na

grama ao meu lado debaixo do grande carvalho, o lugar onde eu costumava me encontrar com ele.

– Sabia que encontraria você por aqui! – ela disse, feliz, alisando as roupas enquanto se ajeitava ao meu lado.

Sorri e balancei a cabeça, concordando.

– Estou esperando Tristan. Ele disse que queria me mostrar um lugar novo que descobriu por aqui. Acho que ele quer dar uma volta, ou algo do tipo.

A empolgação de Tiffany murchou na mesma hora e ela fez beicinho para mim.

– Ah, que droga! Queria que você fosse comigo até Saint Pete hoje! – Ela se referia à cidadezinha próxima à escola. – Você passa o tempo todo com Tristan!

Ri do exagero dela.

– Não passo não! – protestei.

– Ah, passa sim. Você está *sempre* com ele! – Tiffany bufou, mas logo um sorriso brincalhão tomou conta do rosto dela. – Mas está tudo bem, você dois são a coisa mais fofa do mundo juntos! Tristan fica tão feliz quando está com você, e os seus olhos brilham de alegria quando ele está por perto, Joey. É tão lindinho! – Tiff retrucou, imitando os meus olhos apaixonados e batendo os cílios zombando de mim.

– Pare de inventar coisa, Tiff! Eu não faço nada disso! – Dei uma risada, sem graça.

– Faz, sim! – ela zombou. – Você gosta mesmo dele, não é? – Tiffany me perguntou, assumindo um tom subitamente sério.

Pensei no assunto por um momento, mordendo o lábio. Desde que Tristan tinha me beijado na festa, eu não havia parado de pensar naquilo, sobre o que senti naquela noite e no que vinha sentindo desde então. Eu me perguntava a respeito de nossa estranha conexão e no efeito que esse feitiço tinha sobre nós. Será que a magia poderia controlar nossas decisões e confundir nossos verdadeiros sentimentos?

As perguntas que realmente importavam aqui eram: o que era real e o que era magia? Será que o feitiço e a conexão que trouxe Tristan de volta à vida estavam forçando as coisas entre

nós de tal forma que nem chegávamos a nos dar conta? Lembrei-me do estranho desespero para abraçá-lo quando ele chegou à escola, a onda de eletricidade que passou entre nós. Tinha quase certeza de que essas sensações eram causadas pelo feitiço. Também me lembrei de nosso primeiro beijo, que causou a mesma onda de eletricidade, o formigamento em nossos lábios. Aquele beijo havia sido tão mágico, tão impressionante. Tudo aquilo só podia ser efeito da magia. Ou será que os primeiros beijos – os bons primeiros beijos – eram sempre assim? Pensei em todos os beijos que eu tinha dado antes. Não houve fogos de artifício, formigamentos, nem nada do tipo. Será que era o elo mágico que eu tinha com Tristan que causava todas essas coisas?

Mas então pensei em como me sentia quando Tristan estava por perto. E eu sabia que não era só o feitiço, um elo forçado que fazia com que eu me sentisse daquela forma. Eu gostava de estar com ele. Gostava dos sorrisos de Tristan e da maneira como os olhos dele brilhavam como se tivessem luz própria. Gostava do som da risada dele, que fazia com que algo reverberasse no meu coração. Gostava de sua fragrância misteriosa e a maneira como baixava a cabeça quando estava sem graça, que fazia com que o cabelo caísse sobre o rosto, escondendo os olhos. Gostava de como ele era afetuoso e honesto, a gentileza com que tratava todos ao redor. Ele tinha um coração tão bonito e uma alma única e muito especial. Tudo aquilo não tinha nada a ver com o feitiço ou com o fato de Tristan ter sido um fantasma. Essas coisas faziam parte da pessoa que ele era. E faziam com que eu o amasse tanto.

– Você quer saber qual é a mais pura verdade, Tiff? Eu não acho que posso dizer que só gosto dele – murmurei, olhando para o céu. – Acho que eu o amo – confessei, mais para mim mesma do que para qualquer outra pessoa.

Tiffany exalou em surpresa e arregalou os olhos, chocada com aquela revelação repentina. Antes que ela pudesse processar o que tinha acabado de ouvir, ou fizesse qualquer comentário,

ouvimos a voz de Tristan, nos pegando completamente desprevenidas.

– Oi, Joey. – A voz dele tinha uma sombra de tensão.

– Ah, e... e aí, Tris? – gaguejei, tentando me recuperar. Só então me dei conta de que ele poderia ter ouvido o que eu havia acabado de dizer e comecei a entrar em pânico.

– Desculpe, Joe, mas só vim avisar que não vou poder passear com você hoje. Infelizmente vamos ter que deixar pra outro dia. Surgiu um imprevisto e não consegui cancelar – ele disse meio que às pressas.

– Tu... tudo bem. A gente marca outro dia – concordei. Ele assentiu e nos deu as costas, caminhando cheio de pressa em direção ao prédio da escola.

Tiffany e eu observamos em silêncio enquanto Tristan se afastava. Eu desfiava com ansiedade a manga da minha camisa e Tiff apertava uma das mãos contra o peito, ainda tentando se recuperar do susto.

– Você acha que ele ouviu a gente? – perguntei baixinho.

Ela piscou e se virou para mim com um sorriso solidário.

– Não sei mesmo, Joey.

Enfiei meu rosto nas mãos e suspirei bem fundo.

– Mas que hora mais errada para ele aparecer! – gemi – Você acha que ele vai surtar muito com isso?

Ela deu de ombros.

– Se fosse outro garoto, eu diria que provavelmente iria surtar legal. Mas Tristan é... diferente. Ele pode não reagir da forma que a gente espera.

– Você acha isso mesmo? – perguntei com uma voz esperançosa, erguendo um pouco a cabeça.

– Acho sim. De verdade. Vamos esperar e ver o que acontece, ok? Vai saber? Ele pode até dizer que também ama você. O jeito como ele a olha... Eu não ficaria nada surpresa com essa notícia. – Ela sorriu. – Mas vamos embora! A sua agenda acaba de liberar espaço. Vamos a Saint Pete para você se distrair. – Ela convidou mais uma vez, já de pé.

Segui Tiffany com o coração apertado e um receio na boca do estômago que me dizia que algo ruim estava prestes a acontecer.

A semana prosseguiu como sempre: aulas, professores, deveres de casa, as palhaçadas do Harry, as dicas de artes marciais do Josh e as novas piadas do Sammy. A Carolina, do esquadrão dos pompons, voltou a dar em cima dele nas aulas, eu ficando fula da vida com ela. E Tristan voltou ao normal. E então era hora do dia para o intervalo do almoço.

Seth, Harry e eu almoçávamos na cantina, conversando sobre as músicas novas e esperando o resto da galera aparecer, enquanto. Tiff fazia sua rota social pelos arredores, conversando amenidades com seus vários amigos da escola. Mas sabíamos que ela sempre acabava vindo se sentar em nossa mesa no final. Ela conversava toda empolgada com Bradley do outro lado da cantina, perto do buffet, e ele retornava dando sonoras gargalhadas. Seth deu uma olhada dura de esguela para eles, fez uma careta e voltou a mastigar sua comida.

Após alguns minutos, Tiffany se sentou na nossa mesa e cumprimentou todo mundo, animada, e começou a falar sobre o Baile da Primavera. No início, não prestei muita atenção no que ela dizia. Em geral, eu desligava os ouvidos quando Tiffany começava a falar de vestidos, sapatos e coisas do gênero, e desde aquele incidente infeliz no carvalho, não conseguia pensar em muita outra coisa. Mas antes que eu me desse conta, nossa mesa virou um caos. Seth e Tiff começaram outra discussão. Não tenho certeza de como as coisas chegaram àquele ponto, mas, quando voltei a prestar atenção ao que acontecia ao meu redor, eles já estavam voando no pescoço um do outro.

– Não sei como *isso* pode ser da sua conta! – Tiff gritou, com raiva.

– Não estou nem aí. – Seth deu de ombros, visivelmente chateado. – Por que não volta então pros seus amiguinhos fofoqueiros? Você sabe que Brad só fala com você para se rastejar por qualquer migalha relacionada aos seus pais!

Ele provavelmente nem entende as suas piadas. Só ri para lhe agradar! Ele é o maior puxa-saco que existe!

– Não me coloque no meio da sua briga com Brad! Não é minha culpa você ter sido expulso do time de basquete! E eu não estava fofocando. Fique sabendo que isso se chama ter uma vida social – ela berrou.

– Não fui expulso do time! Eu pedi para sair! Bradley me implorou para voltar, só para você ficar sabendo! – Seth urrou de volta. – E você pode tentar ser *menos "social"* às vezes.

– O que você está insinuando com isso? – ela retrucou irada, entendendo muito bem a insinuação de Seth.

– Você sabe muito bem o que quero dizer! Você fica querendo agradar todo mundo de qualquer jeito! E só conversa com metade desses seus "pseudo *amigos*" porque os seus pais a obrigam! Se eles não fossem filhos das pessoas com quem o seu pai faz negócios, você nem mesmo olharia para essa gente!

Tiffany bufou, cruzando os braços sobre o peito.

– Você está com inveja porque não tem uma vida social como a minha! Não tenho culpa de você ser um nerd e mal sair do seu quarto. Não me culpe por ser um derrotado!

– Ótimo! Não farei isso – Seth gritou, pulando da cadeira, vermelho de ódio. – Fico feliz por você ter finalmente desembuchado o que realmente pensa. Não precisa mais se preocupar por andar por aí com um derrotado! Vou salvar a sua reputação e ir embora. Satisfeita? Não precisa me agradecer, vossa alteza! – E saiu pisando duro.

Harry olhava para eles com os olhos arregalados e então se virou para mim, engolindo em seco.

– Isso foi... intenso. Desculpa aí, mas não me dou bem em situações tensas. E perdi completamente o apetite. Acho melhor dar uma volta. – Ele se levantou e deu o fora.

– Harry – eu o chamei de volta, mas ele nem ao menos se virou. Simplesmente jogou as mãos para o ar e deixou a cantina. Harry costumava a ficar muito chateado com qualquer tipo de discussão.

– Tiff... o que aconteceu? – perguntei, perplexa.

Ela abaixou a cabeça, cobriu-a com as mãos e começou a soluçar. Os cachos loiros lhe caíam pelo rosto.

– Eu... eu não sei! Ele foi tão cruel comigo... e eu fiquei com tanta raiva! E ele não parava de berrar!

Fui sentar mais perto de Tiffany, e dei uns tapinhas de leve em seu ombro, tentando consolá-la.

– Ei, calma, Tiff. Não sei o que acontece com vocês dois! Vocês não conseguem ficar na mesma sala sem brigar! Deve ter sido muito difícil para ele ouvir aquele lance de ser derrotado, Tiff. Você não deveria ter falado aquilo...

– Eu sei! Mas não consegui me conter! Eu só disse aquilo para deixá-lo com raiva. Estou tão arrependida, Joey! O que vou fazer agora? Ele vai me odiar para sempre! – Ela soluçou ainda mais alto.

Sequei as lágrimas do rosto dela.

– Olha, acho que você tem que ir falar com ele. Tipo, agora. Diz para ele o que acabou de me dizer. Ele vai entender.

– Não vai não – ela gemeu baixinho. – Ele me odeia.

– Não, ele não odeia você, Tiff. Seth é um cara incrível e vai perdoá-la, confie em mim. Ele também precisa pedir desculpas a você. – Tentei tranquilizá-la. Tudo bem? Agora vá lá – falei empurrando-a para fora do banco.

Ela se levantou, relutante, e se dirigiu para o nosso quarto.

Sam, Tristan e Josh apareceram na cantina um pouco depois, obviamente sem fazer a menor ideia da guerra que havia acontecido por ali, naquela mesma mesa, alguns segundos atrás. Eu já tinha terminado de comer quando eles chegaram, mas permaneci na mesa lhes fazendo companhia por algum tempo ainda assim. O jeito esquisito de Tristan se comportar quando estava perto de mim agora, como se estivesse constrangido, me fazia ficar extremamente desconfortável também. Com a briga recente de Seth e Tiff, eu estava em um completo estado de nervos naquela mesa. Eu estava tão preocupada com a possibilidade dos meus dois melhores amigos estarem brigando de novo no nosso quarto que finalmente pedi licença da mesa e fui ver como eles estavam.

Eu não podia deixar que aquelas discussões continuassem. Nem que eu tivesse que trancar os dois no quarto para que se acertassem de uma vez por todas. Não iria sair até que eles fizessem as pazes! Caminhei pelos corredores chateada e cheia de apreensão. Eu estava tão preocupada com o que ia dizer para Tiff e Seth que nem me lembrei de bater na porta antes de entrar.

E o meu queixo caiu tanto que chegou a bater no chão: Seth e Tiff estavam no meio do quarto no maior amasso da década. Ou melhor, do século! O beijos eram intensos e as mãos apalpavam por todos os lados. Aquilo era... Eu nem sabia dizer o que era aquilo! Inesperado poderia ser uma descrição possível. Chocante, com toda a certeza. Um pouco constrangedor. Eles estavam pegando pesado com os amassos. Deviam arrumar um quarto... Oh, espere...

Forcei uma tosse bem alta. Eles se separaram em um pulo, surpresos. Eu é quem deveria estar surpresa ali, gente! Tiffany ficou vermelha dos pés à cabeça e Seth olhava para o outro lado, ajeitando o cabelo desgrenhado com as mãos, sem saber onde enfiar a cara.

– Tudo bem. Acho que fazer as pazes melhor que isso é impossível... – murmurei para mim mesma.

Tiff corou ainda mais e Seth deu um leve sorriso travesso de canto de boca.

– E eu aqui, superpreocupada achando que vocês dois poderiam estar se matando nesse exato momento, mas pelo visto eu não poderia estar mais enganada, não é? – Cerrei os olhos na direção dos dois, finalmente compreendendo os acontecimentos do dia. – Ah, já entendi o que aconteceu! Seth só estava com ciúme de você, Tiff! Porque você estava de conversinha com Brad Fedorento!

Seth sentou na cama, olhando feio para mim por revelar seu ataque de ciúme. Tiff sentou ao lado dele e começou a dar risadinhas, mas continuei a falar.

– E você, Tiff, começou a chorar daquele jeito porque gosta de Seth e pensou que ele a odiasse agora! – E com essas

palavras tirei o sorriso do rosto dela. Ela congelou na cama e também fez uma careta para mim por revelar seu colapso nervoso na cantina.

– Você estava chorando? – Seth disse baixinho ao lado dela.

Ela assentiu com um leve movimento de cabeça, toda envergonhada. Pensei que Seth iria começar a zoar Tiff até a morte por causa disso e ninguém seria capaz de fazê-lo parar, mas ele me surpreendeu mais uma vez.

– Desculpe – ele disse com delicadeza, colocando uma das mãos sobre a dela, pousada em cima da cama.

Ela olhou para ele e abriu um sorriso suave.

– Desculpe também.

– Aaahhh! Isso foi tão meigo! – exclamei sentando na cama diante deles. – Então quer dizer que vocês agora estão tipo... juntos? Ah, por favor, por favor, por favor, digam que sim! Porque aí não vamos ter que aturar vocês mais brigando o tempo todo! – Juntei as mãos, suplicando.

– Duvido que a gente pare de discutir – Seth argumentou, pensativo. – Mas pelo menos, se a gente namorar, podemos fazer as pazes depois das brigas de um jeito mais caloroso se é que me entende – ele insinuou sedutoramente, erguendo as sombrancelhas. — Esse é um bom motivo, o que você acha? – Seth brincou com Tiffany.

Ela revirou os olhos para ele.

– Não vamos ter nenhuma “reconciliação calorosa”, Seth. Não vamos ter nada dessas coisas – ela encerrou, o encarando.

– Foi isso o que você disse depois do nosso primeiro beijo na última festa e olha só para a gente agora: nos beijamos de novo – Seth comentou, achando graça.

– É mesmo. – Eu tentava ajudar Seth a ganhar a discussão. – Espera aí. Beijo na festa? Vocês estão querendo dizer que essa não foi a primeira vez que isso aconteceu?

Tiff se encolheu e recuou na cama, olhando feio para Seth. Ele não deveria ter me contado aquilo!

– Tiffany! – berrei para ela. – E você me dando a maior bronca naquele dia com aquele blá-blá-blá de sermos amigas de

verdade e que você me contava tudo o que acontecia na sua vida! Até parece! Que bela mentira!

– Des... desculpe de verdade, Joey! Foi só uma vez. Não ia acontecer de novo – Tiff murmurou.

– Bem, mas é óbvio que não foi só uma vez agora – bufei e olhei para Seth.

– O quê? Tiffany me pediu para não contar nada – Ele ergueu os ombros. – Ficou com vergonha. Ela não quer nenhum tipo de ligação com um nerd. – Seth parecia chateado agora de novo.

– E eu pensei que você não queria nada comigo – Tiff sussurrou.

– Ah, até parece. Que cara não iria querer uma garota alta, loira, linda, sexy, esperta e divertida? – ele retrucou sarcástico, franzindo a testa com toda a força.

Tiff olhou para ele, um pouco surpresa, mas feliz.

– Você sabe... Eu meio que prefiro homens sexy, loiros e nerds. – Ela disse olhando diretamente para Seth, fazendo com que ele desfizesse a careta e sorrisse para ela.

– Aaaaiiii, que fofo! – Dei risadinhas da minha cama.

Cada um deles pegou um travesseiro e jogou na minha cabeça.

– Joey, dá para você parar com isso? – os dois gritaram para mim ao mesmo tempo.

– E será que você poderia ir embora para gente poder ter uma reconciliação mais "calorosa"?? – Seth acrescentou.

– Seth! – Tiff berrou e tentou dar um leve soco no braço dele, mas Seth a pegou pela mão e a puxou para mais perto, envolvendo-a com seus braços.

– É, dá para ver que as brigas não vão parar mesmo... – murmurei para mim mesma.

– Sério, Joe. Cai fora – Seth ordenou, olhando para Tiffany com olhos famintos.

– Tudo bem, tudo bem. Vou sair. Que pena. Só me prometam que não vão se matar depois que eu sair – falei caminhando até a porta.

– Vamos tentar – eles disseram ao mesmo tempo, os olhos presos um no outro. Eu podia ver que assassinato não era exatamente o que passava pela cabeça deles naquele momento. E eu não precisava me preocupar em ajudá-los. Eles estavam se virando muito bem por conta própria.

## capítulo vinte e quatro

### O baile da primavera

Seth convidou Tiffany para sair na noite seguinte, em um encontro oficial. Era tão engraçado vê-los todos empolgados porque iam sair juntos. Eles passavam o tempo todo grudados, na escola, na mesa do almoço, de bobeira no meu quarto, mas aparentemente estarem em um encontro era uma coisa totalmente diferente.

Fiquei acordada até tarde, esperando por Seth com Tristan. Parecia que estávamos mais ansiosos do que pais à espera do filho.

Já que Tristan estava agindo como se nada tivesse acontecido debaixo do carvalho naquela tarde, decidi que era melhor não tocar no assunto. Ele provavelmente não tinha ouvido nada. Mesmo assim, às vezes eu o flagrava dando umas espiadelas na minha direção, mas sempre com um sorriso tímido nos lábios e eu soube que, independentemente do que aquilo significasse, ele não estava chateado.

Quando Seth enfim voltou, tinha um enorme sorriso estampado no rosto.

Ele estava tão feliz enquanto nos contava sobre seu romântico encontro com Tiffany. Antes de conhecer Tristan, eu nunca havia entendido o porque de todo o alvoroço ao redor do tema romance. Achava que era algo bobo e sem importância. Também não sabia o que a palavra desejo realmente significava. E agora eu estava apaixonada pela primeira vez na minha vida, e todas essas coisas de romance e desejo de repente passavam

a fazer mais sentido. Mesmo sem saber ao certo se Tristan sabia do que eu sentia. Ou como ele se sentia a meu respeito.

O resto da semana foi preenchido pelo frenesi dos preparativos para o baile. Todos pareciam superempolgados, enquanto eu ainda não fazia a menor ideia de com quem eu iria. Eu continuava me esquivando de todos os garotos que tentavam chegar perto, mas o sábado se aproximava e eu ainda não havia encontrado uma solução para o meu problema. Tristan também não tocava no assunto. Aos poucos, percebi que do jeito que as coisas estavam indo, ia acabar indo ao baile sozinha.

Dois dias antes da festa, esbarrei em Seth no caminho para o meu quarto e ele me disse que por pouco eu havia me desenhado da minha avó. Após algumas perguntas, descobri que a minha "avó" era, na verdade, Dona Violeta. Fiquei muito chateada por ter perdido a visita de Dona Violeta, principalmente porque ela deveria ter descoberto alguma coisa sobre a minha situação. Seth também disse que Tristan estava me procurando por toda a escola, mas não conseguia me encontrar.

Quando entrei no quarto, encontrei Tristan sentado na cama, olhando para o chão, com um olhar assombrado.

– Ei. Seth me disse que você estava me procurando. E que eu acabei me desenhando da Dona Violeta. Há algo errado? – perguntei, preocupada com o olhar sombrio no rosto dele.

– Me diga você – ele replicou, curto e grosso. Seu tom era ácido. Cortante.

– Vo... você está bravo – constatei.

– Como você é esperta – ele retrucou seco.

– Tris, não sei qual é o problema...

– Você mentiu pra mim – ele me interrompeu.

Olhei para ele, surpresa. Então me lembrei da última ligação que havia feito para Dona Violeta, pedindo ajuda com meus pesadelos.

– Dona Violeta contou para você. Que eu ainda estou tendo aqueles sonhos. – Aos poucos, me dei conta do que estava

acontecendo.

– Por que você não me contou? – ele perguntou de forma brusca. Ele parecia se sentir traído.

– Des... desculpe, Tristan. Eu não queria preocupar você – murmurei, mas ele me cortou de novo.

– Você tem sonhado com ele esse tempo todo. Ele está caçando você enquanto você dorme. *Ele está caçando você*. E por minha causa! Para me pegar! E você achou melhor não me contar? – ele disse com raiva, elevando o tom da voz.

– Tris, não é isso, você não está entendendo! Eu só queria proteger você.

– Exatamente. Mas sou eu quem deveria protegê-lo! Você não confia em mim. Você preferiu pedir ajuda para aquela senhorinha a pedir para mim.

Ele se levantou de repente, com os punhos cerrados e uma sombra escura cobrindo o usual brilho de seus olhos.

– Quer saber de uma coisa? Não quero mais falar sobre isso. Preciso tomar um ar. – Ele caminhou em direção à porta, com uma expressão atribulada no rosto. Centenas de pensamentos e emoções passavam por seus olhos cinzentos. – Acho que precisamos repensar as coisas entre nós – ele disse e ainda havia uma ponta de raiva em sua voz, mas também muita, muita tristeza.

– Tris, por favor, você está exagerando! Não pode me dizer isso só porque não lhe contei sobre uns sonhos idiotas! – implorei e por um segundo outra coisa passou rapidamente pelos olhos de Tristan. Algo que ele não estava me contando. – O que a Dona Violeta falou? Ela descobriu algo?

Ele cerrou os dentes e evitou olhar diretamente para mim.

– Ela disse que sente muito, mas que não há nada que possa fazer para ajudar. Você pode ligar para ela e ouvir com seus próprios ouvidos, já que está bem claro que você não confia em mim – ele retrucou secamente e saiu batendo a porta.

Sentei na cama em estado de choque. Não sabia o que fazer, o que dizer para consertar as coisas. Eu tinha estragado tudo ao esconder meus sonhos de Tristan esse tempo todo. Tentei

encontrá-lo na hora do jantar, mas ele não apareceu e esperei no nosso quarto até bem tarde, deitada na cama, olhando para o teto no escuro, com o coração pesado como se houvesse chumbo em cima dele. Ele por fim chegou tarde da noite e foi direto para a cama sem falar nada. Mordi os lábios em meio à escuridão, me segurando ao máximo para não chorar. Isso era só um grande mal-entendido! Eu conversaria com ele no dia seguinte, resolveria toda essa confusão. Era isso que eu repetia para mim mesma sem parar até que mergulhei em outra noite de sono agitado.

Eu não poderia estar mais errada. No dia seguinte, as coisas não estavam nada melhores. Tentei conversar com Tristan antes do café da manhã, mas ele não me deu atenção. Tristan se fechou com tanta intensidade que eu não conseguia mais nem decifrar o que se passava em seus olhos. Nas breves ocasiões em que ele olhou para mim, tudo que podia ver era um vazio gelado em seu olhar.

Não o vi durante a maior parte do dia e nas aulas que tínhamos juntos ele se sentou em um canto distante, longe de mim. Ele chegou até mesmo a matar os ensaios da banda e mais uma vez voltou para o quarto tarde da noite, quando tinha certeza de que eu já estaria na cama. Ele parecia uma sombra do garoto de antes. Sua postura pesava de preocupação e as poucas ocasiões em que seu rosto demonstrava alguma expressão era de uma ansiedade apreensiva. Ela parecia tão perdido, tão sozinho, meu coração doía ao vê-lo daquele jeito. Mas ele ainda não me deixava lhe dizer nada, nem mesmo me dava uma chance para me desculpar.

O dia do Baile de Primavera me pegou de surpresa de tão focada que eu estava em meus problemas com Tristan. Tiffany percebeu que havia algo errado com a gente, mas não me pressionou para saber o que era. Acho que ela presumiu que Tristan havia dito que não me amava. De qualquer forma, eu não podia dizer qual havia sido o real motivo da nossa briga. Ela não sabia a verdade sobre como Tristan havia surgido em minha vida.

Passei o dia inteiro no quarto de Tiffany, vendo-a experimentar vários vestidos para o baile. Ela estava bastante empolgada porque iria com Seth. Vê-la feliz fez com que meu coração ficasse um pouco mais leve. Quando ela finalmente escolheu um belo vestido de renda cor de creme, e sapatos, bolsa e joias que combinassem com a roupa, lhe dei as más notícias:

– Tiff, espero que você me perdoe, mas acho que não vou ao baile. – Ela imediatamente fechou a cara para mim.

– Ah, Joey, qual é! Você também? Vocês estão agindo como dois bobos por causa dessa briga! – Tiffany colocou as mãos na cintura, chateada. – Tristan também não vai. Ele disse para Seth que não tinha terno, então arranjei um terno pra ele e mesmo assim ele não vai. Foi então que Seth descobriu sobre a briga de vocês. Ele tem tentado conversar com Tristan, mas me contou que ele anda bem recluso e calado. Como você. – Tiffany sentou na cama. Comecei a protestar, mas ela me cortou. – Sei que você não quer falar sobre isso, já entendi. Quero só que você saiba que estarei aqui sempre que precisar, ok? – Ela colocou uma das mãos sobre a minha.

– Obrigada, Tiff – murmurei. – Mas, de qualquer forma, eu não ia mesmo com Tristan. Você sabe que não poderíamos fazer isso, já que o resto da escola acha que somos parentes. E eu me sentiria mal se fosse com qualquer outra pessoa.

– Bem, Harry, Sam e Josh me disseram que dariam um fora nos pares deles na mesma hora se você escolhesse um deles pra ir ao baile! – Ela sorriu para mim.

– Puxa. É bom saber que eles se importam tanto assim comigo. Mas eu não teria coragem de fazer isso com as meninas. – Abri um sorriso pálido. – Não sei, Tiff. Vou decidir mais tarde o que fazer, tudo bem? Agora vou tomar um banho, esfriar um pouco a cabeça e mais tarde eu volto para ver você arrumada, combinado?

Voltei para um quarto vazio. É claro que Tristan não estava lá. Aquele lugar era o símbolo perfeito da maneira como eu me

sentia nos últimos tempos. Vazia e solitária. Tomei meu banho em um estado atordoado e entorpecido.

Mas eu não ia chorar por causa dessa história. Tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde Tristan iria me procurar para conversar e iríamos nos acertar e tudo voltaria ao normal. Deixei o banheiro vestida com meu velho moletom e fiquei olhando Seth se emperiquitar até o ponto de dar nos nervos. Mas, no final, ele ficou incrível e acabei concordando que todo aquele esforço havia realmente valido à pena. Ele vestia um terno preto feito sob medida, uma camisa azul escura e uma gravata da mesma cor, só que mais clara. O cabelo loiro estava, como sempre, impecavelmente penteado em um topete para cima. Tiffany ficaria ainda mais louca por ele quando o visse.

O baile estava prestes a ter início, por isso acompanhei Seth para buscar Tiffany. Eu queria ver a cara dela quando visse Seth todo arrumado, bem vestido e lindo como estava! Sorri ao imaginar como os outros meninos ficariam bonitos em roupas de gala. Era uma pena eu não estar lá para vê-los.

Seth bateu na porta do quarto de Tiff e esperamos pacientemente. Quando ela abriu a porta, nossos queixos caíram. Tiffany estava mais do que maravilhosa! Parecia uma princesa saída de um conto de fadas! Os cachos loiros estavam ainda mais bonitos e os lábios cobertos por um *gloss* cor de rosa que os deixava ainda mais carnudos. Seth perdeu o ar, se engasgou e gaguejou um cumprimento enquanto tentava tirar o sorriso idiota do rosto. Eles eram tão fofos juntos, o casal mais lindo que eu já tinha visto!

Mas antes de eles saírem para o baile, Tiff fez uma última tentativa de me convencer a ir, apontando para o meu vestido vermelho, que ela havia colocado em cima de sua cama, mas balancei a cabeça, triste. Depois que eles deixaram o quarto, sentei na cama e comecei a ouvir a música que vinha do andar de baixo.

Eu refletia sobre os acontecimentos dos últimos dias enquanto a música entrava pelas janelas e não sei exatamente quando nem como mudei de ideia. Mas, de repente, tudo que eu sabia é

que não ia ficar ali sentada, sozinha e deprimida no quarto da Tiff. Eu não iria perder a oportunidade de aproveitar essa festa! Isso não era o que minha mãe tinha me ensinado. Ela sempre me dizia para aproveitar todas as possibilidades da vida. E era exatamente isso o que eu ia fazer. Eu não precisava de um par para ir àquele baile, eu podia muito bem ir sozinha.

Antes que eu mudasse de ideia, vesti meu belo vestido vermelho. Naquela noite, eu não me vestiria para Tristan, nem para nenhum outro garoto. Aquela noite seria só minha. Eu me arrumaria apenas para mim e para mais ninguém. E eu não ligaria se as pessoas me olhassem com pena porque eu estava sem par. Se Tristan não ia ser o meu par, então era melhor ir mesmo sozinha.

Tiffany separou um lindo colar de pedras vermelhas com brincos combinando para me emprestar, colocados com cuidado próximo ao vestino na cama. Eu os coloquei e soltei o cabelo, além de passar um batom em tom de rubi, da mesma cor do vestido.

Estava muito nervosa, mas também empolgada, quando respirei fundo e atravessei as grandes portas do salão de baile. Vi Tiffany e Seth da entrada. Eles se viraram para me ver e então, como em uma daquelas cenas saídas de filme quando todo o salão fica em silêncio vendo a heroína entrar, todos se viraram para me ver enquanto eu cruzava o salão. Sem graça, abri um pequeno sorriso para Tiff, caminhando até onde ela estava, sem olhar para a multidão que me observava em silêncio. Tiff sorria de orelha a orelha e após algum tempo a maioria das pessoas pararam de olhar e voltaram a aproveitar a festa. Ainda assim ainda haviam algumas olhadas discretas de curiosidade e algumas pessoas aos cochichos, provavelmente comentando sobre minha patética vinda ao baile sozinha.

– Muito obrigada pela ajuda – sussurrei no ouvido de Tiff e a abracei. – E obrigada por também me emprestar suas joias. São lindas. – Apertei a pedra do meu colar. Ela balançou a cabeça, ainda sorrindo. – E então, como estou? – Fiquei diante de Seth e lhe dei um abraço apertado. Ele estava boquiaberto.

– Você está de brincadeira? Não viu a reação das pessoas? Você está... incrível!

– Está mesmo! – Tiff deu uma cotovelada em Seth ao mesmo tempo em que sorria largo para mim. – Estou quase com ciúmes.

Olhei ao redor. Algumas pessoas ainda olhavam e sussurravam na minha direção, porém os olhos delas cintilavam com admiração e inveja. Achei então que eu deveria considerar aquelas reações como elogios.

Seth estalou os dedos do nada, como se acabasse de lembrar de alguma coisa.

– Preciso dar uma saída, mas volto já, gente! – E se afastou de nós antes que pudéssemos dizer qualquer coisa.

Tiff pegou na minha mão e me fez rodopiar devagar, fazendo com que a saia do meu vestido rodasse ao redor dos meus joelhos. Meu vestido não era tão longo quanto o de Tiffany, batia na altura dos joelhos, mas era muito mais decotado...

– Você sabe que deveria ser um de nós fazendo isso com Joey – Josh caminhou na nossa direção. Ele se referia ao rodopio. Sam e Harry estavam logo atrás dele, ambos com um brilho nos olhos.

– Ah, meu Deus! Olhe só para vocês! – Dei um gritinho ao me virar para vê-los. – Estão incríveis de terno! – Dei um passo para trás para admirá-los por inteiro. Eles olharam de volta para mim com sorrisos safados nos lábios.

Os Lost Boys vestiam ternos escuros com camisas de cores diferentes. Josh era o mais arrumado, com o terno abotoado, camisa branca, gravata e sapatos sociais. Sammy não usava gravata e já tinha se desfeito do paletó, usava apenas sua camisa verde-escuro. Harry também estava sem o paletó e era o único que usava tênis. Ele vestia uma camisa vermelha escura, que combinava com seu cabelo e calça social pretas. As mangas haviam sido dobradas até os cotovelos, o que lhe dava uma aparência casual. Todos eles olhavam fixamente para mim. Em especial para meu decote.

– Vocês prometem que vão dançar pelo menos uma vez comigo hoje? – perguntei enquanto abraçava cada um deles.

– Só se eu for o primeiro. E só se for agora! – Harry me deu o braço e me conduziu até a pista de dança.

– Como assim? Tipo agora mesmo? – eu quis saber.

– É! Agora mesmo! Você tem outra coisa para fazer? – Ele sorriu para mim. – Se eu não garantir minha dança com você agora, não vou ter chance depois. Vou ter que disputar você com todos os outros caras do salão.

– Mas... mas, Harry, e a menina que veio com você? Você não deveria ver isso com ela primeiro?

– Por quê? Não sou casado com ela! E todas as minhas garotas sabem que *a galera da minha banda* sempre vem em primeiro lugar. – Harry me puxou para mais perto dele. Era uma dança lenta. – E eu já dei o cano nela essa noite pra dançar com Josh! *A minha banda* é sempre prioridade número um. – Ele piscou brincalhão para mim.

– Sei. *A sua banda*. – Ri baixinho por Harry me colocar no mesmo patamar que Josh.

Dancei duas vezes com Harry, uma música lenta e outra agitada, e depois foi a vez de Sam, seguido por Josh. Os meus Lost Boys eram incríveis! Todas as minhas preocupações desapareciam quando eles estavam por perto. Eu estava me divertindo muito, mas Tristan ainda era um pensamento permanente no fundo da minha mente, mesmo enquanto eu dançava com meus amigos.

Após várias danças, pedi um tempo e tentei achar uma cadeira para descansar um pouco, mas alguém me puxou pelo braço, o que me fez quase tropeçar de volta para a pista de dança.

– Ei, eu também não vou ganhar uma dança? – Seth me lançou um sorriso gentil e colocou um dos braços ao redor da minha cintura. – Me disseram que todos os membros da banda tiveram a chance de dançar com você essa noite.

– Claro! Você pediu permissão para o seu par? – brinquei.

Ele soltou uma gargalhada.

– Na verdade, pedi sim. – Ele fez um gesto com a cabeça na direção de Tiffany. – Tenho total permissão do front Worthington.

Dançamos uma música agitada e quando a música terminou, uma outra, lenta, teve início. Seth deu uma olhada rápida ao redor e me girou pela pista de dança mais uma vez.

– Só mais uma dança e eu deixo você ir – ele prometeu. Um plano diabólico parecia dançar em seus olhos castanhos. Estávamos dançando por pouco mais de um minuto quando Tiffany esbarrou na gente com toda a força.

– Opa! Mil desculpas! – Ela também tinha um sorriso enigmático nos lábios e um brilho nos olhos. – Puxa, espero não estar intrometendo, mas preciso conversar com Seth urgente. – Foi só então que eu notei com quem ela dançava: Tristan! – Ei, Tristan, por que você não continua dançando com Joey enquanto eu converso com Seth? É uma coisa muito importante! Vejo vocês depois! – Ela o empurrou para a frente enquanto Seth também me deu uma leve cotovelada. Tropecei e quase caí com as mãos estendidas contra o peito largo de um Tristan igualmente surpreso.

Olhei para ele com os olhos arregalados. Ele estava inacreditavelmente bonito com um terno preto feito sob medida e gravata preta. Perdi a fala. Eu ainda me apoiava em Tristan, com as mãos no peito dele, quando me lembrei de que ele ainda estava com raiva de mim, então retirei minhas mãos depressa e dei um passo para trás. Ele olhou para Seth e Tiffany se afastando, franziu a testa e então finalmente virou-se para mim.

Ele pareceu surpreso por um momento, mas então um brilho de admiração passou por seu rosto. O olhar vazio havia desaparecido.

– Então... Acredito que deveríamos estar dançando? – perguntou baixinho, seus olhos caminhando pelo meu vestido até subir para encontrar meu rosto. Parecia ter momentaneamente esquecido nossa briga, pois seu olhar queimava de desejo.

– Claro. Se você quiser... – murmurei, sentindo-me corar levemente. Tristan deu um passo à frente e colocou levemente as mãos na minha cintura enquanto as minhas repousavam nos ombros dele.

– Seth foi até o nosso quarto e disse que eu precisava vir ao baile, senão Tiffany iria ficar muito chateada comigo, por ter me arranjado o terno e tudo mais... – ele disse em um tom baixo, balançando a cabeça, enfim entendendo a armação dos dois amigos. – Você teve alguma coisa a ver com isso?

– Não! Claro que não! Eu não tinha a menor ideia do que eles estavam tramando! – respondi, ofendida com aquela acusação.

Ambos ficamos tensos, o tom desta conversa nos lembrando das palavras ásperas que havíamos trocado alguns dias antes.

Ele então voltou a dançar comigo e, mais uma vez, pude ver preocupação, excitação e dúvida se alternando em seu rosto. Mais do que tudo, ele parecia culpado, como se não devesse estar fazendo aquilo. Mas suas emoções era tão intensas que ele estava perdendo controle. Tinha receio de que Tristan fosse embora a qualquer momento, mas ele continuava a guiar os movimentos da nossa dança e eu seguia seus passos. Éramos os únicos na pista dançando valsa em vez de uma dança lenta, mas ele não parecia ter percebido ou parecia se importar.

– Você está linda – ele disse baixinho, como se estivesse falando consigo mesmo.

– Obrigada – sussurrei de volta.

A música lenta que tocava pelo salão falava sobre amor e vício, sobre pessoas que machucavam umas às outras. Sobre amantes que se reconciliavam, e como às palavras podem causar cortes profundos, como o silêncio pode ser ainda pior, capaz de nos assombrar para sempre.

Era como se a letra falasse diretamente conosco. Continuamos a dançar devagar e tudo ao nosso redor parecia desaparecer. Eu não me importava mais se todos pensassem que éramos irmãos dançando. Havia apenas ele e eu na pista de dança, nossos olhos nunca se desviando um do outro. Havia apenas o corpo dele junto ao meu, seu perfume que me intoxicava. Apenas seu

rosto se aproximando do meu, tocando suavemente o lado do meu rosto, seu hálito quente aquecendo meu pescoço, como se zombasse de mim, me torturando, provocando ondas de prazer pelo meu corpo.

A música terminou e Tristan ainda permaneceu junto de mim por mais alguns segundos, como se resistisse a acordar de um sonho, mas então ele lentamente se afastou, como se estivesse atordoado, sem ar, e com os olhos repletos de arrependimento.

– Não deveríamos ter feito isso. Preciso ir – Tristan disse com a voz rouca, se esforçando para soar frio e sem emoção outra vez. Ele se virou e me deixou ali, sozinha no meio da pista de dança.

Levou alguns segundos para que eu me desse realmente conta de que Tristan havia partido. Pisquei depressa, tentando acordar de meu estupor. Corri, seguindo seus passos como se eu fosse o príncipe em um conto de fadas.

– Tristan, pare! – gritei para ele. Consegui alcançá-lo na porta do salão. Como ele podia simplesmente ir embora assim? Depois de ter dançado comigo daquele jeito, depois de ter olhado para mim como ele havia olhado? Como ele poderia dizer que não deveríamos ficar juntos, fingir que não se importava comigo? Agora quem era o grande mentiroso?

Agarrei o braço de Tristan, fazendo com que se virasse para mim.

– Joe, o que você acha que está fazendo? – ele rosnou, puxando o braço para se livrar das minhas mãos, como se o meu toque o queimasse.

– Por que está agindo assim? – gritei para Tristan. Olhei ao redor e xinguei entredentes. As pessoas começavam a olhar com curiosidade em nossa direção. Eu estava fazendo uma cena. Precisávamos de um lugar para conversar, um lugar mais privado. Agarrei o braço de Tristan mais uma vez e o puxei para os jardins da escola.

Alguns minutos depois entramos no pequeno terraço que Harry havia me mostrado. A luz amarela caía suavemente sobre

o chão de pedra, escapando das janelas do prédio acima de nós. Fechei a pequena porta de metal atrás de Tristan.

– Podemos conversar livremente aqui, sem nos preocupar se alguém está nos ouvindo – falei.

Tristan deu de ombros, seu rosto uma máscara vazia e sem emoção, como se ele não ligasse a mínima se alguém pudesse nos ouvir ou não.

– Não temos nada para conversar. Não vejo porque me arrastar até aqui para nada...

– Precisamos conversar, sim, Tristan! – bufei, batendo o pé. – Você não pode continuar me tratando assim! Já lhe pedi desculpas por não ter contado que os meus pesadelos tinham continuado. Eu não queria deixar você preocupado, só isso!

– Olha só, Joe. É tudo muito simples. Você mentiu pra mim. Você disse que os pesadelos haviam parado. Está muito claro que você não confia em mim. Então vamos parar de fingir, ok? *Isso* nunca vai funcionar! *Nós* nunca vamos funcionar! Por que você não consegue entender isso? – ele deixou escapar, passando uma das mãos pelo rosto, frustrado.

– Não vamos funcionar só porque eu não lhe conto os meus sonhos? Isso não faz o menor sentido! – retruquei ainda mais frustrada do que ele.

– É isso mesmo. Não nascemos para ficar juntos! Eu não queria dizer isso, mas você não me deixou outra escolha – ele exclamou, perdendo a paciência e logo em seguida deixou escapar um longo suspiro. – Vamos apenas... voltar ao que éramos antes, sabe, apenas amigos. Você finge que é minha irmã, eu finjo que sou seu irmão e que somos bons amigos. Vamos ficar assim.

– Você não quis dizer isso. – Deixei os braços cair ao lado do corpo em abandono. – Sei que não quis dizer nada disso, Tris! Por que você dançaria daquele jeito comigo se não queria nada comigo de verdade?

Ele enfiou as mãos no bolso, na defensiva.

– Aquilo foi um erro. Não acontecerá de novo. Foi só... o efeito do feitiço. Eu me deixei levar pelo momento, foi só isso.

Não significa nada. – Ele desviou o olhar.

Ele estava apenas a alguns metros de mim. Eu me aproximei devagar, com a voz trêmula de nervosismo.

– Tris, por favor... Só peço que você olhe nos meus olhos e repita o que disse. Sei que não vai conseguir. Sei que não é isso o que você quer de verdade – implorei.

Ele fixou o olhar com toda sua força em mim.

– Olhar nos seus olhos? Para que você possa ver se estou dizendo a verdade, Joe? É isso? – ele perguntou com um misto de desdém e fúria. Quando Tristan me encarou, nós dois sabíamos que eu podia ver tudo que ele estava sentindo. Ele se sentia enganado, traído, roubado de seus sentimentos mais íntimos e pessoais. – Eu queria poder fazer esse seu truquezinho, Joey. Se pudesse, eu já teria visto há muito tempo a grande mentirosa que  *você*  é de verdade! Quer saber se eu estou mentindo agora? Então olhe bem pra mim!  *Não podemos ficar juntos!*  Deu pra ver se estou falando sério agora? – Tristan deu um passo para a frente, ficando a um centímetro do meu rosto. Sua raiva fez com que eu me afastasse, recuando até bater contra a porta de ferro atrás de mim. Consegui ver bem em seus olhos a mais pura verdade. Todas as palavras que saíram de sua boca eram sinceras. Ele achava realmente que não deveríamos ficar juntos.

Meus olhos se encheram de lágrimas que ameaçavam cair.

– Então você nunca quis ficar comigo? Por que você me fez acreditar que se importava comigo? – perguntei, trêmula. Podia sentir uma única lágrima escorrer por uma das minhas bochechas e odiei não poder contê-la. Eu não queria chorar. Não daquela forma. Não naquele momento. Não na frente dele.

Os olhos de Tristan ainda estavam fixos nos meus quando perguntei a ele mais uma vez:

– Por que me deixou amar você assim? – sussurrei, tão triste que pude sentir a frágil pergunta partir ao mesmo tempo o coração dele e o meu.

O cinza dos olhos dele cintilou com uma dor imensa.

– Não *deixei* que você fizesse nada. Você fez isso sozinha – ele rebateu com frieza. – Você não deveria ter deixado as coisas chegarem a esse ponto, Joey. – Tristan desviou os olhos e a voz dele se tornou um pouco mais suave, como se ele se arrependesse daquelas palavras, ou se arrependesse de reconhecer a veracidade daquele fato. – É melhor pararmos por aqui e impedir que as coisas acabem indo além do que já foram. Eu simplesmente não sinto o mesmo por você – Tristan sussurrou em um tom inflexível.

– O jeito com que você dançou comigo hoje naquele salão de baile não era o de alguém que não se importa – falei entredentes. Eu havia visto a paixão nos olhos dele enquanto dançávamos. Pude senti-la.

– Por que você continua insistindo nisso? – ele implorou, baixando a cabeça, angustiado.

– Porque você está escondendo alguma coisa.

Os olhos dele se ergueram na minha direção por um segundo, mas ele logo os desviou, como se os meus olhos queimassem os dele.

Mas ainda assim consegui ver medo, desespero e algo mais que me intrigou. De início achei que fosse o meu próprio sentimento refletido nos olhos cinza de Tristan. Mas então eu soube. A emoção que eu vira era dele. Enterrada lá no fundo, coberto por camadas e mais camadas de dor. Eu vi amor.

– Você está mentindo. Posso ver. Você se importa. Mais do que isso. – eu disse para mim mesma, mas Tristan estava tão próximo que pode me ouvir. A raiva voltou, tomando conta de todo seu rosto, dando aos seus olhos um brilho cortante e perigoso.

Ele pegou meus pulsos com força e me empurrou contra a porta de ferro. Fiquei tão chocada que não consegui reagir. Não fui capaz de dizer nada. Jamais pensei que Tristan fosse capaz de me machucar daquela forma. Com todas as minhas horas de treinamento em artes marciais, eu me sentia impotente naquele momento, incapaz de reagir. Porque a agressão vinha de quem eu nunca esperaria. Do garoto que eu amava.

– Você sempre foi capaz de ler os meus sentimentos só de olhar pra mim, não é? Você mentiu pra mim durante todo esse tempo e agora me acusa de ser um mentiroso? Será que você não percebe? Não existe confiança. Não há futuro para nós. Como você consegue pensar que nós dois funcionaríamos juntos? – ele disse com desespero, ainda me segurando.

– Tris! Por... por favor... – Chorei. Ele me odiaria para sempre agora que sabia que eu sempre pude ver seus sentimentos. Eu sempre pude ver a verdade em suas emoções.

Os olhos dele cintilaram cheios de dor e lágrimas contidas. Toda a minha força se esvaiu ao ver o tamanho da dor que ele sentia.

– Des... desculpe-me por eu ter mentido... Jamais quis machucá-lo – sussurrei entre soluços. – Eu amo você.

Os olhos de Tristan procuravam desesperadamente por algo em mim, tantas emoções passando em seu rosto. Eu não era mais capaz de decifrá-lo. Eram muitas emoções para que eu pudesse decifrá-las todas ao mesmo tempo, muito rápidas, intensas, esmagadoras. Antes que eu pudesse dizer algo, ele cobriu meus lábios com os dele, me pegando totalmente de surpresa e me chocando com a urgência com que sua boca clamou pela minha. Permaneci congelada em meu choque, por um segundo, mas logo meu corpo começou a reagir. A sensação do beijo era tão extraordinária que eu logo me rendi a ela e a Tristan.

Senti seus lábios famintos, sua necessidade, sua avidez naquele beijo. Podia sentir o desejo nas palmas dele, procurando por mim. Seu corpo pressionava o meu com força contra a porta, e em todo lugar que me tocava, deixava minha pele queimando em ondas de fogo que ferviam todo meu sangue. Esse não havia sido nada parecido com nosso primeiro beijo, aquele beijo quase casto, suave e doce que parecia ter acontecido tanto tempo atrás. Esse era um beijo de um homem que se afogava e eu era sua última esperança, eu era seu ar. Ele me beijava como se fosse a última vez. Um beijo desesperado, sem esperanças.

Ele se afastou, sem fôlego e parecendo chocado com o que acabara de fazer, seus olhos repletos de uma tristeza de partir o coração e ele balançou a cabeça levemente, como se tentasse afastar a dor de si.

Ergui uma das mãos para Tristan, tentando fazê-lo entender que tudo ficaria bem contanto que ficássemos juntos, mas ele recuou e caminhou para a outra extremidade do terraço, o mais longe possível de mim, me dando as costas. Ele agarrou o parapeito de pedra com ambas as mãos, tremendo como se lutasse contra um demônio que o destroçava por dentro.

Alguns segundos se passaram e não pude mais suportar o silêncio, nem a distância entre nós. Então, comecei a andar em sua direção, para abraçá-lo e fazer com que toda sua dor fosse embora, acabar com seu sofrimento..

No entanto antes que eu conseguisse chegar muito perto, ele se virou para mim depressa, com o rosto e os olhos completamente esvaziados de qualquer emoção. Ele havia se fechado outra vez, bloqueando qualquer sentimento de mim. Seu olhar vazio era como um tapa em meu rosto.

– Desculpe, Joe, mas não podemos continuar com isso. Não podemos ficar juntos. Você tem que aceitar isso – ele disse frio, firme e inabalável.

– O... o quê? Não! Tristan, por favor! Não! Nunca mais vou mentir pra você! Prometo! Por favor! – implorei enquanto me aproximava dele mais uma vez. Eu não ligava mais se estava chorando ou se soava patética, fraca, implorando por uma chance. Eu suplicaria! Faria o que fosse preciso. Ele balançou a cabeça e passou por mim sem me lançar um segundo olhar. Ele se afastava de mim. De nós. Ele estava me deixando.

– Tristan, por favor! Não faça isso! Não vou esconder mais nada de você! – falei enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Tristan se virou para mim, mas os olhos dele continuaram sem emoção, gelados e cinzentos como rochas. Olhos de diamante, joias cintilantes e raras, com nada mais do que frieza dentro delas.

– Desculpe, mas é melhor pararmos com isso agora. Você verá que é o melhor para nós. – Ele tentou me convencer. – Você acha que me ama agora, mas logo irá se esquecer de mim. Não nascemos para ficar juntos, Joey. – A determinação e certeza em sua voz quebraram meu coração em um milhão de pedacinhos.

– Tris... por favor. Eu amo você. Sei que você me ama também. Posso ver nos seus olhos...

– Você está certa. Eu a amo também. Mas só amar não é o suficiente. – Ele se virou para ir embora.

– Se você me der as costas agora, quando eu mais preciso de você...

– Você fará o quê, então?

– Então não haverá mais volta, Tristan! – implorei uma última vez.

– Ótimo. É assim que deve ser. – Ele abriu a porta e foi embora, me deixando para trás no terraço, destruída e sozinha.

## capítulo vinte e cinco

### Sem volta

Fui até o quarto de Tiffany e sentei do lado de fora da porta no chão de pedra fria, esperando por ela. Não queria voltar para o baile, nem para o meu quarto, para não correr o risco de cruzar com Tristan em qualquer um desses lugares.

O corredor estava escuro e vazio. Não sei por quanto tempo fiquei ali no chão, mas estava aliviada por não estar mais me esgoelando quando Tiffany finalmente me encontrou. Ela me deixou entrar no quarto com uma expressão preocupada. Passei aquela noite no quarto dela. Tentei dormir, mas tudo que consegui foi deitar de olhos abertos, pensando em Tristan e em tudo o que havia acontecido naquela noite.

O dia seguinte foi um domingo e passei o tempo todo no quarto de Tiffany, encolhida na cama. Não queria ver nem falar com ninguém. Eu estava perdida. Não conseguia parar de pensar nas palavras de Tristan. Elas não saíam da minha cabeça, me deixando louca. *Nós não nascemos para ficar juntos.*

À noite, reuni coragem para deixar o quarto e fui jantar com Tiff e Seth. Não tinha comido nada o dia todo, apesar de Tiffany me oferecer alguns lanches. Sentia um nó no estômago e a garganta apertada, que recusava comida. Quando chegamos à cantina, vi que Seth estava muito preocupado. Ele disse que não via Tristan desde o baile. Não consegui evitar de me preocupar também.

Quando eu estava prestes a sugerir que começássemos a procurar por Tristan, ele entrou na cantina com Carolina a tiracolo. Ela gargalhava e soltava risadinhas, apoiando-se nele, de braços dados. Ele olhou de relance para a nossa mesa, porém mais que depressa escolheu o que queria comer e se sentou do outro lado do salão, de costas para a gente. Ele parecia relativamente normal, talvez um pouco cansado, mas sua expressão não demonstrava nem uma sombra de preocupação ou tristeza.

Seth e Tiff trocaram olhares preocupados. Podíamos ouvir as risadinhas de Carolina ao longe e me senti lívida. Eu me levantei, pedi licença e corri o mais rápido que pude para longe daquela cena horrorosa. O que ele estava fazendo com aquela garota? Meu coração revirou ao ver Carolina se apoiar nele, toda provocante. Passei mais aquela noite no quarto de Tiffany, mas fingi já estar dormindo quando ela voltou do jantar. Não queria conversar sobre o que tinha acontecido, sobre o que aquilo poderia significar. As possibilidades eram todas muito terríveis para que eu as enfrentasse. Mordi os lábios e cerrei os punhos bem apertados, tentando conter as lágrimas a noite inteira.

Acabei conseguindo dormir por algumas horas, em exaustão, pouco antes do amanhecer. Na segunda-feira de manhã, eu sentia como se um caminhão tivesse passado por cima de mim. Todo meu corpo doía. Tiffany olhou para mim preocupada durante todo o caminho até a cantina, mas ainda não se arriscou a falar comigo. Dei graças a Deus por isso. Ela me fez comer algo, que forcei goela abaixo com um pouco de suco de laranja para dar logo o fora dali e ir para a aula.

Caminhávamos pelo corredor para nossa sala quando vimos Tristan perto dos armários. Ele conversava com Carolina, que estava apoiada em um armário ao lado dele. Ela sorria toda tímida para ele, seus cabelos loiros caídos sobre os ombros, e uma blusa apertada de alcinha lhe cobria as curvas. Ela estava bonita. Carolina sempre estava bonita. Tristan se inclinou na

direção dela, e eu parei em sobressalto, pasma diante do que ele estava prestes a fazer.

Carolina também o olhava com olhos arregalados, mas maravilhada com o que estava prestes a acontecer. E então eu tive que testemunhar enquanto Tristan se inclinava ainda mais e a beijava, e ela se enrolando toda ao redor de seu pescoço, retornando o beijo em total êxtase.

Foi como se me faltasse o ar. Por um segundo, o mundo parou de girar. E quando voltou, tudo dentro de mim se partia e quebrava, deixando apenas destroços para trás. Tristan havia seguido em frente. Não tinha volta. *Nós não nascemos para ficar juntos.*

Ele terminou o beijo e sorriu para Carolina, do mesmo jeito que costumava fazer comigo, e logo em seguida eles seguiram em frente, caminhando pelo corredor, com os braços de Tristan em volta da cintura dela. Todos olhavam boquiabertos e fofocavam em sussurros a respeito da grande novidade. *Carolina finalmente havia pegado Tristan Gray.* Tiffany me pegou pelo braço e me puxou para um canto do corredor. Nem percebi que ela estava atrás de mim aquele tempo todo.

Ela tentou falar comigo e fingi ouvir, mas nada mais importava. Ela olhava para mim cheia de preocupação e temor, mas eu estava mortificada demais para reagir, ou até mesmo responder. Tudo ao meu redor parecia estranho e surreal. Como se tudo não passasse de um sonho. Um sonho muito ruim.

Eu me virei atordoada e a deixei falando. Lembro-me vagamente de caminhar até a minha primeira aula, sentar na cadeira e olhar para o professor e a lousa. Assisti a todas as aulas no piloto automático naquele dia.

Após a última aula, voltei para o meu próprio quarto. Tiffany e Seth apareceram por lá e conversamos um pouco, mas dei graças a Deus quando eles foram embora. Eu precisava ficar sozinha. Abri um caderno e escrevi durante o resto da tarde. Tinha uma música nova se formando em minha cabeça. Uma música que eu queria que os Lost Boys tocassem. A letra fluía à medida que me lembrava de tudo que havia acontecido no

terraço. Cada fala, cada palavra, cada emoção: tudo que Tristan havia me dito.

*"Desculpe, mas jamais quis ferir você."*(Eu podia ouvir as guitarras acompanhando a letra em minha cabeça.)

*"Há lágrimas nos seus olhos, elas caem enquanto você chora, mas está ficando tarde e tenho que ir."*(Imaginei a voz baixa de Tristan sussurrar a música para mim.)*"Não ficaremos juntos, este é nosso destino."*(Cantei baixo para mim mesma.)

*"Há algo que esconde de mim, mas não consigo ver, no vazio. Algo, frio, cortante, sombrio. Estou cega, perdida em uma noite que não tem fim, enfim."*(Escuto o baixo grave de Harry marcando cada palavra como a batida de um coração.)

*"Você precisa entender. Não podemos ficar juntos. Querida, será que não consegue ver?"*(Eu podia ouvir a voz vibrante de Seth.)

*"É como uma longa nota de violino, vibrante em uma noite triste. É como uma estrela que cai do céu escuro, reluzente. Querida, por que não consegue ver? A sua dor é como a minha. E sua música é a noite por nascer."*

E os versos seguintes seriam para Seth.

*"Você me abandona quando eu mais preciso e na mesma hora. Agora me deixe sozinha enquanto a tristeza me devora. Querido, será que não consegue ver? Não restou nada para mim."*

E Tristan.

*"Não há volta, esse é nosso destino. Agora é muito tarde. E este é o fim."*

Quando terminei a música, já era noite. Lembrei que tinha que comer, então me arrastei até a cantina. Eu não iria obrigar Tiffany a me receber por mais uma noite, por isso dormi no meu quarto. Tristan só apareceu bem tarde naquela noite, quando todas as luzes já haviam sido apagadas e Seth já estava no milésimo sono. Tristan andou devagar e em silêncio até a cama dele, tirando apenas os sapatos e deitando sem se importar em trocar de roupa e virado de costas para mim mais uma vez.

– Você não precisa continuar a fazer isso – eu disse baixinho para ele da segurança da minha cama.

Tenso, ele se virou com cautela. Eu não conseguia ver a expressão em seu rosto no quarto escuro.

– Ficar fora o dia inteiro e só voltar tarde da noite, quando todos estão dormindo. Você pode entrar e sair quando bem entender. Esse quarto também é seu – falei sem nenhuma emoção enquanto olhava para o teto.

Ele ficou em silêncio por um momento, mas então disse com suavidade:

– Desculpe pela maneira como a tratei naquela noite, Joey. Não foi correto agir daquela maneira, e peço desculpas. Eu não deveria ter feito algumas coisas... E também não deveria ter dito algumas coisas. Mas o fato continua o mesmo. É melhor que não nos envolvamos romanticamente. Espero que ainda possamos ser amigos. – Como não respondi, ele suspirou e voltou para a posição original, encarando a parede.

– Vi que você já seguiu em frente – deixei escapar.

– É – ele respondeu baixinho, ainda encarando a parede. – E você deveria fazer o mesmo.

Não soube o que dizer depois disso. Fiquei ali deitada por um longo tempo, encarando o teto, repassando em minha mente a cena em que ele beijava Carolina. Meu coração se enchia de raiva, expulsando qualquer outro sentimento, inundando por completo. Queria me levantar e partir para cima de Tristan, descontar minha raiva por tudo que ele havia feito. Queria que ele sentisse toda a dor que estava me causando. Então, de repente, tão depressa quanto veio, essa raiva inflamada era substituída por um entorpecimento gelado.

Passei os dias que se seguiram nessa montanha-russa de emoções. A indiferença e a raiva se revezavam dentro de mim. Parecia que Tristan e Carolina estavam oficialmente namorando. Eles estavam sempre juntos, para onde quer que eu olhasse, de mãos dadas, se beijando, apoiados um no outro, trocando carinhos, se tocando. Carolina estava no paraíso. Todas as

garotas lhe lançavam olhares de inveja e a parabenizavam por ter conquistado o garoto mais desejado da escola.

Eu tentava evitá-los o máximo possível. Focava nas minhas atividades escolares, nos deveres de casa e nos ensaios da banda para afastar a cabeça dos problemas. Tentava me manter ocupada para que talvez não doesse tanto.

Mostrei minha nova música ao restante dos Lost Boys na terça-feira e eles ficaram muito impressionados. Seth foi o que mais me parabenizou, embora eu pudesse ver a preocupação nos olhos dele. Ele sabia da história por trás da letra. Os garotos quiseram logo ensaiar a nova canção para que pudéssemos tocá-la no dia seguinte durante a aula de música. Havíamos passado a tocar nas aulas do professor Rubick todas as semanas para apresentar novas músicas ou mostrar o progresso das antigas. Quando a aula de música teve início na quarta-feira, uma pequena multidão esperava para nos ouvir tocar. Tristan não estava aparecendo nos ensaios, mas precisava ir às aulas, senão corria o risco de repetir de ano.

Ele chegou com Carolina a tiracolo.

Josh já havia montado sua bateria, e Seth, Harry e Sam estavam prontos para tocar. Sentei no piano e o professor Rubick fez um gesto para os alunos, pedindo silêncio. Tristan estava sentado próximo ao palco, sem se misturar à multidão, mas também sem se juntar à banda. Ele me observava com o olhar vazio de sempre. O professor berrou para a turma, fazendo todo mundo ficar quieto e eu me levantei para apresentar nossa nova música:

– Obrigada, professor Rubick. Temos uma música nova para mostrar a vocês. É apenas uma primeira versão e não tivemos muito tempo para ensaiar, mas esperamos que gostem. – Olhei para onde o professor estava, na frente do palco, bem perto de Tristan.

– Maravilhoso. De quem é a música? – o professor Rubick perguntou. Cada um dos membros da banda deveria trabalhar em uma música para passar de ano.

– Eu escrevi a música, professor. Mas devo dizer que a maior parte do trabalho foi feito pelo Tristan. – Eu me sentei no banco do piano, enquanto Tristan olhava para mim, perplexo. Ele não esperava por essa. Mas eu não mentia. Na verdade, a maior parte da música havia sido obra dele. Eu literalmente havia transcrito várias falas do discurso dele no terraço, na noite do Baile de Primavera.

Começamos a tocar e observei o rosto de Tristan, que antes parecia apenas desconcertado, tornar-se lívido. Terminamos de tocar e a sala explodiu em aplausos. As pessoas realmente haviam gostado da nova música. Era triste e bonita. Mas Tristan se levantou e foi embora sem dar nem uma única palavra, deixando para trás uma Carolina confusa que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo ao seu redor. Fiquei muito satisfeita com a reação da multidão, mas mais ainda com a de Tristan. Ele ficou muito transtornado. Ótimo. Isso significava que por trás daquele comportamento despreocupado, de quem não estava nem aí, Tristan ainda sentia alguma coisa, ainda que os olhos dele não me mostrassem mais nada.

Tiramos dez naquele dia e ele nem estava lá para ouvir a notícia.

Nas semanas seguintes, Tristan nos evitou, apesar de Seth tentar falar com ele em várias ocasiões. Ele simplesmente se esquivava em todas as tentativas. Ainda tínhamos algumas conversas curtas tarde da noite, mas sempre terminávamos da mesma forma: com ele me dizendo que eu precisava aceitar sua decisão. Que estava feliz com Carolina e que já era hora de eu seguir em frente e esquecer-lo.

Mas eu estava acostumada a lutar pelo que queria. Todas as vezes em que eu pensava em desistir, uma raiva profunda surgia dentro de mim. Eu alternava essa ira com um profundo entorpecimento melancólico. Fogo e frio. Isso me fazia pensar na tatuagem de Harry. Ondas bravias quebrando sobre labaredas. Duas forças que pareciam querer me consumir até que não restasse mais nada.

E, então, certo dia eu estava prestes a sair de um dos reservados do banheiro feminino quando entreouvi a voz de Carolina e uma de suas amigas líderes de torcida entrar no banheiro. Decidi permanecer dentro de meu cubículo, ouvindo a conversa delas.

– Não acredito, Carolina! – A amiga ria de uma forma repulsiva. – Então vocês finalmente fizeram? Vocês já estão juntos há um mês e você ainda não tinha conseguido levar ele para cama! Isso é um recorde!

Outra amiga delas deu uma risadinha do outro lado do banheiro.

– Bem, vocês conhecem Tristy. Ele é todo tímido e educado! Queria mostrar respeito, o que eu apreciei de verdade! Mas já estava bom de tanto respeito, né? Só os beijos dele já me deixavam louca! – disse Carolina enquanto eu mordida os lábios, enojada.

– E aí, como foi? – a amiga quis saber. Eu queria ficar surda naquele exato momento. Tentei tapar os ouvidos com as mãos, mas ainda podia ouvir as vozes esganiçadas delas.

– Ele é demais na cama! – Carolina disse dando um gritinho eufórico.

– Conta tudo para a gente! – a outra amiga gritou de volta.

Eu queria morrer. Queria morrer ali, naquele exato momento, quando Carolina começou a descrever com detalhes excruciantes tudo o que Tristan havia feito com ela. Como ele tinha um corpo incrível quando tirava a roupa. Como era maravilhoso transar com ele. Quando elas saíram do banheiro, fiquei lá dentro por algumas horas, tentando recuperar o que restava da minha sanidade. Aquele foi o golpe final para mim. Eu estava oficialmente desistindo de Tristan.

Ele estava com Carolina. Ele estava dormindo com ela. Tristan realmente havia passado para outra. Nós não havíamos nascido para ficar juntos.

Naquele mesmo dia passei no meu quarto, peguei um monte de roupas e as coloquei na mochila bem no momento em que

Tristan entrava pela porta. Ele olhou para mim, perplexo, viu a expressão em meu rosto e parou assustado no meio do quarto.

– Joe? Você está bem? Aconteceu alguma coisa? – ele perguntou com os olhos cheios de preocupação.

Eu estava além do desespero. Devia parecer uma garota desvairada, louca, perdida.

– Você queria que eu o deixasse em paz, não é? – gritei para ele. – Então. Estou deixando você em paz! Vou seguir em frente, como você pediu! E também estou de mudança! Nem precisa falar comigo de novo! Espero que você tenha uma boa vida! – Corri furiosa para fora do quarto, com a mochila nas mãos, deixando um Tristan boquiaberto para trás.

Fui direto para o quarto de Tiffany e perguntei se poderia me mudar para lá. Respirei aliviada quando ela disse que já tinha me convidado centenas de vezes, mas eu nunca lhe respondia. Acho que eu nem devia estar ouvindo quando ela fez a oferta. Passei o resto do mês morando com Tiff. Nem tenho como agradecer por Tiffany estar ao meu lado durante aquele período difícil da minha vida, e por me ajudar a superar tudo aquilo. Ela me fez sentir amada e bem cuidada, me ajudando a colocar a cabeça no lugar de novo. Eu era mesmo abençoada por tê-la como amiga.

Os outros Lost Boys também perceberam que havia algo de errado comigo, mas não me pressionaram para saber o que era. Seth estava sempre presente, o tempo todo vigilante e alerta para ver se eu precisava de alguma coisa. Sam curou meu coração ao me fazer rir e elevar meu espírito com sua energia positiva. Josh era o meu braço inabalável em meio à essa tempestade. Sempre firme, forte e calmo. Conversávamos muito sobre todos os assuntos, sobre a vida, dores do coração, amizades. E então havia o meu Harry.

Como posso descrever o que Harry fez por mim? Ele era único, tão gentil e doce. Os abraços dele faziam com que eu me sentisse aquecida e sua presença me dava paz. Não sei como fazia isso, mas sempre que eu estava com ele, me sentia feliz, como se pudesse afastar minha dor com seus abraços

reconfortantes. Eu amava todos os meus Lost Boys do fundo do coração. Com eles ao meu lado, eu podia encarar qualquer coisa. Naquele momento, meus amigos eram tudo que importava para mim.

Então a sexta-feira chegou de novo e com isso o início do fim de semana. Eu estava feliz por não ter esbarrado com Tristan durante as aulas. Eu caminhava pelos corredores considerando a possibilidade de visitar a minha mãe naquele fim de semana. Tínhamos ensaio no sábado, mas eu planejava faltar porque fazia séculos que eu não via a via. Mas antes precisava pegar a minha mala e mais algumas coisas no meu quarto antigo. E claro que eu também queria passar o fim de semana longe de Tristan e Carolina.

Dei de cara com um Seth em pânico no caminho para o nosso quarto. Ele olhou para mim e franziu a testa molhada de suor. Ele estava muito preocupado e assustado.

– Seth! Qual é o problema? O que aconteceu? – perguntei, apreensiva.

Ele equilibrou o peso do corpo de uma perna para outra e passou as mãos pelo cabelo desgrenhado. Devia ser muito sério para ele bagunçar o cabelo daquele jeito sem se importar com isso.

– Estou indo para a enfermaria, Joey! Não sei mais o que fazer! – ele informou, desesperado.

– O que está acontecendo?

– É... Tristan. – Ele fez uma pausa e olhou para mim, preocupado. – Sei que vocês dois não estão se falando... e ele me fez prometer que não chamaria você, nem contaria nada! Mas ele está passando muito mal desde hoje cedo... e agora está piorando! Ele está com uma febre superalta e começou a alucinar, e balbuciar coisas sem sentido sobre fantasmas, mantos cinzentos e morte. Estou surtando lá naquele quarto. E ele não me deixa chamar ninguém!

Peguei meu celular e olhei a data. Primeiro de abril. *Droga*. Eu havia me esquecido completamente disso! Estava tão deprimida

nos últimos dias que não associei meu cansaço extra com o feitiço que nos conectava.

– Tudo vai ficar bem, Seth! – Coloquei as mãos nos ombros dele, tentando o tranquilizar. – Você não precisa ir à enfermaria, confie em mim. Tristan vai ficar bem. Preciso ver ele agora. Vamos lá. – Ele me seguiu, relutante, enquanto eu corria para o nosso quarto. Tristan e eu passamos quase um mês separados. Eu não sabia o quanto essa distância poderia ter afetado o estado dele. E aquele idiota não queria deixar Seth me chamar!

Quando entrei no quarto, Tristan estava deitado na cama. Tremia e estava pálido como a morte. O suor cobria todo seu rosto. Parecia pior que no Ano-novo. Os olhos estavam fechados e ele cerrava a mandíbula, cheio de dor. Olhei para Seth. Ele nos observava com os olhos arregalados, cheios de susto e medo. Essa era a segunda vez que Seth presenciava Tristan passar mal e eu precisava pensar rápido para explicar o que acontecia daquela vez e impedi-lo de chamar a enfermeira.

## capítulo vinte e seis

### O plano

– Tudo bem, Seth. Tudo vai ficar bem, ok? Tristan só se esqueceu de tomar os remédios dele. E não quer que ninguém saiba sobre sua doença. – Inventei uma mentira do nada. Provavelmente eu estava deixando um monte de rabos soltos nessa explicação corrida, mas não tinha tempo de pensar em nenhum detalhe no momento. – Vou pegar o medicamento dele, e ele vai ficar novo em folha rapidinho, certo?

Fingi procurar algo na cômoda de Tristan, peguei um copo d'água no criado-mudo e sentei na cama dele. Puxei os cobertores até sua cintura, revelando seu peito nu. Ele estava completamente sem roupa por debaixo daquelas cobertas. Só então me lembrei de que Seth havia comentado que tinha dado um banho frio em Tristan para baixar sua temperatura. Ergui uma das mãos e coloquei a palma sobre o peito dele. Um choque violento de energia saiu de minha mão e penetrou no peito de Tristan. Ele grunhiu, sentindo uma dor intensa e cerrando ainda mais as mandíbulas.

Permaneci ali por alguns minutos e então envolvi o queixo dele com uma das mãos, abrindo-o levemente para que pudesse tomar um gole de água. Fingi lhe dar um comprimido e fiz com que bebesse todo conteúdo do copo. Seth andava de um lado para o outro do quarto, assustado demais para que percebesse muita coisa.

– Seth, escute. Ele já tomou o remédio e vai ficar bem. Você devia ter me chamado antes! – Franzi a testa, fazendo uma

careta de decepção.

– Desculpe, Joey! Tristan me fez jurar! – Seth disse, culpado.

Imbecil! Idiota! Ele morreria – mais uma vez – se eu não tivesse passado no nosso quarto! O que Tristan estava pensando?

– Vou ficar com ele agora, até que ele melhorar de vez, Seth. Mas ele já parece bem melhor, viu? – falei, ainda com as mãos sobre seu peito. A energia continuava a fluir entre minhas mãos e sua pele. Tristan parou de tremer, mas o suor ainda brotava de sua testa.

– Será que você poderia ir até o quarto de Tiffany e avisar a ela que vou passar a noite aqui? – pedi a Seth.

– Claro. Sem problema. Vou agora mesmo. – Ele fez uma pausa e olhou para Tristan. – É inacreditável. Ele parece mesmo melhor. É um remédio mesmo mágico que você deu para esse cara. Me mande uma mensagem de texto se precisar de alguma coisa, ok? – Seth saiu logo em seguida, nos deixando sozinhos.

Sorri, pensando na escolha de palavras de Seth. Eu havia mesmo dado um remédio mágico para Tristan.

Tristan virou a cabeça e começou a murmurar palavras incoerentes com os olhos ainda fechados. Coloquei a outra mão sobre sua testa. Meu Deus! Ele ainda queimava de febre! Precisava baixar a temperatura de Tristan ou ele em breve começaria a convulsionar. Tirei o cobertor de cima dele, deixando apenas o lençol azul escuro o cobrindo da cintura para baixo. Ele grunhiu e se encolheu, virando-se de lado, trêmulo.

– Sinto muito, Tris, mas preciso baixar a sua temperatura – sussurrei, deitando ao seu lado, colocando meu braço ao redor de sua cabeça e a outra mão em seu peito.

Ele continuou a tremer e a murmurar coisas que eu não conseguia entender. Olhei rapidamente para seu peito nu, as costelas se destacando por detrás dos músculos, os braços fortes que se contraíam e relaxavam com espasmos. Lembrei-me de Carolina contando como Tristan ficava incrível sem roupa e ela estava certa. Balancei a cabeça para afastar esse

pensamento. Não devia ter lembrado daquilo. Nem devia olhar para ele dessa forma nessa hora.

E eu sabia que devia estar furiosa com Tristan, mas não conseguia mais nem mesmo me importar com nossa briga ou com o fato de ele estar com Carolina. Tristan estava doente e precisava da minha ajuda. Era só nisso que eu deveria me focar agora.

Algumas horas se passaram e Seth ainda não havia voltado. Permaneci ao lado de Tristan, fazendo o máximo de contato possível. As pontadas de energia continuavam em um ritmo constante que parecia não ter fim, o que me deixou preocupada. Isso nunca tinha acontecido antes. Em geral, havia um choque mais forte que aos pouco ia diminuindo. Mas dessa vez o fluxo estava forte e profundo o tempo todo. Será que era por que Tristan precisava de mais energia? Ou por que era a quarta vez que aquilo acontecia? Por que diabos ele não me chamou? Idiota, imbecil, pensei de novo.

Ele se mexeu e cerrou os punhos, murmurando algo bem baixinho.

– Desculpe... não... não conte nada a ela...

– O que é isso, Tris? – sussurrei e me aproximei para ouvir melhor.

– Não fale para Joe! – ele murmurou de novo, um pouco mais audível. – Ela não pode ajudar... Ela não pôde me ajudar no Ano-novo...

– Porque no Ano-novo... – comecei, lhe dando uma frase para que completasse.

– Ela não vai mais conseguir deter ele – Tristan sussurrou. Aquilo começava a ficar interessante. Minha cabeça estava a mil. Seria isso o que Tristan escondia?

– Na noite de Ano-novo ela não vai ser mais capaz de deter Virgílio? – Tentei adivinhar as falas entrecortadas de Tristan.

– Ela não vai poder mais... O elo vai deixar de funcionar. – Ele jogou a cabeça para trás mais uma vez e então ficou bastante agitado. – No Ano-novo... vou morrer.

Meu coração queria sair pela boca. Por que ele estava guardando esse segredo de mim?

– A Dona Violeta lhe disse isso? – sussurrei. Ele havia me contado que Dona Violeta disse não haver nada que pudesse fazer para ajudar com os meus pesadelos, mas era óbvio que ela havia dito um monte de outras coisas mais para Tristan.

Ele continuava a murmurar em um estado de semiconsciência:

– Ela não pode ajudar... Ninguém pode...

Fiz uma careta para Tristan, apesar de ele estar com os olhos fechados.

– Bem, isso... não passa de um monte de baboseiras. Você desiste muito fácil, Tristan! – Fechei a cara.

Foi então que as palavras dele voltaram à minha mente, aquelas que ele havia dito no terraço na noite do Baile da Primavera. Ele falou que *não podíamos* ficar juntos. Ele jamais disse que não queria ficar comigo! Nunca disse que havia sido uma escolha dele. Ele pediu que eu o olhasse nos olhos para ter certeza de que falava a verdade e era isso mesmo. Ele realmente pensava que não poderíamos ficar juntos porque ele iria morrer no fim do ano!

Ele queria que voltássemos a ser o que éramos antes: apenas amigos. Por quê? Ele achava que isso era o melhor para mim e que eu entenderia o que ele queria dizer algum dia...

Meu Deus do Céu! Como eu não pude enxergar o que ele estava me dizendo de verdade naquela noite? Estava bem na minha cara! Ele confessou que me amava. Mas que só amar não era o suficiente. Porque nos separaríamos independentemente da nossa vontade, porque estava além de seu alcance prevenir que isso acontecesse, e, nesse caso, amar não era o suficiente.

– Tris... você está tentando fazer com que Joey esqueça você, que siga com a vida dela, sem você. Para que ela não se machuque tanto quando você se for. É isso que você está tentando fazer? – Observei atentamente a reação dele.

Tristan fez uma careta e jogou a cabeça contra o travesseiro, lutando alguma batalha interna. Parecia sentir muita dor. Partia o meu coração vê-lo assim.

– Não quero que ela se machuque... por minha causa. Ela me odeia agora... Fiz com que me odiasse – ele sussurrou em uma voz tão triste. – Estávamos... indo rápido demais... muito... sofrimento... no final... – Sua voz embargou e ele não conseguiu terminar sua fala. Ele respirava com dificuldade, as pálpebras apertadas, mas ainda assim uma lágrima escapou de seus olhos, descendo pelo lado do rosto.

Ele achava mesmo que conseguiria fazer com que eu o esquecesse daquela forma? Não havia a menor chance de eu deixá-lo morrer! Sempre havia uma saída. E nós iríamos encontrá-la!

Eu me aproximei de Tristan, enxuguei suas lágrimas e acariciei seu rosto.

– Shhhh, Tris, está tudo bem. Tudo vai ficar bem. Não precisa se preocupar mais com isso, está bem? Você precisa descansar agora. – Pressionei suavemente meus lábios em sua testa. – E Joey não odeia. Ela jamais poderia odiá-lo. O Ano-novo ainda está bem longe, mas você precisa se lembrar sempre: a vida é cheia de possibilidades – sussurrei no ouvido dele.

Vi uma única gota cair sobre o peito de Tristan e percebi que era outra lágrima. Minha. Eu chorava sobre ele. Lágrimas de alívio e felicidade. Descansei a cabeça em seu peito dele e sorri. Podia ouvir as batidas aceleradas de seu coração, ressoando contra o meu ouvido. Aquele era o som mais maravilhoso do mundo. Tristan colocou suavemente uma das mãos sobre o meu pescoço e senti um leve formigamento na pele graças ao contato com ele.

A dor que senti por todo aquele mês desaparecia com cada batida forte de seu coração, com o calor de sua pele contra o meu rosto e o toque de sua mão em meu pescoço. Todo esse tempo ele só estava tentando me proteger. Tentando me poupar do sofrimento. Da maneira mais inacreditavelmente estúpida possível. Esse idiota! A cena em que ele beijando Carolina passou mais uma vez pela minha cabeça e ergui o rosto devagar para ele.

– Tristan... você... ama Carolina? – sussurrei. Eu precisava saber. Tinha que ter certeza. E que momento melhor para descobrir isso do que agora, quando ele se encontrava em um estado delirantemente honesto?

Os olhos dele ainda estavam fechados e o observei fazer uma careta, enojado, como se houvesse provado o limão mais azedo do mundo. Sorri de orelha a orelha. Era uma resposta boa o suficiente para mim.

Tristan pareceu mais calmo depois disso. Sua respiração se tornou mais lenta e ele rapidamente caiu em um sono leve. Ele acordou algumas vezes, murmurando algumas coisas sem sentido, mas logo voltava a dormir. Em uma das vezes, ele pareceu acordar e a balançar a cabeça, agarrando o lençol com os punhos cerrados em agitação.

– Não, não, não os palhaços! – ele murmurou bem baixinho.

Ergui as sobrancelhas e sorri. Ele ainda estava febril?

– Não se preocupe com os palhaços, Tris. – Passei a mão na cabeça dele. A febre havia baixado um pouco.

– Mas... mas eles vão entrar aqui! Eles são tão... anormais... – ele continuou a divagar, tremendo com um arrepio. Palhaços anormais. Seria divertido zombar dele depois por causa dessa história.

Abafei uma risada. Tristan pareceu ficar bem agitado depois disso. Será que ele estava mesmo em pânico por causa de palhaços? Bem, acho que todo mundo deve ter algum medo irracional, não é verdade?

– Não se preocupe, Tris. Vou dar um jeito nesses palhaços para você. Não precisa mais se preocupar com eles – eu disse em um tom reconfortante.

– Está bem... – ele murmurou e se virou.

Tristan continuava de olhos fechados, mas um leve sorriso se instalou em seus lábios. Ele estava tão bonito. Tão... doce. Em um impulso, me aproximei e o beijei de leve. Quando meus lábios se afastaram dos dele, Tristan suspirou suavemente e sussurrou tão baixinho que eu não seria capaz de ouvir se não estivesse tão perto dele.

– ... amo você, Joe.

Percebi que aquela era a segunda vez que ele dizia que me amava. Na primeira, ele havia partido meu coração. E agora estava delirando. Mas, ainda assim... foram duas vezes. Talvez a terceira fosse para valer, sem mentiras, subterfúgios, febre ou alucinações. Eu queria acreditar que a terceira vez seria a melhor. E precisava fazer com que essa terceira vez acontecesse agora.

Mas uma coisa de cada vez. Primeiro, eu precisaria fazer com que ele confessasse tudo isso quando estivesse em sã consciência. Precisaria que ele desse o braço a torcer e confessasse que me amava. E eu já tinha o mais brilhante dos planos. Quase não dormi naquela noite, pensando na minha trama maligna para fazer com que Tristan confessasse seus segredos. A febre foi embora no meio da noite e ele dormiu como uma pedra depois disso. Quando amanheceu, eu já estava de pé e na maior atividade, revirando a minha mala. Tristan se remexeu na cama e acordou aos poucos. Ele se ergueu na cama apoiado nos cotovelos e piscou para mim, confuso. Abriu a boca, mas logo a fechou de novo, não achando as palavras certas a dizer.

– Ei, você acordou! – eu o cumprimentei e fui até ele, sentando ao seu lado. Tristan continuou a piscar para mim confuso. – Como você se sente? Está melhor?

Ele tentou se afastar de mim e fez uma careta de dor. Acho que ainda pagava o preço pela nossa separação.

– Bem, acho que você não melhorou tanto assim, não é? – Fiz graça. – Bem feito por não ter me chamado antes! – Coloquei a palma de uma das mãos em sua testa. Não sentia mais nenhuma pontada ou formigamento. Imaginei que o que deveria ser carregado entre a gente já estava completo e terminado por hora.

Ele me olhou cautelosamente. Não conseguia entender aquela minha mudança repentina de humor. E parecia não se lembrar de nada da noite anterior.

– Vou ver a minha mãe hoje. Quer que eu mande um abraço pra ela? – Levantei e fui até a minha mala.

– Hein? – Foi tudo que ele conseguiu dizer.

– Rose. Lembra dela? Vou passar o fim de semana em casa, já que você melhorou um pouco. Vou dizer que você mandou um abraço, pode ser?

– Tudo bem – ele murmurou ainda tentando descobrir que diabos estava acontecendo.

– E por favor, não dê uma de idiota de novo e me chame no mês que vem. Não foi muito esperto da sua parte esconder isso de mim – eu disse fazendo menção à sua doença mensal, mas eu também me referia a todo o resto. Viu? Eu também era boa nessa coisa de duplo sentido! Engula essa, ex-garoto-fantasma-misterioso! Dei uma risadinha para mim mesma, peguei minha mala e me virei para sair do quarto. – E já que vou passar o fim de semana fora, o ensaio da banda é às quatro. Agora que a febre passou, você já está bem o suficiente para participar. Um ensaio sem os dois Grays é inaceitável e você também faz parte da banda, apesar de parecer que se esqueceu desse detalhe. O pessoal pergunta por você o tempo todo. Estão com saudade. – Abri a porta.

Ele se sentou na cama, perplexo.

– Eles... es... estão? – Tristan parecia realmente surpreso.

Como assim? Tristan achava que a banda não ligava para ele? Que só porque brigamos o pessoal se esqueceria dele? Aquele era o meu Tristan, adorável, doce e tudo mais, mas às vezes ele também era um completo idiota. Eu teria que me lembrar de dar vários tapas no pescoço dele quando todo esse lance secreto tivesse terminado.

Balancei a cabeça e dei outra risada, o que o deixou ainda mais confuso.

– É claro, Tris! Eles são seus amigos! E também fazem parte da sua banda. Por isso esteja lá. Quatro horas. E ensaie. Preciso ir. Vejo você no domingo. – Saí ainda rindo um pouco. Ele ficava tão fofo quando não entendia nada!

Fui para o quarto de Tiffany para acabar de arrumar minhas coisas. Enquanto eu colocava minhas roupas na mala, contei a ela sobre o meu plano maligno. Na verdade, eu precisava da ajuda dela para colocá-lo em ação.

– Você vai fazer o quê? – ela gritou, surpresa.

– Você me ouviu. E vou precisar da sua ajuda. Você vai ser a minha conselheira especial. – Sorri de orelha a orelha para Tiff. Eu estava de muito bom humor naquele dia.

– Sério mesmo, Joey? Você vai seduzir Tristan até que ele fique de quatro e admita que gosta de você? Ele está com Carolina agora! – ela disse com delicadeza.

– Não por muito tempo. Pode ter certeza disso. Qual é! Você me conhece. Sou... persistente.

Ela riu alto.

– É, essa é uma forma sutil de se dizer isso. Você é a pessoa mais teimosa e determinada que eu já conheci na vida. – Ela balançou a cabeça, achando graça.

– Bem, obrigada... eu acho. Mas ainda preciso da sua ajuda. Você deixa os garotos loucos por você... Preciso aprender alguns dos seus truques para fazer com que Tristan perca a cabeça. – Dei uma gargalhada.

– Tudo bem. Vou fazer o meu melhor para ajudar. Eu já lhe disse que posso expulsar Carolina da escola a hora que você quiser! Mas você nem deixou que eu mandasse ela cair fora da equipe de líderes de torcida! – ela se queixou.

– Não, Tiff. Não é culpa dela. Ela só está apaixonada por ele e, vamos ser justas, que menina não estaria? Mas Tristan é o único culpado nessa estória. É ele quem deve sofrer! – Eu sorri, maligna. – O que me lembra que... e só agora que me dei conta disso, mas Seth não voltou para o nosso quarto! Onde será que ele... Espera aí! Ele passou a noite inteira aqui? Você e ele...? Vocês dois...? – Apertei os olhos na direção de Tiffany. Ela ficou roxa de vergonha. – Ah, meu Deus – murmurei.

– Eu ia lhe contar! Só que... fiquei meio que... envergonhada... ahã. – Ela tossiu e corou novamente.

– Com vergonha? De quê, posso saber? – perguntei, erguendo uma das sobrancelhas.

– Bem... eu meio que ataquei Seth na noite passada – ela murmurou, arrastando um dos pés em círculos pelo chão.

– Atacou?

– Eu me joguei em cima dele e abusei do garoto, ok? Pronto, falei! Feliz agora? Sou a maior pervertida! – ela berrou, jogando os braços para cima para causar um efeito dramático. A Tiff era mesmo a rainha do drama! – Ele entrou de fininho aqui dentro do quarto todo preocupado e eu o convenci a passar a noite comigo para dar privacidade para vocês. Mas então ele estava todo fofo com aquele jeitinho de nerd dele que eu adoro. – Ela ficou vermelha de novo. – Então eu o ataquei. E ele passou a noite aqui. E na verdade não consigo acreditar que fiz isso! Seth agora vai me zoar pelo resto da vida, dizendo que eu não consigo resistir seu charme e não tiro as mãos de cima dele...

– Bem, ele não está mentindo... – Abafei uma risada.

Tiffany acabou indo para a casa da minha mãe comigo e até me ajudou a comprar algumas roupas novas e bem especiais para o meu plano maligno.

Nós nos divertimos muito com a minha mãe no fim de semana e quando voltamos já era noite no domingo. Peguei todas as minhas roupas que estavam no quarto da Tiff e me mudei de novo para o dormitório dos meninos. Seth e Tristan estavam no nosso quarto, matando o tempo. Acho que o ensaio de sábado fez um bem para Tristan, porque ele parecia muito mais feliz por ter os amigos de volta. Ele devia ter se sentido sozinho no último mês. Mas então me lembrei de que ele tinha Carolina para lhe fazer companhia e não me senti mais tão triste pela sua solidão.

Assim que pisei no quarto, a atmosfera mudou e ambos ficaram tensos, na antecipação de outra briga. Eles não sabiam que não haveria mais nenhuma briga se dependesse de mim. O meu plano maligno já estava em curso.

– Oi, meninos! Sentiram muito a minha falta? – Entrei no quarto sorrindo de orelha a orelha. Tristan me olhou da cama

dele, cheio de suspeitas. Tentava descobrir qual era o meu jogo.  
– Como foi o ensaio da banda? Vocês trabalharam na minha música nova? Ainda tem um monte de ajustes a serem feitos. – Joguei a mala em cima da minha cama.

– É, a gente trabalhou um pouco nela, sim. Harry não estava muito no pique de tocar... Ele fica superpreguiçoso quando você não está nos ensaios, sabia? – Seth respondeu.

– Ah, vou ter uma conversinha com ele então, não se preocupe! – Pisquei para Seth.

Tristan começou a se levantar da cama, preparando-se para deixar o quarto.

– Tristan, você não precisa sair por minha causa. Precisamos superar isso. Na verdade, gostaria me desculpar pelos meus gritos. Vou me mudar de volta para cá e queria que você soubesse que não tenho nenhum problema por você estar com Carolina, por isso, fique tranquilo, combinado? Não precisa sair todas as vezes que estou por aqui – falei em um tom animado.

Eu estava bastante impressionada com a minha atuação! Nem mesmo gaguejei ou fiz uma pausa ao tocar no nome de Carolina!

– Ah, e eu até comprei presentes para vocês! – Abri minha mala. – Esse é para você, Tris. Achei que você precisava de outra dessas. – Joguei para ele um embrulho. Tristan me olhou com ainda mais suspeita antes de abrir o pacote. Eu havia comprado para ele outra camiseta azul, só que essa era de um tom escuro, profundo. – Vai deixar os seus olhos azuis como os do Sammy! – Sorri para ele. – E esse é o seu, Seth! – Joguei o presente para ele. – Na verdade, foi Tiffany quem comprou o seu. Ela me pediu para te dar e filmar a sua reação... espere um segundinho, preciso pegar minha câmera para gravar isso! – Apontei o celular para ele.

Ele me lançou um olhar ainda mais suspeito e confuso que o de Tristan.

– Ei, sou apenas a mensageira. Abra logo esse troço! – Dei uma gargalhada.

Ele abriu o presente e de lá de dentro surgiu uma cueca de seda do Superman. Ele olhou o presente com os olhos arregalados e depois se virou para mim, com o rosto cor-de-rosa de tanta vergonha. Caí na risada ao ver a cara boquiaberta dele, que começava a assumir tons de vermelho e violeta, até ficar roxa. Aquilo era mega-hilário! Aqueles loiros malucos foram mesmo feitos um para o outro, com toda a certeza!

Ele enfiou a cueca de volta na caixa e fez uma careta para mim.

– Joey! Para com isso! E, por favor, não deixa esse vídeo cair no YouTube, senão eu te mato! Você me ouviu? – Seth berrou.

Ri ainda mais alto. Tristan tentava ficar sério, mas os cantos dos lábios dele se curvaram levemente para cima.

– Falou, galera. Preciso jantar. Quem vem comigo? – perguntei depois que consegui parar de rir. Fechei a mala e fui em direção à porta.

Tristan balançou a cabeça e se sentou de novo na cama.

– Não estou com fome. Talvez eu coma alguma coisa com Carolina mais tarde – ele me provocou.

– Tudo bem. Divirta-se. – Abri um sorrisinho. – Ah, espere aí. Preciso levar o meu celular para mostrar o vídeo para Tiffany durante o jantar. – Eu me virei e peguei o telefone.

– Ah, não! Você não vai fazer isso! – Seth berrou e correu atrás de mim. – E não ouse mostrar isso para qualquer outra pessoa, Joey!

Corremos para fora do quarto, deixando Tristan para trás. Corri a toda, segurando firme o celular enquanto Seth me perseguia. Ele acabou me alcançando e arrancou o telefone da minha mão, deletando o vídeo logo em seguida. No jantar, ele agiu com a maior naturalidade do mundo e agradeceu a Tiffany pelo presente tão sexy. E eu ri o tempo todo porque sabia qual havia sido a verdadeira reação dele. Tiff e Seth passaram o jantar inteiro zoando um ao outro. Aquela foi uma noite divertida, mas não tanto quanto o resto da semana seria. O meu plano diabólico entraria em ação! Eu iria deixar Tristan

maluco. Eu me senti um pouco mal por Carolina, mas eu sabia que ele não gostava dela. Era a mim quem Tristan amava.

## capítulo vinte e sete

### Que comece o jogo!

A segunda-feira chegou e O Plano entrou em ação. Tiffany me treinou durante todo o fim de semana que passamos na minha casa e um novo guarda-roupa matador foi acrescentado ao meu arsenal. Comprei umas blusinhas que deixavam a minha barriga de fora e até alguns vestidos.

Também comprei algumas peças de um estilo mais rock'n'roll para as apresentações e ensaios da banda. Eu me sentia mais confortável com a minha velha atitude moleca durante os shows, mas aquelas roupas eram pelo menos um pouco mais sexy. Eu gostava mais desse visual do que dos vestidos, mas naquela semana as roupas de menino não teriam vez. Agora era a vez do estilo "vou deixar os garotos malucos!".

Eu iria implicar, provocar e flertar com Tristan de todas as maneiras possíveis até que ele desse o braço a torcer, ficasse de quatro e confessasse que era louco por mim! Depois disso, ele teria que admitir aquele planinho idiota para fazer com que eu seguisse com a minha vida e me esquecesse dele. Entretanto, decidi pegar leve no começo, para não levantar suspeitas. Para a primeira aula, vesti minha blusa de alcinha nova cor de cereja que deixava a minha barriga de fora com os meus jeans pretos e apertados, além de passar um gloss da mesma cor da blusa para combinar.

Eu estava um pouco nervosa com essa coisa de provocá-lo, pois me sentia completamente fora da minha zona de conforto e em um território totalmente inexplorado, mas acho que no amor

e na guerra vale tudo. Eu já tinha visto Tiffany fazer a mesma coisa milhares de vezes com Seth, então tudo que eu precisava era copiar os movimentos dela e ver como eu me sairia. Eu não era tão bonita quanto ela, mas também tinha as minhas armas.

Tristan já estava na sala conversando com Tiffany, quando sentei ao lado dele e o cumprimentei com um sorrisinho de leve, piscando, alegre, para a minha amiga ao fundo. Tristan virou a cabeça e olhou para mim com o olhar vazio de sempre. Aquela foi a minha deixa para “acidentalmente” deixar meu lápis cair no chão e então me inclinei devagar para pegá-lo, mostrando ainda mais o decote.

Eu me senti tão idiota ao fazer aquilo! Isso jamais iria funcionar! Tentei me controlar ao máximo para não corar enquanto me abaixava e quando olhei para cima, vi os olhos de Tristan grudados no meu decote, a expressão vazia havia desaparecido completamente de seu rosto. Ele então subiu o olhar e fitou meus lábios por um momento. Acho que o gloss cereja também fez sucesso, porque os olhos de Tristan brilharam intensamente por um breve segundo. Então ele piscou e afastou o olhar depressa, encarando o quadro nervosamente.

Uau! Não acredito! Funcionou total! Ele estava mesmo dando uma espiadela nos meus peitos! Olhei rapidinho para Tiffany. Ela abafava uma risada na carteira do outro lado de Tristan e acenou a cabeça de leve, em aprovação. Eu tinha passado no meu primeiro teste!

Então quer dizer que o movimento *abaixar-e-mostrar-o-decote* havia funcionado com sucesso. Olhei para a frente com o maior sorriso no rosto. Aquilo seria moleza! Não conseguia acreditar que havia funcionado de verdade! Mesmo assim tentei mais uma vez na mesa do almoço e peguei Tristan e Sammy olhando para baixo para o meu decote e Josh esticando um pouco o pescoço, tentando pescar alguma coisa.

Meninos... Era tão fácil provocá-los. Se eu soubesse disso antes... Era como se o cérebro deles desligasse na mais remota possibilidade de verem peitos. Preciso que admitir que o meu

próprio cérebro ia dar uma volta toda vez que Tristan me beijava. Mas aquilo era diferente... de alguma forma... eu acho. Tudo bem. No fim das contas, não era nada diferente. Mas fiquei feliz em saber que eu causava o mesmo efeito nele.

Naquela tarde tínhamos ensaio. Mudei para o meu visual moleca/rock'n'roll: calças largas e baixas de skatista, uma gravata preta sobre uma camiseta de alcinha branca, uma munhequeira de couro e All Stars. Entrei na sala e Harry foi o primeiro a me elogiar.

– E aí, Joey! Está arrasando de gata! – ele berrou do outro lado da sala. Por alguma razão, estava descalço e sem camisa, sua tatuagem verde e vermelha se enroscando pelo braço até metade do seu peito. Eu sempre ficava impressionada ao ver como aquela tatuagem caía bem nele. Os outros me cumprimentaram e também me deram elogios.

– Valeu, galera. Estou testando uns visuais novos para a apresentação de quarta-feira! Fico contente de saber que vocês gostaram! – Fiz um gesto para eles. – Pô, pessoal, vocês fizeram Harry tirar a roupa de novo? – comentei vendo Harry colocando sua camiseta de volta.

Seth, Josh e Sam riram entredentes. Eles viviam forçando Harry a tirar a roupa para deixá-lo sem graça. Era um trote interno entre a banda, mas eles sempre escolhiam Harry porque ele era o mais novo e o menor, além de ser quem ficava mais sem graça ao tirar a roupa. Eram como irmãos zoando o caçula da família. Eu já os tinha visto fazerem isso com Harry um milhão de vezes e sempre virava de costas em nome da decência no momento crítico quando chegavam na parte do samba-canção.

Harry andou até onde eu estava, fungando alto.

– Eu já devia andar por aí pelado para poupar eles do trabalho! – ele resmungou, irritado.

– Pô, galera, por que vocês pelo menos não revezam em quem vão dar o trote? Escolher sempre o Harry não é justo! – eu os repreendi.

– Bem, então talvez a gente devesse passar a vez para você, Joe! Você está ótima com essas roupas, mas aposto que fica ainda melhor sem elas! – Sam insinuou, abrindo um sorriso safado para mim.

– Fiquem a vontade para tentar me dar o trote – falei dando de ombros.

Todos pararam e olharam para mim.

– Como assim? Sério? Por que você não falou isso antes? – Josh disse detrás da bateria. Todos eles abriram sorrisinhos diabólicos e se aproximaram de mim. Exceto Harry e Tristan, que ficaram parados, só assistindo.

Lancei um sorriso beatífico para Josh.

– Eu disse que vocês podem *tentar* me dar o trote. Não falei que iria deixar.

– Está muito bom para mim! – Sam esticou os braços para agarrar minhas mãos. Aquele foi um erro típico de quem não entendia nada de luta. Dei um passo para o lado e agarrei o pulso dele, torcendo-o levemente e fazendo-o gemer de dor.

– Qual é, Sammy! Esqueceu das minhas aulas de artes marciais? – Fui para trás de Sam e empurrei as costas dele, fazendo com que tropeçasse para a frente e caísse longe de mim. Josh foi um pouco mais difícil, mas consegui me afastar dele também. Todos tentaram algumas vezes, individualmente ou juntos, mas eu me esquivei e escapei de todas as tentativas.

Eles desistiram depois de um tempo, sem fôlego e suados.

– Tudo bem, a gente desiste. Podemos continuar só com Harry mesmo. – Josh apoiou as mãos no joelho tentando recuperar o fôlego. Ele então se levantou e caminhou na direção de Harry. Sam e Seth também abriram sorrisinhos afetados e foram ajudar Josh.

– Ah, qual é, galera! De novo? Não é justo! – Harry berrou enquanto tentava se livrar de Josh, mas não foi rápido o suficiente. Esperei até que terminassem com o trabalho sujo, enquanto Harry lutava, soltava gargalhadas e berrava para eles. Os garotos gostavam de fazer cosquinha em Harry para ouvi-lo

rir e ver ele se contorcer. Harry morria de cócegas e as risadas estridentes dele eram bem divertidas!

Depois de todo aquele estardalhaço, começamos a trabalhar nas nossas músicas e um Harry todo suado começou a se vestir de novo, murmurando sombrio entre os dentes. Soltei uma risadinha e abri meu caderno. Eu poderia ter ajudado Harry, mas ver os meninos arrancarem a roupa dele sempre me fazia morrer de rir. Sem contar que não era uma visão nada ruim. Olhei de relance para Tristan e ele olhava para mim e Harry, todo sério e em um humor terrível. Sorri para mim mesma. O ciúme caía mesmo muito bem nele.

Eu tinha uma nova música em que estava trabalhando e também ajudava Josh e Sam com as deles. Tristan escrevia a música dele sozinho, apoiado em uma pilha de caixas do outro lado da sala. Fiquei me perguntando sobre o que falaria sua música... Acho que eu teria que esperar até que ele estivesse pronto para mostrá-la para todos nós.

Após algum tempo, parei o que eu estava fazendo e fui até Sam dar uma olhada na pilha de papéis ao redor dele.

– Sam, você quer que eu dê uma mexida na sua música? – Eu me inclinei sobre ele.

Ele abriu um sorriso afetuoso para mim.

– É claro, Joe! Você pode *dar uma mexida nas minhas "coisas"* o quanto quiser! – ele disse brincando em duplo sentido. Os outros meninos caíram na gargalhada com a indireta. Revirei os olhos para ele.

– Cara, o que deu em você hoje, Sammy? Você está todo saidinho! – perguntei exasperada.

– Desculpe, Joey! É que você está muito gata com esse novo visual! Não consigo evitar! – Sam deu uma risadinha e colocou os braços ao redor da minha cintura, me puxando para mais perto dele. Eu ri e apoiei a cabeça em seus ombros largos.

– É isso aí, Joey! Também preciso que você dê *uma mexidinha* na minha música! – Josh gritou, soltando uma gargalhada ao lado de Seth, que com Harry ainda tentava se recuperar do ataque de risos. Meninos.

– Tudo bem, tudo bem. Estarei aí em um minuto! – Fiz um gesto para eles, aborrecida e dei uma conferida na letra de Sam. Olhei de relance para Tristan e ele ainda tinha uma expressão para poucos amigos no rosto.

Sussurrei para Sam que voltaria em um minutinho, me levantei e fui até o outro lado da sala, onde Tristan estava largado. Ele observou com a testa franzida enquanto eu me aproximava e fechou o caderno assim que parei diante dele. Eu me abaixei, apoiando os braços nos joelhos e olhei diretamente em seus olhos. Suas íris cinzentas escureceram cheias de cautela e suspeita, mas logo desceram devagar para o meu decote, queimando com um brilho cheio de desejo. O movimento do decote ainda estava funcionando bem!

– Então, Tristan, você quer que eu dê *uma mexidinha na sua música* também? Vou fazer de tudo para agradar você.

Ele voltou a olhar para o meu rosto com as sobrancelhas erguidas e a boca aberta.

– Hum... – Foi tudo que ele conseguiu dizer.

Abri um sorriso provocante.

– Não? Bem, se mudar de ideia, é só falar comigo. Estou ao seu dispor. – E lhe dei as costas, voltando para o lado da sala onde Sam estava sentado. Eu me agachei ao lado de Sam e vi Tristan com a boca ainda aberta me encarando. Era como se o cérebro dele precisasse ser reiniciado para voltar a funcionar direito. O meu plano maligno estava a todo vapor!

Mais tarde naquela noite tentei uma nova abordagem. Depois de tomar um bom banho quente, passei uma loção perfumada por todo o meu corpo. Vesti um short branco de algodão macio e uma blusa de alcinha também branca, além de deixar que o cabelo caísse levemente pelos meus ombros. Olhei no espelho. Havia muita perna e pele de fora. Em geral eu dormia com uma calça de moletom larga e camisetas compridas, do mesmo jeito que os meninos. Fiquei aliviada por estar quente dentro do quarto, caso contrário o meu pijaminha iria parecer meio sem noção. Mordi os lábios ao imaginar qual seria a reação de Tristan diante da minha nova roupa de dormir. Bem, eu não iria

descobrir ali trancada no banheiro. Abri a porta e agradei aos céus pelas luzes do quarto já estarem apagadas. A única iluminação vinha do abajur sobre a minha mesinha de cabeceira. Eu me sentia muito mais confiante à meia-luz, que escondia a minha vergonha. Naquela escuridão, seria difícil para Tristan me ver corando.

Seth estava se preparando para sentar em sua cama quando me viu saindo do banheiro e ficou tão surpreso que errou o colchão e deslizou atrapalhado em direção ao chão. Tiffany havia me ajudado a escolher esse modelito de pijama para o plano de hoje e estava curiosa para saber a reação de Tristan, mas creio que não ficaria muito contente em saber da reação de seu namorado. Achei melhor deixar esse detalhe de fora da história quando fosse recontar a noite para Tiffany no dia seguinte. De qualquer forma, naquele momento eu precisava me focar mais em não ficar vermelha como um pimentão. Ou tropeçar.

Tristan já estava debaixo das cobertas e bocejava sonolento quando me viu de relance, o que o fez fechar a boca na mesma hora e me encarar em silêncio. O olhar estampado em seu rosto era impagável! Caminhei até a cama e sentei ao seu.

– Tris, eu estava pensando lá no banheiro... O que você acha dessa nova loção que estou usando? O cheiro é muito forte? – Estendi o braço diante do nariz dele.

Ele olhou para mim, calado, até se dar conta de que eu esperava por uma resposta.

– É... meio demais – ele murmurou. Na verdade, o que ele queria mesmo dizer era algo como *é-meio-demais-para-que-eu-possa-suportar-isso-está-me-deixando-louco*. E lá ia ele de novo com aquelas respostas de duplo sentido! Ele era um garoto muito esperto com essa coisa de me dizer a verdade ao mesmo tempo em que escondia o que realmente queria dizer.

– Você acha? – Cheirei o meu próprio braço, em dúvida. – Seth, o que você acha? – Eu me levantei e fui para a cama de Seth. Nesse meio-tempo, Seth já havia conseguido se recompor

e agia de uma forma praticamente normal quando estendi meu braço para que ele pudesse avaliar o cheiro de minha loção.

Ele inspirou e expirou devagar.

– Achei o cheiro ótimo! – Seth sorriu. – É tão legal ter uma menina dividindo o quarto! Sempre tem um cheirinho de lavanda, lírios e baunilha no ar... Ano passado, quando eu dividia o quarto com Harry e Sammy, era uma guerra de fedor pra todo lado! – ele disse com uma expressão divertida no rosto.

– Bom, está empatado. Um voto contra, um a favor. Amanhã vejo a opinião de Tiff para desempatar isso então. Boa noite, meninos – eu disse indo para a minha cama.

Tristan se revirou na cama a noite inteira sem conseguir dormir depois daquilo. Ele parecia um peixe fora d'água, se retorcendo sobre o colchão. Foi ótimo! Já era hora de Tristan também ter algumas noites agitadas.

Os dias que se seguiram foram repletos de novas torturas e provocações. Eu não me sentia culpada por fazê-lo sofrer. Queria ver Tristan subindo as paredes – desesperado por mim.

Na quarta-feira de manhã percebi que Seth havia deixado o nosso quarto mais cedo para se encontrar com Tiffany um pouco antes da aula. Aproveitei que Tristan ainda dormia e corri para o banheiro, tomei um banho rápido e preparei um nocaute certo para aquela manhã. Tristan estava sentado na cama de Seth desligando o despertador sonolento quando saí do banheiro enrolada apenas em uma pequena toalha ao redor do corpo, meu cabelo pingando pelas minhas costas e peito. Costumávamos nos vestir dentro do banheiro, mas, naquele dia, achei que seria melhor “esquecer” as minhas roupas em cima da cama. Tristan virou a cabeça na minha direção, com os olhos arregalados, despertando de imediato. Senti os olhos dele apreciando o meu corpo e não permiti que meu rosto ficasse vermelho.

– Bom dia, Tris – eu o cumprimentei, despreocupada. – Esqueci minhas roupas aqui. – Caminhei até a minha cama, sentindo seus olhos me queimando enquanto me seguiam.

Sentei sobre o edredon, puxando a toalha ao redor de mim para que ficasse ainda mais próxima ao meu corpo e cruzei as pernas devagar. Peguei minhas roupas e olhei para ele pela primeira vez naquela manhã. Por um segundo, os olhos dele me ofuscaram, completamente tomados pelo desejo, como se houvesse um fogo ardendo em seu interior.

– Pode usar o banheiro agora. Vou me vestir aqui – falei com um leve sorriso cheio de intenções.

Tristan simplesmente ficou ali parado, sem fala, no meio do quarto. Nos últimos dias eu estava virando especialista em causar essa reação nele!

– Pode ir! – Fiz um gesto para que ele se fosse, depois arrumei a minha camiseta na cama e olhei para Tristan de novo. – Vá logo, Tris! Parece até que você quer me ver trocar de roupa! – Eu sorri, provocante.

Isso fez com que ele saísse de seu transe, vermelho como um pimentão, se virando apressado para ir ao banheiro, e quase dando de cara na parede, desviando no último segundo. Ri baixinho e quase senti pena dele. Quase.

Tristan ainda insistia em namorar Carolina. Mas eu podia ver no fundo de seu coração que ele não estava mais a fim de mentir e fingir. Eu estava quebrando sua determinação. Ver Tristan com ela ainda fazia minhas entranhas reviravam e a bile subir até a minha boca todas as vezes que ela o tocava com mais intimidade, mas eu segurava a onda e fingia não ligar a mínima. Eu estava me tornando mesmo uma boa atriz.

E logo chegou a hora da nossa apresentação na aula de música. Cheguei um pouco atrasada e vi que todos da banda já estavam na sala, prontos para tocar. Tristan estava no palco naquele dia e Carolina estava na plateia, observando-o cheia de admiração. Fiz uma careta e olhei para o palco. Tristan olhava intensamente para mim. Mais que depressa coloquei um sorriso falso no rosto e tentei disfarçar minha repulsa por sua falsa namorada. A sala estava cheia de gente. A cada apresentação nossa, mais pessoas apareciam para nos ouvir. Algumas delas até sabiam as letras das nossas músicas mais antigas, nos

acompanhando enquanto cantávamos. Os Lost Boys começavam a fazer sucesso, pelo menos no campus da escola.

– Turma! Silêncio, agora! – O professor Rubick gritou. – Soube que a banda tem uma música nova hoje para apresentar. Estou muito satisfeito com vocês, rapazes... e moça. – Ele olhou para mim, que já me sentava ao piano. – Vocês estão conseguindo criar músicas incríveis! Então, vamos ouvir a canção de hoje, pode ser? – Ele bateu palmas. Todos vibraram com a deixa do professor. Olhei para Seth, confusa. Eu não sabia que apresentaríamos uma música nova naquele dia. Do que Rubick estava falando? Seth deu de ombros e me lançou um olhar como quem pedia desculpas. Ele então foi até o piano e me entregou um papel.

– Mil desculpas, Joe. Ensaíamos essa música enquanto você estava em casa no fim de semana e... É de Tristan. – Seth olhou para mim cheio de culpa e depois pousou os olhos em Tristan. – Foi mal mesmo – ele murmurou e voltou para a sua marca no palco.

Olhei para a folha de papel nas minhas mãos. Era a parte da música que eu teria que tocar. Josh começou então a dar as primeiras batidas na bateria e me apressei para acompanhá-lo. Tristan começou a cantar e finalmente entendi porque Seth me pediu tantas desculpas. A música era sobre mim.

Sobre como meu sorriso fazia ele se sentir, quanta dor eu lhe causava. Sobre amor e mentiras. Era uma música sobre como era difícil ter o coração partido, amar e perder. Tristan cantou sobre como não queria que as coisas terminassem daquela forma, mas que não havia outro jeito, sobre como ele estava melhor sem mim e que estava cansado de brigas. Era uma canção angustiante, repleta de dor e desespero. Quando terminamos de tocar, Tristan parecia muito triste, encarando o chão em silêncio. A sala veio abaixo em palmas e gritos animados, mas ele parecia não se dar conta do sucesso da sua música. Ele não ligava a mínima, pois seu coração estava partido.

Harry, Josh e Sam festejavam pelo palco sem perceber a história por trás daquela canção. Estavam felizes com o desempenho da banda e a reação da plateia.

Carolina subiu no palco e abraçou Tristan, que a princípio não a retribuiu, mas logo ele pareceu se lembrar de que tinha que desempenhar seu papel e, relutante, colocou um dos braços ao redor dela, olhando de lado para mim. Seth foi até mim cheio de preocupação. Eu me levantei e saí detrás do piano para lhe dar um abraço.

– Está tudo bem, Seth. De verdade. Não se preocupe comigo, certo? – falei abrindo um sorriso suave. – É uma música muito bonita. Tristan deve estar orgulhoso. É uma de nossas melhores canções, se não for a melhor – eu disse com sinceridade. – Eu queria ter tido mais tempo para ensaiar a canção, mas, de qualquer forma, podíamos treinar mais depois.

– Sério? – Seth disse parecendo aliviado.

– Claro. É uma música incrível. E a parte em que você e Tristan cantam juntos é a melhor! Vocês dois são ótimos! – Coloquei uma das mãos no ombro dele para tranquilizá-lo.

– Valeu, Joey. – Ele sorriu. – Você é tão surpreendente. Espero que um dia ele também consiga perceber isso. – Ele olhou na direção de Tristan.

Tristan nos observava com uma expressão indecifrável. Dei de ombros e fui abraçar os outros meninos. E eu não estava mesmo chateada com a música. Tristan só estava tentando me afastar da melhor forma de que era capaz. Eu sabia que ele não queria dizer aquelas palavras. Era hora de incluir mais alguns rounds no meu plano até que eu desse o golpe final.

Naquela noite, todos nós comemoramos o sucesso da nova canção de Tristan em um barzinho em Saint Pete, a cidadezinha próxima à escola. Seth conhecia o dono do bar (eu não disse que ele conhecia todo mundo em tudo quanto é lugar?) e, já que o lugar estava quase vazio, o dono deixou que celebrássemos lá naquela noite com a condição de que não bebêssemos nada alcoólico. Tristan levou Carolina e Sammy convidou uma menina chamada Melinda. Estreei um vestido

novo naquela noite, um pretinho curto que me fez parecer muito sofisticada. Tiffany me emprestou um par de sandálias de salto alto tremendamente sexy, mas igualmente dolorosos. Também soltei o cabelo e passei um batom vermelho escuro. Recebi vários elogios de todo o mundo, mas nenhum de Tristan.

Eu me diverti horrores. Ri e dancei com os meus meninos. Sammy passou a noite toda cortejando Melinda e Josh não parava de dar em cima de várias meninas que estavam no bar. Seth não largava Tiffany e Tristan ficou o tempo todo encurvado em uma cadeira de cara amarrada enquanto Carolina tentava fazer com que fosse dançar com ela, sem sucesso. Alguns garotos que eu não conhecia vieram flertar comigo e perguntar se eu queria alguma bebida, mas os meninos sempre intervinham nessa parte, o que era bem fofo, mas também um pouco irritante.

Voltamos para a escola no carro de Sammy. Eu me sentei no banco de trás com Harry e Carolina, que se sentou entre a gente por ser a mais baixa e não atrapalhar a visão do espelho retrovisor de Sam. Tristan se sentou no banco do passageiro enquanto Sam dirigia. Harry, Sam e eu viemos o caminho todo da volta conversando, rindo e brincando uns com os outros, mas Tristan e Carolina, entretanto, permaneceram em silêncio o tempo todo, de cara fechada. Carolina estava possessa pela forma com que Tristan a tratara a noite inteira e eu até me senti meio mal por isso. Tristan havia sido mesmo um namorado abominável naquela noite. Um pequeno fio de culpa me fisgava por dentro, pois Carolina não merecia ser tratada daquela forma e era meu plano que estava provocando Tristan a agir daquela forma horrível, mas então me lembrei de que, antes de qualquer outra coisa, havia sido ideia dele fingir que estava interessado em Carolina, então empurrei aquele fio de culpa para bem dentro de mim até que eu não o sentisse mais me incomodar.

Quando Sam estacionou o carro na escola, Tristan foi o primeiro a saltar como um raio do carro, uma nuvem negra e

carregada trovejando sobre sua cabeça. Nem mesmo esperou por Carolina, que saiu correndo logo atrás dele.

– Cara, o que deu em Tristan essa noite? Ele estava um porre!  
– Harry resmungou.

Sam simplesmente deu de ombros, sem fazer a menor ideia do que acontecia.

– Acho que Carolina está regulando para ele, do jeito que ele está todo nervoso. Estava a maior tensão rolando dentro do carro! O cara está precisando se aliviar urgente, se é que você me entende! – Sam disse dando uma risadinha safada para Harry, mas então percebeu o olhar seco que eu estava dando e tossiu alto para disfarçar, coçando a cabeça e desviando o olhar embaraçado.

Dei logo boa noite para eles e caminhei até o meu quarto descalça, porque não iria suportar andar naqueles saltos assassinos por mais nem um segundo. Estava contente por ter conseguido provocar Tristan daquela forma. Significava que o meu plano estava dando certo. Quando entrei no quarto, ele já estava largado na cama, jogando um dos videogames portáteis de Sam. Ainda bem que ele havia conseguido se livrar das garras de Carolina. Aparentemente ele não estava mais no clima para aguentar líderes de torcida essa noite. Sorri para mim mesma enquanto caminhava para minha cama.

Ele ainda estava com um tremendo mau humor, uma carranca enormemarcava todo o seu rosto. Podia apostar que ele tentaria começar uma briga comigo a qualquer instante, como havia tentado fazer em todas as outras noites daquela semana.

– Não vai passar a noite no quarto de Harry? – Ele soltou em tom de deboche.

– Não. Ele estava cansado. Não conseguiria me satisfazer do jeito que eu mereço essa noite! – provoquei. – Achei melhor deixar ele descansar por enquanto. Talvez amanhã... – concluí de forma bastante sugestiva.

Ele grunhiu e encarou o jogo, descontando a raiva nos botões do controle. Ele era horrível em jogos de videogame, uma verdadeira novidade moderna para ele, mas insistia em tentar

entender como as coisas funcionavam, independentemente de quantas vezes morresse no jogo.

Fui até Tristan e sentei bem ao lado dele na cama.

– Tris, você pode me ajudar a tirar esse vestido? Não consigo alcançar o zíper. – Eu me virei de costas.

Ele pausou o jogo e murmurou algo entredentes, deixando bem claro para mim a sua irritação com o meu pedido. Fingi não entender aqueles resmungos mal-humorados e segurei o cabelo, tirando-o do meio do caminho para deixar as costas do vestido livre para ele. Tristan segurou com uma das mãos a base das minhas costas, colocando uma pressão sutil no tecido enquanto a outra mão segurava o zíper próximo ao meu pescoço.

Nunca tive tanta consciência de seu toque quanto naquele momento. Conseguia sentir o calor de seus mãos pairando sobre as minhas costas, de maneira tão intensa que me assustava. Ele deu um leve puxão no zíper, descendo-o até a base do vestido. Senti sua palma roçar suavemente em minha pele, tão devagar, hesitante, como se temesse o que fazia. Onde sua mão me tocava, arrepios e pontadas de calor se espalhavam por toda minha pele. Eu havia me esquecido o quê o toque de Tristan causava em mim. De repente, meu plano não parecia mais tão seguro. Eu estava perdendo o controle depressa aqui. Senti sua mão dar um último puxão e o zíper descendo rapidamente pelos últimos centímetros do vestido, deixando as minhas costas completamente expostas para ele.

Tristan prendeu a respiração, e um silêncio tenso tomou conta do quarto, como uma neblina espessa que recaia sobre nós dois. Levantei devagar e me virei, segurando a parte da frente do vestido para que não escorregasse. Tristan olhava para mim ainda sem respirar.

– O... obrigada – consegui gaguejar, vacilante.

Ele levou um tempo para me responder.

– Sem problema. – A voz de Tristan era rouca e baixa, cheia de desejo. Ele então pegou o videogame como se fosse seu

salva-vidas em um navio que naufragava e voltou a jogar. Literal e metaforicamente.

Amaldiçoei Tristan mentalmente. Quase cometi um deslize e ele continuava com aquela encenação tola, ainda no controle. Fui para o banheiro com pernas trêmulas e vesti meu pijama de short branco e a blusinha que eu estava usando para dormir. Quando saí, ele nem olhou para mim. Decidi que por mim já bastava por aquela noite. Parei de tentar parecer sexy, deixei de lado as jogadas sedutoras de quadris e caminhei até a minha cama normalmente, me preparando para dormir.

Eu estava tão cansada! Bocejei bem alto, arqueei a coluna e alonguei os braços enquanto sentia a tensão desaparecer dos meus músculos. Relaxei e baixei os braços, piscando preguiçosamente para o chão. Ao me espreguiçar, minha blusa apertada havia se erguido um pouco, mostrando um pouco da minha barriga e cintura. Estava prestes a puxá-la para baixo quando olhei para Tristan.

Ele havia parado de jogar e olhava para mim. Seu olhar era tão intenso que me pegou de guarda baixa. Os olhos dele queimavam com uma fome feroz.

– Tris... você está bem? – perguntei antes que pudesse evitar.

Ele inspirou fundo em uma agonia visível. Meu coração se encheu com a mais pura satisfação. Havia tanto anseio e desejo nos olhos dele. Tristan então piscou algumas vezes e jogou o videogame na cama.

– Tudo bem – ele rosnou. – Só preciso de... um banho. Só isso. – E correu para o banheiro. Tristan parecia estar precisando de um monte de banhos nos últimos dias. Aposto que todos eles eram gelados. Então quer dizer que o lance era se espreguiçar... Precisava contar para Tiffany sobre essa minha nova descoberta. E também tinha que colocar Tristan um pouco mais contra a parede e acelerar o meu jogo. Precisava dar o meu golpe final. Sábado seria o dia do nocaute!

## capítulo vinte e oito

### Pôquer

No sábado, coloquei a última parte do meu plano maligno em ação. Bem, eu esperava que fosse a última, pois não sabia por quanto tempo mais iria suportar fazer aquele joguinho idiota. Eu tinha convencido Tiffany e todos os meninos a participarem de uma noite de pôquer. Tristan e alguns outros garotos do time de basquete costumavam se reunir uma vez por mês para jogar, mas era um evento totalmente masculino e Bradley era o principal organizador. Só esse fato já me fazia correr para bem longe daqueles jogos. Passar a noite jogando com Bradley e seus amigos idiotas não era definitivamente o meu conceito de diversão. Além disso, não era permitida a presença de meninas nas noites de pôquer de Bradley.

Mas Tristan havia se tornado o menino de ouro do time e tinha que marcar presença nos jogos de pôquer todos os meses. Às vezes, levava Sammy ou Josh com ele. Seth se recusava a ir por causa de sua briga com Bradley. Harry foi proibido de participar das noites de pôquer desde *O Incidente*. Eles não gostavam muito de falar sobre o assunto, mas, pelo que consegui entender, o maior problema de Harry quando jogava pôquer é que ele era totalmente imprevisível. Era o mestre do blefe, mas principalmente porque não prestava atenção ao que acontecia ao redor e não fazia a menor ideia de quais eram as regras do jogo.

E o outro grande problema é que, apesar de tudo isso, ele tinha uma sorte quase sobrenatural. Harry costumava levar

todos os outros jogadores à falência. E ainda por cima fazia graça dos pobres perdedores de forma bem "intensiva". Certa noite, após algumas horas de uma implacável perda de dinheiro, as coisas saíram do controle. Tudo terminou com uma troca de socos e Harry banido para sempre dos jogos de pôquer. Então, convenci minha banda a participar da nossa noite de carteados particular e especial, reservada apenas para os Lost Boys! E Tiffany também poderia ir, pois era a namorada de um Lost Boy e a única pessoa capaz de conseguir a chave da sala de recreação. Só que o detalhe especial da nossa noite é que iríamos jogar strip-pôquer. É isso mesmo. Você ouviu direito. Pôquer com strip-tease!

Josh foi o primeiro a aceitar. Ele era terrivelmente competitivo e eu sabia que aceitaria logo de cara qualquer coisa que envolvesse um desafio. Sam e Seth tentaram protestar um pouco, mas acabaram cedendo quando Josh passou alguns minutos chamando-os de franguinhos. Harry simplesmente deu de ombros, como se para ele jogar pôquer e tirar a roupa não fossem nada demais. Os garotos já haviam deixado o Harry pelado tantas vezes antes que aquilo não era mais nenhuma novidade. Ele ficou mesmo empolgado foi com a possibilidade de poder jogar pôquer de novo.

O vencedor da rodada poderia escolher a pessoa que tiraria uma peça de roupa. A melhor parte era que, com tantos garotos no jogo, as oportunidades para que eu tirasse a roupa seriam muitas, o que aumentaria as chances de o meu plano maligno dar certo porque:

- 1 – Eu poderia provocar Tristan com a minha nudez, aumentando ainda mais a pressão.

- 2 – Eu deixaria Tristan louco de ciúme dos outros garotos olhando me despir enquanto eu também os admiraria tirando suas roupas.

- 3 – Isso seria capaz de fazer com que ele perdesse seu precioso auto-controle e parasse com aquele fingimento idiota.

É claro que eu pretendia acabar com a brincadeira quando ficasse apenas de calcinha e sutiã. Mas Tris não sabia disso. Ele

iria surtar ao me ver perder peças de roupa, uma após a outra! Tinha certeza de que naquela noite ele não conseguiria mais se conter.

Mesmo assim, eu estava um pouco nervosa. Se alguém nos pegasse na sala de recreação, não haveria a menor dúvida de que seríamos expulsos. Imagine só, um monte de adolescentes fora do dormitório tarde da noite, jogando um jogo de azar seminus, trancados em uma sala... Tiffany me garantiu que não seríamos pegos. Bradley organizava as noites de pôquer na escola todos os meses e ninguém nunca havia descoberto nada a respeito.

Quando chegamos à sala de recreação naquela noite, os meninos já estavam lá, conversando animados. Tiffany estava toda bonita e empolgada, usando um cachecol, brincos, uma boininha muito fofa, uma jaqueta, pulseiras e tantas outras peças de roupa que chegava até a ser engraçado. Josh logo percebeu o truque.

– Até parece que todas essas coisas vão contar, srta. Worthington! Você tem que estar usando a mesma quantidade de roupa que todos nós. – Ele veio na nossa direção. – Senão vamos levar uma semana pra deixar você pelada. Olha só Joey. Ela está usando a mesma coisa que a gente: jeans, camiseta e sapatos. Três peças são mais que suficientes!

– Ah, tudo bem! – Tiffany resmungou para Josh, amuada.

Não lembrei a Josh que as meninas também usavam sutiãs. Ele não sabia que eu não jogava para vencer. Se Tristan não se rendesse naquela noite, então... eu não saberia mais o que fazer.

Tristan estava encurvado em um velho sofá próximo à mesa de jogos brincando mais uma vez com o videogame de Sam. Ele estava viciado naquela coisa ultimamente, como se sua vida dependesse daquele eletrônico.

– Vamos lá, Tristan! É hora de jogar strip-pôquer! – Josh gritou para ele.

Tristan olhou rapidamente para cima e franziu a testa.

– Strip-pôquer? Pensei que você havia dito que seria uma noite de pôquer normal.

– É uma noite de pôquer normal. Só que a gente tira a roupa – Josh retrucou, fazendo graça, mas, quando viu o olhar que Tristan lhe lançou, tratou de acrescentar: – Ah, qual é? Se eu falasse o que era, você não viria nunca. Deixa de ser tão recatado, cara. Vamos nos divertir!

– Strip-pôquer não é para mim. Desculpe, Josh. Vou passar essa. E as damas deveriam ter a decência de fazer o mesmo. – Ele lançou um olhar penetrante para mim e para Tiffany antes de voltar para o seu joguinho enquanto todos os outros tomavam seus lugares ao redor da mesa.

– Ah, qual é? Você joga com aquele babaca do Bradley e não quer jogar com a gente? – Seth reclamou, ofendido.

– É mesmo! Explica essa aí para a gente? – Sam se juntou aos protestos. – Você está sempre dizendo que a vida é curta, que devemos aproveitar ao máximo e aí vem com essa história de que não quer nem jogar um joguinho com a gente? – Harry comentou, puxando uma cadeira para Tristan. Fui atrás do sofá onde Tristan estava sentado, me inclinei sobre ele, envolvi seu pescoço com meus braços e repousei as mãos no seu peito largo. Ele ficou tenso no instante em que o toquei.

– Vamos lá, Tris! Jogue com os seus amigos. – Rocei levemente os lábios na orelha dele.

Eu podia quase sentir as batidas fortes de seu coração sob as minhas mãos enquanto os meninos zombavam dele. Ele tentou esconder um tremor que atravessava o seu corpo enquanto meus dedos brincavam sob seu peito largo e um pequeno grunhido escapou de sua garganta em uma reação involuntária. Ele estava tão desconfortável com a minha proximidade que acho que ele concordou em participar do jogo só para se livrar de mim.

– Tudo bem! Vou jogar. – Ele suspirou, levantou do sofá como se o móvel estivesse pegando fogo. Tiffany deu uma risadinha do outro lado da mesa.

O jogo começou e todos nós fizemos as nossas melhores caras de blefe, tentando vencer a primeira rodada. Mas tudo isso foi inútil diante da maré de sorte de Harry. Ele ganhou, fazendo com que todo o mundo soltasse um grunhido de desapontamento.

Harry olhou ao redor da mesa, sorrindo enquanto tentava decidir quem ele escolheria para ser o primeiro a tirar a roupa. Eu tinha certeza de que ele iria me escolher, mas Harry abriu um sorriso diabólico para Josh enquanto apontava um dedo para ele.

– Josh, meu amigo, a vingança é um prato que se come frio! Vamos fazer você provar um pouquinho do seu próprio veneno. Vamos ver como você se sente sendo forçado a tirar a roupa!

Josh sorriu com gentileza e tirou um dos sapatos.

– Harry, só você mesmo para escolher um cara para tirar a roupa com duas gatas maravilhosas no jogo! – Josh deu uma risadinha. Tiff e eu coramos um pouco. Ele era mesmo um galanteador. Na rodada seguinte, Tiffany venceu e apontou para mim.

– Foi você quem deu a ideia! Não é mais tão engraçado, não é? – ela provocou, zombando de mim, mas na verdade estava apenas me ajudando a acelerar as coisas. Lancei um sorriso maldoso para ela e tirei os sapatos enquanto os meninos assobiavam.

– Cara, não seria maneiro se rolasse uma luta entre as meninas hoje? Dá para imaginar Joey e Tiff se enroscando uma na outra e rolando no chão? Ia ser demais! – Josh provocou Seth e já se preparava para receber um soco do namorado ciumento, mas Seth simplesmente olhou para nós duas com uma expressão sonhadora no rosto.

– Seth! – Tiff berrou, dando um tapa no braço dele. – Você está imaginando a cena na sua cabeça, não está? Vocês garotos são mesmo uns pervertidos! – ela o recriminou com uma olhada desaforada.

– Olha só, NÃO vai ter nenhuma briga de garotas aqui hoje, então podem ir se acalmando, meninos – gritei, rindo para

todos eles. Uma série de “ahhh, caaara! Queee vaciilo!” e outros resmungos se seguiram da parte dos meninos.

As duas rodadas seguintes foram vencidas por Harry e todos soltaram de novo seus grunhidos desaprovadores. Ele escolheu Josh nas duas vitórias, que teve então de tirar as meias e a camisa. Eu já estava bem acostumada a ver Josh sem camisa por causa das aulas de artes marciais, mas, de qualquer forma, a visão daquele peito musculoso era sempre algo a ser contemplado. Tiff olhava fixamente para o peito de Josh, admirada, fazendo com que Seth a cutucasse na costela, de cara feia.

– O que foi? – ela perguntou, toda inocente. – Só estava imaginando você e o Josh rolando pelo chão...

Todos os garotos fizeram sons de nojo e eu ri alto. Acabei vencendo a rodada seguinte. Olhei para os meus meninos, em dúvida.

– Hum... quem eu vou escolher... qual de vocês...? Não pode ser Seth, porque eu já o vejo sem roupa o tempo todo no meu quarto – provoquei Tiffany, que olhou para nós dois com os olhos arregalados. Tristan também olhou para nós igualmente surpreso.

– Qual é? Você *nunca* me viu pelado – Seth berrou, em pânico. – Ela está só brincando, Tiff! Eu não... Joey, conte a verdade para Tiffany, pelo amor de Deus! – ele implorou, se revirando, inquieto, na cadeira.

– É brincadeira, Tiff. – Dei uma risadinha. – Eu nunca vi Seth nem sem meia!

Tiff relaxou e sorriu toda alegre para ele, que suspirou aliviado.

Olhei ao redor e decidi deixar Tristan com um pouquinho mais de ciúmes. Escolhi Josh.

– Desculpe, Josh, mas vamos ver como você fica sem calça.

Ele sorriu e piscou para mim.

– Você quis me ver de cueca, não é, Gray? – ele me provocou e tirou a calça enquanto todo o mundo aplaudia. Josh usava um par de cuecas boxer de algodão preto. Ele era mesmo muito

gato. Tentei não encará-lo enquanto tirava a roupa, mas lhe lancei alguns olhares quando percebi que Tristan prestava atenção em mim.

Nas duas outras rodadas, Josh venceu e, vingativo, me escolheu em ambas as vezes.

– Tudo aquilo que vai, sempre volta – ele caçoou e fez um gesto para que eu começasse a tirar a roupa. Sorri e comecei a tirar os sapatos e as meias. Em seguida, Harry venceu a mais uma rodada. Aparentemente, me ver tirar os sapatos despertou as prioridades de Harry e daquela vez ele me escolheu no lugar de Josh.

Eu vinha preparada e usava um sutiã novo, de renda preta. Toda a mesa bateu palmas e assoviou quando tirei a camiseta. Não ousei olhar para Tristan. Estranhamente, os incentivos dos meninos não me deixavam tão nervosa, mas só de pensar na possibilidade de Tristan estar olhando para mim me fazia sentir um nó gigante no estômago. Quando Harry ganhou de novo outra rodada, o único pensamento que ocupava sua cabeçinha ruiva era de que ele precisava me ver sem roupa. Ele apontou para mim com um sorriso diabólico nos lábios e os outros meninos começaram a assoviar como loucos. Tirei o jeans, revelando uma calcinha de renda preta que combinava com o sutiã. Fiz então uma reverência para os meus amigos, que não paravam de me aplaudir. Tristan então se levantou com uma expressão séria e descontente, pediu licença e foi para o banheiro nos fundos da sala. Ele parecia doente de ciúme.

Enquanto ele estava ausente, aproveitei a oportunidade e me levantei também.

– Acho que vou encerrar a noite, pessoal – falei para um grupo de meninos muito desapontados.

– O quê? Você vai sair do jogo? – todos eles perguntaram em uníssono.

– É, vou sim. Acho que já cheguei ao meu limite. Vou só até as roupas íntimas. – Dei uma risada. – Não vou correr o risco de perder outra rodada. Harry provavelmente vai vencer mais uma vez e não quero tirar mais nada!

Todos eles protestaram com veemência e foi então que Tiffany surgiu com a melhor ideia de todos os tempos.

– Por que você não fica e joga um pouco mais com a gente? Prometemos que não escolheremos mais você para tirar a roupa, não é, rapazes? – Ela olhou para os meninos. – Além disso, seria hilário se não contássemos para Tristan sobre esse nosso trato. Ele vai surtar quando achar que... bem, a meia-irmã dele corre o risco de ficar pelada aqui.

Os meninos riram achando a ideia de Tiffany muito engraçada e todos concordaram. Quando Tristan voltou do banheiro, todo o mundo fez cara de paisagem. Sentei de novo no meu lugar e comecei outra rodada.

– Você ainda está jogando? – Tristan perguntou, surpreso. Ele achou que eu fosse parar com certeza quando estivesse de roupa íntima.

– Claro! Gosto de viver perigosamente! – Pisquei para ele. – E já que não tenho namorado, nem nada do tipo, não tem nada demais. – Dei de ombros, despreocupada.

Ele cerrou os dentes e os punhos. Sam e Harry soltaram risadinhas silenciosas quando recomeçamos o jogo e pude perceber que Tristan dava tudo de si para vencer aquela rodada. Ele não queria dar a chance de que outra pessoa me escolhesse para tirar a roupa de novo. No entanto, veja só que surpresa (note o sarcasmo), contra todas as probabilidades, Harry venceu de novo. Acho que ele estava roubando. Não é possível alguém ganhar o tempo todo daquele jeito! Ele abriu mais uma vez um sorriso diabólico para mim, mas, antes que pudesse abrir a boca, Tristan se levantou de repente e foi até onde eu estava com uma expressão assassina no rosto.

– Já chega. O jogo acabou para você, senhorita! – Ele arrancou minhas roupas do chão e me puxou pelo braço. Todos começaram a rir como malucos diante da explosão de Tristan. É claro que a maioria dos garotos achava que aquela havia sido apenas uma reação de irmão superprotetor, mas eu estava mais do que feliz por saber que não havia nada de fraterno naquele ataque de ciúme. Sorri e dei adeusinho para todo o mundo

enquanto me deixava ser arrastada para fora da sala por um Tristan furioso.

Ele me puxou com raiva até metade do corredor até parar e jogar as minhas roupas em meus braços.

– Aqui. Vista-se – Tristan ordenou em um tom ameaçador. Ele fechou a cara e esperou que eu me vestisse. Em geral, eu não gostava que ninguém me dissesse o que fazer e mandasse em mim daquele jeito, mas seu olhar reprovador me deixava tão envergonhada que de repente me dei conta de que estava quase nua na frente dele.

– Está bem! – Peguei as roupas e vesti a camiseta depressa. Quando tentei levantar uma das pernas para vestir o jeans, perdi o equilíbrio e quase caí para trás. Tristan me pegou com firmeza por um dos braços antes que eu levasse um tombo e caí nos braços dele. O contato direto comigo sob aquelas circunstâncias fizeram com que ele ficasse ainda mais fora de si e prestes a explodir de verdade.

– Pelo amor de Deus! Não consigo acreditar em você tirando a roupa daquele jeito! – ele rugiu, me empurrando para longe como se o meu toque o queimasse. – Qual é o problema com você? Onde está a sua decência? – ele me repreendeu, enojado.

Eu me liberei com raiva de seus braços e segui para o meu quarto. Ele me acompanhou, parecendo esgotado.

– Que diabos há de errado com você? – sibilei de volta para ele, ao entrar em nosso quarto. – Foi você quem me deixou envergonhada na frente de todos os meus amigos! Qual é o *seu* problema?

– Você não deveria estar brava. Eu só estou tomando conta de você, como prometi para a sua mãe – ele disse com mais calma.

Bufoi alto.

– Ah, então quer dizer que você só fez isso porque está cheio de bondade nesse seu coraçãozinho de merda? – explodi. Vi que ele se contorceu quando xinguei. Sabia o quanto ele odiava xingamentos e fiquei feliz por jogar quantos palavrões quisesse na cara dele!

– Exatamente – ele concordou, fingindo não ter entendido o sarcasmo. – O que a sua mãe acharia se eu deixasse você se comportar daquele jeito? – ele acrescentou em tom de repreensão.

– Ela acharia que eu estava me divertindo muito com os meus amigos antes de você estragar tudo! – rebati, debochada.

Ele ergueu uma das sobrancelhas com uma expressão presunçosa no rosto.

– Vamos, Joe. Acalme-se, vá dormir e amanhã quando acordar você verá que eu estava certo – ele ordenou, acenando para minha cama.

– Ótimo. Vou dormir, então! – berrei tirando a camiseta e atirando-a no peito dele.

Perplexo, Tristan descruzou os braços e observou minha camiseta cair aos seus pés.

– O... o que você está fazendo? – ele gaguejou com os olhos arregalados como um cervo atingido pelos faróis de um carro.

– O que você acha? Estou tirando a roupa para ir para a cama! Ou você quer que eu durma a noite inteira vestindo essas coisas desconfortáveis? – E tirei o jeans. – Se estiver tudo certo para o senhor! Não vou querer que você me dedure para a minha mãe por isso também, não é mesmo? – Amarrei a cara e joguei o meu jeans no peito dele também.

Então parei, ofegante, e o encarei. Ele me olhou de volta por alguns segundos e então foi até sua cama, pegou a primeira camiseta que viu jogada sobre ela e jogou para mim com uma expressão irritada no rosto.

– Aqui. Cubra-se. O que deu em você hoje para ficar tirando a roupa o tempo todo? – ele grunhiu e se virou para encarar a parede.

– Você é que está preocupado demais em ser certinho, Sr. Puritano! – berrei e fiquei de costas para ele. Tirei o sutiã e vesti a camiseta de Tristan. Aquele sutiã novo estava me matando! Esse lance de roupa nova era mesmo uma porcaria! E roupas sexy eram uma porcaria maior ainda! E Tristan era a maior porcaria do mundo!

– Pronto! – gritei de novo. Não ligava mais se as pessoas podiam ouvir nossa briga. Eles que fossem todos para o inferno! E que Tristan fosse com eles!

Olhei para baixo e percebi que ele havia jogado para mim sua camiseta azul preferida. Ficava muito grande em mim, indo parar na metade das minhas pernas. O tecido era macio e levemente frio ao toque. E tinha o cheiro dele. Xinguei mentalmente. Como eu seria capaz de dormir sentindo o cheiro de Tristan naquela camiseta o tempo todo agora? Mas que droga!

– Está feliz agora que pus a merda dessa roupa para dormir? – berrei para ele, andando até a minha cama. Ele me encarou raivoso e então começou a caminhar na minha direção com passadas firmes e cheios de represália. Engoli em seco. Talvez eu devesse ter fechado essa droga de boca. Tristan parecia tão assustador que dei um passo para trás... Finalmente eu havia feito ele perder o controle, mas da pior maneira possível.

– Pare de falar palavrão, Joe – ele sussurrou de forma ameaçadora. Aquilo não era um pedido, era uma ordem. – Você sabe o quanto isso me irrita – ele rosnou. Como assim Tristan estava rosnando para mim?

Aquilo me fez sair do estado de espírito submisso e fracote em que eu me encontrava. Eu não iria ser tratada daquele jeito. *Nem* deixaria que ninguém rosnasse para mim! Eu não tinha medo de nada nem de ninguém!

– É mesmo? Então venha calar a minha boca! Posso acabar com você sem nem mesmo fazer esforço, amigo. Não tenho medo de você! – retruquei, sabendo que abusava da sorte.

Ele deu mais um passo na minha direção e, involuntariamente, recuei um pouco mais, trombando contra a parede. Não havia mais para onde correr. Os cantos dos lábios dele se curvaram em um sorriso vitorioso.

– Não tem medo? É mesmo? – ele zombou, satisfeito.

Cerrei os olhos. Ele estava rindo da minha cara? Então Tristan achava que era grande, forte e todo mau e que eu estava com medo dele? Eu iria lhe dar uma lição! Dilatei as narinas como

um touro raivoso que vê uma bandeira vermelha. Ele se inclinou na minha direção. O rosto dele se aproximava cada vez mais do meu sem perder o contato visual.

– Babaca. Vá. Se. Foder – eu disse entredentes. Ele não gostava que eu falasse palavrão? Que engolisse essa, então. Bem naquela cara recatada do século XX dele!

– Tãõ. Teimosa – ele rebateu com uma voz rouca enquanto agarrava os meus pulsos e me prendia contra a parede. Não tive nem tempo de lhe dar nenhuma resposta, porque Tristan me empurrou contra a parede e me beijou.

Ele me beijou!

Fiquei tão chocada que não retribuí logo de início. Apesar de minha mente ainda estar em estado de choque, minha boca parecia pensar mais rápido, pois logo respondeu ao beijo de Tristan por vontade própria. Antes que pudesse me dar conta, eu o beijava com o mesmo desejo e a mesma paixão que ele. Não conseguia mais pensar direito. Tudo parecia um borrão disforme, como se eu tivesse bebido litros de álcool a noite inteira. Mal podia respirar enquanto ele me devorava. Eu podia sentir cada centímetro dele pressionado contra mim, com toda a força. Podia sentir o quão intensamente ele me desejava, a emergência, a total necessidade. Meu Deus! Os lábios de Tristan eram tão urgentes e seu gosto tão doce... Suas mãos serpenteavam por debaixo da minha camiseta, fazendo com que meus pensamentos derretessem com o calor das suas mãos. Queria que ele me tocasse em todos os lugares. Uma urgência preenchia todo o meu corpo, mas eu sabia que havia algo que precisava ser feito, ser dito... O que era mesmo? O plano... de fazer ele ceder. Ele tinha que confessar!

Afastei os lábios dele e me esforcei para pensar claramente.

– Tris... por favor, pare – arquejei.

Ele grunhiu em protesto, ofegando pesadamente contra o meu pescoço.

– O que você está fazendo? Você não disse que não podíamos ficar juntos? – perguntei com a voz trêmula.

Ele enterrou o rosto no meu cabelo, traçando uma linha de beijos intensos no meu pescoço e evitando os meus olhos.

– Sim. Não. Não podemos. – Sua voz era tensa, pesada de desejo.

– Então por que você está fazendo isso? – sussurrei, apesar de não conseguir parar de passar os dedos em seu cabelo, provocando calafrios em sua pele e fazendo com que ele pressionasse seu corpo ainda mais junto ao meu. Seus lábios queimavam a minha pele enquanto ele me beijava por todo o pescoço, até parar em minha orelha, mordiscando-a devagar, me fazendo tremer de prazer..

– Meu Deus, Joey! Você está me deixando maluco – ele disse em um suspiro repleto de desespero.

Não me lembro muito bem do que aconteceu depois disso. Eu me afogava nos braços de Tristan e poderia morrer de tanta felicidade. Não era mais capaz de elaborar qualquer forma coerente de pensamento. Podia apenas sentir as mãos suaves e fortes dele em mim, em todos os cantos do meu corpo. O calor dele queimando minha pele. O sabor de sua boca e sua fragrância me sufocando. Não me importava com mais nada no mundo. A única coisa de que precisava era que Tristan estivesse comigo. Ali, naquele exato momento.

Não me lembro de como terminamos na minha cama, nem de como ficamos os dois sem roupa – nem quando Tristan buscou proteção na cômoda ao nosso lado. Tudo de que me recordo é do peso do corpo dele contra o meu, não deixando nenhum espaço entre nós. E então tudo aconteceu tão depressa. Ele me fazia queimar sob as pontas de seus dedos, com a urgência do seu toque, me deixando sem ar, com pensamentos rodopiando fora de controle enquanto eu o agarrava como se estivesse em meio a uma tempestade violenta e ele fosse o meu único abrigo, minha única salvação. E então a Terra tremeu e se despedaçou ao nosso redor.

Uma sensação de paz e completude tomou conta de mim depois que minha euforia começou a se extinguir. Lembrei-me dos fogos de artifício de tanto tempo atrás, no cemitério escuro,

em um céu de meia-noite. Lembrei-me das mãos dele nas minhas e de como ele havia sussurrado baixo em meu ouvido. *Não fique com medo. Tudo ficará bem.* E eu sabia que ficaria, porque ele estava comigo. Ele era meu e eu era dele durante aquele breve momento, intenso, extraordinário e assustador. E então ele era meu mais uma vez.

Ninguém jamais poderia tirar isso de mim. Nenhuma mentira seria capaz de estragar o que havia acontecido entre nós agora.

*Eu era dele e ele era meu.*

Mas eu ainda podia sentir a ansiedade de Tristan quando ele se afastou de mim e se sentou na beira da cama, nu, com as mãos cobrindo o rosto, a cabeça abaixada em angústia. Ainda havia tanto desespero dentro dele... Não suportava vê-lo se torturar daquela forma. Antes que eu pudesse estender uma mão para ele ou dizer o que quer que fosse, Tristan se levantou, vestiu sua calça de moletom e deixou o quarto sem dizer uma única palavra.

## capítulo vinte e nove

### Cantiga de amor

Sim. Ele simplesmente foi embora. Mais tarde na minha vida, eu sempre voltaria a pensar naquele momento. E se eu não tivesse o seguido? E se eu decidisse ficar naquele quarto? Para que caminho minha vida teria seguido então? É engraçado como uma única decisão pode mudar tanto nossas vidas e fazer tanta diferença em nosso futuro.

Tudo que eu sabia era que precisava ir atrás dele. O elo que já tínhamos antes se tornou cem vezes mais forte depois do que havíamos acabado de compartilhar. Podia senti-lo por completo, todas as suas emoções. Podia sentir o desespero de Tristan por ter cedido às suas emoções e seus desejos; o inegável amor por mim preenchendo cada centímetro de sua alma e a dor excruciante que o invadia quando pensava em me perder.

Talvez se as emoções dele não estivessem fluindo para mim como um dique partido, eu não o tivesse seguido. Mas eu nunca estive tão certa de algo em toda a minha vida quanto naquele instante. Tristan me amava. Não havia como negar isso. Ele não ousaria clamar qualquer outra coisa.

Então, no minuto em que ele partiu, vesti minha roupa íntima e a camiseta azul de Tristan por cima e corri para fora do quarto atrás dele. Vi sua silhueta escura em frente no corredor, virando para descer as escadas. Não podia gritar, senão acordaria o andar inteiro, então corri com os passos mais leves e da forma mais silenciosa de que fui capaz, tentando alcançá-lo, mas ele era rápido demais! Era uma noite de lua cheia, que me permitia

ver tudo com clareza. Olhei ao redor ao sair pelo jardim, e o local parecia completamente deserto, então resolvi arriscar e gritei para ele.

– Tristan, pare!

Ele congelou no meio de um passo e se virou devagar para mim. A expressão em seu rosto confirmava o que eu já havia sentido através de nossa conexão. Desespero, amor, dor... mas também algo mais: surpresa e confusão, como alguém que de repente acordava de um sonho.

– Joey? – ele perguntou em um sussurro atordoado. Foquei com toda a concentração em seus olhos e me aproximei tentando capturar o que ele sentia. Havia... bastante confusão dentro dele. Tristan estava completamente perdido, sua mente um amontoado confuso de pensamentos que se misturavam uns aos outros. Foi por isso que havia se levantado daquela forma e saiu correndo do quarto. As muralhas que protegiam sua mente estavam vindo abaixo. Por um segundo ele pareceu conseguir organizar um pouco de seus pensamentos caóticos por tempo suficiente para conseguir se lembrar do que acabara de acontecer entre a gente.

– Jo... Joe, você está bem? – Tristan sussurrou, andando em minha direção. Parecia genuinamente preocupado. Meu plano era de fazer com que ele perdesse a cabeça, mas não daquela forma! Um vento frio nos atingiu e só então me dei conta de que vestia apenas a camiseta de Tristan. E ele vestia apenas uma calça de moletom, seu dorso completamente exposto e os pés descalços. Tremi e abracei o meu próprio corpo, e ele me olhou cheio de preocupação em retorno. Acho que estava pensando que eu tremia por algum outro motivo que não o frio.

– Me perdoe, Joe – ele disse com gentileza. – Por... por acaso eu a machuquei? Não consegui me controlar... Essa foi... foi a sua primeira...? – Tristan ficou sem palavras para concluir a pergunta.

Franzi a testa, tentando seguir o fluxo desorganizado de pensamentos que Tristan despejava sobre mim quando finalmente me dei conta do que ele queria dizer.

– Ah, não! Não mesmo! Estou bem. Não foi a minha primeira... vez. – Sorri, sem graça. Estava feliz por não ter sido, o que evitou todo o desconforto e toda a dor que havia sentido em minha primeira vez. Tom, meu primeiro e único namorado, havia resolvido essa questão um tempo atrás. Mas hoje, nesta noite, eu havia sentido somente prazer e nada de dor. Não era nem justo comparar minha primeira experiência com o momento extraordinário de agora.

Eu o ouvi suspirar aliviado e então o vi fazer outra careta, preocupado mais uma vez.

– É estranho que eu me sinta aliviado por não ter sido a sua primeira vez e por não ter machucado você... e ao mesmo tempo me sentir péssimo, porque agora vou ficar imaginando você com outro cara – ele murmurou, olhando para grama. – Sei que estou sendo antiquado, mas as garotas do meu tempo...

Ele parou quando viu a minha cara.

– Sei que os tempos mudaram – ele concluiu, chateado.

Sorri e peguei as mãos dele.

– Deixe de ser bobo, Tristan – falei baixinho. – E não estou me referindo só a agora, mas também sobre todo o resto. Você tem sido um tolo ultimamente. – Na verdade, eu estava pensando mais em termos de “incrivelmente estúpido”, mas creio que aquela não era a melhor hora para ser tão diretamente honesta com Tristan. Ele já estava abalado o suficiente.

Um fluxo suave de energia formigava entre os nossos dedos entrelaçados. Ele olhou para as nossas mãos com os olhos brilhantes cheios de lágrimas que ameaçavam cair, repletos de fascinação e dor.

– Tris, você tem noção de que simplesmente se levantou e me deixou sozinha lá no quarto? – perguntei com cuidado.

– Eu... Eu fiz isso? Me desculpe – ele sussurrou como se estivesse exausto de lutar contra aqueles sentimentos. – Não consigo suportar mais isso, Joey, não depois do que aconteceu essa noite. Não posso mais mentir pra você. – Ele largou

minhas mãos e se ajoelhou diante de mim com a cabeça abaixada, derrotado.

Eu me ajoelhei também, bem perto dele e pus uma das minhas mãos sobre o seu coração. Sua pele queimava sob os meus dedos.

– Então não minta – eu disse com suavidade.

Queria poder arrancar toda a dor dele com as minhas próprias mãos, mergulhar em seu coração e libertá-lo de todo aquele sofrimento, de toda sua angústia. Era um desejo tão profundo que brotava do fundo de meu coração.

Tristan ficou tenso de novo e olhou para mim um tanto surpreso antes de colocar uma das mãos sobre a minha, sobre o seu coração, e assentir:

– Eu sei. Posso sentir – ele sussurrou. Ele podia sentir o elo entre nós, todas as emoções que jorravam de mim. Seus olhos cinza cintilaram, repletos de lágrimas. – Não quero que sejamos apenas amigos. Nunca quis – ele confessou e imaginei se finalmente me contaria seu segredo. Ele olhou para mim por um longo tempo, em silêncio, antes de ousar prosseguir. – Você já sabia. – Aquilo foi uma afirmação e não uma pergunta. – Como você descobriu? – Sua voz dele era trêmula e baixa. Ele falava a respeito do segredo.

Soltei um suspiro profundo e sorri para ele.

– Você me contou, Tris. – Observei os olhos dele se arregalarem, surpresos. – Quando você teve aquela febre alta, no primeiro dia do mês. Você estava meio... delirante. E me contou tudo.

– Mas... mas não pode ser... Não me lembro de falar nada – ele murmurou para si mesmo.

– Você me contou sobre o Ano-novo e também me disse que tinha medo de palhaços – tentei ressaltar.

Ele ficou ainda mais tenso e me observou cheio de suspeita.

– Ninguém sabe disso – ele sussurrou, apavorado.

– É, bem... não é nada demais. Todo o mundo tem medo de alguma coisa. Eu tenho medo de fantasmas. – Dei de ombros.

Ele me olhou, incrédulo.

– Você só pode estar brincando. Fantasmas?

– Irônico, não é? – falei achando graça.

– Então você sabia que eu estava mentindo. Por isso estava agindo dessa maneira estranha nos últimos dias – ele constatou. – Você estava tentando... me punir? – Não havia nenhum traço de condenação em sua voz. Tristan achava que tudo o que estava acontecendo era culpa dele. Foi ele quem havia completado o feitiço que nos conectou naquela noite no cemitério. Era por sua causa que todas essas coisas estavam acontecendo.

– Não foi uma punição. Eu estava apenas tentando forçá-lo, você sabe, a me dizer a verdade. Só isso. – Olhei-o bem nos olhos. Ele não evitava mais o meu olhar. Tristan não tinha mais nada a esconder.

– Mas você já sabia a verdade – ele insistiu, confuso.

– Eu precisava ouvir da sua boca. Precisava que você confessasse, só assim você pararia de tentar me afastar. Só então você desistiria dessa encenação *idiota* sua – eu disse colocando ênfase na palavra “idiota”.

Observei o rosto dele se contorcer, tomado pela dor mais uma vez.

– Des... desculpe. Não sabia mais o que fazer... Nunca quis machucar você, nunca quis que nada disso acontecesse. – Sua voz tremeu no final de emoção. – Só estava tentando evitar que você sofresse ainda mais por minha causa. Se permanecêssemos apenas como amigos, você não sofreria tanto quando... – As palavras sumiram ao final de sua frase, mas eu sabia a conclusão de seu pensamento.

Eu ainda estava com uma das mãos pousada sobre o peito dele e podia sentir a força surpreendente de sua dor sob os meus dedos, a intensidade de seu tormento. Eu me aproximei e o envolvi com meus braços em um gesto de proteção, meu coração cheio de lamento.

– Eu sei, Tris. Por favor... tudo vai ficar bem agora – eu disse baixinho em seu ouvido.

– Não, não vai. Dona Violeta veio aqui na escola e me contou tudo que conseguiu descobrir. A única coisa que mantém esse Virgílio longe de mim é você. E também isso. – Ele apontou para a pulseira de contas em seu pulso. – Nosso elo mágico, Joey, lhe dá o poder de me proteger. Mas, quando ano terminar, o elo vai desaparecer e você não será mais capaz de me salvar. O meu tempo... o meu tempo extra na Terra estará terminado. Virgílio conseguirá me pegar então. Com ou sem amuleto mágico. – Sua voz era cansada e triste.

– Escute. Estive pensando a respeito dessa data limite desde que descobri essa história. Posso ajudá-lo, Tris, sei que posso.

Ele balançou a cabeça sem aceitar o meu pensamento positivo.

– Joey... não é assim tão fácil.

– Eu não disse que seria fácil. Estou dizendo que pode ser feito. Você não pode perder as esperanças assim tão fácil! Posso ferir Virgílio! – afirmei com firmeza e Tristan me olhou cheio de suspeita e surpresa. – Posso ferir Virgílio. Ele também não esperava por isso. Ficou tão surpreso quanto você está agora, mas eu o feri uma vez, em um dos meus sonhos. E sei que posso fazer a mesma coisa de novo. Talvez eu consiga nos livrar dele de alguma forma. Vale a pena tentar. Há muitas coisas que podemos tentar antes de pensar em desistir, Tris.

– Você... você acha mesmo? – ele perguntou baixinho com a voz cheia de dúvidas, mas também com um vestígio de esperança.

– Eu sei que sim – eu disse com convicção. – Já podíamos estar trabalhando nisso se você não estivesse agido como um imbecil esse tempo todo, me afastando da sua vida, fingindo que eu não significo nada para você – eu disse com uma voz cheia de reprovação. – Além disso, é tarde demais para sermos “apenas amigos”. Você não pode me proteger do que eu sinto por você. Nada pode mudar o que sinto por você.

Ele olhou para baixo com o rosto marcado pela tristeza.

– Eu estava tentando evitar que você se machucasse, só que passei esse tempo todo fazendo exatamente o contrário, não é?

– ele murmurou.

– É – concordei com toda a sinceridade. Não havia como mascarar aquela resposta para torná-la mais fácil de ser digerida.

– Achei que, se eu me afastasse, você iria continuar com sua vida... e se esqueceria de mim.

Envolvi o rosto dele com as minhas mãos e o ergui para que olhasse diretamente nos meus olhos.

– Não há como eu me esquecer de tudo que passamos juntos. Eu jamais seria capaz de esquecer você, Tristan. Não nessa vida. Nem em mil vidas. – Ouvei um eco em minha cabeça, e por um instante me lembrei de ter dito aquelas mesmas palavras para Tristan no cemitério onde tudo havia começado.

Tristan piscou algumas vezes. Seus olhos continuavam a cintilar, se enchendo de lágrimas que ele teimava em segurar.

– Desculpe... por toda a dor que provoquei. – Ele me puxou para perto de si e me abraçou.

Eu me aconcheguei em seu peito, aquecendo-me no calor daquele abraço.

– Aposto que você desejaria nunca ter me conhecido naquele dia no cemitério. Se você não tivesse se perdido, a sua vida seria muito mais fácil agora – ele disse com uma voz pesarosa.

Empurrei o peito dele com toda a força.

– Jamais repita isso! Você é a melhor coisa que já me aconteceu! Será que não consegue ver o quão incrível, o quão especial você é para mim? Nunca desejaria isso! Nunca! – eu disse com raiva, enquanto lágrimas ameaçavam cair, mas com esforço consegui contê-las.

Ele piscou na minha direção, surpreso com meu ataque de fúria, mas então, naquele instante enquanto me olhava, conseguiu compreender o por que de minha explosão raivosa e seus olhos brilharam com admiração e amor.

– Me desculpe. Você está certa, Joe. – Tristan estendeu a mão para mim com todo o cuidado e deixei que me puxasse de volta para os seus braços. – Por favor, diga que me perdoa... por tudo – ele sussurrou na minha orelha.

Assenti em silêncio e depois de alguns minutos, me afastei um pouco para olhar diretamente em seus olhos.

– Vamos fazer uma promessa agora? Vamos sempre dizer a verdade um para o outro, não importa o que seja.

– Não importa o que seja – ele prometeu e sorriu suavemente para mim.

Eu o abracei apertado mais uma vez para selar o nosso trato.

– Contanto que estejamos juntos, tudo vai ficar bem – sussurrei de forma quase inaudível. Passei uma das mãos pelo cabelo de Tristan e o abracei com força enquanto sentia o calor irradiar de seu corpo como se fosse o meu sol particular. Se ele pudesse saber o quão desesperadamente eu o amava naquele momento. Se pudesse sentir...

Ouvi a voz suave de Tristan vibrar no ar, grave e repleta de emoção perto do meu ouvido, seu rosto enterrado em meu pescoço.

– Eu a amo tanto, Joe.

Sorri em seus braços. A terceira vez é sempre a melhor.

– Também amo, Tris – sussurrei de volta. – Muito, muito mesmo.

Senti ele relaxando aos poucos, sua dor se derretendo em meus braços, restando apenas o amor.

– Amei você desde a primeira vez em que a vi naquela tarde de sol no cemitério. Você era a coisa mais bonita que eu já tinha visto na vida, toda desarrumada e coberta de terra – ele confessou com uma risada baixa e afetuosa, seu rosto ainda mergulhado em meu pescoço. – Você tinha tanta força e vida em seus olhos, tanta luz. Você brilhava como uma estrela nascente. Não acreditei quando falou comigo! O dia em que a conheci foi o dia mais feliz da minha vida... e da minha morte...

– Ele fez um carinho no meu cabelo. – Você roubou meu coração naquele dia.

– Não fiz nada disso! Nunca roubei nada! – protestei, sorrindo.

Ele deu outra risada e balançou a cabeça.

– Roubou sim. Você roubou completamente o meu coração. Mas, se você preferir, entrego meu coração, aqui e agora de bom grado. Nunca mais poderei pedi-lo de volta, ele é seu por direito agora. – Ele sorriu e apertou minhas mãos entre as suas. Como senti falta dos sorrisos de Tristan! De suas risadas, de seus toques. Eu sentira tanta falta dele. E agora eu o tinha de volta. O coração dele era meu. Por direito.

Eu me inclinei e o beijei suavemente nos lábios. Também senti falta de sua boca, de seus beijos.

– Obrigada. Guardarei seu coração com carinho para sempre. – disse sorrindo após o beijo – Você quer saber então quando eu lhe dei o meu coração? – provoquei. – Naquele mesmo dia no cemitério. Quando você sorriu para mim do alto da sua sepultura. Foi o sorriso mais apaixonante que eu já vi – confessei. – Você conquistou o meu coração ali, naquela mesma hora.

– Então... Foi amor à primeira vista, hum? – ele murmurou enigmaticamente, fitando os meus olhos.

– Não acredito nessas besteiras de contos de fadas – resmunguei.

– Também não acreditava... – ele fixou os olhos em mim – até conhecer você. – Ele se inclinou devagar e me beijou profundamente, tirando meu fôlego mais uma vez. Uma rajada de vento passou por nós, cortante, fazendo com que eu tremesse em seus braços. Foi então que lembrei que estávamos no meio do jardim da escola, com centenas de janelas bem acima de nossas cabeças. Qualquer um podia nos ver ali.

– Merda! Quero dizer, droga! – exclamei, dando um pulo para longe dele. – Esqueci que estamos no meio do jardim e, você sabe, eu mal estou vestida e você também, isso sem mencionar todos esses beijos... – expliquei, envergonhada.

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Algumas folhas se ergueram em um pequeno redemoinho de ar ao nosso redor. Acho que havia algum tipo de magia naquelas risadas dele. A magia parecia estar encravada bem dentro de Tristan, em seu cerne. Ele estendeu uma das mãos para mim e

caminhamos de volta ao nosso quarto de mãos dadas, em silêncio. Era sábado e corríamos o risco de esbarrar com outros alunos que voltavam de alguma noitada fora da escola, por isso tentávamos caminhar o mais rápido e discretamente possível. Distráído, Tristan acariciava as costas da minha mão com o dedão, uma mania sua que aparecia quando estava perdido em pensamentos. Imaginei o que ele estaria pensando.

Eu ainda tremia um pouco de frio quando chegamos ao nosso quarto, mas, assim que fechei a porta, ele me pegou no colo, como se eu fosse sua noiva, e me levou para a sua cama.

– O que você está fazendo? – exclamei, surpresa.

– Não tem ninguém aqui. Seth está no quarto de Tiffany, por isso estou livre para carregar você como bem entender. – Tristan sorriu e me colocou na cama com cuidado, como se eu pudesse quebrar, e se deitou ao meu lado, puxando o cobertor sobre nós e me envolvendo em seus braços mais uma vez. – Vou mantê-la quente – ele sussurrou suavemente em meu ouvido.

Sorri e relaxei em seus braços. Tudo ao meu redor tinha o cheiro de Tristan, a cama, os lençóis, a camiseta que eu vestia. Sem mencionar no próprio Tristan, me envolvendo com força em seus braços. Era uma overdose da fragrância de Tristan para os meus sentidos. Era estonteante! Suspirei, feliz, sentindo o calor retornar a todo o meu corpo. Em alguns segundos, tinha parado de tremer por completo.

– Melhor? – ele perguntou com suavidade.

– Se eu disser que sim, você vai me mandar de volta para a minha cama? – brinquei.

Ele deu uma risada leve.

– Se você quiser, pode ir para a sua cama – Tristan disse despreocupado, me fazendo franzir a testa, desapontada. – Eu não me incomodo em dormir lá. Onde você estiver, está ótimo pra mim – ele disse rindo ao ver que eu havia caído na sua brincadeira. Quase acreditei que ele queria que eu fosse para a minha cama!

Ele se virou levemente de lado, apoiando-se em um dos cotovelos enquanto abraçava a minha cintura com o outro braço. Ficamos deitados na cama em silêncio, no escuro, mas eu podia sentir o cérebro dele trabalhando incessante ao meu lado. Comecei a ficar preocupada com toda aquela maquinação em sua cabeça.

– Tris?

– Sim? – ele respondeu com delicadeza.

– Você não está pensando em nenhum outro plano estúpido para me afastar de você, não é? – O meu coração se apertou só de pensar a respeito. – Você está arrependido do que aconteceu nessa noite?

Senti ele me puxar para ainda mais perto dele, em um abraço apertado.

– Não, eu não estou arrependido, Joey. Como eu poderia me arrepender da melhor coisa que aconteceu na minha vida? – ele disse baixinho e repousou os lábios sobre a minha testa. – Não se preocupe, não estou pensando em nenhum plano... mas, se eu pensar em algum, lhe contarei tudo primeiro para que você aprove, ok? Assim, você poderá vetar todos aqueles que forem estúpidos demais.

– Certo. – eu disse enterrando meu rosto em seu peito.

Foi então que me lembrei de outra pergunta bem importante.

– Hum... Tristan? – eu o chamei em tom sério.

Ele tensionou imediatamente, sentindo a seriedade em minha voz.

– Sim? – ele respondeu com um tom preocupado.

– E a Carolina? – perguntei, sem rodeios. Agora era uma boa hora para saber sobre isso.

Ele permaneceu em um silêncio nervoso por alguns minutos e então suspirou alto. Eu podia ouvir os zumbidos e os cliques dos mecanismos do cérebro dele trabalhando no escuro, tentando pensar na melhor maneira de me dizer algo.

– Isso não soa nada bem para mim, mas prometi que iria lhe dizer a verdade. E a verdade é que eu estava apenas usando Carolina para fazer com que você se esquecesse de mim e

seguisse com a sua vida. Eu sabia que se você soubesse que eu estava com outra pessoa... desistiria de mim.

Fiz uma dancinha feliz dentro da minha cabeça.

– Então... você não sente mesmo nada por ela?

– Meu Deus! Não! Ela é tão fútil e grudenta! Ela é o oposto de tudo que eu gosto. Ela é o oposto de você!

Um grande sorriso se espalhou pelo meu rosto.

– E vocês nunca... *você sabe?* – Fiz um gesto no ar com os dedos indicando as aspas. Eu precisava ter certeza. Observei Tristan franzir a testa no escuro em confusão. A luz da lua entrava pela janela, me proporcionando uma boa visão da expressão em seu rosto. Eu podia ver os olhos cinza e brilhantes com clareza e o fitava com atenção enquanto ele respondia.

– Nunca o quê? – ele repetiu, tentando entender até que finalmente a ficha caiu. – Ah, entendi. “*Você sabe*”... Não. De jeito nenhum. Jamais fizemos nada – ele afirmou com firmeza.

– Porque ela andou falando umas coisas bem cabulosas sobre o que vocês andavam fazendo... “*você sabe*”... – eu disse, ainda olhando diretamente em seus olhos.

Pude vê-lo corar no escuro. Ele tossiu, morrendo de vergonha.

– Sério? Meu Deus! Não é de estranhar que você estivesse louca da vida comigo! Agora entendo toda a tortura que me fez passar, já que realmente pensava que eu tinha... mas, não! Nada disso. Eu só a beijei direito uma vez, quando você estava vendo a gente perto do corredor dos armários. Depois só ficamos de mãos dadas e passamos algum tempo juntos às vezes, mas até mesmo isso era tortura para mim. Ela é um pé no sa... – Ele então parou de repente, lembrando de sua regra de “não falar palavrão” e continuou de uma forma mais educada. – Desculpe, eu queria dizer que Carolina é muito... irritante.

Sorri e o vi ficar vermelho de novo por ter quase xingado por acidente. Era a coisa mais fofa. Não falei mais nada depois disso e ele pegou meu rosto em suas mãos e fez com que eu me virasse para olhá-lo diretamente nos olhos.

– Juro a você, Joe. Não aconteceu nada entre Carolina e mim. Consegue ver que estou falando a verdade? – ele perguntou, angustiado. – Estou até grato por essa sua habilidade, porque você pode ver que estou dizendo a verdade agora, não pode?

– É, posso ver sim – falei, triste. – Desculpe por ter mentido sobre isso, Tris. Não sei como desligar esse poder e não quero que você tenha medo todas as vezes que me olhar nos olhos. Fiquei arrasada todas as vezes que você evitou olhar para mim, por receio de que eu lesse os seus sentimentos. Isso é realmente um saco. Desculpe – murmurei e olhei para baixo.

Ele ergueu o meu queixo com os dedos e me fez olhar para ele de novo.

– Não sinta pelo seu dom, Joe. Ele a torna ainda mais especial do que você já é. Eu que fui o idiota que mentia para você e não queria ser pego. Mas isso foi no passado. Nunca mais ficarei com medo de olhar nos seus olhos porque sempre contarei a verdade para você a partir de agora, independentemente do que acontecer, lembra? – Ele sorriu com sinceridade, se inclinou para mim e me deu um beijo suave. – Vou terminar com ela amanhã – ele disse devagar enquanto ajeitava uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– E seja legal quando fizer isso, porque ela pode ser irritante e um pé no saco, mas não fez nada para ser tratada mal por você ou por mim, e, principalmente, ela não tem nada a ver com esse seu plano estúpido – eu o alertei. Ninguém poderia dizer que eu não era uma pessoa justa.

– Sim, senhora. – Ele acariciou meu cabelo.

Olhei para cima para ver se ele zombava de mim, mas Tristan simplesmente sorriu, amável como sempre, então me aconcheguei de novo contra seu peito. De repente, me senti morta de cansaço. Aquela havia sido uma noite exaustiva, que me drenou emocionalmente. Tudo havia sido tão intenso. Eu estava esgotada.

– Joey? – ele perguntou suavemente.

– Hein?

– Não sei que como se fazem essas coisas hoje em dia, mas... você disse que me ama. E eu amo você. E depois do que aconteceu essa noite... Sei que não tenho muito tempo, mas preciso perguntar para você. Quer casar comigo?

Eu me engasguei antes de virar para olhá-lo bem nos olhos e envolvi o rosto dele gentilmente com ambas as mãos.

– Tris, temos que namorar bastante antes de pensarmos em casamento, certo? Essa é uma pergunta para muito, muito mais tarde. Confie em mim – falei com calma, tentando fazer com que ele entendesse.

Ele suspirou alto.

– Estou sendo antiquado de novo, não é?

– É, bastante. Mas está tudo bem. Um dia você vai acabar aprendendo como são as coisas nos tempos modernos.

– OK. – Ele fechou a cara de um jeito fofo.

– Não vamos mais conversar sobre coisas sérias essa noite, tudo bem? Estou tão cansada – murmurei e minha voz saiu um pouco abafada por ter meu rosto mais uma vez apertado contra seu peito largo.

Ele me embalou, passando suavemente os dedos pelo meu cabelo e cantarolando uma cantiga suave próximo ao meu ouvido, me fazendo adormecer antes mesmo que ele terminasse a canção.

## capítulo trinta

### Segredo revelado

Acordei com o som de vozes no quarto. Permaneci imóvel, deitada de lado com os olhos fechados, tentando discernir qual seria a fonte do som. Meu cérebro ainda estava lento e atordoado. Uma das vozes era definitivamente de Tiffany. Eu seria capaz de reconhecer o tom alto e animado dela em qualquer lugar. O outro era... Seth. Soava como ele. Minha mente começou a funcionar mais depressa e a sensação nevoenta começou a se dissipar como uma neblina fraca.

De repente, também percebi que não estava na minha cama. Eu estava deitada em um lugar diferente, mais macio. E tinha o cheiro de Tristan. Foi então que registrei o braço pesado ao meu redor, a minha mão dentro da dele, o rosto apoiado no meu pescoço. Eu estava na cama de Tristan. Eu tinha dormido na cama dele! Lembrei-me da noite anterior e um sorriso surgiu sem querer nos meus lábios.

– Viu? Ela está acordando! – A voz de Tiffany vinha de cima, próxima a mim. Me encolhi de susto e e abri os olhos depressa, surpresa.

– Olá, flor do dia! – ela me cumprimentou com um sussurro baixinho, tentando não acordar Tristan. – Acho que no fim das contas vocês tiveram uma noite legal! Fiquei preocupada ontem a noite toda. Vocês saíram do jogo de pôquer de um jeito bem conturbado! Mas acho que tudo acabou bem, não é? – Ela sorria de orelha e orelha.

Eu olhava para Tiffany, piscando sonolenta e tentando organizar meus pensamentos.

– Acho que já chega, Tiff – Seth interveio. – Você estava preocupada e viemos até aqui para dar uma olhada em como estavam as coisas. Está tudo bem. Vamos deixá-los sozinhos agora – ele disse, achando a maior graça e tentando afastar Tiffany da cama.

– Mas... mas... mal conversamos! Ela ainda não me contou nada! Preciso saber! – Tiff se queixou enquanto era puxada por Seth. Ela se contorceu para se soltar e mais que depressa correu na minha direção novamente. Os cachos loiros balançavam de um lado para o outro com suas passadas largas.

– Ei, Joey, escuta só – ela sussurrou com urgência enquanto Seth tentava agarrá-la de novo. – Vamos fazer um piquenique ao meio-dia no grande carvalho. Esperamos vocês lá, hein? – Seth pegou o braço dela e a puxou para longe mais uma vez. – Se vocês não aparecerem, virei buscá-los, viu? Espero por vocês. Preciso saber tu-di-nho! – ela guinchou nos braços de Seth.

Ergui um pouco a cabeça e vi Seth sorrir e balançar a cabeça, divertido, com Tiff presa com firmeza em seus braços. Os dois por fim saíram e Seth fechou suavemente a porta atrás deles. Tiffany estava mesmo louca para saber o que havia acontecido na noite passada. Nem consegui esperar até que eu acordasse para começar com o interrogatório!

Eu me mexi lentamente na cama, me virando para olhar para Tristan. Ele soltou um suspiro fundo e se se deitou de barriga para cima no colchão, me libertando de seu braço com o movimento. Eu podia ver o queixo dele, mas quase nada do restante do rosto que estava virada para a parede. Ele parecia tão em paz quando dormia, com a respiração lenta e profunda, que fazia com que o peito subisse e descesse em um ritmo constante e silencioso. A noite anterior havia sido tão turbulenta que eu nem havia tido a oportunidade de desfrutar da visão que era o peito nu de Tristan. Naquele momento, eu tinha todo o tempo do mundo para apreciar a vista. Passei os dedos

suavemente sobre o peito dele, indo até as costelas e depois mudei de rumo para os quadris, seguindo a linha de seus músculos. Queria memorizar todas as partes de Tristan, todas as curvas, todas as linhas, todos os cantos do corpo dele.

Passei suavemente os dedos sobre sua barriga e o ritmo da respiração mudou quando comecei a brincar com a trilha suave de pelos escuros que começavam bem debaixo do umbigo.

– Se você continuar a me tocar assim, Joe Gray, não me responsabilizarei pelos meus atos – Tristan disse baixinho, virando-se para mim. Ele então abriu um sorriso sexy e cerrou os olhos por causa da claridade do quarto.

– Desculpe. Não quis acordar você. – Fiquei vermelha e tirei a mão de cima dele depressa.

– Não acordou – Tristan respondeu com delicadeza. Os olhos dele já se acostumavam com a luz e ele os abriu por completo. O cinza de suas íris estavam tão brilhante que os olhos mais pareciam dois anéis de prata reluzente. O efeito era hipnotizante.

– Acordei com Tiffany e Seth fazendo a maior bagunça aqui no quarto e conversando com você. No início, pensei que fosse um sonho – ele soltou uma risada –, mas Tiff não calava a boca e então senti você me tocar. Achei que já era hora de acordar então – ele explicou com um sorriso brincalhão em um dos cantos da boca.

– É, Tiff também me acordou – murmurei um pouco desconcertada pela maneira com que ele olhava para mim. – Você... é... dormiu bem?

– Acho que foi a melhor noite de sono que tive na vida. – Tristan olhou sonhadoramente para o teto, mas logo voltou a olhar para baixo e me flagrou encarando o peito dele. Talvez *babando em cima do peito dele* fosse a expressão mais correta. – Admirando a vista? – ele provocou com os olhos em chamas. – Porque eu com toda certeza estou admirando a minha. – Ele lançou um olhar penetrante para a parte da frente da minha camiseta.

Tentei não corar, mas fracassei totalmente.

– Eu não estava olhando! – neguei mais que depressa, o que fez com que minha mentira ficasse ainda mais evidente. Joguei o edredon longe e levantei, toda atrapalhada.

Tristan riu da minha aflição, se esticou, me pegou pela cintura e me puxou de volta para a cama.

– Desculpe, Joey. Não quis deixá-la sem graça. Mas você tem me deixado louco esses dias, andando por aí com essas toalhas minúsculas, vestidos curtos e jeans apertados! – Ele me pegou nos braços mais uma vez como se eu fosse uma noiva. – Sem mencionar que você tem as pernas mais bonitas que eu já vi na vida e fica incrivelmente linda com a minha camiseta. – Ele enterrou o rosto no meu pescoço e o encheu de beijinhos.

Senti arrepios correndo por todos os pontos em que seus lábios tocavam minha pele e me contorci, tentando sair de seus braços antes que ele percebesse o que seu toque provocava em mim e começasse a se gabar.

– Tudo bem! Está certo! Pare com isso. Preciso ir ao banheiro, escovar os dentes, domar essa minha juba, tomar um banho e... todo o resto. – Eu me remexi até sair do colo dele e levantei da cama. – Ao que tudo indica, temos um almoço marcado debaixo do carvalho. Tiffany falou que viria nos buscar se a gente se atrasasse! – avisei enquanto ele fechava a cara, sentado na cama.

– Você quer mesmo ir? Não podemos ficar aqui na cama o dia todo? – ele sondou, esperançoso.

– Não, não podemos, Choco Puffs. – Passei os dedos pelo cabelo dele.

Ele olhou para mim com uma das sobrancelhas erguida, sem entender.

– Choco Puffs?

– É. Achei que precisava arranjar um apelido fofo para você, já que você escolheu um para mim. – Abri um sorriso provocante. – E Choco Puffs, aquele cereal de chocolate, é a coisa de que mais gosto pela manhã. – Belisquei as bochechas de Tristan, olhando-o com uma expressão faminta para que soubesse que ele também era a coisa que mais gostava pela

manhã. – Além disso, Choco também é um nome ótimo, porque amo chocolate e já que às vezes você consegue fazer “puf”, desaparecendo do nada, acho que Puffs também lhe cai muito bem, não acha?

Ele me olhou achando graça e tentou abafar uma risada.

– Já que a sua inspiração são cereais, será que o seu preferido não poderia o Sucrilhos, que tem aquele tigre? – Ele caiu na gargalhada. – Ou quem sabe o Lucky Charms ou o Capitão Crunch! Você poderia me chamar de Tigre, Charms ou Capitão! – Ele morria de rir da própria piada. Uma das coisas que o Tristan mais curti no século XXI era a imensa quantidade de cereais matinais disponíveis nas prateleiras dos supermercados. Ele sempre agia como uma criança todas as vezes em que minha mãe e eu o levávamos para fazer compras.

O rosto dele se iluminou novamente.

– Talvez eu possa me juntar a você no banho... para acelerar as coisas? – Tristan sugeriu repleto de avidez e malandragem.

Soltei uma gargalhada ao me dar conta do tom esperançoso na voz dele.

– Acho que não, mocinho... Tsc, tsc, tsc... – Eu o empurrei de volta para a cama. – Você já tirou a sorte grande ontem, mas agora me deve um encontro de verdade, sabia? Com jantar, cinema e tudo mais! – Dei uma risada e apontei o dedo indicador para ele. – Você me pegou com a guarda baixa ontem, mas não fique achando que sou sempre assim tão fácil!

Ele corou, um pouco envergonhado, e balançou os pés.

– Eu... eu... Você está certa. Não tenho tratado você direito, Joey. Vou lhe dar o melhor encontro que você já teve! – ele me prometeu com um sorriso resplandecente.

Quando ambos estávamos de banho tomado, vestidos e estávamos prestes a sair, Tristan ficou sério.

– Estou aqui pensando se talvez não seria uma boa hora para contarmos toda a verdade sobre mim e essa “situação” mágica em que estamos metidos para Seth, Josh, Sam, Harry e Tiffany. Podemos contar para Seth e Tiff agora no piquenique. E

contamos para o resto da turma que não somos irmãos também – ele propôs de repente, com uma expressão ansiosa no rosto.

Fitei-o em silêncio, sem saber exatamente o que dizer.

– Sei que podemos confiar no pessoal. Eles são como parte da nossa família, não são? – ele acrescentou. – Estou cansado de mentir o tempo todo, Joey. Não quero mais ter que inventar histórias para nossos amigos. Não quero mais mentir para as pessoas de quem gosto – ele reivindicou com toda a sinceridade.

Decidi concordar, abrindo um sorriso reconfortante.

– Tudo bem. Eles são a nossa família. Podemos confiar neles. E também já estou farta de mentir. Vamos fazer isso – concordei. Para o inferno com todos aqueles segredos!

Seguimos em direção ao carvalho. Tristan caminhava depressa ao meu lado. Ele parecia muito feliz por finalmente poder contar tudo aos nossos amigos. Ambos sentíamos com se tivéssemos tirado um grande peso dos ombros.

Já podíamos ver Seth sentado na grama debaixo do grande carvalho, a apenas alguns metros de nós, com Tiffany bem diante dele, de costas para a gente.

Quando nos aproximamos, Tristan cumprimentou Seth com aquele aperto de mão todo descolado que os meninos costumavam trocar, mas, antes mesmo de nos sentarmos, Tiffany já começou:

– Bem, meninos, agora vocês podem ir comprar a nossa comida. – Aquela era a minha Tiff. Mandona até osso. – Vamos ficar aqui, vocês sabem, conversando sobre coisas aleatórias, como a escola, notas, deveres de casa, *oqueaconteceunanoitepassada*, os trabalhos para o final do semestre, esse tipo de coisas – ela disse arteira, crente que tinha conseguido disfarçar a curiosidade.

Seth riu e fez um sinal para Tristan.

– Tudo bem. É hora da conversa das meninas. É melhor darmos no pé.

– Na verdade, temos algo realmente importante para conversar com vocês primeiro, pessoal. – Tristan tinha um

sorriso hesitante nos lábios quando nós dois nos sentamos na grama próximos a Tiffany. Seth nos lançou um olhar curioso antes de sentar ao lado de sua ansiosa namorada. Tristan limpou a garganta e então contou tudo enquanto eu os observava apoiada no carvalho.

As reações dos dois variaram entre a descrença e preocupação, depois para relutância e espanto até que finalmente chegaram a uma aceitação quando Tristan chegou no final de sua história. Os olhos de Seth estavam um pouco arregalados e assustados, mas ele parecia genuinamente acreditar em tudo que havíamos lhe contado. Havia uma grande sensação de alívio em nossos peitos depois que Tristan terminou de explicar tudo, como se o simples ato de respirar se tornasse de alguma forma mais fácil. Na verdade, fiquei bastante surpresa com a facilidade com que nossa "revelação secreta" havia se desenrolado. Sempre imaginei que ninguém em sã consciência acreditaria em nós. Mas Seth e Tiffany aceitaram aquela história extraordinária com os corações e as mentes tão abertas que chegava a ser espetacular!

– Obrigada por serem nossos amigos, por acreditarem em nós, por quererem nos ajudar – eu disse emocionada. – Não consigo acreditar em como somos sortudos por termos vocês em nossas vidas. – agradei com a voz embargada de emoção. – E obrigada por não pensarem que somos malucos contando histórias bizarras de fantasma.

– Está tudo bem, Joey. Acreditamos em vocês. Isso, na verdade, explica um monte de coisas sobre as quais a gente se perguntava desde que conheci vocês dois... e esse papo todo é tão surreal que só pode ser verdade! – Seth colocou um dos braços ao meu redor e olhou, curioso, para Tristan. – É isso explica bem a doença mensal de Tristan e os seus pesadelos assustadores, Joey. Além do jeito esquisito de Tristan de falar, os hábitos antiquados e o fato de ele não sacar nada de tecnologia – Seth refletiu, pensativo.

– Ei! – Tristan reclamou um pouco ofendido. – Acho que estou bem "modernizado"! Ninguém parece perceber nada disso – ele

resmungou fazendo um beicinho emburrado. Eu me segurei para não rir.

– Está certo. Mas você ainda é um lixo no Xbox! E às vezes você diz “brasa”, especialmente quando fica muito empolgado com alguma coisa. Isso é esquisito para caramba, mas agora que você explicou tudo, as coisas fazem todo o sentido – Seth comentou enquanto todos nós morríamos de rir da cara embaraçada de Tristan.

Lanchamos à sombra do grande carvalho respondendo a um monte de perguntas que Tiff and Seth ainda tinham sobre o passado de Tristan, o que rolou com a gente na noite de Anonovo e tudo o que havia acontecido depois disso. Após algum tempo, já estávamos rindo e nos sentindo muito mais animados. Tristan não desgrudava de mim com um sorriso nos lábios enquanto eu apoiava a cabeça em seu ombro, e Seth e Tiffany implicavam sem parar um com o outro por causa de uma bobagem ou outra. Ao ver meus dois amigos discutirem e a postura protetora de Tristan ao meu lado me fez sentir como se tudo estivesse em seu devido lugar novamente no mundo.

Seth me viu apoiada em Tristan e sorriu.

– Fico feliz por ver que vocês pararam com aquela briga boba. Que bom que Joey colocou um pouco de juízo nessa sua cabeça oca, cara!

– Também estou feliz – Tristan concordou, sorrindo.

– E então, Joey, vamos lá, conte para a gente o que aconteceu ontem à noite depois que vocês saíram da sala de recreação – Tiffany quis saber, toda empolgada. Essa era a parte que ela estava morrendo de curiosidade para saber. Ela chegava a se contorcer em seu lugar e olhava para mim cheia de expectativa, como se fosse explodir de ansiedade.

Revirei os olhos diante da falta de tato da minha amiga.

– Bom, nós tivemos uma baita de uma briga e então fiz com que ele confessasse finalmente e desistisse desse plano idiota de me afastar de uma vez por todas. E tudo isso porque... – Deixei o resto da frase no ar para que Tristan a completasse.

– Porque “o meu plano foi o mais estúpido da face da Terra” – ele recitou de memória, revirou os olhos e abriu um leve sorriso.

– Está certo. Agora temos outros Lost Boys que também precisam saber dessa história secreta. – Eu me levantei. – Vamos chamá-los para ir até o nosso quarto?

– Não sei como fazer para que eles acreditem na gente – murmurei, preocupada, para Tristan. – E se eles não aceitarem com a mesma facilidade que Seth e Tiff?

Vinte minutos já haviam se passado e eu ainda tentava reunir coragem para entrar no nosso quarto. Tristan estava ao meu lado, tentando ser solidário. Eu podia ouvir as vozes abafadas dos meninos dentro do quarto. Os gritinhos animados de Tiffany. As gargalhadas sonoras de Sam e o tom grave de Josh. Seth e Harry também estavam lá dentro.

– Eles irão, não se preocupe, Joey. Vamos apenas fazer o que precisa ser feito! – Ele abriu a porta e, impaciente, me empurrou para dentro.

– E aí, Grays? Por que demoraram tanto? Estamos há séculos esperando vocês! Que conversa séria é essa? – Sam disse, se sentando no chão aos pés da cama de Seth, vestindo a camisa de flanela marrom de sempre. Seth estava encostado na cabeceira, com Tiff em seus braços. Ambos tinham uma expressão sabichona no rosto.

– É mesmo! Seth berrou para a gente vir para cá imediatamente! Qual é a grande emergência? – Harry estava esparramado sobre a minha cama, ocupando todo o espaço. Ele vestia uma bermuda de skatista larga com uma camiseta imensa e o cabelo todo bagunçado, como sempre.

– Não há nenhuma emergência – Tristan se sentou na cama dele do outro lado do quarto. – Só queremos conversar com vocês. – Se ele estava nervoso, não demonstrava de forma alguma. Eu, por outro lado, sentia com se dessem um nó de marinheiro no meu estômago. Josh estava diante da cama de

Tristan, revirando as gavetas em busca de algo para comer. Ele vestia sua camiseta preta e jeans escuros de sempre.

– Então desembucha logo, cara! – Josh urgiu, mordiscando um biscoito velho que havia encontrado na gaveta. Aquele garoto podia mesmo comer qualquer coisa.

Tristan olhou para mim, erguendo ambas as sobrancelhas. Eu ainda me encontrava congelada ao lado da porta.

Bem, para o inferno com tudo aquilo! Era agora ou nunca, certo? Fui até a cama de Tristan e sentei no colo dele. Tristan me abraçou pela cintura e eu virei o rosto, sorrindo para ele. Ele se inclinou e me beijou com vontade. Não chegou a ser algo forte demais para que fosse considerado de mau gosto, mas profundo o suficiente para não deixar dúvidas de que aquele estava longe de ser um beijo “fraterno”. Achei que seria um bom ponto de partida para nossa conversa.

Silêncio tomou conta da sala como se alguém tivesse apertado o botão de “mudo”. Senti Tristan soltar uma risadinha ainda com os lábios grudados nos meus.

– Isso vai ser divertido – Tristan disse baixinho assim que terminou o beijo. Ele se virou para ver as reações dos outros. Eu me virei também e vi três rostos chocados e dois sorridentes nos encarando de volta. Harry estava de boca aberta, Sam de olhos arregalados e as sobrancelhas arqueadas e Josh franzira levemente a testa.

– Eu sabia que alguma coisa estava rolando entre vocês dois! – Josh foi o primeiro a falar. – Eu falei para vocês, galera! E vocês não acreditaram em mim! – Ele fez um gesto de quem estava se achando.

– É, cara, você disse que eles estavam escondendo alguma coisa. Mas *essa parada* é mesmo séria? – Sam retorquiu com uma voz de quem estava prestes a surtar.

Harry olhava fixamente para mim, chocado, mas, quando percebeu que eu estava olhando, desviou o rosto, sem graça.

– É, isso foi bem bizarro, até mesmo para mim – ele murmurou, obviamente desconfortável.

– Antes que mais alguém surte, tenho algo a dizer – Tristan tomou a palavra. – Joey e eu *não* somos irmãos, ok? – ele disse erguendo uma mão para o alto.

– Como assim?

– Hein?

– Dá para repetir?

Os três falaram ao mesmo tempo.

– Tivemos que mentir para que Tristan pudesse estudar aqui na escola – expliquei. – Essa foi a única maneira que achamos para que ele fosse aceito.

– A mãe de Joey foi muito legal e me ajudou. – Tristan se virou para mim. – Jamais serei capaz de retribuir tudo que ela fez por mim – ele disse com delicadeza. – Também preciso agradecer a Rose por ter feito você. Ela me deu o melhor presente do mundo – ele sussurrou a última frase no meu ouvido. Fiquei vermelha e sorri. Ele me deu mais um beijo nos lábios, de leve dessa vez.

– Ah, cara! Isso está ferrando com a minha cabeça! – Sam berrou ainda sentado no chão. – Sei que vocês acabaram de falar que não são irmãos, mas, mesmo assim é tão esquisito ver vocês dois... sabe como é. A gente precisa de algum tempo para nos acostumar antes de ver vocês trocando amassos desse jeito!

Josh, Seth e Tiffany caíram na gargalhada ao ver como Sam estava afobado com toda aquela história. Harry ainda permanecia em silêncio na minha cama, observando a todos com um olhar cauteloso.

– Ei, então esse foi o motivo para todo aquele estardalhaço no início do ano! – Josh realizou, juntando as peças rápido em sua cabeça. – Pensamos que Joey tinha terminado com o namorado da escola antiga dela, e por isso passou um tempo muito chateada. A gente tentou animar ela a todo custo na época.

– É mesmo, cara! Você tem toda a razão! Foi quando Tristan começou a matar os ensaios! Agora tudo isso faz sentido! – Sam disse todo empolgado como se tivesse resolvido um caso de assassinato.

– E as músicas que vocês dois fizeram! Não me leve a mal, elas são brilhantes, mas agora que juntamos as peças do quebra-cabeça, é até meio engraçado... Quero dizer, foi mal, as brigas não foram legais, mas a história por trás das letras – Josh pediu desculpas depressa quando nos viu franzindo o rosto em sua direção. Ele então olhou para Tiff e Seth e então juntou mais uma peça ao quebra-cabeça. – Ei! E o casal de ouro ali já sabia de tudo, não é? – Josh gritou, tão empolgado com suas descobertas quanto Sammy estivera um minuto antes.

Sam se virou para olhar para Seth e colocou uma das mãos sobre o peito, fingindo desapontamento.

– Oh, mas que traição! – ele disse em um tom teatral.

– Desculpa, gente. Eles me fizeram jurar. Eu não podia contar.  
– Seth ergueu as mãos em desculpa.

– E Carolina? – Harry perguntou em voz baixa, pela primeira vez.

O braço de Tristan ficou tenso ao redor da minha cintura e o queixo se cerrou um pouco.

– Aquilo foi... um erro – ele murmurou.

– Mas está tudo bem agora – eu o cortei, pois não queria que *aquilo* fosse discutido na frente de todo o mundo. – E achamos que era hora de contar a verdade pra vocês, porque sabemos que vocês são capazes de guardar segredo.

– É claro que vocês podem confiar na gente, Joey – Sam afirmou, sério.

– Sempre – Josh acrescentou e Harry assentiu, concordando.

– Legal. Fico feliz por vocês estarem aceitando as boas-novas tão bem. – Tristan sorriu. – Porque agora vem a grande revelação de verdade. – Ele me fez sentar ao seu lado.

E então ele contou sobre a nossa história da mesma forma que havia feito com Seth e Tiffany debaixo do carvalho. Ele falou tudo. Toda a verdade.

No início, os meninos olharam para a gente, incrédulos, fazendo comentários engraçadinhos e piadas. Não acreditaram em nem uma única palavra que saía dos lábios de Tristan. Harry continuava a olhar fixamente para nós e para Seth, curioso para

saber qual era a reação do amigo, e quando Seth olhou para ele com uma expressão séria, sem achar graça em nada, Harry ficou todo confuso, sem saber o que pensar.

Depois de um tempo eles perceberam que Tristan e eu não estávamos fazendo graça, começaram a fazer um monte de perguntas, e tentamos responder tudo a eles da melhor forma possível. A verdade era que havia várias coisas que não sabíamos mesmo como explicar e algumas partes da história ainda eram um mistério até mesmo para nós. A única coisa que Tristan não lhes contou foi sobre minha habilidade de ler os sentimentos das pessoas através dos olhos. Acho que ele considerou isso como um segredo meu e não dele para que fosse revelado a mais alguém. Suspirei aliviada por ele ter agido assim. Não suportaria que meus amigos tivessem medo o tempo todo de me olhar nos olhos.

Quando Tristan olhou para mim, pude ver a pergunta silenciosa em seus olhos. Ele queria que eu checasse como os meninos estavam se sentindo em relação a nossa revelação. Meus olhos vasculharam o quarto. Eles queriam acreditar, mas aquela história era fantástica demais para que suas mentes céticas a processassem. Olhei para Tristan, triste, e balancei a cabeça negativamente. Ele suspirou fundo e se levantou.

– Tudo bem. Acho que esses lances sobrenaturais são mesmo difíceis de engolir. Vou mostrar para vocês então um “truque” especial que eu trouxe do Mundo dos Mortos. É um tipo de truque fantasmagórico. – Tristan caminhou até o meio do quarto para que todos pudessem vê-lo bem.

Ele falava sobre... Ah, não! Ele não estava fazendo aquilo! Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele desapareceu completamente diante de todo mundo.

## capítulo trinta e um

### Em busca da morte

Bem, pelo menos para as pessoas na sala ele desapareceu. Para mim, Tristan só ficou parcialmente apagado, como se, de alguma forma, fizesse parte do pano de fundo do quarto. Mas, se eu focasse um pouco a minha atenção, eu conseguia distingui-lo do fundo com clareza. Não era a primeira vez que eu me perguntava por que eu era a única capaz de vê-lo naquele estado. Será que era outra estranha peculiaridade criada pelo nosso laço mágico? Mas, mesmo antes do feitiço, quando ele ainda era um fantasma, eu podia vê-lo, apesar de eu não ser capaz de ver os outros espíritos que vagavam pelo cemitério. Talvez Tristan e eu compartilhássemos algo mais profundo do que um encanto: talvez uma conexão ancestral? Talvez nossas almas estivessem ligadas e eu sempre seria capaz de vê-lo, independentemente da forma em que ele estivesse.

No segundo em que Tristan desapareceu, Harry soltou um grito. Sam se levantou mais do que depressa, pronto para correr porta afora se fosse necessário. Josh, com os olhos arregalados, soltou um *Que diabo é isso?*, incrédulo. Tiffany apertou com toda a força o braço de Seth, paralisada de medo. Até mesmo Seth parecia surpreso. Ele e Tiff já tinham aceitado a história de Tristan antes, sem precisarem de nenhum tipo de prova, porém, naquele momento eles puderam ver *de verdade* o que Tristan estava tentando dizer. Enquanto os nossos amigos estavam ali congelados de medo, mas prestes a sair correndo a qualquer

momento, Tristan voltou a ficar visível enquanto se sentava de volta ao meu lado em sua cama.

– Caramba! – Harry foi o primeiro a falar.

– Quase tive um enfarte aqui, mas pode ter certeza de que estou acreditando em você agora, cara. – Sam se sentou na minha cama devagar, arfando com uma das mãos no peito.

– Isso. Foi. Tão. Legal. – Foi a reação de Josh. – Sério, por que você NÃO contou que podia fazer isso para a gente antes, cara? É como se você fosse um dos mutantes dos X-Men! Mais alguém aqui tem superpoderes e não contou pra gente? – Ele olhou para o resto dos meninos.

– Não. Não que eu saiba pelo menos – Sam respondeu. – Espera aí! Beleza sobre-humana também conta? Porque com toda a certeza esse é o meu superpoder! – Sam piscou, brincalhão, para Josh, que se limitou a revirar os olhos em resposta – E Harry tem aquele super-radar sinistro para saber se as pessoas ficaram com alguém – ele acrescentou, pensativo.

– É, aquilo é mesmo sinistro – Seth concordou. – Ele não erra uma...

Todos se viraram cheios de suspeita para Harry, que simplesmente se recostou na cabeceira da cama e deu de ombros.

– Não precisam me odiar só porque eu sou especial – ele brincou.

Todos riram da palhaçada de Harry e pareciam ter relaxado novamente em seus lugares. Depois daquela pequena exibição de poderes sobrenaturais, Tristan foi soterrado por uma nova avalanche de perguntas. Ele tentava responder da melhor forma possível, mas a maioria de suas respostas terminavam sempre em *Eu realmente não sei*, ou *Não posso afirmar com certeza e, às vezes, não tenho certeza*.

Assim que os garotos terminaram com o interrogatório, passaram a cobrir Tristan de elogios por sua super-habilidade especial. Ele só ouvia as brincadeiras dos meninos com um sorriso contente no rosto diante de tantos rostos empolgados. Uma afeição sincera brilhava em seus olhos, refletindo o quanto

ele se importava com nossos amigos. E era óbvio que o restante dos Lost Boys sentia a mesma coisa por ele. Não consegui evitar um sorriso. Nem em um milhão de anos eu teria imaginado que faria parte de um grupo tão incrível de amigos, além de também ser membro de uma banda com eles. Aquilo não era o máximo? Uma das mãos de Tristan apertou suavemente a minha e me virei para olhar para ele. Mais uma vez fui nocauteada pela intensidade de seu olhar. Ele ergueu o meu queixo com as pontas dos dedos, se aproximou e me deu um beijo suave. Eu estava tão envolvida naquele beijo que me esqueci completamente de todo o resto do mundo. Eu poderia passar uma eternidade perdida em seus beijos sem me importar com nada mais. A voz de Sam nos interrompeu de repente.

– Ei, vocês dois, parem com isso! Alguns de nós aqui ainda não se acostumaram com esse novo relacionamento de vocês! – Sam berrou da minha cama. – Então nada de beijos nas próximas vinte e quatro horas. – Ele fez uma careta e um gesto como quem separava alguma coisa.

Tristan deu uma risada leve e se apoiou na cabeceira da cama. Ele me puxou para perto dele e colocou os braços ao redor da minha cintura.

– E abraços? São permitidos? – Ele repousou o queixo no meu ombro.

Sam pensou a respeito por um segundo e fungou alto.

– Acho que um pouco de abraços seja aceitável, mas, por favor, não exagerem nas intimidades. Ainda estou abalado com essa notícia.... – E fez com que todos caíssem na gargalhada mais uma vez.

Os garotos começaram então a imaginar várias maneiras de tirarem vantagem do dom da invisibilidade do Tristan, sugerindo com que ele entrasse na sala dos professores para dar uma olhadinha nas provas de vez em quando.

Tristan ria diante dos pedidos absurdos dos meninos, balançando a cabeça sempre negativamente para todas as sugestões do tipo.

Quase morri de rir das tentativas dos meninos. Era como tentar convencer o Super-Homem a fazer algo que fosse contra a lei. Aquilo simplesmente não iria acontecer. Nem em um milhão de anos.

Seth era aparentemente o único que estava ao lado de Tristan.

– Você está certo, cara. Não faça nada disso. Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades! – Seth citou a famosa fala dos gibis do *Homem Aranha*. Ele era mesmo um supernerd. E eu também, porque sabia muito bem da onde ele tinha tirado aquilo.

– Cara, como você é chato! – Harry zombou.

– Como você aguenta as nerdices desse cara, Tiffany? – Josh perguntou, balançando a cabeça.

Tiffany fez uma pausa e olhou para o teto, pensativa.

– Ah, eu aguento esse jeito nerd do Seth só porque ele é muito bom de cama, sabe? – Ela sorriu, toda sexy.

Seth quase se engasgou e se virou com o rosto todo vermelho, pegado completamente de surpresa por aquela confissão inesperada.

Todos na sala, inclusive eu, encaramos Tiffany, pasmos. Ela adorava ver Seth corar. E ele era tão branquinho e loiro que era mesmo a maior diversão ver o rosto dele ficar roxo como uma beterraba em questão de segundos. Seth recebeu uma salva de palmas e os parabéns dos outros meninos, o que fez com que o vermelho do rosto dele se tornasse ainda mais intenso. Era mesmo algo hilário de se ver!

Depois disso, ficamos no nosso quarto conversando por um longo tempo. Os garotos ofereceram ajuda a Tristan para pesquisar sobre a situação dele na internet e na biblioteca da escola. Fiquei impressionada em como foram prestativos. Os meninos estavam determinados a fazer o que fosse preciso para nos ajudar a enfrentar tudo aquilo. Eles tinham certeza de que conseguiriam encontrar uma maneira de acabar com nossa data-limite do fim do ano. E eu sentia que essa certeza também

crescia dentro de mim. Nós poderíamos fazer aquilo! Encontraríamos um caminho!

No meio da tarde, Harry se ofereceu para pegar lanches e refrigerantes para todo o mundo na cantina e me voluntariei para ajudá-lo a carregar as bandejas. Observei Harry por um tempo e senti que havia algo que ele tentava esconder, alguma coisa que o incomodava, mas não consegui descobrir o que era. Então aproveitei a oportunidade para perguntar a respeito enquanto caminhávamos pelos corredores da escola.

Ele olhou rapidamente para mim e então voltou a encarar o corredor.

– Não tem nada de errado. – Harry abriu um sorriso que não chegou até seus olhos.

– Vamos lá, Harry. Pode me contar. Você parece preocupado... e triste.

Ele parou e se virou para mim.

– Acho que ainda estou um pouco surpreso, só isso. Preciso de algum tempo pra assimilar tudo isso.

– Desculpe ter jogado todas essas bombas em vocês assim. A gente devia ter contado aos poucos.

– Não, está tudo bem. Fico feliz por vocês terem contado tudo. – Ele jogava o peso de uma perna para outra. – Então... você e Tristan, hein? Eu deveria ter percebido, pelo jeito com que vocês olhavam um para o outro. Agora ficou tudo tão óbvio – ele refletiu. E lá estava aquela impressão novamente, aquela ponta de tristeza no fundo de seus olhos. – E eu aqui pensando que ele era só um irmão ciumento, mas, na verdade, ele é um namorado ciumento. – Ele soltou uma risada baixa.

– Harry. – Sorri para ele com delicadeza e foi então que vi. Amor e expectativa seguidos por derrota e resignação. Ele estava desistindo da possibilidade de que algo acontecesse entre nós. Naquele momento, odiei o meu poder com todas as forças. Não queria violar os sentimentos particulares de Harry daquela forma. Desejei não ter visto aqueles segredos nos olhos dele. – Harry... eu... eu espero que você saiba o quanto você significa para mim – consegui dizer. – Você é um dos meus

melhores amigos e eu o amo muito. A sua amizade significa tudo pra mim.

Ele respondeu com um sorriso e joguei os braços ao redor dele, abraçando-o com força. De início, ele ficou tenso por ter sido pego de surpresa, mas então relaxou aos poucos e me abraçou de volta.

– É claro, Joey – ele disse baixinho e logo me soltou para tossir, sem graça. – Qual é? Você está toda emotiva hoje. Até parece uma menina! Vamos logo pegar o lanche, ok? – ele brincou e foi andando na minha frente.

Eu o segui com um peso no coração e prometi que jamais falaria com ninguém sobre o que havia visto nos olhos de Harry.

Naquela noite, dormi nos braços de Tristan e sonhei que caminhava pelas alamedas do cemitério de Esperanza. Tudo parecia tão familiar, mas ao mesmo tempo estranho. As estátuas de anjos e as grandes e pesadas cruzes de pedra ainda estavam lá, assim como algumas árvores esparsas plantadas entre os túmulos e a grama e as ervas daninhas que nasciam nas rachaduras das calçadas. Mas, quando comecei a observar ao redor com mais atenção, me dei conta de que algumas coisas estavam fora de proporção e com os ângulos errados. A luz também parecia esquisita, e uma bruma cobria tudo ao meu redor, deixando a hora do dia incerta. Era o tipo de luz que só existe nos sonhos.

Assim que percebi que estava sonhando, todo o meu corpo ficou tenso. Aquela era a ocasião preferida de Virgílio para fazer contato. Assim que esse pensamento surgiu na minha mente, vi uma figura esguia encurvada no banco de madeira mais próximo. Ele me olhou de esquelha, pois não se atrevia a me encarar diretamente. Tentava assumir uma posição despreocupada e inofensiva.

Minha primeira reação instintiva foi apertar os olhos com toda a força e tentar o meu mantra de “*acordeacordeacorde*” para quebrar a conexão com ele. Mas então me lembrei de que precisávamos reunir o maior número de informações possíveis a respeito da situação de Tristan. A biblioteca e a internet podiam

até ajudar, mas quem poderia saber mais disso tudo do que o próprio Virgílio? Assim, em vez de fechar os olhos para tentar afastá-lo, andei em sua direção e me sentei no banco, ainda que, por segurança, o mais distante possível dele.

Ele me olhou perplexo com a minha aproximação e ainda mais chocado por eu ter iniciado à conversa.

– Vá em frente, Virgílio, fale – eu disse de uma forma um tanto brusca.

– Co... como?

– Você obviamente quer conversar. Já faz um tempão que você vem tentando entrar em contato nos meus sonhos. Se quisesse me machucar, provavelmente já teria feito isso, então acho que você não vai fazer nada, ou talvez não possa. Então, fale. Sou toda ouvidos.

– Sim, eu..eu quero falar com você – ele disse com um pouco de dúvida.

– Evidente que sim, capitão óbvio! – retorqui, sarcástica.

Ele franziu a testa, sem entender.

Começava a perceber que Virgílio não entendia o conceito de sarcasmo muito bem. Eu teria que ser mais direta ao falar com ele.

– Quero dizer que sim, já sei disso. Continue – eu me corrigi e esperei que ele continuasse.

Virgílio me olhou, tomado de suspeita e um pouco temeroso, como se eu estivesse prestes a golpeá-lo de novo. Eu também começava a notar que podia ler os sentimentos dele com mais facilidade agora. Na primeira vez em que nos vimos, eu não conseguia detectar com precisão nem mesmo uma sombra de emoção vinda dele, mas a cada encontro ele parecia deixar algo mais a mostra.

– Queria que você soubesse que não é a minha intenção ferir ninguém. Como eu já lhe disse, estou apenas tentando arrumar as coisas, colocá-las no lugar certo. Isso é algo ruim? – Virgílio disse com calma.

Tentei seguir a linha de raciocínio dele.

– O seu trabalho é fazer com que Tristan volte a ser um fantasma, ou pior. Quem disse que isso é a coisa certa a se fazer?

– Eu – ele informou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. – É o meu trabalho saber dessas coisas.

– E se você estiver errado? E se ele pertencer a este mundo, ao meu lado? Ao mundo dos vivos, quero dizer – eu me corriji em cima da hora.

– Nunca estou errado.

– E se estiver dessa vez?

– Não estou. É o que preciso fazer.

Suspirei, frustrada.

– Existe algo que eu possa fazer para que você mude de ideia? – perguntei. Valia a pena tentar. – Posso ajudar você, tipo... com o seu trabalho? Você disse que a sua função é consertar as coisas, colocar tudo no devido lugar. Imagino que você tenha de lidar com um monte de problemas, um monte de... coisas inesperadas.

Pelo que pude observar, Virgílio era um maníaco por regras, um obcecado por controle. E lidar com eventos inesperados por todo o universo afora deveria ser uma tarefa que requeria uma personalidade adaptável. Algo que faltava, e muito, nele. Continuei com a minha proposta.

– Posso ajudá-lo nessa função. Eu podia ser algo como “uma conselheira humana” para assuntos imprevisíveis. Posso ajudá-lo a compreender.

– Seres humanos são uma forma de vida muito caótica – ele ponderou.

– Somos mesmo. E você sabe o que costumam dizer: a melhor forma de pegar um criminoso é pensar exatamente como ele. Com a minha ajuda, você poderia ser o melhor na sua função. Posso ajudá-lo se você deixar Tristan em paz.

Aquela era a minha única esperança. Virgílio devia ter escolhido uma forma masculina por uma única razão: ele se identificava mais com o sexo masculino. E, se existe algo que muitos homens desejam, é poder.

Ele pareceu pensar profundamente no assunto por um segundo, mas logo em seguida balançou a cabeça.

– Desculpe. Não posso fazer isso. Preciso consertar essa situação. Preciso encontrar... *Tristan* – ele disse, inabalável.

Droga. Ele era mesmo teimoso! Ou então, talvez não fosse motivado pelo poder.

– Posso falar com o seu supervisor? – perguntei, pensando na minha mãe. Sempre que ela era mal atendida em algum lugar, soltava essa.

– O quê? – ele deixou escapar, desconcertado.

Viu? Eu o peguei desprevenido. Engula essa, Sr. Inflexível! Ele estava completamente despreparado para lidar com humanos!

– O seu chefe, o cara que inventa todas essas regras que você segue com tanto esmero. O ser a quem você se reporta. O seu diretor – expliquei.

– Há muitos como eu por aí, meus colegas, pode-se dizer. E existem alguns que ocupam cargos mais altos, sim. – Ele torceu o nariz, insatisfeito.

Rá! Eu o atingi bem no calcanhar de aquiles! Ele não gostava de ter de se submeter à alguém. Talvez, no fim das contas, aquilo tivesse mesmo tudo a ver com poder.

– Posso falar com algum deles, por favor? Se eu os convencer a deixar Tristan fora dessa história, você terá de obedecer, não é?

Ele pareceu relutante.

– Qual é, Virgílio? Vamos jogar limpo. Eu tenho o direito de falar com o seu chefe. Aposto que existe até uma regra que assegure isso – arrisquei.

Ele fez um bico, o que significava que eu havia acertado na mosca! Um aplauso mental para mim!

– Você já falou com um poder mais elevado. Eu já as flagrei juntas duas vezes até agora.

– Sério? Quando? Quem? – perguntei, surpresa. O único ser estranho e sobrenatural com quem eu me lembrava de ter conversado era ele. Foi então a que a Menina Gótica surgiu na minha cabeça. Céu.

– Você está falando da Céu? – chutei.

– Céu? – ele perguntou com um sorriso de desdém. – Você e esse hábito humano tão estranho e tolo de dar nomes. A maioria de vocês a chama de Morte.

Olhei para ele de queixo caído.

– Dá para repetir? – Eu quase me engasguei.

– A criatura que você chama de “Céu” é a Morte.

Por aquela eu não esperava!

Virgílio revirou os olhos, irritado com a minha lerdeza. Ele parecia estar adquirindo várias emoções humanas em uma velocidade bastante acelerada. Curioso. Talvez eu o estivesse afetando. Emoções podem ser contagiosas? Balancei a cabeça, tentando afastar todos esses pensamentos bobos da cabeça e focar no que realmente importava.

– Morte? – repeti. – Tipo o Ceifador de Vidas? O Coletor de Almas? O cara ossudo e alto todo vestido de preto que carrega uma foice? – expliquei só para ter certeza.

– Sim. A Morte possui muitas... personificações.

– Ah, corta essa! – eu disse, atônita.

Ele se encolheu, levemente confuso, e olhou para mim com cautela. Esqueci que ele encarava as coisas de forma literal.

– Desculpe. O que eu quis dizer foi que não consigo acreditar nisso! – expliquei.

Um lampejo de medo voltou aos olhos de Virgílio. Quase senti pena, mas então me lembrei de como ele havia me assustado nas primeiras vezes em que nos vimos. Eu sempre deveria ter aquilo em mente e não me deixar levar pelas fragilidades humanas que ele parecia ter.

– Então, se eu falar com a Céu... Quer dizer, com a Morte... – cara, aquela foi uma frase bizarra de se dizer – e ela concordar em poupar Tristan, você terá que obedecer? – perguntei devagar.

– Sim – ele concordou com cautela.

– Ótimo! E então, quando posso vê-la de novo? Eu sempre a encontro naquele lugar deserto. Ela está lá agora?

– Sim. *Ela* em geral pode ser encontrada lá. É um espaço de transição entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

– Legal. – Aquilo soava como se fosse uma sala de espera cósmica ou, como minha mãe provavelmente diria, o Limbo.

– Como consigo chegar lá?

Virgílio se virou para olhar para mim novamente e seus olhos eram negros como a mais escura das noites.

– Você tem que morrer para ir até lá.

Olhei para ele, chocada.

– Eu te... tenho que morrer? Mas... mas... eu já fui lá. Duas vezes! – falei assustada.

– Sim. E você deve ter morrido em ambas as vezes. Essa é a única maneira... para os humanos ao menos... de chegarem naquele lugar – ele disse com um sorriso sombrio.

– Não entendo. Com toda a certeza não estou morta... não é? – perguntei, passando a não ter lá muita certeza de mais nada, e me belisquei só para me assegurar de que eu era mesmo real. Eu havia encontrado Céu nos meus sonhos... Será que uma pessoa poderia morrer em um sonho e não saber?

Ele revirou os olhos de novo.

– Você definitivamente não está morta. Mas deveria estar nas ocasiões em que “a” encontrou, mesmo que apenas por um segundo. É algo um tanto complexo, mas alguns poucos humanos são capazes de fazer isso vez ou outra.

– Espera aí. Você está me dizendo que eu *morri* por um tempo, conversei com a *Morte* e então voltei para o mundo dos vivos duas vezes?

– Sim. E não recomendo que faça isso de novo – ele disse em um tom baixo.

– O que você quer dizer com isso?

– É complicado encontrar com a Morte. Você teve sorte antes. Às vezes o corpo humano simplesmente desiste e não é possível voltar. É um preço alto a ser pago.

– Você está dizendo que posso mesmo morrer de verdade... se tentar fazer isso de novo? – perguntei, abalada.

– Sim. Isto é uma possibilidade.

- Há algum outro jeito?
- Não. Não há nenhuma outra maneira. Para encontrar a Morte, um ser humano precisa estar morto.
- Tudo bem. Vou arriscar e falar com ela. Como chego lá?
- Você precisa encontrar o caminho de volta como fez antes. Mas lembre-se de que quanto mais ficar lá, mais riscos você corre. E mais difícil será para voltar – ele me advertiu.
- Ah. Tudo bem. Obrigada por conversar comigo, Virgílio. Agradeço por ter me contado tudo isso. – Não sei porque diabos agi daquela forma, mas antes que eu pudesse me dar conta, me aproximei e dei um abraço nele. Virgílio pareceu ter ficado fora de si de tão chocada. Dei um passo para trás para lhe dar algum espaço.
- Posso ter a sua palavra de que irá parar de caçar Tristan até que eu fale com Céu? – perguntei com toda a educação.
- Ele encarava o chão com um olhar desconcertado.
- Tristan possui um feitiço de proteção sobre ele que me impede de encontrá-lo no mundo físico – Virgílio disse quase que para si mesmo. – Ou até mesmo em sonhos. Vou esperar até que você se encontre com a Morte. Mas, se não tiver notícias suas até o Ano-novo, sua conexão com Tristan será cortada e você não terá mais como protegê-lo... E então eu o encontrarei. E consertarei toda essa situação. É só uma questão de tempo – ele proclamou de novo.
- Dei de ombros. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir a chegada da noite de Ano-novo. Mas agora eu sabia o que tinha que fazer. Eu precisava encontrar Céu e torcer para ser esperta o suficiente para persuadi-la a não tirar Tristan de mim. Ironicamente, a Morte era a minha única esperança.

## capítulo trinta e dois

### Como terminar um namoro

No dia seguinte, acordei, como sempre, com o despertador de Seth. Tristan grunhiu ao meu lado e se soltou de mim. Foi só então que percebi que eu havia passado a noite na cama dele mais uma vez. Aquilo estava se tornando rapidamente um hábito. Sorri com aquilo e esfreguei os olhos, tentando espantar a sonolência. Sonhar com Virgílio sempre me deixava cansada no outro dia. Era como se ele drenasse toda a minha energia. E então me lembrei da nossa conversa... e do que tinha que fazer. Eu precisava falar com a Morte se quisesse ter alguma chance de salvar Tristan. Ele não iria gostar de ouvir sobre aquele sonho, mas eu havia prometido que não haveria mais segredos entre nós. Quando contei a ele e a Seth sobre meu encontro com Virgílio, foi como se eu tivesse dado um soco no estômago de Tristan.

– Nem pensar, Joey!

– Tris, escute. Preciso fazer isso – insisti.

– Absolutamente não, Joey! – ele berrou, exasperado, com os olhos repletos de medo e preocupação. Ele então balançou a cabeça e suspirou fundo, tentando se acalmar um pouco. Quando abriu a boca de novo, não falou mais tão alto. – Por favor, Joey. Não posso deixar que você se arrisque por mim. Se alguma coisa acontecer com você... – A voz dele falhou no final da frase. – Promete que não fará nada disso?

Eu tinha que ser forte. Por nós dois. Não podia me deixar influenciar pelas súplicas dele. Eu precisava fazer aquilo.

– Desculpe, Tristan. Não posso prometer uma coisa dessas. E preciso da sua ajuda. A gente vai conseguir resolver isso! – eu o encorajei, tentando convencê-lo.

– Não, Joe! É muito perigoso. Eu... eu proíbo você! – Ele cruzou os braços, com raiva e preocupado mais uma vez.

Ergui uma das sobrancelhas, achando graça. Ele *me proíbia*? Sério? Será que depois de passar todo esse tempo ao meu lado, ele não me conhecia nem um pouquinho?

– Tristan, entenda. Não pedi sua permissão. Só estou informando sobre o que vai acontecer porque prometi que não guardaria mais segredos. Então, se você não me ajudar com isso, vou fazer tudo sozinha. – Eu o encarei em silêncio por um longo tempo, sem desviar o olhar. Se ele estava achando que iria me ganhar no jogo de encara-encara, ele podia esperar sentado. Eu era a campeã nesse jogo. E também era muito mais teimosa do que ele.

Depois de alguns minutos ele revirou os olhos, quebrando o contato visual.

– Tã... teimosa... – Ouvi-o grunhir entredentes. – Por que eu não posso conversar com ela no seu lugar? – ele sugeriu.

– Eu não acho que possa. Você nunca esteve naquele deserto, não é? – perguntei. – Nem eu mesma tenho certeza de como fui parar lá, mas acho que posso sonhar e lembrar o caminho se me esforçar – eu disse, hesitante. Aquele “talvez” com certeza deveria ser bem frisado. – E de alguma forma, por instinto, aprendi o truque de voltar para o mundo dos vivos, diferente de você.

Ele cedeu, balançando a cabeça, derrotado.

Seth estava sentado ao meu lado e colocou um dos braços ao redor dos meus ombros.

– Vamos ajudar você, Joey. Como você mesma disse, já fez isso duas vezes e ficou tudo bem. Vamos ajudar você a se preparar para isso, não é, Tristan? – Seth olhou para o amigo.

– É. Tudo bem – Tristan concordou em um tom um tanto seco, sem parar de balançar a cabeça, ainda preocupado.

Nós nos vestimos e caminhamos juntos até a sala de aula. Não prestei muita atenção durante a lição, imersa em pensamentos sobre o meu encontro com a Céu. Tristan também estava distante e meditativo na classe. Quando a primeira aula terminou, ele se separou da gente dizendo que precisava resolver as coisas com Carolina.

Encontrei com Tiffany e contei tudo que havia acontecido, embora soubesse que Seth iria repetir a mesma história para ela mais tarde, mas queria que ela soubesse por mim primeiro. Ela pareceu um pouco assustada, embora tenha tentado soar reconfortante e positiva, exatamente como Seth fizera algumas horas antes.

Eu estava bastante ansiosa para conversar com Tristan na hora do almoço. Queria saber como havia sido a conversa com Carolina. Esperava que ela aceitasse o término do namoro em bons termos. Não era culpa dela ter sido envolvida naquela confusão criada por Tristan e mim. E eu ainda sentia uma pontada de culpa, mas não havia nada que eu pudesse fazer para suavizar a situação. A coisa mais certa que Tristan podia fazer era terminar com ela da forma mais gentil possível.

Não precisei esperar muito para ouvir a notícia do rompimento dos dois. Soube da novidade diretamente da fonte a meio caminho da cantina, quando fui parada por uma Carolina completamente histérica.

– Joey! Você precisa me ajudar, por favor! – Ela soluçava sem a menor vergonha. – Tristan acabou de terminar comigo! Eu... eu não entendi nada!

Eu me remexi sem sair do lugar, sem a menor ideia do que dizer. Aquilo era tão constrangedor. Como poderia confortá-la quando eu sabia que tudo aquilo era culpa minha?

– Ele me disse que as coisas não estavam funcionando com a gente, que eu merecia alguém melhor. Mas não quero outro namorado! Quero Tristan! Ele é o cara mais gato e mais popular da escola! Não estou nem um pouco a fim de sair com um perdedor! – ela se lamentou dando birra e batendo o pé no chão.

– Ah, talvez seja melhor assim, Carolina. – Tentei convencê-la.  
– Talvez você seja mais feliz com outra pessoa. Você merece alguém que a trate melhor... – Fiz um esforço para engolir qualquer comentário sarcástico, pois estava tentando fazer com que ela se sentisse melhor, independentemente do quão irritante aquela garota pudesse ser.

Ela fungou, maliciosa.

– Pode ter certeza disso. Sabe quantas vezes Bradley Finn implorou para namorar comigo? Mas eu dei um fora nele por causa de Tristan! E agora esse menino tem a audácia de me dar um pé na bunda? – Ela rosnou, maldosa.

– Então acho que você realmente deveria dar uma chance a Bradley... – tentei sugerir, mas ela me cortou.

– Você precisa me ajudar a ter Tristan de volta, Joey! Ele é seu irmão. Você pode conversar com ele, fazer com que perceba que ele tem de ficar comigo. Eu faria qualquer coisa! – ela me implorou. – Vou até mesmo parar de reclamar dessa coisa de ele ser tão tímido e bem-educado! Se tudo que ele quiser é ficar de mãos dadas, para mim está ótimo!

– Desculpe, Carolina. Eu não me meto nos relacionamentos do Tristan – eu disse o mais calmamente que consegui. – Foi uma decisão dele. Temos que respeitar isso. Você precisa seguir em frente, procurar por alguém melhor, como ele mesmo disse. Desculpe, mas preciso ir.

Carolina pareceu ficar completamente surpresa por eu ter me recusado a obedecer suas vontades.

– Vou fazer Tristan voltar para mim! E eu sabia que nem precisava mesmo da sua ajuda! – E saiu pisando duro, furiosa.

Consegui dar só mais alguns passos no corredor quando Bradley também me parou no corredor, bloqueando a passagem de propósito, com um sorriso de desdém no rosto largo.

Revirei os olhos e bufei, irritada. Eu não estava no clima para aturar a idiotice daquele garoto. Ele, porém, não percebeu minha cara irritada e abriu um sorriso provocativo de orelha a orelha.

– E aí, Joe Gray? Você está ótima hoje! – Ele me lançou uma piscadinha. OK. Aquilo foi definitivamente esquisito. Desde de que Tristan havia chegado na escola, Bradley havia parado de me amolar, afinal, não queria chatear a estrela do seu time de basquete. Mas o que ele estava fazendo agora comigo não era *bullying*. Será que o Bradley estava... dando em cima de mim?

Senti um calafrio ao pensar na possibilidade.

– Que pena que não posso dizer o mesmo de você, Brad. Você está horrível, como sempre – rebati, tentando irritá-lo. Era melhor ter um Bradley com raiva do que um cheio de xavecos para o meu lado.

Para a minha total surpresa, ele simplesmente soltou uma sonora gargalhada, bem-humorado.

– Ah, você é tão esquentadinha! Adoro meninas esquentadinhas! – ele disse ainda com aquele sorriso perturbador nos lábios.

– E você também gosta quando *elas* lhe dão um chute na bunda? – perguntei, irritada.

Ele riu entredentes, dissimulado, e fingiu não ter ouvido o meu comentário maldoso.

– Você me fez mudar de opinião completamente na noite do baile, Gray. Você estava a maior gata naquela noite! E ultimamente você tem sido um colírio para os olhos. – Ele abriu um sorriso lascivo.

Ah, meu Deus. Eca e mais três vezes eca!

– Sabe, Bradley, acabei de saber que Carolina não está mais com Tristan – disse sugestivamente. Talvez eu pudesse dar uma de cupido e tirar aqueles dois do meu caminho. Isso tornaria a minha vida muito mais simples.

– Sério? – Bradley fez uma pausa como se pesasse as opções. – Não sabia. Bem, nesse caso, acho que terei que colocar você na geladeira por um tempo, Gray. Você é uma gata, mas a Carolina é um mulherão! Acho que vou tentar a sorte com ela de novo! – ele declarou com um sorriso de quem se achava o cara mais esperto do mundo.

– Faça isso. Ficarei aqui esperando, Bradley. Ansiosamente – eu disse, mas ele não captou o sarcasmo.

– Tudo bem então, Gray. Se as coisas não derem certo com Carolina, você é a próxima da fila! – Ele me lançou uma piscadela atrevida que fez com que me sentisse levemente nauseada e deu o fora com um andar todo maroto. Praticamente corri para a cantina depois daquilo. Não queria esbarrar com mais ninguém no corredor por hoje.

## capítulo trinta e três

### Sob a luz de velas

O resto da semana passou em uma confusão louca. Tristan anunciou que me convidaria para um encontro de verdade e decidi focar toda a minha atenção nisto em vez de ficar remoendo o meu iminente encontro com a Morte... Céu. Tristan passou a semana inteira com um sorrisinho no canto dos lábios. Dava para perceber que ele tinha algum plano maquiavélico em ação e eu estava morrendo de curiosidade para descobrir o que ele estava aprontando. Eu sabia que tinha algo a ver com o nosso encontro de sexta e tentava pescar qualquer informação sempre que tinha a chance, mas Tristan apenas ria da minha curiosidade.

Tentei atacar Seth, pois tinha certeza de que Tristan deveria ter confidenciado seus planos para ele. Seth arriscou um palpite dizendo que Tristan deveria me levar para o mesmo restaurante chique em Saint Pete para onde ele foi com Tiffany no primeiro encontro dos dois.

A sexta-feira chegou e às seis horas comecei a me arrumar para o nosso encontro. Tomei banho pensando na noite que eu teria pela frente. Fiquei um pouco desapontada com os planos de Tristan, para dizer a verdade. Jantares elegantes para mim significavam roupas desconfortáveis, sapatos de saltos altos dolorosos e um incômodo constante, pois eu não sabia como me comportar muito bem em lugares requintados. Eu sabia que para a maior parte dos garotos, um encontro ideal para mulheres significava jantares caros e rosas vermelhas, mas isso

era tão clichê, além de não ter nada a ver comigo! Tristan estava tentando fazer o melhor que podia, eu acho, e também precisava me lembrar de que ele vinha de outra época. O melhor a fazer seria ensaiar a minha cara de surpresa e aproveitar o encontro. Tristan tinha arranjado tudo aquilo por minha causa, então, o mínimo que eu podia fazer era curtir a noite ao lado dele, não é mesmo?

Ele estaria lá e isso era o mais importante, na verdade, a única coisa que importava para mim. Afinal de contas, aquele seria o meu primeiro encontro oficial com o garoto dos meus sonhos. Eu estava indo até o armário escolher uma roupa adequada para a ocasião quando Tristan entrou no quarto todo animado e explodindo de ansiedade.

Ele vestia a minha camiseta azul preferida e o jeans que o apertava em todos os lugares certos.

– Olá, minha menina tangerina! – ele me cumprimentou, animado, me abraçou pela cintura, erguendo o meu corpo, e me deu um beijo ávido. – Estava com saudade! – ele disse me colocando de volta no chão.

– Foi o senhor quem desapareceu o dia todo! – brinquei com ele, e mais que depressa acrescentei: – Você chegou cedo. Ainda não me vesti!

– Claro que você está vestida, Joey! Viu? Isto são roupas. – Ele puxou a bainha da minha camiseta para demonstrar o óbvio.

– Ah, entendi. Você está falando sobre se vestir para o encontro! – Ele fingiu ter se esquecido totalmente do que havíamos combinado e soltou uma gargalhada ao ver minha cara irritada. – Primeiro você tem que vir comigo! Você pode se vestir depois. Vamos lá! – Ele me empurrou para fora do quarto.

Tristan me pegou pela mão e me conduziu rapidamente pelo corredor até que estivéssemos do lado de fora da escola.

– Tris, para onde diabos estamos indo? – sussurrei, enquanto ele olhava ao redor para se assegurar de que ninguém nos observava.

– Eu queria falar com você, você sabe, em particular. O nosso quarto também é de Seth – ele explicou e parou para olhar para

mim. – Aquele terraço para onde você me levou na noite do baile é por aqui em algum lugar, não é? Podemos ir até lá rapidinho? Para conversarmos?

Fiquei tensa só de ouvir sobre o terraço secreto. A lembrança daquela noite ainda estava muito fresca na minha cabeça. A “conversa” que aconteceu ali havia sido a mais difícil da minha vida. Eu não queria reviver nada daquilo, nunca mais. Olhei para ele repleta de suspeitas e muito nervosa, mas não via nada além de um brilho feliz nos olhos de Tristan.

– Que tipo de conversa? – eu quis saber, preocupada.

– Bem, você sabe... só conversar... um pouquinho. – Ele se inclinou contra mim de um jeito tão provocante e sexy que eu quase me joguei pra cima dele bem ali, na frente de todo mundo. Só então percebi que ele mentia. A “conversa” era apenas uma desculpa! Os olhos dele o traíam totalmente! Ele queria fazer outras coisas em particular que eram bem diferentes de conversar!

Sorri para ele, alegre. Bem, agora eu havia entendido aquela necessidade súbita por um lugar onde pudéssemos ficar a sós. Passamos a semana inteira ocupados com a escola e os ensaios da banda. E Seth estava quase sempre no nosso quarto, às vezes com Tiffany, Harry, Josh e Sammy. Dado que o nosso encontro seria em um restaurante repleto de gente, com certeza não teríamos privacidade. Não haveria o menor problema em aproveitarmos algumas horas sozinhos enquanto podíamos, não é?

– Vamos. – Eu o puxei por uma das mãos na direção da pequena porta de ferro em um dos cantos do prédio da escola. O terraço secreto de Harry estava salvando o dia, pensei, sorrindo para mim mesma. Cheguei ao topo das escadas em poucos segundos, abri a porta de ferro com um pequeno puxão e quase tropecei para dentro do terraço, sem ar. E foi então que quase desmaiei de tanta surpresa. O lugar estava totalmente transformado!

Havia dois cobertores estendidos um ao lado do outro no meio do terraço com uma cesta ao lado. Duas longas velas

foram colocadas no meio, com um vaso de lírios brancos. Um pequeno aparelho de som repousava em um dos cantos, com a guitarra de Tristan ao lado. No canto oposto, havia uma mochila encostada na parede de pedra.

O sol se punha, o que dava uma aparência misteriosa e mágica ao lugar. As dezenas de velinhas acesas colocadas sobre o parapeito completavam o visual encantador que Tristan havia criado. Eu estava tão surpresa que não conseguia nem falar! Fiquei simplesmente ali parada com a boca aberta. Tristan me abraçou pela cintura e descansou o queixo em meu ombro.

– Consegui surpreender você? – ele disse baixinho, perto de meu ouvido. – Esse é um feito bem difícil de se conseguir com uma garota que pode ler os pensamentos só de olhar para os meus olhos.

– Eu... eu... Vo... você.. sim! – Foi tudo que consegui responder. Então era por isso que ele havia me evitado o dia todo.

– Bom. – Ele soltou uma risada contente, satisfeito com a minha reação, e me deu um beijo suave no pescoço e outro mais em cima, bem abaixo da minha orelha, fazendo com que eu tremesse levemente com arrepios.

– Mas... mas... e o lance do restaurante chique? – perguntei, totalmente confusa.

Ele riu alto e eu me aqueci por dentro em resposta, uma reação que o som de sua risada sempre causava em mim, desde as primeiras vezes em que a ouvi. Tristan tinha uma risada mágica, era especial e única, como ele.

– Nunca falei que iria levá-la para um restaurante caro. – Ele soltou outra risada leve. – Sei que a sua ideia de um encontro legal não inclui roupas desconfortáveis e perder tempo em um ambiente formal com um monte de gente ao redor. Você odiaria um encontro assim com todas as forças! – Ele me fez sentar em um dos cobertores.

O terraço escurecia cada vez mais a cada minuto. O sol já havia desaparecido no horizonte, porém as velas lançavam uma

luz bonita sobre o espaço, banhando os lírios com uma luz amarela, suave e quente.

– Como você sabia que as minhas flores preferidas eram lírios? – perguntei, surpresa mais uma vez.

– Bom, não precisa ser um gênio para descobrir isso! Você sempre nos faz parar no jardim perto do auditório bem em frente ao canteiro de lírios. Presumi que você gostava deles – ele disse, e pequenas rugas de riso aparecerem nos cantos de seus belos olhos cinzentos.

– Eu amo lírios. São tão bonitos – eu disse apreciando o buquê de lírios que ele havia colocado no meio dos cobertores. – Lírios tem uma fragrância maravilhosa.

Ele me lançou outro daqueles sorrisos silenciosos e sexy e se inclinou, me beijando devagar.

– Humm, tangerina – ele sussurrou de forma provocante. Eu estava usando o meu gloss de tangerina e o tom ardente de sua voz indicava toda a sua apreciação. – Falando nisso. – Tristan se levantou e pegou a guitarra. Ele se sentou outra vez, dessa vez diante de mim, e deu algumas batidinhas no cobertor ao seu lado para que eu me sentasse lá. Ele então colocou a guitarra no colo e começou a dedilhá-la. – Essa é uma música bem antiga, sabe, da época em que eu estava vivo. Acho que você não conhece essa canção, mas eu gosto muito dela. Faz com que eu me lembre de você, então achei que deveria cantá-la essa noite.

Era uma canção sobre o verão, o amor e a fragrância de tangerina tomando conta do ar. Era uma música bem doce e antiga. Aquele estava sendo o melhor encontro do mundo! Nem conseguia acreditar que Tristan estava fazendo um show particular só para mim. A voz dele era incrível, rouca, grave, um pouco triste e tão sexy!

Quando ele terminou de cantar, tomei a guitarra de suas mãos, coloquei-a de lado e o beijei como se aquele fosse o último beijo do mundo!

– Uau, eu deveria cantar mais vezes para você – ele disse com um sorriso atrevido quando finalmente nos separamos para

respirar.

– Sempre que você cantar para mim irá ganhar um beijo assim – prometi a ele e ri alto diante do rosto levemente afobado de Tristan.

– Bem, vou ter essa informação sempre em mente, Srta. Gray! – Ele piscou e então pegou a cesta de piquenique. – Agora, vamos ao prato principal, madame! – Tristan tirou um monte de coisas lá de dentro: uma garrafa de vinho, duas taças, alguns sanduíches e mais vários tipos diferentes de comida, incluindo chocolates e doces. Ri abafado diante daquelas escolhas.

– Passei o dia inteiro conversando com a moça da cantina, Susie. Contei a ela que estava tentando conquistar uma garota e ela ficou toda empolgada. Ao que tudo indica, Susie é uma grande fã de histórias românticas. Ela me arrumou o vinho e as taças porque eu lhe disse que era uma ocasião especial. – Ele apontou para a garrafa. – Ela estava morrendo de curiosidade para saber quem era a tal garota misteriosa – Tristan confessou com uma risada.

– Esse é o melhor jantar de todos os tempos! – Dei outra grande mordida no meu sanduíche enquanto o ouvia. – Muito obrigada por não ter me levado a um restaurante chique!

Ele riu alto.

– É mesmo. Quem prefere ir a um restaurante cinco estrelas se em vez disso pode comer sanduíches *fastfood*? – Ele balançou a cabeça diante de tanta maluquice. – Mas fico contente por você ter gostado dos sanduíches. Se você gostasse de refeições caras, eu estaria perdido! Também não sei como agir em lugares chiques. – Ele sorriu e nos serviu vinho.

– Está tudo perfeito, Tris. Estou adorando tudo.

Comemos um pouco e tomamos nosso vinho, conversando empolgados sobre nossas novas músicas e a banda. Propositalmente evitamos falar sobre a Céu e o prazo de Tristan do Ano-novo. Por algum tipo de acordo silencioso decidimos que aquela noite seria um momento feliz, um momento para

ficarmos juntos e para desfrutarmos a vida em toda a sua plenitude.

Tristan guardou a guitarra no case e ligou o aparelho de som, mas bem baixinho para não atrair a atenção das pessoas para o terraço. Era agradável ter uma música de fundo suave enquanto conversávamos. Logo começou a tocar a música que dançamos na noite do Baile da Primavera e, após alguns segundos, Tristan a reconheceu.

Ele se levantou, me puxou em seus braços e começamos a dançar. Na primeira vez em que dançamos aquela música, estávamos brigando. Nesta noite, eu estava nas nuvens de tanta felicidade.

– Aquela dança deveria ter sido assim – Tristan sussurrou quando me puxou para mais perto dele. – Eu arruinei aquela noite, mas nunca é tarde demais para corrigir um erro, não é? – Ele se inclinou devagar, beijando o meu pescoço de cima a baixo.

Eu me derretia em seus braços, completamente inebriada. E eu havia bebido apenas uma única taça de vinho! Seus lábios deixaram meu pescoço e passaram suavemente pelo meu rosto, como se fossem puro fogo, provocando pontadas de calor que queimavam a minha pele em todos os lugares em que tocavam. Procurei impaciente por sua boca e quando a encontrei, nos encontramos em um beijo tão ardente que fez tudo ao nosso redor se desvanecer e se apagar em comparação.

– Joey, você precisa ir com calma. Mal consigo me controlar – ele avisou em um tom rouco e cheio de lascívia – Prometi que a trataria direito nesse encontro e você está fazendo com que eu pense seriamente na possibilidade de quebrar a minha promessa.

– Ah, desculpe. – Dei um passo titubeante para trás e sorri, ainda intoxicada por seu beijo. – Venha, sente aqui comigo.

Observamos o céu em um silêncio confortável por algum tempo, de mãos dadas e dedos entrelaçados, cada um de nós absortos em seus próprios pensamentos, mas ainda sim, confortáveis em nosso silêncio. Estava ficando tarde, então

Tristan começou a guardar as coisas de nosso piquenique, apagar as velas e desligar a música. O nosso encontro maravilhoso chegava ao fim. Havia sido mágico e eu tinha amado cada segundo.

– Esse foi o melhor encontro que já tive em toda minha vida – confessei.

– Fico feliz por ter gostado, Joey – ele disse com sinceridade.

– Se eu gostei? Eu amei! Queria que nunca mais terminasse...

Ele sorriu e voltou a ficar em silêncio, contemplando o céu comigo.

– Está ficando bem tarde. Deveríamos voltar para o nosso quarto – ele finalmente atestou, relutante.

– Podemos ficar aqui só mais um pouquinho? – pedi com suavidade. Ele apenas sorriu aquele sorriso sexy mais uma vez e se deitou ao meu lado. Aquela era uma bela noite de verão.

– Sabe – ele disse devagar –, a vida ao seu lado é cheia de possibilidades. Você é extraordinária, Joey. E você é tão linda, só que você não sabe disso, o que a torna ainda mais impressionante. Você é forte e corajosa, mas também doce e gentil ao mesmo tempo. E você nunca cansa de me surpreender. – Ele caiu em um silêncio pensativo de novo.

Decidi, ao ouvir aquela declaração, que aquela não era mais hora para palavras. Era hora de ação!

– Tudo bem, Tristan. Tire a roupa – ordenei com firmeza. Ele riu, achando que eu estava de brincadeira. – Estou falando sério. Pode começar a se despir já, senhor! – repeti, séria. – Não tenho palavras para explicar como me sinto, então vou lhe mostrar o que sinto.

Ele sorriu levemente, ainda achando que eu estava de brincadeira. Eu teria que provar a ele o quão sério eu falava então, e o beijei como se sua boca fosse a última gota de água em meio a um deserto escaldante. Minhas mãos dançavam por todo o seu corpo e eu não conseguia me faltar do quão incrível era sentir sua pele sob minhas mãos. Ele me beijava de volta com tanta ânsia que tivemos de nos afastar por alguns minutos, arfando, desesperados, em busca de ar.

– Você poderia, por favor, tirar a roupa agora? – Ri ao perceber a respiração ofegante de Tristan. Ele tirou a camiseta antes que eu pudesse terminar a frase. Ri ainda mais de sua velocidade e prontidão. Também tirei a minha e o beijei mais uma vez. Em poucos segundos, ambos estávamos nus. Dessa vez, não nos apressamos como da primeira vez. Dessa vez, não estávamos com raiva nem no meio de uma briga. Dessa vez, foi terno, carinhoso e com uma dedicação amorosa.

Eu jamais me esqueceria daquele terraço, a memória da nossa primeira briga ali havia sido agora completamente eclipsada pela lembrança extraordinária de nosso primeiro encontro. Fiquei aliviada por Tristan ter a prudência de trazer camisinhas no bolso de trás da calça e de ter apagado todas as velas no terraço. A escuridão ao nosso redor era confortável e reconfortante, como uma coberta protetora recaindo sobre nós dois.

Quando tudo terminou, me deitei em seus braços e observamos o céu noturno juntos em silêncio. Quando ele percebeu que eu tremia um pouco, pegou a grande mochila atrás de nós e de lá tirou um cobertor macio.

Eu me aninhei ao seu lado debaixo do cobertor, repousando a cabeça em seu peito largo. Após algum tempo, começamos a conversar. A voz dele retumbava suavemente em meu ouvido. Conversamos a respeito dos planos dele para o futuro, o quanto ele amava tocar nossas músicas, escrever letras e melodias e como seria incrível se pudéssemos viver de música algum dia. Ele falou sobre os lugares que queria conhecer comigo, as línguas que gostaria de aprender, quantas coisas maravilhosas ele ainda tinha vontade de fazer.

Era bom saber que ele pensava no futuro daquela forma. Significava que ele não estava desistindo, que realmente esperava que pudéssemos descobrir uma maneira de nos livrarmos daquela maldição até o final do ano. Significava que ele queria um futuro, queria viver. Eu lhe contei então que meu pai também tinha uma banda quando era jovem, que tocou em bares durante algum tempo para ganhar a vida e que foi em

uma dessas apresentações que ele havia conhecido a minha mãe. Contei que meu pai havia morrido quando eu tinha apenas três anos e que eu não me lembrava do rosto dele, mas às vezes tinha a impressão de me recordar de sua voz cantando para mim em meu berço. Como havia sido apenas eu e a minha mãe desde então e como ela se recusara a deixar que a tristeza tomasse conta de nossas vidas, e de como ela havia inventado aquela regra maluca de que deveríamos estar sempre abertas para coisas novas em nossos caminhos. Ela até fez com que eu aprendesse a tocar piano e guitarra por causa do meu pai e seu amor pela música. Ela queria me passar um pouco desse amor, um pouco da alma dele. Eu sabia que era por isso que a música sempre tocou meu coração de uma forma muito particular. Aqueles últimos meses haviam sido como uma redescoberta dessa conexão. Estar nos Lost Boys fazia com que eu me sentisse mais perto do meu pai, me fazia ter a sensação de que eu não o havia perdido completamente. Eu não havia falado sobre aquilo com ninguém antes. Estava feliz por ter conversado com Tristan sobre tudo isso, era como se um nó em meu coração tivesse se desatado e desaparecido de dentro de mim.

Mais tarde, voltamos para o nosso quarto. Seth já estava no milésimo sono. Tudo que podíamos ver era o topo do cabelo loiro sobre os cobertores. Tristan pressionou o dedo indicador contra os lábios em um sinal para que não o acordássemos. Ele tirou a calça e camisa, ficando apenas em sua cueca *boxer*, e escorregou para debaixo dos cobertores. Em seguida, ergueu um dos braços e, sem emitir nenhum som, os lábios dele formaram a palavra "vem".

Quando me aproximei de sua cama, Tristan me puxou para que eu me deitasse junto a ele e se virou para o lado. Nossos corpos assumiram de imediato uma posição familiar de quando sempre dormíamos juntos, seus braços contornando minha cintura, suas mãos repousando sobre a minha, e seu rosto se aninhando em meu pescoço. Éramos como duas peças de quebra-cabeça que se juntavam em todos os lugares certos. Tristan suspirou profundamente e senti a respiração quente dele

roçando minha nuca. Em seus braços, tinha sempre a sensação de pertencimento que me tomava por completo, como se eu estivesse voltado para casa mais uma vez.

## capítulo trinta e quatro

### Encontro surpresa

Quando acordei, meu rosto se enterrava sobre a areia macia e morna. Eu me levantei rápida como um raio e vi um céu sem lua sobre a minha cabeça. Droga, aquele era o deserto de Céu! O domínio da Morte. Tristan e eu havíamos concordado que eu não tentaria fazer aquilo até que tivéssemos combinado um plano, mas, eu havia parado ali sem querer mais uma vez.

Como eu encontraria Céu naquele lugar esquecido? Será que eu deveria tentar chamá-la? Seria uma coisa sensata a se fazer? E se houvesse outras criaturas escondidas por ali, à espera de uma presa frágil e idiota que começasse a gritar, anunciando a próxima refeição?

Respirei fundo, tentando me acalmar, quando a voz de Céu me saudou, vinda detrás de mim, fazendo com que eu desse um pulo.

– Olá, Joe.

Eu me virei assustada e quase perdi o equilíbrio, mas consegui recuperá-lo antes de dar de cara no chão.

– Meu Jesus amado! Você quase me matou de susto... É... Bem... Quero dizer... – falei, me enrolando toda com as palavras. Aquela com certeza não era uma das melhores maneiras de se iniciar uma conversa com a Morte. Essa história de “conversar com a Morte” estava se tornando mais complicada do que eu imaginava.

– Você veio me visitar! – Ela sorriu contente. – Nunca recebo visitas... Pelo menos não visitas espontâneas – ela refletiu. – E

todos estão sempre com tanta pressa para ir embora assim que chegam aqui – Céu reclamou.

– Bem, talvez as pessoas tenham pressa para ir embora por que esse lugar é um pouco... árido? – sugeri baixinho, tentando continuar a conversa.

Essa questão das visitas parecia ser um assunto que a incomodava bastante. Quem poderia imaginar que a Morte se sentia sozinha? Aquilo era... bem, inesperado. Mas, pensando melhor, até que fazia sentido. Ninguém em sã consciência iria querer “bater um papo” com a Morte por livre e espontânea vontade.

– Creio que você esteja certa. Esse lugar não é lá muito cheio de “vida”, não é? – Ela olhou ao redor e sorriu. – Tem sido assim por... ah, eu não sei... milênios? Mas já chega dessa conversa! Venha, sente-se! – Ela indicou um monte de areia cintilante ao seu lado. Eu me sentei perto dela e me virei para que pudesse ver seu rosto. Ela parecia tão jovem, tão mais nova que eu. Creio que só porque ela era a Morte não deveria parecer toda velha e enrugada, ou como um esqueleto. Seria estereotipá-la muito se pensasse assim. Seu longo cabelo preto lhe caía sobre os ombros indo até a cintura. Ela era muito bonita, com um rosto pálido e angelical, as bochechas redondas e os lábios delicados. E ainda vestia as mesmas roupas pretas e um monte de colares. Os olhos negros e profundos de Céu me observavam com a mesma curiosidade com que eu a examinava.

– Acho que agora você sabe quem eu sou – ela disse.

– Sei, sim – assenti com um movimento de cabeça. – Por que não me contou?

Ela pensou por algum tempo antes de me responder.

– Não queria acelerar as coisas para você.

– Ah. Tudo bem, eu acho... – Olhei de soslaio para ela.

– E você está se perguntando por que tenho essa aparência – Céu disse quando me flagrou olhando para ela. – Cada pessoa me vê de uma forma diferente. Se achar que sou assustadora, provavelmente me verá como algo que a faça sentir medo. Uma

criatura sombria e esquelética envolta por um manto negro. – Ela deu de ombros, como se não ligasse muito para suas aparências assustadoras. – Se não sentir medo, projetará outra coisa. Gosto bastante do visual que você me deu. É bem...Qual é a mesma a palavra que estou procurando? Arrojado? – ela propôs e me lançou um sorriso afetuoso.

– Você está me dizendo que eu faço com que você tenha essa aparência? – eu quis saber, confusa.

– Personificações humanas: está tudo na cabeça de vocês. Vocês podem ser muito criativos, com uma imaginação muito fértil, quando querem. Bem, quando não estão aniquilando coisas. Vocês são muito bons nisso, me dão um monte de trabalho por aqui – ela disse com uma pontada de irritação em sua voz.

– Hã... desculpe – murmurei, sentindo que devia pedir perdão em nome de toda a humanidade.

Ela fez um gesto com uma das mãos, dispensando as desculpas.

– E então, Joe, como está o "*Virgílio*"? Andaram trocando mais alguns socos por aí? – ela perguntou, empolgada. Eu tinha me esquecido daquilo. Ela achava que minhas ações eram... interessantes. Para Céu, perguntar da minha vida era como perguntar como havia sido o próximo episódio de uma novela.

– Não, não houve mais nenhum soco. Hoje em dia a gente só conversa. Na verdade, é por isso que estou aqui. Preciso conversar com você sobre Virgílio. – Fui direto ao ponto. – Ele me contou que você era a chefe dele... – comecei.

Ela franziu a testa e me interrompeu na mesma hora.

– Com toda a certeza não sou nada disso. Não tenho nada a ver com aquelas coisas cinzentas! – Ela retrucou ofendida.

– Virgílio me disse que... você ocupa um cargo mais alto que o dele.

– Bem, sim. Essa informação está correta.

– Então você é *tipo* chefe dele, já que ocupa uma posição mais alta na cadeia de comando.

– Estou tão alto quanto é possível, Joe – ela declarou com firmeza.

– Então, se você pedir para que ele faça algo, Virgílio terá que obedecer, não é? – perguntei, ávida. Ela ergueu os ombros, sem realmente entender aonde eu queria chegar. – Então, se você pedir a Virgílio para deixar Tristan em paz, ele vai ter que obedecer.

– Não acho que as coisas funcionem desse jeito, Joe. – Ela finalmente entendeu o que eu queria dizer. – Não sou eu que decido quem deve viver ou morrer.

– Qual é! Você, tipo, mata gente todos os dias! Você é a *Morte!* – rebati.

– Nunca matei ninguém na minha vida! – Ela cruzou os braços sobre o peito, na defensiva. – Eu só mostro o caminho entre mundos para quem morre.

– Mas... mas... – gaguejei, tão confusa que não sabia o que falar. O que eu poderia dizer para convencer a Morte a deixar Tristan viver? Ela era a nossa única esperança e aquilo estava se tornando um beco sem saída. Uma luz brilhante e ardente começou a surgir no horizonte. Céu olhou para a luz e depois se voltou de novo para mim.

– É hora de ir embora, Joe. Você não pode mais ficar aqui – ela informou com seriedade.

– Escute, você está dizendo que não há nada que possa fazer para ajudar Tristan? – perguntei em um tom desesperado, ignorando o aviso.

– Eu não disse isso.

– O que você disse então? – Bufei, irritada com aquelas respostas enigmáticas. – Você vai ou não nos ajudar, Céu? – implorei de novo. – Você é a nossa única esperança!

– Me perdoe, Joe. Não posso me intrometer nos assuntos de Virgílio. Desculpe mesmo, mas é assim que as coisas funcionam. – A luz brilhante continuava a se erguer no céu, fazendo com que a areia cintilasse como um bilhão de estrelas que explodiam. A luminosidade era tão intensa que queimava os meus olhos e fazia a minha cabeça doer.

– Não! Sempre há um caminho! – gritei. Eu me sentia tão cansada. Os braços estavam pesados, como pedaços de chumbo. Titubeei um pouco e me sentei desorientada na areia ao lado de Céu. Minhas pálpebras estavam mais pesadas a cada segundo.

– Joe, você não pode dormir aqui. Se fizer isso, nunca mais acordará, consegue entender? – ela me alertou.

Forcei os olhos a se abrirem, mas era muito difícil me manter acordada. Era como se a chegada da manhã drenasse toda a minha energia, deixando-me tão vazia quanto aquele deserto.

– Você não deveria ter ficado aqui esse tempo todo – ela declarou com seriedade.

– Há quanto tempo estou aqui?

Ela pensou a respeito enquanto a manhã se aproximava.

– O tempo é relativo entre os nossos mundos. Um minuto no seu mundo pode representar horas aqui – ela explicou. – Mas a regra mais importante deste lugar é que ninguém pode permanecer aqui depois do nascer do sol. Você precisa ir agora – ela me pediu mais uma vez.

– Posso voltar de novo? – perguntei com urgência. Eu não havia conseguido o que queria: uma maneira de salvar a vida de Tristan.

– Por mais que eu aprecie as suas visitas, não as recomendo, Gray. Até mesmo o seu feitiço de guardiã pode falhar aqui. E, de qualquer forma, nenhum encantamento humano pode salvá-la desse sol, Joe. E é por isso que você precisa ir embora agora.

– Você tem que me ajudar primeiro! – implorei.

– Por quê? Por que eu deveria ajudá-la?

Eu a encarei por um momento antes de responder.

– Porque... porque... eu... eu o amo! – Eu chorava enquanto o desespero tomava conta do meu coração.

– Sim, eu já ouvi essa súplica antes, Joe. De muitos outros. O amor é muito comum em sua raça. Não os culpo por tentarem ficar juntos. Já vi muitos antes de vocês e verei muitos depois. Quando ele for embora, irá doer. Mas essa dor passará. – Ela secou uma lágrima no meu rosto com um dos dedos longos e

delgados. – Você tem que ir agora – ela me informou pela última vez.

O sol causticante e suas labaredas estavam quase no meio do céu, queimando tudo ao redor. O calor parecia me queimar de dentro para fora, fazendo meu sangue ferver. Desmoronei na areia quente, cansada demais para me manter sentada. Tudo que eu queria era me encolher e dormir. Lembrava-me da voz de Tristan em algum lugar em um passado distante. Parecia que fazia muito tempo desde que eu ouvira a voz dele pela última vez... Eu sentia como se estivesse ali há séculos.

– acorde agora, Joe. – Céu andou devagar até mim. As botas pesadas abriam caminho ruidosamente pela areia escaldante.

– Eu... eu não sei como – sussurrei, tentando manter as pálpebras abertas e resistir ao sono. A dormência tomava conta de todo o meu corpo. Eu podia sentir as lágrimas correrem pelo meu rosto, queimando sobre minha pele.

Céu se ajoelhou diante de mim e apenas alguns segundos antes de eu fechar os olhos ela pressionou um dos dedos em minha testa. Uma dor aguda atravessou minha cabeça, fazendo com que eu me encolhesse, e todo o meu corpo pareceu ser tomado por uma sensação gelada que se espalhava dentro de mim.

A próxima coisa de que me lembro foi que abri os olhos em um quarto escuro. O meu quarto. Todos os meus instintos berravam para que eu ficasse imóvel e calma, para que voltasse à realidade devagar, mas entrei em pânico e levantei como um raio, buscando desesperada por ar. Agarrei a garganta com uma das mãos, procurando desesperadamente por ajuda com a outra. Encontrei Tristan deitado ao meu lado e o agarrei com força, mas não conseguia falar! Ainda podia sentir o calor do deserto, me queimando de dentro para fora.

Tudo doía. Caí de volta no colchão e todo o meu corpo se convulsionou quando apertei os olhos com uma dor excruciante que atravessava o meu crânio. Meu estômago revirava, com ondas de náusea o atormentando por dentro. Gritei, cheia de

dor, e ouvi a voz trêmula de Tristan dizendo para que eu respirasse. Só não pare de respirar. Relaxe. Tudo vai ficar bem.

Senti o corpo de Tristan me segurar, sua voz ecoando dentro de minha cabeça, seu toque fazendo a dor em meu corpo se dissipar lentamente. Suspirei aliviada e relaxei em seus braços. Não estava mais sufocando. Eu conseguia respirar!

– Joey? Joey? Você pode me ouvir? Meu Deus, por favor, faça com que ela fique bem! – Ouvi-o sussurrar sobre mim. Respirei mais um pouco antes de responder.

– Estou bem – murmurei devagar, tentando abrir os olhos. Minha voz soou trêmula e ressequida. Naquele momento, eu focava toda a minha energia apenas em respirar. Devagar, fundo, inalar, expirar...

– O que aconteceu? – Tristan me perguntou, ansioso. Seu tom era cheio de angústia, ele estava completamente abalado ao me ver com tanta dor. – Foi Virgílio? Ele a machucou nos seus sonhos? Vou matar esse cara. – Eu o ouvi rosnar com a voz repleta de medo e ódio. Minhas pálpebras tremularam até que finalmente consegui abri-las.

– Acho que já estou bem – falei com a voz fraca. – Não foi Virgílio. Meu Deus, minha cabeça... dói tanto.

– Segurei a cabeça, que não parava de latejar de dor. Uma onda de náusea me atingiu como um soco no estômago. Eu me levantei depressa e tentei correr até o banheiro. Não queria vomitar no meio do quarto! Minhas pernas desistiram e eu quase caí se não fosse pela velocidade de Tristan. Ele me pegou antes que eu desmoronasse no chão, seu rosto tomado de preocupação.

– Banheiro... enjoada... depressa – consegui dizer e ele me carregou depressa, colocando-me cuidadosamente no chão próximo ao vaso. Outra onda de náusea me atingiu e vomitei durante o minuto mais longo da minha vida. Senti as mãos de Tristan afastarem o meu cabelo do rosto, o corpo dele pressionado contra o meu, me apoiando para que eu permanecesse ereta. Depois de um tempo, parei de vomitar e

me senti um pouco melhor, então tentei me afastar dali, mas Tristan me impediu.

– Calma. Fique parada por um tempo. – Ele enxugou o suor do meu rosto. As mãos de Seth apareceram ao meu lado segurando um copo d’água para que eu bebesse. Eu o peguei com as mãos trêmulas e bebi alguns goles.

Olhei para os dois. Havia tanto medo em seus olhos.

– Desculpe assustar vocês desse jeito – murmurei. Eu me sentia tão cansada, como se houvesse corrido uma maratona inteira. Nunca tinha ficado tão mal assim antes. Aquele era o preço por ficar naquele deserto por tanto tempo. Pago com juros e correção monetária.

– O que aconteceu, Joe? – Tristan perguntou, assustado.

– Você vai ficar com raiva de mim – comecei e, sentado sobre os ladrilhos frios do chão do banheiro, contei tudo sobre minha visita à Céu. Chorei o tempo todo. Quando terminei, Tristan me abraçou, me aninhando em seus braços e me dizendo que tudo ficaria bem. Mas como ele poderia garantir aquilo? Havíamos perdido nossa única esperança. Céu não podia, ou não queria, salvá-lo.

– Vamos pensar em alguma outra coisa, Joey. Por favor, pare de chorar. Me dói tanto vê-la assim – Tristan sussurrou em um angustioso lamento de partir o coração enquanto me segurava em seus braços. – Eu ainda tenho esperança. Sempre há um caminho. Você não pode perder a fé desse jeito.

As palavras dele martelaram na minha cabeça. Foram as mesmas que eu havia dito para a Morte no final da nossa conversa. *Sempre há um caminho*. Talvez aquela fosse apenas uma mentira que Tristan e eu continuávamos a dizer para nós mesmos, para nos obrigar a seguir em frente. Ou seria uma possibilidade real? Seja o que fosse, tudo que eu sabia era que eu ainda não havia desistido de lutar. Tristan estava certo. Eu não podia ficar daquele jeito, como se tivesse desistido de tudo. Desistido de Tristan. Então parei de chorar e o abracei de volta com força. Podia sentir o alívio dele me envolvendo através de seus braços.

– Desculpe, Tris. Não sei o que me deu. – Ergui a cabeça para encontrar os olhos dele. – Nunca vou perder a fé em nós. Você está certo. Sempre há um caminho – repeti as palavras dele e sorri. – Eu lhe daria um beijo agora, mas não acho que seria uma boa hora, porque, você sabe, passei mal... – murmurei, sem graça.

Ele riu baixinho diante da minha bobeira.

– Tudo bem. Podemos deixar o beijo para depois. Só me prometa que não vai fazer isso de novo – Tristan implorou.

– Ah, não tenho a menor intenção de fazer isso de novo se depender de mim! Isso foi brutal. E foi um total acidente eu ter ido parar lá! Juro que não planejei nada disso. – Tentei me levantar, mas parei e tive que me encolher novamente, pois uma onda de dor atravessou todo o meu corpo. Tristan me pegou no colo e me carregou para a cama, me ajeitando com todo o cuidado como se eu fosse feita de cristal.

– Tente descansar agora, Joey. – Ele passou os dedos devagar pelos meus cabelos e quase que imediatamente mergulhei em um sono abençoadamente ininterrupto e tranquilo.

## capítulo trinta e cinco

### Formatura

No dia seguinte, acordei sentindo como se um trem desgovernado houvesse passado por cima de mim. Duas vezes. Todo o meu corpo doía. Acho que sentia dor até no cabelo se é que isso é possível. Tristan não me deixou sair da cama. Ele me disse que nós receberíamos dispensa da aula por motivo de doença. Ergui a sobrancelha ao ouvir a palavra “nós”, mas ele explicou que avisaria aos professores que ficaria tomando conta de mim. E ele não estava *pedindo*, estava me *informando* o que havia decidido com uma voz bastante imperativa. Ele ficava bem sexy quando resolvia ser mandão. De qualquer forma, eu estava fraca demais para contradizê-lo, então concordei e me aconcheguei de novo debaixo do cobertor.

Passei todo o dia cochilando em um sono entrecortado, e meu estômago doía um pouco sempre que eu despertava. Às vezes, Tristan me acordava para me dar algo para comer ou um dos meninos ou Tiffany davam uma passada no quarto nos intervalos entre as aulas para verem como eu estava. Depois da última aula, Harry entrou no quarto, se sentou ao meu lado e me abraçou por um longo tempo. Acho que Seth o deixou completamente aterrorizado ao contar a história de minha expedição ao deserto. Quando acordei, Harry não estava mais lá. Em vez dele, quem estava no quarto era Sammy, sentado no chão e encostado na minha cama, lendo um livro. Toda vez em que eu me virava na cama, flagrava um dos meninos ao redor, fazendo alguma coisa ou simplesmente oferecendo sua

companhia. Tristan era uma presença constante. Sempre lá, sempre atento. Ele não saiu do meu lado nem por um único instante.

Levei dois dias para voltar ao normal. Minha pequena “aventura” me ensinou uma difícil lição: não é possível ultrapassar o limite de tempo nos domínios da Morte e sair ileso. Eu ainda tive sorte por sair com apenas alguns membros doloridos e dor de estômago. Poderia ter sido muito pior.

Na quarta-feira, eu me sentia bem de novo e insisti em sair apesar dos protestos de Tristan. Voltar a rotina escolar ajudaria a me sentir um pouco mais normal e também me ajudaria a afastar minha mente das previsões sombrias do futuro e dos pensamentos depressivos.

Também falei muito com a minha mãe durante aquela semana. Acho que sentia um pouco de saudade de casa e ouvir a voz dela me fazia melhorar e sarar mais depressa. Contei a ela as notícias sinistras sobre o prazo de Tristan. Aposto que todas aquelas notícias a deixaram muito preocupada, mas ela jamais demonstrou isso, sempre mantendo a voz calma e reconfortante, tentando levantar meu astral alto durante todas as nossas conversas.

As semanas se passaram e a data da nossa formatura se aproximava. Tristan, os meninos e eu conversávamos sem parar entre as aulas e os ensaios no intuito de chegar a algum plano que permitisse que Tristan sobrevivesse ao Ano-novo. Mas estávamos lidando com o desconhecido. Não dava simplesmente para digitar no Google “Como manter um fantasma vivo”! Todas as pesquisas até então se provaram infrutíferas, incluindo as realizadas pela Dona Violeta. Mesmo assim, eu tentava manter o pensamento positivo. Após a formatura, ainda haveria um semestre inteiro até o Ano-novo.

Tínhamos apenas mais algumas semanas pela frente antes de recebermos nossos resultados finais e era hora de pensar no que seria das nossas vidas. Eu não fazia a menor ideia. Só sabia que o problema de Tristan era a minha prioridade no momento. E, se eu tivesse que colocar os meus estudos em suspenso até

que tudo fosse resolvido, então assim seria. Não conseguia pensar em inscrições em universidades ou qualquer outro plano para o futuro que não fosse resolver a questão do futuro de Tristan. Dei graças a Deus por minha mãe não me pressionar a respeito dos estudos e de minhas escolhas de carreira.

Todas as nossas novas canções inéditas para a aula de música já estavam terminadas e ensaiadas à exaustão. Ainda precisávamos tocá-las uma última vez para o professor Rubick e esperar por nossas notas, mas estávamos confiantes de que tiraríamos a nota máxima. Tínhamos trabalhado duro naquelas canções. Os ensaios eram os únicos momentos em que víamos Tristan de fato feliz, então tentamos praticar com a maior frequência possível, mesmo quando não era realmente necessário. Tocar era a única coisa que nos mantinha com a cabeça no lugar em meio à toda aquela loucura de prazos mágicos.

As provas passaram em um piscar de olhos. Estávamos sempre ocupados, ensaiando ainda mais, pois havíamos marcado nosso primeiro show de verdade na festa de formatura! Por isso, passávamos todo o nosso tempo focados na nossa apresentação para o final da cerimônia. Não nos preocupamos com o figurino, já que Tiffany tomara para si essa tarefa e tínhamos certeza de que ela iria arrasar como nossa estilista particular. Eu não estava muito preocupada com as minhas notas, mas a chegada do show me angustiava.

Antes que eu me desse conta, o dia do show estava acontecendo. A formatura foi muito emocionante, especialmente para os pais, que choraram durante toda a cerimônia. Minha mãe conseguiu pegar um assento na primeira fila e sorria para mim e Tristan com tanto orgulho que quase me fez chorar também emocionada. Tive a oportunidade de conhecer as famílias dos meninos depois da entrega dos diplomas. A cerimônia acabou sendo ao mesmo tempo empolgante e exaustiva.

Ia para o meu quarto me vestir para o show quando vi Tristan no corredor conversando com um homem baixo, de meia-idade.

Tristan falava com calma enquanto o homem respondia com empolgação, fazendo um monte de gestos, claramente impressionado com Tristan ou com o que ele dizia, mas antes que eu conseguisse me aproximar, o homem misterioso deu tchau para Tristan e caiu fora o mais rápido possível. Tristan se virou e ao perceber que eu estava ali por perto, caminhou na minha direção.

– E aí? – eu o cumprimentei.

– Olá, Menina Tangerina! – Ele abriu um sorriso. Aquele era o apelido que ele usava para mim quando estávamos em público. Ele só me chamava de Botãozinho quando estávamos a sós. Antes que eu pudesse perguntar o que aquele homem queria, nossos telefones tocaram, indicando o recebimento de uma mensagem.

– Tiffany – nós dois dissemos ao mesmo tempo e descobrimos que recebemos uma mensagem idêntica.

*corram pra k AGORA!! preciso d vcs prontos p/ o show! tô esperando no quarto d vcs! bjs*

Corremos para o nosso quarto o mais rápido possível, passando por alguns alunos que acenaram para nós, empolgados para o show.

– Quem era aquele cara? – perguntei enquanto corria, ofegante, ao lado de Tristan.

– O quê? Ah, sim. Era o pai da Lisa. Você sabe, a Lisa? Ela aparece em todas as nossas apresentações, lembra dela? Ela tem aquele cabelo azul espetado, difícil de não notar ela na multidão – ele explicou quando percebeu a expressão confusa em meu rosto. – Ela deve falar da gente o tempo todo em casa e o pai dela ficou curioso e veio falar comigo.

Grunhi entredentes. "A gente". Sei. Ela devia falar sobre *Tristan* o tempo todo, era muito mais provável! Os Lost Boys já estavam atraindo groupies!

Quando chegamos ao nosso quarto, Tiffany estava toda agitada em meio à uma pilha de roupas e pinturas faciais. Ela

fez um trabalho incrível com o nosso figurino. Todos ficaram incríveis! Ela era mesmo talentosa!

Tristan não deixou que ela se metesse muito no estilo dele, de forma que acabou ficando o mais "normal" de todos nós, com uma camiseta e um jeans, ambos pretos, embora Tiffany tenha conseguido convencê-lo a usar mais algumas pulseiras de contase um cordão curto de couro de onde pendia uma pedra igualmente negra. O visual dele ficou bem legal.

Josh também vestia um jeans preto, mas com uma camiseta verde-oliva e um colete esfarrapado, além de cordões e braceletes de couro e tecido. Davam a ele um visual durão e perigoso. Sammy e Seth vestiam jeans cinza, camisetas camufladas e coletes. Também usavam pulseiras de contas e cordões de couro trançados com galhos, pedras e penas. Pareciam um grupo de aventureiros selvagens! Verdadeiros garotos perdidos!

Tiffany criou diferentes "pinturas de guerra" para cada um de nós, em tons dominantes de preto, cinza e verde oliva. Apenas Harry e eu tínhamos marcas vermelhas e laranja bem vivos. Ele vestia a bermuda largas verde-oliva de sempre e, na parte de cima, não usava nada além de um colete esfarrapado aberto, mostrando sua tatuagem vermelha e verde em parte do peito e braço. Também usava um monte de colares e pulseiras muito descolados.

E então havia eu. Tiffany escolheu uma bermuda verde-oliva idêntica à do Harry, uma blusa de alcinha vermelha e as minhas botas pretas velhas de guerra. Ganhei as pulseiras e colares mais legais de todos, pois, já que eu era a única menina na banda, Tiff achou que eu as merecia.

Ela insistiu para que eu usasse o cabelo solto, mas fez um monte de trancinhas finas com contas brilhantes e minúsculas entre os nós. Tiffany fez pequenas marcas com a tinta laranja em meus braços, nariz e maçãs do rosto. Ficou tão legal! Abri um sorriso radiante, orgulhosa, ao ver meu reflexo no espelho. Nunca fui muito de me arrumar, mas estava me divertindo horrores com tudo aquilo! Depois de terminar com os

acessórios, Tiffany nos deixou para procurar pelo melhor lugar na primeira fila de onde pudesse filmar o show. E então era hora do show começar!

Trocamos abraços e apertos de mão animados uns com os outros e seguimos para o auditório na maior animação, empolgados e nervosos ao mesmo tempo. A tensão crescia à medida que nos aproximávamos da porta do auditório. Porém não ouvíamos nenhum som vindo de lá de dentro, o que era bem esquisito. Abrimos um pouco a porta e demos uma espiada. As luzes estavam todas acesas, mas não havia ninguém lá dentro. Entramos com os ombros curvados depois daquele balde de água fria. Olhamos ao redor, procurando ao menos por nossos instrumentos. Tínhamos feito uma última passagem de som na noite anterior e deixamos as guitarras, o baixo e a bateria bem ali, mas não conseguíamos achá-los em canto algum.

– Será que o show foi cancelado e eles se esqueceram de nos avisar? – Harry sugeriu. – Ou quem sabe tenham mudado o dia? Talvez seja amanhã – acrescentou ele.

– Tenho certeza de que está tudo bem. – Tristan argumentou tentando nos tranquilizar. – Precisamos encontrar o professor Rubick. Ele com toda a certeza sabe o que está acontecendo.

Estávamos reunidos em um círculo, discutindo onde procurar pelo professor Rubick, quando Tiffany entrou no auditório, toda vermelha e arfando sem fôlego.

– Ah, então vocês estão aí! Qual é a do atraso, galera? Vocês têm um show para fazer e estão aí, conversando como se tivessem todo o tempo do mundo! Vamos logo!

– Como assim, Tiff? O que está rolando? Por que não tem ninguém aqui? – falei em nome da banda.

– Porque o show é *lá fora*! – ela explicou, irritada.

– O quê? Ninguém avisou a gente! – Seth exclamou, surpreso.

– Tinha gente demais para ver vocês, galera, e não havia espaço suficiente aqui no auditório! E a multidão está começando a ficar impaciente lá fora! Andem logo! Vamos

nessa! – Tiffany bateu palmas com urgência enquanto saía correndo.

Todos nós corremos atrás dela com os olhos arregalados e rostos cheios de choque. Quando começamos a nos aproximar da ala oeste do prédio, começamos a ouvir o som da multidão. Todos os meninos ficaram nervosos logo de cara, exceto Tristan, que sorria como se estivesse se divertindo horrores. Como ele estava conseguindo não ficar nervoso? O barulho estava cada vez mais alto a cada segundo, acompanhando o progresso da minha ansiedade.

– O professor Rubick surtou ao ver esse monte de gente que apareceu para ver vocês! E não tem só gente da nossa escola, não. – Tiff sorriu, olhando a multidão. – Tudo bem. Vou estar bem lá na frente filmando o show! Mandem ver, Lost Boys! – ela gritou, deu um beijo em Seth, um estalinho rápido nos lábios de todos os outros membros da banda, inclusive em mim, que estava no final da fila, e correu para o lado de fora.

– Vocês viram aquilo? Ela acabou de beijar Joey na boca! – disse Sam, todo empolgado.

Eu me virei para ver os meninos me encararem com uma expressão sonhadora nos rostos.

– Eu, hein! Só mesmo garotos para ficarem ligados em uma coisa dessas com tudo que está acontecendo lá fora! – eu disse nervosa, fazendo um gesto na direção do som que vinha da entrada, o que pareceu trazê-los de volta à realidade.

Tristan se virou para a gente, sorrindo de orelha a orelha.

– Vamos lá! Isso vai ser incrível! Não temos porque nos preocupar! Tudo que temos que fazer é ir até lá e nos divertir! – ele disse, animado.

– Como você está conseguindo não surtar com tudo isso? – perguntei um pouco assustada.

Ele deu de ombros, tranquilo, sem parar de sorrir.

– Simplesmente não estou. Só aproveito cada dia como se fosse o último, só isso. Tudo parece mais fácil assim. Vocês deveriam tentar! – Tristan me observou atentamente. – E você

é Joe Gray, a garota que não se assusta facilmente, lembra? – Ele piscou para mim.

Todos nós olhamos para Tristan, ainda preocupados.

– Vejam só, é o seguinte – ele explicou. – A melhor coisa que pode acontecer é as pessoas gostarem da gente. A pior é as pessoas não gostarem. O que há de tão horrível nisso? Quem se importa com o que eles pensam? Estamos aqui para fazer algo que amamos. Então vamos lá fazer isso! – Ele deu um tapinha com firmeza nas costas de Seth antes de ir para o lado de fora. Tristan já tinha uma postura de estrela do rock, com toda a certeza!

Harry pareceu pensar do mesmo jeito, pois abriu um sorriso e berrou:

– É isso aí! – antes de seguir Tristan. E em seguida o ouvimos dizer lá fora: – Não precisam mais gritar. Os Lost Boys estão na áááárea!

Todos nós morremos de rir e os seguimos, prontos para encarar a multidão ruidosa e cheia de energia.

Não me lembro muito do show além do estrondo e da animação. Lembro-me de pisar no palco e me dar conta que tinha muito mais gente do que eu esperava. Lembro-me de Tristan me lançando um sorriso tranquilizador. Assim que os meninos pegaram os instrumentos, a multidão começou a gritar ainda mais alto. Ouvimos Josh bater as baquetas três vezes, nossa deixa para dar início à primeira música. O resto foi apenas um borrão.

Também me lembro de sair do palco e entrar outra vez no prédio da escola. Várias garotas correndo e se apertando ao meu redor, berrando e fazendo milhares de perguntas ao mesmo tempo. Não me lembro quais foram as perguntas nem o que eu respondi. Tudo aquilo foi insanamente surreal e muito, muito caótico. Nossos pais vieram nos dar os parabéns – os Hunt, os Ledger e os Hart. Minha mãe também estava lá, gritando alguma coisa que eu não conseguia entender e me abraçando com um grande sorriso no rosto. O professor Rubick passou quase o tempo todo conversando com nossas famílias.

Ele sorria de orelha a orelha de tanto orgulho. Levou quase uma hora para que toda aquela comoção se dissipasse e a multidão se dispersasse um pouco. Deixei minha mãe conversando com os outros pais e fui procurar pela minha banda então.

Encontrei Tiffany primeiro. Ela me deu um abraço apertado e disse que nós havíamos detonado no show! Andamos devagar através da multidão. Vimos Seth lá ao longe, próximo ao portão de entrada da escola. Ele conversava com o mesmo homem de meia-idade com quem Tristan havia falado mais cedo. O pai de Lisa, eu me lembrei. Caminhávamos na direção deles quando o homem apertou vigorosamente a mão de Seth e foi embora, apressado de novo, antes que pudéssemos chegar até eles.

Quando alcançamos Seth, ele se virou para olhar para a gente com uma expressão vazia e confusa. Ele estava pálido e parecia estar em choque. Algo havia acontecido. Não conseguia decifrar seus olhos, pois um turbilhão de emoções passava por eles. Coloquei uma das mãos no ombro de Seth e o balancei levemente na tentativa de trazê-lo de volta à realidade. Ele olhava fixamente para algum ponto no horizonte atrás de mim.

– Seth! Você está bem? O que aconteceu? – perguntei. Tiffany também olhava para ele, preocupada. Seth finalmente desviou o olhar e focou em mim pela primeira vez.

– Hã... E aí, Joey? Quando foi que vocês chegaram aqui?

Olhei para Tiffany, apreensiva.

– Seth, está tudo bem?

– É que... – ele murmurou algumas coisas sem sentido e então balançou a cabeça devagar. – Vocês não vão acreditar...

## capítulo trinta e seis

### Gravação

– O que? Acreditar em quê, Seth? – perguntei novamente, já perdendo a paciência. Ele olhava para as próprias mãos. Rodava entre os dedos um pequeno cartão de visitas com as bordas prateadas.

– Vou precisar que meu pai dê uma olhada nisso – ele informou ainda naquele estado de choque.

– Seth, qual é? Fala comigo. Tem alguma a ver com o pai da Lisa? O cara com quem você estava falando ainda agora? – Só poderia ser isso.

Ele olhou para mim, curioso.

– O Sr. Silver? Você o conhece?

– Não. Eu o vi conversando com o Tristan mais cedo... – eu disse.

– Era o Scott Silver. –A voz de Seth saiu repleta de admiração.

– Você quer dizer o Scott Silver? – Tiffany pareceu impressionada.

Seth se virou para ela e semicerrou os olhos, cheio de suspeita.

– Você tem alguma coisa a ver com isso, Tiffany? – ele a acusou de repente.

– Como assim? Com o quê? – perguntei sem fazer a menor ideia do que eles falavam, me sentindo frustrada.

Tiffany pegou no meu braço, empolgada.

– Scott Silver é um grande produtor musical! Ele tem várias gravadoras! – A voz dela ficava cada vez mais alta. – O que ele

falou, Seth?

– Ele acabou de oferecer um contrato de gravação para os Lost Boys – Seth disse ainda imerso em um falso estado de calma.

Fiquei boquiaberta, em completo estado de choque.

– Tiff, por acaso você pediu para que ele fizesse isso? – Seth insistiu, um tanto agressivo. Ele odiava pedir qualquer favor para Tiffany. Essa era uma questão delicada no relacionamento deles.

– Juro por Deus que não fiz nada! – Tiffany gritou, ofendida. – Eu sei quem é Scott Silver, mas nunca falei com ele! Meu pai o conhece, mas você me *proibiu* de tentar fazer o que quer que fosse, por isso, fiquei na minha – ela enfatizou a palavra “proibiu”, pois sempre ficava um pouco zangada quando lhe davam ordens. Os Worthington não estavam acostumados com essas coisas!

Tristan surgiu atrás de nós e observou nosso pequeno grupo com um olhar curioso.

– Ei, aí estão vocês. Procurei por vocês em tudo que é canto!  
– Ele me abraçou pela cintura.

– Então isso quer dizer que vocês têm um contrato com uma gravadora? – Tiff exclamou esganiçada.

– Ah, vocês já falaram com o Sr. Silver? – Tristan sorriu. Todos pararam de repente e olharam para ele, pasmos. – Ele veio conversar comigo hoje de manhã. Joey estava lá, ela nos viu, não foi? – Tristan piscou para mim.

– Por que você não me disse nada? – perguntei, chocada.

– Eu lhe disse. Bem, pelo menos uma parte da história. Lisa é uma grande fã da nossa banda e fala da gente o tempo todo. Ela até mesmo gravou com o celular algumas das nossas apresentações durante as aulas de música e as mostrou para o pai. Ele veio hoje para nos ver tocar ao vivo. Não falei nada porque vocês já estavam surtados o suficiente. Eu sabia que o nosso contrato já estava no papo. – Ele sorria de orelha a orelha. – Porque sei que somos muito bons. Só precisávamos mostrar isso hoje.

– PUTA QUE PAR...!!! – comecei a berrar, mas Tristan tapou a minha boca com uma das mãos.

– Tudo bem, não precisa falar palavrão. Então, um contrato com uma gravadora, hein? – Tristan destapou minha boca e deu um tapinha animado no ombro de Seth.

Tiffany começou a pular, dar gritinhos histéricos e abraçar Seth, que ficou simplesmente parado, com o corpo mole, deixando-se agarrar e ser sacudido pela eufórica namorada.

O resto da banda chegou no momento em que eu discutia com Seth quem lhes contaria a novidade. Seth e eu demos a notícia juntos, um interrompendo ao outro para contar um pedaço da história, enquanto Tristan e Tiffany riam de nossas caras ansiosas e empolgadas.

Quando terminamos nossa batalha, olhamos para os meninos e esperamos pela reação deles. Sam riu tanto que acabou rolando no chão, puxando Seth com ele. Josh ficou pálido, em estado de choque, mas logo se juntou à celebração, pulando em cima de Seth e Josh. Harry apenas observou em silêncio com um sorriso de orelha a orelha estampado no rosto antes de se jogar no topo da pilha de Lost Boys estirados no chão.

– Montinho! – gritei e pulei sobre Harry. Tristan e Tiffany seguiram o meu comando e também se jogaram. Aquele foi o melhor montinho de todos os tempos! Comemoramos horrores naquela noite.

O dia seguinte seria o nosso último na escola, quando deveríamos dizer adeus e voltar para casa antes de decidirmos o que fazer das nossas vidas. Josh havia sido aceito em Harvard, mas isso não era exatamente a vontade dele, mas sim o que seus pais queriam. Ele ficou mais do que aliviado com o contrato com a gravadora. Seth e Sam tinham vagas na escola de Artes Performáticas, mas agora trancaríamos a matrícula por um tempo. Harry ainda não havia decidido o que iria fazer, mas também não precisaria mais se preocupar com essa questão. Nosso contrato era tudo que ele sempre havia sonhado para o futuro.

Todos os nossos planos iriam mudar completamente por causa daquele contrato. O Sr. Silver precisava das nossas assinaturas o mais rápido possível para que começássemos com o processo de gravação e produção do nosso primeiro álbum. Não conseguia acreditar: teríamos o nosso próprio disco! Todos os pais ficaram boquiabertos com as novidades e foram muito prestativos, fazendo de tudo para que nossa carreira se tornasse uma realidade.

Tiffany iria para a Europa com os pais, mas adiou a viagem até o Natal. O Sr. Silver nos disse que tínhamos um ano para produzir o álbum, com seis meses para gravar as músicas em um pequeno estúdio que ele arranhou para a gente em Esperanza e mais seis para finalizar a produção, divulgar o *release*, dar entrevistas para rádios e fazer alguns shows para ajudar na promoção do disco no nosso estado. Depois de tudo isso, tínhamos que esperar pela resposta do público antes de seguir em frente.

Ele também alugou para nós uma casinha próxima ao estúdio, já que iríamos passar a maior parte do tempo por ali. Nós a chamamos de Estufa, porque era toda pintada de verde-folha do lado de fora. O lugar tinha tudo que precisávamos para executarmos nosso trabalho, até mesmo três quartos e dois sofás-camas na sala caso quiséssemos dormir lá. A cabine de gravação havia sido reservada em apenas algumas datas específicas, já que só tocaríamos lá quando tudo já estivesse perfeito para ser gravado. A hora de gravação no estúdio era bastante cara, de forma que não podíamos perder tempo durante as sessões.

Já que Seth era o único que vivia fora do estado e teoricamente era um "sem-teto" em Esperanza, ficou decidido que ele ficaria com Tiffany em uma das muitas casas dos Worthington nas redondezas. Mesmo assim, os dois estavam sempre na minha casa. Eles foram adotados pela minha mãe e vice-versa. Eles sempre passavam a noite com a gente e eu ficava feliz em dividir o meu quarto com Tiff sempre que ela queria e Tristan também compartilhava o dele com Seth. Minha

mãe ficava muito feliz em ter toda aquela turma por perto o tempo todo. Parecia até que ela ia explodir de tanta alegria! Era como se de repente ela houvesse adotado um bando de garotos barulhentos e hiperativos.

Não éramos apenas melhores amigos agora, éramos também uma família. Trabalhávamos, comíamos, dormíamos e tocávamos juntos. E Tristan e eu não tínhamos mais que nos esconder de ninguém, entre amigos ou colegas de trabalho. Concordamos em pegar leve enquanto estivéssemos na minha casa, porque eu ainda não havia contado para a minha mãe sobre a gente. Se não fosse por isso, estaríamos livres em tempo integral para sermos oficialmente um casal. Ele me abraçava e beijava o tempo todo no estúdio e fazia com que eu sentasse no colo dele mesmo quando havia um monte de outros lugares onde eu poderia sentar. Eu estava nas nuvens com toda aquela atenção.

A equipe do estúdio não parava de nos provocar e rir da gente, dizendo que éramos o casal mais adorável que já tinham visto, o que sempre fazia com que Tristan abrisse um sorriso de orelha a orelha. No final da primeira semana, ele obviamente já conhecia todos os caras que trabalhavam lá – seus nomes, sobrenomes e as histórias de suas vidas, desde o produtor e o técnico de som até o faxineiro e os seguranças. E todo mundo adorava tê-lo por perto e tentavam atrair a atenção de Tristan para conversar e até mesmo pedir conselhos. Era engraçado ouvir o papo deles de vez em quando: um bando de marmanjos pedindo conselhos a um moleque de dezoito anos. E, ainda assim, era curioso pensar que Tristan vivera muito mais tempo que todos eles.

Durante os meses em que trabalhamos no álbum, também fizemos visitas regulares a Dona Violeta. Ela tentava descobrir mais sobre o feitiço de conjuração que poderia nos ajudar com Virgílio e continuava a dizer que precisava de mais tempo, que não poderíamos fazer nada além de ter paciência e esperar. O tempo, porém, se tornava cada vez mais valioso para Tristan.

Havia sempre uma sombra sobre o meu coração, um peso que jamais saía dos meus ombros. A empolgação do que acontecia com a gravação do nosso disco podia manter esses pensamentos no fundo da minha mente, mas eu os sentia com mais intensidade todas as vezes em que saíamos da casa de Dona Violeta sem um plano.

Tentei disfarçar a minha ansiedade da melhor forma que pude no intuito de ajudar Tristan a permanecer forte, mas podia ver que à medida que o final do ano se aproximava, ele começava a vacilar. Não ria mais tanto, os olhos já não brilhavam com aquela intensidade de antes, mesmo quando tocávamos. Tristan começava a ficar com medo de não conseguir se safar de tudo aquilo.

Todos nós assinamos contratos com o Sr. Silver exceto Tristan. Ele ficava adiando e inventava uma desculpa sempre que alguém pedia para que ele assinasse a papelada. Ele conseguiu enrolar a gravadora por um bom tempo. E, no final de outubro, quando começamos a gravar as faixas definitivas, convenceu todo o mundo a deixar que as partes em que ele tocava e as canções que havia composto por último. Comecei a perceber que ele evitava ficar na cabine de gravação e permanecia do lado de fora, dando uma força para o pessoal da produção. Ninguém mais na banda se deu conta dessa mudança estratégica, pois todos estavam muito focados em dar o seu melhor. Os meninos acharam que ele se divertia mais trabalhando na mixagem, por isso não reclamavam. Mas eu entendi muito bem quais eram as intenções dele. Ele recuava discretamente, aos poucos, tomando cuidado para que ninguém notasse *o que* ele estava fazendo. E *por quê*.

– Você está tentando ficar fora desse álbum! – eu o acusei de forma um tanto brusca.

Tristan suspirou. Ele já sabia que cedo ou tarde eu descobriria o plano dele.

– Joe, por favor.

– Você está e sabe muito bem disso! – insisti. – Por que você ainda não assinou o contrato com o Sr. Silver?

– Você ainda não assinou o contrato? – Seth entrou na conversa, surpreso.

– Ele não assinou nada – entreguei Tristan.

– O que está rolando, cara? – Josh e Seth perguntaram ao mesmo tempo.

Tristan apertou os lábios nervoso e encarou o chão.

– Estou apenas tentando ser prático, gente. Não sabemos o que vai acontecer no final do ano.

– Tris, por favor, não diga isso! – protestei com veemência.

– Não! É verdade, Joey. Sei que sempre que toco no assunto você fica louca da vida, mas temos que encarar os fatos! Posso não estar aqui ano que vem! E então o que vocês irão fazer? Eu vou estragar tudo! Tudo que vocês trabalharam tanto para conseguir! – Ele se levantou, irritado. – Como vocês irão explicar o meu desaparecimento? O que vão fazer com as músicas em que eu toco? Não quero nada disso. É melhor eu ficar do outro lado do vidro da cabine de gravação.

– Olha só, já entendi tudo. – Josh também se levantou. – Mas você está realmente encarando as coisas da maneira errada. E mesmo que esteja certo e alguma coisa aconteça no Ano-novo, isso não é motivo para não estar conosco agora! Estamos nessa juntos!

– Você vai estar nesse álbum, não importa o que aconteça – acrescentou Seth.

– Você não pode deixar a gente na mão agora! – disse Harry.

Tristan encarou os amigos, pensativo.

– Então, estamos no mesmo barco? – Seth perguntou enquanto olhava para Tristan com firmeza.

Ele levou algum tempo para responder, mas então soltou um longo suspiro e olhou Seth nos olhos.

– É. Estamos. – Ele abriu um sorriso quase imperceptível. – Se é o que vocês querem, estou dentro.

– Tudo bem então – Seth assentiu, contente, enquanto os outros meninos comemoravam. Eu me ajoelhei diante de Tristan e coloquei as mãos nas pernas dele, observando-o fixamente. Vi toda a dor que passava por aqueles olhos cinza.

– Assinarei o contrato amanhã e começarei a gravar minhas músicas – ele completou, resignado, tentando me acalmar.

– Tristan, por favor. Não fique assim – implorei mais uma vez.  
– Você deveria ficar empolgado com tudo isso e não triste desse jeito.

– Eu... eu sei. Desculpe, Joey. É só que... Tenho esse relógio na minha cabeça em contagem regressiva. Está me enlouquecendo – ele murmurou. – Eu tento manter a esperança, mas às vezes é difícil.

– Eu sei que é. Mas prometo que iremos encontrar uma solução. – Eu me aproximei dele e lhe dei um beijo de leve.

Depois daquele dia, Tristan tentou agir de uma forma mais animada para nos agradar, fingindo que estava tudo bem e que ele estava otimista e esperançoso, mas não era muito convincente. Eu podia ver a depressão que se instalava dentro dele. Tristan estava mais calado e contemplativo, e às vezes eu o pegava encarando o nada com o olhar perdido quando ele achava que ninguém estava olhando. Mas esse humor sombrio ia e vinha. Às vezes ele parecia genuinamente esperançoso e achava que realmente tudo ficaria bem.

Um dia, Dona Violeta finalmente nos chamou para uma reunião em sua casa. Ela havia entrado em contato com muitas de suas amigas bruxas ao redor do mundo e havia descoberto um feitiço para nós. Tristan e eu nos sentamos no sofá da sala de estar de Dona Violeta no dia primeiro de dezembro e escutamos o que ela havia descoberto. Só tínhamos mais um mês. A areia da ampulheta de Tristan se esgotava. O Ano-novo batia em nossa porta.

E até agora as coisas não pareciam muito promissoras.

Ela sugeriu então que poderia tentar um encantamento antigo e poderoso que poderia intensificar as propriedades de proteção mágica da pulseira de contas de Tristan, evitando que Virgílio se aproximasse depois do Ano-novo. Se Virgílio não fosse capaz de se aproximar de Tristan, não teria como “repará-lo”. Valia a pena tentar.

Entretanto, parecia que para que o feitiço funcionasse precisaríamos invocar Virgílio. Ele precisava estar presente no nosso plano físico para que o encanto fosse concluído. O risco? Tristan também precisaria estar lá, com a pulseira de contas estrategicamente posicionada. Mesmo que Virgílio fosse detido por uma espécie de barreira mágica, o risco era grande.

– Tudo bem, vamos fazer isso – Tristan concordou depois de passarmos longas horas discutindo o plano.

– Tristan, é muito perigoso! Deve haver outro jeito! Você não pode fazer isso! Eu... eu... proíbo você! –Tive um acesso de raiva igualzinho ao dele quando falei sobre o meu encontro com Céu.

Ele me lançou um olhar irritado.

– Não ligue para Joe. Ela está tendo uma crise de petulância.  
– Ele se virou para Dona Violeta. – A senhora acredita que o feitiço pode funcionar?

Ela pareceu ponderar a questão por algum tempo antes de responder.

– Sim. É arriscado, mas... pode ser feito, eu acho.  
– O meu tempo está se esgotando. – Tristan colocou um braço consolador sobre os meus ombros. – Estou disposto a correr o risco.

– Ma... mas...  
– E eu quero encontrá-lo – ele acrescentou de repente.  
Recuei, surpresa.

– Por que você quer encontrar com Virgílio?  
– Quero falar com ele. De homem para homem.  
– Ele não é um homem – retruquei, irritada.  
– Tudo bem. De homem para ser sobrenatural, então.  
– Por quê?

– Escute, Joe, você tem alguma outra ideia? – Tristan perguntou duramente. – Porque, se não tiver, vou fazer isso. E talvez, se eu falar com ele, posso conseguir convencê-lo. Talvez se Virgílio me vir como uma pessoa de verdade, possa mudar de opinião. Preciso tentar alguma coisa! Qualquer coisa! Não posso ficar simplesmente aqui sentado esperando que meu tempo se

acabe! – Ele se inclinou no sofá, olhando fixamente para mim. – Você está comigo?

Eu o encarei de volta, mas Tristan estava determinado. Soltei um longo suspiro e descruzei os braços.

– Sim, eu estou com você – murmurei, resignada. Tinha uma sensação ruim sobre tudo aquilo, mas Tristan estava certo. Deveríamos tentar tudo que pudesse para ajudar a salvar sua vida.

– Bom. Está combinado, então. – Ele se virou, ansioso, para Dona Violeta. – Quando podemos fazer isso, Dona Violeta? Pode ser hoje?

Dona Violeta bufou.

– Claro que não! – Ela fez um gesto para Tristan como se ele tivesse acabado de falar uma grande bobagem. – Preciso me preparar. Está achando que esse é algum tipo de truque barato, rapaz?

– Quando, então? – ele a pressionou.

– Preciso de mais ou menos uma semana. Podemos tentar no próximo sábado – ela fungou ruidosamente.

– Tudo bem. No próximo sábado então. Muito obrigada pela ajuda, por tudo, Dona Violeta. – O tom de Tristan era reconciliador. – Jamais serei capaz de retribuir à senhora.

– Está tudo certo. Agora, vão para casa, pois tenho muito trabalho a fazer. – Ela nos enxotou.

Na noite de sexta-feira, preparamos um jantarzinho na Estufa – Tristan, os meninos e eu – antes do grande dia. Os meninos insistiram em ficarem por lá para nos ajudar e Seth teve a ideia de preparar uma refeição especial para celebrar nossa amizade antes de embarcarmos naquela aventura tão perigosa. Sentimos falta de Tiffany, que finalmente foi cumprir sua obrigação de visitar os pais, mas nos lembramos de vários momentos legais que tivemos ao lado dela e foi como se ela também estivesse presente. Aquela foi uma noite feliz. Sentamos no chão da sala da Estufa, comendo e nos recordamos dos nossos bons e velhos tempos na escola. Não parecia que já tinha quase um ano

desde que eu havia chegado aos portões principais de Sagan coberta de lama.

Durante toda a noite, no entanto, Tristan e eu não conseguimos parar de pensar sobre o que o dia seguinte nos reservaria. Sempre que os meninos percebiam que ele ou eu começávamos a nos sentir chateados, tentavam nos animar com piadas e pensamento positivo. Todos nós estaríamos ao lado dele no sábado, quando o feitiço fosse lançado. Fomos para a cama cedo, mas não acho que alguém tenha conseguido pregar o olho durante aquela noite. A lembrança do que estávamos prestes a fazer no dia seguinte pairava, sinistra, sobre nossas cabeças.

## capítulo trinta e sete

### Heroína

No dia seguinte, todos nós estávamos bastante amuados. Harry estava em seu “modo calado” e até mesmo Sammy havia deixado as piadas de lado. Josh e Seth trocavam olhares entre eles e de volta para Tristan o tempo todo.

Dona Violeta nos disse que levaria toda a tarde para reunir os ingredientes para o feitiço e precisava ficar sozinha para se concentrar em deixar tudo pronto no cemitério. Deveríamos chegar lá ao pôr do sol, pois era o melhor horário para realizar o feitiço.

Na verdade, havia três feitiços a serem lançados: a invocação, ou seja, o encanto que chamaria Virgílio até o cemitério; um encanto de contenção, que o aprisionaria dentro de um círculo mágico; e o encanto de expulsão, que manteria Virgílio longe de Tristan para sempre, o mais difícil de ser executado.

Dona Violeta nos disse que lançaria o feitiço no meio do gramado circular no centro do cemitério, o mesmo lugar onde Tristan se “materializou” para a gente.

Ela explicou que aquele era o ponto mágico mais forte de Esperanza.

Eu me perguntei se haveria algum feitiço de contenção poderoso o suficiente para prender Virgílio. Se ele conseguisse quebrá-lo, Tristan estaria perdido. Dona Violeta garantiu que aquele era o encantamento de contenção mais poderoso que ela conhecia. Era utilizado para aprisionar qualquer tipo de ser sobrenatural e no passado era usado com frequência para

invocar a Morte – de forma que nem mesmo Céu era capaz de escapar desse círculo mágico que criaríamos. Dona Violeta também disse que havia preparado um plano de emergência. Se alguma coisa desse errado, ela poderia romper a conexão ao entoar um feitiço de três palavras que enviaria Virgílio de volta para onde quer que ele tivesse vindo. Era como apertar um botão de emergência para a evacuação de um edifício. Ela havia coberto todas as frentes e tentava tornar tudo o mais seguro possível para todos nós.

Saímos de casa algumas horas antes do pôr do sol para encontrar Dona Violeta. Tristan queria chegar cedo ao cemitério para se preparar. Seguíamos pelas alamedas em silêncio, os meninos caminhando alguns metros a nossa frente. Era a primeira vez que entrávamos no cemitério com eles e eu podia ver o quanto todos pareciam preocupados e assustados enquanto nos arrastávamos pelas alamedas desertas.

Tristan segurava minha mão, acariciando com o polegar, distraído, como sempre fazia quando estava perdido em seus próprios pensamentos. Caminhamos depressa até a praça circular na parte antiga do cemitério para encontrar Dona Violeta ajoelhada com uma das mãos sobre a grama e os olhos fechados. Quando ouviu que nos aproximávamos, ergueu a cabeça e abriu os olhos de repente.

– Não pisem na grama, *nenhum de vocês!* – ela ordenou, severa. – E fiquem quietos!

Permanecemos ali em pé por muito tempo, observando Dona Violeta e nos preparando para o momento mágico. A velha senhora não parava de murmurar entredentes, mas não consegui pescar nenhuma palavra que ela dizia. Por fim, ela se levantou e fez um gesto em nossa direção.

– Vocês podem vir agora. Mas não cheguem perto do centro do gramado, fui clara? – ela ordenou em um tom severo.

Todos assentiram, assustados demais para dizer o que quer que fosse. Todos os meninos ficaram perto de Tristan, cercandoo como que para protegê-lo. Eu, por minha vez, fiquei na frente de Tristan, de costas para eles. Eu já havia lidado com Virgílio

antes e me via como a guardiã de Tristan. Eu deveria ficar na frente dele, de forma a não permitir que Virgílio o visse. Se as coisas dessem errado, eu poderia protegê-lo.

Dona Violeta pegou uma garrafa que continha um líquido branco e espesso. Ela se virou para nós.

– Tudo já está preparado. E vocês, estão prontos? Quando eu terminar de derramar o conteúdo desta garrafa, o feitiço entrará em ação.

Olhei para Tristan. Ele me lançou um sorriso nervoso e assentiu rapidamente. Eu, por minha vez, balancei a cabeça para Dona Violeta. Nós estávamos prontos.

– Vamos começar – eu disse.

Dona Violeta então derramou o líquido de maneira que formasse um círculo branco na grama a alguns metros da onde eu estava. Esperamos alguns segundos, imaginando se o feitiço iria funcionar. Dona Violeta continuou a murmurar enquanto caminhava na beira do gramado. Observei-a enquanto tomava seu lugar à minha extrema direita. Quando olhei de novo para o círculo branco, Virgílio já se encontrava lá dentro.

Em um segundo, não havia nada ali, no outro, lá estava ele, no centro do círculo, olhando fixamente para mim. Nos meus sonhos, ele sempre assumia uma forma evasiva, uma imagem borrada, sem definição, mesmo quando se encontrava na forma humana. Dessa vez, eu o via com toda a clareza.

Longas mechas negras de cabelo macio caíam sobre seu rosto pálido, angelical, andrógeno. Ele vestia calças cinza e uma camisa de mangas curtas da mesma cor. Parecia ter mais ou menos a minha idade, ou até mesmo mais jovem. Era possível confundi-lo com um garotinho frágil e delicado. Mas eu não me deixaria ser enganada assim tão fácil agora. Aquele era apenas um disfarce muito inteligente. Ele estava longe de ser fraco ou frágil.

Por um instante, Virgílio pareceu confuso antes de reassumir sua expressão vazia costumeira. Ele rapidamente avaliou os arredores e voltou a olhar para mim. Então tentou dar um passo à frente, mas parou de forma abrupta. Mais uma vez, confusão

lampejou em seu rosto para ser rapidamente substituída pelo vazio usual. Ele olhou, curioso, para a linha branca no chão.

– Contenção. Inteligente. – Ele achou graça e olhou para Dona Violeta. Ela manteve-se calada e simplesmente o observou de volta com uma expressão séria. Virgílio sustentou o olhar por mais algum tempo e então se virou outra vez para mim, encarando-me sem piscar. – É assim que você me trata, Joey, depois de toda a ajuda que eu lhe ofereci? – ele acusou, frio.

Eu me sentia extremamente culpada, mas não podia recuar logo naquele momento.

– Desculpe, Virgílio. De verdade. Mas essa foi uma precaução necessária que tivemos que tomar. Você é uma ameaça.

– Eu sou uma ameaça?

– É sim. Você quer machucar Tristan – expliquei.

Ele franziu a testa, profundamente insatisfeito com minha última frase.

– Eu não “*quero*” nada. O que eu *tenho que fazer* é mandar Tristan de volta para o lugar onde ele pertence, nada além disso, como eu já lhe disse antes. Por que você insiste em não compreender? – Percebi uma pontada de ressentimento em sua voz.

– Eu entendo, só não aceito.

Dona Violeta entoava algo quase que silenciosamente, porém Virgílio conseguiu distinguir o que ela dizia e lhe lançou um olhar ameaçador. Ele então fez um movimento com uma das mãos e ela pareceu se engasgar, perdendo a voz.

– Então é isso que você quer de mim, afinal. Sua bruxa anciã tentava me lançar um feitiço para me manter longe do seu fantasma. É uma pena você ser tão fraca e patética a ponto de precisar verbalizar seus feitiços, velha. Posso tirar sua voz e não há nada que você possa fazer para me impedir. – Ele se virou para olhar para mim mais uma vez. – Ninguém pode me deter, Joe Gray. Assim que você deixar de ser sua guardiã no final deste ano, ele estará em minhas mãos – ele prometeu com uma voz gélida.

Olhei ao redor, tentando desesperadamente encontrar outra saída. Virgílio tirou Dona Violeta do jogo ao impedir que falasse. Ela não podia completar o feitiço. Nem mesmo poderia entoar o feitiço de emergência para que nos livrássemos de Virgílio. A gente estava completamente ferrado agora.

– Preciso falar com você, Virgílio. – A voz de Tristan veio detrás de mim.

– Tristan, não! – eu o avisei com um grito.

– Ele está aqui? – Virgílio perguntou, surpreso e então seus olhos vagaram por todos os meninos parados logo atrás de mim, como se não tivesse certeza de quem era seu verdadeiro alvo. A pulseira mágica de Tristan ainda funcionava, mantendo-o encoberto dos olhos atentos de Virgílio. Mas foi então que Tristan deu um passo à frente, revelando-se. Virgílio voltou sua atenção imediatamente para ele, cerrando os olhos em um foco mortal. Fez um pequeno movimento com os pés para a frente, mas foi mais uma vez detido pelo círculo mágico na grama.

Eu estava em total alerta, temendo que o feitiço de contenção de Dona Violeta não fosse capaz de detê-lo. Aparentemente Virgílio não estava conseguindo ultrapassar o círculo.

Virgílio e Tristan se encaram por um longo tempo antes que Tristan finalmente quebrasse o silêncio:

– Queria pedir algo a você. – Ouvei Tristan dizer com a voz firme. O olhar de Virgílio se alternava entre Tristan e mim.

– Não há nada que você possa me oferecer, garoto. Não posso ser comprado, não aceito propinas. Não barganharei – Virgílio declarou. – Farei o que me foi designado. Esse é o meu propósito. Existem regras que devem ser seguidas: não é possível fugir da ordem natural das coisas – ele entoou antes que Tristan pudesse dizer qualquer coisa. Lembrei-me do amor de Virgílio pelas regras. Eu já havia tentado discutir sobre essa questão com ele antes.

Tristan pareceu pensar a respeito do discurso de Virgílio por um segundo antes de falar de novo.

– Toda regra possui uma exceção, não é? – Tristan perguntou com toda a calma. – Quando se vive por algum tempo, essa é

uma das coisas que aprendemos. Creio que você tenha vivido por... muito tempo mesmo. Você deve saber que isso é verdade.

Virgílio olhou para Tristan por mais algum tempo em silêncio, refletindo a respeito daquelas palavras.

– Sim – Virgílio finalmente cedeu. – Todas as regras possuem exceções.

– Então por que não posso ser uma exceção dessa vez?

Eu sorri. *Garoto esperto.*

– Essa decisão não é minha. Minha função é apenas colocar as coisas nos seus devidos lugares – Virgílio respondeu.

– Você pode fingir que fez isso. Que consertou tudo. E então ir embora. Ninguém jamais saberá – Tristan ponderou. – Se você não contar, quem poderá dizer se você fez ou não o seu trabalho?

– Perguntas serão feitas.

– Você pode mentir.

– Eu não minto. – Virgílio sorriu com desdém. – Nunca minto. E não mentirei, nem por você, garoto humano, nem por ninguém.

– Melhor ser um mentiroso que um assassino – Tristan disse com franqueza.

– Não sou... – Virgílio começou.

– Ah, mas é *exatamente* isso o que você é. É exatamente isso o que você vai fazer, Virgílio – Tristan o cortou. – Você pode tentar abrandar a situação o quanto quiser, mas o fato é que você irá me matar. Nem mesmo se importa com isso. O que torna isso muito pior – Tristan declarou, exaltado.

Os olhos de Virgílio dançavam entre mim e Tristan, mas ele não respondeu. Parecia debater algo, lutar uma batalha interna. O rosto permanecia calmo e reservado, sem demonstrar absolutamente nada, mas seus olhos o traíam. Raiva, orgulho e culpa passavam dentro dele, refletindo a luz do sol que se punha ao nosso redor. Ele me olhou rapidamente mais uma vez, um olhar de esquelha, cauteloso e nervoso.

– Por que você fica...? – Tristan começou a perguntar, então parou e encarou Virgílio cheio de acusação, que, por sua vez,

encarou Tristan de volta, e pela primeira vez desde que aparecera no círculo, pude ver um lampejo de pânico e medo em Virgílio.

Medo? Do que Virgílio estava com medo? Os dois continuavam se encarando, imóveis e inflexíveis, olhos negros e profundos, cheios de mistérios abismais encarando olhos acinzentados, brilhantes e cortantes como gelo. Observei-os com cuidado, indo rapidamente de Virgílio para Tristan, mas não conseguia captar o que sentiam. Pareciam conversar em silêncio.

Após alguns segundos tensos, Tristan abriu um sorrisinho cínico quase imperceptível, como se tivesse acabado de compreender uma piada particular.

– Isso *nunca* irá acontecer – ele disse em uma voz baixa, irrefutável, sem quebrar o contato visual com os olhos duros e frios de Virgílio.

O maxilar de Virgílio se contraiu, seus punhos cerrados ao lado do corpo. Ele parecia furioso. Muito furioso. Para uma entidade não humana, ele imitava as emoções dos homens com uma facilidade cada vez maior.

– Não sei do que você está falando – Virgílio retrucou em um tom de ameaça e ódio que também tomava os olhos dele.

Tristan o encarou por mais alguns segundos no mais completo silêncio.

– Isso. Nunca. Irá. Acontecer – Tristan repetiu devagar, deliberadamente e com a mais absoluta certeza. Ele também estava furioso. – Você é capaz de entender o significado da palavra “nunca”?

– Ah, eu *compreendo*, garoto fantasma. – Virgílio abriu um sorriso desdenhoso, repleto de ódio. – Mais do que você jamais saberá.

E então pisou para o lado de fora da linha.

Um enorme trovão foi ouvido assim que o pé de Virgílio ultrapassou o círculo. Uma onda de energia pura, intensa, nos atingiu, empurrando-nos para trás. Quando olhamos para o centro do gramado novamente, Virgílio estava fora do círculo e encarava Tristan de forma ameaçadora.

Tristan procurou por Dona Violeta do outro lado do gramado com urgência, mas o corpo dela estava jogado no chão, imóvel.

– A bruxa velha não pode mais ajudá-lo, garoto fantasma.

– O que você fez com ela? – gritei e corri na direção de Dona Violeta, em pânico. Harry e Josh já estavam lá, ajoelhados ao lado dela. O medo tomou minha mente por completo. Ele havia quebrado a barreira do círculo mágico! Ele havia matado Dona Violeta!

– Ela está respirando. Parece estar bem – Josh me tranquilizou. – O impacto deve ter atingido mais do que qualquer um de nós, já que foi ela quem jogou o feitiço – ele conjecturou rapidamente, embora sua voz também estivesse repleta de pânico. Ele também estava com medo, mas tentava com toda a firmeza não demonstrar isso.

Eu me virei rapidamente e comecei a andar na direção de Tristan, assim como Virgílio.

– Como você conseguiu romper o círculo, Virgílio? Dona Violeta nos disse que esse era um feitiço ancestral e muito poderoso! Nem mesmo a Morte seria capaz de quebrá-lo! – Tentei desviar a atenção de Virgílio para que ele se esquecesse de Tristan por um instante.

Ele parou de avançar por um segundo.

– Quando você me deu um nome, também me deu esse poder, Joe Gray. Eu já lhe disse isso uma vez. – Ele se virou para Tristan mais uma vez. – O medo é algo poderoso – ele acrescentou, debochado.

– Não consigo entender! O que o seu nome tem a ver com isso? Você não deveria ter cruzado a linha! – berrei, desesperada, minha mente funcionando a mil por hora. Agora que Dona Violeta estava inconsciente e incapaz de lançar o feitiço de emergência que quebraria a invocação, eu tinha de fazer alguma coisa para conter Virgílio.

– Eu não *deveria*? – Virgílio sorriu com desdém mais uma vez. – O que você sabe sobre o que eu *deveria* ou *não deveria* fazer? Nem mesmo a Morte pode me prender contra a minha vontade. Vocês, humanos, são tão presunçosos de achar que podem me

deter com essa sua mágica débil. – Ele se virou para Tristan de novo. – Tão convencidos... *coisinhas* minúsculas, tolas e fracas.

Eu ainda andava depressa na direção de Tristan, mas, quando meus olhos se voltaram para ele, meu coração congelou. O rosto dele se contorcia de dor. Virgílio estava fazendo algo com Tristan!

– Pare com isso! – gritei para Virgílio. – Pare de machucá-lo! – Comecei a correr.

Virgílio deu um passo à frente e Tristan se ajoelhou, soltando um grunhido alto, uma das mãos agarrava a grama e a outra segurava o peito, os nós dos dedos brancos pela força com que cerrava o punho, o rosto uma máscara de dor.

– Virgílio! NÃO! – gritei aterrorizada quando vi sangue escorrer do nariz de Tristan. Virgílio estava o matando! Bem na minha frente! Tudo parecia acontecer em câmera lenta e era como se eu andasse contra a correnteza, tentando desesperadamente, ainda que em vão, correr mais depressa. Virgílio estava apenas a alguns centímetros de Tristan, o rosto marcado pela raiva e repulsa. Tristan mantinha a cabeça erguida, desafiador, e olhava, raivoso, para os olhos de Virgílio, que passaram a brilhar inteiros em um branco gélido. Um frio apavorante envolveu o ar ao redor deles.

– Decidiu mostrar a sua verdadeira natureza, Virgílio? – Tristan zombou, sua voz adocicada e cheio de veneno. Eu não iria conseguir. Não alcançaria Tristan a tempo! Virgílio já estava bem ali na frente dele. – Qual é a sensação? Como é sentir toda essa raiva, todas essas *emoções*? – Tristan enfatizou a última palavra. – Emoções não são contra as *regras*? Elas com toda a certeza fazem você agir de forma irracional, não acha? Você não deveria ser lógico e frio neste momento, *Virgílio*? – ele cuspiu e Virgílio hesitou.

E aquele momento de indecisão foi tudo que precisei para ficar entre eles. Joguei-me na frente de Tristan, impedindo, no último segundo, que Virgílio tocasse Tristan.

– *Nunca* vou deixar que você o machuque! – rosnei com a respiração pesada e ergui um dos braços de forma protetora.

Por uma fração de segundo, vi uma barreira invisível que parecia ser feita de vidro surgir sobre o meu braço. Era tremeluzente, luminescente e parecia uma espécie de escudo fantasmagórico que de alguma forma fez com que Virgílio recuasse mais que depressa, como se houvesse sido empurrado com toda a força por algo sólido.

E, então, com o meu outro punho, o soquei com toda a força.

O choque do impacto correu pelo meu braço e foi tão violento que quando meu punho fez contato com o peito de Virgílio, senti como se o meu braço fosse ser arrancado do corpo. Uma luz intensa e cegante projetou-se dos meus punhos, lançando uma explosão de energia na direção de Virgílio. O tempo corria devagar, arrastando seus pesados segundos com dificuldade. Todo o meu foco estava voltado para salvar Tristan! Era o propósito mais puro, direto e feroz da minha vida! Eu não ligava para a dor insuportável que despedaçava o meu braço. Era como se cacos de vidros congelantes rasgassem minha pele, meus ossos, todas as terminações nervosas. Mas eu não me importava com mais nada.

Ouvi a voz de Virgílio, um grito de dor alto e distorcido, e então ele rachou e explodiu em um milhão de pedacinhos brilhantes, desaparecendo com uma luz intensa. E então o tempo voltou à velocidade normal e meu corpo pendeu para a frente. Acumulei tanta velocidade que perdi o equilíbrio e caí, atingindo o chão depressa e com toda a força. Fechei os olhos bem apertados, pois toda aquela luz queimava através das minhas pálpebras e, quando tentei me levantar, a dor dobrou de intensidade, tomando todo o lado esquerdo do meu corpo.

Que diabos tinha acontecido? Tentei abrir um pouco os olhos. Vi Tristan ainda ajoelhado na grama próximo de onde eu estava, me fitando com os olhos repletos de terror, com uma das mãos apertando o peito. Ele respirava com dificuldade, seu fôlego curto e pesado, e ele tentava me dizer algo. Não conseguia ouvir o que dizia, pois meus ouvidos zumbiam alto demais. Então Harry se ajoelhou ao meu lado, me aconchegou no colo,

procurando por algum ferimento em mim. Josh, Sam e Seth e uma atordoada Dona Violeta também vieram até nós.

– O que aconteceu? – consegui murmurar. – Tristan está bem? Veja se está tudo bem com ele! – gritei, em pânico, para Harry.

E então ouvi a voz de Tristan.

– Estou bem agora, Joey. Não se preocupe comigo. – E em um instante ele estava ao meu lado. – *Você* está bem? – Ele perguntou com urgência, limpando o sangue do rosto com as costas das mãos. O sol havia se posto e o lugar ficava mais escuro a cada segundo.

– Você está sangrando! Está machucado – chorei e tentei erguer uma das mãos para tocar o rosto dele, mas recuei imediatamente quando uma dor cruel e penetrante se espalhou pelo meu braço, fazendo com que eu me contraísse e caísse novamente no colo de Harry. Cerrei os dentes e gritei de dor.

– Joey? Aonde dói? – Ouvi Tristan perguntar em pânico. Estendi o braço direito devagar, o mesmo que eu dera um soco em Virgílio. Vimos um líquido espesso e negro correr por baixo de minha pele, percorrendo dentro de minhas veias e se espalhando por todo meu braço lentamente. Aquilo não parecia nada bom. Todos estavam reunidos ao meu redor, observando com toda a atenção com olhos arregalados de medo.

– Que diabos! O que está acontecendo com o meu braço? – grunhi, tentando manter o tom de voz baixo e sem parecer muito apavorada. Tristan pegou o meu braço com cuidado, tentando não movê-lo demais e seu toque suave fez com que agulhadas de dor atravessassem minha pele. O líquido escuro nas minhas veias começou a desaparecer onde Tristan me tocava. Assim que percebeu isso, ele começou a mover as mãos pelo meu braço e eu gritei de dor, quando estocadas lancinantes tomaram conta de todo meu braço. Parecia que ele cortava meu braço com lâminas profundas com seu toque. Imediatamente ele me soltou, com medo de me machucar ainda mais. As linhas começaram a se espalhar de novo e ouvi a voz de Dona Violeta pela primeira vez, vinda de trás de Seth:

– Você tem que continuar, Tristan. Precisa tocar Joey aonde as marcas negras estão.

– Mas isso a machuca! – ele protestou.

– É para o bem dela. Irá machucar, mas você precisa continuar! Você viu como elas desapareceram depois que você as tocou. Se elas se espalharem mais, só Deus sabe o que podem fazer com ela.

Tristan olhou em dúvida para Dona Violeta e então de volta para mim, cheio de hesitação. Ele não queria me causar mais dor. As linhas escuras retomavam a trilha pelo meu braço e aquilo doía como o inferno. Logo elas atingiriam os meus ombros e meu peito. Respirar começava a ficar difícil. Balancei a cabeça concordando silenciosamente e Josh se ajoelhou ao meu lado, me dando a mão como uma demonstração de apoio. Harry colocou ambas as mãos nos meus ombros para me manter imóvel e Tristan se aproximou.

– Desculpe, Joey. Vou tentar fazer isso o mais rápido possível, tá bom? – ele sussurrou com os olhos repletos de pesar.

– Tudo bem, vá em frente – eu disse tentando soar corajosa. Por dentro, eu me preparava para a dor que estava por vir. Não podia deixar que ele percebesse o quanto aquilo iria me machucar.

Tristan começou a tocar o meu braço novamente e a mesma sensação de cortes profundos atravessou a minha pele com toda a intensidade mais uma vez. Apertei a mão de Josh, mas não gritei dessa vez. Eu tinha que ser forte e suportar tudo aquilo ou Tristan jamais conseguiria continuar. Ele não iria suportar me ver sentindo tanta dor.

Aos poucos, as linhas escuras desapareceram sob o toque de Tristan até que o meu braço voltou finalmente ao normal, sem mais marcas correndo por dentro de minhas veias. A dor estava bem mais fraca também.

– Como você está se sentindo? – Tristan quis saber, preocupado, quando terminou.

Flexionei um pouco o braço, testando os dedos e o pulso para conferir se houve algum dano permanente. Um pouco de dor

ainda permanecia, deixando os músculos doloridos e cansados, mas guardei essa informação para mim mesma. A dor estava fraca, não havia nada com que se preocupar. O mais importante é que eu tinha o meu braço de volta, funcionando da forma mais normal possível depois daquele suplício e Tristan ainda estava ali. Pelo menos por enquanto.

– Estou bem. – Abri um sorriso pálido. – Tristan suspirou aliviado e me pegou cuidadosamente nos braços, me abraçando com suavidade.

– Tem certeza? – ele sussurrou no meu ouvido.

– Eu estou bem, Tris. E  *você* , está mesmo bem? – Afundei o rosto no pescoço dele. Eu o salvara. Ele estava ali! Estava bem! E inteiro!

– Estou bem de verdade. – Ele sorriu. – Graças a  *você* . – Tristan, entretanto, parecia inacreditavelmente exausto.

Dona Violeta parecia bastante normal e disse que se sentia perfeitamente bem, como se nada houvesse acontecido. Ela nem mesmo se lembrava de ter desmaiado e despertado logo em seguida! Seth me contou como eles haviam visto eu me jogar entre Tristan e Virgílio, que uma luz intensa surgiu entre nós e todos ouviram um som muito alto, que lembrava um trovão. Nós quase os matamos de susto! Acho que os meninos ainda não acreditavam muito em todo esse lance de magia, mesmo depois de verem o truque de desaparecimento de Tristan, mas depois daquela noite, eles não tinham mais nenhuma dúvida.

E agora todos nós sabíamos o quão perigoso Virgílio poderia ser.

Josh e Sam ajudaram Tristan a se levantar e a andar colocando os braços sob os ombros dele enquanto Harry me auxiliava e Seth oferecia o braço para ajudar uma relutante Dona Violeta. Tristan parecia estar muito fraco, mal conseguia andar. Eu também não estava em minha melhor forma: minhas pernas estavam vacilantes e trêmulas, e o meu braço direito ainda pulsava um pouco, como se agulhas afiadas o penetrassem dolorosamente. Tudo que eu queria era voltar para

casa e descansar. Tristan e eu deixamos o cemitério com o coração pesado e passos cansados nos braços dos nossos amigos.

## capítulo trinta e oito

### Espírito natalino a todo o vapor!

Minha mãe surtou quando viu o meu estado e todo aquele sangue na camiseta de Tristan quando passamos pela porta de entrada, mas garantimos que tudo estava bem e ninguém havia se machucado seriamente. Ela estava esperando, ansiosa, desde que havíamos saído de casa algumas horas antes do pôr do sol, para saber o resultado do arriscado plano de Dona Violeta. Ela queria ter ido ao cemitério com a gente, mas implorei para que ficasse em casa. Não queria colocá-la em risco também. Ela seria mais uma pessoa para nos preocuparmos e eu já me sentia estressada o suficiente com as coisas como estavam. Eu nem mesmo tinha certeza se concordava com a decisão dos meninos de irem com a gente, e só acabei concordando no final porque eles estavam absolutamente determinados em estar ao lado de Tristan e não aceitavam não como resposta!

Eventualmente, minha mãe foi convencida a levar Dona Violeta e os meninos para a cozinha para ouvir o que havia acontecido e tomar uma xícara de chá quente para acalmar os nervos. Tristan tirou o casaco e a camiseta suja e deitou no sofá e eu logo me ajeitei ao lado dele. Estávamos tão cansados que mal conseguíamos falar. Não me lembro de mais nada depois disso. Num "passe de mágica", um cobertor e um travesseiro surgiram e caímos no sono bem ali no sofá durante o resto da noite.

A casa estava mergulhada em um silêncio completo quando despertei na manhã seguinte. Após alguns momentos, ouvi um barulho vindo da cozinha em direção a sala de estar. Sabia que era a minha mãe, pois ela costumava arrastar os pés no chão quando andava. Ela caminhou até a sala e se sentou no outro sofá diante de mim. Eu me senti um pouco desconfortável por estar deitada ao lado de Tristan enquanto ela estava por perto, por isso, arrisquei dar uma espiadela e abri os olhos devagar. Ela olhava para nós atentamente. Ser encarada pela sua mãe enquanto você está deitada com um garoto abraçado em você é definitivamente uma coisa para se entrar na minha lista de Dez Momentos Mais Constrangedores da Minha Vida com certeza. Eu me virei levemente, tentando me desalojar dos braços de Tristan sem acordá-lo. Dei graças aos deuses por não sentir dor quando eu me movia. Tristan não se mexeu nem um centímetro depois que me levantei do sofá. O corpo dele apenas caiu um pouco para a frente e permaneceu praticamente naquela mesma posição.

– Oi, querida. – Minha mãe sorriu para mim, tentando manter a voz baixa. – Como você está se sentindo?

– Estou bem. A gente estava tão cansado na noite passada que nem lembro de ter pegado no sono. – Esfreguei os olhos.

– Como ele está? – ela perguntou, preocupada.

– Acho que Tristan está bem – eu disse enquanto o observava dormir.

– Seth me contou tudo o que aconteceu ontem. Você foi muito corajosa, Joe. Estou tão orgulhosa. – Ela apertou minha mão.

– Sério? Obrigada, mãe – agradei, um pouco surpresa. Pensei que ela fosse comer o meu fígado por causa do que eu tinha feito! Não conseguia acreditar que ela estava me dando os parabéns. Apoiei a cabeça em uma das mãos e observei Tristan dormir. Ele parecia estar tão em paz. Tão perfeito. Por um segundo, me perdi em pensamentos e esqueci completamente que minha mãe estava ali do lado, porém a voz dela me trouxe de volta à realidade.

– E então, há quanto tempo vocês estão juntos?  
– O quê? – perguntei, me fazendo de boba.  
– Joey, não sou assim tão idiota! Estrelas praticamente pulam dos seus olhos sempre que você olha para Tristan e ele está tão apaixonado que nem mesmo se dá ao trabalho de esconder mais isso! E eu sei reconhecer intimidade quando a vejo. – Ela abriu um sorriso, toda convencida. Minha mãe e aquele dom irritante de detetive dela! Aquela situação estava definitivamente na disputa pelo Número Um da minha lista de Momentos Constrangedores! – Espero que vocês estejam usando algum tipo de proteção – minha mãe continuou tomando o meu silêncio como uma resposta positiva. – Sou muito nova para ser avó – ela murmurou para si mesma.

Tudo bem. Corrigindo. Aquela situação era *definitivamente* a situação número um da lista.

– Ah, *meu Deus*, mãe! – resmunguei, enterrando o meu rosto roxo de vergonha nas mãos. Eu mal havia acordado. Ainda era muito cedo para ter *esse* tipo de conversa. Na verdade, seria *sempre* cedo demais para ter esse tipo de conversa!

Minha mãe sorriu para mim, carinhosa.

– Ele é o seu primeiro amor – ela disse baixinho. Após alguns minutos de silêncio, ela voltou a falar. – Estou preocupada com você, Joe.

– Comigo? Por quê? – eu quis saber, surpresa.

– Escute, filhota. Sei como é estar apaixonada. E *também* sei como é perder o amor da sua vida. Algumas pessoas jamais superam essas coisas. Eu me preocupo com você porque posso ver o quanto você o ama... e o final do ano está chegando. Querida, por favor, você precisa estar preparada para a possibilidade... – As palavras sumiram dos lábios da minha mãe, e ela não foi capaz de terminar a frase.

Eu sabia o que ela diria em seguida. Tentei desviar o olhar, mas minha mãe tocou o meu rosto com suavidade, fazendo com que eu me virasse para ela de novo.

– Desculpe, querida. Sei que isso a deixa chateada. Ele já me contou que tentou conversar com você algumas vezes, e você

sempre fica irritada quando o assunto surge. Mas você precisa começar a se preparar para isso.

Permaneci em silêncio por um longo tempo, observando Tristan dormir pacificamente no sofá.

– Ele conversou com você sobre isso? – perguntei baixinho.

– Sim, querida. Ele quer lutar com todas as forças para ficar com você. Mas, se alguma coisa der errada, ele disse que não tem medo de morrer. Mas Tristan teme por você. Ele não quer que nada de mal lhe aconteça.

Soltei um longo suspiro e olhei para o chão.

– Tudo bem, mãe. Eu entendo.

Ela deu um tapinha na minha mão para me confortar.

– Tenho certeza de que tudo ficará bem. – Ela olhou de relance para Tristan, que começava a acordar. Ele piscou para nós com as pálpebras pesadas e sorriu sem graça, um pouco assustado ao perceber que nós duas o observávamos em silêncio.

– Ei, você acordou. – Minha mãe quebrou o silêncio. – Como você está se sentindo, filho?

– Eu estou bem.

Ergui uma das sobrancelhas inquisitivamente, pois eu podia ver com toda a clareza que ele ainda estava muito cansado e nem um pouco bem.

– Talvez eu precise ainda de mais algum tempo de descanso hoje – Tristan acrescentou, dando uma leve risada ao perceber meu olhar duvidoso em sua direção.

Minha mãe sorriu e se levantou.

– Vou preparar o café da manhã de vocês. Os meninos também devem estar acordando logo e aposto que estarão com fome. É melhor me adiantar e já começar o serviço – ela disse alegremente. As rugas de preocupação em sua testa haviam desaparecido por completo agora. – E, Joey, pare de lançar esse “olhar da verdade” para o garoto. Um homem precisa de privacidade para pensar! – Ela fez uma cara feia para mim. – Ainda mais agora que vocês dois... *você sabe*. – Ela me

observou com atenção, em seguida desviou o olhar para Tristan e então rumou para a cozinha.

– Ainda mais agora que “*vocês sabem*” o quê? – Tristan perguntou, curioso.

Fui me sentar ao lado dele no sofá.

– Bem, a boa notícia é que a minha mãe já sabe sobre a gente. Não precisamos mais fingir na frente dela. E aparentemente ela não achou nada demais. – Sorri.

– Sério?

– Pois é. Ela descobriu tudo com aqueles poderes de dedução de Sherlock Holmes que só ela tem. Mas a má notícia é que a minha mãe já sabe sobre a gente. Então é bom se preparar para a “conversa sobre sexo” dela. – Soltei uma risadinha ao ver o rosto dele ficando pálido e apavorado.

– Tudo bem – ele murmurou de uma forma quase inaudível. – Como você está se sentindo?

– Meu braço está incomodando um pouco.

– Ainda está doendo? – O tom de voz dele se tornou preocupado no mesmo instante.

– Está dolorido, como se eu tivesse passado o dia todo fazendo exercícios, sabe? – Flexionei a mão.

– Desculpe, Joe. – Ele parecia triste. – Eu não deveria ter insistido na ideia de encontrar Virgílio. Pensei que seria apenas eu quem poderia se machucar. Nunca imaginei que você poderia acabar sentindo dor. – Ele começou a passar uma das mãos pelo meu braço. Pontadas leves atravessaram a minha pele, deixando a sensação de formigamento de sempre após os toques de Tristan.

Meus olhos se deslocaram para minha mão e me dei conta de uma mancha preta no meu pulso. Seria sujeira? Tristan também percebeu e a tocou suavemente com o polegar. Ergui o pulso para olhar mais de perto. Havia um pequeno desenho preto debaixo da minha pele, como uma tatuagem das minhas veias e artérias marcando uma pequena área do meu pulso. Tristan acariciou as linhas negras com cuidado, mas elas não desapareceram como na noite anterior.

– O que é isso? – ele perguntou, preocupado.

– Eu não sei – murmurei esfregando o local e flexionando o pulso novamente. – Você acha que vai ficar aí para sempre? – Encarei a marca negra.

– Não sei. Se ficar, pelo menos você vai ter uma tatuagem legal sem precisar passar pelas agulhas – ele comentou sem forças, tentando me animar.

– É verdade. E eu faço parte de uma banda de rock. Uma tatuagem seria legal – eu disse sem tirar os olhos da marca. – Mas a minha mãe vai surtar quando vir isso. Vai ser pior que o papo sobre sexo.

Tristan soltou uma gargalhada ao ver a minha cara apavorada.

– Parece que nada é pior que o papo sobre sexo, Joe!

Sentei no sofá e toquei a minha recém-adquirida tatuagem no pulso.

– Essas linhas escuras apareceram depois que bati em Virgílio na noite passada – murmurei e olhei pela janela. – Você acha que ele foi embora para sempre?

– Não sei mesmo, Joey. Aquele foi um soco dos bons. O que você acha?

Mordi os lábios, sem gostar nada do que eu estava prestes a responder:

– Virgílio disse que nada poderia detê-lo, nem mesmo a Morte. Ele ainda está por aí, em algum lugar. Ele voltará no Ano-novo.

– Acho que você está certa – Tristan concordou baixinho ao meu lado.

– E tudo isso para nada – murmurei, inconsolável, esfregando o pulso.

– Não é bem assim. – Tristan se sentou ao meu lado. – Aprendemos um monte de coisas com a minha conversa com o Virgílio. Coisas que tentarei usar no Ano-novo.

– Ele parece mesmo estar desenvolvendo emoções que não consegue entender – constatei, pensando em todos os meus encontros com Virgílio desde que eu tinha lhe dado um nome. –

E o que você quis dizer com “Isso jamais vai acontecer”? Ele ficou muito zangado quando ouviu isso.

Tristan se virou, incomodado, no sofá e olhou para os próprios pés.

– Tristan? – eu o pressionei.

Ele me olhou bem nos olhos.

– Ele gosta de você.

– Deixa de ser bobo, Tris.

– Não estou sendo bobo. Ele se sente atraído por você. Eu pude ver isso. Como você não percebeu nada? Estava na cara dele sempre que ele a olhava.

– Você está falando *sério*?

– Estou! Fiquei louco da vida quando percebi isso. E ele ficou fora de si quando eu disse que não havia a menor possibilidade de você ficar com ele. Que isso jamais iria acontecer. Foi isso que o fez cruzar aquela linha – ele explicou, exasperado.

– Eu... realmente não sei o que dizer... – Fiquei chocada com aquela revelação. Afinal, eu era uma garota e o Virgílio, um ser sobrenatural. *Será* que ele já havia gostado de alguém daquele jeito?

– O que eu não consigo entender é como você não percebeu isso antes. Deveria ser a coisa mais fácil de se descobrir, pelo menos pra você, era só ler nos olhos dele! Por que você não fez isso?

Sim. Por que eu não havia percebido isso? Sempre foi bastante difícil decifrar Virgílio. Especialmente no início. Eu não conseguia tirar nada dele nos nossos primeiros encontros. Mas então... ele começou a mudar. Todas as vezes em que nos encontrávamos, ele parecia diferente. Mas então ele passou a me ajudar, parecendo preocupado com a minha segurança. Será que eram sinais que ele me enviava? Como eu deixei isso passar despercebido?

– Ele é... difícil de ler. Quando o olhar dele não está totalmente vazio, é como se suas emoções estivessem em ritmo acelerado. Quando eu achava que tinha percebido uma delas, ela já tinha sido substituída por umas quatro outras

completamente diferentes. Eu realmente nunca suspeitei – murmurei, atônita.

– Bem, essa é outra coisa que podemos usar contra ele agora, um ponto fraco. Vamos tentar trabalhar esses ângulos para destruí-lo! Se tudo der errado, pensei no que Seth disse certa vez...

Tris se virou para olhar para mim, na expectativa.

– É um lance bem nerd, mas pode ser nossa melhor aposta.

– Um novo plano?

– É. Bem, o nosso prazo é o Ano-novo porque é quando o nosso feitiço termina, assim como a sua proteção, certo? E se conseguíssemos renová-lo? Repetindo do mesmo jeito que fizemos no ano passado? Isso faria com que eu permanecesse protegido. Como uma renovação de uma assinatura que tenha expirado. Seth tirou essa ideia de um dos gibis dele. Ele disse que se for o feitiço que lhe dá a habilidade de me proteger de até mesmo um ser tão poderoso quanto Virgílio, então precisamos fazer com que esse superpoder entre em ação de novo. O que você acha?

– Acho... a ideia fantástica! – eu disse impressionada com a engenhosidade de Seth. Que nerd mais esperto!

– Também achei! – Tristan abriu um sorriso de orelha a orelha. – Acho que isso pode funcionar! – Seus olhos e seu espírito pareciam se encher de esperança outra vez.

Foi então que Seth e Harry resolveram descer de seus quartos ainda semiacordados e com os cabelos bagunçados.

– Seth, você acordou! – gritei feliz e corri até ele, dando-lhe um estalinho sonoro nos lábios. Seus olhos sonolentos se arregalaram em completa surpresa.

– Uh... é. Acordei. Nunca causei esse tipo de reação em ninguém só por ter acordado, mas acho que isso pode contar como um feito – ele murmurou.

Harry cruzou os braços, fazendo beicinho na minha direção.

– Ei, eu também estou acordado! Apesar de isso não ser lá uma façanha, com os roncos de Seth na minha orelha a noite toda! – ele resmungou.

Mais que depressa fui até Harry e também lhe dei um beijinho rápido nos lábios, apesar de nem de longe ter sido tão estalado e empolgado quanto o que o do Seth.

– E *cala a boca!* Eu nem ronco! – Seth reclamou com Harry, afrontado.

– Ah, você ronca um pouquinho sim. – Abracei Seth. – Mas eu não ligo. Até sinto falta dos seus roncos de vez em quando. Era como ter uma pequena serra elétrica para me ninar! Seth, Tristan me contou sobre o seu plano para o Ano-novo... É brilhante! Não sei o que faríamos sem você! – exclamei, feliz. Ter um novo plano havia melhorado muito o meu humor.

– Meu plano? Que plano? – ele perguntou, confuso, até que Tristan explicou sobre sua ideia vinda das histórias em quadrinhos e de superpoderes. – Ah, agora entendi! Eu tenho mesmo os planos mais brilhantes, não é? – Seth sorriu largo, orgulhoso de si mesmo. – Então quer dizer que... vocês gostaram mesmo do meu plano?

– Claro! – Tristan e eu concordamos ao mesmo tempo.

– Tipo, gostaram muito mesmo? A ponto de falarem "*Faríamos qualquer coisa para retribuir Seth por essa ideia*"?

Ergui uma das sobrancelhas, cheia de suspeita, na direção dele.

– Tudo bem. O que você quer, Seth?

– E, se eu pedisse por um pouco mais de espírito natalino por aqui, você estaria inclinada a concordar? – Os olhos castanhos de Seth reluziam cheios de expectativa.

– O quê? – Não entendi aonde ele queria chegar com aquela maluquice.

Harry deu um sorriso tão grande que mais parecia um lunático, começando a entender as intenções de Seth.

Josh finalmente surgiu na sala e olhou curioso para nossa reuniãozinha no meio da sala.

– E aí, galera! O que está rolando? – Ele olhou para Harry.

– Seth está pedindo para Joey um espírito natalino a todo vapor por aqui! – Harry explicou, todo empolgado com a novidade.

– Ah, meu Deus do Céu! E ela concordou? – Josh perguntou quase engasgando de surpresa.

Sam também desceu até a sala naquele momento. Ele viu o rosto assustado de Josh, o sorriso maníaco no rosto de Harry e Seth pulando como um sapo no mesmo lugar, e parou no meio da escada, parecendo preocupado.

– O que é que está pegando? – Sam esfregou os olhos.

– O Seth vai dar uma de maníaco natalino com a gente de novo... – Josh resmungou, preocupado.

– Eita. Bom, vai ser engraçado ver Joey lidando com o modo natalino do Seth. Todos nós sabemos como *e/le* fica. Acho que ela também precisa passar pela experiência. – Sam soltou uma risadinha.

– Tudo bem. Estou começando a ficar com medo – reclamei, olhando de um garoto para o outro. – O que isso quer dizer? Falem sério.

– Bem... é o seguinte: todos nós já passamos uma parte do mês de dezembro com Seth no passado, por isso acabamos nos acostumando – Josh começou a explicar.

– Não que a gente tenha tido como escolher – Sam murmurou.

– Mas... a coisa sobre as preparações de Seth para o Natal que você ainda não sabe, Joe, é que ele fica totalmente insano durante todo o mês de dezembro – Josh continuou.

– Maluco total – Sam acrescentou.

– Ele fica completamente pirado das ideias – Harry completou, pensativo.

– Ei! – Seth berrou, sem achar a menor graça daqueles adjetivos todos.

– Qual é, gente? Não pode ser assim *tão* ruim – Tristan disse rindo ao observar Seth esfregar as mãos, empolgado.

– Ah. É bem *ruim* – Josh afirmou veementemente.

– Cara, você vai ter uma bela de uma surpresa. – Sam avisou.

– Não me importo se é ruim ou não, Seth merece! – Fechei o acordo abraçando Seth mais uma vez. – Ele nos deu o melhor

dos planos para o Ano-novo! Então vamos ter um espírito natalino a todo vapor aqui em casa!

– É isso aí! – Seth berrou, festejando.

Sam e Josh cobriram o rosto com as mãos com uma expressão agoniada e Harry pulava sem parar berrando “Viiivaaaaa” com uma voz de desenho animado.

Seth, entretanto, não ligava para as gozações com seu espírito natalino. Ele estava em um mundo festivo particular, bem longe dali, na Terra do Natal coberta de neve de seus sonhos.

No início, pensei que os meninos estivessem exagerando. Quero dizer, o quão festivo um garoto poderia ficar? Mas Seth era realmente obcecado pelo Natal! Ele encheu a nossa casa com todos os tipos de decoração verdes e vermelhas, bolas de vidro brilhantes, enfeites de estrelas e tudo que fosse o mais remotamente natalino que foi capaz de encontrar. Também nos obrigou a usar gorros de Papai Noel durante toda a semana e chegou até mesmo a pendurar um quadro-negro na cozinha para marcar quantos dias ainda faltavam para a véspera de Natal. Era muito divertido ver *Seth* se divertir!

O espírito natalino de Seth estava mesmo a todo o vapor.

Na semana antes do Natal, Tiffany voltou da visita aos pais. A família queria que ela ficasse com eles durante os feriados para uma grande festa que eles iriam organizar, mas Tiff lhes disse que não participaria da comemoração. Ela estava louca da vida com eles por deixá-la todos os anos sozinha no Natal, viajando a negócios ou de férias em algum lugar e ela era sempre deixada para trás com uma ligação de última hora em que diziam “Sentimos muito, querida, mas não poderemos ficar com você”. Assim, ela simplesmente os deixou para trás sem dar maiores explicações e voltou para passar o Natal com sua *verdadeira* família, como ela passara a nos chamar.

Seth ficou muito feliz quando ela chegou e eu também havia sentido bastante a falta de Tiffany. Tanta coisa havia acontecido

desde que ela havia viajado! Tiff mal pôde acreditar quando lhe contei sobre nosso encontro com Virgílio e ela estava ainda mais feliz por voltar para a gente. Seth havia desistido de ficar com a própria família para passar o Natal comigo e com Tristan naquele ano. Ele queria compartilhar aquele feriado especial com seu melhor amigo e companheiro de batalha, no caso de aquelas serem as últimas festas de Tristan...

Harry, Sam e Josh também passaram bastante tempo na minha casa durante aquela semana, se divertindo e desfrutando do frenesi festivo que Seth nos obrigava a aturar. Minha mãe estava no paraíso. Era como se o seu desejo de ter uma família numerosa comemorando o Natal se tornasse realidade.

A véspera de Natal chegou e Josh, Harry e Sam foram passar o dia com as famílias, mas voltariam depois da ceia para trocar presentes e celebrar com a gente mais tarde da noite. Coloquei o vestido vermelho que minha mãe tinha me dado no meu aniversário. Ela ficou tão feliz quando me viu com ele que o sorriso que ela abriu já fez valer todo o esforço.

Os meninos chegaram um pouco depois das nove e nos espalhamos pela sala para trocarmos os presentes. Quando todos já tinham aberto os seus pacotes, havia papel, laços e fitas por todo o chão. Parecia até que um monstro do papel de presente tinha nos devorado!

Continuamos a festejar madrugada adentro e, quando o sol nasceu, a primeira neve do ano começou a cair do lado de fora da janela, fechando aquele Natal da maneira mais perfeita possível.

E naquela noite parecia que todos os problemas haviam sido esquecidos enquanto as luzes de Natal continuassem a brilhar.

## capítulo trinta e nove

### Uma questão de tempo

Depois do Natal, Seth voltou ao normal e a casa voltou à sua rotina tranquila. A antecipação do Ano-novo no entanto deixava todo o mundo um pouco mais tenso e irritável, especialmente eu.

Chequei várias e várias vezes o feitiço com Dona Violeta para ter certeza de que não havíamos nos esquecido de nada no nosso plano para renovar o encanto e que todos nós estaríamos realmente preparados para o Ano-novo.

Exatamente como da primeira vez, quando o feitiço foi originalmente lançado, precisávamos de sete pessoas no círculo de grama, de forma que Sam, Harry, Josh e Seth ficariam de pé nas bordas em formação de cruz. Tristan e eu nos colocaríamos no meio da grama e Céu contaria como o último membro do feitiço. Cinco elementos deveriam estar presentes: um copo d'água, uma vela para o fogo, a brisa para o ar, a terra debaixo da grama e o último elemento, aquele que faria com que o encantamento funcionasse e selaria o elo mais uma vez... o meu sangue. Eu levaria um canivete para fornecer esse quinto elemento.

Tudo que tínhamos que fazer era esperar pela véspera do Ano-novo. Durante os dias que se seguiram, não conseguia afastar uma sensação agonizante de que aqueles eram os meus últimos dias com Tristan. De alguma forma, tudo que fazíamos ou falávamos dava a impressão de que era pela última vez. Na penúltima noite antes da véspera do Ano-novo, Tristan entrou

sorratamente no meu quarto para passar a noite comigo. Deitamos na minha cama e conversamos baixinho durante a maior parte daquela noite. Mais uma vez tive a impressão triste de que aquela seria a última vez em que eu repousaria a cabeça em seu peito largo.

– Lembra-se da primeira vez em que eu o vi? Lá no cemitério?  
– perguntei baixinho.

– É claro. Não consegui acreditar quando você começou a falar comigo. Você pensou que eu era maluco só porque eu ficava olhando para a sua cara sem dizer nada, mas a verdade é que eu estava completamente surpreso por você estar me vendo! – Ele riu daquela lembrança.

– É mesmo. Quase saí correndo. Sabe por que não fiz isso?

– Por quê? – ele quis saber com a voz suave.

– Porque você sorriu para mim, logo depois que pulou de cima da sua lápide. Aquele foi o sorriso mais bonito que eu já vi. Não podia deixá-lo depois que você sorriu para mim daquele jeito. Amo tanto o seu sorriso. E adoro quando você me chama de Botãozinho. E amo ver você ficar vermelho quando diz um palavrão por acidente. Amo o som da sua voz, é tão tranquilo, baixo e sexy. E amo ouvir você cantar! Amo como o seu corpo se encaixa perfeitamente no meu e a forma como nos ajustamos em todos os lugares certos quando dormimos juntos. Amo dormir ao seu lado. Amo fazer amor com você.

As palavras continuavam a sair aos borbotões da minha boca como uma confissão irrefreável.

– Amo o seu cheiro! Queria poder engarrafá-lo e carregá-lo comigo o tempo todo. Você não faz ideia do quanto é especial. Você me deu o melhor primeiro beijo da minha vida. O melhor primeiro encontro. E nenhum minuto que passei ao seu lado foi em vão. Eu guardo cada um deles dentro do meu coração como se fossem meus maiores tesouros – terminei finalmente.

Eu só queria que Tristan soubesse o que eu sentia por ele. Mas não tinha como saber qual foi a sua reação ao meu discurso porque minha cabeça repousava em seu peito. Ele ficou ali deitado em silêncio por algum tempo, digerindo tudo

que eu havia acabado de dizer. E então ele começou a falar bem baixinho.

– Você nunca para de me surpreender – Tristan sussurrou e envolveu o meu rosto com as mãos, fazendo com que eu olhasse para ele. – Extraordinária – ele disse com paixão em seus olhos brilhantes.

Tristan não falou mais nenhuma outra palavra por um longo tempo. Não era necessário. Podia ver tudo cintilando em seus olhos cinzentos. A intensidade de seu amor era arrebatadora. O olhar dele valia mais que mil palavras. Uma lágrima correu pelo meu rosto. Ele sorriu com ternura, os cantos de seus olhos se enrugando com o sorriso, enquanto ele enxugava minhas lágrimas suavemente.

– Obrigado por me dizer tudo isso – ele falou com uma voz baixa e carregada de emoção, se aproximando e me beijando profundamente.

Ele me abraçou apertado depois disso, passando os dedos devagar sobre a minha pele como se ligasse pontos invisíveis. Onde quer que os dedos de Tristan tocassem, eu sentia pontadas de energia em seu rastro.

– Joey, querida... isso não é uma despedida – ele sussurrou suavemente.

– Eu sei – sussurrei de volta. – Mas queria que soubesse o que sinto por você – expliquei.

– Vamos ficar bem, meu amor. Sempre estarei ao seu lado. Não importa o que aconteça – ele continuou acariciando meu cabelo em silêncio. Ficamos abraçados a noite inteira com medo de deixarmos um ao outro, com medo do futuro e do que o Ano-novo nos reservaria.

Na véspera do final do ano, todos se reuniram em minha casa, ansiosos, à espera do anoitecer. Naquele dia não houve piadas nem risos, apenas olhares nervosos e ombros tensos. Ninguém falava muito. Todos estavam imersos em seus próprios pensamentos. Quando a noite finalmente caiu, todos nós rumamos para o cemitério. Dona Violeta, minha mãe e Tiffany ficariam no portão à nossa espera. Se algo ruim acontecesse,

elas estariam próximas o suficiente para nos ajudar. Não queríamos atrapalhar o número de pessoas necessário para que o feitiço funcionasse.

O cemitério havia sido mais uma vez decorado para a festa de réveillon de Esperanza. Lanternas amarelas haviam sido espalhadas por todas as alamedas escuras e as pessoas começavam a chegar para comemorar. A maioria se concentrava na área próxima ao portão principal. O lugar estava muito parecido com o ano anterior. A única diferença é que estava um pouco mais frio e a neve se amontoava sobre algumas lápides.

Minha mãe abraçou Tristan quando passamos pelos portões de ferro na entrada do cemitério.

– Vejo você em breve, filho. – Ela afagou o cabelo dele. Ele assentiu, sorrindo, e foi abraçar Tiffany.

– Tome cuidado! – Tiffany ordenou. Ela não conseguia abandonar o seu jeito mandão, nem em um momento como aquele.

Ele balançou a cabeça mais uma vez.

– Tomarei. Obrigado, Tiffany – ele agradeceu antes se afastar.

Eu o segui, assim como os outros garotos, em silêncio. As luzes começavam a escassear e tudo se tornava mais escuro à medida que penetrávamos no cemitério. Podia ouvir os nossos passos ecoarem no pavimento e vez ou outra o som das conversas e das gargalhadas das pessoas ao longe chegavam aos nossos ouvidos.

Assim que chegamos ao pequeno gramado circular, todos tomaram os seus lugares sem dizer nem uma única palavra. Tristan e eu caminhamos para o centro. Seth trazia um pequeno copo d'água em uma das mãos e Harry, uma vela. Sam pegou um pouco de grama e terra e Josh estava simplesmente de pé, imóvel, com as mãos vazias abertas. Eu segurava o meu canivete com força. Todos ficaram imóveis e contamos os minutos que insistiam em passar. Alternadamente, cada um de nós conferia o relógio.

Eu havia esperado tanto por esse momento que, agora que estava tão próximo, não sabia o que sentir.

Tristan segurou a minha mão e a apertou, tentando me confortar. Já era quase meia-noite. Soltei a mão dele e segurei mais uma vez o canivete com firmeza, para assegurar que o quinto elemento estivesse presente quando o relógio batesse meia-noite. Um único fogo de artifício explodiu com alguns segundos de antecedência. Observei-o subir no céu escuro de inverno e explodir em centenas de pequenas faíscas reluzentes. A explosão, porém, pareceu acontecer em câmera lenta.

E então tudo congelou completamente. Olhei ao redor e o mundo parecia ter parado, como se prendesse a respiração. Tristan estava parado no mesmo lugar, assim como todos os outros meninos. Meus olhos iam de um lado para o outro tentando captar qualquer sinal de movimento, mas a única coisa que se movia era eu. E então uma dor lancinante atingiu o meu pulso, fazendo com que eu me curvasse. Agarrei o pulso com a outra mão e pressionei os dedos com toda a força contra a tatuagem escura, tentando estancar a palpitação.

Quando olhei para cima, Virgílio estava lá, a apenas alguns metros de mim, observando-me com aqueles olhos negros que jamais piscavam. Então ele estava de volta. Não havíamos conseguido bani-lo. Instintivamente, fui para a frente de Tristan tentando bloquear o caminho de Virgílio até ele, ainda apertando o canivete na minha mão. A dor crescia no meu pulso e passava a se espalhar pela minha mão até o meu cotovelo. Mas Virgílio não mostrava nenhum sinal de querer se aproximar ou nos atacar. Ele simplesmente ficou onde estava e parecia, para minha grande surpresa, como se estivesse... triste?

Aquilo era algum tipo de truque? Ele deveria estar com raiva e sedento por vingança, querendo nos atacar com todo o seu poder. Mas ele permanecia imóvel, só girando a cabeça um pouco para o lado, como costumava a fazer muito tempo atrás, um hábito que o fazia parecer com uma ave. Era seu tique nervoso. Eu o observei com extrema cautela. Era a vida de Tristan que estava em risco.

Talvez fosse hora de concluir o feitiço antes que Virgílio pudesse tentar qualquer coisa contra nós. Eu precisava do meu

próprio sangue para restaurar o elo com Tristan. Ergui o canivete devagar e aproximei a lâmina da minha mão.

Os olhos de Virgílio seguiram meu movimento e demoraram-se no brilho da lâmina. Ele suspirou, triste, com as mãos cruzadas nas costas em uma posição que não demonstrava qualquer tipo de ameaça.

– Por favor, gostaria que você não fizesse isso, Joe. – Mechas de cabelo escuro caíam suavemente sobre o rosto pálido e suave.

Cerrei os olhos em sua direção. Certo. Posso apostar que você não quer que eu faça isso! Posso apostar que você não quer que eu renove o feitiço e ganhe mais uma vez os meus poderes de guardião. Boa sorte da próxima vez, meu chapa. Mas antes que eu pudesse pressionar a lâmina contra a minha mão, ele falou novamente:

– Isso não trará nenhum benefício. E eu odiaria vê-la se machucar. De verdade. Falando nisso, como está o seu pulso? Espero que não tenha sentido muita dor depois do golpe que você me deu.

Ele estava zombando de mim? Eu via apenas sinceridade nos olhos de Virgílio. Ele estava realmente preocupado comigo. Será que ele tentava dar uma de bonzinho só para me adular e ter minha amizade de volta?

– Você lançou um feitiço muito poderoso quando me atacou naquele dia – ele disse. – Foi um encantamento sem preparação e sem propósito, mas muito poderoso. Você conseguiu me desarmar e despedaçar meu corpo humano. Foi bastante... desagradável para mim – ele continuou e até sorriu levemente, como se estivesse de alguma forma orgulhoso da minha façanha. – Mas você ainda não está pronta para suportar esse tipo de força. Um feiticeiro tem que ser objetivo, precisa de treino e estar preparado antes de lidar com esse nível de magia e você não possui nenhum desses requisitos. Imagino que o feitiço deva ter lhe cobrado um preço. A magia sempre cobra alguma coisa. Espero que não tenha sofrido muito. – Ele pareceu preocupado de novo.

Afastei a lâmina da minha mão e olhei para o meu pulso. A tatuagem negra ainda estava lá e a dor tomava conta de todo o meu braço. Decidi ser honesta.

– Depois de golpear você, essa marca negra apareceu e se espalhou por todo o meu braço. Tristan fez com que sumisse, a não ser por essa pequena parte no meu pulso. – Virei o braço para cima para mostrar a ele as linhas escuras. – Essa parte não saiu e começou a doer assim que você apareceu.

Ele observou o meu pulso.

– Como eu disse, um feitiço dessa amplitude sempre deixa marcas. Não creio que irá desaparecer. Esse é o preço que você terá que pagar. Suas intenções eram puras, mas as consequências do encantamento jamais a abandonarão. O fato de você ter utilizado o feitiço contra mim pode ser o motivo pelo qual a mancha dói na minha presença. Posso vê-la mais de perto? – ele pediu, embora não tenha dado nem um único passo à frente, aguardando pela minha autorização.

Olhei para Virgílio cheia de suspeita. A preocupação dele parecia ser genuína, mas até onde eu podia confiar nele? Virgílio era o inimigo. Ele percebeu minha hesitação e a tristeza retornou a seus olhos.

– Não farei nada para ferir você ou o menino enquanto estivermos aqui – ele prometeu. – Você tem a minha palavra.

Franzi a testa, sem compreender a parte do “enquanto estivermos aqui”, mas assenti assim mesmo e caminhei em sua direção. Não queria que ele de forma alguma chegasse perto de Tristan. Eu me aproximei de Virgílio e estendi o pulso para ele. Cerrei os dentes tentando não demonstrar quanta dor eu sentia. Ele pegou o meu pulso em suas mãos e passou os longos dedos suavemente sobre as linhas escuras. A dor parou assim que a mão dele entrou em contato com a minha pele.

Erguei uma das sobrancelhas, surpresa, mas me mantive calada.

– Desculpe, Joe. – Ele olhou para baixo, triste. – Não posso desfazer a marca.

Tirei o pulso das mãos dele e a dor retornou. Então essa “coisa” ficaria no meu pulso para sempre, para me lembrar todos os dias do preço cobrado pela magia que fiz. Será que sempre doeria na presença de Virgílio, mas pararia quando ele me tocasse? Dei um passo cauteloso para trás e olhei ao redor. Tudo ainda permanecia congelado.

– O que está acontecendo aqui? Você parou o tempo? – eu quis saber, preocupada. Por quanto tempo ele poderia manter aquilo? Será que ele seria capaz de parar o tempo para sempre?

– Não. Não se trata de parar o tempo. Nós estamos à parte do tempo presente. Como se houvésssemos abandonado a corrente de um rio e ido para as margens. Essa é a melhor analogia para descrever o espaço entre as dimensões. Um pedaço de terra firme entre os fluxos de água – ele declarou, pensativo. – É complicado de explicar. – Ele coçou a cabeça e eu quase abri um sorriso ao vê-lo fazer um gesto tão humano.

– Certo. É como se fosse o *backstage* de um show. – Eu tentava entender.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Você sempre foi boa com palavras – ele ponderou. – Sim, acho que é possível colocar a questão dessa forma.

– Por que você fez isso, Virgílio?

Virgílio respirou fundo e um banco de pedra surgiu do nada, onde ele se sentou e fez um gesto para que eu o acompanhasse. Eu precisava ter em mente que ele ainda era uma ameaça. Um ser de grande poder, capaz de ficar à margem do tempo e das diferentes realidades, além de fazer com que bancos surgissem de repente. Aquele não seria um bate-papo amigável.

– Preciso explicar algumas coisas a você, Joe – ele disse em um tom sóbrio e agourento. – Você se importaria de sentar aqui comigo por um minuto?

– Tudo bem. Não é como se eu tivesse mesmo escolha, não é? – murmurei ainda segurando a lâmina com firmeza em minhas mãos. Eu me sentei o mais afastado possível dele e olhei para Tristan, que estava de pé, imóvel, no meio do

gramado. Ele parecia estar envolto por uma espécie de neblina, uma visão borrada como uma velha estátua desbotada.

– Antes que voltemos ao seu tempo, você precisa saber o que está realmente acontecendo, Joe – ele disse baixinho. – Serei totalmente honesto com você. Depois de ouvir tudo que eu tenho a dizer, então poderá tomar sua decisão final.

– Eu irei decidir o quê? – perguntei, nervosa.

– Sobre o que deseja que eu faça.

– Você quer dizer que vou poder decidir o que acontecerá depois?

– Sim, mas você precisa me ouvir primeiro – ele insistiu.

– Isto não é nenhum truque seu, é? – Eu ainda estava repleta de suspeitas.

– Não. Não faço truques. Eu não minto.

– Você me enganou quando assumiu essa aparência frágil que tem agora, você tentou parecer fraco e inofensivo, mas você não é nada disso. E você não é nem mesmo remotamente humano, mas assumiu a aparência de um garoto. Isso é um tipo de mentira – argumentei

– Logo que fui designado para esta tarefa, acabei me atrasando. Vocês dois já haviam ido embora quando cheguei aqui, neste cemitério. Eu tinha o seu rastro e tentei segui-lo, mas o garoto estava protegido de mim. Eu não conseguia rastreá-lo. Não tinha como chegar até ele, mas havia você. Pelo menos enquanto você dormia, eu podia alcançá-la. Mas então, você me surpreendeu. Não consegui forçar você a me dizer a localização do garoto. Você era a sua guardiã e com isso você passou a ter poderes de proteção ferozes. Fiquei realmente chocado na primeira vez em que você me atingiu. Ninguém nunca havia sido capaz de me ferir antes. – Ele olhou para os próprios pés. – Então tentei me aproximar de uma forma mais reconfortante. Talvez assim você não sentisse medo de mim e me ouvisse, entendesse os meus motivos e se rendesse. Não estava tentando fazer com que você pensasse que eu era fraco, Joe. Eu tentava fazer com que você visse que podia confiar em mim. Foi quando tive a ideia de assumir essa aparência

humana, o corpo de um jovem do sexo masculino com quem você pudesse se identificar e com quem se sentisse mais à vontade. Para conversar. – Ele cruzou os braços e olhou para o horizonte. – E você me dava várias dicas sobre o comportamento humano, o que fazer, o que mudar. Tentei entender a sua espécie, para que você pudesse me aceitar com mais facilidade e me ajudar no meu serviço. Tinha certeza de que você compreenderia a importância de manter a ordem...Tentei fazer este trabalho de uma forma bastante diferente, mas acreditava que no final, seria um modo mais eficiente de finalizar esse problema, mais do que simplesmente obrigá-la a agir contra a sua vontade.

– Bem, você conseguiu nos imitar muito bem. Quase acreditei que você se importava – sussurrei.

– Ah, essa parte não foi fingimento. Foi aí que as coisas começaram a dar errado para mim. – Ele ainda olhava para o horizonte. – De alguma forma, algumas emoções começaram a se infiltrar em mim. Era tudo muito sutil no início, nem me dei conta do que acontecia. Mas quando comecei a sentir esses... *sentimentos* – ele fez com que a palavra soasse como uma doença contagiosa – foi um tormento extremo. Eu não sabia o que fazer, como lidar com isso. Era algo completamente desconhecido para mim. *Emoções*. Elas nos levam a um comportamento irracional, caótico. – Ele me observou com os olhos sérios e assustados.

– É, percebi isso. – Tentei manter uma expressão impassível.

– E acho que tudo isso começou depois que você me deu um nome. – Ele começava a ficar muito agitado.

– Eu realmente não entendo o motivo de todo esse alvoroço – eu disse começando a ficar um pouco irritada. – É apenas um nome idiota. Virgílio. Não significa nada.

A expressão no rosto dele se abrandou com um pequeno sorriso.

– Sim. Sou Virgílio agora – ele sussurrou suavemente, quase como se temesse pronunciar aquelas palavras em voz alta, embora ao mesmo tempo tivesse orgulhoso disso. – Você me

deu um nome e quando fez isso também me deu uma identidade. Não sou mais membro das massas. Passei a ser *alguém*. Descobri que a individualidade traz personalidade. Depois que percebi isso, já era tarde demais para parar – ele murmurou com uma expressão contemplativa. – Pensei que ter um nome me traria mais poder. Todas as vezes em que você o pronunciava, eu sentia isso. Em todas as ocasiões em que você me temeu, eu me tornei mais forte. O seu medo e o dele... – ele apontou para Tristan – ...eram como o combustível mais poderoso para mim. Mas não só o medo possui esse poder, o amor também. Qualquer emoção forte é uma fonte potente de energia se você a direciona para um nome.

Ele soltou uma risada que deixava transparecer um eco de loucura.

– Descobri, entretanto, que um nome traz emoções. Como um vírus que toma conta de tudo. Passei a ser controlado por um caos interno. Eu me tornei a coisa com a qual lutei contra durante toda a minha existência. Como posso me consertar isso? Como posso me consertar? Não é possível. Não sem deixar de existir. E eu não desejo morrer – ele afirmou. – E descobri que também sou capaz de sentir emoções. Eu... eu realmente me importo com você, Joe.

A voz dele era dura como se tentasse lutar contra aquilo com todas as forças. Ele olhou para os pés com os ombros curvados para a frente e a cabeça baixa, derrotado.

– Acho que eu... eu amo você – ele disse baixinho. – É algo muito estranho, desconhecido e novo para mim. E não sei o que fazer com isso. Espero que possa lutar contra esse sentimento. Tenho certeza de que isso irá passar quando eu não tiver mais que vê-la com tanta frequência. – Ele sorriu levemente como se esperasse ser de fato capaz de se curar do amor. – Perguntei o nome de algum bom remédio para viroses e as pessoas me disseram que não há nada melhor do que canja de galinha. – Ele parecia confuso. – Não faz muito sentido, mas estou pensando em tentar.

Abri um sorriso suave para Virgílio. Ele falava de amor como se fosse mesmo uma doença.

– Então, Joe, se você realmente pedir para que eu não faça meu trabalho agora, aceitarei o seu desejo. Farei o que você mandar – ele declarou simplesmente, cortando os meus pensamentos. Todos os meus músculos se contraíram e olhei para ele sem acreditar no que acabara de ouvir.

– Mesmo? Você vai mesmo fazer isso?

– Sim. Mas preciso lhe dizer uma coisa antes. Se eu não terminar hoje o que vim fazer aqui, terei que voltar e me reportar aos meus colegas. Eu não trabalho sozinho. Como eu lhe disse antes, há muitos outros como eu. Eles saberão que nada foi consertado aqui. Irão querer saber por que isso não aconteceu. Assim que eu explicar a eles, estarei condenado. Eu próprio serei o caos, algo que escapa da ordem natural das coisas. E eles então terão que me "*consertar*".

– O que significa... – Eu temia a minha resposta.

– Deixar de existir.

– Eles o matarão.

– Se você prefere colocar a situação nesses termos... – Ele sorriu para mim. – O que você me pedir, vou obedecer. Mas você precisa saber, Joe. Agora que você sabe o que acontecerá se eu atender ao seu pedido, ainda pedirá para que eu não faça o meu trabalho?

Ele me olhou diretamente nos olhos e eu o encarei de volta no mais profundo choque. Minha mente estava a mil tentando absorver tudo que ele me dizia. Abri a boca, mas as palavras não saíram. Eu faria qualquer coisa para salvar Tristan, mas pedir para que alguém morresse no lugar dele era passar dos limites, não era?

Talvez eu ainda pudesse renovar o feitiço de ligação e readquirir meus poderes de guardiã. Virgílio podia dizer que ele não foi capaz de terminar seu serviço e não seria culpa dele. Ele não teria escolha.

Virgílio olhava para mim muito sério, esperando por uma resposta.

– Não. Eu jamais pediria que você morresse, Virgílio.

Ele respirou fundo, com calma. Os olhos dele brilharam de emoção. Ele assentiu e se levantou.

– Obrigado por me dizer isso. Eu precisava saber a sua resposta. Eu cumpriria minha promessa, não importa quais fossem as consequências para mim. Quero que você saiba disso. – Virgílio estendeu uma das mãos para mim.

Peguei a mão dele e me levantei. As agulhadas de dor no meu pulso cessaram por um momento graças ao toque de Virgílio. Assim que eu me levantei, o banco desapareceu.

– Mas eu tenho outras razões para tirar Tristan de você essa noite – Virgílio continuou e eu retirei minha mão da dele de forma abrupta.

Ele pareceu surpreso por um minuto e então vi a dor passar rápido em seus olhos, porém ele se virou e fez um gesto. De repente, Tristan descongelou e tropeçou para a frente, não mais imóvel. Ele olhou ao redor, confuso, ao mesmo tempo em que sua pulseira se rompia e as contas se espalhavam suavemente por toda a grama aos seus pés. Tristan franziu a teste, cheio de raiva ao ver Virgílio ao meu lado e começou a caminhar na minha direção. Ele estava prestes a dizer algo, mas parou quando Virgílio começou a falar outra vez.

– E agora essa é a parte que "ele" precisa saber para que tome sua decisão. – Virgílio se virou para Tristan com tamanha tristeza estampada em seus olhos negros e insondáveis.

## capítulo quarenta

### Canção de inverno

– Você me deu a sua palavra de que não o machucaria! – berrei me afastando de Virgílio e andando na direção de Tristan.

– Não vou fazer nada sem a permissão de vocês dois – Virgílio atestou mais uma vez. – Mas ele precisa saber disso antes de decidir.

– Saber de quê? Do que vocês estão falando? – Tristan agarrou minha mão e ficou na minha frente para me proteger.

– Vocês pretendem refazer o feitiço essa noite para reforçar o trato com a Morte – Virgílio declarou. – Não deveriam tentar fazer isso. Vocês não fazem ideia das consequências.

– Por que não? Você está apenas tentando nos enganar porque não conseguirá nos impedir – falei com raiva e peguei a lâmina, pressionando-a contra a minha mão de novo.

A expressão dele era de urgência quando se virou para encarar Tristan.

– Se o feitiço for renovado, meu prazo aqui terá se acabado depois desta noite. Mas meus colegas enviarão outros para fazer o meu trabalho. E devo avisá-lo, eles não cuidarão disto da mesma forma que eu. Eles serão insensíveis ao seu sofrimento, são destituídos de qualquer tipo de afeto e serão indiferentes diante de seus apelos. Assim que perceberem que não podem rastreá-lo no mundo físico, como aconteceu comigo, irão atacar Joey com todo o seu poder quando ela estiver dormindo. Ela é responsável pelo feitiço que o trouxe de volta. É ela quem será punida. Ela é a chave para a restauração da

ordem natural das coisas e eles nunca a deixarão em paz. Ela pode até conseguir quebrar a conexão de início, como fez comigo, mas acabará se cansando e então eles a atacam. – A voz dele beirava o desespero. – Eles irão torturá-la até conseguir a sua localização. Todas as noites, se for preciso. Ela não aguentará mais do que uma semana. Mesmo que tudo isso aconteça apenas nos sonhos, na mente de Joey será como se fosse real. Eles acabarão com ela. Você suportaria vê-la ter que lutar e sentir dor todas as noites? Você a colocaria nessa situação? Porque, se vocês concluírem o feitiço daqui a pouco, é isso o que irá acontecer com Joe – ele explicou, desesperado, implorando para que Tristan entendesse.

Olhei para Tristan. Eu estava apavorada. Não sabia o que dizer, o que fazer. Ele encarou Virgílio por um longo tempo. Os seus olhos demonstravam tanta urgência e desespero quanto os de Virgílio.

– Não temos muito tempo. Vocês precisam tomar uma decisão agora – Virgílio nos apressou e mesmo assim Tristan permaneceu em silêncio. – Vocês *precisam entender*. Estou tentando proteger Joe. Não quero vê-la se machucar.

Tristan cerrou os dentes e respirou fundo. Ele então se virou para mim e olhou para a minha mão que ainda apertava o canivete. Ele tirou a lâmina de mim cuidadosamente e a jogou para longe de nós.

– Tristan, o que você está fazendo? – berrei para ele, entendendo tarde demais o que ele decidira fazer. – Você não pode fazer isso comigo! Por favor, Tris! – implorei.

Ele envolveu o meu rosto com as mãos e olhou no fundo dos meus olhos.

– Joe, você se lembra do que eu lhe disse, há muito tempo? Que eu não queria lhe causar nenhum mal quando escolhi essa vida há um ano, que eu nunca quis que nada de ruim acontecesse com você?

– Eu lembro, mas... – insisti, desesperada.

– Não, Joey. Não posso prosseguir com o feitiço essa noite. Não depois de saber que isso significará machucar você. Quero

viver, mas não a esse preço. Não farei isso – ele declarou com determinação e então me beijou com tanto amor e adoração que partiu meu coração. – Não tenha medo. Ficarei bem – ele sussurrou enquanto afastava os lábios dos meus. Os olhos de Tristan estavam duros, decididos. Ele tentava se preparar para o que tinha que fazer. Ele se virou e começou a andar na direção de Virgílio.

– Não! Não! Tristan, por favor, não faça isso! Você não pode fazer isso! – Peguei a mão dele. Ele se virou para mim e sorriu suavemente, tentando assegurar que tudo ficaria bem, me dizendo com seus olhos que eu ficaria bem.

– Não posso deixar que eles a machuquem por minha causa, Joe. Simplesmente não posso. Tenho que fazer isso agora. Amo você. Sempre amarei. Você *precisa* me deixar ir. – Ele soltou a minha mão.

Não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Tínhamos um plano! E Tristan desistia de tudo! Ele não podia fazer aquilo! Eu me virei para Virgílio com os olhos repletos de desespero e dor.

– Virgílio, não faça isso com ele! – implorei.

Virgílio não ousou fitar os meus olhos. Ele olhou para o chão, sem falar nada.

– Eu o odiarei para sempre se você fizer isso – eu o ameacei.

– Eu sei – ele disse, triste. – Espero que você me perdoe algum dia. – Ele se virou para Tristan. – Os outros não terão misericórdia. Estou fazendo isso para protegê-la – ele disse cheio de pesar em sua voz.

Tristan assentiu e andou na direção de Virgílio.

– Por favor, não! – gritei mais uma vez.

Virgílio fez um pequeno gesto com uma das mãos e então eu estava do lado de fora do gramado, observando Tristan e Virgílio de pé, no centro da praça. O tempo voltou à velocidade normal quando o relógio finalmente bateu meia-noite e os fogos de artifício começaram a explodir no céu escuro com um estrondo e um brilho cegantes.

*O Ano-novo havia chegado.*

Uma dor excruciante rasgou o meu peito fazendo com que os meus joelhos cedessem e caí no chão com toda a força. Olhei para cima e vi a mão de Virgílio sobre os ombros de Tristan.

Nosso elo havia sido rompido. Eu podia senti-lo se dissolver dentro de mim. Eu não era mais a guardiã de Tristan. Não podia mais protegê-lo. Não havia mais nada que eu pudesse fazer além de observar enquanto ele ia embora.

Uma dor penetrante explodiu no meu pulso, espalhando-se pelo braço e me fazendo chorar com uma dor agonizante. Todos os meninos se viraram para olhar para mim, cheios de surpresa e choque. Não entendiam como em um segundo eu podia estar no centro do círculo e em outro eu estava ajoelhada do lado de fora, distante de todos e chorando de dor. Harry correu na minha direção enquanto eu via Tristan sentar na grama. Virgílio se ajoelhava ao lado dele. Seth também vinha até onde eu estava para me ajudar, assim como Josh e Sam.

Ninguém olhava para o centro do círculo. Ninguém prestava atenção em Tristan. Todos estavam preocupados demais comigo para se darem conta do que acontecia. Gritei de novo para tentar avisá-los, mas as palavras não saíram da minha boca. Tristan estava deitado. Eu não conseguia mais ver os olhos dele, aqueles olhos cinza, belos e tristes.

Foi então que Céu apareceu em meio a escuridão e permaneceu ali parada, imóvel, atrás de Tristan. Ela olhou para mim e nossos olhos se cruzaram por um milésimo de segundo. Ela me lançou uma piscadela ao mesmo tempo em que Harry se ajoelhava diante de mim, bloqueando a minha visão por um breve momento. A dor em meu corpo era insuportável.

Era como se alguém arrancasse um pedaço do meu peito. Eu me levantei e puxei os meninos para fora do meu caminho. Não havia mais ninguém no gramado. Céu e Virgílio haviam desaparecido. Assim como Tristan. Enterrei as mãos nos meus cabelos tentando organizar meus pensamentos confusos. Seth passou um dos braços ao redor dos meus ombros.

– Joey, o... o que aconteceu?

– Ele se foi. Tristan se foi. Eu não pude fazer nada – sussurrei para o chão. Fogos de artifício explodiam no céu, barulhentos e desrespeitosamente alegres. Eu me levantei com um olhar insano no rosto. – Preciso ver ele. Preciso saber se ainda posso ver ele. Sempre pude fazer isso, mesmo quando Tristan era um fantasma! Ele deve estar aqui em algum lugar!

– Joe... – Seth começou, mas eu estava fora de mim. Tinha que ver Tristan novamente.

Isso era tudo que importava para mim naquele momento. Comecei a andar pelas alamedas escuras do cemitério. A quantidade de fogos de artifício no céu havia diminuído, o estrondo das explosões cessava aos poucos, o que me deixou grata. A celebração de Ano-novo me fazia sentir como se a felicidade do restante do mundo zombasse de mim, rindo da minha dor. Caminhei sozinha e gritava por Tristan, procurando desesperadamente por um lampejo de sua imagem entre as lápides, mas não achei nada.

Não me lembro por quando tempo andei. Esbarrei em algumas pessoas que ainda celebravam o Ano-novo, mas depois de algum tempo, as comemorações terminaram, as pessoas foram para casa e não havia mais ninguém ali além de mim.

Fui de novo até a sepultura de Tristan. Eu já havia passado por ali algumas vezes. Talvez dessa vez ele estivesse lá. Parei diante da lápide e gritei o nome de Tristan mais uma vez. E, de novo, não houve resposta. Sentei no chão e me encostei no túmulo, apertei minha jaqueta para que ficasse mais perto do meu corpo na tentativa de me aquecer. Por que ele não estava lá? Por que eu não podia mais vê-lo?

Será que Tristan havia ido embora para sempre?

Eu devo ter caído no sono depois de tudo aquilo. Eu estava tão cansada que nem mesmo me lembro de ter fechado os olhos. Quando os abri outra vez, o lugar estava escuro como breu e eu mal era capaz de enxergar o que estava ao meu redor. Pisquei algumas vezes tentando me adaptar à escuridão. Vi a neve cair sobre as lápides e também em cima de mim. Tentei afastar os flocos sobre a minha roupa, só que meus

movimentos estavam rígidos e lentos. Eu sentia tanto frio. Tentei me levantar, mas ainda não estava forte o suficiente e caí no chão mais uma vez. Eu estava congelando. Tentei gritar por ajuda, mas minha voz não passou de um sussurro rouco. Olhei ao redor enquanto tentava descobrir o que fazer.

Tentei me erguer mais uma vez, mas continuava não sem força. Meu corpo estava se desligando aos poucos. Eu sentia muito frio e estava tão cansada! Sabia que não acordaria se dormisse ali. Eu provavelmente estava com hipotermia. Enterrei o rosto nas mãos, mas uma dor penetrante atingiu o meu pulso mais uma vez, fazendo com que eu me encolhesse e chorasse baixinho. Quando tirei as mãos do rosto, vi Virgílio de pé, diante de mim.

– Que diabos você está fazendo aqui? – rosnei para ele.

– Você precisa deixar esse lugar, Joe – Virgílio sussurrou e deu um passo em minha direção.

– E você se importa por quê? – berrei, a raiva que sentia fazendo minha voz sair alta e ácida.

– Eu me importo com você, Joe – ele declarou, triste.

– Não, você não liga a mínima pra mim. Se ligasse, não teria tirado Tristan de mim! Onde ele está? – perguntei raivosa.

– Ele está no lugar a que ele pertence. – Ele olhou rapidamente ao redor. – Você precisa de ajuda para ir embora, Joe. – Ele se aproximou e tentou me ajudar a levantar.

Eu me encolhi para longe de seus braços e comecei a socá-lo.

– Não! Não toque em mim! – gritei.

– Joe, por favor. Deixe-me ajudá-la – ele implorou.

– NÃO! Tudo isso é culpa sua! – berrei e soquei com ainda mais força quando Virgílio tentou me segurar. – Nunca mais quero ver você! Era você quem devia estar morto, não ele! – deixei escapar, louca de raiva. Eu havia ultrapassado os limites da loucura, perdida em toda a minha dor.

Virgílio deu um passo para trás.

– Eles ainda assim viriam para buscá-lo outra vez. – ele disse com frieza.

– Eu odeio você! – gritei, perdendo definitivamente o controle.  
– Não quero vê-lo de novo! E não preciso da sua ajuda para nada!

Virgílio me observou por um segundo, triste, e desapareceu. A luta com ele havia levado toda a energia que ainda me restava. Deitei ali no chão, tentando pensar. Meus dedos estavam azuis e enterrei as mãos no bolso do meu casaco para tentar mantê-las quentes e elas tocaram em um metal gelado. Meu celular! Com todo o frio que sentia, esqueci totalmente dele. Eu o tirei do bolso e o sinal de várias ligações perdidas piscavam na tela. A última era de Josh. Apertei o botão de retorno de chamada e pressionei o aparelho contra a minha orelha, rezando para que ele atendesse.

– Josh, atenda, atenda, atenda – sussurrei.

A voz dele soou do outro da linha no segundo toque.

– Joey? É você? – A voz dele parecia preocupada.

– Josh! Preciso da sua ajuda... – Minha voz saiu mais baixa do que eu pretendia.

– Estamos há horas ligando para o seu celular e procurando por você! Onde você está? – ele perguntou com urgência.

Olhei ao redor. Eu não fazia a menor ideia. Tudo que eu podia ver era a neve, a escuridão e os túmulos.

– Eu... eu não sei onde estou, Josh. Estou com... com tan... tanto frio. Caí no sono e perdi a noção do tempo – expliquei, desesperada.

– Estou no meio do cemitério. Você acha que consegue gritar?

– Ele estava procurando por mim. Mas eu estava muito fraca para berrar. – Espere... Tudo bem. Entendi. Sei onde você está. Estou indo aí. – E desligou.

Encarei o telefone, tentando entender o que havia acontecido. Como Josh me encontraria ali, naquela escuridão? O lugar era muito grande e eu não tinha nem mesmo energia para chorar. E foi então que vi uma silhueta negra vindo na minha direção a alguns metros de distância. Respirei fundo e gritei o nome de Josh o mais alto que consegui. Ele respondeu se ajoelhando ao meu lado e me abraçando.

– Estou tão feliz que você está aqui – sussurrei.  
– Está tudo bem. Tudo vai ficar bem. Achei você. – Ele me carregou nos braços. Eu não tinha forças para explicar nada. Só queria sair daquele frio.

Quase não me lembro de como Josh me levou para casa. Descobri depois que todos os Lost Boys procuraram por mim durante a noite toda e que eles e minha mãe ficaram terrivelmente preocupados. De volta ao meu quarto, minha mãe colocou vários edredons e cobertores sobre mim, e logo eu não sentia mais frio e fui capaz de perguntar como Josh conseguiu me achar tão rápido.

– Aquele tal de Virgílio simplesmente apareceu do nada na minha frente e me disse onde você estava. Quase morri de susto. Pensei que fosse um truque, mas segui as instruções dele e você estava exatamente onde ele tinha falado – Josh me explicou.

Antes que todos eles começassem a fazer perguntas sobre tudo o que havia acontecido, minha mãe os interrompeu:

– Tudo bem, pessoal, Joey precisa descansar agora. Todos lá para baixo, vou fazer chá – ela ordenou e todos obedeceram sem discussão.

Mas, logo depois que todos eles saíram do quarto, minha mãe se sentou na minha cama com uma expressão séria no rosto.

– Querida, fiquei tão preocupada. Por favor, prometa que não irá fazer isso de novo – ela implorou.

Soltei um longo suspiro e repousei a cabeça no travesseiro.

– Não vou mais voltar ao cemitério, mãe. Ele não está lá – murmurei deitada e me virei de costas para ela. – Eu só quero ficar sozinha agora.

– Tudo bem, Joey. Descanse. Me chame se precisar de alguma coisa – ela disse suavemente.

Depois que ela saiu, eu me revirei na cama, sem conseguir dormir. Ainda podia sentir o cheiro de Tristan quando afundava a cabeça no travesseiro. Aquilo era ao mesmo tempo uma dádiva e uma tortura. Eu repassava sem parar aquela noite na minha cabeça, lembrando-me das últimas palavras de Tristan

para mim. Eu me levantei e fui até o armário. Abri a primeira gaveta onde guardava a tira de fotos que Tristan havia tirado em uma cabine fotográfica, seu presente de aniversário para mim. Precisava ver o rosto dele mais uma vez. Revirei a gaveta e achei a tira com as fotos. Um papel com um recado acabou vindo junto. Eu o abri e logo de cara reconheci a caligrafia bonita de Tristan. Peguei o papel e voltei para a cama. Liguei o abajur na mesinha de cabeceira, desdobrei o bilhete e alisei o papel, focando toda a minha atenção no que estava escrito.

*Prometa que se lembrará de mim e que dará seu sorriso para todo o mundo ver*

*Prometa que viverá a vida por inteiro e que não deixará a tristeza vencê-la*

*Cante, dance, brilhe, seja a melhor que puder e ficarei feliz*

*Seja minha estrela em ascensão*

*Seja a alegria no meu coração*

*Prometa que tentará ver que sua alegria significa tudo para mim*

*Sempre estarei com você, não importa o que acontecer, do começo ao fim*

*Em uma brisa suave afagando o seu rosto em um dia de verão*

*Quando você sentir seu coração se enternecer então*

*Quando tremer em meio à tempestade*

*Sempre que uma música lhe emocionar de verdade*

*Estarei sempre ao seu lado*

*Prometa que você terá um sonho novo de novo*

*E saiba que sempre, sempre a amarei*

*Não importa o que aconteça*

*Até o fim e desde o começo*

*Sempre seu,*

*Tristan*

Tristan disse adeus com esse poema. O adeus que ele não tivera tempo de me dar antes. Senti as lágrimas rolarem pelo

meu rosto, não consegui mais contê-las. Tristan havia ido embora e não voltaria mais.

## capítulo quarenta e um

### Continue a respirar

No dia seguinte, acordei sobressaltada e imediatamente estendi um dos braços à procura de Tristan ao meu lado, mas logo lembrei que eu nunca mais o encontraria ali de novo e comecei a chorar. As lágrimas correram pelo meu rosto durante todo o dia. Minha mãe veio falar comigo, assim como os meninos e Tiffany, mas nem mesmo ouvi o que eles tinham a dizer. Eu me encolhi debaixo dos cobertores e não atendi a nenhum dos pedidos deles para comer, ir para o andar de baixo ou sair da cama.

Mantive o bilhete de Tristan debaixo do travesseiro. O simples fato de saber que estava ali já me confortava. A noite caiu e não consegui dormir, mas ao mesmo tempo tudo o que eu mais queria era ficar na cama. Rezei pela bênção da inconsciência do sono. Eram os únicos momentos em que não pensava em Tristan. Meu coração estava partido e um vazio devastador ocupava o lugar onde Tristan costumava estar. Ele havia sido meu melhor amigo, meu colega de quarto, meu companheiro, o amor da minha vida... e agora ele havia ido embora.

Minha mãe continuava a me dizer que aquela dor diminuiria com o tempo, mas dias e noites se passavam e o vazio no meu coração permanecia. Como é possível esquecer quando uma parte de você foi embora? Eu sentia saudade de Tristan o tempo todo. Sentia falta de seus beijos, de seu gosto, dos sorrisos, do calor de seus abraços, do cinza brilhante dos seus olhos. Todos aqueles pequenos momentos de imensa felicidade que tivemos

juntos, tudo aquilo que compartilhamos, não paravam de passar como um filme pela minha cabeça.

Quando finalmente consegui cair no sono, os pesadelos começaram a me assombrar. Sonhava que me afogava e não conseguia respirar. Acordava sempre suando frio, com a respiração acelerada, e começava a chorar mais uma vez até ficar exausta. Tudo isso apenas para dormir de novo e ser atormentada por uma nova onda de pesadelos horríveis.

Minha mãe, Tiff e os meninos vinham todos os dias tentar conversar e me tirar daquela depressão, mas as únicas ocasiões em que eu falava com eles era para pedir que fossem embora. Mesmo assim, eles sempre voltavam.

Perdi completamente a noção do tempo. A tristeza tomou conta de mim, me quebrando e destruindo pouco a pouco até que não restasse mais nada pelo que lutar. Então, certo dia, acordei com uma batida suave na porta. Eu me virei na cama e pisquei, sonolenta, para Harry, que estava parado diante de mim. Ele entrou no quarto devagar com uma bandeja de comida e a colocou na mesinha de cabeceira. Em seguida, olhou para mim com a testa franzida e uma expressão muito séria no rosto.

– Harry? Você ainda está aqui? – murmurei, confusa. – Pensei que todos vocês tivessem ido embora...

– Não. Ainda estou aqui. *Todos nós* ainda estamos aqui. – Harry fechou as mãos que pendiam ao lado do corpo dele, cerrando os punhos. – Você tem que parar com isso – ele disse com raiva. Eu nunca havia visto Harry bravo daquele jeito antes. Seus olhos verde esmeralda cintilavam com um brilho duro e sua voz era cortante e contida. – Sei que está sofrendo. Mas você precisa comer. Eu também o perdi, mas não vou perder você! – Vi tanta dor nos olhos de Harry que finalmente me dei conta de que eu não era a única que sofria por Tristan.

– Desculpe – sussurrei. – Por favor, me perdoe. – E por fim abandonei o conforto frio da cama para abraçá-lo. Ele me envolveu com seus braços e lágrimas nos olhos. Também jamais havia visto Harry chorar antes. Era um lado dele que eu desejei

nunca ter visto. Queria vê-lo feliz outra vez. Queria ouvir as gargalhadas sonoras e os olhos cor de esmeralda que sorriam para mim.

– Vou comer. Faça o que você quiser. Por favor, pare de chorar – sussurrei no ouvido dele.

Eu lhe dei um longo abraço até que senti que ele estava mais calmo e então me afastei e sentei na cama, dando uma batidinha na cama para que Harry se sentasse ao meu lado. Peguei a bandeja e coloquei-a no meu colo, examinando o que havia nela.

– Então... O que temos para o almoço? – Abri um sorriso fraco para Harry.

– É... Eu não sei. – Ele se sentou ao meu lado e enxugou os olhos com as costas das mãos. – Foi Seth quem preparou. Acho que é sopa de alguma coisa – Harry murmurou.

– Sopa de alguma coisa. Minha preferida! – Tentei fazer piada, mesmo que sem nenhuma alegria em minha voz, e peguei a colher. Olhei-o de relance enquanto ele me observava comer. Harry parecia mais pálido e bem mais magro que o normal. Comi em silêncio por algum tempo. – Você também não parece estar comendo – comentei entre as colheradas.

– Tenho comido sim. – Ele abriu um sorriso quase imperceptível diante do meu olhar de preocupação.

– Você comeu essa sopa?

– Claro, comi sim. Sopa de alguma coisa também é a minha preferida – ele murmurou e se revirou sobre a cama, incomodado. – Desculpe, Joe. Não quis berrar com você...

– Tudo bem. Eu precisava daquilo. Fui uma amiga bem relapsa. – Coloquei a tigela vazia de volta na bandeja. – Você acha que Seth, Tiff, Josh e Sam vão me perdoar? Nenhum de vocês merecia ser tratado dessa forma.

– Não tenho dúvida de que Tiff a perdoará, assim como Seth, se vir que você está comendo novamente. E Sam e Josh também a perdoarão se você sair do quarto de vez em quando e passar algum tempo com eles de novo – ele declarou, confiante.

– E você? Me perdoa? – perguntei baixinho e olhei bem para os olhos verdes de esmeralda cintilantes de Harry.

– Só se você mantiver a promessa de fazer tudo que eu quiser! – ele declarou, seriíssimo.

– Tudo bem, combinado. – Eu o abracei de novo.

– Então você pode começar indo tomar um banho. Você ultrapassou o meu recorde de dias sem banho.

Sorri e balancei a cabeça, concordando.

– Tudo bem, Harry. Um banho, então.

Tomei um longo banho, desfrutando da sensação da água quente sobre a minha pele. Lavei a cabeça e fiquei debaixo d'água por muito tempo, pois aquilo me causava uma sensação boa, como se lavasse um pedaço de minha dor ralo abaixo. Quando voltei para o meu quarto, enrolada em uma grande toalha, Harry ainda estava lá, cochilando na minha cama. Entrei na ponta dos pés e vesti uma calça de moletom e uma camiseta limpa antes de sentar ao lado de Harry. Ele dormia tão em paz que não tive coragem de acordá-lo. Deitei e me aninhei ao lado dele. O colchão balançou levemente com o meu peso, o que fez com que ele se mexesse e se virasse, repousando confortavelmente a cabeça no meu travesseiro de frente para mim. Olhei para Harry por um longo tempo, contemplando seu nariz reto e os lábios finos, a pele pálida nas maçãs dos rosto. Ele era um dos meus melhores amigos e eu o amava tanto. Planejei descer as escadas e me desculpar com os meninos – e também com minha mãe e Tiff –, mas, em vez disso, caí no sono ao lado de Harry.

Acordei nos braços dele na manhã seguinte. Logo de início, pensei que fosse Tristan, mas o peso do braço era diferente, assim como o perfume, que lembrava avelã. Eu sabia que era Harry mesmo sem ter aberto os olhos ainda. Um dos meus braços envolvia o peito dele e meu rosto repousava, confortável, sobre a curva de seu pescoço. Eu havia dormido a noite inteira sem ser interrompida por nenhum pesadelo. Harry havia guardado o meu sono.

Meu estômago roncou pela primeira vez em muito tempo, o que me surpreendeu. Eu me virei com todo o cuidado para sair dos braços de Harry e me esgueirei para fora do quarto, descendo as escadas. Passei pela sala e vi Josh dormindo no sofá com a televisão ligada passando um filme da década de cinquenta. Pensei em Tristan no mesmo instante e senti um aperto no peito. Aquela parte perdida, aquele vazio, jamais iria embora. Mas, pela primeira vez, me dei conta de que a presença dos meus amigos tornava tudo aquilo mais suportável, como se eu pudesse dividir o fardo pesado que eu carregara sozinha durante todo aquele tempo. Se não fosse pelos berros de Harry ontem para que eu recobrasse o juízo...

Andei em silêncio até a cozinha e, na porta, dei de cara com um Seth sonolento. Quase fiz com que ele derrubasse a caneca de chá quente que trazia nas mãos. Ele olhou para mim, surpreso por eu ter saído do quarto e também um pouco apreensivo, mas logo ficou mais tranquilo quando me joguei para cima dele e o abracei apertado.

– Desculpe por evitar vocês, Seth. – Enterrei a cabeça no peito dele. – E gostei muito da sopa.

Ele respirou aliviado, sorriu e me abraçou apertado de volta.

– Harry fez com que você comesse – ele constatou com delicadeza.

– Sim, ele me *obrigou* a comer. E, de agora em diante, terei que fazer tudo que ele quiser. Ele pode ser bem mandão às vezes... – murmurei com um pequeno sorriso nos lábios.

– É, Harry sempre espera o melhor momento para mostrar o lado ditador dele. – Seth soltou uma leve risada.

Ele parecia mais magro, com círculos negros debaixo dos olhos. O cabelo estava todo desganhado e sem o brilho de antes. Tristan era o melhor amigo de Seth, seu companheiro de todas as horas. Como eu podia ser tão egoísta a ponto de não me dar conta do sofrimento dos meus amigos?

Eu o abracei de novo e sussurrei em seu ouvido:

– Sei que você também sente falta dele.

Seth colocou os braços ao meu redor outra vez e me apertou de leve.

– Desculpe por não ter nada que eu pudesse ter feito para ajudá-lo – ele disse com a voz embargada. – Mas estou aqui para você. Todos nós estamos. Qualquer coisa que precisar, é só pedir – ele murmurou na minha orelha.

– Eu sei. Obrigada, Seth. Agora, só quero comer alguma coisa. Depois podemos assistir à TV com Josh, tudo bem?

Ele olhou para mim, surpreso e feliz.

– Tudo bem.

Seth sentou ao meu lado na cozinha e me observou comer exatamente do mesmo jeito que Harry fizera na noite anterior e foi para a sala comigo. Josh acordou, cheio de preguiça, no momento em que Seth mudou de canal. Ele olhou para nós cheio de surpresa, esfregando o rosto para espantar o sono. Sentei ao lado de Josh e me esgueirei para debaixo do cobertor, deitando com ele no sofá.

– Quero assistir desenhos, Seth. – Fingi não perceber os olhos arregalados de Josh para cima de mim. Peguei o braço pesado dele e o coloquei sobre mim, fazendo com que ele me abraçasse. Ele entendeu que eu queria um abraço e me apertou. Assistimos desenhos durante algum tempo e então Sam acordou e também foi para a sala. Ele também me observou com os olhos arregalados.

– Oi, Sammy! Você acordou! – Eu o cumprimentei e ergui a cabeça do travesseiro de Josh. – Estava esperando você levantar para me dar um abraço. – Estendi os braços para ele. Sam abriu um sorriso tão imenso que covinhas apareceram em ambas as bochechas. Ele veio na minha direção, se ajoelhou diante do sofá e me abraçou apertado.

– Oi, Joe – ele disse baixinho no meu ouvido. – Você voltou. Sentimos saudade.

– Também senti sua falta, Sammy. – Eu o abracei de volta.

Sam foi tomar café da manhã e Harry acordou logo depois, juntando-se a nós na sala. No início, todos eles me olhavam de esguelha, apreensivos, mas depois de algum tempo começaram

a relaxar e logo já estavam conversando e fazendo comentários engraçados sobre os programas na TV, do mesmo jeito que costumávamos fazer na escola. Eu os observei conversar casualmente e às vezes deixando escapar uma risadinha tímida.

Seth me contou que Tiffany estava dormindo na mansão dela, no centro da cidade, na maioria das noites, mas sempre passava na minha casa por volta da hora do almoço e ficava até de madrugada. Quando ela chegou e me viu sentada na sala com os meninos, correu para mim e me deu o maior abraço-de-quebrar-costelas do mundo. Ficamos todos juntos durante a tarde e quando minha mãe chegou do trabalho também ficou surpresa por me ver na sala sentada entre Tiffany e Seth no sofá. Ela sorriu, deu um beijo na minha testa e correu para a cozinha para preparar alguma coisa para comermos, mas não antes que eu visse os olhos dela se encherem de lágrimas. Ela estava feliz por me ver fora do quarto e com meus amigos outra vez.

– E aí, o que você quer fazer amanhã, Joey? – Seth perguntou do nada.

– Amanhã? Nada. O que vai acontecer amanhã? – perguntei, confusa.

– Sério que você não sabe? É o seu aniversário, Joey.

– Ah, verdade? – eu disse com uma tristeza genuína. Não conseguia acreditar que haviam se passado quase quinze dias desde o Ano-novo. Olhei para o teto, pensando seriamente sobre o que eu queria no meu aniversário. Na maioria das vezes, eu não gostava de celebrar essa data e naquele ano, especificamente, a ideia de celebrar qualquer coisa me parecia ser errado. Mas eu iria tentar compensar a forma com que tinha agido com os meus amigos.

– Sabe, tem uma coisa que eu gostaria muito, mas não sei se vocês irão topa fazer – murmurei.

– Claro que vamos! – todos eles disseram em uníssono, mordendo a isca.

– Qualquer coisa que você quiser – acrescentou Harry. – Nós prometemos.

– Tudo bem. Ainda não estou muito preparada para encarar o mundo lá fora, mas gostaria que vocês comemorassem o meu aniversário por mim. Quero que todos saiam e se divirtam. Vocês ficaram aqui esse tempo todo tristes, preocupados comigo. É isso o que eu quero. De verdade. – Sorri para eles.

Meus amigos pareceram surpresos com o meu pedido.

– Como assim, Joe? Não vamos deixar você sozinha no seu aniversário! – Sam foi o primeiro a reclamar.

– Ei! Esse é o meu pedido de aniversário! E vocês prometeram. – Fiz um muxoxo e cruzei os braços.

Eles ainda estavam relutantes, mas no final acabaram concordando com a minha vontade, apesar de eu ter cedido um pouco e concordado que eles comprassem pelo menos um bolo para mim no dia.

Depois do jantar, voltamos para a sala e vimos mais televisão. Acabei pegando no sono no sofá e sonhei com um deserto congelado onde um sol feito de gelo cintilante flutuava no céu escuro, mas, agora, estranhamente, neve caía sobre a areia macia e quente, derretendo assim que tocava o chão...

## capítulo quarenta e dois

### Um desejo de aniversário

No dia do meu aniversário, Seth e Tiff ainda estavam relutantes em me deixar sozinha. Dei um abraço apertado nos dois e os adverti:

– Lembre-se de que vocês me prometeram que iriam se divertir, certo? – Sorri e tentei fazer que parassem de se preocupar comigo.

Seth me lançou um meio sorriso e assentiu, um pouco apreensivo. Minha mãe tinha que ir a um evento de trabalho e Josh, Sam e Harry já tinham saído, como me prometeram, mas era difícil convencer Seth.

– Você tem certeza? – ele começou a perguntar mais uma vez, mas eu o cortei.

– Tenho certeza, Seth! Não preciso mais de babás. Vocês precisam dar um tempo daqui e esse foi o meu desejo de aniversário. – Fiquei na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha.

– Tudo bem, então – ele concordou, resignado e um pouco triste.– Vamos, Tiff. Vamos então nos divertir conforme prometemos.

Fechei a porta atrás de mim e soltei um longo suspiro. Andei pela casa pensando em Tristan e nos Lost Boys. Por alguma razão, também pensei em Virgílio. Senti culpa por como o tratei em nosso último encontro. Ele não merecia todo aquele ódio. Virei o pulso e toquei a marca negra debaixo da minha pele. Lembrei-me de Virgílio ter me contado que sentia todas as

vezes que eu chamava por seu nome. Valia a pena tentar. Fechei os olhos e me concentrei o máximo que pude, visualizando o nome dele várias e várias vezes na minha mente.

– Virgílio. Virgílio. Virgílio. Virgílio. Virgílio – repeti para mim mesma.

Só levou alguns segundos para que uma dor tomasse conta de meu braço, me fazendo encolher na cama, mas mesmo assim eu sorria. Tinha funcionado. Abri os olhos e vi Virgílio de pé no meio do quarto, me observando com olhos assustados. Ele ainda usava aquela aparência andrógena, todo vestido de cinza, com o cabelo longo e macio caindo sobre os olhos negros.

– Funcionou – sussurrei para mim mesma. Essas coisas mágicas ainda me surpreendiam. – Obrigada por vir, Virgílio. Eu não tinha certeza se você iria aparecer depois da última vez que nos vimos... – murmurei, me sentindo um pouco envergonhada quando me lembrei de minhas últimas palavras para ele.

– Você estava sofrendo, eu compreendo – ele falou baixinho e olhou para baixo, sem graça, se sentindo culpado por ser o responsável por me causar tanta dor. Levantei da cama e me aproximei dele.

– Queria me desculpar. Você não merecia ouvir tudo aquilo e sinto muito por tudo que eu lhe disse. – Ele parecia ter sido pego de surpresa com as minhas palavras. – Queria que você soubesse que eu o perdoo, Virgílio. Espero que você também possa me desculpar. – Olhei bem no fundo dos olhos dele.

– Me des... desculpe tam... também – ele gaguejou, seus olhos arregalados, incrédulos.

Dei um passo à frente e o abracei, para que pudéssemos nos considerar mutuamente perdoados. O corpo dele se enrijeceu, mais surpreso que nunca, com os braços imóveis junto ao corpo. No instante em que eu o toquei, a dor intensa no meu braço cessou e relaxei um pouco, fazendo com que o abraço durasse mais do que eu pretendia a princípio. Era bom não sentir mais aquela dor terrível. Eu me afastei e olhei para Virgílio. Ele parecia confuso. Sorri e caminhei para a minha

cama, sentando no mesmo lugar que eu estava quando ele surgiu.

– Obrigada, Virgílio. Significa muito para mim você ter vindo quando eu o chamei. Espero não ter interrompido o seu trabalho...

Ele se aproximou da cama, hesitante, e sentou um pouco distante de mim. Ele devia estar pensando que eu era bipolar ou algo assim, pois num dia eu o xingava como uma histérica e no outro eu me desculpava e era superlegal com ele.

– Não tem problema. Eu não estava... trabalhando. Fico feliz por você ter me chamado. – O tom da voz dele ainda era de preocupação. – Como você... está? – ele arriscou.

Eu me apoiei com as mãos no colchão e estiquei as pernas.

– Não muito bem. – Contemplei os meus pés para evitar olhar para ele. – Tratei as pessoas bem mal nesses últimos dias, mas finalmente recuperei o juízo e agora é hora de me desculpar. Ótimo jeito de passar o aniversário, não é? Me desculpando pelo jeito horrível com que vim tratando todo mundo. – Abri um sorriso pálido.

– Hoje é o dia do ano em que você nasceu? – ele quis saber, curioso.

– É. Há dezenove anos. Celebramos esse dia todos os anos. Tradição ridícula, não é?

Ele pareceu confuso por um segundo.

– E como os humanos celebram o dia em que nasceram?

– Bem, em geral damos festas e convidamos nossos amigos e familiares, recebemos presentes, comemos bolo, sopramos velinhas e desejamos feliz aniversário. Acho que isso resume basicamente o que os humanos fazem nessas datas.

– Entendo. – Ele fez uma pausa e olhou para mim. – Bom, feliz dia do seu nascimento, Joe.

– Obrigada.

– Onde estão os seus amigos e a sua família?

– Pedi como presente de aniversário que eles saíssem e se divertissem.

Ele olhou para as paredes do meu quarto em silêncio por um tempo. Parecia pensar em algo.

– Queria ter trazido alguma coisa para você hoje... um presente. Essa é a tradição, não é? – ele quis saber.

– Não chamei você aqui para isso. Só queria pedir desculpas. Só isso – declarei com sinceridade. – Sem contar que a coisa que eu mais quero no mundo você não pode me dar – murmurei, encarando os meus próprios pés de novo, tentando com todas as forças não pensar em Tristan, mas falhando miseravelmente.

Virgílio também olhou para o chão.

– Desculpe. Não posso trazê-lo de volta. É algo fora do meu alcance. – A voz dele se tornou triste outra vez enquanto ele me observava com olhos preocupados. – Você precisa seguir em frente. Lutar contra essa situação só trará mais dor, Joe.

– Me diga algo que eu não sei, Sherlock – soltei na cara dele, exagerando um pouco no tom agressivo. – Me desculpe. Sei disso, Virgílio. Só que não é assim tão fácil. Veja você mesmo como exemplo. Como vai o seu projeto para me esquecer? Você veio para cá bem rapidinho, assim que eu chamei. Você por acaso estava esperando por isso? – Eu joguei o fato na cara dele e me arrependi imediatamente. – Desculpe. – Passei a mão pelo cabelo, frustrada. – Eu não queria ser cruel. Só estava tentando explicar como é difícil seguir em frente.

– Eu... eu sei. Você tem razão, não é fácil. – Ele deixou os ombros caírem. – Tentei a sopa... mas não funcionou.

Não pude conter uma gargalhada, o que fez com que ele olhasse para mim, perplexo.

– É, também tentei a sopa. É mesmo uma droga, eu sei. – Abri um sorriso pálido. – Pensei em ir falar com Céu de novo. Tentar convencê-la pela última vez, sabe? Mas não tive coragem...

– Você não deve tentar isso, Joe! – ele respondeu cheio de urgência. – Não tente encontrá-la de novo! Você não possui mais os feitiços de proteção. Você não conseguiria voltar mais dessa vez. Você compreende?

– Tudo bem, tudo bem. Eu entendi. – Ergui os braços em sinal de rendição. – Acho que bem lá no fundo eu já sabia que essa nova visita à Morte poderia ser a minha última.

Talvez fossem os meus instintos de bruxa que vinham à tona. Nós dois olhamos para a parede em silêncio por alguns instantes.

– E se você pedisse a ela que desse uma passada por aqui, que me fizesse uma visita? Talvez você pudesse dizer a Céu que preciso conversar com ela... – sugeri.

Virgílio se mexeu na cama, desconfortável.

– Céu sabe sobre o quê você quer falar. Ela não viria – ele declarou com simplicidade. – Você não desiste mesmo fácil, hein? – ele perguntou em voz baixa, olhando para o nada.

Abri um sorriso pálido para mim mesma, lembrando da voz rouca de Tristan me dizendo o quanto eu era teimosa e como essas conversas sempre eram encerradas por um beijo apaixonado. Ele amava a minha teimosia.

– É uma causa pela qual vale a pena lutar.

– É, acho que sim – ele concordou baixinho. – Eu estava disposto a morrer em nome da sua luta. Creio que você só está fazendo aquilo que precisa fazer.

– Bem, ela é a única que pode fazer alguma coisa, não é?

Virgílio permaneceu em silêncio por alguns minutos antes de responder.

– Acho que pode haver *uma maneira* – Virgílio disse depois de algum tempo. Ele se virou para mim com uma expressão séria.

– Acho que posso ajudá-la a falar com “Céu”. Posso lhe dar *isso* como presente de aniversário.

– Sério? Você faria isso por mim? – perguntei, incrédula, a esperança brotando de novo dentro de mim.

– Sim. – Mesmo sem palavras, os olhos de Virgílio me diziam que ele faria qualquer coisa por mim. Ele explicou rapidamente o plano e eu assenti, a empolgação tomando conta de mim a cada palavra dele. – Você entendeu tudo que eu lhe expliquei? – ele quis saber, sério.

Fiz que sim com a cabeça, ansiosa.

– Bom. Você precisa fazer isso agora, então – ele me encorajou.

– Tudo bem. Não tenho certeza de como cheguei até lá na última vez, mas vou tentar de qualquer jeito. – E deitei na cama.

– Simplesmente relaxe e tente diminuir o máximo que puder sua respiração e as batidas cardíacas. Concentre-se no deserto. Também estarei lá com você, prometo. – Ele colocou uma das mãos sobre as minhas. Relaxei no mesmo instante, pois as dores agudas cessaram com aquele toque. – Por que você faz isso? – ele quis saber, tomado pela curiosidade.

– Faço o quê? – Abri os olhos para o observar.

– Você solta um suspiro de alívio todas as vezes em que nos tocamos.

– Ah, desculpe. É só... o meu pulso que dói quando você está por perto, lembra? – Ergui o punho para mostrar a ele a marca negra por debaixo da minha pele.

– Sim, eu me lembro. Pensei que a dor faria você desejar estar o mais longe possível de mim – ele deduziu.

– É, bem, a dor para completamente sempre que você me toca.

– Mesmo? – ele indagou, surpreso.

– Sim. Completamente.

– Curioso – comentou Virgílio, pensativo.

– Isso é tudo que você tem a dizer? Pensei que teria uma explicação.

– Não tenho uma explicação. Então, devo tentar tocá-la sempre que estiver perto de você – ele prometeu, solene.

– Hum... isso soa muito estranho, mas obrigada, eu acho. Por favor, só não diga isso em voz alta, ok? – Fiquei um pouco vermelha.

– Por quê? Realmente preciso tocá-la quando estamos juntos, para o seu próprio bem. Por que as suas bochechas estão coradas? Você está passando mal?

Tossi na tentativa de esconder o meu constrangimento.

– Estou bem, não se preocupe. É só que... deixa que eu cuido dessa parte de toques quando estivermos próximos, ok? Se a dor ficar muito desconfortável, eu aviso, está bem? Agora, vamos nessa! – Eu me deitei de novo e fechei os olhos, mas estava agitada e ansiosa demais para pegar no sono. Passado algum tempo, abri um dos olhos e Virgílio estava ali, sentado ao meu lado, me observando.

– O que há de errado? – ele perguntou, preocupado.

– Nada. Só estou ansiosa demais. Não vou conseguir dormir agora – grunhi.

Ele olhou para mim, cansado.

– Posso ajudar a fazer com que o seu coração pare, só por alguns segundos, para que você consiga chegar lá. Mas vai ser bastante desagradável. Seria melhor se você fizesse isso por si mesma – ele explicou.

– Não, tudo bem. Você pode fazer. Está tudo bem para mim – eu o autorizei.

– Certo, então. Deite, por favor. – Ele se aproximou de mim com os olhos profundamente focados nos meus e repousou uma das mãos no meu peito, com as palmas abertas. Corei novamente, pois parecia que ele estava me dando uns amassos. Ele franziu a testa e me lançou um sorriso enigmático, com o rosto bem junto ao meu.

– Por que eu me sinto estranho por estar assim tão perto de você? – ele indagou em voz baixa com uma expressão desconcertada no rosto.

– É normal se sentir estranho. São “sentimentos” em ação. Não se preocupe com isso.

– Ah, compreendo. Curioso – ele murmurou. – Feche os olhos agora. E se concentre – ele ordenou. Fiz como ele me pediu. Ele colocou a mão sobre o meu peito mais uma vez e a mais estranha sensação se espalhou por todo o meu corpo. Era como se o ar fugisse completamente dos meus pulmões. Ele não estava brincando quando disse que aquilo seria muito desagradável. Eu me senti terrível por um segundo, então abri os olhos de novo e estava sentada na areia quente e cintilante.

Quando realizei que estava de volta ao deserto de Céu, me sentei rapidamente e olhei ao redor, desesperada. Virgílio estava bem ao meu lado, conforme prometera.

– Você precisa chamá-la depressa.

Nosso plano entrava em ação. Eu tinha que correr. Olhei para cima e percebi que o céu noturno começava a clarear no horizonte. Em breve, o sol nasceria, e bem depressa. Gritei o nome de Céu o mais alto que pude e quando eu começava a entrar em pânico, com o sol flamejante se erguendo mais que depressa, ela surgiu bem ao meu lado.

– Você está aqui! – exclamei e olhei para Virgílio. Ele fez um gesto rápido com as mãos e tudo parou. A bola de luz congelou em sua trajetória pelo céu. Virgílio havia feito aquilo de novo! Ele havia nos deixado à parte do tempo, naquela espécie de “*backstage*” entre os mundos. E assim eu não sofria mais o perigo imediato do sol escaldante, e podia conversar livremente, sem me preocupar com o tempo. Céu olhou ao redor, curiosa, por um segundo, mas não pareceu surpresa.

– Oi, Céu. Desculpe pela gritaria toda e por esse lance de congelar o tempo, mas preciso muito conversar com você – eu a cumprimentei, sem graça.

– Está tudo bem. Podemos conversar aqui. Amo as suas visitas, Joe. É ótimo vê-la de novo. – Ela disse caminhando em minha direção.

– Você não parece surpresa por me ver.

– Não estou. Você é muito persistente. Eu sabia que a veria de novo. – Céu então se virou para Virgílio. – Ele a ajudando no entanto... *isso* sim é uma surpresa! – E ergueu uma sobrancelha inquisitiva para ele. – Quebrando as regras? Isso não é nada característico, “*Virgílio*” – ela enfatizou o nome dele.

– Milady. – Virgílio fez uma leve reverência, em uma saudação formal, e a observou com aqueles olhos que nunca piscavam. – Fiz mudanças em meu jeito de ser – ele respondeu, sincero.

– Estou vendo. – Céu sorriu.

– Pedi a ele que nos trouxesse até aqui porque eu precisava conversar com você – expliquei.

Ela soltou uma risadinha e olhou para Virgílio.

– Está obedecendo às ordens dela agora, Virgílio? – Céu o provocou e ele pareceu irritado por um segundo. Percebi que Céu não gostava muito dele.

– Eu não dei *ordem* nenhuma para ele – interrompi. – Ele concordou em me ajudar porque é meu amigo. E hoje é meu aniversário, então pedi fizesse isso como um presente e Virgílio foi gentil o suficiente para aceitar o meu pedido – eu o defendi.

Virgílio olhou surpreso para mim quando o descrevi como um amigo.

– É mesmo? Foi mesmo muito *gentil* da parte dele. Os Mantos Cinzentos não são famosos por sua gentileza, sabe? Você deve tê-lo afetado muito, Joe Gray. Sabia que seria muito interessante observá-la. Você é muito boa em mudar as maneiras das pessoas – ela comentou, animada.

E aquela foi uma boa deixa para o script que eu havia planejado.

– Ah, sim, você não sabe? Sou muito especial e única. E gosto de visitá-la aqui. Quero ser sua amiga – eu disse, toda empolgada, e observei enquanto ela ria de orelha a orelha, feliz em ouvir aquilo. – E também costumo ser muito divertida, como você já deve ter percebido. Faço parte de uma grande e dramática história de amor, do tipo em que a garota se apaixona por um fantasma. Essa história é repleta de drama, romance e tragédia, também. E nós dois brigamos, lançamos feitiços perigosos e fizemos amigos incríveis. Formamos uma banda. É diversão vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. – Eu parecia um locutor de televisão que anunciava o seriado mais incrível do mundo. – Mas, agora, sinto lhe informar que o show tenha chegado ao fim – expliquei, deixando a empolgação ir aos poucos sumindo da minha voz.

O sorriso radiante de Céu perdeu o brilho quando ela ouviu aquilo.

– Sim. Está tudo acabado. Agora eu passo o dia todo me arrastando pela casa, me lamentando. Nada mais de piadas, diversão ou aventuras para mim. Estou desistindo de tudo. Vou

deixar a banda. Estou tirando esse programa do ar. É melhor mudar para outro canal. – Caminhei até Céu e repousei um dos braços sobre os ombros dela. Um movimento corajoso, eu admito, mas eu era uma mulher desesperada.

Continuei meu monólogo.

– Mas tenho uma proposta para fazer. – Eu me aproximei ainda mais dela. – Vamos fazer um trato, bem aqui, neste exato momento, só você e eu. Você traz Tristan de volta para mim, sem nenhum truque ou data-limite mágica como da última vez e de uma forma que o pessoal do Virgílio não tenha nenhum motivo para se queixar, pois não haverá nenhum erro que necessite ser corrigido. Você o traz de volta e eu prometo o melhor dos programas para a sua diversão. Será uma vida repleta de possibilidades que você poderá assistir e tenho certeza de que irá gostar. Além disso, você sempre poderá me visitar, quando quiser. Nos seus dias de folga, sabe? Seria legal. Tenho certeza de que ninguém jamais lhe fez essa proposta antes. – Eu a observei de perto, à espera de uma reação. Mas era impossível decifrá-la. – Sei que você já disse que não pode se meter nesse tipo de assunto, mas sei, com toda a certeza, que você faz isso o tempo todo! – continuei. – Você faz isso de forma sutil, tentando não atrair muita atenção para si, mas sei que às vezes acontecem milagres, casos em que uma pessoa está morta em um minuto e, no instante seguinte, retorna à vida... Há um monte de histórias, em todos os lugares, de pessoas que *enganaram a Morte* – eu disse, empolgada. – Mas a verdade é que eles não *enganaram* você, não é mesmo? Ninguém pode enganar *você!* Você *permitiu* que eles vivessem porque essa era a sua vontade. Não estou certa? Você deixou que isso acontecesse! Todos eles provavelmente têm vidas interessantes. Sei muito bem como é quando um programa de TV que eu adoro é cancelado! – Apertei o ombro dela. Eu abusava da sorte. – Então sei que você pode fazer isso por mim se realmente quiser. O que você me diz, Céu? Temos um trato? – Prendi a respiração à espera de uma resposta.

Eu havia utilizado todas as minhas armas, todo o meu poder de persuasão. Céu não se convenceria com súplicas do meu amor por Tristan e o quão desesperadamente eu o queria de volta. Ela precisava de um bom motivo. *Para ela*. Eu rezava com todas as minhas forças para que eu a houvesse julgado corretamente. Ela sempre mencionava o quanto me achava interessante e divertida. E ser a Morte desde o início dos tempos deve ser algo um pouco tedioso.

Ela olhou para mim, pensativa.

– Você tem mesmo se lamentado muito ultimamente – ela murmurou e voltou os olhos para Virgílio. – E você? – Ela começou a andar na direção dele, livrando-se do meu abraço. Ele havia observado nossa conversa com uma expressão indecifrável no rosto. – Tenho certeza de que você vai querer *reportar isso* para o seu pessoal.

– Não há nada a ser reportado aqui – Virgílio garantiu e fez uma leve reverência. – Como a garota mencionou, esse é um trato entre vocês duas. Não tenho nada a ver com isso.

– Você está mais poderoso porque a garota lhe deu um nome – Céu ponderou.

– Possuo mais poder do que outro indivíduo sozinho. Mas eles são muitos. Não posso subjugar-los – ele declarou.

Céu olhou para cima, parecia refletir sobre tudo que foi dito.

– Mas você não contaria nada e tem certeza de que eles não viriam me perturbar por causa disso? – Um sorrisinho brincava nos lábios dela.

Virgílio assentiu.

– Então vamos tornar as coisas bem interessantes, que tal? – Ela então abriu um sorriso de orelha a orelha. – *Nós temos um trato, Joe Gray!* Pode ter o seu garoto fantasma de volta e uma vida repleta de possibilidades! E quanto a você... – ela se virou outra vez para Virgílio – ...você agora terá uma vantagem ainda maior quando lidar com os seus colegas de manto, caso eles queiram criar problemas. – Ela pressionou um dos polegares no meio da testa dele. Os olhos de Virgílio se arregalaram, surpresos, enquanto uma luz branca cintilou dentro deles. –

Isso vai ser muito divertido de assistir! – Ela soltou uma risadinha após tirar a mão da cabeça de Virgílio. Ele ficou parado, olhando pasmo para ela.

– O que você fez com ele? – perguntei, muito preocupada. Ele parecia estar bem, um pouco surpreso, mas não ferido. Céu soltou uma risadinha diante do meu olhar de preocupação.

– Não se aflija. Fiz apenas algumas melhorias nas “habilidades” dele. A partir de agora ele não terá mais problemas para lidar com seus colegas, sejam apenas um ou muitos deles. Use os novos poderes com sabedoria, Virgílio – ela o advertiu com seriedade. – E você deve voltar para o seu garoto fantasma, Joe Gray. Mas ficaremos em contato e lhe farei uma visita quando estiver “de folga”, como você me convidou.

Corri na direção dela e lhe dei um abraço apertado. Um calafrio atravessou minha espinha quando a envolvi em meus braços.

– Obrigada, Céu – agradei, trêmula de emoção.

– Não precisa me agradecer. *Nós temos um trato.* Cumpra a sua parte que cumprirei a minha. – Céu soltou uma gargalhada que mostrou o quanto ela achava tudo aquilo divertido. – Você é tão imprevisível. Ninguém nunca quis me abraçar antes!

Eu lhe lancei um sorriso sem graça. Não podia lhe dizer que aquele havia sido um abraço bem desagradável. Os calafrios ainda subiam pela minha espinha, mas achei que aquela devia ser uma reação normal quando se abraça a Morte...

– Onde ele está? Quando posso vê-lo? – Eu mal conseguia me conter.

Ela riu da minha ansiedade.

– Vou buscá-lo agora. Ele já deve estar no seu mundo quando você voltar. Se cuidem, Grays. – Ela abaixou um pouco a cabeça, fazendo uma leve reverência para mim e Virgílio, e então sua imagem tremeluziu até que desapareceu por completo sem esperar por nenhuma resposta.

Olhei para Virgílio e ele sorria com os olhos repletos de admiração enquanto caminhava para perto de mim.

– Vamos, Joe Gray. É hora de ir para casa. – Ele pressionou a palma de uma das mãos contra o meu peito e uma luz cintilante e intensa explodiu diante dos meus olhos, e meu coração começou a bater depressa, retumbando dentro do peito. Olhei ao redor e vi as paredes do meu quarto. Ouvei a voz de Virgílio ao meu lado, calma e tranquilizadora. Uma das mãos dele estava sobre o meu braço.

– Tente respirar devagar e relaxe. Esse desconforto logo passará – ele me instruiu. Tentei relaxar enquanto as palavras de Céu reverberavam na minha cabeça. *Volte para o seu garoto fantasma. Ele já deve estar no seu mundo quando você voltar.* Eu havia convencido a Morte a trazer Tristan de volta para mim!

Virgílio me observava com um sorriso gentil.

– Você parece feliz – ele comentou.

– Eu *estou* feliz. Obrigada, Virgílio. – Eu me sentei devagar.

– Você foi brilhante. Fiquei muito impressionado.

– Ah, você me conhece. Sou muito especial, única e divertida – brinquei.

– Sim, *você é* muito especial. – Ele abriu um leve sorriso. – Tenho orgulho de ser seu amigo.

Olhei para ele e vi que uma sombra de melancolia por trás de seus olhos.

– Você é um bom amigo. Eu não teria conseguido fazer nada disso sem a sua ajuda, Virgílio. Muito obrigada – eu disse, realmente grata.

– Fico feliz em poder ajudar. Não gosto de vê-la triste.

– Você virá me visitar mais vezes? – perguntei do nada. Ele pareceu surpreso por um segundo.

– Você quer que eu a visite?

– É claro! Você é meu amigo. Espero que a gente mantenha contato. – Sorri.

– Eu virei. E você sabe onde me encontrar caso precise de mim. – Ele se levantou.

Olhei para o meu pulso, que começou a doer de novo assim que ele parou de me tocar. Logo, porém, a dor parou e olhei para cima. Virgílio não estava mais lá.

Saí da cama como um raio e corri para o andar de baixo, gritando por Tristan. Olhei em todos os cantos, a sala, a cozinha, os quartos. A casa estava vazia. Onde ele poderia estar? Foi então que o cemitério surgiu na minha mente. O gramado oval, o lugar onde ele apareceu pela primeira vez.

Aquele era o ponto mágico mais forte de toda Esperanza.

Corri para o cemitério o mais rápido que pude. Os portões de ferro passaram por mim como um borrão e minhas botas escorregavam ruidosamente no caminho congelado. Disparei pelas alamedas, pulando montes de neve em meu caminho. Meu cabelo chicoteava o meu rosto e o ar condensado saía da minha boca em lufadas quentes. Só parei quando alcancei o círculo de grama e olhei ao redor com urgência, mas não havia ninguém ali. Gritei o nome de Tristan, mas não houve resposta. Será que Céu havia mentido para mim? Ou talvez ela precisasse de mais tempo...

Comecei a bater o pé, impaciente, e olhei para o chão. Havia pegadas na neve! Alguém havia estado por ali e fazia pouco tempo. As pegadas começavam no meio do círculo de grama e iam para a esquerda. Após alguns minutos, reconheci o caminho que eu seguia. Acompanhei as pegadas, caminhando depressa e com os olhos focados na trilha. Elas me levavam até o túmulo de Tristan!

Quando tive certeza de para onde as pegadas me levavam, comecei a correr e em alguns segundos eu estava no túmulo de Tristan. Olhei para cima.

E então eu o vi.

Ele estava sentado sobre sua lápide, olhando para o horizonte frio. Os belos olhos cinza cintilavam com uma imensa solidão.

– Tristan! – berrei.

Ele virou a cabeça na minha direção com os olhos arregalados de surpresa, choque e alegria. Ele pulou da lápide para o chão coberto de neve, seus pés afundando na neve com o impacto.

– Joey – Tristan sussurrou, sua respiração pesada de emoção. Ele começou a correr na minha direção e eu também fui mais que depressa para os seus braços, mas ambos paramos a

alguns centímetros um do outro, olhando-nos, maravilhados. – Eu sabia que você seria capaz de me ver, apesar de eu ser um fantasma de novo – ele disse com um misto de alegria e tristeza.

Olhei para ele, confusa. Tristan pensava que estava morto. Ele deve ter acordado no cemitério e achado que voltara a ser um fantasma.

– É claro que posso vê-lo. Sempre serei capaz de ver você. – Envolvi o rosto dele com as minhas mãos, me aproximei e lhe dei um beijo apaixonado. Os olhos dele se abriram, no mais completo choque, e ele parou de respirar por alguns segundos em surpresa. – Também posso tocá-lo, como você pode perceber. – Ri ao ver sua expressão atordoada. Ele me pegou pelos ombros para assegurar que aquilo não era um truque. Em seguida, me beijou com mais intensidade do que nunca. Ambos estávamos sem fôlego quando terminamos o beijo e ele me abraçou pela cintura e me girou até que estivéssemos soltando gargalhadas como se fôssemos duas crianças outra vez.

– Como isso pode ser possível? – ele perguntou, maravilhado, depois de recuperar o fôlego.

– Convenci Céu a trazer você de volta. A partir de agora precisamos ser muito divertidos. – Soltei uma risadinha diante da expressão confusa tomando conta de seu rosto. – Conto tudo depois. Agora, tudo de que preciso é abraçar você. – Eu o apertei com todas as minhas forças.

Tristan soltou uma daquelas risadas maravilhosas tão dele e meu coração quase explodiu ao ouvir aquele som outra vez. Olhei bem fundo nos olhos de Tristan. Ele chorava. Assim como eu.

– Os seus olhos... ainda são... cinza... de verdade. – Funguei. Foi a primeira coisa que eu havia lhe dito quando ele despertou um ano atrás, no sofá da sala da minha casa. Ele sorriu e ruguinhas surgiram ao redor dos belos olhos cinza, que cintilaram, brilhantes e cheios de lágrimas.

– E os seus ainda são negros como a noite – ele respondeu com delicadeza.

– Como está se sentindo?

– Como o mais feliz dos garotos vivos. – Ele me beijou de novo, intenso e apaixonadamente.

E eu me sentia como a mais feliz das garotas vivas.

Eu tinha o meu menino fantasma para amar, minha banda querida mais uma vez reunida, e, juntos, estávamos prontos para qualquer coisa. A vida era cheia de possibilidades mais uma vez.

## Agradecimentos

Eu dedico este livro a Gillian Green, por acreditar em mim e em minha história.

Dedico a meus pais, João e Nise, por me mostrarem o quão importante os livros são, por me darem todo o apoio que sempre precisei e por me deixarem ser livre para perseguir meus sonhos.

Para minha segunda mãe Selma e meu segundo pai Paulo, por me ajudarem e por torcerem por mim sempre.

Dedico este livro a Eva Lau e toda sua equipe do Wattpad, por todo seu apoio; Para Tamsin Jupp, minha querida garota Dentes-de-Leão, Robyn Williams e Hannah Rose, minhas primeiras e mais adoradas Lost Girls.

Dedico este livro para o amor da minha vida, meu marido, meu Tristan, por todo seu encorajamento, por me mostrar como sempre almejar pela excelência em qualquer coisa que decidir fazer, por ser meu porto seguro em todas as tempestades, por sempre estar comigo e por me amar, sempre, até o fim e desde o início.

Para Tom, Doug, Danny e Harry, por me mostrarem o que a amizade verdadeira realmente significa; e para todos os fantásticos músicos que me inspiraram com suas canções através de todos os capítulos deste livro.

Mas, principalmente, eu dedico este livro para o Exército dos Lost Boys.

Este livro não existiria se não fosse pelo seu imenso apoio e amor.

Continuem fortes,  
Sua sempre,  
Lily.

## A Caminhada da Gemada

Certo dia, eu caminhava pelo corredor da escola para ir ao refeitório quando ouvi gritos e pessoas conversando, empolgadas, e me virei para ver o que acontecia. Foi então que percebi que Bradley e sua turma de atletas formavam um círculo para importunar algum pobre garoto cercado ali no meio da roda. Bradley era conhecido por reunir sua galera para obrigar algum novato a participar de suas brincadeiras humilhantes. Várias pessoas já tinham me contado um monte de histórias horríveis nas minhas primeiras semanas na escola.

Tentei abrir espaço em meio à multidão para descobrir quem estava sendo humilhado daquela vez, mas havia muita gente se apertando naquela multidão que se aglomerava para assistir ao trote, e eu não conseguia ver o que acontecia. Minha curiosidade acabou sendo maior e empurrei alguns atletas para longe do meu caminho, enfiando a cabeça no círculo para ver melhor. E, lá dentro, com as costas coladas uns nos outros, estavam Josh, Seth, Harry e Sam. Ah, meu Deus! Os *pobres garotos* levando o trote eram *os meus* garotos!

Todos eles pareciam assustados e em postura defensiva. Apenas Seth tentava demonstrar alguma coragem estufando o peito para intimidar Bradley, mas não conseguia causar o efeito desejado. Bradley simplesmente ria de Seth e o ameaçava ainda mais. Bradley tinha todo o time de basquete ao seu lado e sabia que podia cantar de galo.

– Vamos lá, Seth, meu garoto! Você já sabe o que vai acontecer, queira você ou não! Pode começar a tirar agora ou

eu mesmo farei isso! E isso também serve para o resto de vocês! – Bradley berrou.

– Vá se ferrar, Bradley! Você está fazendo isso por vingança só porque eu não quero mais fazer parte desse seu time de basquete idiota! Eles não têm nada a ver com isso! – Seth gritou, posicionando-se à frente da banda.

– Pode até ser, mas mesmo assim você ainda vai ter que fazer o que estou mandando. Você e a sua *bandinha de meninos*! Podem tirar tudo! – ele berrou, um pouco mais enérgico dessa vez.

Harry se encolheu um pouco ao lado de Josh, seu cabelo vermelho e desarrumado caindo sobre o rosto. Harry era o cara mais doce e pacífico que eu conhecia e vê-lo ser coagido daquele jeito fazia com que o sangue fervesse nas minhas veias como um vulcão prestes a explodir. Dei um soco na costela do atleta na minha frente, fazendo ele se curvar de dor, e o empurrei para passar por ele, me juntando à banda no meio da roda.

– Ei! Que diabos está acontecendo aqui?! – gritei e juntei forças com Seth, ficando bem ao lado dele. – Se os miolo-moles aí não tem nada melhor para fazer, tenho certeza de que as criancinhas do jardim de infância podem ajudar vocês a encontrar algumas atividades divertidas. Bem, pelo menos algumas que não forcem muito os cérebros minúsculos de vocês! – Abri um sorriso de desdém para Bradley e a galerinha dele.

Bradley me lançou um olhar de zombaria e parou a apenas alguns centímetros do meu rosto. Aparentemente, ele ficava muito mais corajoso quando tinha os amiguinhos de seu time ao seu lado. Se fôssemos apenas ele e eu no tatame, as coisas seriam muito diferentes.

– Olhe só! O que temos aqui? Joe Gray. Outro garoto da sua *bandinha*, não é, Seth? – Bradley zombou de mim e da minha banda.

Eu estava acostumada com as pessoas me chamando de menino por causa do meu nome e da maneira como eu me

vestia. Em qualquer outra ocasião, eu simplesmente teria dado de ombros e caído fora dali, mas Bradley-Cara-de-Babaca conseguia me deixar louca da vida.

Olhei para ele com os dentes cerrados. Ele era grande. Mas eu podia causar algum estrago, até mesmo acertar um ou dois socos certos se fosse rápida o suficiente. Eu estava treinando com o Sensei Kingsley, afinal de contas. Só que havia o resto do time com quem eu deveria me preocupar. Eu era boa, mas era só uma. E eles eram muitos.

Comecei a fazer um movimento, mas Seth segurou o meu braço antes que eu pudesse me lançar para cima de Bradley.

– Não, Joey! – Ele me afastou de Bradley-Cara-de-Babaca, me puxando para trás dele, com o resto da banda. Sam e Josh me seguraram para que eu não fosse de novo para a linha de frente.

– Já chega desse papo furado, Seth! O tempo acabou! – Bradley latiu, olhando para mim como quem achava graça da minha valentia e eu não fosse nada mais que um mosquito irritante.

– O tempo acabou para quê? perguntei detrás de Seth.

– É hora do trote mais famoso de Sagan! Comecem a tirar a roupa e se preparem para o ataque. Galera, tudo certo com os ovos? – Bradley berrou para uns garotos ao lado dele. – E, lembre-se, depois da ovada, é preciso seguir até o final desse corredor. Todos têm que ver vocês. – Ele sorriu, maligno.

Oh-oh! Tirar a roupa e receber ovada? E depois ainda desfilar pelo corredor? Olhei para os meninos. Eles encaravam os atletas com um misto de ódio e medo. Toquei no braço de Harry e ele se virou brevemente na minha direção e me lançou um sorriso tenso e preocupado. Foi então que ouvimos alguém limpar a garganta bem ao lado de Bradley.

– Brad, cara. Você se importaria em me explicar isso?

Todos se viraram para ver Tristan ao lado de Bradley no centro do círculo. Tristan nos observava calmamente, com os braços cruzados sobre o peito.

Bradley deu um pulo, assustado com a proximidade súbita de Tristan.

– Meu Deus, cara! Você deveria andar por aí com um sininho pendurado no pescoço ou alguma coisa do tipo! Você sempre aparece assim do nada, sem fazer nenhum barulho! – Bradley ganiu, colocando uma das mãos sobre o peito.

Abri um grande sorriso atrás de Seth. Tristan era mesmo mestre em surgir do nada. E Bradley não fazia a menor ideia de como Tristan também era bom em desaparecer! Ninguém sabia sobre a habilidade especial de Tristan de virar fantasma, mas ele a utilizava o tempo todo sempre que queria dar um passeio noturno após o toque de recolher ou para evitar as multidões e ficar sozinho.

– Vim ver o que está causando toda essa comoção – Tristan explicou. – Você se esqueceu de me contar sobre essa reuniãozinha. Algum problema com a minha banda?

*Minha banda.* Olhamos uns para os outros. Sam e Josh fizeram caras engraçadas, como se dissessem: “*Vocês ouviram isso?*” Tristan nunca havia aceitado completamente o fato de fazer parte da banda. Até aquele momento.

– Ei, cara, não se preocupe. Você está fora dessa, já que faz parte do time de basquete – Bradley disse, preocupado. – É só um trote amigável, apenas isso. Não faremos mal a ninguém, é só uma diversãozinha leve.

– E essa “*diversão*” seria...? – Tristan perguntou, curioso.

– Você sabe. A Caminhada da Gemada. A galera tira a roupa e caminha enquanto jogamos ovos neles. É só uma andadinha, nada demais. Mas você está liberado. Pode ficar de fora dessa, amigão, não precisa se preocupar. – Bradley testou a reação de Tristan.

Bradley não queria que Tristan soubesse do time de basquete como havia acontecido com Seth no ano anterior. Tristan passara a ser o menino de ouro da equipe, pois, desde que ele havia entrado na equipe, o time tinha começado a se sair muito melhor em todas as partidas. Tristan era bom em vários esportes e, apesar de nunca ter jogado basquete na vida, ele

aprendia muito depressa, da mesma forma que assimilava rápido todas as outras coisas da vida moderna.

Por isso, eu tinha certeza de que Bradley jamais obrigaria a nova estrela da equipe a fazer nada que fosse humilhante na frente de toda a escola, mesmo Tristan sendo membro da banda, o alvo principal do trote daquele dia.

Mas Bradley pareceu perder terreno após a chegada de Tristan. A multidão começou a se dispersar assim que as pessoas se deram conta de que o trote poderia não acontecer. Alguns, no fundo do corredor, chegaram até a vaiar.

– E se eu não quiser “ficar de fora dessa”? – Tristan perguntou em um tom calmo e suave.

Harry, Josh e Sam sorriram uns para os outros. Eu não podia ver o rosto de Seth, mas seria capaz de apostar uma boa grana que ele também sorria.

– O quê? – Bradley deixou escapar, irritado.

– Bem, estou vendo que o alvo desse trote é a minha banda e, já que também sou um dos membros da banda, devo considerar que também preciso fazer parte do trote, certo? Ou, talvez, eu possa ficar fora dessa com o resto da banda. Ou será que estou pressupondo demais? – Tristan ponderou.

– Es... espere. Como assim?! Não! Que diabos, claro que não! Eles não vão escapar de porcarias nenhuma! – Bradley berrou, louco da vida. Ele não estava gostando nada de ouvir aquelas vaias, sua reputação de mestre dos trotes em risco agora. Bradley jamais voltaria atrás. Era uma questão de orgulho, controle e de não perder a autoridade diante da multidão que observava, ansiosa. A banda não vai escapar dessa – gritou mais uma vez.

Tristan deu de ombros e foi para o lado de Seth.

E então ele parou.

E começou a tirar a roupa!

A multidão soltou alguns murmúrios de surpresa e sussurros chocados enquanto Tristan tirava a camisa. E o barulho da multidão aumentou ainda mais depois que ele chutou os tênis para longe e começou a desafivelar o cinto.

– Tudo bem, então – Tristan disse enquanto tirava a roupa. – Se não posso convencê-lo, o melhor é me juntar a eles.

– Todos ficaram de queixo caído, inclusive a banda e eu. Corri para Tristan e segurei as mãos dele para impedir que abrisse o zíper do jeans.

– Tris! Que. Diabos. Você. Está. Fazendo? – Soltei um gritinho agudo enquanto tentava sussurrar ao mesmo tempo.

– Estou seguindo as regras do trote. – Ele piscou para mim e em seguida acrescentou em um tom mais suave: – A gente tem mais é que se divertir com essas coisas. Tudo só depende da nossa atitude, Joey. A questão é que as pessoas não sabem como reagir na maior parte do tempo. Se você fizer com que elas percebam a situação do jeito que você quer, é assim que vai ser. Se você não se sentir humilhada, então não será humilhante. Se quiser tornar a situação divertida, então eles irão achar que estão se divertindo. Vocês se preocupam demais em se sentirem envergonhados. A vida é muito curta! Viva um pouco!

Ele então abriu o zíper e tirou a calça, ficando apenas com uma cueca boxer preta. Eu estava atônita! Logo em seguida ouvi a voz de Harry detrás de mim. Ele também estava tendo seu momento chocante de epifania.

– Quer saber de uma coisa? Tristan está totalmente certo! Vou me divertir um pouco também e que se dane! Quem está comigo?! – Harry berrou todo empolgado e começou a tirar a roupa. Todo o medo havia sumido do rosto dele.

Ele tirou a camisa primeiro e todo o mundo pode ver a incrível tatuagem verde e vermelha que cobria a parte superior de seu braço direito, do ombro e um pedaço do peito liso. Era mesmo um desenho muito bonito, ondas revoltas pintadas de verde se mesclando com chamas vermelhas, o fogo rubro se misturando com o verde da água.

Harry tirou a calça e ficou apenas com uma cueca boxer vermelha, listrada, que combinava com o cabelo ruivo e espetado, enquanto Josh, Sam e Seth começavam também a

tirar as camisas, sorrindo que nem malucos. Palmas, assovios e gritos animados explodiram por toda a multidão que assistia.

Pensei comigo mesma "*Que diabos?*" e decidi que me juntaria à minha banda. Dei graças a Deus por estar vestindo meu top esportivo e shorts debaixo do meu moletom, já que eu tinha aula de educação física no último horário, senão eu estaria ferrada! Quando comecei a tirar a camiseta, os assovios e a gritaria dobraram em quantidade e volume. Os garotos pararam de tirar a roupa e olharam para mim, surpresos e achando a maior graça ao mesmo tempo.

– O que foi? Também faço parte da banda, não é? – declarei com firmeza.

Eles soltaram sonoras gargalhadas e bateram palmas como uma forma de apoio enquanto eu tirava os sapatos e a calça.

Bradley não conseguia acreditar no que via. Não era capaz de compreender o que estava acontecendo. Não era para a gente estar gostando daquilo! Tristan tinha acabado com o trote dele! Aquilo havia sido genial! Aquele garoto era mesmo brilhante!

– Então acho que está na hora da ovada. Se vocês puderem começar com o trote, cavalheiros, eu agradeceria muito. – Tristan se colocou na frente da fila de Lost Boys seminus.

O barulho se tornou ainda mais intenso. Eu não sabia como ainda não havíamos chamado a atenção dos professores para que dessem logo um fim a tudo aquilo. Bradley fez um sinal para a sua tropa porque simplesmente não sabia mais o que fazer. Na dúvida, siga o protocolo, era a filosofia dele. Seus capangas pegaram os ovos e estouraram um na cabeça de cada um de nós, todos ao mesmo tempo, enquanto as pessoas aplaudiam ao redor. Tristan fez um gesto para que o seguissemos com um sorriso de orelha a orelha.

Harry tomou a dianteira, liderando nossa marcha, e gritando para a multidão:

– Abram caminho pessoal, os Lost Boys estão passando! Estamos passando! – ele anunciava em voz alta todo animado.  
– E não percam os nossos ensaios, vocês poderão ouvir nossas músicas incríveis e se tornarem nossos fãs!

Tristan estava logo atrás de Harry, andando com ambos os braços erguidos em um gesto de vitória. Os músculos definidos de seus braços, abdômen e costas se retesavam e se moviam debaixo da pele firme. Os ombros fortes e o peito largo e definido faziam com que todas as meninas no corredor soltassem longos suspiros e risadinhas enquanto ele passava. Tristan ficava mesmo impressionante só de shorts. Eu lutava com todas as minhas forças para não babar diante da visão de Tristan seminú.

Josh e Sam morriam de rir da atuação teatral de Harry à nossa frente. Seth ficou o tempo todo ao meu lado no fim da fila, de mãos dadas comigo em uma postura protetora, e de vez em quando acenava para a multidão. Eu estava empolgadíssima, adrenalina correndo por todo o meu corpo, fazendo com que o meu coração batesse acelerado no peito. As pessoas gritavam, animadas, para a gente, batiam palmas e berravam o nome da nossa banda sem parar. Eu me sentia como uma verdadeira estrela do rock e me lembraria daquele dia para sempre.

Aquele foi o nosso primeiro dia como uma banda de fato unida. A primeira vez que sentimos que, juntos, poderíamos conquistar o mundo. Podíamos fazer o que quiséssemos. Estávamos nos transformando em lendas! Quando enfim chegamos ao final do corredor e estávamos prestes a retornar para pegar nossas roupas, o diretor Smith surgiu bem na nossa frente. Posso dizer que ele não estava nada feliz quando fez um gesto para o seguíssemos até o gabinete dele antes de desaparecer enquanto as pessoas gritavam, animadas, para nós.

Pegamos as nossas roupas no chão e corremos para a sala do diretor. Bradley e a sua turma sorriram com desdém quando passamos e logo sumiram em meio à multidão.

\*\*\*

Deixamos o gabinete do diretor Smith mais que depressa. Eu não queria abusar da sorte por nem mais um segundo. O diretor parecia estar bem irritado comigo, mas não dei a mínima para nenhuma de suas carrancas, pois sabia que estava certa.

Houve a maior gritaria no gabinete, feita principalmente por mim e pelo diretor Smith. Primeiro, ele queria pôr a culpa na gente. Chegou até a mencionar que poderíamos pegar horas e mais horas de detenção. Foi então que resolvi usar expressões como "processo" e "troles sendo permitidos nas dependências da escola". Após mais algumas ameaças, incluindo o fato de eu ainda estar decidindo se ligaria para a minha mãe para contar sobre o incidente cruel e humilhante que acontecera comigo na escola "*dele*", o diretor Smith recuou e concordou em nos deixar ir embora. Fiz até mesmo que ele promettesse que "daria uma palavrinha" em repreensão com o time de basquete.

Assim que abandonamos o gabinete do diretor, Harry saiu correndo à nossa frente, gritando "*Uuuuuuuuuuuuuuuuu!*" a plenos pulmões, com os braços para cima enquanto Josh me pegava no colo.

Seth dava pulinhos ao nosso lado, cantando "*Jo-ey, Jo-ey*", enquanto Sam e Tristan caminhavam, conversando empolgados, atrás da gente.

Continuávamos todos sem camisa porque ainda estávamos cobertos de gema de ovo e vesti-las de novo só sujaria nossas roupas, mas pelo menos estávamos com as calças de volta.

Decidimos seguir para o meu quarto (que também era o quarto de Seth e Tristan) depois de tudo aquilo. A maior parte das pessoas já haviam se dispersado dos corredores, apenas alguns perdidos caminhavam pela escola e nos cumprimentavam ainda empolgados quando nos viam passando.

Estávamos quase na porta do meu quarto quando Tiffany nos alcançou.

– Que diabos aconteceu, Joey?! – ela gritou, correndo na minha direção com os olhos arregalados e os cabelos loiros voando de um lado para o outro. Ri ao ouvir minha amiga

blasfemando. Como Tristan, Tiff nunca usava aquele tipo de vocabulário. Ambos foram muito bem criados e tinham muito boas maneiras.

Cutuquei Josh para que ele me colocasse no chão, o que ele fez com todo o cuidado. Todos pararam na porta e olharam para mim.

– Podem ir na frente, gente. Entro em um minuto! – Fiz um gesto para que seguissem em frente.

Eles assentiram e entraram, conversando, alegres, e ouvi Seth dizer para Tristan:

– Quero saber como vamos conseguir sossegar o facho do Harry agora! O cara está todo hiperativo! Olha só para ele!

Harry ainda não havia parado de berrar "Uuuuuuuuuuuuuuu!" dentro do quarto, ainda empolgadíssimo com a sua descarga de adrenalina.

Eu ri e balancei a cabeça, virando-me para Tiffany.

– E então? – ela quis saber, frenética. – Sai do meu quarto e todo mundo não parava de falar sobre "A Banda" (ela fez um sinal no ar que indicava aspas) andando seminus pelo corredor, que o diretor Smith pegou todo mundo no flagra, que rolou uma comoção gigante por toda a escola e que no final vocês foram levados às pressas para a diretoria! – ela me contou os boatos que tinha ouvido.

– Certo, é mais ou menos isso aí mesmo. Acho que você resumiu tudo o que aconteceu, Tiff. Mas não nos metemos em nenhuma encrenca, por isso não precisa se preocupar. Vamos entrar e eu lhe conto tudo sugeri.

Ela olhou para o celular e pareceu aflita com alguma coisa.

– Desculpe, Joey, mas acho que vamos ter que deixar para depois. Preciso resolver uma emergência da equipe de líderes de torcida – ela se desculpou com uma expressão triste enquanto lia a mensagem no telefone. – Essas idiotas sem-noção não conseguem mesmo fazer nada sem mim – ela grunhiu, irritada.

– Ah, qual é, Tiff? Você não está curiosa para ver um certo loirinho totalmente *sem camisa* ali dentro do meu quarto? –

perguntei sorrindo e balançando as sobrancelhas insinuantemente para ela.

Tiffany ficou roxa de vergonha e os olhos dela se fixaram imediatamente na porta do quarto.

– Desculpe, Joey, mas eu realmente preciso ir – ela murmurou mordendo os lábios e olhando, relutante, para a porta. – Você me conta todos os detalhes depois, ok? – E foi embora às pressas, ainda um pouco vermelha.

Eu a observei se afastar e parei diante da porta do quarto. Eu estava prestes a entrar quando ouvi os meninos conversando.

– Você está falando sério? O Sensei Kingsley? Mas ele é maluco! – Sam retrucava com alguém.

– Estou falando, cara. Joey está treinando com ele agora. Ela pode detonar qualquer um aqui! – Era Josh quem falava. Pude reconhecer pela voz grave e profunda.

– Já falei que ela é fantástica! Então, vamos parar com essa idiotice. O que vocês acham? – Seth entrou na conversa.

Foi então que decidi entrar no quarto.

– E aí, gente?! – Fechei a porta atrás de mim e sorri para eles.  
– O que está rolando?

Todos se viraram para mim, sorrindo largo.

– Ei, Joey, é verdade que você está treinando com aquele biruta do Kingsley? – Harry quebrou o silêncio.

– Estou sim. Até recebi um elogio dele na última aula!

– Sem chance! – Sam gritou, agitando o cabelo castanho e cacheado ainda todo melado de gema de ovo para todos os lados.

– Bem, isso aconteceu uma vez só. Mas é mesmo verdade! Sei que ele nunca elogia ninguém... por isso fiquei muito feliz! – Abri um sorriso de orelha a orelha. – Por quê? Tem algo de errado em treinar com o Sensei Kingsley?

– Você ia mesmo dar um soco naquele fedorento do Bradley, não ia? – Seth se reclinou na cabeceira da cama e cruzou as pernas. Sam estava sentado bem ao lado dele.

– Esse era o plano. Falando nisso, por que você me parou? Eu poderia ter pelo menos quebrado o nariz dele, sabia?

– Porque aí você seria expulsa – Tristan me interrompeu e fez uma careta de desaprovação.

Tristan estava sentado na cama dele, com Josh na beirada. O moicano escuro de Josh brilhava graças à clara do ovo, mas ele não havia sido muito atingido. Sam foi quem levou a pior. Os cachos castanhos estavam cobertos por um emaranhado de gosma de ovo. Tristan não tinha quase nada no cabelo. Harry, assim como Sam, também não tinha se dado nada bem. O cabelo vermelho e em geral espetado estava todo bagunçado e o ovo pingava de suas mechas. E eu nem conseguia examinar o cabelo de Seth direito, pois o ovo havia se misturado suavemente ao cabelo loiro.

Meu cabelo também devia estar nojento! E todo aquele cheiro de ovo que vinha dele fazia com que de tempos em tempos eu ficasse sem ar. Eu me virei para olhar para todos eles e só então me dei conta de que eu estava em um quarto com cinco caras sarados, bonitos e sem camisa que olhavam fixamente para mim. E que eu só vestia um short e o meu top apertado da educação física!

Tentei parar de corar, só que não deu muito certo.

– Bem, teria valido a pena. Eu estava morrendo de vontade de quebrar a cara do Brad – murmurei, tentando esconder o quanto estava sem graça. Fui até a pilha de camisetas e tentei achar a minha da forma mais casual possível. Eu sabia que os meninos jamais parariam de me zoar se descobrissem que eu estava com vergonha de ficar ali com eles só de top.

– Você é corajosa, mulher – Josh zombou, lançando um olhar significativo para Seth.

– Eu lhe disse. Ela é brilhante! E então, galera, o que vocês têm a dizer? Ela está aqui. É pegar ou largar. De uma vez por todas. – Seth cruzou os braços debaixo da cabeça.

Olhei para eles, curiosa, com a camiseta nas mãos. Eles começaram a sorrir como um bando de malucos mais uma vez. O que estava acontecendo?

– Ei. Ela definitivamente tem o meu voto – Harry foi o primeiro a falar. – Não ligo se ela é uma menina. Ela tem mais

colhões que todos nós aqui juntos para ter enfrentado o diretor Smith daquele jeito. Ela é um Lost Boy e fim de papo.

Josh levantou a mão depois de Harry.

– Eu também sou a favor. As composições dela são sólidas. E você ouviu a garota, ela ia dar um soco na cara do Bradley! Um ato desses sempre merecerá uma recompensa! Qual é? – E todos eles riram do discurso de Josh.

Então aquilo queria dizer que eles estavam fazendo uma votação para me aceitarem na banda. Como um Membro Oficial. Uma verdadeira Lost Boy!

– Bem, todos vocês sabem o que eu acho. Ela transformou todos os meus rascunhos podres em músicas incríveis. Ela é perfeita para a banda! – Seth abriu um sorriso de orelha a orelha para mim.

Todos olharam para Sam, na expectativa. Ele não havia dito nada até aquele momento e ele, por sua vez, também fitava os meninos, fingindo surpresa.

– O quê? – ele perguntou, fingindo estar confuso de brincadeira. – Ela se tornou membro da banda no momento em que tirou a camiseta lá no corredor! Joey não precisa de nenhum voto, ela já está dentro, seus idiotas! – Sam comentou todo empolgado e acrescentou: – Além disso, nada poderia mostrar mais comprometimento do que uma mulher tirando a roupa por nossa causa. – Sam piscou para mim e logo fiquei vermelha.

Então aquilo queria dizer que eu era oficialmente um Lost Boy? Todos começaram a falar ao mesmo tempo, mas Seth ergueu as mãos e gritou para atrair a atenção do pessoal.

– Esperem um minuto. Um minutinho só! Ainda não ouvimos a opinião do último membro da banda. – Eles olharam para Tristan, que estava reclinado na cabeceira da cama, observando todo o mundo em silêncio.

– Seth, cara, você sabe que não sou um membro da banda de verdade. Só estou fugindo das aulas de música – Tristan começou a protestar, mas Seth logo o cortou.

– Cara, querendo ou não, você está dentro. Dê o seu voto logo! – Seth pediu.

Tristan soltou um suspiro, balançou a cabeça e ergueu a palma de uma das mãos do mesmo jeito que Josh havia feito quando votou. Todos eles começaram a gritar e a bater palmas outra vez. Harry foi até onde eu estava, me agarrou, me ergueu pelas pernas e começou a berrar "Uuuuuuuuuuuuuuuuu!" de novo.

Eu ri ao ver o quanto Harry ainda estava empolgado. Entre todos nós, a onda de adrenalina dele parecia ser a mais duradoura.

– Harry, se você não se acalmar, vou ter que *fazer com que você pare*, está me ouvindo? Lembre-se, tenho habilidades épicas nas artes marciais! – adverti brincando e belisquei as bochechas dele.

Ele ergueu os braços em um gesto de rendição e deitou na cama, hiperventilando. Os outros meninos riram ainda mais ao ver o quão rápido eu havia feito Harry se render.

– Cara, ela conseguiu sossegar Harry finalmente! Acho que ninguém nunca conseguiu fazer isso! – Sam exclamou em meio a um ataque de risos.

– Tudo bem. Vou tomar um banho agora – informei ainda rindo para Harry. – Mais um minuto desse cheiro de ovo e vou vomitar no quarto inteiro!

– Nem me fale! – Sam gemeu, parecendo enjoado. – Acho que vomitei um pouco na boca já uns cinco minutos atrás...

– Esses ovos nem eram frescos, cara – Harry concluiu, erguendo um pouco a cabeça e repousando os cotovelos na cama. – Ei, aposto cinco paus se alguém topa experimentar um pouco dessa coisa que está no seu cabelo...

Balancei a cabeça, morrendo de nojo. Garotos e essas apostas horríveis!

Deixei que eles discutissem o nível de frescor dos ovos e fui tomar um banho rápido. Liguei a água e peguei o meu xampu de tangerina que só uso quando estou muito, muito feliz.

Aquele momento merecia mesmo um monte de xampu de tangerina! Merecia a embalagem inteira!

Esfreguei o corpo com força, passei xampu, condicionador, enxaguei tudo e estava pronta. Eu podia ouvir as risadas vindas do quarto, o que significava que os garotos ainda não tinham ido embora. Peguei uma toalha, me sequei o mais rápido que consegui e me vesti ainda mais depressa. Foi uma boa ideia ter feito tudo rápido, pois assim que vesti a última peça de roupa, Harry entrou de repente no banheiro, sem nem mesmo bater. Ele estava sem camisa e pude ver sua tatuagem verde e vermelha rodeando seu braço até o peito.

– Harry!! – gritei para ele. Toda a empolgação do dia fez com que eu me esquecesse de trancar a porta!

O rosto dele era a imagem da surpresa e em seguida me lançou um sorriso inocente.

– O que foi?! Você já está até vestida! E eu meio que esqueci que você estava aqui. Não aguento mais. Esse cheiro está me fazendo passar mal! – Ele abriu o zíper do jeans.

– Harry! – berrei de novo e mais que depressa coloquei uma das mãos sobre os olhos, porque ele já estava tirando a cueca.

Eu o ouvi puxar a cortina do banheiro e ligar o chuveiro.

– Sabe, à primeira vista, você parecia ser um cara muito, *mas muito* tímido – murmurei, dando uma espiadela por entre os meus dedos. Achei que já era seguro abrir os olhos de novo.

Josh enfiou a cabeça pela porta do banheiro, curioso sobre a razão de todos aqueles gritos meus.

– Haaarry. O que você está fazendo? – O tom dele era de zombaria. – Por que a Joey está toda vermelha desse jeito?

Harry jogava água para todos os lados debaixo do chuveiro enquanto respondia:

– Sei lá. Acho que teve alguma coisa a ver com eu tomar banho. Joey, você é como os outros caras da banda agora. É melhor você começar a se acostumar com a gente.

– Sabe, ele meio que está certo. Esse é apenas Harry sendo Harry. Você se acostuma com ele... eventualmente. – Josh sorriu zombeteiro.

– Ei, que massa! O que é essa parada laranja aqui? – Harry perguntou entre vários esguichos d’água. – Hum, o cheiro é bom.

Revirei os olhos. E lá se ia embora o meu xampu de tangerina caro, difícil de achar e reservado apenas para ocasiões especiais.

Uma onda de cheiro de ovo passou por mim e torci o nariz, morrendo de nojo. Vinha de Josh.

– Vamos lá, Josh! Coloque essa cabeça dentro da pia agora mesmo! – Eu o puxei até a bancada e o ajudei, passando sabão por toda a cabeça dele.

– Isso é muuuito bom, Joey. Você tem dedos mágicos! Isso... Não para! – Josh gemeu alto enquanto eu massageava o alto da cabeça dele.

Ele continuou a arfar, gemer e fazer todos os tipos de barulhos insinuantes, tentando me deixar vermelha e eu batia sem parar nas costas nuas dele, tentando fazer com que parasse. Sam, Seth e Tristan entraram no banheiro com uma expressão um tanto perplexa que se mesclava com a curiosidade estampada nos olhos deles. Percebi que Tristan também amarrara um pouco a cara. Ele não estava muito contente com os barulhos brincalhões de Josh.

– Ouvimos alguns sons estranhos vindos daqui e decidimos que já era hora de investigar. Achamos que era preciso colocar um ponto final nisso ou então nos juntarmos à festa. – Sam prendeu o riso com Tristan e Seth ao seu lado.

– Será que dá para você calar a boca? – Fechei a cara para Sam e joguei água nele.

Josh terminou de lavar a cabeça, então peguei uma toalha e passei para ele. Harry também havia acabado de tomar banho e saía do box todo molhado.

– Ei, onde está a toalha? – ele perguntou, olhando ao redor.

– Ah, meu Deus – gemi e cobri os olhos rápido com as mãos de novo.

Todos eles tiveram um acesso de riso ao verem como fiquei roxa de vergonha, exceto Tristan, que parecia estar bastante

irritado e não achava a ousadia de Harry tão engraçada quanto o resto dos meninos.

– E lá vem ela com a cara toda vermelha de novo! – Josh disse entre uma risada e outra.

– Harry, cara, temos uma dama no recinto! Tente agir com decência por pelos menos um segundo! – Tristan o repreendeu.

– Dama? Onde? Diga a ela para ir embora antes que Joey a expulse daqui na base da porrada! – Sam brincou e todos morreram de rir mais uma vez.

– Alguém podia dar uma toalha para esse cara? – Seth interrompeu em nome de Tristan.

– Sim, por favor, deem uma toalha para esse cara! – pedi, atrapalhada. – A toalha do Tristan está ali. – Apontei vagamente com uma das mãos na direção do suporte de toalhas enquanto ainda cobria firmemente o rosto com a outra.

– Pode olhar agora, Joe – Seth me autorizou após alguns minutos de sons farfalhantes pelo banheiro. Os meninos prendiam o riso.

Dei uma espiada devagar por entre os meus dedos e vi Harry com uma toalha presa ao redor da cintura, saindo do banheiro. Seth estava apoiado na pia estudando os danos causados ao seu cabelo loiro e Josh já estava do lado de fora em busca de sua camiseta. Tristan estava encostado na parede e Sam se jogara sobre o cesto de roupa suja.

– Tudo bem, vou pegar mais algumas toalhas, já que aparentemente vocês não irão para os seus quartos tão cedo – murmurei e deixei o banheiro depressa enquanto ainda lutava contra aquela vermelhidão intensa no meu rosto.

Quando voltei com mais algumas toalhas, Sam já estava no banho. Olhei para Tristan.

– Vamos lá, Tristan. Vou ajudar você a tirar esse ovo do cabelo como fiz com Josh. Vocês dois quase não foram atingidos, dá para lavar na pia. – Puxei Tristan pela mão até a bancada.

Ele colocou a cabeça debaixo da torneira enquanto eu ligava a água. Comecei a esfregar o cabelo dele e o formigamento que

eu sentia sempre que tocava Tristan voltou, fazendo com que eu sentisse agulhadas nas pontas de meus dedos. Imaginei se ele sentia o mesmo. Tristan tremeu levemente como se sentisse arrepios por toda a pele. Tudo bem, ele também devia estar sentindo a mesma coisa. Ele deixou escapar um breve gemido de prazer e olhei para o outro lado da bancada. Seth ainda estava apoiado no mármore nos observando atentamente com uma expressão intrigada. Ah, meu Deus! Será que o Seth estava achando que eu tocava Tristan de uma maneira inapropriada para uma irmã!? Porque com toda a certeza era isso que eu fazia. Ele deve estar pensando que nós éramos uns esquisitos.

– Então, eu estava pensando em perguntar isso para vocês – Seth começou a dizer enquanto ainda nos observava. – Vocês são gêmeos? Ou algum de vocês levou bomba em algum ano?

Tristan levantou a cabeça, batendo com toda a força na torneira. Ele parecia surpreso diante da pergunta de Seth, pois era óbvio que estávamos na mesma série e tínhamos aparentemente a mesma idade.

– Ele é meu meio-irmão – respondi com suavidade. O mesmo pai, mães diferentes. A mãe de Tristan faleceu (essa parte não era exatamente uma mentira) e ele veio morar com a gente. – Aquilo também não era bem uma mentira. Eu estava muito orgulhosa do meu pensamento rápido, apesar de só então me dar conta de que a minha história deixava implícita que o “nosso” pai engravidou a mãe de Tristan enquanto era casado com a minha ou vice-versa.

– Oh, desculpe por perguntar – Seth murmurou, sem graça. – E sinto muito pela sua mãe, cara. – Harry estava muito constrangido por ter levantado o assunto.

– Tudo bem – Tristan abriu um sorriso pálido.

Sam deu uma espiada pela cortina e berrou:

– Seth, já que você está aí sem fazer nada, pode pegar uma toalha para mim?

Fiquei aliviada por Seth esquecer o assunto depois disso. Passei uma toalha para Sam e outra para Tristan e deixei o

banheiro para os meninos. Após alguns minutos, todos já estavam limpos e vestidos de forma decente. Harry ainda estava um pouco empolgado demais e por isso pulamos e fizemos um montinho sobre ele para acalmá-lo. Quando todos já estavam empilhados em cima de Harry para imobilizá-lo, Tiffany chegou.

Harry grunhiu um "*Socorro!*" debaixo do montinho e Tiffany interveio, dando uma bronca na gente para que saíssemos de cima de Harry, pois ele era magro e frágil e poderíamos machucá-lo. Ela era mesmo muito mandona e tinha um tom de voz bastante imperativo, de forma que todo o mundo lhe obedeceu prontamente. Depois do montinho, Harry relaxou e ficou bem mais calmo.

Contamos sobre a Caminhada da Gemada para Tiffany e então cada um de nós deu seu ponto de vista pessoal sobre a história. Aquele foi realmente um dia divertido. Acredito que o trote da Caminha da Gemada nunca mais seria a mesma depois dos Lost Boys, com toda a certeza!

## O prêmio de Harry

No fim da semana, estávamos de bobeira no meu quarto, tentando relaxar após uma semana de provas difíceis. Seth dedilhava a guitarra, Sam fazia uma busca em sites de ocultismo no laptop, sentado ao pé da minha cama enquanto eu olhava para a tela sobre o ombro dele. Josh estava deitado na cama de Tristan jogando uma bola de borracha para cima enquanto Tristan o cutucava com o pés na tentativa de fazer com que perdesse o equilíbrio e derrubasse a bola no chão.

Era uma tarde quente e tranquila. Bem, pelo menos até o momento em que Harry entrou no quarto todo empolgado, com um pedaço de papel nas mãos, mostrando para todos os presentes como se apresentasse a prova de um crime para o júri.

– Ok, todo o mundo! – Ele quase explodia de empolgação. – Agora é hora de receber o meu beijo! – Todos nós olhamos para ele, perplexos.

Josh jogou a bola de borracha para Tristan e abriu os braços para Harry.

– Não sei do que você está falando, mas venha aqui! – E lançou vários beijinhos estalados para Harry.

Harry fingiu não ver Josh e se virou para mim, sacudindo o papel na minha cara.

– Vamos lá, Joey. Promessa é dívida! – Ele abriu um sorriso de orelha a orelha.

– O quê? – perguntei, confusa, olhando para o papel que Harry não parava de sacudir.

Era uma prova de matemática. Um dez estava estampado no alto da folha com uma caneta vermelho-brilhante. Harry tinha gabaritado o teste!

– Ah, meu Deus, Harry! Parabéns! Você tirou dez, isso é maravilhoso! – Aplaudi, orgulhosa.

– Não, nada disso. Não quero saber dessa história de "*Parabéns, Harry*". Quero o meu beijo! – Ele ordenou de imediato.

– Ah, é mesmo! – Sam exclamou. – Você prometeu que se alguém gabaritasse uma prova, você lhe daria um beijo, Joey. Como você fez com Tristan quando ele tirou dez na prova de história.

Uma lembrança começou a surgir na minha mente. Ah, era verdade. Tristan tinha tirado um dez na prova de história porque, miraculosamente, a maioria das questões eram sobre as décadas de quarenta e cinquenta, e ele sabia tudo sobre estes períodos, uma vez que os vivenciou. Na época, eu tinha dito que daria um beijo em qualquer Lost Boy que tirasse um dez. Revirei os olhos para Harry quando percebi que ele estava mesmo levando aquilo a sério.

– Harry, você sabe que eu só estava brincando. – Empurrei o papel para longe do meu rosto.

– Então quer dizer que você vai quebrar a sua promessa? – Harry choramingou, fingindo se sentir magoado e traído.

Logo os meninos se uniram para defender Harry.

– É, Joey! Você prometeu! Você não pode fazer isso com ele! O Harry nunca tirou dez em um teste antes! – eles me instigaram.

Tristan observava a cena com uma expressão divertida e então ele olhou para mim. Ele ergueu os ombros e sorriu, como se me dissesse sem precisar de palavras que por ele estava tudo certo. Todos ainda protestavam quando eu me levantei graciosamente da cama, caminhei até Harry e coloquei ambas as mãos nas bochechas dele. A comoção no quarto cessou de repente como se alguém apertasse o botão de pausa.

Olhei para Harry. Pequenas rugas marcavam os cantos de seus olhos verdes, registrando seu sorriso. Também podia ver uma sombra de presunção em seus olhos, como se me desafiasse a desistir de cumprir minha promessa. Eu então me aproximei e lhe dei um beijo suave nos lábios.

Foi um bom beijo, nem tórrido, nem pesado, mas profundo o suficiente para ser considerado um beijo de verdade. Os lábios de Harry eram doces e tinham gosto de avelã. O piercing em sua boca causava uma sensação fria e dura contra a suavidade quente de seus lábios finos, uma sensação vibrante e contrastante. Era... bem diferente dos beijos de Tristan. Por um breve momento, esqueci que estava diante de uma plateia, mas logo me dei conta de que os meninos nos observavam com toda a atenção e terminei logo com o beijo.

– Pronto, Harry. – Olhei para ele. – Nunca quebro uma promessa.

Fui até a minha cama e voltei para a mesma posição de antes. Dei uma olhada rápida ao redor do quarto. Todos os Lost Boys me encaravam, incrédulos. Harry ainda estava de pé no meio da sala, em estado de choque. Parecia ter sido atingido por um raio. Ele achava que eu jamais ousaria beijá-lo. Levou alguns minutos para que eles se dessem conta do que havia acabado de acontecer.

– Ei! Se eu soubesse que essa promessa era séria, teria estudado como um maluco! – Josh reclamou.

– Harry, você está morto, cara! – Seth soltou uma gargalhada e olhou para Tristan, que se levantava da cama.

Harry piscou, tentando sair de seu estado de choque e observou Tristan se aproximar devagar. Uma expressão de pânico cruzou o rosto dele. Ele era muito mais magro e menor que Tristan. Harry olhou para ambos os lados em busca de ajuda ou talvez tentasse encontrar uma rota de fuga.

– Ei... ei, cara. Eu... eu só estava brincando! Pensei que Joey fosse desistir, ou algo do tipo, não... bem, você sabe... i... isso – ele murmurou em tom de desculpas, dando um passo para trás.

Tristan parou a alguns centímetros de Harry e o encarou com seriedade. O quarto ficou no mais completo silêncio. Todos esperavam pela reação dele. Vi o corpo de Sam ficar tenso, pronto para levantar em um pulo e deter qualquer briga que pudesse estourar. Eu fiquei de pé, pronta para também acabar com qualquer maluquice. Eu não queria causar nenhuma briga!

*Você acha mesmo? Beijando Harry daquele jeito? O que você estava pensando quando fez uma coisa dessas?*, uma vozinha disse cheia de escárnio, dentro da minha cabeça.

Tristan ergueu uma das mãos e Harry se encolheu, esperando pelo golpe, mas Tristan apenas lhe deu um tapinha de leve nas costas.

– Parabéns, cara! Seu primeiro dez! Como você se sente? – Tristan o parabenizou com um sorriso de orelha a orelha. Todos nós observamos a cena, atordoados.

– E... e... eu... es... estou... bem? – Harry gaguejou, tentando se recuperar do segundo choque do dia.

Todos respiraram aliviados com a reação de Tristan. Seth se reclinou na cama mais uma vez e pegou a guitarra de novo. Josh e Sam relaxaram soltando algumas gargalhadas.

Tristan foi até a bancada que nos servia como uma pequena mesa de refeição no quarto e pegou uma garrafa d'água.

– A Joey sempre cumpre suas promessas, vocês sabem muito bem disso – ele disse com calma e tomou um gole. – Mas isso não significa que ela tenha gostado, não é, Joey? – Um sorriso brincalhão brincava em um dos cantos de sua boca.

– Eu estava só cumprindo a minha palavra – respondi com sinceridade. Olhei de relance para Harry e o flagrei me encarando. Mais que depressa, ele desviou os olhos para o chão.

– E ninguém pode dizer que Joey não está encorajando vocês a estudarem – Tristan disse, brincando mais um pouco.

Sam rapidamente começou a revirar a mochila.

– Quer saber de uma coisa? De repente senti uma estranha vontade de estudar. – Ele abriu um sorriso.

Josh também abriu um sorrisinho maligno.

– Eu também! Ei, Sammy, meu rapaz, você poderia, por favor, me passar um dos seus livros? – Sam pegou um livro e jogou para Josh. O livro acabou aterrissando no meu colchão e revirei os olhos diante do surgimento repentino de tantos estudantes ávidos no meu quarto.

Harry sentou na cama de Seth, o mais longe possível de mim e de Tristan. Ele tinha uma expressão tímida no rosto e não ousou pronunciar mais nenhuma palavra. Ele simplesmente ficou ali sentado, em silêncio, ouvindo as gracinhas dos outros garotos pelo quarto. Às vezes ele lançava espiadelas discretas, quase imperceptíveis para mim ou Tristan. Depois de algum tempo, Seth foi tomar um banho e Josh e Sam foram cuidar da vida. Harry aproveitou a deixa para dar o fora. Fechei a porta depois que todos foram embora e me virei para Tristan, que repousava com as costas apoiadas na cabeceira da cama. Ele estendeu os braços, me convidando para me deitar com ele. Fui até ele tentando agir da forma mais despreocupada possível, mas um incômodo ainda pairava no ar.

– Vai levar algum tempo para Harry voltar ao normal – Tristan quebrou o silêncio de repente, com um sorriso em sua voz.

– Você não precisava ter nos assustado daquele jeito. – Fechei a cara.

Ele deu uma risadinha.

– Eu sei, mas foi *tão* divertido.

– Eu... todos nós ficamos preocupados por um segundo – murmurei.

– Você já devia saber disso. Eu jamais bateria em Harry! – Tristan zombou.

– Se eu conheço bem Harry, ele vai ficar surtado por mais algumas horas, mas depois vai acabar esquecendo isso tudo – previ, me aninhando no peito dele. Esperava não ter estragado as coisas entre Harry e mim. Não queria destruir a nossa amizade por causa de uma promessa de beijo idiota. Torcia para que ele realmente se esquecesse de tudo aquilo.

– Certo. Mas temos que admitir. O seu beijo não é algo fácil de se esquecer. Falo por experiência própria – Tristan disse em

um tom de quem sabia das coisas. – Harry é um cara bacana. E gosta muito de você – ele murmurou, pensativo. – Vocês dois ficariam bem juntos...

Ergui a cabeça do peito dele e fiz uma careta. Senti meu coração ficar pequeno, uma angústia súbita apertando meus pulmões.

– Tristan, não diga isso – sussurrei. Não gostei nada da tristeza que percebi em sua voz.

– Acho que você ficaria bem com Harry. Ou Josh, ele gosta muito de você também... e Sam. Todos são ótimos e a amam muito. Qualquer um deles tomaria conta de você – ele disse mais para si mesmo do que para mim. – Se eu... for embora no final do ano... eles tomarão conta de você – ele murmurou, seus olhos fixos em um ponto indefinido, como se observasse algo em um horizonte distante que só ele podia enxergar.

– Isso não é nada engraçado, Tris – murmurei, chateada. – Sei que você não sente ciúmes dos meninos, mas isso já está indo longe demais.

Tristan piscou algumas vezes, a aspereza da minha voz fez com que ele se esforçasse para afastar quaisquer pensamentos sombrios passando por sua cabeça naquele momento.

– Desculpe, Joey. Não sei o que me deu. – Ele me pegou pela cintura e me puxou de volta para os braços dele para me beijar.

– Você desistiu, foi isso que deu em você. Por um momento, você desistiu de mim... de nós. – Tentei evitar os olhos dele.

– Jamais – ele murmurou em negação, dando beijos suaves na curva do meu pescoço.

– Pare com isso, Tris. Não é nada engraçado! – Eu me sentia ainda mais chateada, com lágrimas prestes a escapar dos meus olhos.

– Qual é, Joey? Eu só disse aquilo porque sei que nunca irá acontecer! Jamais deixarei você! – A voz sóbria foi substituída por um tom divertido e ele passou suavemente os lábios pelo meu pescoço, o que me fez tremer.

Maldição! Não conseguia ficar com raiva dele enquanto me beijava daquele jeito! Quando eu me perdia em seus braços,

todos os problemas pareciam ir embora. Ele me beijou até que eu não estivesse mais chateada, até que eu me sentisse feliz e contente aninhada em seu peito. O meu coração estava leve outra vez porque ele estava comigo e isso era tudo que importava.

O resto da noite passou sem maiores percalços. Fomos para cama cedo, já que todos ainda tinham algumas últimas provas no dia seguinte, só que fiquei acordada por um longo tempo, pensando em Tristan e nos meninos com um peso no peito. Algo sombrio nos espreitava e eu não podia fazer nada além de observar sua aproximação, silenciosamente e sem misericórdia. Era apenas uma questão de tempo...

Naquela noite, sonhei que dormia no meu quarto em Esperanza, nos braços de Tristan, mas, quando me virei, ele havia ido embora e era Harry quem me abraçava. Repousei o rosto sobre o peito de Harry enquanto passava os dedos levemente pela sua incrível tatuagem. Eu sentia uma tristeza insuportável porque Tristan não estava mais lá comigo. Aquilo dilacerava a minha alma e eu sentia as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Harry continuava a me abraçar e me dizia que tudo ficaria bem. Mas eu sabia que não seria assim. Harry me abraçou bem junto ao corpo dele e me acariciou, mas eu não conseguia suportar a dor e a tristeza que tomavam conta de mim. Era demais para mim.

– *Estou aqui, vou ajudar você* – Harry sussurrou no sonho, me apertando em seus braços. Acordei trêmula e chorando enquanto Tristan levantava da cama dele e vinha até a minha com uma ruga marcando profundamente sua testa. Ele me pegou nos braços e me deu um abraço apertado, exatamente como Harry fizera em meu sonho.

– Qual é o problema, querida? – ele sussurrou suavemente.

– Foi... foi um sonho ruim. Você estava no sonho, mas... mas tinha ido embora. Você me deixou. Foi tão triste – expliquei aos soluços.

– Shhhh, está tudo bem. Estou aqui. Não vou a lugar nenhum – ele murmurou em meu ouvido.

Acordei no dia seguinte nos braços de Tristan e respirei aliviada ao ver que ele estava comigo. Mas ainda havia uma sombra de preocupação e tristeza que pesava no meu peito. Logo que comecei a me remexer debaixo das cobertas, os olhos de Tristan se abriram, sobressaltados. Ele me lançou um olhar preocupado e se sentou na cama. Envolvi o rosto dele com as mãos e lhe dei um beijo leve nos lábios. A expressão dele se tornou mais suave e relaxada quando viu que estava tudo bem.

– Estou bem, Tris. Obrigada por passar a noite comigo – sussurrei com um sorriso agradecido.

– Joe... O sonho da noite passada teve alguma coisa a ver com Virgílio?

– Não, Tris. Não teve nada a ver com Virgílio. Eu já lhe disse, não o vi mais. Dessa vez foi só um sonho ruim.

Ele pareceu cansado por um momento, mas depois suspirou, me observando em silêncio por sobre os cílios longos. Tentei disfarçar a dor que sentia no coração e fui para o banheiro lavar o rosto. Esperava que a rotina diária me colocasse de volta nos eixos. Quando saí do banheiro, me sentia um pouco melhor. Enquanto Tristan e Seth se alternavam no banheiro, pude me arrumar depressa e pegar a mochila.

Eu estava acabando de arrumar os livros das aulas daquele dia quando Tristan voltou para o quarto.

– Preciso ir, Tris. Esqueci um livro de que preciso para uma aula de hoje no meu armário do corredor, tudo bem? Vejo vocês na hora do almoço.

Eu queria ficar sozinha por um tempo, e talvez caminhar pelos corredores da escola quando ainda não estivessem tão lotados me ajudaria a me sentir um pouco mais calma. Precisava de paz e tranquilidade agora.

– Tudo bem, Joey. Nós nos vemos no almoço.

– Até mais tarde então. – Saí correndo porta afora antes que Tristan se oferecesse para me acompanhar até a minha primeira aula. Estava aliviada por ele ter ficado para trás. Eu não aguentaria seus olhares preocupados para mim o dia todo. Sabia que ele tinha as melhores intenções do mundo e que só

tentava evitar que eu sofresse, mas há certas coisas nessa vida que não podemos evitar. E dor era uma delas.

Fui para a minha primeira aula completamente distraída, sem prestar muita atenção em nada. Sentei no meu lugar de sempre perto da janela, porque gostava de olhar para a vista do lado de fora, mesmo que o céu não estivesse muito convidativo naquele dia, cinza, tedioso e gelado, combinando perfeitamente com o meu estado de espírito. O professor nos entregava as provas quando Harry entrou, atrasado. O cabelo vermelho e espetado estava mais bagunçado que nunca. Ele pediu desculpas ao professor e correu para a única carteira vazia, bem na frente e do lado oposto de onde eu me sentava.

Por um breve segundo, os olhos dele vagaram pelo fundo da sala, exatamente onde eu estava, mas ele não me cumprimentou nem fez nenhum sinal de reconhecimento. Será que ele não tinha me visto? Achei que ele tinha me visto, sim. Ele olhou bem na minha direção. Mesmo assim, não tinha certeza, tudo aconteceu tão depressa e logo ele estava desviando o olhar e se sentando apressadamente em sua cadeira. Será que ele estava me evitando?

Eu me senti horrível depois daquilo. Tentei me concentrar na prova, mas não conseguia pensar no quanto eu havia desarranjado tudo com Harry. Por que eu o havia beijado daquele jeito? O que passou pela minha cabeça? Mesmo que Tristan não tivesse sentido ciúmes, aquilo havia afetado a minha relação com Harry. A ideia de nunca mais ver aquele cabelo avermelhado ou ouvir a risada dele de novo me destruiu por dentro. E a culpa era toda minha. Depois do que fiz, sempre nos sentiríamos sem graça ou constrangidos na presença um do outro. E é claro que ele queria ficar o mais longe possível de mim agora. O peso no meu peito se intensificou, meus pulmões se enchendo subitamente de angústia.

O sinal tocou anunciando o final da aula. Dei um pulo, perplexa, porque estava tão perdida em meus pensamentos de culpa e tristeza que nem me dei conta de que a aula já tinha acabado. Não suportava olhar na direção de Harry. Peguei as

minhas coisas e corri para fora sem olhar para trás, com os meus olhos começando a se encher de lágrimas.

Fui para o lado de fora, vagando sozinha pelos jardins da escola. Não estava tão frio quanto eu esperava. Caminhei sem destino até que encontrei a minha árvore preferida e parei para descansar um pouco. Deitei na grama e contemplei as nuvens carregadas no céu cinzento, o que me fez pensar em Virgílio, não sei por quê. Talvez por causa de todo aquele cinza. Afinal de contas, era a cor favorita dele...

Não sabia por quanto tempo fiquei ali. Perdi completamente a noção do tempo. Apenas fixei meu olhar no movimento das nuvens e tentei esvaziar a mente. Tudo que eu podia ouvir era o som do vento varrendo as folhas das árvores. E, em seguida, ouvi alguns passos leves. Alguém caminhava ali por perto e se aproximou até se sentar ao meu lado. Não precisei virar o rosto para saber que era Harry, pois seus cabelos vermelhos sempre se destacavam sem precisarmos olhar com muita atenção.

Harry sentou ao meu lado e contemplou a vista com uma expressão tranquila no rosto. Ele estava no modo quieto. Harry funcionava basicamente em dois modos: *quieto* e *feliz*. Quando estava no raro modo *quieto*, ele era calmo, centrado e tímido.

– Joey, você está bem?

Levei alguns minutos para reunir coragem e responder:

– Você me odeia agora, Harry?

– Claro que não! Por que eu odiaria?

– Porque estraguei nossa amizade beijando você ontem. Não o culpo por se sentir constrangido e se não quiser mais que eu fique por perto – falei, devastada.

Ele parou para pensar a respeito. Eu não queria chorar na frente de Harry. Ele esticou os braços e deitou ao meu lado na grama, bem perto de mim. Eu podia sentir o calor que irradiava dele quando nossos braços se tocaram.

– Não acho que só um beijo como aquele possa estragar nossa amizade, Joey – ele disse pensativo. – Não que eu esteja desdenhando do seu beijo, imagine, longe de mim, foi um beijo ótimo. Digno de nota dez. Mas você está sendo boba por achar

que eu poderia odiá-la por causa disso, Joey. Nunca – falou com firmeza.

Olhei para o céu. De alguma forma, parecia menos nublado, menos cinza. Harry ficou em silêncio por mais alguns segundos, colocou a mão sobre a minha e a apertou suavemente.

– Você tem gosto de tangerina, sabia? – ele refletiu com um sorriso.

– É o meu gloss. – Olhei para ele. E você beija bem – confessei.

– Eu sei – ele declarou, presunçoso.

– Pouco convencido, você, hein?

– Você também não é nada ruim. – Ele soltou uma gargalhada quando lhe dei um tapa de leve. Amava a risada dele. Era tão livre e sincera.

Quando Harry falou de novo, sua voz era baixa e cautelosa.

– Os caras me contaram que você teve uma noite difícil. Pesadelos?

– É.

– Todos estão preocupados. Você não apareceu no intervalo do almoço. Tristan foi procurar por você, mas não a encontrou em lugar nenhum. Ele estava superchateado quando o sinal tocou para avisar que o intervalo havia acabado e você ainda não tinha aparecido. Por isso vim procurá-la. Eu sabia que você estaria aqui.

– Como assim o intervalo do almoço já terminou? Eu realmente perdi a noção do tempo – murmurei. – Como sabia que eu estava aqui?

– É para cá que você vem quando está triste.

Jamais tinha me dado conta de que fazia aquilo. Harry era muito observador.

– Obrigada por vir conversar comigo, Harry. – Sorri para ele.

Ele se ergueu e sentou ao meu lado.

– Consegui fazer com que você se sentisse melhor? – Ele também sorriu.

– Conseguiu sim. Estou me sentindo mil vezes melhor. Obrigada. – Eu lhe dei um abraço bem apertado.

– Tudo. Bem. Não. Consigo. Respirar. Joey. – Ele ofegou bem alto.

Soltei Harry, baguncei o cabelo dele e me levantei. Em seguida corremos de volta para a escola e caminhamos em silêncio pelos corredores desertos quando Harry fez a cara de *tive uma ideia* que era tão típica dele. Ele me pegou pela mão e me puxou bruscamente para a direção oposta, colocando um dedo sobre os lábios, em sinal para que eu fizesse silêncio. Os olhos dele cintilavam, travessos. Esse era o modo *feliz* dele. Inesperado e empolgante. Sorri enquanto ele me conduzia pela escola. Ele parou em frente a uma sala de aula, se esgueirou na parede para não ser visto e deu uma espiada pelo pequeno retângulo de vidro na porta. Não consegui resistir e também dei uma espiadela. Um professor explicava algo no quadro enquanto todos o observavam, entediados e com rostos aborrecidos.

Foi quando vi Tristan do outro lado da sala. Ele gostava de sentar perto da janela para contemplar a vista do lado de fora, exatamente como eu. Parecia preocupado. Foi por isso que Harry me levou até ali. Para que Tristan soubesse que eu estava bem.

O professor virou as costas para a turma para explicar algo a um garoto que estava tendo problemas com a matéria. Harry começou a pular diante da porta, tentando atrair a atenção de Tristan. Toda a classe se virou para olhar para a gente e Tristan percebeu aquela movimentação repentina e olhou para a mesma direção que os outros. Harry fazia gestos e caretas engraçadas que provocaram um acesso de riso em alguns alunos enquanto eu acenava para Tristan, sorrindo, feliz.

O rosto de Tristan se iluminou inteiro ao me ver, seus olhos cintilando com a luz que vinha da janela. Ou será que era com uma luz própria? Tiff uma vez me disse que os olhos de Tristan se iluminavam de dentro para a fora toda vez que ele me via. Ele sorriu e acenou de volta, seu belo rosto tomado de alívio.

Eu me senti culpada por pensar apenas em como eu me sentia derrotada naquele dia e me esqueci do quão preocupado

Tristan também devia ter ficado. Fui muito egoísta e mal-humorada. Era hora de colocar um ponto final naquilo, de uma vez por todas!

O professor percebeu as risadinhas que se espalhavam pela classe e se virou para olhar ao redor. Harry e eu saímos da porta bem antes de sermos pegos e corremos como loucos. Logo viramos em um corredor, arfando e sem fôlego, e ao mesmo tempo morrendo de rir. Quando nos recompomos, agradei a Harry e lhe dei um beijo de despedida na bochecha antes de ir para a minha próxima aula.

Ainda assim, continuei a pensar em Tristan e nos meninos. A amizade deles significava o mundo para mim. Eu não saberia o que fazer sem eles na minha vida. E pensei também em Tristan. O meu querido, doce e adorável amor. Quando a última aula do dia terminou, tive uma ideia épica para uma nova música. Fiz um rascunho rápido no meu caderno, tentando transformar os meus sentimentos em uma letra. Dei uma parada rápida na sala de música para pegar uma guitarra e trabalhar na melodia e no ritmo da canção que estava criando. Aquela seria a maneira perfeita de mostrar a eles a minha gratidão, demonstrar o quanto o amor deles dignificava para mim. A amizade de Harry havia me inspirado profundamente.

Compus uma música sobre o quanto a gente pode se sentir solitário e perdido sem amigos de verdade em nossas vidas, como a existência é muito mais difícil quando não se tem amigos ao nosso lado. Sobre os tempos felizes e tristes que passamos juntos. Sobre compartilhar experiências. Sobre não estar sozinho. E eu sabia que não estava. Tinha os meus Lost Boys sempre comigo, no meu coração.

Trabalhei na canção pelo que pareceu ser uns cem anos. Mais tarde, quando finalmente toquei a música para os meninos, eles ouviram com sorrisos largos nos lábios.

– E então, galera? Gostaram? – perguntei aos pulos. Aquele suspense estava me matando. – É um presente para todos vocês.

É incrível, Joey! Amamos – todos eles gritaram, animados, ao mesmo tempo.

Passamos o resto da tarde ensaiando a canção e, quando terminamos de aperfeiçoá-la, eu não sentia mais aquela sensação de mau agouro. Só o amor e a amizade tinham lugar naquela sala.

# Índice

CAPA

Ficha Técnica

capítulo um

Flores para os mortos

capítulo dois

Olhos cinzentos

capítulo três

Extraordinário!

capítulo quatro

Um presente especial

capítulo cinco

Promessa

capítulo seis

Ano-novo

capítulo sete

Intimidade

capítulo oito

Compromisso

capítulo nove

Contos do passado

capítulo dez

Desvanecendo em cinza

capítulo onze

Uma luz no fim do túnel

capítulo doze

A vingança dos Worthington

capítulo treze

Conversas, telefonemas e melhores amigos

capítulo catorze

Presente de aniversário

capítulo quinze

Modos encantadores  
capítulo dezesseis  
Virgílio  
capítulo dezessete  
Lost Boys  
capítulo dezoito  
Ligados pelo feitiço  
capítulo dezenove  
A aposta  
capítulo vinte  
O terraço secreto  
capítulo vinte e um  
Céu  
capítulo vinte e dois  
Sob pressão  
capítulo vinte e três  
A síndrome do patinho feio  
capítulo vinte e quatro  
O baile da primavera  
capítulo vinte e cinco  
Sem volta  
capítulo vinte e seis  
O plano  
capítulo vinte e sete  
Que comece o jogo!  
capítulo vinte e oito  
Pôquer  
capítulo vinte e nove  
Cantiga de amor  
capítulo trinta  
Segredo revelado  
capítulo trinta e um  
Em busca da morte  
capítulo trinta e dois  
Como terminar um namoro  
capítulo trinta e três

[Sob a luz de velas](#)  
[capítulo trinta e quatro](#)  
[Encontro surpresa](#)  
[capítulo trinta e cinco](#)  
[Formatura](#)  
[capítulo trinta e seis](#)  
[Gravação](#)  
[capítulo trinta e sete](#)  
[Heroína](#)  
[capítulo trinta e oito](#)  
[Espírito natalino a todo o vapor!](#)  
[capítulo trinta e nove](#)  
[Uma questão de tempo](#)  
[capítulo quarenta](#)  
[Canção de inverno](#)  
[capítulo quarenta e um](#)  
[Continue a respirar](#)  
[capítulo quarenta e dois](#)  
[Um desejo de aniversário](#)  
[A Caminhada da Gemada](#)  
[O prêmio de Harry](#)